# PESQUISAS

1

1957

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
PÔRTO ALEGRE - CAIXA POSTAL, 358
— BRASIL —

# Pesquisas

## Anuário

## do

# Instituto Anchietano de Pesquisas

**Volume 1**

**1957**

**Enderêço (Address — Anschrift — Dirección — Indirizzo):**

Instituto Anchietano de Pesquisas, Colégio Anchieta,
Caixa Postal, 358, Pôrto Alegre, Brasil.

**Atenção (Attention — Achtung — Atención — Attenzione):**

**Pedimos permuta de REVISTAS e remessa de LIVROS para a Bibliografia.**

We ask for exchange of **Periodicals** and sending of **Books** for reviewing.

WIR BITTEN UM AUSTAUSCH VON **FACHZEITSCHRIFTEN** UND ZUSENDUNG VON **BÜCHERN** ZUR BESPRECHUNG.

O Instituto Anchietano de Pesquisas foi inscrito sob o Número de ordem 1718, a fôlhas 158 e verso do Livro A nº 4 de "Registro de Pessoas Jurídicas" do Cartório de Registro Especial de Pôrto Alegre, em 26 de março de 1956.

Seus Estatutos foram publicados, em extrato, no DIÁRIO OFICIAL do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, no fascículo Nº 499, de 23 de março de 1956, p. 10.

Diretor e Gerente: P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.
Secretário da Redação: P. Balduíno Rambo, S. J.
Sub-diretor: P. Arnaldo Bruxel, S. J.
Vice-gerente: Inácio Schmitz, S. J.

# I N D I C E


O INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS ..... 7
Os Estatutos do I. A. P. ..... 10

## HISTÓRIA

A FILMOTECA HISTÓRICA DO I. A. P. por Arnaldo Bruxel, S. J. .. 14
Apresentando . . ..... 14
Cap. Primeiro: Do Caráter da Pesquisa e da Filmoteca Histórica que dela tomou origem ..... 15
Cap. Segundo: Da Necessidade e Utilidade do Fundo Documental .... 19
Necessidade em geral ..... 19
Necessidade mais em particular ..... 19
Danos que sofrem os Papéis Históricos ..... 21
Medidas de Preservação dos Documentos ..... 27
Vantagens Gerais da Microfilmagem de Documentos ..... 28
Cap. Terceiro: Os Métodos de Confecção e Manuseio do Fundo Documental . . ..... 39
Questões Preliminares ..... 40
Escolha de Aparelhos ..... 42
Preparação Imediata do Trabalho nas Coleções ..... 43
Filmagem dos Documentos ..... 46
Acondicionamento dos Filmes ..... 48
Cap. Quarto: Resultados alcançados e Estado Atual ..... 54
Archivum Romanum Societatis Jesu ..... 57
Arquivo Municipal de Évora ..... 59
Biblioteca Real da Ajuda ..... 59
Arquivo Histórico Ultramarino ..... 60
Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo ..... 61
Biblioteca Nacional de Lisbôa ..... 62
Biblioteca da Universidade de Coimbra ..... 62
Resumo de tudo quanto se trouxe em Microfilme e atualmente se acha na Filmoteca Histórica do I. A. P. de Pôrto Alegre ..... 63
Cap. Quinto: A Tarefa futura do I. A. P. quanto a sua Filmoteca Histórica . . ..... 64

ISABEL, CONDESSA D'EU, VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL (30 de dez. de 1884 a 3 de março de 1885), Anotações do Gal. De Paranhos Antunes . . ..... 68

LA COMPAÑÍA DE JESÚS EN EL ANTIGUO GUAIRÁ (1589-1631)
Por el P. Luis Gonzaga Jaeger, S. J.
Prólogo . . ..... 94
El Guairá ..... 95
Fundación de Ciudad Real ..... 99
Fundación de Villa Rica del Espirita Santo ..... 99
Entra en el Guairá da Compañía de Jesús ..... 101
Fundación de Loreto ..... 104
Fundación de San Ignacio ..... 106

Afixos . . . . . 170
Estudo das Terminações . . . . . 170
Categorias gramaticais . . . . . 171
Lendas . . . . . 171
Cartas . . . . . 172
Neologismos . . . . . 173
Orações . . . . . 173
Conclusão . . . . . 175

## BOTANIK

DIE AUSLESE IM NATURVERSUCH.
Von B. Rambo, S. J. . . . . 181
I. Der südbrasilianische Raum . . . . . 182
1. Grosslandschaften . . . . . 182
2. Erdgeschichte . . . . . 184
II. Die Grossformationen . . . . . 186
1. Der subtropische Regenwald . . . . . 186
2. Der Araukarienwald . . . . . 188
3. Der Kamp . . . . . 190
III. Geschichte der suedbrasilianischen Flora . . . . . 194
1. Die systematischen Beziehungen . . . . . 194
2. Das geologische Alter der heutigen Landschaft . . . . . 198
3. Das gegenseitige Verhältnis der Grossformationen . . . . . 199
IV. Die Wanderung des Regenwaldes . . . . . 200
1. Regenwald und Kamp . . . . . 201
2. Regenwald und Araukarienwald . . . . . 202
V. Floristische Eigenart des Regenwaldes . . . . . 203
1. Artenbestand des Regenwaldes . . . . . 204
2. Rueckwanderung? . . . . . 206
VI. Austausch unter den Grossformationen . . . . . 208
1. Das Fehlen der andinen Staemme . . . . . 209
2. Der brasilianische Anteil . . . . . 210
VII. Aussiebung, nicht Auslese . . . . . 212
Schluss . . . . . 216
Schriftennachweis . . . . . 217

## HISTOIRE PHILOSOPHIQUE

CICÉRON ET LE STOÏCISME, par le P. Milton Valente, S. J. . . . 220

## QUÍMICA

PESQUISAS NO TERRENO DOS INDENO-FLUORENOS.
Por Matthias Schmitz, S. J. . . . . 243
Parte Teórica . . . . . 247
I. Considerações gerais sôbre as sínteses de cetonas segundo o método de Friedel-Crafts . . . . . 247
II. Tentativas para obter fluoreno a partir de orto-halógeno-difenil-metano . . . . . 251
III. Obtenção de derivados metílicos de cis-isoftálico . . . . . 254

Afixos . . . . . 170
Estudo das Terminações . . . . . 170
Categorias gramaticais . . . . . 171
Lendas . . . . . 171
Cartas . . . . . 172
Neologismos . . . . . 173
Orações . . . . . 173
Conclusão . . . . . 175

## BOTANIK

DIE AUSLESE IM NATURVERSUCH.
Von B. Rambo, S. J. . . . . 181
I. Der südbrasilianische Raum . . . . . 182
1. Grosslandschaften . . . . . 182
2. Erdgeschichte . . . . . 184
II. Die Grossformationen . . . . . 186
1. Der subtropische Regenwald . . . . . 186
2. Der Araukarienwald . . . . . 188
3. Der Kamp . . . . . 190
III. Geschichte der suedbrasilianischen Flora . . . . . 194
1. Die systematischen Beziehungen . . . . . 194
2. Das geologische Alter der heutigen Landschaft . . . . . 198
3. Das gegenseitige Verhältnis der Grossformationen . . . . . 199
IV. Die Wanderung des Regenwaldes . . . . . 200
1. Regenwald und Kamp . . . . . 201
2. Regenwald und Araukarienwald . . . . . 202
V. Floristische Eigenart des Regenwaldes . . . . . 203
1. Artenbestand des Regenwaldes . . . . . 204
2. Rueckwanderung? . . . . . 206
VI. Austausch unter den Grossformationen . . . . . 208
1. Das Fehlen der andinen Staemme . . . . . 209
2. Der brasilianische Anteil . . . . . 210
VII. Aussiebung, nicht Auslese . . . . . 212
Schluss . . . . . 216
Schriftennachweis . . . . . 217

## HISTOIRE PHILOSOPHIQUE

CICÉRON ET LE STOÏCISME, par le P. Milton Valente, S. J. . . . 220

## QUÍMICA

PESQUISAS NO TERRENO DOS INDENO-FLUORENOS.
Por Matthias Schmitz, S. J. . . . . 243
Parte Teórica . . . . . 247
I. Considerações gerais sôbre as sínteses de cetonas segundo o método de Friedel-Crafts . . . . . 247
II. Tentativas para obter fluoreno a partir de orto-halógeno-difenil-metano . . . . . 251
III. Obtenção de derivados metílicos de cis-isoftálico . . . . . 254

1) Preparação do ácido 4,6-dibromo-isoftálico ..... 254
Preparação do 3,6-dimetil-cis-fluorenaceno XXII ..... 254
3) Preparação do 1, 3, 6, 8-tetrametil-cis-fluorenaceno ..... 256
4) Preparação do 1, 4, 5, 8-tetrametil-cis-fluorenaceno ..... 256
IV. Preparação do 11-amino-cis-fluorenaceno ..... 257
Parte experimental.
I. Preparação de fluoreno a partir do orto-halófeno-difenilmetano 259
II. Preparação de derivados metílicos de cis-fluorenaceno ..... 260
II. Preparação de derivados metílicos de cis-fluorenaceno ..... 260
III. Preparação do 11-amino-cis-fluorenaceno ..... 264
IV. Espetros de absorção ..... 265
Bibliografia ..... 266

# BIBLIOGRAFIA

## Apreciações e Comentários

P. LUIS G. JAEGER: Os Três Mártires Rio-Grandenses ..... 269
P. LÉO KOHLER: Biografia completa do P. João B. Reus ..... 269
AURÉLIO PORTO: História das Missões Orientais do Uruguai ..... 270
P. BALDUÍNO RAMBO: Fisionomia do Rio G. do Sul ..... 272
MANOELITO DE ORNELLAS: Gaúchos e Beduínos ..... 273
JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES: Correspondência de Capistrano de Abreu 278
FELICIANO CERECEDA: Diego Laínez ..... 280
VICENTE D. SIERRA: El Sentido Misional de la Conquista de América 279
LAZARO DE ASPURZ: La Aportación extranjera a las Misiones españolas ..... 275
Revista de Historia de América del Instituto Panamericano de Geografía e Historia, México ..... 273
Enciclopédia Rio-Grandense ..... 278
Staden- Jahrbuch, Veroeffentlichung des Instituto Hans Staden, São
FELICIANO CERECEDA: Diego Laínez ..... 280
Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio G. do Sul, Pôrto Alegre ..... 282
MANSUETO BERNADI: O Primeiro Caudilho Sepé Tiarajú ..... 282

## OFERTAS DE LIVROS

I. Do Instituto Panamericano de Geografia e Histôria, México ..... 283
II. Ediciones Cultura Hispánica, Madrid ..... 284
III. Publicaciones del Consejo de la Hispanidad, Madrid ..... 285
IV. Obras recebidas na Redação, Ofertas de Autores ..... 286
V. Do Ministério da Guerra. Serviço Geográfico do Exército, Rio de Janeiro ..... 287
VI. Do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá ..... 288

## APÊNDICES

I. Ata da Primeira Assembléia Geral do I. A. P. ..... 289
II. Ata da Segunda Assembléia Geral do I. A. P. A. ..... 290

# Instituto Anchietano de Pesquisas

*Uma das preocupações mais constantes e intensas da Companhia de Jesus, tem sido em todos os tempos não só a sólida formação científica dos seus filhos, como ainda a transmissão do saber a seus numerosos alunos. Um dos meios mais eficazes é sem contestação o trabalho paciente de pesquisas e investigações nos diversos ramos da ciência.*

*Realizando um velho sonho, desde anos acalentado por um grupo de Padres Jesuítas, fundamos em março de 1956 uma entidade científica, à qual demos o nome de* ***INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS****, localizado provisòriamente no Colégio Anchieta, de Pôrto Alegre, Brasil.*

*Ramifica-se, por ora, nos seguintes setores: História, Botânica, Biologia, Zoologia, Química e Museu.*

*Após longos anos de trabalho, conseguimos reunir um respeitável acerco de material, talvez único ou ao menos comparável ao melhor do País.*

*Quanto à* ***HISTÓRIA****, o P. Arnaldo Brúxel, S. J., após dois anos de intensas buscas nos Arquivos europeus, regressou com 4 quilômetros de microfilme, com cêrca de 150.000 fotos, que somarão umas 250.000 páginas de documentação de História da América do Sul, sobretudo do Brasil Meridional. Por falta de recursos, todo êsse imenso tesouro ainda se encontra quase todo êle inacessível à consulta dos estudiosos.*

*Mais importante e mais opulento é ainda o setor de* ***CIÊNCIAS NATURAIS****, já desde longa data iniciado por cientistas da Companhia de Jesus, e desde 1931 sob a competente direção do P. Balduino Rambo, S. J., Professor catedrático da Universidade do R. G. S. - A* ***BOTÂNICA****, sistematizada por êsse mestre, já tem cêrca de 60.000 números, guardados em 600 caixas, abrangendo TÔDA A*

*FLORA DO SUL, isto é 57.000 números de fanerógamos, com cêrca de 4.000 espécies nativas, (das 4.500 que ocorrem no Estado); 3.000 musgos e sanambaias; levantamento fotográfico da flora rio-grandense com cêrca de 8.000 fotografias.*

*Além disso, o Professor P. Aloísio Sehnem, membro destacado do nosso I. A. P. possui uma preciosa Coleção de plantas herborizadas, perto de 7.000 números, compreendendo sobretudo Pteridófitos e Briófitos.*

*A ZOOLOGIA, presentemente, se acha sob a direção do P. Pio Buck, S. J., auxiliado pelo P. Ernesto Maurmann, S. J., que possuem no seu bem organizado museu: 30 espécies de mamíferos, 100 espécies de aves, 100 de cobras e 42 de peixes; de insetos cêrca de 100.000 números (coleção das mais belas do Brasil) e 321 números de paleontologia.*

*No MUSEU, além de alguns sinos e várias estátuas missioneiras, temos 1563 peças registradas de MINERALOGIA E GEOLOGIA.*

*No que se refere à BIBLIOTECAS, a secção de HISTÓRIA já dispõe de valiosas obras impressas, porém ainda insuficientes para ulteriores pesquisas. Em ZOOLOGIA e BOTÂNICA não passam além do mais indispensável. Para a Botânica foi até necessário recorrer a bibliofilmes, ficando ainda assim muito deficiente o repertório, prejudicando desta maneira o interêsse que geralmente há pelo rico herbário que possuimos.*

*O nosso INSTRUMENTÁRIO é absolutamente insuficiente, e sem verba para adquirir sequer um microscópio moderno. Até o próprio jeep, indispensável para as viagens de pesquisas do P. Rambo, é oferta de amigos estrangeiros interessados na flora rio-grandense.*

*Renome excelente goza a nossa secção de ENTOMOLOGIA, que mantém intercâmbio com os especialistas de várias partes do mundo, e um professor americano confessou que a coleção do Anchieta é uma das mais ricas e bem organizadas da América do Sul.*

*A secção de HISTOLOGIA E HISTOFISIOLOGIA, confiada recentemente ao especialista P. José Hauser, S. J., assistente da matéria na universidade de Innsbruck, Áustria, convidado para lecionar na Universidade do R. G. S., ainda está nos começos e luta com falta de material de trabalho.*

*A QUÍMICA, ciência teórica e ainda mais experimental, destina suas pesquisas ao fomento e à defesa dos recursos naturais pela adoção de métodos científicos modernos na exploração do solo e subsolo. O P. Matias Schmitz, recém formado na Suiça, procura ser um modesto fator no desenvolvimento nacional dessa ciência, investigando em alguns sectores da Química orgânica, participando assim do esfôrço patriótico de elevar o standard de vida.*

*Entretanto, o que mais nos falta são: uma boa séde própria, com biblioteca especializada, com laboratórios providos de material moderno para o trabalho de investigações a fim de podermos desenvolver sempre mais e pôr à disposição dos estudiosos da nossa terra tão rico material científico.*

*Com a finalidade de oferecermos aos interessados o resultado das nossas lucubrações científicas, resolvemos lançar um ANUÁRIO, que foi registrado com o título de PESQUISAS, cujo fascículo de estréia sai agora a lume.*

*Os Membros do Conselho Deliberativo*

*LUÍS GONZAGA JAEGER, S. J.*
*BALDUÍNO RAMBO, S.J.*
*INÁCIO VALLE, S.J.*
*ERNESTO MAURMANN, S.J.*
*ARNALDO BRÚXEL, S.J.*

*(Colégio Anchieta, Rua Duque de Caxias, 1247, Pôrto Alegre, Brasil).*

*Por essa rápida exposição, os fautores da ciência e amigos da Companhia de Jesus ter-se-ão convencido que o INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS conta com técnicos preparados para cultivar os seus respectivos ramos e que dispõe de um material de indiscutível valor, à disposição dos estudiosos e de indiscutível proveito nacional; e que, finalmente, nosso INSTITUTO fica localizado num centro de cultura de primeira ordem.*

# ESTATUTOS DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

## Da Denominação, Sede e Fins

**Art. 1.** O Instituto Anchietano de Pesquisas é uma associação civil, sem finalidade lucrativa, fundado pela Sociedade Literária Padre Antônio Vieira, com sede em São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul.

§ único A Sociedade Literária Padre Antônio Vieira, como fundadora do Instituto, gozará das prerrogativas que êstes Estatutos lhe conferem.

**Art. 2.** O Instituto terá a sua sede e foro na cidade de Pôrto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, e indeterminado será o prazo de sua duração.

**Art. 3.** São finalidades do Instituto que, no perseguí-las, se orientará rigorosamente pelos princípios próprios a cada ramo do saber:

a) a pesquisa científica no campo da História, Botânica, Zoologia e Biologia, de preferência do Brasil;
b) manter coleções científicas e bibliotecas especializadas;
c) promover e desenvolver realizações científico-culturais.

**Art. 4.** São órgãos do Instituto o Diretor, o Conselho Deliberativo e a Assembléia Geral.

§ único Nenhuma pessoa, investida das funções de um órgão do Instituto, exercerá simultâneamente as do outro.

## Do Diretor

Art. 5. O Instituto será administrado e representado, em juízo e fora dêle, pelo Diretor.

Art. 6. O Diretor servirá por um triênio, prorrogável por igual prazo, podendo ser, entretanto, removido, a qualquer tempo, de suas funções pelo Conselho Deliberativo.

§ único Ao Diretor cabe designar, dentre os associados, com aprovação do Conselho Deliberativo, quem o substitua em seus impedimentos temporários.

## Do Conselho Deliberativo

Art. 7. O Instituto será regido por um Conselho Deliberativo, composto de cinco membros, dos quais três serão designados pela Sociedade fundadora, e dois, eleitos, dentre os associados, pelos três primeiros.

§ 1. Os membros do Conselho Deliberativo serão pessoas físicas.

§ 2. A designação dos três primeiros membros do Conselho far-se-á, individual ou coletivamente, em ato escrito emanado pela Sociedade fundadora.

Art. 8. Os membros do Conselho Deliberativo servirão até serem removidos de suas funções.

§ 1. A remoção dos membros do Conselho, designados pela fundadora, entender-se-á consumada pela designação dos substitutos respectivos.

§ 2. Salvo o disposto no § 3 do art. 7, a remoção dos membros eleitos do Conselho entender-se-á consumada pela eleição dos que deverem substituí-los.

Art. 9. Compete ao Conselho Deliberativo:

a) alterar ou reformar êstes Estatutos, salvo disposto no art. 11;
b) admitir associados;
c) criar os departamentos, secções e órgãos necessários, dar-lhes regimentos e nomear-lhes e demitir-lhes os chefes e auxiliares;
d) eleger, dentre os associados, pessoas físicas, o Diretor do Instituto, prorrogar-lhe o tempo de exercício, removê-lo de suas funções;
e) aprovar anualmente as contas do Diretor;
f) resolver sôbre empréstimos, a serem dados ou tomados pelo Instituto, e sôbre a alienação dos bens dêste, submetendo a sua resolução à aprovação da Sociedade fundadora, antes de dar-lhe execução;

§ 3. A designação simultânea dos três primeiros membros do Conselho importará a cessação das funções dos dois restantes, se cessado não houverem já, por causa anterior.

g) autorizar obras ou alterações nos imóveis do Instituto;

h) aceitar doações ou legados;

i) autorizar a outorga de mandato, a bem dos interêsses do Instituto;

j) autorizar, de modo geral, o Diretor, à prática de qualquer ato, excedente da administração ordinária;

l) aprovar a designação de associado que substitua o Diretor nos impedimentos temporários dêste.

Art. 10. Nos atos e resoluções do Conselho Deliberativo, prevalecerá o voto da maioria absoluta de seus membros.

## Da Assembléia Geral

Art. 11. À Assembléia Geral compete:

a) mudar o objeto social;

b) deliberar sôbre a dissolução do Instituto, pela forma prevista nestes Estatutos.

## Dos Associados

Art. 12. São associados do Instituto, além da Sociedade fundadora, os membros da Sociedade Literária Padre Antônio Vieira e os demais que forem admitidos como tais.

Art. 13. Será indeterminado o número de associados.

Art. 14. Os associados não respondem, nem mesmo subsidiàriamente, pelas obrigações sociais.

Art. 15. À Sociedade fundadora, privativamente, cabe a faculdade de excluir do Instituto qualquer associado.

§ único A exclusão importará a simultânea perda do cargo que o excluído, acaso, exercer, em qualquer dos órgãos da associação.

## Do Patrimônio

Art. 16. O patrimônio social compreende todos os bens, móveis e imóveis de propriedade do Instituto, qualquer que seja a sua destinação.

## Disposições Gerais

Art. 17. A dissolução do Instituto será deliberada pela Assembléia Geral, mediante proposta da Sociedade fundadora.

Art. 18. No caso de dissolução ou extinção do Instituto, o seu patrimônio passará à propriedade da Sociedade Literária Padre Antônio Vieira, com sede em São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul.

## Disposições Transitórias

Art. 1. São, neste ato, designados pela Sociedade fundadora, como membros do Conselho Deliberativo, os Srs. Padre Luís Gonzaga Jaeger, S. J., Padre Balduíno Rambo, S. J., Padre Ignácio Valle, S. J., todos brasileiros, solteiros, "sui juris", sacerdotes, religiosos da Companhia de Jesus, domiciliados e residentes no Colégio Anchieta, à rua Duque de Caxias, 1247, em Pôrto Alegre.

Art. 2. Primeiro Diretor do Instituto será o Pe. Luís Gonzaga Jaeger, S. J., eleito pelo Conselho Deliberativo.

§ único O primeiro triênio do Diretor terminará a 2 de abril de 1959.

Art. 3. São associados do Instituto a Sociedade fundadora e as demais pessoas que subscrevem êstes Estatutos.

**P. Jorge Steiger, S. J.,** como representante legal da Sociedade Literária Padre Antônio Vieira.

**P. Luís Gonzaga Jaeger,** brasileiro, solteiro, "sui juris", sacerdote, religioso da Companhia de Jesus, domiciliado e residente no Colégio Anchieta, à rua Duque de Caxias, 1247, em Pôrto Alegre.

**P. Balduíno Rambo,** brasileiro, solteiro, "sui juris", sacerdote, religioso da Companhia de Jesus, domiciliado e residente no Colégio Anchieta, à rua Duque de Caxias, 1247, em Pôrto Alegre.

**P. Ignácio Valle,** brasileiro, solteiro, "sui juris", sacerdote, religioso da Companhia de Jesus, domiciliado e residente no Colégio Anchieta, 1247, em Pôrto Alegre.

*Nota.* A ata da 1.ª e 2.ª Assembléia Geral aparece publicada no Apêndice de PESQUISAS.

# A Filmoteca Historica do Instituto Anchietano de Pesquisas
## SECÇÃO DE HISTORIA

por *Arnaldo Bruxel, S. J.*

### A P R E S E N T A N D O . . .

**UMA FALTA QUE HA...**

**«...falta de um Instituto... que principalmente se ocupe em centralizar imensos documentos preciosos, ora espalhados... de que se possam aproveitar os nossos escritores».**

**(Marechal Raimundo José da Cunha Matos e Cônego Januário da Cunha Barbosa ao propôrem a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Citado por J. H. Rodrigues em «A Pesquisa Histórica no Brasil», Rio, 1952, pg. 28).**

**MOTIVOS QUE LEVAM...**

**«...o método histórico baseia-se essenclalmente na consulta às fontes originais...» (J. H. R., o. c. pg. 27).**

**«No Brasil não precisamos de História, precisamos de documentos!» (Capistrano de Abreu, em carta de 17 de malo de 1920, a João Lúcio de Azevedo. Citado por J. H. R., o. c., pg. 7).**

**EXEMPLOS QUE ENSINAM...**

**«O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nascia, pois, inspirado pelos melhores e mais corretos princípios... Procurar os documentos, corrigí-los, metodizá-los, classificá-los e publicá-los». (J. H. R., o. c., pg 26).**

**«O exame dos estatutos dos diversos Institutos (estaduais) mostra que a primeira e principal preocupação era a colheita, organização e publicação de documentos históricos...» (idem ibidem, pg. 27).**

**«Muitas vêzes domina (nos Institutos Hist. e Geográficos) um caráter acadêmico, avêsso a tais iniciativas e propenso aos trabalhos mais ornamentais e sociais, como comemorações, necrológios, elogios históricos, conferências e discursos.**

**«No caso brasileiro não houve tal discordância». (idem, ibidem, pg. 25).**

**UM PLANO TOTAL NO CENTRO...**

**José Honório Rodrigues em «A Pesquisa Histórica no Brasil» propõe a criação dum Instituto de Pesquisa Histórica da História do Brasil de âmbito mundial, justifica-o com motivos e exemplos, delineia seu trabalho no Brasil e no estrangeiro, para saber-se tudo o que há e reunir-se tudo microfilmado na Central dos Microfilmes no Rio de Janeiro, a fim de preservar os documentos e pô-los ao alcance dos estudiosos de História. (o. c., pgs. 169 s.)**

**UMA CÉLULA DE TRABALHO NO SUL...**

**A Filmoteca HISTORICA DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS, SECÇÃO DE HISTÓRIA, deseja mover-se na direção do Grande Plano Central de J. H. Rodrigues, apresentando O QUE e COMO fêz e que lhe RESTA por fazer...**

ARNALDO BRUXEL, S. J.

# INTRODUÇÃO

A Secção de História do Instituto Anchietano de Pesquisas dispõe de um fundo documental de cêrca de 250.000 páginas manuscritas para as suas investigações.

Guarda-se êste arquivo histórico em forma de microfilmoteca. Foi organizado e é administrado pelo autor do presente trabalho. Intenta-se dar aqui um breve relato de tôda essa iniciativa.

Falaremos, pois, sucintamente,

I. De seu caráter,
II. De sua conveniência e necessidade,
III. De seus métodos,
IV. De seus resultados,
V. De suas futuras tarefas.

São outros tantos capítulos, em que se divide o presente artigo.

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### *Do Caráter da Pesquisa e da Filmoteca Histórica que dela tomou origem*

Seguindo os ensinamentos de José Honório Rodrigues, devemos dizer que é pública a pesquisa, realizada por nós, nos dois anos que passamos trabalhando na Europa. Lògicamente convém a mesma classificação ao Fundo Documental ou Filmoteca Histórica que dêle resultou, para o Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História. (Veja-se a obra fundamental de J. H. Rodrigues, "A Pesquisa Histórica no Brasil", Imprensa Nacional, Rio, 1952, pgs. 19 e ss.).

A razão é que o nosso trabalho não visava recolher material para um ou vários trabalhos pessoais que tivéssemos entre mãos.

Intencionávamos trazer material para todos os temas de todos os historiadores, enquanto os houvesse nos arquivos em que trabalhamos e fôsse compatível com os seus regulamentos.

J. H. Rodrigues, na página 19 da obra citada, define a pesquisa histórica como conquista, ou antes, descoberta dos escritos de valor histórico. Discriminando em seguida a pesquisa pública e a privada, afirma que a pesquisa privada é sempre de temas, dirige-se sempre a encontrar em tôdas as fontes tudo o que contenham atinente ao tema que se tem entre mãos, quer os trabalhos sejam subvencionados por fundos públicos, quer custeados apenas por recursos particulares. A pesquisa pública, ao contrário, não é temática; é ampla e geral; destina-se a recolher o material todo, para todos os temas de todos os historiadores, que queiram abeberar-se nos documentos procurados e "conquistados" pela pesquisa pública. Por isso, todos os documentos são importantes. Procuram-se, em todos os depósitos, todos os documentos sôbre todos os temas de todos os historiadores de um certo ambiente ideológico, provincial, nacional ou internacional, quer sejam seus mandantes atuais, quer apenas presumíveis aproveitadores no futuro.

Portanto, segundo o preclaro doutrinador da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a diferença entre pesquisa pública e privada, não se baseia no que quase forçosamente levariam a pensar estas mesmas duas palavras. As palavras sugeririam que a pesquisa privada se faz com recursos privados e a pesquisa pública com subvenção dos poderes públicos. Não raro se dá precisamente o contrário. Acontece que a pesquisa privada, colimando muito embora interêsse privados, não raro se faz com meios públicos, ao passo que a pesquisa pública, servindo a interêsses públicos, e renunciando em parte às obras privadas que lhe poderiam grangear fama e recursos, está obrigada a fazer-se com meios privados e particulares. Justo seria, neste caso, adjudicar-lhe subsídios públicos, dados pelos poderes públicos, uma vez que êstes estão encarregados de administrar os bens que o povo lhes confia para atender às despesas de caráter público.

Não se vá, porém, tirar a consequência que, com estas palavras, se queiram incriminar os pesquisadores privados, por atenderem tão sòmente a interêsses particulares ou por aceitarem e pedirem subvenções governamentais para as suas obras. Qualquer que seja o tema pesquisado por um cientista e dado a conhecer pela imprensa, sempre estará contribuindo eminentemente para o bem público e geral. E por esta causa sempre é justo que sejam apoiados pelos poderes públicos que devem estimular as iniciativas particulares, dado que estas, pelo menos secundàriamente, também redundam em bem público.

Muito menos ainda se hão-de incriminar poderes públicos, que

destinam meios públicos para as pesquisas particulares dos investigadores, já que seu trabalho abnegado se reflete na fama e no proveito da coletividade.

Nem vá alguém pedir aos pesquisadores privados, que, premidos pela escassez do tempo e carência dos meios, que têm para a pesquisa de seu tema particular, gastem ainda tempo e meios para procurar e registrar o que serve aos temas dos outros. Com pleno direito deixam que procure, quem tenha interêsse, o que lhe importa a êle.

Tão pouco ninguém negará que esta pesquisa, deixada para quem tiver interêsse, importa para êstes outros em viagens custosas e mais dispendiosas estadias nos países estrangeiros, em que se encontram os depósitos de documentos. Importa que êsses historiadores, cada um por sua vez, se submeta mais uma vez ao insano trabalho e à imensa perda de tempo, e aos gastos insuportáveis, de tornar a revolver mais uma vez os mesmos maços de documentos, que já foram revolvidos tantas e tantas vêzes por seus antecessores, e tantas e tantas vêzes serão revolvidos por seus sucessores, até que surja um pesquisador público que, com ou sem meios públicos, se dedique a remediar êstes graves inconvenientes. A pesquisa privada não evita, como não está obrigada a evitar, estas perdas de energias, tempo e dinheiro, e em consequência a maior parte dos que desejariam dedicar-se a investigações, mais profundas e mais originais do que a mera compilação dos textos de outros, como não podem sujeitar-se a estas perdas, vêm-se na contingência de privar-se a si do nobilíssimo prazer da pesquisa, e a coletividade do proveito que resultaria de seus talentos. Ao contrário, a pesquisa pública, como a define J. H. Rodrigues, sobretudo se seguida da microfilmagem, evita tôdas essas perdas, e torna possíveis, e até facílimos, os trabalhos, mesmo para pesquisadores, que têm talento mas não têm muitos meios.

Daí a grande importância e máxima urgência de organizar-se com meios públicos, a pesquisa pública, preconizada por J. H. Rodrigues. Dizemos com meios públicos, já que esta pesquisa... tem que desinteressar-se de seus interêsses particulares, tem que renunciar a pesquisa e obras que lhe dêm fama pessoal e proveito econômico, tem que achar e trazer para perto da casa dos estudiosos particulares os inventários, as listas e catálogos de documentos, com que podem contar para as suas tarefas. (J. H. R., obra cit. p. 21) E a êste primeiro passo de descobrir e manifestar, tem que acrescentar o segundo de trazer para o meio dos estudiosos menos favorecidos os próprios documentos, e isto na forma mais original e integral possível, que é a fotografia dos próprios manuscritos originais, para poder haurir sua informação das fontes incontaminadas.

Finalizando diremos, que, a julgar pelos claros conceitos do

ilustre doutrinador de "A Pesquisa Histórica no Brasil, sua Evolução e Problemas Atuais", devemos enquadrar nosso modesto afã de dois anos na Europa com a honrosa categoria de pesquisa pública, por descurar, como mais abaixo se demonstrará minuciosamente, proveitos individuais e atender a interêsses gerais e públicos. Apesar disso, nunca teve mais que os minguados recursos particulares, que os superiores religiosos lhe puderam oferecer para a obra. Por isso, não é sem base e fundamento, que o Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História, para poder levar a cabo o plano traçado, pode e deve esperar e mesmo solicitar apoio às Instituições particulares, que têm verbas culturais e dos Poderes Públicos, que dispõem dos recursos comuns, dados pela comunidade para atender ao bem comum e público. Tanto descuramos os interêsses particulares, que, apesar dos insistentes apelos de amigos, que queriam colaborações para revistas européias, nunca nos deixamos desviar da rota traçada do bem comum e geral, de dar a Pôrto Alegre e seus Institutos de ensino superior uma pequena filmoteca histórica ou fundo documental de peças originais, microfilmadas, que nos libertassem pouco a pouco da servidão histórica, da dependência de fontes históricas, já interpretadas e quiçá deturpadas por sectarismos de ambos os lados. Voltamos sem um único trabalho elaborado individualmente, nem sequer especialmente pesquisado. Mas trouxemos uma filmoteca, que não está longe de 230.000 páginas manuscritas. Uma parte desta filmoteca já instrumentada com um fichário de cêrca de cem mil fichas. Estas papeletas servirão ao mais fácil manejo da filmoteca, logo que tempo e recursos permitirem o ordenamento final de tudo.

Para terminar êste ponto, tornamos a frisar, em primeiro lugar, que o caráter de pesquisa pública, que de direito cabe à Filmoteca Histórica ou Fundo Documental do Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História, não lhe advém de subsídios públicos que recebeu bem módicos até agora, mas provém da circunstância de dirigir-se ao bem público com evidente prejuízo e descuido dos interêsses particulares. Devemos acentuar em segundo lugar, que o muito que se fêz e se verá no capítulo dos resultados, fêz-se exclusivamente com os minguados recursos que a Sociedade Literária Padre Antônio Vieira podia despender para esta finalidade. Em terceiro lugar, devemos sublinhar que a coleção da microfilmoteca histórica, sua instalação e sua administração, consome muita energia, tempo e dinheiro e não rende absolutamente nada econômicamente, da mesma maneira como uma biblioteca pública municipal, estadual ou nacional, e por isso não se lhe deve levar a mal que extenda a mão à generosidade e compreensão dos particulares e dos poderes públicos. E em quarto e último lugar, devemos inculcar que sem generosos auxílios, dados especialmente para a

Filmoteca Histórica, não se poderã instalá-la convenientemente de modo que sirva com facilidade aos historiadores, e muito menos se poderá completá-la com a microfilmagem dos documentos que ainda faltam e que estão previstos e esperam ajuda...

## CAPÍTULO SEGUNDO

### *Da Necessidade e Utilidade do Fundo Documental*

### NECESSIDADE EM GERAL...

Um Fundo Documental moderno é útil e necessário, porque é útil e necessária a história, que se apoia no documento. O documento, porém, não pode ser apoio da História e dos Historiadores, se não se conserva, se não se organiza e torna fácil de encontrar, se não se faz acessível aos estudiosos e põe ao alcance na forma mais original e econômica no que diz respeito à instalação, espaço, tempo e dinheiro.

Ora tudo isso se faz pela pesquisa pública, microfilmagem dos documentos e sua conservação em centrais fàcilmente acessíveis aos estudiosos.

A consequência do argumento é clara e se impõe por si mesma. As microfilmotecas são de grande utilidade e necessidade para a coletividade.

### NECESSIDADE MAIS EM PARTICULAR.

*Necessidade da história.* "Descobre-se como melhorar materialmente a vida humana, mas não como ajustá-la aos interêsses de todos, de cada um, da sociedade, nacional e internacional. O grande problema é sempre social e humano e sua conformação e solução encontra sempre na história uma fonte de inspiração. Pois nela, e nela só, se concebem valores, há fins e sentido, há mutabilidade, e há uma reserva de experiência social, que pode contribuir para evitar novos desajustamentos e conflitos, acordar embates e resolver conjunturas.

É por isto que Ortega y Gasset escrevia que o saber histórico "es una técnica de primer orden para conservar y continuar una civilización provecta. No porque dé soluciones positivas al nuevo cariz de los conflitos vitales — la vida es siempre diferente de lo que fué — sino porque evita de cometer los errores ingenuos de los otros tiempos", e sustentava que o dirigente europeu de hoje sabe muito menos história do que o homem dos séculos XVII e XVIII, e que o avanço prodigioso do século XIX se fêz graças ao saber histórico das minorias governantes. (J. H. R. o. c., pg. 11).

Os grandes problemas humanos e sociais de ajustamento e har-

monia individual, nacional e internacional não se resolvem só com a solução do problema da pesquisa física e sua aplicabilidade ao progresso material dos povos, mas, especialmente, com o recurso às ciências sociais, cuja base é sempre a história. O homem é uma noz muito mais difícil de quebrar do que o átomo! (J. H. R., o. c. pg. 10).

Destas palavras e das razões evidentes em que se baseiam, colige-se sem mais a importância da história para a solução dos problemas sociais dos nossos dias.

*Necessidade do documento.* Ora a história se apoia quase exclusivamente no documento escrito original e não nas interpretações dos autores que, por injunções de seu gênio ou de seu sectarismo da direita ou da esquerda, deturpam o sentido, ou pelo menos o colorido, do documento por múltiplas manobras explicativas. As deduções dos historiadores podem estar erradas por falsificações voluntárias do sentido dos documentos ou por interpretações errôneas ainda que bem intencionadas, quanto à origem e autoria dos documentos, quanto à sua dependência ou independência, quanto à sua credibilidade, quanto à exegese dos textos ou síntese dos fatos... Fundados em bases falsas chegam a conclusões falsas. Daí a infinita messe de erros que se alastram pelos livros de história como erva daninha e se propagam de geração em geração. Por isto bradava Capistrano de Abreu, em carta a João Lúcio de Azevedo, de 17 de maio de 1920: "No Brasil não precisamos de História, precisamos de documentos!" (J. H. R., o. c., pg. 7). E em outra carta, ao mesmo destinatário, de 9 de julho do mesmo ano afirma: "A História do Brasil dá idéia duma casa edificada sôbre areia. É uma pessoa encontar-se a uma parede, por mais reforçada que pareça, e lá vem abaixo tôda a grampiola!" (Idem, ibidem, pg. 7).

Da exposição que antecede e das palavras candentes do velho mestre Capistrano infere-se o valor do documento original, que é a única pilastra firme no arcabouço vacilante da nossa história. Das palavras de José Honório Rodrigues que citaremos e de tôda a sua magistral exposição, exarada na obra citada, compreende-se a irreparável calamidade, que acontece quando um infortúnio qualquer involuntário, ou a bárbara decisão de algum chefete público ou particular, decreta aniquilar os papéis velhos dos arquivos, deixados pelos antepassados, onde cada fôlha e cada linha pode conter uma informação indispensável.

"O papel histórico, diz Rodrigues, tem um valor estimável econômicamente, e o que é mais importante, pode esclarecer ou aumentar o nosso conhecimento histórico..." "Qualquer fôlha de papel pode converter-se numa fonte de conhecimentos históricos..." "Nunca se pode prever o que uma única fôlha de papel nos pode revelar de conteúdo substancial de uma época, de um povo, de um homem..." "Dêste modo, certas fôlhas de papel devem mere-

cer o nosso mais carinhoso cuidado". "Neles respira o alento do passado". "O valor inapreciável dos manuscritos para a história é, assim, indiscutível. Se considerarmos, porém, a dispersão e destruição de peças que desconhecemos, logo sentiremos o desejo de pôr fim a esta deplorável situação". (J. H. Rodrigues, o. c. pgs. 196 e 197).

São palavras dum mestre especializado na matéria, que está sempre com as mãos na massa no lugar preeminente que ocupa na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Provam quanto apreço devem ter para nós quaisquer documentos manuscritos sôbre o Brasil, que não só às centenas de milhares mas quiçá aos milhões de peças se acham espalhados em todo o mundo, que alguma vez teve contato com o Brasil, desde o tempo de seu descobrimento até os dias de hoje. Provam quanta seja a urgência de pôr tudo isto a salvo das danificações a que estão sujeitos também em nossos dias. Provam quanto urge pô-los ao alcance dos nossos historiadores, para sôbre êles construirem o edifício sólido da nossa história. Provam também quanto apoio mereçam as iniciativas menores, enquanto não se realiza o plano da grande filmoteca nacional, proposta por J. H. Rodrigues na obra citada.

## DANOS QUE SOFREM OS PAPÉIS HISTÓRICOS...

*Danos em geral.* São numerosas as danificações que ameaçam os documentos manuscritos. São os influxos climatéricos, como a huminade, o bolor, a água da chuva em edifícios mal guardados; são as destruições mecânicas infligidas por parte de inimigos em caso de guerras ou revoluções, quando há roubos, incêndios, ou bombardeios voluntários ou involuntários; são os desfalques permitidos ou não impedidos por curadores negligentes ou mesmo criminosos; são as deteriorações das tintas corrosivas dos antigos, que não raro retalham os papéis em tantos pedaços quantas são as letras ou divisões dos traços; são as destruições por animais, como ratos, traças, cupim, e pequenos coleópteros; são em tempo de paz as fraudes feitas por visitantes desonestos e funcionários infiéis. Temos lido e ouvido contar não poucos exemplos dessas danificações nas bibliotecas européias. José Honório Rodrigues, na obra citada, alega muitos exemplos do Brasil Colônia e do Brasil Império. E mesmo do Brasil República certamente se poderiam reunir muitos casos semelhantes.

*Exemplos de danificações.* Após os pensamentos gerais, aduziremos alguns exemplos em particular de danificações irreparáveis de documentos, que temos lido ou ouvido contar, para convencer os leitores da necessidade de medidas preservativas, tanto em escala pequena, como em escala nacional, como a apregoa José Honório Rodrigues em "A Pesquisa Histórica no Brasil, Sua Evolução e

Problemas Atuais". A veracidade dos fatos fica por conta dos livros que os relatam e das pessoas que no-las contaram.

Na primeira metade do século passado, os Institutos Históricos, apelaram para o diplomata Antônio Menezes Vasconcelos Drummond, para que colhesse documentos brasileiros na Europa. Atendeu, trabalhou, e grande parte de seus documentos foram parar as mãos de Melo Morais, constituindo seu acervo de origem estrangeira. "Mas a grande coleção de Melo Morais foi destruída em parte por um incêndio. Em 1878 vendeu a outra parte dêste arquivo à Biblioteca Nacional". (J. H. Rodrigues, o. c., pg. 38).

Lembramo-nos aqui do fato contado pelo amigo G. P., de que, há vários decênios, um chefete de Porto Alegre, teve necessidade de lugar para novos documentos. Lutava, porém, com a falta de espaço. Para solucionar a questão teve um "estalo" verdadeiramente assombroso. Mandou queimar tôda a papelada velha, já que na vastidão do território nacional não havia lugar para depositá-la. Nesta ocasião, em que o brilho da inteligência sobrepujou o brilho da sinistra fogueira, um amigo de G. P. viu uma fôlha revolutear por cima do muro por uma lufada providencial. Era um mapa do antigo Rio Grande, exemplar único que até hoje se conhece, carta essa que já prestou um serviço inestimável a um dos nossos historiadores. E se um dia os bárbaros nacionais ou estrangeiros tomarem conta da situação, seja no país seja nos países estrangeiros onde estão guardados muitos milhões de páginas da história do Brasil? E se tiverem idênticos lampejos de inteligência?! Algum bombardeio aéreo bastará para destruir para sempre aquêles documentos de que bradava Capistrano que os precisávamos!

É conhecido o fato que se conta dos soldados paraguaios na guerra do Paraguai, que empregavam como bucha o bom e forte papel antigo de seus arquivos, para carregar suas espingardas. Hoje em dia quiçá, Assunção seria uma Meca de documentação sulamericana. A ditadura não conhece passado nem futuro, só conhece a sobrevivência presente e a ela sacrifica tudo, mesmo os valores mais transcendentais da nacionalidade que são a sua cultura e os repositórios dela, que são os arquivos...

Contaram-nos na Europa, que a grande Biblioteca de Munique, a qual, ao lado das suas famosas congêneres de Paris, Londres e Roma etc., brilhava como farol na inteligência internacional, ainda muitos anos depois da última guerra, se achava em parte destruída e desorganizada em consquência dos bombardeios que tinha sofrido.

Contaram também que os manuscritos originais da monumental enciclopédia missional de Robert Streit (Biblioteca Missionum). de que possuimos os volumes referentes à América, estiveram depositados, em uma única via, nas oficinas da Impressora, quando sobreveio um bombardeio. Reduziu tudo a cinzas, tendo-se que re-

começar de novo todo o insano trabalho da recopilação das fichas correspondentes às partes destruídas.

De Nápoles referiram que uma famosa e antiquíssima Biblioteca medieval, na época dos bombardeios, estava refugiada num solitário castelo do interior. Quando os invasores tiveram que retirar-se ante a investida dos aliados, deram aos seus soldados a senha de deixar a terra rasa para os perseguidores. Talvez o alto comando desconhecesse a existência daquela biblioteca naquele lugar; o fato é que a obediência cega dos soldados rasos não se retirou das cercanias do castelo, emquanto não estivesse tudo reduzido a cinzas. Eis o que ouvimos durante a nossa estadia na Itália.

Da velhíssima Tôrre do Tombo em Lisboa sabem-se as mil e uma peripécias que passou desde os seus princípios com os começos do mesmo Portugal. Nas Enciclopédias portuguesas contam-se largamente as sortes de seus arquivos, quando ainda se achava no Castelo de São Jorge no tempo dos terremotos de 1755, em que os livros jaziam de mistura com montes de entulho. Ainda hoje se tem extremos de cuidado para com os seus valiosos manuscritos e livros. Nenhuma luz artificial é tolerada em seus compartimentos, nem vela nem bico elétrico, fora certamente das pequenas lâmpadas de bôlso que nenhum incêndio podem causar. Sabemo-lo de própria experiência, pois trabalhamos vários meses durante o inverno e vimos muitas vêzes durante os dias chuvosos, aproximarem-se os consulentes das janelas para lerem mais fàcilmente, já que a luz do sol, nos dias chuvosos, não chegava mais a todos os recantos da grande e bela sala de leitura. Fotografias só com luz natural ou então na portaria, conduzindo um fio provisório do vizinho palácio de Belém. Entretanto, bastarão uns bombardeios inesperados, que não dêm tempo para transportar êsses tesouros para outra parte, e tôda aquela imensa riqueza estaria aniquilada para sempre e com ela os tesouros inestimáveis de história do Brasil, que se acham nesse e em outros arquivos de Portugal e do mundo inteiro. Importa que se depositem cópias fotográficas em outras partes do mundo, centuplicando também as possibilidades de estudo dos que se dedicam à história do Brasil. Com uns poucos de milhões tudo aquilo poderia existir em duplicata no Rio, em Pôrto Alegre, e outras cidades, com a imensa vantagem de ser acessível a todos. Falaram em Lisboa de caixas preparadas para transportar e abrigar tudo em caso de guerra. Mas, com a rapidez dos bombardeios modernos, pode ser que a salvação chegue tarde, e tarde para sempre.

Por êsse motivo, várias nações têm verdadeiras legiões de pesquisadores e fotógrafos andando em tôda a Europa para assegurar cópias microfotográficas de sua história. E nós temos o grandioso plano de J. H. Rodrigues, exposto em "A Pesquisa Histórica no Brasil, Sua Evolução e Problemas Atuais". Temos! E procrastinamos.

procrastinamos e sempre procrastinamos até que seja tarde para ainda procnastinar qualquer coisa que seja.

O Arquivo Romano de Compania de Jesus (Sigla ARSJ = Arquivum Romanum Societatis Jesu), além das cópias, que faculta aos interessados, conforme as credenciais que puderem apresentar, manda fazer microfotos de todos os seus depósitos e deposita-os em lugar seguro em alguma parte da América.

O mesmo mandou fazer também a famosa Biblioteca Vaticana, que deu permissão a certas Universidades Americanas de fotocopiar, se não tôdas, pelo menos grandes partes de seus imensos repositórios para o caso duma guerra.

Quando acordarão os poderes públicos do Brasil? Quando os Institutos particulares que têm verbas para finalidades culturais e as gastam aos milhões em coisas passageiras, em vez de imortalizar seus nomes, patrocinando determinadas partes duma Filmoteca Histórica, tão importante para o Conceito cultural duma cidade, estado ou nação, contribuirão para acabar de instalá-la convenientemente e de completá-la com mais alguns milhares ou milhões de páginas manuscritas, que esperam na Europa, para serem depositadas em microfotografia talvez em Porto Alegre, a dois passos da casa dos estudiosos?!

Nos tempos passados era a traça um dos piores inimigos do documento manuscrito. Varnhagen "eleito sócio correspondente em 1840" do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, começou neste mesmo ano as pesquisas no arquivo da Câmara de São Vicente. E faz esta observação, corroborada mais tarde por Capistrano de Abreu: "O arquivo, pelo desleixo dos Camaristas passados não só foi desfalcado de muitas preciosidades e documentos antigos como mal guardado, do que resulta achar-se pela maior parte carcomido e sem ordem... Cada vez me convenço mais da minha opinião já anunciada pela imprensa de que nas cartas dos jesuítas é que se encontrarão os melhores documentos para as primeiras épocas da história moderna do Brasil". (J. H. Rodrigues, o. c., pg. 40).

Catorze anos mais tarde "Aos 21 de julho de 1854, o Instituto Histórico incumbia aquêle estudioso paulista (trata-se de J. J. Machado de Oliveira) de investigar o mencionado arquivo (de São Vicente), coligindo todos os documentos que servissem para a história pátria. J. J. Machado de Oliveira não pôde realizar a pesquisa e dela encarregou a João Pereira Pinto, que em ofício de novembro de 1854, dava notícia sumária do arquivo.

Havia uma grande deficiência de documentos e só poucos códices, todos posteriores a 1700, arruinados pelas traças e pelas águas das chuvas. Pereira Pinto verberava a incúria, a criminosa indiferença dos secretários da Câmara, alguns dos quais num desamor às tradições pátrias e ignorância, queimaram grande parte dos docu-

mentos numa grande fogueira e fabricaram bombas. Depois, ao transmitir ao Instituto as notícias desoladoras de Pereira Pinto, Machado de Oliveira acrescenta algumas informações valiosas sôbre a paulatina destruição do arquivo. Depois da publicação da obra de Frei Gaspar da Madre de Deus, "visitadores nacionais e estrangeiros que iam ali ter, e aos quais se franqueava indistinctamente o venerando arquivo da Câmara, a simples pedido seu, iam-lhe aos poucos subtraindo os códices mais notáveis, os documentos mais significativos das primeiras datas da Capitania de São Vicente, as peças de maior importância e imprescindíveis para fundamentar a história da Província e porventura a do país. Diz ainda que, a essas sucessivas extorsões, jamais levantou a mão a Municipalidade, ou por ignóbil indulgência, ou porque não soubesse ligar o devido apreço a êsse rico depósito de elementos históricos, que ainda não tinha sido bem esmerilhado; Frei Gaspar da Madre de Deus o examinara minuciosamente só pelo lado que se entendia com a questão suscitada entre os donatários das Capitanias de São Vicente e Santo Amaro. (J. H. Rodrigues, o. c. pgs. 52-53).

Passemos a outra região do Brasil. Em 1850 o poeta Antônio Gonçalves Dias foi mandado para o norte a fim de pesquisar documentos, onde procurou sobretudo nos documentos jesuíticos, que tanta parte haviam tomado em todos os sucessos das Províncias e cujo arquivo portanto devia conter preciosas informações. "Informa que em virtude de carta régia de 11 de junho de 1761, os papéis e cartas dos jesuítas foram confiados aos cuidados do bispo diocesano. No Maranhão, no arquivo da Presidência, encontrou a notícia de que, em 1831, Cândido José de Araújo Viana mandara proceder a um exame dêstes papéis (confiados ao bispo diocesano), não se achando senão mil completamente destruídos". (J. H. Rodrigues, o. c. pg. 59).

Em 1944 tivemos ocasião de fotografar para um amigo de Rodolfo Garcia a página em que se assentou o batismo de Tiradentes. Todo o livro estava tão carcomido pela traça e tão coladas umas nas outras as suas fôlhas pelos detritos da destruidora, que mais nos parecia uma pilha de beijús enfarinhados do que um livro de assentamentos. Com suma precaução os funcionários estenderam a respetiva fôlha debaixo da objetiva. Donde se vê a quantos perigos estavam expostos os documentos, e quanto importa que ingressassem a tempo nos depósitos da Biblioteca Nacional, para serem desinfetados e resguardados devidamente. Como êstes, quantos outros livros e documentos tiveram e estão tendo ainda a mesma sorte, nas nossas velhas câmaras?!

Funcionários do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa também nos contaram coisas interessantes nos longos meses que estivemos trabalhando naquela casa hospitaleira. Antes da fundação

dêste arquivo, haverá já agora cêrca de trinta anos, incontáveis pacotes de documentos brasileiros estavam em outra parte. Se mal não recordamos foi dito que estavam na Biblioteca Nacional. Portugal naquele tempo ainda não estava na situação, que o Presidente Craveiro Lopes, em 1953, definiu pitorescamente, dizendo, que, diante da grande finança internacional, Portugal estava de chapéu na cabeça, porque não tinha dívidas algumas. Aconteceu, que havia muitas janelas quebradas na casa em que se guardavam aquêles papéis. Não havia verba para vidraças ou as verbas não chegavam até lá. Então os funcionários fecharam as brechas de sua fortaleza com pacotes de documentos, empilhando-os no vão das janelas danificadas, para impedir a invasão da água, nos dias chuvosos de inverno. Realmente, temos visto e fotografado não poucos maços de papéis, em que se viam claramente os vestígios das poças de água que tinham parado na parte de cima e lentamente haviam atravessado todo o pacote até a última fôlha, apagando em parte a já fraquíssima tinta setecentista. (Fraquíssima, dizemos, em comparação com a negríssima e corrosiva tinta ferro-gálica dos tempos do descobrimento e primeiras conquistas da América). Assim temos hoje centenas e talvez milhares de fôlhas, que com dificuldade se decifram e não se podem fotografar com bons resultados a não ser com filmes especiais e luz ultravioleta.

Algures também ouvimos contar histórias tenebrosas do descaminho de documentos, vendidos ao estrangeiro, sem a devida autorização de quem de direito. Contaram também peripécias de alguns brasileiros, agadanhados pela polícia no momento de saltar a fronteira, levando documentos ilegìtimamente adquiridos. Não sabemos se é verdade. Talvez seja uma das muitas e amáveis malícias lisboetas diante do reverendo. O fato é que a rigidez desconcertante de certas normas disciplinares das biliotecas tem sua justificação em fatos que aconteceram e podem acontecer.

Êstes poucos dados e outros muitos que os entendidos na matéria fàcilmente poderiam aumentar à vontade, mostram claramente, que os papéis antigos, que são de tanta importância, ainda nos dias de hoje se acham em grave perigo. e que é urgente mandem as autoridades quem entenda do assunto e se interesse por êle, para recolher o que fôr possível, em microfotografia, que é o meio mais perfeito e mais econômico de assegurar a conservação. Enquanto os órgãos federais não levarem a cabo a obra de envergadura nacional e internacional, preconizada por José Honório Rodrigues, seria bem que entrassem pelo menos os estaduais para garantir, para si e seus jurisdicionados, o que de perto ou de longe concerne a sua história. E se o Estado não se abalança ao que lhe corresponde, então será a hora de conclamar as autoridades das grandes comunas municipais para criarem centros de cultura em suas sedes,

e legarem aos pósteros o exemplo de vistas largas em questão de letras e cultura. E se falharem todos aquêles que administram os bens do povo então certamente não é sem razão que se apelará aos Departamentos culturais dos Institutos bancários, comerciais e industriais, que disponham de verbas culturais e beneficentes. Queiram vincular seus nomes a uma determinada parte da empresa altamente cultural e social de conservar para os vindouros aquilo, em que a mestra da vida, que é a história, depositou os seus ensinamentos mais incontaminados: os documentos manuscritos originais, conservados e postos ao alcance de todos, pela microfilmagem e consequente filmoteca histórica, qual a vamos levantando no Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História.

## MEDIDAS DE PRESERVAÇÃO DOS DOCUMENTOS

As danificações que impendem sôbre os documentos impõem medidas de preservação. São principalmente a conservação física do próprio documento e a reposição de cópias autênticas, sobretudo a fotográfica, em lugares inacessíveis aos agentes destruidores racionais e irracionais.

Quanto ao resguardo de documentos em arquivos públicos, nacionais, estaduais e municipais, leigos e eclesiásticos muito e imensamente muito poderá fazer o Instituto de Pesquisa Histórica, de âmbito nacional, que José Honório Rodrigues propõe em seu livro "A Pesquisa Histórica do Brasil". Rodrigues indica uma longa série de medidas que tendem a êsse fim, e que se resumem essencialmente em organizar primeiramente pesquisas sistemáticas oficiais, com encargo e despesa oficial, em tôdas as partes do território nacional, a fim de saber-se da existência dos documentos que se acham no Brasil; segundo, em centralizar todos os resultados dêstes inquéritos numa obra única ou catálogo geral, de modo que todos os estudiosos saibam onde achar os documentos de que carecem para seus trabalhos; terceiro, em assistir técnica e pecuniàriamente aos arquivos nacionais, estaduais, municipais, e particulares, para a boa preservação e ordenação conveniente de seus depósitos; quarto, em promover, de acôrdo com as autoridades e detentores dos documentos, a microfilmagem de tudo, se fôr compatível com a natureza dos documentos, e a centralização de todos os filmes ou pelo menos de uma cópia dos filmes em uma Central de Microfilmes, instrumentada como é evidente, com todos os catálogos e fichários que seja mister, de modo que se ache fàcilmente qualquer coisa que se procure. Quem se interessar em pormenores dêste plano tão sensato e tão grandioso de J. H. Rodrigues, veja tôda a segunda parte de seu livro "A Pesquisa Histórica no Brasil, Sua Evolução e Problemas Atuais", desde a página 167 em diante.

Quanto aos documentos brasileiros que se acham em arquivos estrangeiros evidentemnte só nos competiria a pesquisa, para saber da existência dêles; a sistematização ou organização das secções de acôrdo com as autoridades do respectivo arquivo; talvez alguma contribuição para os grandes gastos que se fazem com o acondicionamento dos documentos em pastas e das pastas em caixas de metal; juntamente com a pesquisa e sistematização e catalogação das peças; e por fim a microfilmagem e centralização dos microfilmes na Central dos Microfilmes.

Tomamos a liberdade de sugerir a nosso amigo e mestre J. H. Rodrigues uma medida ulterior à centralização de microfilmes. E seria justamente a descentralização dos microfilmes por cópias dêles, depositadas nos centros culturais maiores dos Estados, porque sendo o Brasil não um país, mas um continente, devido às distâncias gigantescas de seus núcleos culturais, os microfilmes da Central de Microfilmes ficariam inacessíveis mesmo para a maior parte dos estudiosos brasileiros, que não dispõem de tempo e de meios para viajar ao Rio de Janeiro e permanecer por lá durante muito tempo

Executada que fôsse a magna sugestão de J. H. Rodrigues, haveria uma reprodução facsimilar perfeita dos documentos brasileiros nacionais e estrangeiros, para o caso de serem destruídos os arquivos que guardam os originais. Mas além da reprodução facsimilar perfeita dos documentos há mais outras grandes vantagens da microfilmagem dos documentos, as quais a seguir exporemos brevemente, para que se veja o que se fêz pelo Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História, e por sua Filmoteca Histórica. E também para que se veja a importância do que resta por fazer, para que, quem de direito, apoie eficazmente mais algumas iniciativas, que faltam para completar na medida do possível, a colheita que já se fêz. Já é muito o que contém a Filmoteca Histórica. Muito mais pode e deve conter, para que os estudiosos de História no Sul do Brasil tenham em Pôrto Alegre os fundos documentais, que lhes possibilitem verificar por seus próprios olhos o que dizem os documentos originais.

## VANTAGENS GERAIS DA MICROFILMAGEM DE DOCUMENTOS.

A primeira e mais importante vantagem da microfilmagem de documentos é, como dissemos a preservação do documento por uma reprodução facsimilar perfeita, para o caso de perecerem os originais manuscritos.

Para não repisar nos mesmos conceitos, lembramos aqui a desgraça dum venerando amigo, que encontramos muitas vêzes em Lisboa. É o padre Carlos da Silva Tarouca, da Companhia de Jesus, residente na redação da revista Brotéria. Seu avô, o Duque Manuel Teles da Silva, era embaixador de Portugal na Áustria no tempo do Marquês de Pombal e teve com êle uma grande correspondência. Silva Tarouca conseguiu uma pequena parcela desta correspondência e publicou-a nos Anais da Academia Portuguesa de História, II série, Lisboa 1955, segundo recensão da Brotéria de janeiro de 1957, pg. 109. Na

mesma recensão se diz que de mil outras cartas do avô de Silva Tarouca, que estavam no arquivo da família Tarouca, na Morávia, não há hoje, rasto, por terem caído nas mãos dos russos, ao findar a guerra em 1945. Se entre as poucas cartas que se salvaram, há tanta coisa sôbre o Tratado de Limites de 1750, quanto haveria nas mil que se perderam sôbre outros assuntos do Brasil, que naquele tempo era parte de Portugal? Perguntamos se não é justo que J. H. Rodrigues e seus amigos levantem o brado de alerta para a preservação de centenas de milhares, senão de milhões de documentos que estão expostos a tais perigos ou mesmo maiores?! Num único arquivo de Lisboa (Arq. Hist. Ultramarino) há, segundo conhecedores, mais de 500.000 documentos brasileiros (J. H. Rodrigues, o. c. pg. 259). As mil cartas perdidas de Silva Tarouca, ainda que somassem cinco mil páginas em conjunto, com uns poucos dias de trabalho e menos de dois mil cruzeiros teriam estado asseguradas para sempre em microfilme! Que dirão de nós os nossos pósteros, depois que os bárbaros das guerras totais modernas tiverem destruído para sempre a nossa documentação antes que tenhamos acordado da nossa inconciência e tomado providências, quando com tão pouco poderíamos têr assegurado tanto?! É ocioso declarar que deviam ser incumbidas pessoas que com um mínimo de recursos procurassem alcançar um máximo de efeito e não as que queiram um máximo de recursos para ir passear o mais que puderem na velha Europa!

Mais ocioso ainda é declarar que não existe maneira alguma de conservar todas as minúcias do documento original com tanta perfeição como a reprodução fotográfica. É verdade que uma cópia feita por escrivães "ao pé da letra" ou "de verbo ad verbum" como milhares de vêzes se lê na Coleção de Ângelis, tem valor jurídico perfeito, se severamente cotejada com o original. Mas além de encarecer a cópia desmedidamente, carece de muitos elementos de identificação, que usa a crítica histórica moderna. Daí a primeira e essencial vantagem da microfilmagem, que é a reprodução facsimilar perfeita de todos os detalhes, do estado de conservação do papel, das minúcias da grafia do autor que compôs o documento ou do copista que o transcreveu do original. Tudo isso sempre conservado à mão e à vista, sem o desgaste fatal do documento original, se ainda existe, ou sem a carência de tudo se fôr destruído.

*A segunda vantagem da microfilmagem de documentos* é organizar de certa maneira os documentos que estiverem desorganizados, fixando-os em ordem determinada, imutável, ainda que não perfeita sob todos os pontos de vista. Esta vantagem não a poderá apalpar quem não tiver trabalhado longamente em arquivos faltos desta organização das massas documentais. É claro que muitas bibliotecas têm os seus arquivos de manuscritos bem sistematizados conforme critérios temáticos, cronológicos ou geográficos, ou, em casos especiais, segundo o critério de autores. Mas também é certo que mesmo na Europa podem encontrar-se arquivos, que ainda não fizeram êste trabalho. Se o tivessem feito, J. H. Rodrigues não precisaria sugerir para a organização da pesquisa histórica no estrangeiro os seus dez grandes projetos de trabalho, a saber 1) pesquisas, feitura de listas e inventários e posterior reprodução microfilmada dos documentos relativos ao Brasil existentes nos arquivos portugueses (o. c. pg. 257); 2) o mesmo com respeito aos arquivos espanhóis (pg. 261); 3) o mesmo com respeito aos arquivos ingleses (pg. 262); 4) o mesmo com respeito aos arquivos franceses e italianos (pg. 264); 5) o mesmo com respeito aos arquivos da Áustria e Alemanha (pg. 265); 6) o mesmo com respeito aos arquivos dos Países Baixos, Suécia, Rússia, Dinamarca (pg. 267); 7) o mesmo com respeito aos Estados Unidos da América e do Canadá (pg. 268); 8) o mesmo com respeito à Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Perú (pg. 268); 9) o mesmo com respeito aos outros países da América do Sul (pg. 268); 10) e, finalmente, o mesmo com respeito aos países da América Central. Em todos êstes países muita coisa pode estar bem feita, outra mal, e outra nada

E enquanto não estiver tudo isso bem organizado, cada documento em sua pasta numerada e com localização definitivamente fixada, quase não há possibilidade de remeter o leitor para ver a verdade em determinado documento original. Porque, entretanto êsse documento pode ter mergulhado novamente na massa de dezenas e centenas de milhares de outros papéis, obrigando o leitor a percorrer muitos maços e ler muitos escritos congêneres para enfim achar aquêle que realmente procurava.

Em notas complementares a seus projetos de pesquisa no estrangeiro conta J. H. Rodrigues, que, em 1950, no Colloquium Internacional de Estudos Luso-brasileiros, em Washington, foi proposta pelo Professor Charles Boxer, a investigação sistemática dos arquivos portugueses, e sua reorganização foi sugerida na mesma ocasião por Virgínia Rau. (o. c., pg. 258).

Conclui Rodrigues "que o problema dos arquivos portugueses é semelhante aos nossos (brasileiros): desconhece-se o acervo, não há catálogos ou poucos, e é preciso uma constante assistência para reorganizá-los, catalogá-los e repará-los" (pg. 258).

"...especialmente a nós próprios cabe (aos brasileiros!) a tarefa de elaborar os inventários dos documentos relativos ao Brasil".

"Têm catálogos publicados as seguintes bibliotecas e arquivos portugueses: Évora, Ajuda, Biblioteca Municipal do Pôrto". (pg. 258).

São três entre dezenas e dezenas de importantíssimos arquivos portugueses com documentos do Brasil! Eis o que dizem pessoas autorizadas daqueles preciosíssimos depositos reclamados por Capistrano quando bradava: "No Brasil não precisamos de História, precisamos de documentos!"

Já com isto se torna claro, como a luz do sol, a dificuldade de citar êsses documentos e remeter para êles os leitores das elucubrações históricas. Apalpamos "na própria pele" o fato de não estar feito aquilo que J. H. Rodrigues diz que "cabe a nós próprios" brasileiros. Chegamos ao Arquivo Histórico Ultramarino (antigo Colonial), com uma alentada lista de documentos que víramos citados ou extratados na monumental História da Companhia de Jesus do Brasil do Padre Dr. Serafim Leite, S. J. Queríamos levar aquêles documentos original e integralmente para o Brasil, para dêles se extrairem quiçá certos detalhes preciosos para alguma monografia, já que nem tôdas as minúcias podiam ter cabida numa História Geral como a do padre Serafim Leite. Cedo, porém, desistimos de procurar os documentos, devido ao estado de organização daqueles depósitos. A imensa maioria dos documentos brasileiros, dos quais Rodrigues afirma que são mais de 500.000 naquele arquivo, não estão ainda em pastas numeradas. Por isso não podem estar numa sequência imutàvelmente fixa. Guardam certa ordem cronológica dentro da mesma caixa e geralmente também das caixas entre si. Mas não raro a última data duma caixa ultrapassa bastante a primeira data da seguinte e viceversa. É consequência natural do lento processo de organização: à medida que se peneiram os depósitos e se vão identificando os documentos, são êstes introduzidos em seu lugar aproximativo, com a tarefa de fazer, no fim de tudo, uma reorganização geral e definitiva. Além desta causa inevitável, há outra, e é que um consulente, por descuido involuntário ou por mera negligência pode alterar a sequênciacia dos documentos. De tudo isto se segue que é extremamente difícil e trabalhoso reencontrar os documentos que alguma vez foram citados. E isto ficará assim até que o fraternal e desinteressado interêsse dos portugueses por seus irmãos brasileiros ou o interêsse premente dos próprios brasileiros, incentivados e subsidiados pelos que dispõem dos recursos do bem comum, tiverem levado a cabo a organização definitiva, a qual, segundo J. H. Rodrigues, em primeira plana, cabe aos próprios brasileiros.

Suposto tudo isto, diremos agora que existe um certo modo de organizar e fixar a posição dos documentos por meio da microfilmagem. É que, como no caso da nossa Filmoteca Histórica, os filmes são numerados indelèvelmente

de metro e meio em metro e meio. Dêste modo, fàcilmente, se pode indicar com precisão onde se acha tal e tal documento. Pode ser defeituoso êste sistema quanto à cronologia, mas pelo menos tem localização fixa e imutável para cada documento. Os defeitos cronológicos fàcilmente se corrigem por meio dum sistema múltiplo e completo de papeletas onomásticas, geográficas, cronológicas e temáticas. Nos catálogos ou fichários se indica em que número de filme se acha tal e tal documento. A filmoteca se organiza de tal maneira que num instante se tem o respectivo número de filme na mão, e no microleitor, que nos apresenta o documento em sua grafia original. Esta localização só poderia ser alterada pela destruição do próprio filme.

Foi desta maneira que o Fundo Documental ou Filmoteca Histórica do Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História, "organizou" mais de cem mil páginas que ainda encontrara "desorganizadas" na Europa, estando à espera de alguns meios para acabar de todo a tarefa, elaborando as listas e fichários que ainda restam por elaborar. A título de informação acrescentamos que todos os documentos trazidos da Itália já têm os seus fichários feitos ainda que não acabados de ordenar. Os de Évora e da Ajuda têm a organização acabada porque têm catálogos impressos. Falta, porém, êste requisito para o que trouxemos da Tôrre do Tombo e do Arquivo Histórico Ultramarino. Do Ultramarino veio a documentação avulsa que no momento se achava aí da Colônia do Sacramento, da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Mato Grosso. Estávamos para completar a zona fronteiriça, quando um abalo de saúde nos obrigou a interromper temporàriamente a colheita. Esperamos, porém, que a alta compreensão de quem de direito, nos faculte voltar à carga, a fim de completar a obra, antes que um infortúnio bélico ou coisa que o valha, nos prive para sempre da possibilidade de ter, com tão pouco meios, um Fundo Documental que sirva para a pesquisa histórica original e que faça da Capital mais meridional do Brasil um Centro respeitado e consultado por Estados e Nações limítrofes. Bastará que na ocasião oportuna disponhamos dos recursos necessários à conclusão da tarefa. Com isto tocamos em

*A terceira vantagem da microfilmagem e Microfilmoteca Histórica*, que consiste em pôr os documentos ao alcance de todos aquêles que, pela distância e pela falta de tempo e de recursos, se vejam inibidos de recorrer aos depósitos originais. Obtem-se assim, desde logo, uma vultosa economia de tempo, dinheiro e energias. E consequentemente acréscimo de ciência e cultura histórica, e de prestígio aos Estados e Comunas, que manifestaram desta maneira vistas largas para compreenderem e favorecerem tais iniciativas.

Tome-se, por exemplo, as 250.000 páginas manuscritas que são mais ou menos o acervo que se encontra em nosso Fundo Documental. Provém em parte do Rio de Janeiro, e em parte, consideràvelmente maior, (230.000 mais ou menos), da Europa, especialmente da Itália e de Portugal. Com alguns recursos fàcilmente se aumentaria esta soma para mais de um milhão. Tudo isto nos seus depósitos originais está tão distante, mesmo se se acha dentro do território nacional, que a maioria dos historiadores gaúchos não pode nem pensar em se deslocar para êsses centros de arquivos, porque quase todos terão demasiados encargos de família e de profissão e de parcos recursos a contar. Sem umas boas dezenas de contos ninguém irá ao Rio, ficará uns meses na pensão e voltará ao Rio Grande do Sul. Sem uma boa centena de contos ninguém irá à Europa e ficará meses e anos por ali a fim de investigar profundamente, a não ser o caso especial de parentes ou amigos que o hospedem gratuitamente, ou a eventualidade de tratar-se de um religioso, que por um mínimo de diárias ache guarida nas casas de sua religião.

E depois de tudo isto pode acontecer que o pesquisador, depois de meses e meses passados a revolver pacientemente lotes e maços de papéis se encontre

com a surpresa de não ter encontrado o que precisava para a sua tese. Todo o resultado de tantos gastos de energia, tempo e dinheiro foi o de saber que em tal ou qual depósito de documentos não há o que procurava. Tem que desistir ou começar a procurar em outra parte. Pode ser útil para os outros, saberem que em tal depósito não há tal ou qual documento. E útil para os outros, mas ninguém pensará em compensar-lhe os gastos, que esta utilidade ocasionou. Essa utilidade comum devia ser subsidiada pelos recursos, que o povo comum dá para a comum utilidade.

Ora o meio mais simples e mais econômico de poupar aos historiadores do Rio Grande todos êsses inconvenientes, pelo menos para grande parte dos documentos, é promover a microfilmagem dos documentos e a instalação conveniente das microfilmotecas históricas. Com essa medida se alcançaria que noventa por cento dos talentos sequiosos de dedicar-se a estudos históricos e pesquisa em documentos originais, talentos que não podem deslocar-se para os longínquos depósitos documentais, por falta de tempo e de recursos, os tenha como que a dois passos da porta de sua casa, bastando uma corrida de automóvel ou uma passagem de bonde para aproveitar mesmo as mínimas parcelas de tempo que furtam a suas precisas ocupações diárias. Realmente, êste conjunto de circunstâncias nos leva a declarar, que não sabemos como qualificar os poderes públicos e os Institutos particulares que têm verbas para tudo e não assinam nada para esta facilitação do estudo, da pesquisa moderna, que tanto poderia fazer, e está quase condenada à inação, porque lhe são negadas mesmo aquelas parcas migalhas de subvenção, que sobram em outras mesas, que vivem a expensas dos recursos comuns!

Sobretudo a Capital do Rio Grande, fronteiriça da Nação, devia ter à mão todo e qualquer fiapo de documento relativo às querelas fronteiriças, que aos milhares, dezenas de milhares e quiçá centenas de milhares jazem nos arquivos europeus e sobretudo nos quase inexplorados arquivos de Sevilha e Simancas. Jazem em grande parte inexplorados até que um acaso qualquer... e as gerações futuras passem a maldizer as broncas mentes das passadas eras, que com tão pouco podiam ter coligido para seus fundos documentais e não tiveram a energia de quabrantar o marasmo cultural da hora em que viveram! Foi e continua um sonho do Instituto Anchietano de Pesquisas trazer tanto quanto possível de tôda essa documentação para Pôrto Alegre. Por isto não julga falta de vergonha estender a mão aos que podem supeditar meios de voltar à carga. Com cada conto se tirariam com facilidade milhares de páginas! Que imenso repositório não haveria para a juventude universitária, libertando-a para sempre das infantilidades científicas de cegamente crer no que dizem os outros em vez de verificar por seus próprios olhos nos documentos originais, pesando todos aquêles "imponderáveis" que só podem transmitir os manuscritos originais... Acuda mais uma vez a candente sentença de Capistrano: "No Brasil não precisamos de História, precisamos de documentos!" Mas êste moderno sistema de estudo por microfilmagem, tem mais outra vantagem, que convém ressaltar especialmente, e que consiste em pôr os documentos ao alcance de todos, não em extratos mais ou menos longos, nem em cópias manuais mais ou menos fiéis, mas na própria forma manuscrita original.

*A quarta vantagem da microfilmagem consiste em pôr* os documentos ao alcance de todos na sua forma manuscrita integral e original.

Há várias maneiras de trazer a documentação ao conhecimento dos estudiosos.

Para apresentá-las sumàriamente, diremos que há os catálogos ou simples, registros brevíssimos, como é, por exemplo, o catálogo da Coleção de Ângelis da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Há os catálogos mais desenvolvidos, com ementas ou breves resumos dos documentos, mencionando mais ou menos tôdas as pessoas, lugares, datas e principais assuntos, de que talvez se podia

indicar, como exemplo, o catálogo da Real Biblioteca da Ajuda, de que temos um exemplar impresso no Instituto Anchietano de Pesquisas. Há os extratos de documentos, em que se resumem bastante minuciosamente os textos dos documntos, deixando de lado apenas as longas e sempre idênticas formas protocolares e pondo muitas vêzes em frase indireta o que na peça está em locução direta. Podemos citar como exemplo clássico a manumental "História de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay por Pastells-Mateos", editada pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas de Madrid. Há, por fim, as cópias feitas à la antiga, ao pé de letra, ou "de verbo ad verbum", cotejadas e corrigidas à vista do original, com mais ou menos rigor:como exemplo destas teremos que citar muitas cópias que no século passado se mandavam do estrangeiro para o Brasil, das quais Varnhagen, citado por J. H. Rodrigues, afirmava que eram estùpidamente copiadas (o. c. pg. 70). Exemplo de cópias também seriam grande parte dos documentos da Coleção de Ângelis da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em cuja edição se faz de todo imprescindível uma investigação crítica da origem e dependência mútua de cópias e originais rioplatenses, romanos e espanhóis, sem o que se desvaloriza em parte a publicação. Há, por fim, a publicação impressa dos documentos, como sejam os Inventários e Testamentos de São Paulo, Documentos Históricos, os quase cem volumes da Monumenta Historica da Companhia de Jesus em Roma, os Monumenta Germaniae Historica e outras muitas... Em casos raríssimos há a multiplicação facsimilar por via fotográfica de alguns documentos mais preciosos.

Seja-nos permitido acrescentar, de cada uma destas maneiras de levar os documentos ao público, alguma consideração, que ponha em plena luz a preferência, que hoje em dia se deve dar à microfilmagem ou por sua fidelidade ou por seus aspectos econômicos.

Os catálogos-registros geralmente são parcos demais em dados. Servem apenas de roteiro da pesquisa. No caso das cartas, geralmente não indicam mais que o remetente e o destinatário, o lugar donde e para onde e a data. É um grande caminho andado, se o arquivo está bem organizado. Mas sempre é preciso ir a êle ou pedir uma cópia...

Os catálogos-resumos, se bem feitos, apresentam geralmente pessoas, lugares, datas e assuntos, ainda que sumàriamente. Mas para não se extenderem desmedidamente no volume devem omitir a maior parte das circunstâncias concretas, que não raro são mina riquíssima para um historiador que sabe ler entre linhas. Sobretudo se seus trabalhos versam pontos de vista diferentes dos do autor do documento ou mesmo do autor do catálogo. Recordamos quantas vêzes se diz na Coleção de Ângelis: Ánua do Povo tal, ano tal. Meia linha apenas. Esperamos uma sêca estatística da evolução religiosa e quando vamos ver o documento original, nos encontramos não raro com as mais preciosas cartas autógrafas ou então textos inesperadamente recheiados de dados aproveitáveis para etnografia, geografia, sociologia, biografia, etc.

É excusado inculcar por um lado a grande importância de qualquer catálogo, por mais breve e resumido que seja. Mas também devemos assinalar a sua total insuficiência para o pesquisador que não pode ir aos arquivos originais ou não tem meios para mandar vir cópias.

Imensamente mais úteis são os extratos de documentos, para cujo exemplo citamos Pastells-Mateos, que por si ou por seus auxiliares extrataram mais ou menos todos os documentos de certas secções do antigo Consejo de Indias relativos à Companhia de Jesus. São oito enormes volumes, e o oitavo ainda dividido em duas partes. É um imenso repositório, em que os documentos se acham com tal extensão que sôbre êles qualquer historiador pode trabalhar.

Porém, mesmo os extratos têm seus males e sôbre os da Coleção Pastells-Mateos, fala o próprio padre Francisco Mateos, continuador do velho Pastells. É instrutivo o que diz êste historiados no Prólogo ao VI volume da Historia

de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, Madrid, 1946, VI, pg. LI e ss.

Menciona que a publicação "resulta a todas luces incompleta" (pg. LI), porque "los originales de los tomos impresos que hemos consultado, demuestran que solamente están incluidos los documentos archivados en Sevilla en la Sección nombrada Audiencia de Charcas" — Por conseguinte a Coleção não contém os documentos de outras secções, como se deveria esperar dos títulos que traz na portada.

Depois passa a criticar as falhas de qualquer sistema de publicar por extratos.

"La dificultad aumentaba atendiendo a la misma naturaleza de los documentos extractados, precisamente por el hecho de ser documentos extractados y no originales. Facil es de ver cuan poco valor tiene de suyo un extracto por no poder estar isento de los elementos subjetivos del extractador, que inconcientemente se fija más en lo que a él le llama la atención y deja pasar otros elementos no menos históricos y aun de más valor; el documento histórico hay que darlo íntegro. Además que quién es el extractador? Si todos los extractos fueran obra del Padre Pastells, tendrían por lo menos esta autoridad; pero como antes lo hemos dicho, creemos que la mayoría no son obra suya, sino de escribientes asalariados, de que ni los nombres nos son conocidos. Varios de estos extractos los hemos comparado con los originales, y hemos podido comprobar que el extractor redujo su labor a cambiar el giro de la frase o en poner en tercera persona lo que el autor pone en primera, quitando algunas cláusulas del principio y fin; en una palabra a estropear el documento. Compárese por ejemplo la hermosa carta del obispo del Paraguay, Fray José de Palos, de 8 de febrero de 1738, que es como que su testamento y expresa su sentir ya próximo de la muerte, sobre las alteraciones comuneras del Paraguay, con la versión que nos dá el extracto (36); el primer impulso que se siente es arrojar lejos la historia. Y no es esto todo; como antes hemos anotado los extractos no estan cotejados, por lo que los errores de copia y de lectura, sobretodo de nombres própios e geográficos abundan, cuando no son saltos de lineas que oscurecen y hacen ininteligible el sentido". (o. c. pg. LI).

Com estas palavras de Mateos, certamente não se quer negar o que não se pode negar, que são as grandes vantagens que também tem lá os seus extratos. Pois, apesar de "estar firmemente resuelto a no abusar de la tolerancia del público estudioso, sirviéndole una colección de documentos tan defectuosa" (pg. LII), deixou-se levar contudo pela "indiscutible autoridad del venerado maestro Constantino Bayle, a dar cima a la empresa. Pois los tomos de la Historia del Paraguay del Padre Pastells tenían su valor y extraordinario". "Los errores de copia o de concepto en los extractos no impiden dos ventajas de valor inapreciable... tener una como guía mui desarrollada y segura de la notabilíssima sección del Archivo... para poder ulteriormente investigar más despacio los puntos que se deseen y sacar una idea bastante exacta de las materias históricas más importantes".

Temos, pois, neste exemplo clássico de Pastells-Mateos, tanto as vantagens como as desvantagens dos extratos. A desvantagem é a possibilidade de "estropear" os documentos. As vantagens são as de ter uma idéia bastante exata de tôda a matéria histórica que se encontra em determinado documento, ao qual se pode depois recorrer para tê-los na íntegra e na forma manuscrita original.

Em resumo, diremos pois, que só em raros casos a feitura de extratos pode merecer plena confiança, sobretudo no sentido de não alterar o espírito do documento que se manifesta no colorido das palavras e muitos outros "imponderáveis", de que um bronco extrator assalariado nem se dá conta. São tantos os metais e minérios diferentes na mesma ganga histórica, que um só homem dificilmente poderá ter presentes todos os problemas, que tal-

vez se resolvam por uma palavra inteiramente secundária ao sentido principal a que atendia tanto o autor do documento como o seu extratador. E por não os ter presentes lhe escapam à atenção. Além disso, o extratador raramente terá a plena compreensão do espírito que animava os autores dos documentos, sobretudo se é extranho ao seu ambiente, e pior, se é inimigo de sua ideologia. E como o espírito é a única chave da interpretação, fatalmente se hão-de falsificar os extratos, omitindo coisas importantes escondidas em frases secundárias ou de pouco ou nenhum interêsse para o extratador e por não ter, em consequência, lembrança ou sequer notícia do problema. Outras vêzes pecará por omissão, resumindo com exegese falsa o texto original, porque encarado atravez do prisma deformante de seu sectarismo ideológico. Porá sentidos que as palavras não têm nem pela sua natureza nem pela intenção do autor.

Ponhamos algum exemplo. Blas Garay escreveu em 1897 o prólogo para a versão castelhana da História da Província do Paraguai do Padre Nicolau del Techo (Madrid, 1897). Nas 194 páginas do prólogo escreve à sua maneira a história da Província Jesuítica do Paraguai, extraindo e resumindo documentos originais, não conforme ao sentido e à intenção de seus autores, mas conforme às idéias jusuitófobas, que devem ter dominado no ambiente literário de Blas Garay. Há mais de quatrocentos anos se pratica e se praticou diàriamente na Companhia, que, quando os Superiores percebem, que há um ou outro caso de abuso numa comunidade, ou mesmo se prevêm que o possa haver no futuro, por causa da geral fraqueza humana, então deixam uma proibição severa ou uma prescrição igualmente severa para exterminar os males de raiz. Blas Garay, porém, duma prescrição ou proibição deixada pelos provinciais em suas visitas oficiais, deduz que já houve tal abuso geral e universalmente praticado antes da proibição e quiçá depois dela. Por que? Porque para Blas Garay a Companhia forçosamente tinha que ter sido o que os políticos de Carlos III lhe assoalharam. Por isso vê sentidos nos documentos, que não se encontram neles e corajosamente os põe em sua história-extrato da Companhia de Jesus no Paragui.

Outro exemplo, que esparsamente ocorre em documentos publicados no Brasil, se refere às cartas dos jesuítas paraguaios. Nessas cartas talvez ocorra centenas de vêzes o apêlo à "hispanidade" das terras que atualmente formam o Rio Grande do Sul. É evidente também que nestas cartas se encontra outras tantas vêzes a oposição dos padres à sanha preadora dos bandeirantes paulistas, alegando para isto os direitos de Espanha a essas terras. Reunindo todos êstes textos e colorindo-os devidamente com a tese preconcebida de que a Companhia como tal estava sempre contra a expansão portuguêsa na América, será fácil demonstrar aos ignorantes de que a tese está baseada em textos e fatos. Assentada a tese também será fácil extratar os documentos neste mesmo sentido, realçando uma coisa e omitindo outra.

Mas tudo isto corresponde apenas à fobia antijesuítica de certos ambientes, e não à verdade histórica. A realidade dos fatos é outra. Os jesuítas de ambos os lados, em questão de expansão territorial de suas terras, davam preferência à sua pátria de origem, como atesta a razão e abona a história (Cf. Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil, VI, 551. Rio, 1945). Mas a sua missão não era a expansão territorial, embora esta muitas vêzes fôsse consequência da sua missão espiritual e civilizadora. Entretanto, é um fato inconteste, que para mover a pesada burocracia governamental a cumprir os seus deveres, a apoiar, como era seu dever, a missão espiritual e civilizadora dos missionários, fazia-se de mister invocar contìnuamente razões patrióticas. Embora pois os jesuítas espanhóis pudessem em questões de expansão favorecer a sua pátria como os portugueses a sua, contudo não era êste o sentido de sua frequente invocação da hispanidade das terras do sul. O motivo era que outras razões pouca mossa faziam na morosa burocracia, a fim de levá-la a proteger os índios reduzidos e cristianizados contra a investi-

da dos bandeirantes, investida, que o mais acérrimo defensor dêles atribui a puras razões econômicas em se tratando das bandeiras do sul do Brasil. (Cf. Ellis Junior. Resumo da Hist. de S. Paulo em muitos lugares). Que sentido diferente não têm, pois, os mesmos documentos quando examinados pelos olhos fanátizados de gregos e troianos, isto é por espanhóis e portugueses ou pelos olhos serenos da verdade!

Destas considerações se vê que nenhuma outra classe de "documentos" deve contentar o historiador que se presa, a não ser a dos documentos originais e integrais, e se possível na própria grafia manuscrita original. "El documento hay que darlo íntegro!" (Francisco Mateos, citado mais acima).

Passemos às cópias. A única maneira de se achar o documento íntegro nas mãos do historiador, é por cópia manual, cópia datilográfica, cópia impressa, cópia fotográfica do mesmo tamanho ou cópia microfotográfica a ser lida em microleitor provisório ou pròpriamente dito. Tôdas estas maneiras, porém, têm suas dificuldades, tratando-se de grandes quantidades de documentos, como sempre é o caso quando falamos de pesquisa *pública*. Parte pelas despesas descomunais, parte pela falta de confiança que merecem. Tomemos as cópias manuscritas ou datilográficas. Cremos que nenhum copista copiaria uma página de difícil escrita antiga por menos de quinze ou vinte cruzeiros, tanto mais que tem que deslocar-se para a biblioteca e sujeitar-se ao regulamento burocrático dela. As 230.000 páginas que trouxemos da Europa levariam vários anos a copiar e custariam certamente cêrca de 2.000 contos. E a confiança que merecem tais cópias, podemos ajuizá-lo do que nos revela. J. H. Rodrigues a respeito de cópias mandadas pelo próprio João Francisco Lisboa ao velho Varnhagen. (A Pesquisa Histórica no Brasil, Rio, 1952, pg. 78).

"Lembrava-lhe a necessidade de cópias limpas, de textos corretos, de crítica enfim". — "Tirá-las com correção, castigar os manuscritos pela maior parte incorretos e estùpidamente copiados, como os tenho por aqui encontrado... Pelo que tenho-me limitado a escolher as peças e manuscritos que julgo mais interessantes e fazê-los copiar tais e quais com todos os seus erros e irregularidades. A correção fique para quem no Brasil quiser usar dêles, ou para extratos ou para dá-los à estampa. É trabalho longo e minucioso que só de espaço se poderá ir fazendo".

"Por aí se vê" conclui Rodrigues, "que o próprio João Francisco Lisboa não jura pela correção e integridade de suas cópias enviadas ao Instituto Histórico e que são um orgulho de seu acervo documental. E mais. Revela desconhecer o que seja crítica de textos, pois imagina ser possível corrigi-las no Brasil, sem o original à vista. Como era trabalho longo, êle não respondia pela fidedignidade do texto. Sabemos todos os defeitos dos antigos processos de reprodução, mas custa-nos crer que um investigador oficial, remunerado para investigar e copiar documentos na Europa, pudes-

se oferecê-los e enviá-los sem uma revisão de texto, que limpasse a cópia de seus vícios concientes e inconcientes e estudasse no original os antigos erros involuntários..... Mas quando se declara abertamente ser impossível responder pela correção do texto, que valem êstes papéis que jazem no Instituto Histórico?"

E nós perguntamos: se tal acontece entre os vultos máximos da nossa historiografia passada, que tal será quanto a outras cópias que recheiam as gavetas de Institutos de menos responsabilidade oficial e pessoal? Não estará na hora de abandonar duma vez por tôdas as cópias à la antiga e passar em tôda a linha à microfotografia em grande escala, que com despesas materiais, ridìculamente pequenas, a empregar nas próprias reproduções dos documentos, nos poria em Pôrto Alegre um acervo gigantesco de absoluta confiança?!

Com muita razão fala Rodrigues dos vícios conscientes e inconscientes das cópias à la antiga. A maioria são inconscientes e devidas às leis fatais da psicologia do escrevente. Existem mesmo codificações científicas dos erros dos copistas e investigação de suas causas psicológicas, com o que se facilita muitíssimo a crítica dos textos antigos, talvez milenares, para chegar a reconstruir com certeza científica o seu texto original. As classes principais são as da falsa separação dos elementos, da transposição, da interpolação, da omissão e da substituição de uns elementos por outros. E tudo isto processando-se mui naturalmente segundo os hábitos inconscientes do escrevente, como sejam a lei do mais habitual, que faz substituir torneios menos usuais pelos que são mais usuais ao escrevente; a lei da inibição, que, de dois elementos semelhantes próximos, barra um, por ter já saído seu companheiro, deixando a impressão de estar tudo acabado; a lei da perseverança, que polariza a atenção para um elemento mais chamativo, que então fica perseverando na memória, eclipsando o outro menos brilhante; a lei da abreviação que faz correr o copista para o fim da frase com perigo de obliterar elementos menos importantes que antecedem o final da frase.

Não nos interessa entrar em pormenores a respeito de classes de erros e suas explicações psicológicas. O que importa é constatar que os erros foram, são, e serão inevitáveis! E que portanto importa deixar de lado tôdas as cópias à la antiga e ater-nos ùnicamente às cópias facsimilares, mecânicas, nas quais não pode haver êrro algum.

Nas cópias impressas certamente se deposita muito mais confiança, porque o imenso capital que se precisa inverter para executá-las, alerta os responsáveis, que não querem vender a edição como papel velho. Mas mesmo assim, escapam erros de leitura. Em todo o caso só raríssimas vêzes seria esta a solução por causa

da despesa gigantesca, que seria necessário fazer para pôr centenas de milhares e mesmo milhões de páginas na mão dos historiadores por meio da imprensa.

Restam as cópias fotográficas do mesmo tamanho, por via fotostática ou por ampliação de microfilmes. Certamente é de absoluta confiança, por ser reprodução mecânica, e certamente ainda seria mais econômica do que a cópia à mão ou datilográfica, que talvez cheguem a custar o dobro ou pelo menos um têrço a mais, além de não merecerem confiança, como se viu acima. Entretanto, onde há recursos suficientes vale a pena fazer as ampliações fotográficas dos documentos mais importantes e de mais consulta num Instituto, e assim o temos visto praticado pelos cientistas de Pernambuco e Paraná, que em nosso tempo trabalhavam em Lisboa. Mas estas cópias fotográficas sempre ainda serão vinte ou trinta vêzes mais dispendiosas que as cópias microfotográficas.

Portanto, para os círculos culturais do Brasil que sempre lutam com falta de recursos dever-se-á aconselhar o uso generalizado da microfilmoteca Histórica, como a usa o Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História, porque esta leva as fontes mais incontaminadas da informação histórica, quase às portas de sua casa e com custo relativamente pequeno, tornando-se por isso merecedor do apoio moral e efetivo de quem de direito.

*A quinta vantagem da microfilmagem é, pois, a extraordinária redução das despesas.* Os gastos materiais, depois de adquirida a aparelhagem para a microfilmagem e microleitura, são relativamente pequenos, sobretudo se o pesquisador opera pessoalmente. A cópia de uma página, ou sendo estas pequenas e de letras bem legíveis, de duas páginas, chegará, se muito, a vinte ou trinta centavos: digamos um cruzeiro, três ou então seis páginas. Em qualquer outra maneira de copiar, ficará a página por quinze ou vinte cruzeiros ou seja uma página, em vez de trinta a trinta e cinco páginas. E' claro que para um cálculo equitativo deve entrar em linha de conta também a aquisição dos aparelhos, das viagens de ida e volta, da diária da estadia num hotel ou numa pensão familiar, o transporte diário até o arquivo, despesas de documentação, o salário que pròpriamente competiria ao pesquisador. No cálculo acima fizemos entrar exclusivamente a despesa com o próprio documento copiado fotogràficamente pelo próprio pesquisador. Se mandasse fazer a fotografia por outro pagaria de oito a dez vêzes mais. Encontramos bibliotecas em que a cópia feita pessoalmente sai a duas liras mais ou menos e feita pelo gabinete da Biblioteca sai a 22 liras. Em Portugal, a diferença geral era de dois para oito ou para dez.

Em conclusão podemos dizer que as 250.000 páginas do nosso Fundo Documental em cópias manuais ou datilográficas teriam custado alguns milhares de contos; em cópias fotográficas do mesmo tamanho também vários milhões; em cópias microfotográficas feitas pelas bibliotecas várias centenas de contos; em microfotos feitas por nós mesmos não chega a uma centena de contos.

Donde se vê claramente que Pôrto Alegre poderia ter uma filmoteca de milhões de páginas manuscritas de história com despesa relativamente pequena, se se fizesse um plano de conjunto para o Estado e se dessem os meios necessários para executá-lo.

*A sexta vantagem, grandíssima também, seria uma extraordinária redu*ção do espaço requerido para conservar todo êsse enorme acervo de documentos.

Para se ajuizar sôbre êste ponto basta considerar que uma lata redonda das que se usam para transportar 300 metros de filme de 35 mm, tem ordinariàmente 4 centímetros de altura e 25 de diâmetro. Neste pequeníssimo espaço estão pois trezentos metros de filme. Deduzidas as perdas que se tem na carga e descarga da Leica comum de 160 cms. de filme, teremos 25 tomadas para cada metro. Portanto 25 páginas, ou 50 páginas, se a letra é nítida e não demasiadamente pequena ou apagada. Daí segue que esta lata pequena conterá mais de 7.000 páginas ou mais de 14.000 no caso de duas páginas cada vez. E' claro que êsses 300 metros, para serem manejados rápida e fàcilmente no microleitor, não podem ficar tão estreitamente acondicionadas. Mas mesmo em condições mais folgadas ocupa pouco espaço. O nosso sistema que elaboramos, e que mais adiante descreveremos pormenorizadamente, ainda que provido de múltiplos sistemas de segurança contra agentes deletérios, contudo permite uma surpreendente rapidez e segurança no manejo dos filmes para a consulta. E neste sistema, que atende a tantas condições diversas, êstes trezentos metros não ocupam muito mais que meia lata de querosene (ou digamos 22x22x25 cms.). Estes recipientes metálicos, que são a última unidade superior no acondicionamento, fàcilmente poderiam ser guardados em câmaras fortes de cimento armado. De modo que, por exemplo em 71.000 latas de 25x25x35 cms. caberia (e ficaria manuseavel!) uma biblioteca de um 1.000.000 de livros de 500 páginas cada um ou seja um total de 500.000.000 de páginas. Poucas, por grandes que sejam, são as bibliotecas do mundo que se podem gloriar de mais de um milhão de exemplares e ainda menos exemplares de 500 páginas cada um. Literalmente, é verdade que se pode levar uma pequena biblioteca no bôlso do paletó.

E' claro que a microfilmoteca supõe microleitores suficientemente fortes e cômodos. Certo que êstes também custam dinheiro. Mas veremos mais adiante, ao falarmos dos microleitores, que o problema é muito menos grave do que parece. Sabemos também que a microleitura não é tão agradável aos olhos como a leitura em fôlha comum ou em cópia fotostática do mesmo tamanho. Mas estas pequenas desvantagens são largamente compensadas pela vantagens que acima apontamos. Sempre é melhor trabalhar com um meio um pouco menos cômodo do que ter que deixar de lado todo e qualquer trabalho por falta de meios. Também é evidente que a filmoteca, e mais ainda a microfilmoteca, exige fichário mais abundante e mais exato do que uma biblioteca comum, porque os textos todos são microscópicos (redução ordinária de 10 a 15 vêzes do tamanho natural do documento). A título de informação acrescentamos aqui que para o Fundo Documental do Instituto Anchietano de Pesquisas, fizemos cêrca de cem mil fichas com antecedência à microfilmagem em Roma, e que êste instrumento de trabalho está em vias de acabamento quanto à ordenação e acondicionamento conveniente.

As seis grandes vantagens do sistema microfotográfico na pesquisa histórica moderna deviam alertar a quem de direito para uma grande possibilidade de cultura com pouca despesa, a qual ainda jaz inexplorada nas terras do Rio Grande do Sul.

## CAPÍTULO TERCEIRO

### *Os Métodos de Confecção e Manuseio do Fundo Documental*

Sendo a microfilmagem histórica de tanta importância para a pesquisa moderna, e havendo sempre quem esteja junto das fontes e tenha aparelhos e vontade de ser útil a seus concidadãos, pe-

dimos vênia para apresentar algumas experiências práticas, que possam ser de proveito para quem começa... Tenha-se porém, presente que sempre se trata de trabalhos com parcos meios à disposição. Não temos em vista outras circunstâncias, em que se disponha de muitos meios e tempo para o trabalho. Falamos apenas para quem tenha que haver-se com semelhante parcimônia de tempo e meios como nós em nossa estadia na Europa, e que tenha em vista, não uma publicidade espalhafatosa, mas uma messe eficiente e proveitosa para todos.

Vão, pois, em primeiro lugar, algumas questões preliminares. Em segundo lugar, os instrumentos da microfilmagem. Em terceiro, a preparação dos fundos documentais a serem fotografados e a execução dêste trabalho. Em quarto, o acondicionamento e manuseio fácil da filmoteca. Em quinto e último lugar, a microleitura e seus problemas.

## *QUESTÕES PRELIMINARES.*

***Primeira questão preliminar:*** *convém filmar pessoalmente* ou deixar êste trabalho para outros?

É inépcia declarar, que quem não fotografa pessoalmente, não precisa de aparelhos fotográficos especializados. E perguntando se vale a pena fotografar pessoalmente, devemos dizer que tudo depende das circunstâncias especiais de cada caso em particular. Um pesquisador desprovido de meios deve mirar acima de tudo, qual seja a resultante mais favorável entre rendimento e despesa. Quem quer apenas umas poucas dezenas, centenas ou mesmo poucos milhares de cópias, e não está provido de instrumentos e prática, certamente ganhará tempo e dinheiro, em mandando fazer tudo pelas instalações da respectiva biblioteca ou por algum fotógrafo chamado de fora. Mas é preciso saber que inúmeras bibliotecas não dispõem de instalações fotográficas próprias, também na Europa. Assim, quanto sabemos, em Portugal só as Bibliotecas do Arquivo Histórico Ultramarino e a Biblioteca Nacional de Lisboa dispõem de tais instalações. E em Portugal existem várias dezenas de outros arquivos e bibliotecas valiosíssimas para a documentação brasileira. (Cf. J. H. Rodrigues, o. c. pg. 258 e 259, onde enumera cêrca de trinta). Para todos êstes depósitos o pesquisador terá que levar aparelhagem ou haver-se com os caprichos, horários, tardanças dum fotógrafo de fora talvez ainda mal aparelhado, o qual em todo o caso lhe cobrará dez vêzes mais, sem com isto ao menos ganhar-se muito tempo como abaixo veremos. Em Roma, numa biblioteca, cobravam 22 liras por fotocópia, quando em trabalho pessoal mal chegava a duas liras de despesa. Em Lisboa, se cobravam no Ultramarino oitenta centavos, e na Biblioteca Nacional, um escudo por fotocópia, sendo que a despesa com trabalho pessoal estava ao redor de vinte centavos. Em todos os casos com 600 a 1000 fotos por dia dá um saldo de cêrca de um conto e mais, diàriamente, em favor do trabalho pessoal.

Dissemos que nem sempre se ganha tempo em mandar fotografar. É que se deve passar muito tempo em controlar o trabalho do fotógrafo. Em fazendo o trabalho pessoalmente, — e esta é a terceira razão em favor do trabalho pessoal — sabe-se sempre o que esteve debaixo da objetiva e não se precisa controlar nada, a não ser se falhar a revelação. Mas o fotografo profissional, lògicamente, só tem seu interêsse principal em aumentar o número de cópias por dia e o consequente rendimento em dinheiro. Quererá trabalhar bem, mas se o pesquisador não fiscaliza pessoalmente o trabalho,

pode estar sujeito a surpresas bem desagradáveis, quando chegar à casa com sua preciosa carga. Lembramo-nos dum investigador brasileiro que esteve em Lisboa em 1951 e 1952, do qual disseram os funcionários de diversos arquivos que nunca um brasileiro trabalhara tão sèriamente como êle. Mas também disseram que, enquanto, êle incansàvelmente percorria maços e maços de papéis, sua abnegada espôsa percorria filmes e mais filmes feitos por um fotógrafo para seu espôso, a ver se de fato fotografara o que era para fotografar. E não se vá pensar logo em desleixo da parte do profissional.

Há casos em que aperecem simultâneamente duas ou três paginações diversas nas mesmas fôlhas, porque um não tinha contado as fôlhas em branco, o segundo contou e fêz nova paginação sem apagar a primeira, talvez necessária para as citações já feitas. Veio um terceiro e achou documentos que forçosamente se haviam de inserir entre as fôlhas de tal e qual códice. E lá vai uma terceira paginação. O fotógrafo profissional, como vai achar o caminho certo, entre tantas encruzilhadas?

Em outros arquivos teremos centenas de volumosos maços, em que os papéis apenas estão uns em cima de outros. O pesquisador como vai marcar os documentos que o fotógrafo talvez só pode fotografar depois de meses, e entretanto o maço vai ser revolvido por outras pessoas. Irá retirar os documentos de sua posição? Mas como então recolocá-los no seu lugar? Há-de marcar com algum sinal a lápis? Nunca os arquivistas podem permitir a mais pequena alteração nas peças! Vai pô-los logo debaixo da máquina do fotógrafo? Mas êste geralmente não está na sala de consulta, sobretudo se trabalhar com luz artificial. E se o fotógrafo errou alguma coisa, que trabalho para encontrar a falha e reencontrar a peça sôbre que errou! Agora, quem trabalha pessoalmente e está provido de aparelhamento razoável, assim que lhe aparece qualquer coisa digna de ser levada, põe-na debaixo da objetiva, dispara o disparador e nunca mais se incomoda com aquilo, porque sabe que está seguramente na sua coleção, a não ser o caso de falhar alguma coisa na revelação, o que com um pouco de prática é quase impossível.

Com uma pequena complementação, da pequena aparelhagem portátil, que vende a firma Leitz da Alemanha, se chegará em oito horas de trabalho contínuo a cêrca de mil fotos por dia. São mais ou menos quarenta metros de filme. O metro a dois escudos, são oitenta escudos ou cêrca de 120 cruzeiros de despesa material e um dia de trabalho. Êstes mil fotos numa biblioteca de Roma nos teriam custado 22.000 liras ou seja alguns milhares de cruzeiros. Em Portugal, seriam 800 a 1000 escudos ou cêrca de um conto e meio de cruzeiros. Esta economia, mais um sem número de aborrecimentos a menos, parecem indicar que é para considerar-se sèriamente o caso de trabalhar pessoalmente.

*Segunda questão preliminar: vale a pena revelar pessoalmente?* Pois sempre poderíamos fotografar pessoalmente entregando a revelação a um gabinete fotográfico profisisonal do lugar em que trabalhamos. Em todo o caso não convém sair do lugar sem ter revelado os seus filmes porque por uma causa ou outra, pode ter havido falhas, sanáveis enquanto se está no mesmo lugar. Mesmo um acidente na viagem que exponha os filmes impressionados poderia tornar inútil todo o trabalho passado, ao passo que filme revelado só precisa ser resguardado da umidade e lesão mecânica. A resposta ao quesito acima depende naturalmente das circunstâncias. Dispondo de alguma prática e sobretudo de uma boa instalação com câmara escura e água corrente em abundância, como nós a tínhamos na Câmara escura da Revista *Brotéria*, em Lisboa, então certamente podem fazer-se boas economias. Para revelar uma carga comum de Leica (160 cms. de filme) pediam em Lisboa cinco escudos, que hoje serão de 7-8 cruzeiros. Ora, com uma despesa material de dez a doze cruzeiros, e um dia de trabalho no Gabinete fotográfico da Brotéria, nós revelávamos geralmente cem cargas por dia no fim da semana. Quer dizer que êsse dia de trabalho dava uma economia de 500 escudos ou

seja 700 a 800 cruzeiros. — Além dessa economia, considerável para quem dispõe de poucos meios, há a considerar ainda a possibilidade de corrigir eventuais falhas de exposição, por uma revelação mais ou menos profunda, trabalho a que nunca se vai dar um revelador profissional. Êste dará a culpa ao pesquisador, o qual, se não estiver contente, terá o prazer de procurar penosamente o documento e fotografá-lo de novo.

## *ESCOLHA DE APARELHOS.*

Discutida a questão do trabalho pessoal na tomada e elaboração química das películas impressionadas, examinemos os aparelhos e acessórios que convém arranjar. Antes de tudo, não iludir-se com a propaganda das fábricas, que às vêzes não consideram tôdas as *circunstâncias* que encontra o pesquisador fotógrafo.

Focalizamos aqui o caso tão frequente do pesquisador de recursos modestos. Não dispõe de automóvel, nem de dinheiro para um táxi várias vêzes ao dia, e portanto tem que levar sua aparelhagem na condução coletiva, e no arquivo geralmente terá que trabalhar ao lado de outros consulentes, aos quais não pode estorvar nem visual nem auditivamente. Tem suas horas mui contadas e portanto deve levar para casa, cada dia, o máximo possível de material fotografado. Portanto, deve ter instrumentos fàcilmente portáteis, fàcilmente montáveis e desmontáveis, muito eficientes, rápidos e seguros, e contudo assim que não incomodem os outros consulentes, com estalidos de descarga, com pisca-pisca de luzes que acendem e apagam. Isso tudo implica numa infinidade de pequenos detalhes, que podem ser insignificantes para uma ou outra vez, mas que se tornam decisivos quando milhares de vêzes repetidos cada dia. Centenas de milhares de vêzes tirados durante semanas e meses perfazem somas enormes de tempo, dinheiro e cansaço acumulado ou evitado...

Em nossas múltiplas andanças pela velha Europa vimos veneráveis membros de Institutos Históricos Internacionais, trabalhando com religiosa paciência segundo métodos velhos, obsoletos de todo, em posições difíceis e cansativas, e com escassíssimos rendimentos diários, métodos que com um pouco menos de desdém para o que "sabem êstes macacos do Novo Mundo" poderiam render oito ou dez vêzes mais, economizando fôrças, dinheiro e tempo.

Por outro lado, vimos também em uso aparelhos americanos que em 24 horas de trabalho diário poderiam, em teoria, chegar a 20.000 tomadas ou seja 40.000 páginas diárias. Dizemos em teoria, porque não ficariam mais que três ou quatro segundos para as manipulações necessárias a cada tomada: virar a página, assegurá-la para que não se vire durante a exposição, regular a luz, se o papel fôr mais ou menos escuro que o precedente, o que frequentemente acontece em papéis velhos, apertar um botão que se tem na mão, e além disso focalizar novamente de tempo a tempo. Êsses aparelhos dos quais vimos quatro em atividade na Biblioteca Vaticana por encargo duma Universidade Católica Norte-americana, são desmontáveis e cabem perfeitamente numa ordinária mala de viagem aérea. Custam centenas de contos, requerem táxi, e parece também várias pessoas para montar e desmontar. São excelentes para grandes empresas, sobretudo se acompanhadas de uma reveladora que automàticamente revela 100.000 fotos por dia, da qual também estava provida a mencionada comissão da Universidade americana. Cremos que só trabalha com luz artificial, e assim em muitos casos teria sua dificuldade. Para os casos comuns certamente é preferível um aparelhamento mais modesto, que permita a movimentação rápida e fácil dos que não têm quase mais recursos que a sua obstinada boa vontade de realizar alguma coisa...

Premidos pois pela dura necessidade, nos vimos forçados a idear um sistema que ficasse entre o de menos de rendimento e o demais da despesa,

reunindo uma boa média resultante entre despesas de aquisição, eficiência no trabalho, facilidade de transporte, rapidez na montagem e desmontagem. Adapta-se de modo especial ao caso de ter que fotografar não duas páginas de cada vez, mas uma só, caso em que o objeto fàcilmente sai do campo de vista da objetiva ou do alcance do foco que foi armado. Não podemos fazer uma descrição exaustiva desta complementação que acrescentamos aos aparelhos essenciais e acessórios que compramos da fábrica Leitz da Alemanha, mas tentaremos indicá-la pelo menos sumàriamente.

Consiste primeiramente duma caixa de madeira, de proporções tão exíguas, que fàcilmente se transporta em qualquer condução coletiva sem incomodar os passageiros. Nesta caixa, internamente subdividida, vão acomodados e seguramente transportados todos os aparelhos necessários, que se levam ao lugar de trabalho. Possui uma tampa que se move horizontalmente em guias metálicas. Por cima desta tampa se arma em pouco tempo uma solidíssima ponte de trabalho, em que se erguerá todo o complicado conjunto de peças essenciais e acessórias, que exige o trabalho eficiente. Dizemos solidíssima, porque nada é mais irritante do que o perigoso balançar da objetiva, quando se tem pressa e não há tempo para esperar que se aquiete. Sôbre a ponte, a coluna metálica, o porta-aparelho, móvel em todos os sentidos, em sua extremidade os aparelhos fotográficos com todos os acessórios que fornece a fábrica. A ponte deve ainda suportar os castiçais, que, sendo a luz de tubos, podem ser de pêso considerável; além disso, ponteiros para os fins que se dirão mais abaixo. A tampa móvel deve ter ainda uma tela quadriculada, duas asas alargadoras brancas, vários prensa-fôlhas automáticos, que "viajam" com a tampa, sendo ao mesmo tempo fàcilmente desmontáveis, etc., etc.. Em fim, temos um conjunto que, armado, forma uma peça inteiriça, transportável duma mesa para outra, ocupando um volume de 50 por 50 por 100 cms. Desarmado e pôsto na sua caixa de transporte não ocupa mais que 12 por 32 por 50 cms. admissível, pois em qualquer condução coletiva. A armação e desarmação é questão de minutos. Trabalha com qualquer tipo de luz natural ou artificial. Adaptando-lhe, como tencionamos adaptar, uma câmara de 30 ou 50 metros de filme e um sistema de carga e descarga semi-automática e à distância, julgamos que, apesar da pequenez, pode chegar a vários milhares de fotos por dia de oito horas de trabalho, com o que se duplicariam as economias acima mencionadas.

Portanto, na aquisição dos aparelhos devem-se ter em conta não as propagandas das firmas, mas as mil e umas circunstâncias concretas que se vão encontrar durante o trabalho, e das quais só pode ajuizar quem longamente esteve nelas.

## *PREPARAÇÃO IMEDIATA DO TRABALHO NAS COLEÇÕES.*

Resolvido o problema do trabalho pessoal e escolhidos os instrumentos, resta preparar devidamente o trabalho antes de começar.

Tôdas as etapas devem ser minuciosamente previstas e concatenadas, desde a ficha da requisição dos documentos até a manobra de mais tarde achar fácil e ràpidamente uma determinada página entre centenas de milhares de outras. Às vêzes é fácil, às vêzes há dezenas de etapas diferentes a vencer pacientemente, sob pena de ser impossível encontrar um documento na vasta filmoteca. Por isto tudo deve ser planejado com a máxima exatidão e executado com a mais inexorável regularidade. É claro que quem

tem apenas umas poucas dezenas de microfilmes a enquadrar, nunca se dará conta do que é procurar um documento entre centenas de milhares de outros que externamente são todos iguais por serem todos microscópicos, diferençáveis apenas quando postas no microleitor. Requer-se, pois, um catálogo minucioso do que vai ser filmado. Em todo o caso, deve ser feito para se poder manipular a microfilmoteca. Exporemos agora algumas experiências para proveito dos que se abalançarem a tais trabalhos. Mencionaremos as condições encontradas no Arquivo Central da Companhia em Roma, da Biblioteca Municipal de Évora, da Biblioteca Real da Ajuda em Lisboa, do Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo, do Arquivo Histórico Ultramarino, que são os Fundos documentais que mais longamente nos ocuparam, em nossa primeira etapa na Europa.

No Arquivo Central da Companhia em Roma (sigla **ARSJ**), há catálogos parciais, sobretudo das secções que já foram trabalhadas. Em todo o caso os documentos, cartas, relatórios, catálogos, etc. estão perfeitamente ordenados, encadernados e uniformemente paginados. Desta maneira não era difícil, embora longo e fastidioso, fazer umas cem mil fichas para tudo que ia ser fotografado. Cada ficha contém a cota, ista é a secção, o códice, a página ou, geralmente, o fólio em que começa o documento. Uma lista feita à parte durante a filmagem, contém o número do filme em uma coluna e na outra o primeiro e último fólio contido em tal número de filme. Com isto o caminho da consulta na posterior filmoteca fica perfeitamente traçado: Ir-se-á primeiro à ficha que dará a cota; depois à lista que dará o número do filme; depois com o filme ao microleitor que nos dará ràpidamente o documento em sua grafia manuscrita original. Assim as estapas tôdas são perfeitamente claras.

Na Biblioteca Municipal de Évora existem vários catálogos, um dos documentos sul-americanos localizados até a data da impressão do catálogo. As etapas têm que ser pois as seguintes: primeiro escolher no catálogo o que deseja levar; depois fotografar o catálogo pelo menos na parte que interessa, para poder ampliá-la fotogràficamente, a fim de se poder consultar à vista desarmada; depois fotografar os documentos e marcar em lista à parte as duas colunas dos números dos filmes e das cotas, página tal a página tal, que cabem neste número de filme.

Na Ajuda em Lisboa existe também um catálogo impresso dos documentos sul-americanos, que na imensa maioria, porém, são brasileiros. Dois mil e tantos documentos espalhados em muitas centenas de códices e maços diferentes, cujas ementas foram feitas pelo incansável Carlos Alberto Ferreira e ordenados em sequência cronológica. Pareceu-nos irracional submeter os funcionários ao incômodo de milhares de idas e vindas, necessárias se quiséssemos

fotografar tudo na sequência cronológica. Decidimos reordenar o catálogo em ordem de cotas ascendentes, de modo que se fotografasse de uma só vez o que estivesse em cada códice ou maço. Mas isto supunha dezenas de milhares de algarismos romanos e arábicos escritos e manipulados, sem que fôsse permissível o menor cochilo, sob pena de perder de vista os documentos. Mencionamos estas dificuldades para desenganar os ingênuos que pensam que lhes bastará ir, ver e vencer e gastar o resto do tempo a passear a custo dos dinheiros públicos. Assim temos outra vez o caminho claro diante dos olhos: vai-se ao catálogo impresso, que dá a cota, a cota leva à lista das cotas ascendentes e à lista dos números dos filmes.

A Tôrre do Tombo não tem catálogos do que nos interessava, a não ser o incompletíssimo catálogo manuscrito do Cartório dos Jesuítas. Se houvesse tempo suficiente, dever-se-ia fazer primeiro um catálogo completo do que há de brasileiro nessa coleção. Mas a feitura dêste instrumento de trabalho levaria três ou quatro vêzes mais tempo do que estava à disposição para a Tôrre do Tombo. Resolvemos pois fotografar o que nos interessava e fazer o catálogo em tempos de lazer no Brasil.

No Arquivo Histórico Ultramarino não está catalogada quase nada dos 500.000 documentos brasileiros, que lá se encontram conforme J. H. Rodrigues (o. c. pg. 259) Em todo o caso nada das Capitanias fronteiriças que estavam mais no foco de nossa atenção. Lógico fôra fazer primeiro o catálogo e depois fotografar. Mas o nosso tempo era de poucos meses, quando êsse trabalho exigiria imenso esfôrço e talvez muitos meses a fio. Não restava pois outro expediente, senão fotografar, deixando a catalogação para o microleitor, e para o tempo e auxílio eventual que nos prestariam no Brasil os que se interessassem por êsses documentos.

Sabemos que há quem reprove este método. Mas a escolha era entre renunciar a levar coisa completa ou proceder como procedemos. Há quem preceitue que primeiro se deve verificar o que já se encontra em cópias enviadas ao Brasil, ou quiçá já publicado pela imprensa, ou depositado em cópia nos arquivos brasileiros, que registravam os documentos na entrada e na saída. Respondemos que antes de se efetuar a pesquisa em todos os arquivos do Brasil como manda J. H. Rodrigues, para ver o que já temos ou não temos, não é possível saber o que há e não há. Quanto, do que em teoria, devia estar se acha carcomido ou desaparecido de outra maneira. Se está em cópia manuscrita ou datilográfica, que confiança nos merecem tais cópias segundo acima já temos visto da parte de Varnhagen e João Francisco Lisboa?! Além disso, um arquivo microfotográfico para ser eficiente deve ter uma organização uniforme. Além disso, que vantagem haverá no extremo sul se em algu-

ma parte do Brasil existem cópias que pela distância são inatingíveis para nós? De qualquer maneira, 2.000 páginas microfilmadas nunca passavam de 150 cruzeiros em 1953, e certamente muito mais depressa e com menos despesa se tiravam novamente do que verificar penosamente o que já está ou não está no Brasil. Por êstes motivos tomamos a liberdade de sugerir ao planejador da Pesquisa Histórica no Brasil, que, independentemente de estar ou não estar já no Brasil, se faça microfotografia nova de tudo quanto se encontrar no Brasil e no estrangeiro, para garantir a unidade do sistema de filmoteca planejada, atendendo sobretudo à rapidez e facilidade da consulta futura... Mas não podemos deixar de inculcar que, havendo tempo e meios de mais longa permanência no estrangeiro, dever-se-ia fazer a catalogação antes da filmagem, por ser muitíssimo mais fácil à vista do original do que por meio do microleitor, e para se fazer logo a lista de concordância entre número de filme e cota. Entretanto, também é verdade que os documentos do Ultramarino não têm nem podem ter por enquanto cota alguma, visto não estar encerrada a colocação definitiva dos documentos.

## *FILMAGEM DOS DOCUMENTOS.*

Depois da preparação, a filmagem dos documentos. Seria inépcia querer aqui explicar o funcionamento dos aparelhos. Queremos apenas tocar alguns pontos práticos que se referem exclusivamente à filmagem de documentos em escala grande, e que ainda não tenham sido tocados com o devido cuidado. Sejam, pois, umas palavras sôbre o uso da luz natural ou artificial, sôbre a marcação dos filmes, sôbre as listas de números e cotas abrangidas, sôbre o problema de tomar uma ou duas páginas cada vez, sôbre o acondicionamento final dos filmes.

*Quanto à fonte de luz* usaremos luz natural ou artificial? Há vantagens e desvantagens em ambos os lados. A luz artificial é sempre igual e constante, permitindo um trabalho regular. A luz natural nem sempre se encontra em boas condições. Há salas que não têm luz natural difusa e forte, ou não a têm durante todo o dia. A luz do sol muda de intensidade durante o dia ou com a passagem de tempestades e dias chuvosos. No inverno europeu acaba cedo de tarde. Dêste modo requer-se atenção contínua a êste ponto. Mas em compensação o poder actínico da luz natural é muito mais forte do que o da luz artificial. Os "flashes" geralmente não são admissíveis por que estorvam os outros consulentes da mesma sala e além disso costumam ser caríssimos. O "flash" electrônico dizem que não suporta milhares de disparos diários com apenas alguns segundos de intervalo entre cada disparo. Ora a

luz ordinária do sol sempre será três ou quatro vêzes mais impressionante do que a luz dos tubos fluorescentes, que será a luz contínua mais forte que se pode ter. Portanto, a luz natural pode em alguns casos dar grande ecomonia de tempo por dia.

Além disso, pode haver outras dificuldades. Na Tôrre do Tombo não se admite nenhuma luz artificial, nem sequer na sala de leitura dos consulentes. Em outro arquivo só forneciam luz se o pesquisador instalasse contador especial à porta. Depois de mil e uma idas e vindas à Companhia Elétrica desistimos da luz artificial, porque naturalmente a Companhia não tem interêsse em instalar contador para tão pouco gasto de fôrça. Em Évora havia uma tomada diretamente debaixo da mesinha de cada consulente, uma grande vantagem, pois uns longos fios, embaraçando os passos dos consulentes, também não agradam a ninguém. Para estar em sala à parte a fotografar, o regulamento prescreve que se destaque um funcionário para vigiar, porque o latrocínio sempre é uma possibilidade com que contar. De tudo isto segue que é sumamente útil estar aparelhado para qualquer eventualidade com respeito à luz. Na luz artificial há a considerar também o volume que ocupam os castiçais no transporte quando se tem que ir a várias bibliotecas no mesmo dia para aproveitar a diferença de expediente, como por exemplo, em Lisboa, a Ajuda que trabalha mais de manhã, e o Ultramarino que trabalha mais de tarde e a distância é de uns cinco minutos de bonde e uma caminhada de sete a oito minutos.

*Na própria filmagem deve-se inculcar a marcação* macroscópica e indelével dos filmes. Numa chapa de papelão branco ou sôbre a primeira página do documento coloca-se o número que êste filme vai ter em tôda a filmoteca. Além disso, o nome do arquivo, e se houver lugar, ainda a secção e mesmo alguma data da secção. Tudo isso em letras ou algarismos de cêrca 5 por 5 cms. de superfície, escritos com tinta nanquim sôbre papel branco. Por exemplo: 4562 (número do filme), debaixo disso: A. H. U. (nome do arquivo: Arquivo Histórico Ultramarino), depois: Rio Gr. do Sul, 1740 — etc.

Para figurar os números, em que pelo menos o último algarismo muda em cada filme, convém ter para cada algarismo de um a quatro retângulos de papel que possam ser mudados, à medida que fôr necessário. Os outros dizeres, durante longo tempo ficarão os mesmos. Esta marcação, que depois da revelação será legível à vista desarmada, deve ocupar sempre a primeira tomada útil de cada pedaço de filme. Se muitas vêzes fôr esquecida esta marcação, haverá depois uma confusão quase insanável, como ensina a experiência.

*Durante a filmagem também não se deve esquecer nunca de marcar* na lista à parte o número dos filmes e as cotas que neste número entraram, a não ser que não haja cota, como acontece na maior parte da documentação brasileira do Ultramarino. Havendo cota, e fazendo a dita lista, será fácil encontrar um texto manuscrito entre dezenas de milhares de outros contidos em centenas de metros de filme. Digamos que se queira ver o texto manuscrito duma das dezenas de milhares de citações, que faz Serafim Leite na

sua monumental História da Companhia de Jesus no Brasil. A citação traz a cota, a lista me diz exatamente em que número de filme está contida aquela cota, tomamos o filme número tal, colocamo-lo no microleitor e teremos o texto manuscrito original da citação, ambientado em todos os seus contextos.

*Outra questão que se pode discutir é se tomamos uma ou duas páginas* de cada vez. Em princípio, evidentemente, é melhor tomar cada vez uma só página, porque quanto menor a diferença entre o tamanho natural do objeto e a redução microfotográfica, tanto mais fàcilmente reproduzirá todos os detalhes, tanto mais fácil será a leitura no microleitor, tanto melhores as ampliações, os clichês, que porventura se fizerem. Mas isto implica num gasto enorme de energia, tempo e dinheiro. Pois tomando duas de cada vez teremos que virar sòmente as páginas, engatilhar e disparar os aparelhos e ajustar de vez em quando a focalização. Para tomar uma de cada vez, teremos que deslocar, além disso, o documento depois de cada página, com perigo de sair fora do campo de vista e mesmo fora do foco, porque as fôlhas fàcilmente se arqueiam com o movimento... Tudo isto importa geralmente em dez ou doze vêzes mais tempo em cada tomada, ficando ainda assim sujeito a surpresas desagradáveis. Ou então, para andar mais seguro deixamos uma ampla margem de segurança no filme, perdendo desta maneira um têrço da sua superfície inùtilmente. Por isso ordinàriamente, em documentos do tamanhc de almaço, com letra medianamente grande e contrastada com o papel, é de preferir tomar duas páginas cada vez. Quando porém, a letra é pequena e apagada, ou a microfoto deve servir para clichês, ou o microleitor é deficiente, dever-se-á tomar uma página cada vez.

Para a eventualidade de ter que tomar muitas vêzes uma só página de cada vez lembramos a construção duma mesa de trabalho auxiliar, que acima descrevemos e que facilita extraordinàriamente o trabalho neste caso.

## *ACONDICIONAMENTO DOS FILMES*

*Quanto ao acondicionamento* devemos lembrar que antes de filmar deve estar decidida a forma de acondicionar a filmoteca, porque dela depende essencialmente a marcação da cada filme, como se verá logo a seguir, ao falarmos das diversas maneiras de acondicionar a filmoteca.

Primeiro convém mencionar brevemente as exigências *gerais* do acondicionamento que são as de qualquer negativo fotográfico. O ponto nevrálgico é a superfície gelatinosa que contém a camada sensível, que se deteriora com qualquer líquido, com a humidade ambiente, e se lesa mecânicamente com o roçamento de objetos mais duros do que ela, poeiras, areias, pontas de objetos. Suposto pois que se tenha feito bem o trabalho da revelação, fixação, lavagam e secamento dos filmes, resta acondicionar de tal maneira que se previnam todos os danos acima referidos e se propicie ao mesmo tempo uma rápida e segura manipulação nos microleitores para fins de consulta. Donde se vê que a maneira de acondicionar e daí a maneira de marcar, depende do funcionamento do microleitor que queremos adotar. Por último é de considerar também a segurança em caso de incêndios, o transporte rápi-

do em casos de perigos bélicos ou tumultos populares, a vedação que deve haver contra apropriação indébita. E tudo isto, por sua vez, sem grandes despesas, sem grandes espaços, e sem nenhuma dificuldade no rápido manejo em caso de consulta.

Para o acondicionamento *provisório* bastam naturalmente as próprias latas em que se compram os filmes, impermeabilizadas por meio da fita adhesiva, com que vêm munidas.

Para o acondicionamento *definitivo* devemos considerar primeiro os tipos de microleitores, porque dêles depende o comprimento a deixar aos pedaços de filme. O melhor sistema para a leitura seria a ampliação fotográfica em tamanho natural ou quase natural. Mas isso exigiria centenas e talvez milhares de contos numa grande filmoteca e em muitos casos não vale a pena fazer êsses gastos. Resta pois deixar os documentos em microfilme e decifrá-los em microleitor.

Entre microleitores podemos distinguir os *improvisados* e os *especializados*. Para ler um que outro documento basta o auxílio improvizado duma lupa que aumente cêrca de dez vêzes. Outros usam a lupa binocular estereoscópica, que certamente oferece as imagens mais nítidas, mas não permite tomar apontamentos com comodidade, já que os olhos, encostados na ocular para ver, devem ser daí desviados para escrever. Em Lisboa vimos o invento dum religioso franciscano. Consistia num microleitor tipo microscópio tão pequeno que, desmontado, cabia no bôlso do paletó, custo aproximado, mil escudos. Num Instituto Histórico de Roma vimos a par de microleitores pròpriamente ditos, também microleitores improvisados, usando aparelhos escolares comuns, que projetam o texto numa parede branca. Exigem, porém, escurecimento da sala e são sumamente incômodos para tomar apontamentos. Além disso, fàcilmente danificam a película pelo calor excessivo que desenvolvem. Dever-se-ia adaptar-lhes focos de automóvel, que são baratos e de pouca produção calórica, exigindo, entretanto transformador.

Mas tôdas estas improvisações apenas são admissíveis quando as ocasiões de uso, que se prevêem, desaconselham os gastos dum microleitor pròpriamente dito. Dêstes instrumentos há grande variedade nos mercados europeus e americanos e continuam aparecendo sempre novos modelos e sempre mais perfeitos e eficientes. Há os que têm a tela quase horizontal dentro da parte inferior duma caixa semiescura, obrigando o leitor a pôr a cabeça mais ou menos dentro do aparelho, para ter a tela aproximadamente paralela ao rosto. É muito incômodo, sobretudo para tomar apontamentos, exigindo a presença duma outra pessoa a quem se dite ou então que o próprio leitor tire a cabeça, a vire para o lado e escreva o que quer apontar.

Temos em nosso poder um dos últimos modelos da fábrica Leitz, da Alemanha, que também produz as mundialmente famosas Leicas. Traz o nome de Lumoprint. Desarmado tem o peso de 8 kgs. e o tamanho duma máquina datilográfica de tipo médio: perfeitamente portátil. Armada sôbre uma mesa qualquer projeta o texto, em tamanho natural ou supranatural, sôbre uma fôlha branca qualquer, que se coloca ao lado do aparelho. Ao lado desta projeção se estende uma fôlha para apontamentos ou cópias, funcionando tudo como quem copia duma fôlha para outra, colocando-as lado a lado. Tem duas objetivas de aumento diferente, um grande espelho de prateação externa, um prisma que se enfia sôbre a objetiva e que retifica a imagem por acaso invertida, do filme sem necessidade de tocar no próprio filme já introduzido no porta-filme. Trabalha com lâmpadas de oito Volts, por isso seu calor é mínimo. Por isso traz no interior um transformador que rebaixa a corrente de 120 ou de 220 Volts para 8. A simples mudança dum fio adapta o aparelho para fôrça de 120 ou 220 Volts. Sendo de 8 Volts, também funciona com bateria de auto ou caminhão, sendo de especial utilidade para trabalhar numa tranquila casa de férias, onde talvez não haja luz elétrica. Apesar de tudo, o poder da luz e a exatidão das lentes é extraordinário, como não podia deixar de ser, atenta a fábrica de onde procede. Mas ainda assim tencionamos adicionar uns complementos, que, segundo experiências preliminares, parece que nos permitirão ler microfilmes ao ar livre em pleno sol do meio dia, sem qualquer sombra de escurecimento. Para isto lhe acrescentaremos os acessórios, que se verificam nos Antiscópios, fabricados pelo padre B. S., da Companhia de Jesus, que atualmente leciona física no Colégio Catarinense.

Os antiscópios, em outra forma, existem também no mercado. E isto no tamanho de permitir a projeção duma página inteira de jornal. Sua característica está na diferente maneira de usar a luz. Nos aparelhos anteriormente descritos, a luz projetada cai finalmente sôbre uma tela de papel, de vidro despolido (leitoso), onde a maior parte da luz é absorvida e perdida, e uma parte pequena é rebatida e vai aos olhos do leitor com a imagem das letras. Nos antiscópios, porém, o leitor não está colocado na frente da tela, mas atraz dela, e em vez da pouca luz rebatida na superfície da tela, recebe a muita luz que passa o vidro despolido da tela. Dêste modo, o que com a pouca luz rebatida já se torna ilegível, com a muita que passa, ainda é perfeitamente legível. Em resumo: o leitor olha diretamente para dentro do projetor. Mas fá-lo sem prejuízo da vista, porque o filme negativo que se usa para a projeção, projeta um fundo escuro, com as letras em branco. Note-se que o uso do negativo, que se faz em todos os tipos de microleitores, reduz as despesas de filme à metade e tem a grande

vantagem para a vista que acabamos de descrever. O Instituto Anchietano de Pesquisas possui dois Antiscópios, sistema B. S. Um está na Secção de História. É mais primitivo e contudo permitiu ler e datilografar muitos milhares de páginas. Outro está na Secção de História Natural; é mais perfeito em todo o sentido, por se lhe terem introduzido os melhoramentos técnicos, que a prática ia demonstrando.

Todos êstes aparelhos de microleitura têm cada um seu sistema de manipular o filme. Uns trabalham com vidro porta-imagem, outros sem êle, uns requerem filmes mais compridos, outros não o requerem. Por isso, antes de proceder a retalhar ou não retalhar os filmes para o acondicionamento definitivo, devemos ter escolhido o tipo de microleitor que queremos usar. Esta escolha, por sua vez, já deve influir no modo de marcar com números os filmes durante a filmagem, como vimos acima.

## *ACONDICIONAMENTO DOS FILMES.*

Quanto ao *comprimento* a deixar aos pedaços dos filmes, podemos mencionar um processo regular e irregular. E' irregular quando se lhe deixa justamente o comprimento necessário para que nele caiba todo o documento ou livro que se queira ter microfilmado. Pode pois ser de poucos centímetros ou de muitos metros. Cem unidades de imagem seriam quatro metros mais ou menos. E' neste sistema que costumam fornecer microfilmes às bibliotecas, quando se lhes pede alguma cópia. Para quem não planeja filmoteca maior, será melhor ficar com êste sistema, para que não se percam os pedaços em que porventura se cortasse. Para acondicionar basta uma latinha ou mesmo um papel de celofane ou qualquer invólucro que o defenda da umidade. Mas já aparece aqui uma desvantagem. Para ler uma única página, geralmente terá que desenrolar os quatro metros, expondo inùtilmente as cem outras imagens à luz do dia, à poeira, ao contato de dedos eventualmente úmidos, ao atrito da própria película. Por isso a razão recomenda retalhar em unidades menores com conteúdo exatamente determinado por fichas numerosas. E' o que se pode chamar acondicionamento regular.

Em nossas viagens pelo mundo vimos praticado quatro sistemas de acondicionamento regular: 1) seccionar cada unidade; 2) seccionar pedaços de 8 unidades com invólucro de celofane (sistema Flambo, francês); 3) seccionar 8 ou 10 unidades, enfiadas em pregas duma pasta (sistema que vende uma firma alemã); 4) deixar todo o comprimento do filme que tem cada carga Leica, que são mais ou menos 160 cms.

Poucas palavras sôbre cada sistema.

Primeiro, o sistema de uma unidade cada vez. Conhecemos um grande cientista gaúcho que organizou neste sistema tôda a sua microfilmoteca científica dos livros e revistas raras de sua especialidade, que não pôde alcança senão por microfotografia. Envolve o filme com uma camada translúcida de papel branco, segura-o sôbre uma fonte de luz e com a tesoura seciona invólucro e filme no risco claro que separa as unidades do filme. Sôbre o invólucro se escrevem a paginação ou o título do que estiver dentro dêle. Tendo o índice ampliado para tamanho natural, acha-se fàcilmente em que páginas há qualquer referência sôbre um determinado assunto. Então é só tirar da filmoteca a página respectiva, colocá-la no microleitor, e proceder à leitura. Sem dúvida um sistema grande e simples, quando a filmoteca está só nas mãos de gente sumamente cuidadosa de não trocar os invólucros.

Também requer que haja paginação e haja índices ou fichários, e que a filmoteca não seja demasiado grande, porque o invólucro terá que levar duas cotas: a da página da respectiva obra e um número que o localiza dentro do sistema todo da filmoteca. Quando, pois, a filmoteca avançar para milhões de unidades, será extremamente incômodo esta última marcação, e introduzida uma vez a confusão por alguma mão estranha, será pouco menos que insanável, sobretudo se se trata de manuscritos não paginados, como se encontram aos milhões nas bibliotecas históricas européias e americanas.

Confessamos que, no primeiro lote de 35.000 páginas da nossa filmoteca, adotamos o sistema descrito, levados por indiscutíveis autoridades. Mas, com um leve melhoramento. Por um complicado sistema de cortes e recortes em envelopes fizemos uma espécie de minúsculo códice de cada vez tantos envelopes, quantas eram as unidades de filme pertencentes ao documento. Se passavam de vinte, fazíamos dois ou mais codicilos. Cada unidade está à vista com uma de suas quatro pontas, de modo que se agarra e se tira fàcilmente do envelope sem atingir com os dedos a parte gelatinosa. Desta maneira se evita que, com uma queda casual da caixa que contenha as unidades ou por outra causa semelhante, se misturem as unidades do mesmo documento, ou, o que seria pio, as unidades de um documento com as de outra, caso em que, por falta de paginação nos documentos filmados, se originaria uma confusão insanável. Para maior segurança ainda marcamos a estilete de aço o próprio filme com uma cota substituta e um número de sua sequência no mesmo documento. Desta maneira se evitam muitos inconvenientes do sistema de acondicionar as unidades separadas umas das outras. Para mais estética podiam-se grampear codicilos de cada vez cinco unidades, recorrendo a vários codicilos em caso de necessidade e deixando vazios alguns envelopes em caso de serem menos de cinco unidades no documento.

Depois do sistema de uma unidade cada vez, pomos a maneira francesa de Flambo "Le Protect Visible", o qual "est conçu spécialement pour assurer aux microfilmes en bandes une protection totale et permettre une methode de classement rationelle" (texto escrito na amostra de propaganda, que recebemos). Consiste essencialmente numa fita de celofane muito fina, dobrada e costurada de tal maneira, que na parte inferior, larga, se possa enfiar a película, e na parte superior, menos larga, uma estreita fita de cartolina branca, na qual se escreve, sempre por cima da respectiva unidade do filme, a página, a cota, o nome do que fica por baixo. Todo o conjunto de envólucro, fita e cartolina não é sensìvelmente mais grosso do que a própria película e se enfia tal e qual na microleitor, porque a celofane não prejudica em nada a transparência. Tem-se, pois, o máximo de proteção contra poeiras, contatos nocivos, umidade ambiente, e contudo a máxima facilidade de consulta. Os pedaços de filme são de cada vez oito ou dez unidades (não nos recordamos exatamente). A mesma firma vende também caixas ou gavetas em que cabem meia centena de envólucros, os quais se acondicionam como as papeletas dum fichário, ou melhor enfiados em pequenos entalhes de cada lado para não se deitarem. Para verificar instantâneamente se falta uma peça ou se não estão na devida sequência, imprimiu-se um sinal no alto dos invólucros, o qual avança progressivamente para a direita à medida que os invólucros vão para o fundo. Se tudo está em ordem, os sinais formam uma linha reta, que vai oblìquamente da esquerda para a direita. Se ainda se marca, macroscòpicamente, talvez durante a filmagem, cada primeira de dez unidades, então a ordem é facílima e imutável. Achamos que é um sistema ideal, no caso de não causar muita despesa. A amostra indica apenas: Flambo, 51 bis, Av. de la République, sem indicar cidade ou país. Disseram-nos que a Revista internacional Études tem tôda a sua enorme filmoteca neste estilo, empregando até uma secretária para acondicionar e administrar esta microbiblioteca.

No Instituto Histórico da Companhia de Jesus em Roma mostraram-nos também o produto duma firma alemã, o qual consiste essencialmente em uma

pasta de cartolina, com as duas páginas internas revestidas de alto abaixo com bôlsas de papel, nas quais se enfiam os pedaços regulares de filme (oito a dez unidades cada vez), podendo-se escrever em cima do papel da bôlsa, números, páginas, palavras e títulos dos assuntos contidos nelas. Certamente a acquisição dêstes acondicionamentos é muito menos dispendiosa, talvez ocupa também menos espaço, expõe à vista, de uma vez, os títulos de vinte e tantos pedaços de filme. Mas o filme, durante a consulta deve ser exposto a influências deletérias, que estão excluídas no sistema Flambo.

Os três acondicionamentos precedentes não se prestam para microleitores, que transportam o filme pela rotação de carretéis, requerendo portanto tiras mais compridas. Para êste sistema conviria deixar aos filmes o comprimento natural que têm nos "chassis" normais da Leika, isto é com 160 cms. mais ou menos. Com a mudança do "chassis" fàcilmente se marcam os filmes. 160 cms. se manipulam sem dificuldade na carga e descarga dos chassis, na revelação, fixação, lavagem, secagem; fàcilmente se suspendem no ar sem que alguma ponta arraste no chão. Êste comprimento comporta cêrca de 40 tomadas, o que são quarenta ou oitenta páginas. Se a página procurada está no meio, não há necessidade de manipular inùtilmente demasiado número de páginas. Com cinco ou seis metros de comprimento teríamos que arrastar centenas de tomadas atravez da engrenagem do microleitor antes de chegar à página que procuramos e para repor seria a mesma manobra: prejuízo para o filme, perda de tempo, etc., além de mil e uma ocasiões de arrastar o filme pelo chão atraindo, por sua magnetização atrital inevitável, uma infinidade de finíssimas poeiras microscópicas, que vão esmerilhando depois, sem cessar, a parte sensível da película.

Como acondicionar essas películas? Havendo poucas, basta naturalmente uma latinha qualquer e mesmo um invólucro que os proteja de poeiras e umidade. Mas havendo muitos (trouxemos mais de 4.000 carretéis da Europa) torna-se imprescindível proceder com mais sistema, de modo que se cumpram tôdas as exigências gerais, que apontamos, ao tratar das condições gerais de todo e qualquer acondicionamento. Propomos, pois, o sistema que adotamos na Microfilmoteca Histórica do Instituto Anchietano de Pesquisas, cuja instalação e administração está a nosso encargo.

Agora o nosso sistema. Deixamos os filmes no seu comprimento natural de 160 cms. Cada um está marcado, indelèvelmente, na sua primeira tomada com o número que ocupa em tôda a coleção, sendo que atualmente a série vai de um a mais de 4.000. Cada filme é enrolado sôbre si mesmo, cercado por uma cinta de papel claro e resistente, em cuja superfície externa se escreve o número que leva o filme contido nela. 52 dêstes carretéis estão presos no fundo duma caixa plana de papelão, de modo que todos os seus números estejam sempre à vista. A fixação se fêz por meio dum complicado sistema de grampos de aço, que por uma parte os prendem tanto que mesmo virando a caixa de cabeça para baixo, os carretéis não se desprendam, e por outra parte com uma levíssima tração se removem fàcilmente para serem levados ao microleitor. Cinco ou seis destas caixas se colocam num recipiente metálico, semelhante às latas de azeite de 18 kgs. e que têm um sistema de fechamento por compressão duma tira de borracha sôbre as bordas. Com grande rapidez e segurança se põe todo o conteúdo de mais de 300 carretéis à prova de água e umidade ambiente. Para dar a êste recipiente a necessária proteção contra lesões mecânicas, tombos ou objetos contundentes, que inadevertidamente poderiam perfurar a parede metálica e expôr a perigos os filmes, cercamos a caixa de metal ainda duma caixa de madeira, caixa que, por sua vez, tem um sistema de chave que põe tudo ao abrigo de mãos que indèbitamente quisessem meter-se em seara alheia. Estas unidades máximas que contêm 300 e tantos carretéis, podiam estar, por sua vez, abrigados em câmara forte de cimento armado, como as preciosidades das Bibliotecas. Na face externa das caixas de madeira estarão os números dos filmes contidos

nelas; na face visível das caixas de papelão, depois de aberta a caixa de madeira e de metal, estarão visíveis os números dos filmes contidos em cada caixa; e extraída a caixa de papelão e aberta, estarão visíveis todos os número de todos os carretéis, contidos nela. Tendo sido providenciado que tôdas estas aberturas se façam com rapidez e facilidade, está garantido também a manuseio rápido e seguro dos filmes para a consulta.

Comparando êste sistema com os precedentes "alemão e francês", cremos que êstes são preferíveis quando se trata de microfilmes de livros ou revistas raras, que tenham paginação e índices minuciosos. Êstes últimos podem ser ampliados fotogràficamente, de maneira que se veja à vista desarmada exatamente que página é preciso agarrar. Se, porém, se tratar de documentos manuscritos, dos quais nem existe catálogo, nem cota, nem paginação, e muito menos índice minucioso, e dos quais talvez se deva correr ràpidamente uma grande quantidade, então certamente é preferível o sistema de filmes de mais extensão.

Resta apresentar em poucas palavras o caminho ordinário duma consulta na filmoteca do Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História.

1. Primeiro vai-se aos fichários de pessoas, lugares, assuntos, datas; ou então aos índices impressos, ou ampliados fotogràficamente, dos catálogos. As papeletas ou os catálogos nos fornecerão a cota do documento em questão.

2. Com a cota podemos ir à lista de concordância que em duas colunas traz as cotas e os números dos filmes em que estão contidas.

3. Com o número do filme vamos à filmoteca tirar o filme requisitado.

4. Com o filme vamos ao microleitor, que, em poucos segundos, nos dá o texto manuscrito original, em tamanho natural, que sem a filmoteca só encontraríamos em Lisboa ou Roma com muito tempo e meia centena de contos de despesa.

5. Ao pé do microleitor, cuja tela, em nosso sistema, está em cima da máquina de escrever, à maneira duma fôlha para copiar, deve estar sempre pronta a máquina de escrever para fazer transcrições ou apontamentos.

Com isto encerramos a primeira parte sôbre o caráter público, necessidade e métodos de trabalho do Fundo Documental do Instituto Anchietano de Pesquisas. Passamos a tratar dos resultados obtidos e das tarefas a alcançar no futuro, que são os dois capítulos que faltam.

## CAPÍTULO QUARTO

### *Resultados Alcançados e Estado Atual*

As secções que atualmente fazem parte do Fundo Documental são oriundos da Coleção de Ângelis do Rio de Janeiro, do Arquivo Central da Companhia de Jesus em Roma, da Biblioteca Municipal de Évora, da Biblioteca Real da Ajuda em Lisboa, do Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa, do Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo em Lisboa, e poucas coisas mais de outros arquivos. Lembramos que, a esta altura, por motivos de saúde e para instalar primeiramente a parte já colhida, os Superiores determinaram o nosso regresso à Pátria, com promessa formal de poder voltar à carga, a fim de completar o que falta, logo que houvesse tempo e meios para tal. Diremos algo do histórico de cada secção, dos documentos filmados, do modo de usar, e do estado atual de organização em que se acha, deixando para outro número dêste Anuário a publicação de alguns espécimens.

## *A COLEÇÃO DE ÂNGELIS DO RIO DE JANEIRO.*

*Histórico.* A primeira secção que entrou a fazer parte da Filmoteca foi uma parte da Coleção de Ângelis da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Anos atraz combinara-se entre os senhores Aurélio Porto e Rodolfo Garcia, que então era Diretor da Biblioteca Nacional, e os Superiores Provinciais do Sul e do Centro do Brasil, da Companhia de Jesus, que se preparasse a edição dos documentos da Coleção de Ângelis, tão importante para a história verídica das nossas fronteiras do Sul. Facultou-se, pois, a quem escreve estas linhas, a fotocópia de parte da referida Coleção, a fim de transcrever e anotar os documentos para a projetada publicação. Nesta oportunidade fotografaram-se cêrca de 35.000 páginas. Nos anos seguintes, a par do magistério e de outros encargos, ocupamo-nos em transcrever textualmente, a máquina, os textos da Coleção, chegando a ter uma coleção datilografada de cêrca de 10.000 páginas encadernadas em 20 volumes, de 500 páginas cada um. Depois, a chamado da Direção Suprema da Ordem, residente em Roma, empreendemos uma gira pela Europa, a fim de colher elementos de comparação e referência, tudo, enfim que fôsse necessário para uma edição crítica à altura das que se costumam fazer na Europa. Levamos cêrca de 60.000 páginas manuscritas só do Arquivo Central de Roma, instrumentadas com cêrca de 100.000 fichas. Esta documentação, em grande parte inédita, com exceção da do Brasil, que veio a lume na monumental História da Companhia de Jesus no Brasil do Padre Serafim Leite, S. J., juntamente com o que nos fôsse facultado colher fotogràficamente dos arquivos imensos de Sevilha, Simancas, Madrid, Paris, Londres, Bruxelas, Munique, Lisboa, Buenos Aires, Assunção e Santiago do Chile, serviriam para editar a Coleção de Ângelis à altura que convinha. É de se notar que a edição diplomática oficial da documentação de Roma fica reservada a Monumenta Historica Societatis Jesus, que já conta quase um centenar de soberbos volumes. Mas a edição dêstes documentos básicos para uma história crítica dos Jesuítas do Paraguai, com tôdas as complicações internacionais de suas reduções e Sete Povos pode levar ainda muitos anos, e mesmo decênios até que se possa fazer (por não haver ainda quem a exemplo do padre Serafim Leite para o Brasil, se encarregue dela) uma edição, que, quanto ao aparato crítico, possa apresentar-se com honra ao mundo científico. Dados os infinitos erros que podem entrar nas cópias e nas cópias das cópias, como temos visto em capítulo anterior, pouco ou nada valem as edições de documentos, que descuram completamente êste lado elementar da crítica histórica. (Cf. J. H. Rodrigues, A Pesquisa Histórica no Brasil, Sua Evolução e seus Problemas, Imprensa Nacional. Rio, 1952, pg. 79).

Portanto, não é de se prever para breve a edição da documentação autêntica romana da Companhia de Jesus, que, entretanto, é de todo indispensável para ter a verdadeira história da Companhia de Jesus nas fronteiras do sul do Brasil, com tôdas as suas benemerências e eventuais deficiências autênticamente demonstradas. Mas se a edição diplomática fica reservada, não assim o aproveitamento da documentação, em tratados históricos, e sobretudo em referências ao pé da página e comentários à edição oficial de outras documentações. Êste era o nosso plano: aproveitar o imenso tesouro, que só a um jesuíta era acessível em Roma. Aproveitar a ocasião para dá-lo a conhecer em referências na Coleção de Ângelis. Mas, eis que quando mais fervia a obra, por algum equívoco fatal que se meteu de permeio, fomos surpreendidos na Europa, com o aparecimento dos primeiros volumes da edição de Ângelis, feita com ausência de todos aquêles imensos subsídios que fôramos procurar na Europa. Parece que, com os transtornos políticos que ocorreram, e com a morte dos idealizadores da edição a nós confiada pela própria Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, parece, dizemos, que não ficou nenhuma constância do que fôra combinado.

Acentuamos que não queremos cometer a injustiça de assacar responsabilidade aos dirigentes da Biblioteca Nacional, por talvez careceram da devida informação. Acentuamos também, e com tôda sinceridade, que não queremos cometer a inépcia de diminuir os evidentes e altos predicados científicos de quem se encarregou da mencionada edição. Bastaria apontar o tômo III da grande História de América, volume monumental que descreve "Los Portugueses" na "Génesis del Descubrimiento", Salvat Editores, S. A., Barcelona, 1947. Mas também não podemos deixar de acentuar que esta imensa massa de documentos, que trouxemos do Arquivo Central da Companhia em Roma, e que é indispensável para qualquer aparato crítico à altura na edição de documentos de jesuítas paraguaios, não podia estar à disposição do atual editor de uma parte dos documentos da Coleção de Ângelis, já que se trata de um arquivo particular, embora de importância internacional decisiva para a história das fronteiras do Sul. Perdeu-se, pois, uma oportunidade única, que não sabemos como sanar. A edição de Ângelis é uma benemerência, mas não é o que poderia e deveria ter sido, com auxílio crítico duma documentação original inédita, cujo âmbito cronológico abarca vários séculos, e que geogràficamente cobre tôda a América do Sul desde o Panamá até a Terra do Fogo. Tudo ficou por enquanto imobilizado, juntamente com as cópias já feitas a máquina, até que se ache outra maneira de dá-la a conhecer de acôrdo com os protocolos de seus depósitos originais. Isto sôbre o histórico desta Secção do Fundo Documental.

*DOCUMENTOS FILMADOS.*

Devem ser cêrca de 35.000 páginas, na maior parte também copiadas a máquina e com auxílio do antiscópio, sistema B. S., de que dispomos.

*MODOS DE USAR.*

O catálogo impresso microfotografado foi ao depois ampliado fotogràficamente. Com a cota fornecida pelo catálogo, chega-se fàcilmente ao microfilme e à cópia datilográfica, que houver do documento.

*ESTADO ATUAL.*

Catálogo ampliado fotogràficamente, filmes todos acondicionados como acima, página, 52, se explica. Vinte volumes de datilografias com 500 páginas aproximadamente cada um.

## ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS JESU (ARSJ)

*Histórico.* Desde a fundação de Companhia, em 1540, enviavam-se documentos para o govêrno central da Ordem em Roma. Muitos papéis se conservam, quando de importância. Outros se destruiram ou se perderam por outros motivos. Casos bélicos têm obrigado o arquivo a mudar-se alguma vez.

A divisão tomou o caráter geográfico. Há tantas secções quantas as antigas Províncias ou unidades governamentais supremas. Assim há as secções do Brasil que Serafim Leite cita sempre com a abreviação Bras., volume, e fólio do volume, em que se acha o documento citado. Dentro de cada Secção há classes de documentos, que são principalmente cartas, cartas ânuas, catálogos, e documentos econômicos, restituídos por Mussolini ao arquivo donde haviam sido sequestrados no tempo da supressão da Companhia. Dentro de cada classe emprega-se o critério cronológico. Há ainda outras classes de assuntos supraprovinciais ou de assuntos de certa relevância, como o volume de cêrca de 2.000 fôlhas sôbre a controversia com Cárdenas no Paraguai.

O caráter dêste arquivo é evidentemente particular, e por isso ninguém, nem os membros da Companhia podem alegar direitos para o uso dêle. Faculta-se a consulta conforme os méritos da pessoa que a pede. No tempo em que lá trabalhamos requeria-se licença expressa e escrita do próprio supremo dirigente da Ordem, ainda que ùltimamente se moderou algum tanto êsse rigor. Há documentos de natureza íntima, em grande parte não destinados a nenhum público e por isto mesmo de tanto mais valor para a história.

Obtidas tôdas as licenças, pusemos mãos à obra, empenhando-nos em levar para nós e para outros, o mais que pudéssemos de documentação original, ainda não contaminada por interpretações selecionadoras, afeiçoadas a idéias preconcebidas. Note-se que numa edição da Enciclopédia Espasa, no artigo da palavra "Paraguai", onde se trata também das reduções da Companhia, de retumbância secular e internacional, artigo que julgamos escrito por um jesuíta da Razón y Fé, se diz, que a história jesuítica do Paraguai, tem que ser escrita tôda de novo, e com senso de crítica.

Conseguimos a massa enorme de documentos e fichas, de que falamos acima, ponderando o riquíssimo subsídio que teria sido isto para a edição dos documentos de Ângelis, controlando tanto a apologia ingênua e excessiva de uns como a detração inveterada e virulenta de outros, que ambas carecem do freio da crítica.

*PRELIMINARES DA FILMAGEM.*

Embora não nos tenha sido possível prover de fichas todos os documentos filmados antes da operação, contudo conseguimos aprontar êrca de cem mil

papeletas, quatro para cada documento: a pessoa que escrevia ou para quem, lugar donde ou para onde, quando, sôbre que. Não pudemos completar tôdas as fichas temáticas, porque isso requereria ler, extratar e escrever em papeletas o conteúdo de mais de cinqüenta mil páginas de escrita antiga.

Devemos ainda mencionar um fichário especializado de pessoas, que também fizemos antes da filmagem. Reúne em cada nome os dados que há sôbre cêrca de 1.500 jesuítas, que no decurso dos séculos abandonaram tudo que tinham na pátria para dedicar-se ou à cultura das populações brancas do Rio de la Plata ou à defesa e civilização dos aborígenes desprotegidos. Quando estiver totalmente ordenado êste fichário, já todo escrito e ordenado até certa altura, num instante se terá de cada pessoa tôda a sua trajetória de lugares, de estadia e trabalhos em que se ocupava, com muitos outros dados essenciais na vida religiosa. Dia, mês e ano de sua entrada na Companhia, primeiros e últimos votos, estudos (quando, onde, em que) ordenação sacerdotal, diversas destinações para diversas casas e trabalhos, dia do falecimento ou saída da Companhia. Note-se, porém, que muitas vêzes os catálogos não chegavam ao destino em Roma, por cairem nas mãos de corsários ou se perderem de outra maneira. Daí as lacunas que oferecem certos anos, em que não há dados, porque não há catálogos. Juntando êsses dados com outros que porventura algum outro estudioso tenha extraído de outras fontes, far-se-ia um repositório de inestimável valor para qualquer história ou edição de documentos dos jesuítas do Paraguai.

## *DOCUMENTOS FILMADOS.*

Não podemos especificar tudo o que foi filmado. Mas baste acentuar que a massa de documentos de primeira qualidade e grande parte inedita, não ficará longe de 60.000 páginas, e que o tempo abrangido é desde a primeira entrada da Companhia de Jesus no Novo Mundo até a sua expulsão, e que a extensão geográfica cobre tôda a América do Sul.

Fora disso foi-nos facultado, de outro arquivo particular da Companhia, a fotocópia de três ou quatro mil cartas do século passado, da Companhia redivíva, provenientes dos jesuítas que se ausentaram voluntàriamente ante a ditadura de Rosas na Argentina e que entraram a trabalhar no Rio Grande do Sul, e posteriormente foram substituídos por jesuítas alemães para os imigrantes germânicos do Rio Grande do Sul e de italianos para o resto do Brasil. Temos sobretudo as cartas dos espanhóis e italianos. Não muitas dos alemães, porque o arquivo das províncias alemãs, a que pertenciam e ao qual se remetiam as cartas, caiu no confisco holandês após a rendição dos nazistas, visto que para a Holanda se refugiara ante a fúria iconoclasta dos nazistas. Espera-se que um dia êstes papéis, inúteis sob o ponto de vista econômico para os holandeses, voltem para o seu legítimo dono e então nos seja possível microfilmar também essa documentação.

Releve-nos o leitor que tornemos a inculcar que tôda essa documentação de Roma é de arquivos inteiramente particulares, e seu uso depende inteiramente dos regulamentos dos arquivos de origem, sendo portanto imensamente de lamentar que se tenha perdido uma oportunidade única, que havia de dá-la a conhecer em referência na edição da Coleção de Ângelis, para a qual se havia ido a buscá-la.

*Modos de usar.* Por meio das fichas-catálogos e das citações científicas exatas das obras que aproveitam êsses documentos (vide modo de citar de Serafim Leite), obtém-se a cota. Com a cota e a lista dos números dos filmes se obtém o filme, que se leva ao microleitor, etc., etc..

*Estado atual.* Por carência de tempo e de meios ainda não se acabou de acondicionar perfeitamente os filmes, nem de ordenar até a última etapa as fichas.

## ARQUIVO MUNICIPAL DE ÉVORA.

*Histórico.* Foi a primeira casa em que trabalhamos em Portugal. Festejando o Sete de Setembro na embaixada do Brasil em Lisboa, e recebidas as cartas de recomendação, que nos forneceu o Sr. Embaixador para os Diretores das diversas Bibliotecas portuguêsas, rumamos para o Alemtejo, onde na cidade-museu nos hospedamos no Seminário, situado nas proximidades da silenciosa Biblioteca Municipal, encravada entre antiguidades romanas, mouriscas e medievais. A princípio tencionávamos fotografar apenas os documentos que víramos citados em obras da Companhia no Brasil. Mas diante da esplêndida generosidade da Diretoria, nos decidimos enfim a levar todos os documentos sul-americanos citados no catálogo impresso. Diante da premência do tempo, custava menos fotografar tudo do que verificar penosamente na biblioteca o editado e o inédito.

### *DOCUMENTOS FILMADOS.*

Os documentos sul-americanos indicados pelo catálogo, mais umas quantas curiosidades, como grande número de autos da inquisição, e muitas das pomposas proclamações de disputa pública, que hoje modestamente chamamos temário de discussões...

*Modos de usar.* Havendo algum dia os recursos, por ora inexistentes, far-se-á uma ampliação fotográfica da respectiva parte do catálogo impresso, para ser consultado à vista desarmada. O catálogo fornecerá a cota, e a lista dos filmes dará o número do filme, e com êste ter-se-á o documento procurado.

*Estado atual.* Falta ainda acondicionar tudo devidamente...

## BIBLIOTECA REAL DA AJUDA.

*Histórico.* Tem expediente mais de manhã, ao passo que o Ultramarino que não dista muito, abre mais de tarde. Existe catálogo impresso dos documentos da América do Sul, da autoria do incansável Carlos Alberto Ferreira, por cuja bondade tivemos o prazer de trazer para Pôrto Alegre um exemplar. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro prometeu de publicar o índice de pessoas, lugares e assuntos, que, ao que parece, por falta de verba, não foi impresso juntamente com o catálogo, e cuja falta acarreta uma enorme perda de tempo, a quem procura a documentação, que existe na Ajuda sôbre determinado assunto. Vimos brasileiros folheando penosamente durante dias as 600 páginas do catálogo, quando com o índice teriam levado cinco minutos. Enquanto não aparecer o índice, temos para o nossa filmoteca a microfotografia do índice manuscrito.

Já falamos acima dos extremos de dificuldades que traria a filmagem dos documentos na ordem cronológica com que vem no catálogo (cf. pg. 44). Reordenamos pois o catálogo na ordem de cotas ascendentes, permitindo assim fotografar de cada códice tudo duma vez. Parece-nos que os estudiosos brasileiros deveriam urgir a impressão do índice, apesar de alguns erros de caixa do catálogo, erros que muitas vêzes não passam de ilusão dos consulentes, que não sabem qual das diversas paginações do mesmo códice devam escolher. Os detratores do catálogo da Ajuda deviam meter-se, como nós sabemos que se meteu Carlos Alberto Ferreira, a folhear e extratar, sem remuneração especial, milhares de maços poeirentos de velho papel; então saberiam avaliar que benefício é para brasileiros um catálogo que lhes diga sem trabalho algum onde, entre montanhas de papel, se encontra aquêle de que precisam.

### *DOCUMENTOS FILMADOS.*

Temos, pois, o catálogo impressos, e também o microfilme do catálogo; o microfilme do índice do catálogo; tôda a documentação sul-americana indicada

no catálogo, mais talvez meia centena de outros que depois da impressão do catálogo foram aparecendo; e por fim algumas curiosidades, com algumas cartas autógrafas do velho Marquês de Pombal a seus filhos...

*MODO DE USAR.*

Em vista da filmagem em ordem de cotas ascendentes, a consulta aos microfilmes da Ajuda inclui alguma etapa a mais.

1. Consulta-se o índice, à procura de pessoas, lugares e assuntos que se queiram pesquisar. O índice dá o número da página do catálogo, que existe impresso na filmoteca.

2. O catálogo dá a cota do documento.

3. Com a cota vamos à lista das cotas ascendentes, que, quando devidamente acabada de ordenar, dá imediatamente o número de filme que contém o documento.

4. Com o filme vai-se ao microleitor, etc....

*Estado atual.* Pelos motivos de sempre, falta ampliar o índice, acabar de acondicionar os filmes definitivamente, e dar os últimos retoques nas listas de concordância.

## ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO.

*Histórico.* J. H. Rodrigues, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em "A Pesquisa Histórica no Brasil" (pg. 259) assinala a falta geral de inventários dos documentos brasileiros depositados nos arquivos de Portugal, inculcando que é um trabalho imenso e, asseverando em outra parte, que o trabalho cabe a nós brasileiros, que somos os interessados diretamente. "Neste sentido o Brasil já deu o passo inicial com os inventários de Castro Almeida do Arquivo Histórico Colonial (agora Ultramarino)..., que não abrange senão 50.000 espécies onde existem mais de 500.000". (pg. 259). Êstes cinqüenta mil se referem, quanto sabemos, sobretudo à Bahia e Rio de Janeiro. Das Capitanias do Sul nada estava feito. Pernambuco catalogou os seus documentos em 1952, São Paulo e Paraná estavam trabalhando na ocasião da nossa estadia. Por esta falta de organização definitiva dos arquivos torna-se quase impossível reencontrar com facilidade os documentos que primitivamente quiséramos fotografar. Fizemos pois uso da generosa concessão da Diretoria, de levar em microfoto, o que nos fôsse possível da documentação avulsa fronteiriça, desde a Colônia do Sacramento até o Amazonas e Oiapoc. Lògicamente deveríamos fazer preceder a filmagem pela feitura de catálogos, mas como não havia tempo para isto, deixamos a catalogação para mais tarde, quando no tranquilo Instituto em Pôrto Alegre houvesse tempo e meios e talvez ajuda de colegas interessados.

*DOCUMENTOS FILMADOS.*

Temos pois agora em Pôrto Alegre a documentação avulsa da Colônia do Sacramento, da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Mato Grosso. Do Paraná nada pudemos tomar, porque está incluído na Capitania de São Paulo, e esta, na ocasião, estava sendo vasculhada por uma vintena de Universitárias portuguêses, não sabemos a serviço de que historiador ou de que obra. Supomos que trabalhariam para o quarto Centenário de São Paulo que se preparava. No "fim" do Mato Grosso, já se haviam passado dois anos de ininterrupto labor a saúde estava abalada, e de longe ultrapassado o tempo disponível. Por isso regressamos, esperando voltar à carga, logo que esta obra do bem comum, dispuser de alguma ajuda da parte de quem de direito.

O total do que trouxemos do Arquivo Histórico Ultramarino será de umas 60.000 páginas. É claro que nesta imensa papelada haverá muitos papéis aparentemente inúteis. Há muitas licenças administrativas, há muita concessão de sesmaria, há muita alegação de serviços. Soldado tal e tal pede licença para visitar a família que tem neste ou naquele lugar. Militar pede favores por ter tomado parte em tal e tal combate, por ter levado uma tropa de gado da Colônia ou para ela. Muita coisa miúda, mas é dessas pedras que se constroem os edifícios sólidos da história. É claro que haverá repetições dos mesmos documentos, como sói acontecer em todos os processos; é claro que haverá muitos papéis idênticos nos arquivos brasileiros, pois na saída ou entrada deviam registrar-se. Mas quem nos dá garantia do que está ou não está nos inexplorados arquivos brasileiros, quem nos garante de que não esteja já completamente destruído pela traça ou pela incúria dos cuidadores oficiais ou particulares? Por isto resolvemos não deixar escapar nem o mais pequeno fiapo de papel, que estivesse nas caixas das respectivas Capitanias. Não foi possível tomar a documentação não avulsa por falta de tempo e por estar em parte em códices de fôlhas exorbitantemente grandes. Mas verificamos que quanto ao Rio Grande é quase nula a documentação fora da avulsa que tomamos tôda.

*MODO DE USAR.*

Para usar expeditamente estes documentos, dever-se-ia passar primeiro os filmes no microleitor e assim fazer cópias ou simplesmente uma ficha de cada um, com os dados essenciais de pessoa, lugar, data e assunto principal, que muitas vêzes está indicado nos títulos. Com êstes dados adivinharia mais ou menos os conteúdos acidentais quem estiver familiarizado com esta classe de manuscritos.

Desta ficha principal extrair-se-iam fichas específicas para pessoas, lugares, datas e assuntos.

*ESTADO ATUAL.*

Acondicionar definitivamente os filmes e fazer os catálogos e as fichas mencionadas.

## ARQUIVO NACIONAL DA TÔRRE DO TOMBO.

*Histórico.* Na Tôrre do Tombo, como em todos os arquivos portugueses, houve boa vontade sem igual da parte de todos. Mas as dificuldades são as que J. H. Rodrigues aponta também para os arquivos brasileiros, a falta de inventários. Para não respingar a esmo, dada a escassez de tempo de que dispúnhamos, resolvemos abordar ùnicamente, mas a fundo, o famoso Cartório dos Jesuítas, que versa principalmente sôbre o Engenho de Sergipe do Conde, a respeito do qual houve uma quase secular pendência entre o Colégio de Jesus da Bahia e o de Santo Antão de Lisboa. (Veja-se Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil, Rio, 1945, V, 243). O cartório tem um catálogo resumidíssimo, cheio de lacunas. Foi, pois, necessário perpassar pacientemente os 106 enormes massos de papéis, que não ficarão muito abaixo de cem mil páginas em conjunto, anotando a cota dos que à primeira vista ou por algum indício, ràpidamente pescado, nos pareciam ser do Brasil. Na premência do tempo pode ser que algum tenha entrado que não fôsse do Brasil ou que um do Brasil nos tenha escapado. Dos grandes processos, de dificílima letra tabeliôa, muitas vêzes só tomamos princípio e fim para constar a quem se interessasse... Fora disse deve haver milhares de docuumentos, em geral inéditos, dada a sua natureza monográfica, descabida numa obra de história geral, como a de Serafim Leite. São contas, faturas, diários de moagem, venda, transporte. Há desenhadas até as marcas impressas na madeira das caixas de assucar que iam

a Lisboa dos engenhos da Companhia. Anota-se quanto e para quem se moía cana, e quanto assucar davam as carradas, averbam-se as galinhas sacrificadas para alimentação de escravos doentes e coisas que tais. Material de primeira plana para monografias assucareiras daqueles tempos... Sôbre êstes e semelhantes documentos pode construir-se um edifício sólido da história social do Brasil antigo, para não acontecer o que vaticinava o grande Capistrano: "E encostar-se uma pessoa numa parede, por mais reforçada que pareça, e lá vem abaixo tôda a grampiola!"

*DOCUMENTOS FILMADOS.*

Como dissemos, filmamos todos os documentos brasileiros do Cartório dos Jesuítas. Não sabemos agora quanto seria isto. Mas como gastamos mais ou menos 300 metros de filme, devem ser umas 15.000 páginas de manuscritos do Cartório.

Além disso, fotografamos umas quantas curiosidades, como diversos tipos de letras antigas, que serviriam para exercícios de paleografia portuguêsa em nossas Universidades.

*MODO DE USAR.*

Temos a microfoto do catálogo manuscrito. Mas como êste é deficiente, não resta outra coisa senão passar os filmes no microleitor e apontar numa ficha principal os dados essenciais de quem, para quem, donde, para onde, quando, sôbre que. Desta ficha principal se extrairão as fichas especializadas de pessos, lugares, datas e assuntos. Em todas sempre notando as cotas. Depois disso será fácil saber exatamente o que está contido nesta Secção da Filmoteca.

*ESTADO ATUAL.*

Falta acondicionar os filmes definitivamente e fazer os fichários acima indicados.

## BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA.

O regimento interno da Biblioteca Nacional de Lisboa veda o trabalho pessoal do pesquisador na fotografia, mandando que se faça tudo por meio do gabinete fotográfico da Biblioteca. Compreende-se a medida que vigora também em outras bibliotecas européias; depois de instalarem aparelhagens caríssimas querem que se faça pagar. Também é verdade que um escudo por fotocópia não é muito, para quem mora perto e pode estudar tudo *in* loco e mandar fotografar só o que realmente vai servir para uma publicação. Mas a trabalhar pelo estilo, como tínhamos trabalhado em tôdas as outras bibliotecas por onde havíamos passado e a pagar um escudo por cada microfoto, teríamos pelo menos mil cruzeiros de despesa diária a mais, e em poucos dias estaríamos sem recursos. Cumulou-nos de gentilezas e atenções a direção da Biblioteca. Mas ela estava na presença do regulamento e nós na presença da escassez de meios. Assim não trouxemos nada da Biblioteca Nacional de Lisboa.

A maioria das Bibliotecas segue a regra de deixar fotografar se o pesquisador o faz pessoalmente e de mandar que o faça pela instalação da Biblioteca, no caso de querer servir-se de trabalho alheio.

## BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Visitamos a veneranda Instituição, que, do alto de seus pináculos, olha para as "águas do claro Mondego" e vimos os estudantes ir e vir nos seus negros mantos, o que de longe os assemelha a clérigos... Mas como os recursos de saúde estavam no fim, já não nos foi possível fazer muita coisa. Levamos apenas o microfilme de uns catálogos como seja o dos documentos brasileiros, que se acham na biblioteca daquela Universidade.

# RESUMO DE TUDO QUANTO SE TROUXE EM MICROFILME, E ATUALMENTE SE ACHA NA FILMOTECA HISTÓRICA DO I. A. P., DE PÔRTO ALEGRE.

*1. COLEÇÃO DE ÂNGELIS.*

a) O catálogo da Coleção, já ampliado fotogràficamente.
b) Os microfilmes dos documentos já acondicionados definitivamente.
c) As cópias datilografadas da maior parte dos manuscritos, somando vinte volumes com aproximadamente 10.000 páginas, espaço duplo.

*2. ARQUIVO CENTRAL DA COMPANHIA EM ROMA.*

a) Cêrca de 100.000 fichas ainda não acabadas de ordenar completamente.
b) Cêrca de 60.000 páginas fotocopiadas, da antiga e moderna Companhia de Jesus, ainda não acabadas de acondicionar definitivamente.
c) Muitas outras coisas secundárias de livros e revistas raras...

*3. BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ÉVORA.*

a) O microfilme do catálogo de manuscritos sul-americanos.
b) Todos os documentos apontados por êsse catálogo...
c) Algumas curiosidades, como acima referimos...

*4. BIBLIOTECA REAL DA AJUDA EM LISBOA.*

a) Um exemplar do catálogo impresso.
b) A microfoto do mesmo catálogo impresso e
c) A microfoto do índice do catálogo (A primeira cópia que entrou no Brasil. Mais tarde foi trazido o próprio manuscrito original pelo Dr. Alberto Iria e entregue ao Sr. José Honório Rodrigues para ser impresso pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).
d) Todos os documentos indicados pelo catálogo, fotografados em ordem de cotas ascendentes.

*5. ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO.*

a) Diferentes miudezas e catálogos (O catálogo de todos os documentos pernambucanos que até a data se tinham achado na A. H. Ultramarino).
b) A documentação avulsa da Colônia do Sacramento, das Capitanias do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Mato Grosso.

*6. ARQUIVO NACIONAL DA TÔRRE DO TOMBO.*

a) Algumas miudezas e curiosidades...
b) A microfoto do catálogo manuscrito (deficiente!) do Cartório dos Jesuítas.
c) Todos os documentos brasileiros que se acham neste famoso Cartório.

*7. BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.*

O catálogo de documentos brasileiros...

*8. TODO O CONJUNTO DA MICROFILMOTECA HISTÓRICA DO I. A. DE PESQUISAS, SECÇÃO DE HISTÓRIA, CHEGARÁ APROXIMADAMENTE A 250.000 PÁGINAS MANUSCRITAS.*

# CAPÍTULO QUINTO

## *A Tarefa Futura do Instituto Anchietano de Pesquisas Quanto a sua Filmoteca Histórica*

As tarefas futuras dêste Instituto, com relação à sua Filmoteca Histórica se resumem principalmente em três.

a) Instalar defiintivamente tudo quanto já existe em seu Fundo Documental, de modo que possa preencher as suas finalidades.

b) empregar os seus esforços e aceitar os auxílios alheios para se explorarem os documentos acarreados microfotogràficamente.

c) solicitar a quem de direito os auxílios convenientes, para voltar à carga, e trazer o muito que se pode e se deve trazer ainda para o meio dos estudiosos do Sul do Brasil, antes que um infortúnio, dos muitos que ameaçan os arquivos, nos prive para sempre daquilo que Capistrano e todos os historiadores sérios reclamam com tanta veemência: "No Brasil não precisamos de História, precisamos de documentos!"

### *A) Instalar convenientemente tudo quanto já existe...*

Uma instalação conveniente, a serviço apenas dos irmãos de Ordem, embora exija elevadas despesas, não requer contudo gastos excessivos. Mas uma instalação para que se possa beneficiar também o público estudioso demanda condições que estão acima dos recursos particulares, de que até agora dispõe o I. A. de P.. Requer em primeiro lugar todos os requisitos de acondicionamento que acima já descrevemos: caixas metálicas, caixas de madeira, armário de segurança para as caixas. Requer, em segundo lugar, espaço duplo, um para guardar seguramente todos os microfilmes sob os cuidados dum zelador, e um para sala de consulta com os competentes microleitores móveis, e máquinas de escrever, a não ser que os consulentes tragam as suas ou escrevam a mão. Requer, como se vê, também, um zelador, que controle a requisição e reposição dos microfilmes e receba uma pequena retribuição para o sustento da microfilmoteca, a não ser que o Departamento Público da Educação ou alguma Universidade disponha de verba para custear as despesas inevitáveis da instalação, conservação, administração e aumento da microfilmoteca.

Depois dêstes requisitos materiais, viriam os trabalhos espirituais muito mais penosos, que esparsamente temos indicado em diversos lugares. Como sejam finalizar as últimas etapas do ordenamento completo das fichas, catálogos e listas, com os competentes móveis para o seu manejo seguro e expedito. Mais a leitura paciente, talvez pelos respectivos historiadores interessados, das diversas sec-

ções, que ainda não têm nem fichário nem catálogo, como sejam o Cartório dos Jesuítas da Tôrre do Tombo, de interêsse sobretudo para o Departamento cultural da indústria assucareira; e a documentação avulsa da Colônia do Sacramento, da Capitania do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Mato Grosso. Fazer de tudo isso, durante a leitura, uma ficha principal (resumo, ementa, extrato) e dela extrair metòdicamente fichas de pessoas, lugares, datas e assuntos, que são os quatro pontos cardiais da história. Tôdas as fichas deveriam trazer sempre o número do filme em que se encontra; assim, o documento seria sempre perfeitamente localizado e fácil de encontrar a qualquer instante.

Também seria útil e quase necessária uma pequena câmara escura com os competentes aparelhos de reprodução fotográfica.

Na sala de consulta devia estar uma biblioteca escolhida para consultas momentâneas que se fizessem mister.

*B) Exploração dos documentos.*

Na exploração há certamente os trabalhos preliminares, que são a catalogação e o fichamento. Com auxílio dêstes preparativos proceder-se-ia ao aproveitamento dos documentos em publicações integrais, ou em trabalhos sôbre certos temas, contidos neles.

Naturalmente, tudo isto de acôrdo com a legislação em vigor, que haja a respeito destas matérias, e mediante certas compensações públicas ou que permitam ao Instituto instalar-se, conservar-se e aumentar-se, pois nenhuma Instituição sem recursos pode subsistir, tomando para si o trabalho e deixando o proveito para outros, a não ser que passe a fazer parte dalguma Instituição pública, recebendo dela os meios de servir ao bem geral.

C) *A terceira tarefa de completar a colheita interrompida,* antes que seja tarde demais para completar, poderia ser feita por uma pessoa ou melhor por uma equipe de duas pessoas. Sendo pessoas pertencentes a uma Ordem, diminuir-se-ia consideràvelmente a despesa, por viverem parcamente e por pagarem diária muito reduzida nas casas de sua Religião, e por estarem acostumadas a dedicar o tempo todo ao trabalho. Cremos que com mais alguns melhoramentos introduzidos em nossa aparelhagem especializada, com pouca despesa chegaríamos a 500.000 ou mesmo um milhão de páginas por ano. Seria portanto o caso de as autoridades, que lideram a cultura no Estado, como sejam os Institutos e as Universidades, deliberarem e fazerem as listas dos documentos, que seja possível e útil, ter microfilmados num Fundo Documental em Pôrto Alegre, de modo a poder-se tornar um grande Centro de documentação Histórica. Já seria muito caminho andado se os Departamentos correspondentes do Govêrno e dos Institutos Financeiros, que têm verbas cul-

turais a despender, se resolvessem generosamente a custear pelo menos as despesas de viagem, estadia e compra de filmes. Dentro de poucos anos teríamos milhões de páginas de documentação a dois passos da casa dos investigadores particulares e dos Centros de Ensino Superior. Sem estas vistas largas não teremos remédio senão continuar a maior parte dos estudiosos a compilar infantilmente o que outros tiverem dito, em vez de verificar por nossos próprios olhos. Poucos, pouquíssimos são os que podem ir aos arquivos estrangeiros, onde está nossa documentação, e onde espera anciosamente para ser reposta em duplicata fotográfica, e escapar ao aniquilamento total na guerra total que nos ameaça.

Tudo está pronto e esperando. Faltam apenas algumas migalhas do muito que a rodo se atira para todos os lados.


## *SUMMARY*

### *The Photographic Collection of Documents of the Instituto Anchietano de Pesquisas, History Section*

The author describes the founding of an historical film archive in the Instituto Anchietano de Pesquisas, History Section, and recommends it incidentally to the generous support of the government and of private cultural institutes. The chief aim of this work is to introduce and further this research method, which is so widespread in other counstries, also in southern Brazil, where little archive work has been done.

In the first chapter the author points out the great utility of the film archive. This is why the foundation may expect support from general funds.

In the second chapter he shows the manifold advantages and the absolute necessity at times of such a collection of documents. The reader will feel the need of helping to enlarge the work done and, if necessary, to organize new collections of documents.

In the third chapter, the author gives a few practical hints as to the main elements of such an archive. The suggestions are taken only from experience and are suited for an enterprise of little resources, such as were at the author's disposal.

In the fourth chapter a brief survey is given of the present condition of the film archive, as well as of the manner in which the documents have been collected.

In the fifth chapter a short description is made of the pre-existing work of the Fundo Documental do Instituto Anchietano de Pesquisas, History Section.

## *ZUSAMMENFASSUNG*

### *Die photographische Urkundensammlung des Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História, Porto Alegre, Brasilien*


Der Verfasser vorliegender Arbeit berichtet von der Gruendung eines historischen Filmarchivs im Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História, und empfiehlt sie gelegentlich der grossherzigen Unterstuetzung von Seiten der Regierung und privater Kulturinstitute. Hauptzweck dieser Arbeit ist eine in andern Laendern schon so weit verbreitete Forschungsmethode auch im archivarmen Sueden von Brasilien immer mehr einzubuergern.

Im ersten Kapitel wird der gemeinnuetzige Charakter des Filmarchivs hervorgehoben, weshalb die Gruendung mit vollem Recht Unterstuetzung von allgemeinen Fonds erwarten kann.

Im zweiten Kapitel werden die vielfachen Vorteile und die oft zwingende Notwendigkeit einer solchen Urkundensammlung dargetan, so dass man es als dringend empfinde, das Bestehende erweitern zu helfen und, wenn notwendig, weitere Urkundensammlungen anzulegen.

Im dritten Kapitel werden einige praktische Winke gegeben ueber die wichtigsten Einrichtungen eines solchen Archivs. Die einzig der Erfahrung entnommenen Vorschlaege beruecksichtigen aber nur eine mit wenigen Mitteln ausgestattete Einrichtung, so wie es dem Verfasser zu arbeiten gegebem war.

Im vierten Kapitel wird ein kurzer Ueberblick gegebem ueber den jetzigen Stand des Filmarchivs, sowie ueber die Art und Weise wie die Bestaende gesammelt werden konnten.

Im fuenften Kapitel wird ein kurzer Umriss der bevorstehenden Arbeiten des Fundo Documental do Instituto Anchietano de Pesquisas, Secção de História, gegeben.

# Viagem ao Rio Grande do Sul de S. A. Imperial a Princesa Isabel, Condesa D'EU

*A Princesa Isabel e seu Augusto Consorte, Conde d'Eu, estiveram no Rio Grande do Sul, de 30 de dezembro de 1884 a 3 de março de 1885; o Conde d'Eu, em viagem de instrução, na sua qualidade de Marechal de Exército, para dirigir um grande exercício militar nos campos de Saican, onde hoje demora a Coudelaria Nacional do Exército; e a Princesa Isabel em visita oficial à grande Província meridional, que ainda não conhecia.*

*O Conde d'Eu, todavia, já sentira bem o interior gaúcho, pois, em 1865, por ocasião da guerra com o Paraguai, cruzara suas campinas a cavalo, desde Cachoeira do Sul até Uruguaiana, deixando-nos dessa excursão o admirável livro VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL, cheio de observações curiosas e penetrantes.*

*A Princesa, entretanto, tomava contacto com a terra e a gente rio-grandense pela primeira vez, e era tôda curiosidade em presença da atividade pastoril dos gaúchos, no encontro da labuta vitoriosa das colônias alemãs e no seio da vida social já bem intensa da metrópole gaúcha.*

*O carinho com que foi acolhida, os passeios e excursões que fêz, a maneira como viu e sentiu o meio e o povo rio-grandense estão bem vivos nas páginas singelas, mas sinceras, do DIÁRIO, formado pelas cartas que escrevia aos seus queridos e augustos pais, S. S. M. M. D. Pedro II e Dona Tereza Cristina, Imperadores do Brasil, que agora damos à luz.*

*Infelizmente, só podemos publicar, no momento, o primeiro mês de permanência da Princesa Isabel no Rio Grande do Sul,*

*isto é, de 30 de dezembro de 1884 até 31 de janeiro de 1885, com ligeiras e despretenciosas anotações para melhor esclarecer o leitor em algumas passagens do DIÁRIO. A parte restante, tão logo a recebamos, copiada do Arquivo do Palácio Grão Pará, faremos o possível para divulgá-la em seguida.*

*E aqui, queremos agradecer a gentileza de S. A. o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, por nos ter permitido a publicação de tão interessante documento, e ao nosso amigo, Dr. Guilherme Auler, esforçado pesquisador dos fastos do Império, a bondade de ter copiado o manuscrito respectivo e de ter se lembrado de nosso obscuro nome para anotá-lo.*

*Rio, 1957.*

*De Paranhos Antunes*

**NOTA — E o I. A. P. agradece também ao Exmo. Sr. Gal. Dioclécio De Paranhos Antunes esta preciosa contribuição histórica.**

# ISABEL, CONDESSA D'EU

# VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL

## (30 de dezembro de 1884 a 3 de março de 1885)

**Arquivo do Grão Pará — Petrópolis.**
**Gentileza do Príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança.**

**Cópia de Guilherme Auler.**

## 30 DE DEZEMBRO DE 1884

**Excelente viagem. Nenhum de nós cinco enjoou.**

**Encontnamos o "Rio Grande", a quem demos o telegrama, que receberam da altura de Tramandaí.**

**Pouco depois, deixamos de avistar as montanhas de Santa Catarina, para só ver as areias do Rio Grande.**

## 31 DE DEZEMBRO DE 1884

**Às 4 e meia, acordava-me. Vi tôda a costa e entrada da barra, pelas 6 e meia. Gostei bastante do golpe de vista da terra e mansidão do mar, aí, que parecia um rio, e tinha água mais que suficiente, o que não sucede sempre: nem uma cousa nem outra.**

**Ao desembarcar, havia muita gente, e levaram-nos à Capela do Carmo, onde ouvimos missa e dei graças a Deus e à Santíssima Virgem, pela viagem verdadeiramente excepcional que tínhamos tido, e eu em particular que nunca tinha viajado, sem enjoar.**

O Barão de São José do Norte (1), por causa de fraqueza numa perna, nos esperava em terra. A bordo, vieram a Pinto Lima, cunhado e muitas outras pessoas. Estamos hospedados em casa do Barão. Aí almoçamos, indo depois: à Câmara Municipal, regular; à Casa de Misericórdia — plano muito grande demais, bonito, mas acabado só em parte, há sessenta e tantos doentes; a um Asilo de meninas do Sagrado Coração de Maria, com uma só Diretora, cheia de pó de arroz, mas é preciso dizer, casa de uma limpesa rara, e limpesa que se vê não foi feita só agora. As educandas mesmas é que fazem todo o serviço. A casa é de dimensões acanhadas, mas não há dinheiro para mais.

Estivemos, igualmente, numa Biblioteca e Aulas Noturnas de uma associação particular, bem boasinha; na Alfândega, grande, bom e bonito edifício; na importante fábrica de tecidos de lã de carneiros nacionais do Rheingantz e na tinturaria da mesma fábrica, muito mais longe. Daí, Gaston foi para os quartéis e eu com Pedro, Luís e companhia viemos de lá no trem do Caminho de Ferro do Rio Grande a Bagé, até o Mercado, que achei muitíssimo limpo e de um aspecto muito aprazível e bonito, pela quantidade de bonitas e boas frutas e legumes, que lá estavam. Comemos uns pessegos deliciosos. Há também aqui uns melõesinhos muito gostosos, chamados melões franceses; em geral, a fruta é muito boa, vindo em grande parte da Ilha dos Marinheiros, aqui perto.

Do Mercado, voltamos para casa, o calor era bastante, e aí recebi o Corpo Consular.

Os vagões do Caminho de Ferro são muito bons e bem arranjados. Esquecia-me de dizer-lhe que, na Misericórdia, vi um cego, surdo e mudo, infeliz desta maneira horrível, desde a *idade de 4 anos*, que trabalha, comunica-se por sinais com o enfermeiro, e conhece tudo pelo tato. Mostraram-me varios objetos de carpintaria e outros feitos por ele!

À noite, vieram nos cumprimentar várias pessoas, entre outras o pobre Tronconi, muito magro, meio paralítico, tendo adoecido há 18 meses aqui ou em Pelotas, onde reside agora (2).

---

(1) Eufrásio Lopes de Araujo, elevado a Barão por Decreto Imperial de 9 de maio de 1877.

(2) A cidade de S. Pedro do Rio Grande fica, como é sabido, à entrada da barra, impròpriamente chamada do Rio Grande, porque é a barra onde deságua a Lagoa dos Patos. Foi fundada a 19 de fevereiro de 1737, pelo brigadeiro José da Silva Pais.

## 1.º DE JANEIRO DE 1885

Amanhã ou depois, passa vapor por aqui. Para ir por êle, deixo aqui esta carta. Ao meio-dia partimos para Porto-Alegre.

Muito e muito bom 1885 lhes desejamos, meus queridos e bons Pais!

Já fomos hoje, de novo, ao Mercado, mas de manhã cedo não o achei bonito, como ontem. A grande quantidade de frutas chega mais tarde, e além disso às 6 horas, chovia a potes.

Às 9, almoçaremos e às 11 iremos à missa.

Adeus, meus queridos e bons Pais, aceitem ambos o abraço saudosíssimo de ambos, e deitem sua benção em nós e nos caturras.

Sua filhinha que tanto os ama

(ass.) ISABEL, CONDESSA D'EU

Muitas saudades ao Pedro, Josefina e todos que sabem, e muito bom 1885.

Muitos beijos dos caturras para os Vôvôs e Pedro.

## 2 DE JANEIRO DE 1885

Às 4, acordávamos para ver a bonita passagem de Itapuan; o vapor segue aí um canal muito estreito e muito rente aos morros.

Às 8 e meia, chegávamos a Porto Alegre. Achei a vista da cidade muito bonita, e a mesma cidade muito maior do que pensava. Muita gente a bordo e ao desembarcar.

O Visconde de Pelotas (3) não anda bem, e depois de nos receber teve uma síncope, o que lhe sucedeu de novo, no dia seguinte, no Arsenal.

Não sabíamos que esperavam que fôssemos a pé, à Matriz, e por isso para lá fomos de carro, o sol estando muito quente. Fizemos oração e a pé fomos ao Palácio, onde uma comissão organizada para nos alojar, preparou tudo muito bem. O Palácio está perto da Igreja.

Visitamos a Assembléia Provincial; a Câmara estava fechada. A Assembléia é boa, mas os papéis desgrudam-se das paredes.

À noite, fomos ao Teatro, bonito, e onde representa agora uma Companhia de Zarzuelas, menos má. (4).

---

(3) José Antônio Corrêa da Câmara, Marechal, 2.º Visconde de Pelotas, herói do Paraguai e ministro da Guerra em 1880.

(4) Teatro S. Pedro, inaugurado em 1858. Realmente bela casa de espetáculos, ainda hoje o Teatro oficial da cidade.

## 3 DE JANEIRO DE 1885

Gaston, na véspera, já tinha ido a seus afazeres militares. Nesta manhã, tornou a sair para o mesmo fim.

Visitamos a Câmara Municipal, muito boa e muito grande.

Depois de Gaston tornar a sair para a sua militança, e de termos jantado, fomos de bonde à Igrejinha do Menino Deus. Bonito passeio.

## 4 DE JANEIRO DE 1885

Missa, às 9, na Matriz, almôço depois, e partida às 11 para São Leopoldo e Hamburgsberg. Temos sido recebidos, muito cordialmente, por tôda a parte.

Pelo caminho de ferro, fomos primeiro até Nova Hamburgo; aí tomamos umas espécies de grandes carretilhas abertas e fomos até Hamburgsberg. Muito bonitas paisagens aí, e pelo caminho até cá, na volta sobretudo, em que o sol se pôs em campinas extensas semeadas de capãos.

São Leopoldo (5) já é bastante importante, a Igreja não está acabada, estão-na reconstruindo em estilo gótico e ficará bem bonita, os dois cólegios de Irmãs Franciscanas alemãs para meninas e de Jesuítas tambem alemães para meninos são estabelecimentos de primeira ordem e muito bem montados. Infelizmente, os colegiais estão agora em férias, e a visita assim se tornou menos interessante.

À Câmara Municipal é pequena e feia, estão construindo uma nova.

Estivemos, também, em um Orfeão, e a pedido de algumas pessoas, no templo protestante.

Só chegamos aqui, em Porto Alegre, de volta, perto das 8 da noite, apesar de termos andado depressa.

Os meninos (Pedro e Luís) foram logo se deitar, tinham comido tanto em caminho (os figos e mais frutas aqui são muito grandes e deliciosos), que não precisaram jantar. Nós tomamos alguma cousa, depois de nos prepararmos para o Teatro, onde ficamos até às 10 e meia.

---

(5) Primeira colônia de alemães fundada em 1824, pelo futuro Visconde de São Leopoldo. A séde foi elevada a vila a 1.º de Abril de 1846 e a cidade a 12 de Abril de 1864.

## 5 DE JANEIRO DE 1885

Desde as 5, Gaston estava em caminho para a Escola Militar. Com os meninos, aí fui, às 8 horas, e percorremos tudo. É um imenso edifício, que parece muito bem distribuído, e é bem arejado. Somente, ainda falta bastante, para ficar de todo acabado.

Às 5, depois do jantar, exercício militar de infantaria dos alunos da Escola Militar, no campo diante da Escola. Manobraram muito bem. Vimos o exercício eu, os pequenos e tôda minha comitiva, do terraço da Escola. Para lá, fomos de bonde e a pé, e voltamos do mesmo feitio.

Na volta, havia muita gente, e no meio de uma verdadeira ovação, de inúmeros vivas, seguimos de bonde e Gaston a cavalo, com seus generais até o Palácio.

À noite, manifestação dos alemães com seus cantos e lanternas de cores, muito bonita e muito entusiasta. O Koseritz (6) subiu com a comissão diretora e fêz um discurso. Parecia bastante sufocado e trêmulo. Gaston respondeu em alemão.

## 6 DE JANEIRO DE 1885

Às 7, fomos ao Mercado, muito bonito e grande, cheio de frutas e legumes, e muitas negras bahianas, que se puseram a dansar à roda de nós. O Mercado foi construído por 240 contos, e rende hoje 40 contos anuais à Câmara Municipal. Na volta, paramos numa bonita loja de objetos de prata, feitos no país, e os meninos ficaram muito contentes com os rebenques e facas de ponta, que lhes dei.

Missa, na Matriz, às 9.

Visita, ao meio dia, à Casa de Misericórdia, muito grande, bem limpa e arranjada. Agora, tem um pouco mais de 100 doentes, mas pode conter mais de 200. Há pouco tempo, o Hospital Militar aí estava, e com a mudança que fizeram dêste para novo prédio, parece que em nada ganhou e perdeu muito mesmo em salubridade.

Visita ao Seminário Episcopal, grande e belo edifício, com grandes escadarias à moda inglesa, e um lindo páteo também de arquitetura inglesa, com arbustos e flores e um chafariz no meio. O Seminário está em férias. Já tem 300 alunos, a maior parte externos que só pagam pequena matrícula, e breve com os trabalhos que se estão fazendo poderá admitir mais. Há muitos pedidos de

---

(6) Carlos von Koseritz, 2.º Barão de Koseritz, jornalista, político, historiador, teatrólogo e romancista, foi um ilustre alemão que muito trabalhou pelo desenvolvimento das colônias alemãs no Rio Grande do Sul.

entrada. Aqui não há curso teológico, mas em São Leopoldo. No Seminário, mora o bom Bispo, que tem estado bem doente. Disseram-me que sofre de um cancro no estômago. Achei-o bem fraco, as crismas que fez ùltimamente em Bagé e Pelotas cansaram-no muito e o fizeram adoecer. Disse-me êle que o espírito religioso, na Província, em todos os casos não tem peorado. Ao Seminário, fomos com Pedro e Luís. (7).

Com êles, igualmente visitamos a casa de seu compadre Dreher, alemão estabelecido aqui, há tantos anos, que seu primeiro filho nasceu quando meus Pais aqui estiveram, e foi seu afilhado. O pobre moço morreu em Curupatí. Parecem muito boa gente e gosam dum conceito. Aí, vimos uma coleção de pedras da Província ágatas e outras, lindíssimas de fazerem a adminação do próprio primo Pedro! Deram-nos várias muitíssimo bonitas.

Visita à Capelinha do Espírito Santo, aqui perto, muito bonitinha.

Depois do jantar, na Sociedade de Ginástica Alemã, assistimos a exercícios muito bem feitos. Na Sociedade de Tiro, também alemã, foram igualmente muito cordiais para conosco.

À noite, manifestação nacional, à qual se reuniu uma italiana; fogos de bengala, lanternas de cores, discursos e muitíssima gente e vivas. Muitíssimo entusiasmo, cordialidade e simpatia. Gaston respondeu em português primeiro, e depois em italiano. O efeito da procissão foi muitíssimo bonito.

Meus bons Pais não têm sido esquecidos, em tôdas essas manifestações, e um vivinha à república que surgiu, à noite, não causou senão geral hilaridade.

7 de Janeiro de 1885

É preciso que feche minha carta, todos muito bons.

Aceitem ambos o abraço saudosíssimo de ambos e deitem sua bênção em nós e nos caturras.

Sua filhinha que tanto os ama

(Ass.) ISABEL CONDESSA D'EU

---

(7) Era bispo da diocese D. Sebastião Dias Larangeira, que tomou posse do bispado, por procuração, a 6 de fevereiro de 1861, assumindo-o a 29 de julho. Faleceu a 13 de agosto de 1888, aos 60 anos de idade.

A irmã de D. Rita de Lamare cá esteve e mostrou-se muito penhorada pelas lembranças de Mamãe (8).

Muitas saudades ao Pedro, Josefina e mais que sabem.

## 7 DE JANEIRO DE 1885

Manhã sossegada para mim e arranjos. Gaston foi às Pedras Brancas, por causa da militança, e comeu tanto churrasco na Estância do Fonseca Guimarães, que não jantou. O mesmo me aconteceu, segunda-feira.

O Fonseca Guimarães, a meu pedido, tinha mandado assar no páteo do Palácio, por seu capataz, um churrasco com couro. Gostei muito dessa comida rio-grandense, e muito nos divertiu o capataz verdadeiro gaucho, vestido à gaucha, com suas botas com pelo de lontra, bombachas, cinturão, faca de ponta e *daga*, poncho, chilenas, cavalo arreado à gaucha, bolas e *tutti quanti*. Da daga serviu-se êle para cortar o churrasco e com a ponta comia êle o assado como muitos comem com a faca. A sua toalha para limpar as mãos ou a faca era a cauda do cavalo. (9).

O Pedro gostou muito da festa e comeu churrasco a valer. O Luís, por nada quis provar, declarando que não gostava dessa porcaria. Fazem idéia da cara com que êle disse isso.

O tal capataz gaucho fez a guerra do Paraguaí, esteve em Peribebui e tem o Hábito de Cristo.

Depois do jantar, fomos de bonde até abaixo da colina chamada Partenon. Com tôda a meninada, subimos até a Capelinha de Santo Antônio e ao redor, e tivemos uma vista esplêndida sôbre Pôrto-Alegre, arredores e rios. Pôrto-Alegre está muitíssimo bem situada, e o país é muito bonito. Sem ir mais longe, a Escola Militar, edifício muito grande, asseado e bem construído, faz muito bonito efeito: em frente, do campo muito grande com relva, e no fundo colinas de campos e mato verdes, com suas casas bem brancas.

A Praça daqui do Palácio (Praça Pedro II) tem bonitos edifícios, à roda: Câmara Municipal, Teatro, etc. A Praça denominada Conde d'Eu, perto do Mercado, é plantada como a do Palácio, e forma um muito bonito *square*, onde se encontram *peupliers*, ero-

---

(8) D. Rita Augusta de Lima de Lamare era filha de Antônio José Fernandes de Lima e de D. Antônia Peres Lima. Casou-se em 1843 com Joaquim Raimundo de Lamare, mais tarde Almirante e Visconde — com grandesa — de Lamare.

(9) Note-se a simpatia com que a Princesa observou os costumes gauchescos, não só nesta passagem, como mais adiante nas excursões que fez a Pederneiras e Pedras Brancas.

*bles, chenes*, etc. todos muito viçosos, já bastante grandes. Os nomes das árvores de Europa, como sempre, vão em francês.

Como todos os dias, das 7 ás 8, tivemos pessoas em casa, para cumprimentar-nos, e hoje muitas senhoras.

## 8 DE JANEIRO DE 1885

Passeio a pé, com os meninos, de manhã.
Depois do almôço:
Praça do Comércio, por ora uma simples sala ordinária na altura da rua. Mais tarde, será mudada para um local no Banco da Província, que estão construindo, e que há de ficar muito bonito, no canto de duas ruas, canto arredondado, bonito plano e tôda a fachada em grés vermelho daqui, que é muito bom para construção e muito bonito;

Clube do Comércio, em casa alugada, grande e bem arranjada;

Alfândega, casa para as mercadorias, e perto:

Tesouraria da Fazenda, onde embaixo trabalham os empregados da Alfândega, e a Pagadoria, e em cima a Junta Comercial. Bonito edifício;

Escola Normal, muito espaçosa, boa, e tendo formado muito bons professores e ainda mais professoras distintas. No mesmo edifício, em cima:

Repartição das Obras Públicas e da Instrução Pública.

À noite, manifestações de senhoras, hino cantado por estas, aqui na sala do Palácio, porque fóra, como tencionaram não foi possível, à vista do apêrto. Muitíssimo povo e entusiasmo. Não sei como as pobres senhoras que subiram, puderam passar, e mesmo na praça era muitíssimo difícil adiantar, apesar da música e senhores que iam adiante (ilegível).

Gaston agradeceu a manifestação, que muito nos penhorou, assim como as duas outras dos dias passados. Como nestas, traziam bandeiras, fogos e lanternas de cores e o efeito foi igualmente muito brilhante.

Fomos-nos deitar tarde, só a 1 hora dormimos, graças a um morcego no quarto, que levamos a caçar quasi uma hora.

## 9 DE JANEIRO DE 1885

Dia de calor terrível, como no Rio de Janeiro neste tempo. Só tive um pouco de fresco no bonde, à tarde, que fomos até a Capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes.

Das 3 às 4, caiu um furacão terrível, trovoada e chuva de pedras. Pouco refrescou.

Gaston saiu para sua militança, antes e depois do almôço.

Muitas visitas, à noite, o seu conhecido Bossi tornou a vir, e me pediu que não deixasse de dizer a Papai e a Mamãe que êle tinha vindo expressamente aqui para me ver, que tinha tido o maior prazer nisso, lembrando-se da maneira pela qual meus Pais sempre o têm tratado. Acabou por me dizer que eu era boa (não foram as palavras mas o sentido) como tudo em São Cristovão.

## 10 DE JANEIRO DE 1885

Missa, às 8, na Capela de São Rafael, capelinha muito bonita, que o Bispo mandou edificar em cumprimento de um voto que fez.

Visita ao Asilo da Providência, muito bom, dirigido por senhoras daqui, e quanto ao ensino por Irmãs do Coração de Maria. O Asilo está junto à Capela de São Rafael, e é mais antigo do que esta.

Furacão, às mesmas horas que na véspera, e ainda mais forte.

Depois do jantar, visitamos o "Partenon Literário" dirigido pelo Almeida Couto, irmão do de São Paulo, e colocamos a primeira pedra do novo edifício do Partenon, onde haverá salas para escola municipal e ensino de ingênuos. A esta última parte se destina o que ficou da subscrição, que se fêz para a libertação dos escravos do município. (10).

O Partenon tem contribuído muito para a liberdade dos mesmos, e ensino dêles por meio de aulas noturnas gratuitas.

Concêrto: Teatro muito bonito, com muita gente, mas música levada das brecas. As únicas cousas que se podiam ouvir foram uma menina que tem disposição para rabeca, e um sueco (Stela), que toca igualmente rabeca e me pareceu ter talento. Sua rabeca tem um bonito som, infelizmente não tocou só.

## 11 DE JANEIRO DE 1885

Missa, no Carmo, onde estava armado um bonito presépio e muito grande, mas sempre com as desproporções nos tamanhos: galos maiores que carneiros e por aí além.

Às 3 e meia, exercícios militares; batalha, com alunos da Escola, 13.º Regimento, parte do 12.º e policia. Muito bonitos exercícios. Tiveram lugar no campo, defronte da Escola, e nenhum

---

(10) O "Partenon Literário", sociedade que reuniu as maiores expressões da cultura gaúcha, no século passado, foi fundado e inaugurado festivamente a 18 de junho de 1868, em um edifício da antiga rua de Bragança, graças aos esforços e entusiasmo de Apolinário Pôrto Alegre, Caldre e Fião, Hilário Ribeiro e outros. Teve longa vida e muito trabalhou pela libertação dos escravos.

acidente houve a lamentar, senão uma briga que houve perto da Escola entre um cadete e um oficial da Polícia, e fora dos exercícios.

À noite, bonito baile que nos ofereceu o Comércio, no Clube do Comércio, muita gente, muitos bonitos *toilettes*, bonitas moças. Para lá, fomos às 9 e voltamos a 1.

Devo fechar minha carta, meus bons Pais, pelo programa que organizamos aqui, por tudo quanto Gaston terá que fazer com a militança, vimos que o mais cedo que poderemos estar em Petrópolis será no último dia de Fevereiro. Contamos de Santos, tornar a subir a São Paulo e chegarmos a Petrópolis pela Estrada União e Indústria, tudo se Deus quiser. As saudades são muitas.

Aceitem o abraço saudosíssimo de ambos e deitem sua bênção em nós e nos caturras.

Sua filhinha que tanto os ama

(Ass.) ISABEL CONDESSA D'EU

Saudades a todos que sabem, não esquecendo Mariquinhas Tosta, a quem dirá os nossos projetos de voltar e que desta vez não lhe posso escrever, por falta de tempo. Dê-lhe muitas saudades minhas.

## 12 DE JANEIRO DE 1885

Colocação do retrato do Visconde de Pelotas, na Câmara Municipal, retrato oferecido pelo Corpo Docente da Escola Militar. Assistimos a essa cerimônia.

Gaston tem continuado a ir, todos os dias, a seus afazeres militares. Não gostou da Enfermaria Militar, e achou a Prisão, que também foi visitar, muito cheia demais e desordenada, bem que exteriormente tenha aspecto que indique outra cousa. Estão-na aumentando. Há mais de 300 presos.

## 13 DE JANEIRO DE 1885

Às 7 horas da manhã, partíamos no vapor "Monarca", para o Arroio dos Ratos para ver a mina de carvão. Passeio de rio muito bonito.

Ao meio dia, pouco mais ou menos, chegávamos a São Jerônimo e Triunfo, (11), e desembarcávamos mais longe, onde começam os trilhos de ferro para a mina, vagons puxados primeiro por animais e depois locomotiva. Perdemos aí muito tempo. Chegando à mina, teve lugar a benção do novo poço, que foi meu afilhado e a quem deram meu nome. Vimos descer os mineiros e de-

pois fomos nós. Pedro e Luís foram conosco, Antônio ficou no vapor.

Ao descer no elevador, não sei que emoção se apoderou do Pedro, que se pôs a chorar. O Luís já antes chorara, não querendo descer porque, depois disse êle, pensava que lá embaixo não havia luz.

A primeira impressão ao percorrer as galerias estreitas e baixas, que indo sentada num carrinho baixo ainda assim precisava abaixar a cabeça, é impressão de opressão e perguntei-me se poderia suportar isso muito tempo, acabei porém por acostumar-me. lamentando entretanto a sorte penosíssima dos mineiros obrigados a 8 horas de trabalho, por dia, nessas profundezas apertadas. Na mina há muitas galerias, dois poços e a visita a ela é muitíssimo curiosa. O carvão é muito abundante e de muito boa qualidade. Não ha *grisou* ao menos por ora. Champagne na mina e lunch depois de sairmos.

Na volta, em lugar de irmos nos vagões puxados por animais, voltamos êsse pedaço a pé, apanhando ágatas.

Mais longe, e do outro lado do rio, visitamos uma muito importante e grande fábrica de tijolos, telhas e obras de madeira.

Ainda mais longe, e de novo do lado primitivo, está a estação da Estrada de Ferro, que passando por Taquarí nos levou ao Rio Pardo, onde só chegamos às 9 e meia da noite, os meninos dormindo por tal forma, que o Luís foi no carro até à casa, que para nós aprontaram, como uma verdadeira trouxa entre Gaston e eu, e na manhã seguinte me perguntou se o caminho de ferro chegara até a porta da casa.

Atrevessamos bonito país.

## 1 DE JANEIRO 4DE 1885

Partida para a Estância da Boa-Vista, do Newlands, genro de D. Eugênia Pôrto, ás 10 horas da manhã, depois de Gaston ter ido visitar o quartel, uma palhoça cheia de pulgas, e de termos almoçado.

O trajeto em sí, de caminho de ferro, não é senão de uma hora, carros, passagem do rio e de novo carros de 2 horas e meia, mas a passagem do rio foi longa porque só havia uma balsa, e os carros e passageiros eram muitos, e além disso paramos na Estân-

---

(11) S. Jerônimo fica à margem direita do rio Jacuí, defronte de Triunfo, que está á margem esquerda na confluência do rio Taquarí no Jacuí. E' no município de S. Jerônimo que ficam as principais minas de carvão do R. G. S.

cia de Pederneiras do José Pôrto, para ver um rodeio de gado, marca de gado (êste fechado numa mangueira, e os gaúchos muito pitorescos a cavalo ou a pé com seus laços para derrubarem os animais) e finalmente jantar.

Antigamente, as duas Estâncias de que falo e a do Anápio Pôrto só formavam uma sob o nome de Pederneiras. Depois da morte do Pôrto (Veador) a Estância foi dividida entre a filha e dois filhos. A casa principal é a da atual Estância da Boa Vista, que pertence á filha, casada com o Newlands. (12).

O passeio de hora e meia em carros, de Pederneiras a Boa Vista, onde chegamos perto das 8, foi lindíssimo, o sol se pôs em extensas planícies cortadas por alguns capãos, gado gordo e bonito pastava por tôda a parte, o céu ficou vermelho até depois de nossa chegada, não se podia ver cousa mais bela.

Gostei muitíssimo desta parte do Rio Grande, digna rival dos campos do Paraná e do também magnífico campo de Santo Ângelo, perto de Mogí das Cruzes.

Na Estância estão D. Eugênia Pôrto, seus filhos Pedro, José com senhora, Marieta, marido e filhos, Edgardo e sua muito conhecida de Petrópolis Helenita. Conosco vieram além de tôda a meninada e comitiva, o Deschamps, parte da comitiva militar de Gaston, o Carvalho M... e o Tinoco.

## 15 DE JANEIRO DE 1885

Missa às 8 meia. Almôço depois.

Os meninos não fazem outra cousa, desde ontem, senão laçar com cordas que arranjaram.

À tarde, depois do jantar, com os meninos mais velhos e muitas outras pessoas, montamos a cavalo e fomos pelo campo afora até o rodeio de gado vacum e cavalar do Anápio Pôrto. Os animais já estavam todos reunidos, cada espécie formando seu círculo. Havia umas duas mil e tantas cabeças de gado vacum e não soube quantas de cavalos, alguns bem bonitos, e dois bem fogosos, de clinas compridas, que nos deram o espetáculo de uma briga onde não pouparam pulos e coices, e foi digna do pincel de um pintor.

Atravessei o rodeio dos animais vacuns (é preciso irem vários

---

(12) Trata-se do Veador José Ferreira Pôrto, falecido em Pôrto Alegre a 29 de dezembro de 1881. Era casado com D. Eugênia Rosa Marcondes Jobim. Uma de suas filhas, D. Maria Amália Jobim Pôrto casou-se com Luís Francisco Newlands, em cuja Estância Bôa Vosta, no município de Rio Pardo, que lhes tocou por herança, hospedou-se a Princesa Isabel.

cavaleiros juntos senão seria perigoso): é um mugir e movimento constante; pude assim ver muitos dêsses animais bonitos e gordos. Assistimos ao laçar de vários touros: o belo animal na frente e atrás, o não menos pitoresco gaucho a cavalo armado de seu laço, que fazia girar à roda da cabeça, e lançava quando julgava oportuno; tudo isso a grande galope. Montam muito bem, aqui.

Vimos tambem bolear e laçar cavalos e domar alguns chucros.

Na volta, tivemos ainda um magnífico pôr de sol.

Foi um lindo passeio e interessante, e que muito nos divertiu.

Cantaram e dansaram a tirana, em casa à noite.

Há leite excelente na Estância, de que nos temos regalado. (13).

## 16 DE JANEIRO DE 1885

Às 4 e meia, levantávamo-nos, e Gaston partiu ás 5. Talvez não o veja antes de um mês ou pouco menos. (14).

Os meninos foram ver caçar e trouxeram periquitos e outros pássaros. Daqui de casa, vi uma bonita avestruz, que veio pastar bem perto da frente. Parece que para apanhá-las o melhor meio é de esticar-se no chão e de com um chapéu assenar-lhes e depois esconder o chapeu alternativamente. A avestruz chega até muitíssimo perto para reconhecer o que está assim mechendo, e então apanham-na com um laço.

Depois do jantar, lindo passeio a cavalo, na volta os meninos puseram Teresa sôbre um dos cavalos e fizeram-na andar com grande alarido, uns puxando, outros tocando (cavalo muito manso). Divertiram-se bem, assim como depois que assistiram a uma sessão de *marionettes* (realmente dansavam muito bem) e a prestidigitação muito feita pelo Pedro e José Pôrto.

Fiquei simpatisando com essa família, boa gente, simples e muito serviçais e também alegres.

---

(13) A respeito da Estância das Pederneiras e de seus donos, escreveu o Conde d'Eu, em nota ao seu livro "Viagem Militar ao Rio Grande do Sul":

"Quando voltei em 1885, ao Rio Grande do Sul com a princesa e nossos filhos, os filhos do Sr. Pôrto com a mãe já viúva, dona Eugênia Jobim Pôrto, nos receberam fidalgamente na sua bela e interessante Estância das Pederneiras, não longe do rio Jacuí".

(14) De Pederneiras, o Conde d'Eu seguiu diretamente para Saican, com seu Estado-Maior, onde foi realizar as primeiras grandes manobras do Exército ali, local que, posteriormente, passou a ser o campo das manobras periódicas das tropas sediadas no Rio Grande do Sul.

## 17 DE JANEIRO DE 1885

Partimos da Boa Vista, às 6 da manhã, com muito bom tempo sempre, e às 6 da tarde estávamos em Pôrto Alegre, tendo almoçado na Estação do Rio Pardo e jantado a bordo do "Monarca". (15).

A vista dos campos e dos rios sempre muito bonita, e também muito bonita a chegada a Pôrto Alegre.

## 18 DE JANEIRO DE 1885

Missa às 9.

Da 1 às 4, estivemos no Prado da Boa Vista, para as corridas de cavalos; Pedro e Luís se divertiram muito. Eram as primeiras corridas em regra, a que êles assistiam. Com grande amabilidade para nós, fizeram correr, enquanto lá estávamos, os principais páreos e havia cavalos bonitos, todos do país.

Lá se achavam a Viúva e filhas do Senador Florêncio de Abreu, que se mostraram muito penhoradas da pergunta que Papai me fêz em sua carta, sôbre sua família. A Viúva ainda está bonita, e devia ter sido bem formosa e agradável. As filhas são engraçadinhas. Já tinha visto em Palácio uma filha e um filho, a mãe não tinha podido vir. Há 3 moças, 1 menina de 10 anos, 1 rapaz e 1 menino de 3 anos, nascido depois da morte do pai. (16).

## 19 DE JANEIRO DE 1885

Passeio a pé, de manhã, com os 3 meninos; entramos em casa de um relojoeiro, que tem também muitos trabalhos de ourivesaria, feitos com pedras do país e outras. Bonita loja.

Choviscou quási todo o dia, mas muito pouco.

À tarde, visita com Pedro e Luís ás fábricas de cerveja de

---

(15) Na época (1885) a viagem de trem terminava na Margem do Taquari, hoje General Câmara. Ali era feita a baldeação para vapôres com linha regular até Pôrto Alegre. Além do vapor "Monarca", em que viajou a Princesa Isabel e sua comitiva, faziam também a linha o "Guapo" e o "Gaúcho".

Com a ligação direta da estrada de ferro, de Santa Maria até Pôrto Alegre, Margem do Taquari decaiu, só voltando a progredir depois que ali se instalou o Arsenal de Guerra, transferido de Pôrto Alegre em 1935.

(16) O Senador Florêncio de Abreu, faleceu em 1882. O menino de 3 anos a que se refere a Princesa Isabel, é o ilustre Desembargador Florêncio de Abreu, fundador e 1.º Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Frederico Christoffel, e de Beck e Companhia, às serrarias e móveis de Kappel e Irmão, e de Carlos Cort e Companhia, e à fundição de Só e Companhia. Fábricas importantes, a do Christoffel, além da cerveja, fabrica gelo. (17).

Adeus, meus queridos e bons Pais, tive boas notícias de Gaston, de São Gabriel. Aceitem ambos meu abraço saudosíssimo e deitem sua bênção em nós e nos caturras.

Sua filhinha que tanto os ama

(Ass.) ISABEL CONDESSA D'EU

A comitiva muito agradece suas lembranças e muito se recomenda a meus Pais, beijando-lhes saudosamente as mãos. Muitas saudades minhas ao Pedro, Josefina, Tostas, White, Penhas e Estrelas velhos e moços, grandes e pequenos.

Creio que no meu *Diário* não mencionei nossa visita à Beneficência Portuguêsa, bom hospital e bem situado.

Recebi suas boas cartas hoje, e há dias outras com as figurinhas de Mamãe. Muito e muito obrigado.

## 20 DE JANEIRO DE 1885

Devíamos ter ido esta manhã à Estância do Fonseca Guimarães, mas quando estávamos todos já prontos às 6 horas, cae um aguaceiro, que ameaça continuar e nos impede de dar nosso passeio.

De tarde, visita às fabricas de chapeus do Sommer, e de Birnfeld e irmão, pequenas com poucos operários, e que não valiam a pena ser visitadas.

Os Birnfeld, pareceram-me gente bastante fina, tem um filho que se doutorou êste ano no Rio, e se achava em casa dêles.

Disseram-me que o contrabando pela fronteira é terrível, e que lhes parecia que o único meio de pôr côbro a isso seria fazer uma convenção de tarifas com o Rio da Prata, pois guardar tôda a fronteira não será possível. O contrabando e as grandes fábricas de chapéus de Pelotas fizeram com que a indústria dos chapéus e do calçado tenham decaído aqui muito.

---

(17) A fábrica de cerveja de Frederico Christoffel ficava na rua Vigário José Inácio n.º 1, a de Guilherme Becker na rua da Floresta n.º 3, e a fundição de Só e Cia. estava localizada na rua Voluntários da Pátria n.º 44.

Das fábricas de chapéus fomos à fundição de José Becker e Irmão, bastante importante. Aí fundiram umas peçazinhas para os meninos (Pedro e Luís) do que êles muito gostaram. (18).

## 21 DE JANEIRO DE 1885

Às 6, partíamos de carro para o trapiche da Companhia Fluvial. Daí, no "Guapo", fomos até defronte da *Estância de Santa Rita*, do João Pinto Fonseca Guimarães (19). Em escaleres, atravessamos um lugar cheio de juncos, navegação curiosa que fêz lembrar as margens do Nilo e Moisés na sua cestinha, e pouco depois desembarcávamos.

Antônio tinha ficado em casa. Pedro, Luís, eu, o José Caetano, o Presidente, o Doutor, D. Leonor, Monsieur Stoll, o Fonseca Guimarães e outros fomos a cavalo; a Baronesa, as filhas e meninos do Doutor, de carro; mais tarde, o Doutor e D. Leonor também preferiram carro a cavalos trotões.

O rodeio estava feito não longe do desembarque, nosso conhecido capataz do churrasco daqui do páteo do Palácio, aí estava no teatro de suas façanhas campestres, sempre com seu vestuário pitoresco e bonito, por ser muito harmonioso. Outros tinham bombachas de chita cor de rosa com galões encarnados! Laçaram, bolearam, domaram, correram como doidos, parecendo atarrachados nos cavalos, e carnearam uma vez. Fêz-me horror esta última parte, creio poder bem afirmar que antes de morto completamente o pobre animal, começavam a lhe tirar a pele da cabeça! Não lhe dão o golpe fatal na nuca para que morra logo mas abrem-lhe a arteria do pescoço. Tôda essa primeira parte não quis olhar. É preciso dizer que tiraram perfeitamente a pele e as diferentes partes. O fim da cerimônia não era apetitoso, mas ao menos o bicho já estava morto.

Na casa da Estância, donde presenciamos o domar e a carneação, almoçamos.À 1 hora e meia, partimos para Pedras Brancas, a cavalo e de carro. Lindo passeio, um pouco quente. Mostra-

---

(18) A Fábrica de Máquinas e fundição de ferro de José Becker e Irmão, fundada em 1857, estava localizada na rua Voluntários da Pátria n.º 371 e era, de fato, muito importante: fabricava máquinas a vapor, caldeiras, moinhos, engenhos, prensas para fumo, fornos para farinha, cooperando grandemente para o progresso industrial do R. G. do Sul.

19) O coronel João Pinto da Fonseca Guimarães era grande estancieiro no atual município de Guaíba e muito conceituado. Sôbre a família, vide ***Genealogia Riograndense***, de João Pinto da Fonseca Guimarães (Filho) e Jorge Godofredo Felizardo.

ram-me o lugar de um capão, onde Gaston almoçou há dias, tendo ido ver um campo de manobras pertencente à Estância, e que é magnífico. Como o caminho era muito bom, não havia perigo de animais bravos, e os cavalos dos meninos eram muito mansos, deixei-os irem sós sem rédea falsa. O Luís ia com sua corda amarrada ao selim, como os laços dos gauchos e ambos, via-se, estavam encantados. Atrás de nós vinham vários da Estância a cavalo, entre outros o das bombachas de chita cor de rosa, que no meio do todo desapareciam. Uns tocavam viola (os cavalos sempre andando), outros cantavam. Vistas, campos e capãos muitíssimo bonitos A vista de Pedras Brancas é lindíssima: de um lado, o campo de manobras extensíssimo, na frente capãos grandes, ao longe a casa da Estância, à direita Pôrto Alegre também ao longe e o rio, avistando-se do outro lado até o morro de Itapuan.

Em Pedras Brancas, fomos à Igreja, simples salão, está-se construindo uma, e à casa de um negociante daqui (conheceu meu avô no cêrco do Pôrto), onde como por quasi tôda a parte regalamo-nos de figos deliciosos e outras frutas, e a Senhora do Fonseca Guimarães tendo oferecido um dote a uma órfã, por ocasião de nossa ida aí, o Pedro tirou a sorte para saber qual de várias órfãs seria a escolhida. Saiu o nome de uma Balbina de tal, muito pobre.

No trapiche de Pedras Brancas, embarcamo-nos de novo, no "Guapo" e às 4 e meia estávamos em casa.

Não tenho tempo para mais, queridíssimos, senão de pedir-lhes sua bênção para nós todos e dar-lhes meu abraço bem saudoso.

Sua filhinha que tanto os ama

(Ass.) ISABEL CONDESSA D'EU

Boas notícias de Gaston esta tarde do Rosário. (20).

---

(20) A viagem do Conde d'Eu ao Rio Grande do Sul, acompanhado por sua Sereníssima Consorte, a Princesa Isabel, prendeu-se à realização das primeiras grandes manobras realizadas pelo Exército nos campos de Saican. A propósito transcrevemos, a seguir, a Ordem do Dia n.º 1 dessas grandes manobras, documento que possuimos em nosso arquivo, por cópia autêntica:

"COPIA — Quartel General do Comando em chefe do corpo de Exército em campo de Exercício na invernada de Saican, vinte e dois de Janeiro de mil oitocentos e oitenta e cinco. Ordem do dia número um. Sua Alteza o Senhor Marechal de Exército, Príncipe, Conde d'Eu, tendo assumido o comando das fôrças reunidas n'este acampamento, em virtude das instruções que acompanham o aviso dirigido a Sua Alteza pelo Excelentíssimo Senhor Ministro da Guerra em vinte e dois de outubro do ano próximo passado, e

de conformidade com o aviso na mesma data enviado pelo mesmo Excelentíssimo Senhor Ministro à presidência da província do Rio Grande do Sul, manda publicar para conhecimento das mesmas fôrças as disposições seguintes: Nomeações. — Para chefe de Estado-Maior o Excelentíssimo Senhor Tenente General Salustiano Jerônimo dos Reis, tendo para seu secretário o Capitão D. Joaquim Balthazar da Silveira; para Ajudante General o Senhor Coronel José Simeão de Oliveira, tendo para assistentes os Senhores Tenente Antônio Gerôncio Pereira Macïel e Alferes Boaventura Maggessi de Castro Pereira; para Quartel-Mestre General e chefe da Comissão de engenheiros o Senhor Tenente Coronel Catão Augusto dos Santos Roxo, tendo para assistentes os Senhores Capitão Tomaz Tompson Flores e Alferes Cândido de Azambuja Rangel, para Cirurgião mór, o Senhor Cirurgião mór de brigada José Joaquim dos Santos Corrêa; para Capelão mór o Senhor Capelão Capitão José Corrêa Dias de Moura. O Estado Maior de Sua Alteza continuará como até agora composto dos Senhores Major Estêvão Joaquim de Oliveira Santos, como secretário e Capitães Hermes Rodrigues da Fonseca e Agrícola Ewerton Pinto como ajudantes de ordens. Para comandante da primeira divisão o Excelentíssimo Senhor Marechal de campo Barão de Batovi, tendo junto a si os Senhores Tenente Júlio Fernandes Barbosa e alferes aluno Francisco Sérgio de Oliveira, êste para ajudante de ordens e aquêle para assistente de ajudante General e Quartel-mestre General. Para comandante da segunda Divisão o Excelentíssimo Senhor Brigadeiro José Luiz da Costa Júnior, tendo junto a si os Senhores João Farias de Oliveira Lima para assistentes do ajudante General e Quartel Mestre General e alferes Francisco Caldas Tompson para ajudante de ordens. A primeira divisão se comporá do primeiro Regimento a cavalo, do quarto Batalhão de infantaria e de dois esquadrões do segundo e quarto regimentos de cavalaria. A segunda divisão se comporá do doze Batalhão de Infantaria e dos dois esquadrões do terceiro e quinto regimentos de cavalaria. O contingente do batalhão de engenheiros fica diretamente subordinado ao comandante em chefe. Assinado Tenente General Salustiano Jerônimo dos Reis, chefe do Estado Maior. — Conforme. — Boaventura Maggessi de Castro Pereira, Ajudante d'ordens".

## 22 DE JANEIRO DE 1885

Visita ao Estabelecimento do Padre Cacique: Asilo de Santa Teresa; quarenta e tantas meninas, diretora antiga aluna do Asilo, tudo com muita ordem e asseio, o serviço todo feito pelas meninas, as quais com seus trabalhos de agulha e outros têm já ajudado com 31 contos ao próprio Asilo. Algumas têm dinheiro em cadernetas, já sairam do Asilo 16 professoras, umas 14 têm-se casado.

No Asilo de Mendigos, começado a construir pelo próprio Pe. Cacique, já se tem gasto mais de 20 contos e os alicerces já estão fora da terra até o primeiro pavimento. Êstes 20 e tantos contos são de pedidos que o Padre fêz para êsse fim.

A voz geral é que o Asilo de Mendigos fique aí, onde está. O Padre Cacique me disse que só assim poderia dirigi-lo e obter muita economia, que não haveria inconveniente na proximidade dos dois estabelecimentos, duzentos e tantos metros, que muitas das meninas começaram por ser mendigas, que aliás êle se com-

promete, se tiver autorização para continuar, em fazer uma rua que separe bem os dois estabelecimentos, e construir um muro de cada lado da rua.

O Padre Cacique é muitíssimo admirado aqui por gregos e troianos, e exaltam-lhe as virtudes. Não duvido, mas êle tem cabelinho na venta, o que às vêzes ou mesmo quasi sempre é necessário, para levar a efeito um grande plano.

Ha muita razão pró e contra a construção do Asilo de Mendigos, onde se acha, que melhor com a vista, apontamentos do Padre Cacique e planos, lhes poderei explicar. (21).

À tarde, passeio com tôda a meninada na colina do Partenon, linda tarde, os meninos muito pularam aí e se divertiram.

## 23 DE JANEIRO DE 1885

Tomei um bom regabofe de meu pobre piano.

À tarde, fui com Pedro e Luís e a comitiva, de bonde até o Menino Deus. Daí, os meninos, eu, D. Leonor, Doutor, Mr. Stoll, José Caetano, Presidente (22), Ajudante de ordens, Visconde de Pelotas, Fonseca Guimarães, fomos a cavalo até o alto do Morro do Cristal, lindo passeio, curto, e que vista! Todo Pôrto Alegre, uma imensidade do rio, os vários rios, colinas, a extensíssima planície de campos da Estância de Santa Rita, a que fomos antes de ontem.

Estávamos, em casa, às 7 e meia, já achando aí várias pessoas visitantes e pedintes.

## 24 DE JANEIRO DE 1885

Recebemos suas boas cartas de Petrópolis e Rio. Muitas saudades também tenho de nossos domingos e quintas-feiras. Agora, só depois de 1.º de março.

---

(21) O Padre Joaquim Cacique de Barros foi um digno êmulo de S. Vicente de Paulo. Condoído da sorte de pequeninas órfãs, deu início à sua obra benemérita em 1862, recolhendo-as a um estabelecimento particular, até que pôde construir o Asilo Santa Teresa, iniciando, em 1881, a edificação do Asilo de Mendicidade, falecendo sob o seu teto a 12 de maio de 1907. A Princesa diz que êle tinha "cabelinho na venta". De fato, diz um seu biógrafo que êle "era sóbrio, opiniático, intemerato", e foi graças a isto que conseguiu realizar esta grande obra.

(22) Pela segunda vez a Princesa cita o presidente da Província, sem declinar-lhe o nome. Chamava-se José Júlio de Albuquerque Barros, era doutor em leis e dirigiu a Província de julho de 1883 a setembro de 1885. Foi agraciado com o título de Barão do Sobral, cidade do Ceará onde nascera, a 19 de janeiro de 1789.

Tenho tido boas notícias de Gaston, mas as barracas e mantimentos ainda faltam em Saican. Eis o telegrama que recebi dêle hoje:

> "Dormi bem regularmente, na cama de vento emprestada pela Câmara Municipal. Às 4 horas, montei a cavalo para exercício, de onde volto, agora, 8 e meia, e vamos procurar comer na Candelaria, a uma légua daqui".

Esta manhã, passiei a pé, com os meninos. Às 11 horas, estive no Colégio dos Anjos, externato para meninas, pagando conforme suas posses. Também há aulas para meninos pequenos. Estão em férias, mas as Irmãs Franciscanas reuniram uma boa porção das alunas e tive uma sessãozinha de discursos e poesias, bem boasinha. Casa limpíssima e muito boa e bem arranjada. Êste Colégio é uma sucursal do das mesmas Irmãs em São Leopoldo.

Visita ao "Itapuan", para ver os cômodos.

Depois do jantar, fomos de bonde a uma fábrica de arreios e calçados e cortume de Firmo Joaquim Leite de Almeida. Da fábrica, importante, subimos à casa de moradia, onde nos serviram champagne e biscoitos. Em várias fábricas, que temos visitado, têm-nos igualmente servido champagne, frutas.

Chegou aqui, hoje, para nos visitar a mulher do Henrique Lisboa.

Esta noite veio cá, de novo, a irmã de D. Rita Lamare e o marido. Dei o recado de Mamãe. Êles me deram dois retratos grandes de meus avós do Brasil, que muito estimei ter, e devem ser parecidos. As molduras são antigas e muitíssimo bonitas: de jacarandá embutido de madrepérola.

Agora, 9 e meia, recebo novo telegrama de Gaston:

> "Hoje, não recebi telegrama seu, o que me aflige, pois o de ontem dava notícias de Luís rouco. Estive, ho-

---

(23) Ainda, a propósito das grandes manobras que o Conde d'Eu estava dirigindo em Saican, há, dêle, uma nota no livro "Viagem Militar ao Rio Grande do Sul", em que recorda êsse fato: "Em 1885 passei ali (Saican) alguns dias, acampado em barraca, dirigindo um campo de instrução, onde reunira parte dos corpos de guarnição nesta província. Ao regressar desta viagem apresentei ao Ministério da Guerra, então a cargo do conselheiro Eleutério de Camargo, um relatório, no qual, além de outras medidas, indiquei as que me pareciam indispensáveis para poder-se organizar eficazmente coudelaria que tantas vêzes se projetara fundar alí".

je, dez horas a cavalo em exercícios e invernada, o que me fêz muito bem. Santos chegou bem, apesar de ter duas costelas quebradas (quebrou-as ao descer de um vagão, depois que Gaston me deixou). Deschamps está bastante incomodado com cólicas e Larue não pode andar, por ter pé inchado. São perto de oito horas". (23).

Boas noticias, meus bons Pais, e sua bênção. Aceitem ambos o abraço saudosíssimo desta sua filhinha que tanto os ama.

(Ass.) ISABEL CONDESSA D'EU

Esta carta vai amanhã, pelo "Itapuan" até o Rio Grande.

## 25 DE JANEIRO DE 1885 — PORTO ALEGRE

Missa às 9, e corridas no Prado da Boa-Vista, com tôda a meninada, mesmo Antônio, da 1 hora às 4.

O José Caetano tem tido bastante dor de garganta, por causa de um banho frio que tomou, tendo transpirado muito, pondo-se logo depois a escrever. Achei mais prudente, mandar vir um médico esta noite. Êste achou que o José Caetano não devia sair do quarto, amanhã, e vai dar-lhe remédio para fazer abortar o pequeno abcesso que tende a formar-se. Não julga, porém, que haja nenhuma gravidade no caso.

## 26 DE JANEIRO DE 1885

Dia dos anos do Luís, 7 anos! Muito contente ficou com todos os presentes, que recebeu e sobretudo com um rebenque lindo, que lhe deu o filhinho do Pedro Pôrto.

De tarde, fomos de carro até uma légua daqui, para vermos um homem que faz trançados de couro; mas os finíssimos só em Pelotas se fazem.

## 27 DE JANEIRO DE 1885

Bonita excursão a Morretes, por vapor. Busca de pedras (de carro) em várias pedreiras (aí, a pé) de propriedade do Sr. Borges de Lima, busca dirigida pelo Engenheiro Dahn.

Numa das pedreiras, por um efeito vulcânico, a pedra separou-se em duas partes, estas afastaram-se paralelamente e pela chaminé que deixaram, subiu a matéria em combustão, que queimou em parte a pedra que estava visinha. Vê-se isso bem claramente. A maior parte da pedra que aí se acha é um grés verme-

lho bem bonito para construções. A fachada do Banco da Província é tôda feita de grés análogo.

O almoço foi-nos dado pelo Sr. Borges e uma comissão de vários cavaleiros já nossos conhecidos daqui, e que também conosco daqui partiram e lá se achavam com suas famílias. Dos de casa, foram Pedro, Luís, eu e tôda a comitiva, menos José Caetano ainda incomodado da garganta, mas melhor.

O almoço foi servido debaixo de uma armação imensa de esteios com bambús atravessados e fôlhas por cima. Muito bem arranjado tudo, e muito agradável, e uma linda vista por tôda parte e belas árvores. Vê-se Pôrto Alegre, ao longe. Tiraram-se várias fotografias. O Bispo também aí se achava e almoçou conosco. Para aí veio, há dias, convalescer.

Visitamos o pomar, onde há figos deliciosos e uma imensidade de uvas pretas americanas.

Estávamos de volta, em casa, às 5 horas, depois de ainda termos visitado em passagem para bordo, a olaria da propriedade, bem grande e completa, mas que agora não trabalha.

## 28 DE JANEIRO DE 1885

Às 8, fui com a Baronesa à missa na Capela de São José dos alemães. A parte do altar-mor, só, está pronta no estilo gótico e bem bonitinha. O altar-mor do mesmo estilo foi todo feito aqui, em madeira com dourados e muitíssimo bonito. O capelão é alemão e tem boa cara, e os cânticos foram muito simples, muito apropriados e harmoniosos. Apesar do calor, que era bastante, ouvi uma missa em paz e recolhida, sem ter meus ouvidos arranhados por gritos e desafinações, uma missa como sempre desejaria ouvir.

Depois do almoço até o jantar, levei todo o dia a arranjar e mandar arranjar pedras, carvão e *tutti quanti* 11 caixões cheios! que levamos daqui.

Depois do jantar, fomos todos com o Pelotas, ao banheiro onde êle toma banhos no Guaíba, dava vontade de atirar-se nagua (Mr. Stoll aí toma banhos agora), e à chacara perto de D Matilde Barreto Pereira, sogra do filho do Pelotas. Chácara imensa, cheia de frutas, muito bonita e onde os meninos se divertiram bem (24).

O José Caetano vai muito melhor.

---

(24) D. Matilde Barreto Pereira Pinto, viúva de José Inocêncio Pereira, que se casou com o General Alfredo Pinheiro Corrêa da Câmara, filho do Visconde de Pelotas.

## 29 DE JANEIRO DE 1885

Visita, à tarde, à fábrica de gêlo de Vallesi e à de sabonetes e velas de Adolfo Voigt, onde os meninos se divertiram muito a ver os diferentes processos para fazer acabar um sabonete.

## 30 DE JANEIRO DE 1885

Ainda encaixotar pedras, já 17 caixotes! Mas antes disso, às 11, fui com a Baronesa e o Presidente ao Hospício de Alienados, obra caridosa quanto é possivel, tirando 70 e tantos infelizes de cadeias, onde não podem senão peorar. Pareceu-me bem entendido, bem dirigido e será imenso, pois o que está construído é a quarta parte e já é muito grande.

À noite, visitas como quási sempre, e música tocando fóra, o que é o divertimento quotidiano do Antônio.

## 31 DE JANEIRO DE 1885

Concêrto da Sociedade Filarmônica Pôrto-Alegrense, na sala da Bailante. Não foi mau e havia boas vozes. A sala é bem bonita. (25).

## ZUSAMMENFASSUNG

**Die Graefin Isabel, Thronerbin des Kaiserreichs Brasilien, berichtet an ihre durchlauchtigsten Eltern den Kaiser Dom Pedro II und die Kaiserin Theresa Christina, — kaum 5 Jahre vor deren Absetzung, in fast taeglichen Briefen vom 30.12.1884 bis zum 31.1.1885, ueber ihre erste Reise nach der suedlichsten Provinz Rio Grande do Sul. Waehrend ihr Gemahl, Graf D'Eu, als Marschall des brasilianischen Heeres den groessten Teil seiner Zeit mit Manoevern und Inspektion der Quartiere verbrachte, gefiel sich die Prinzessin, samt ihren Kindern mit Spaziergaengen in der Provinzhauptstad Porto Alegre, zu machen und das Treiben der Grossviehzuechter auf dem Kamp zu beobachten. Dabei kam sie auch nach S. Leopoldo, einem damals schon bluehenden Staedtchen, dem Ausgangspunkte der deutschen Kolonisation seit 1824. Sie nahm von dort den besten Eindruck mit. Als dann eines Abends dem Prinzenpaar ein schoenes Staendchen lauter deutscher Lieder zum besten gegeben wurde, dankte der Graf herzlich in deutscher Sprache den Saengern und**

---

(25) A *Sociedade Filarmônica Pôrto Alegrense* foi fundada a 28 de julho de 1877, e viveu cêrca de 15 anos. Vários músicos, como Araújo Viana e Murilo Furtado e cantoras do quilate de Amália Iracema e Zilda Chiabotto nela fizeram o seu aprendizado. Antes da Filarmônica funcionou em Pôrto Alegre a *Sociedade Musical Pôrto-Alegrense*, fundada em 7 de janeiro de 1856, e foi contemporânea sua a célebre *Estudantina*, que tanto deleitou a sociedade gaúcha com seus afamados concertos.

**Musikern. Das gleiche tat er auch in italienischer Sprache, als die Italiener ihm eine Probe ihres Koennens darboten.**

**General De Paranhos Antunes, der diese Berichte mit guten Anmerkungen bereichert, fuehrt die Veroeffentlichung bis zum 31. Januar 1885, mit dem Versprechen fuers naechste Jahr den Rest einzuliefern.**


## *SUMARY*

*Princess Elisabeth, the heiress to the imperial throne of Brazil, maintains an almost daily correspondence with her parents, the emperor Dom Pedro II and the empress Theresa Christina, on her first journey to he Province of Rio Grande do Sul, in the extreme South. The letters cover the period between Decembre 30, 1884 and March 31, 1885, less than five years before the fall of the imperial regime. During this excursion, Elisabeth's husband, the count d'Eu, commander in chief of the Brazilian army, spet most of his time with manoeuvres and inspections of caserns, whereas the princess preferred to take pleasant walks with her children in the capital Porto Alegre and to visit the farms and pastures of the cattle raisers. One of their trips led them to São Leopoldo, at the time a fourishing little town, which was the departing point of German colonization in 1824. They were highly impressed by the settlement. As one evening the princely couple received the homage of a serenade of German songs, the count thanked the singers and musicians in their Germann tongue. He did the same in Italian, when the Italian colonists gave him a proof of their skill.*

*General De Paranhos Antunes, who enriched these reports witht footnotes, published them up to the date of January 31, 1885. He intends to edit the remaining part next year.*

# La Campañía de Jesús en el Antiguo Guairá

## (1585 — 1631)

## Localización de Sus Trece Reducciones

por el P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.

**SIGLAS de la Bibliografia citada en este trabajo:**

**LOZANO: P. Pedro Lozano, S. J. «Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán,** con Notas y Suplementos por **Andrés Lamas,** Buenos Aires 1875, 5 volumes.

**CHARLEVOIX, Historia del Paraguay,** por el **P. Pedro Fr. Javier de Charlevoix,** anotada por **Muriel** y traducida por **Pablo Hernández.** Madrid 1912.

**CARDOZO: Ramón I. Cardozo, El Guairá, Historia de la Antigua Provincia 1554-1676. Buenos Aires 1938.**

**HERNANDEZ: Organizacíon Social de las Doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesús,** por el **P. Pablo Hernández,** 2 tomos Barcelona 1913.

**ESPASA: Enciclopedia Universal Ilustrada,** Barcelona.

**JAEGER: Os três Mártires Rio-Grandenses,** Pôrto Alegre 1952.

**IBIA: O Herói do Ibia,** por el **P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.** Pôrto Alegre 1943.

**ASTRIAN: Historia de la Compañia de Jesús en la Asistencia de España** por el **P. Antonio Astrain, S. J.,** tomo IV, **Madrid 1913.**

**JARQUE: Ruiz Montoya en Indias,** 1608 — 1652, por el **Dr. Francisco Jarque, Madrid 1900.**

**PASTELLS: Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay** según los Documentos originales del Archivo General de Indias, extractados y anotados por el R. P. **Pablo Pastells, S. J. Madrid 1912.**

**MONTOYA: Conquista Espìritual hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesús** en las Provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape, escrita por el **P. Antonio Ruiz de Montoya,** Bilbau 1892.

**LEITE: Historia da Companhia de Jesus no Brasil,** pelo **P. Serafin Leite, S. J.** 10 tomos.

**CORTESÃO: Jesuítas e Bandeirantes no Guairá,** 1594 — 1640, Introdução, Notas e Glossário por **Jaime Cortesão,** Rio 1951.

**XIX y XX: Documentos para la Historia Argentina, tomo XIX y XX,** Buenos Aires 1927 y 1929, Iglesia. **Cartas Anuas** de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, publicadas por el **P. Carlos Leonhardt, S. J.**

**TAUNAY: História Geral das Bandeiras,** por **Afonso d'Escaragnole Taunay,** São Paulo, 11 volumes, 1924 - 1950.

## 1. Prólogo.

De 1589 a 1631 algunos Padres de la Compañía de Jesús, de diversas nacionalidades, escribieron páginas gloriosas en la Historia de la Iglesia, en el Continente Surmericano. Fué la cristianización del antiguo Guairá, en el hodierno Estado brasileño del Paraná, melodrama encantador, que vino a terminar, infelizmente, en la más bárbara tragedia.

El asunto es por tanto delicado una vez que el historiador tiene que relatar embates violentos entre Bandeirantes y Jesuítas, choques entre intereses económicos y expansionistas, contra ideales puramente civilizadores y religiosos, gozando ambas partes del favor de las banderas de dos naciones secularmente rivales.

Afortunadamente, el autor de la presente tesis, como brasileño nato, venera a la misma patria que los Paulistas, y, simultaneamente, como hijo de la Compañía de Jesús, es hermano de hábito de los misioneros guaireños. Además, el autor, no teniendo en sus venas sangre de los hijos de la Península Ibérica, y habiendo convivido largos años, tanto con portugueses, como con españoles, conoce a fondo sua índole étnica y sus características raciales, por la cual se juzga colocado en el fiel de la balanza para mantener el equilibrio de la verdad y atacar de frente, con entera imparcialidad la realidad objetiva.

Aduciremos hechos rigurosamente históricos y geográficos, pregonados por unos como dolorosos y reprobables, y por otros, entretanto, festejados como heroicos y gloriosos. La larga distancia de más de tres siglos que ya pasaron, y además, el actual espíritu de "buenas relaciones" y la fraternidad sur-americana que anima nuestras patrias, contribuirán para tornar la inquisición más imparcial y objetiva.

Facilita la tarea tan momentosa, la opulenta documentación abierta hoy a los estudiosos, tanto de la parte Jesuítica, como de los Bandeirantes. Súmase a esto el conocimiento vivido y examinado de la geografía del marco donde se relizaron tales hechos, por

el autor que escribe estas lineas. El inspeccionó "in loco" los propios palcos donde se reprentaron, durante cuatro decenios, 1589-1631, las emocionantes escenas que vamos a describir, aunque sea resumidamente.

Fué nuestra intención examinar personalmente todas las localidades, especialmente las trece reducciones, o aldeamientos, fundados en esa época por los hijos de la Compañía en el Guairá, destruidas violentamente, o abandonadas ante la furia de los invasores. Lo conseguimos en Enero y Febrero de 1952, sólo parcialmente, porque algunos de los puntos visados aún se encuentran en lugares de dificil acceso, sumergidos en la maleza de la floresta, donde era imposible llegar sin buenos guias y grandes pertrechos de exploración. El nupérrimo mapa del Estado de Paraná, publicado ahona, en 1953, en la administración del Gobernador, Exm.º Sr. Dr. Bento Muñoz da Rocha Netto, nos mereció la máxima atención. Entre tanto la parte histórica, esa está abierta al público lector.

Aprovechamos este momento para expresar, aquí, nuestra sincera gratitud a los que nos ayudaron poderosamente en las pesquisas geográficas, nominalmente al Dr. José Loureiro Fernandes, de parte del Museo Paranense, e al Dr. Fernando Correia de Azevedo, de parte de la Secretaría de Educación y Cultura.

Observamos a los lectores que la presente tesis es sólamente el resumen de un libro de mayor envergadura que pretendemos escribir en época oportuna.

Pretendemos, aquí, principalmente la ubicación geográfica de las poblaciones cristianizadas en el viejo Guairá.

El Autor.

## 2. El Guairá.

Antes de entrar en el asunto, es menester esclarecer la grafía y pronunciación de la palabra que encabeza este capítulo.

La literatura española, con raras excepciones, escribe Guayra ó Guairá, con acento tónico en la sílaba final. Entre los brasileños no hay uniformidad: oimos proferir Guairá, Guaíra e también Guáina. Durante largos años grafaban los portugueses y brasileños Guairá, hasta que, hace un par de años, la Comisióón de Límites del Ministerio del Exterior, no sabemos porque razón, prescribió la adopción de Guaíra. Entre tanto, como lá única aceptable, por fundarse en la tradición y en la filología, consagradas aun recientemente por escritores modernísimos de la talla de Alfonso Taunay, Serafín Leite, Jaime Cortesão, Silveira Neto, José Honório Rodrigues y otros, adoptamos la de Guairá.

Guairá era el nombre de un poderoso cacique de una tribu guaraní que habitaba en las inmediaciones del Grande Salto, llamado

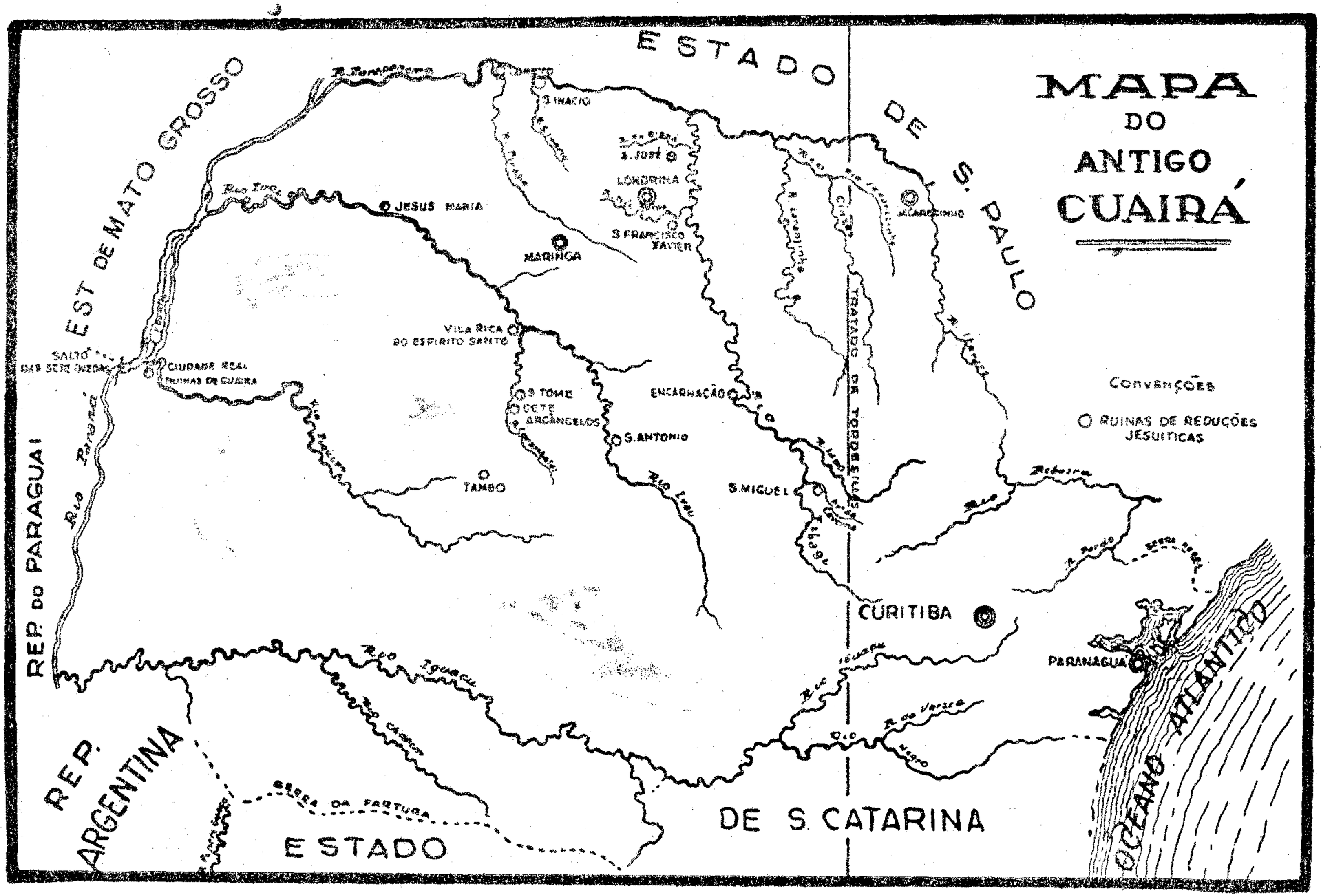
de las "Siete Caídas". Esas caídas, o torrentes, en la realidad son dieciocho erosiones abiertas, en muchos milenios, por las aguas del imponente rio Paraná, al arrojar sus aguas por un paredón de basalto de tres kilómetros de extensión y de 40 a 60 metros de altura. (Ver Lozano, I, 76; — Cardozo, 14 y 28; — Gay, Notas, in fine, nota XVIII; — Silveira Netto, Do Guairá aos Saltos do Iguassú, 109 ss; — Ten. Cel. Lima Figueiredo, Cidades e Sertões, p. 170; — Julio Nogueira, Do Rio ao Iguassú e ao Guairá, p. 121 ss; — Dr. Manuel Carrão, Impressões de Viagem à Foz do Iguassú e Rio Paraná, p. 67 ss; — Domingos Nascimento, Pela Fronteira, Paraná, p. 105 ss).

Filológicamente, "Guairá" quiere decir en guaraní "región de gente moza", de *guai*=mozo y *rá*=lugar. Esto es, "tierra de juventud". O también, de *guai*=palo para moler la hierba (ilex paraguariensis). (Jover Peralta, p. 203). Plínio Ayrosa enseña que Guairá viene a ser "o lugar intransponível" ("Primeiras noções de tupi"), São Paulo, 1933, 146.

Geográficamente, según todas las referências históricas de la época, era el antiguo Guairá aquela vasta zona de 400 km de extensión en ambas direcciones, que se dilata entre las márgenes izquierdas del Itararé, Paranapanema y Paraná, y a la derecha del Iguasú, en el "hinterland" del estado brasileño del Paraná. Como se puede verificar por el mapa, toda esa región caía primitivamente en la esfera de la parcela que tocaba a España, en virtud de la linea trazada por el Tratado de Tordesillas.

Los defensores de los intereses españoles alegan que el Guairá debía pertenecerles, por razón de los náufragos de la expedición de Solís haber sido los primeros en ocupar esas tierras, 1516; como también por Alejo García, a servicio de España en 1524, haber abierto el camino por el Guairá, ruta confirmada por el 2.° Adelantado del Río de la Plata, Alvar Núñez Cabeza de Vaca, quien tomó pose, 1541, de las extensas tiernas por él atravesadas entre el Atlántico y el rio Paraná; al Norte del Iguasú, procediendo a la ocupación de esas tierras en nombre del Rey de España, llamándolas "Provincias de Vera" (Cardozo, 13, 33-37). Y como posteriormente los españoles, como se dirá mas adelante, fueron los primeros ocupantes del Guairá, ellos se juzgaban con el derecho líquido de estar en la posesión de esa región, sujetándola a los Reyes Católicos. (Hernández, I, 5.) Mas hubo aún otros expedicionarios castellanos que por el Guairá entraron en el Paraguay, o de él salieron para el mar.

Esa inmensa región, cubierta en tiempos pasados por espesos matorrales vírgenes, salvo el centro, donde había campos nativos, fué ocupada en la segunda mitad del siglo 16 por los españoles, en la opinión del paranaense Romario Martins, con el manifiesto pro-


MAPA
DO
ANTIGO
CUAIRÁ
CONVENÇÕES
RUINAS DE REDUÇÕES JESUITICAS
ESTADO DE MATO GROSSO
ESTADO DE S. PAULO
ESTADO DE S. CATARINA
REP. DO PARAGUAI
REP. ARGENTINA
OCEANO ATLANTICO
JESUS MARIA
MARINGA
LONDRINA
S. FRANCISCO XAVIER
S. JOSÉ
S. INACIO
VILA RICA DO ESPIRITO SANTO
CIUDADE REAL
SALTO DAS SETE QUEDAS
S. TOMÉ
SETE ARCÂNGELOS
S. ANTONIO
ENCARNAÇÃO
TAMBO
S. MIGUEL
CURITIBA
PARANAGUA
SERRA DA FARTURA
TRATADO DE TORDESILHAS

pósito de cortar el paso al avance portugués, y también con el fin de abrir un camino más breve entre el Paraguay y el Atlántico. (Lafuente Machain, "El Gobernador D. Martínez de Irala", XIX, 261; XX, 279).

Cierta vez recebía el general Domingo Martínez de Irala, gobernador del Paraguay, una legación de varios caciques del Guairá, que le solicitaban un auxilio contra las invasiones de la parte de los tupies, favorecidos por los mamelucos de San Pablo, cazadores de esclavos indígenas. Alegaban que éstos se habíam puesto en otro tiempo bajo la tutela de los españoles.

Partió personalmente Irala, con una buena escolta de españoles e indios amigos. Por todo el trayecto los guaranies le recibieron con señales de regocijo. Engrosada la fuerza con indígenas guaireños subieron por el río hasta la embocadura del Añembí (Tieté). Aunque la gente de Irala con sus armas de fuego causase sensibles bajas en los tupíes, éstos, con hombres siempre de refresco, mantenían a los invasores marcando el paso. Solamente haciendo una habil maniobra fué que Irala consiguió quebrar la resistencia de los enemigos y desbaratarlos. Se siguió luego el saqueo del principal poblado tupí, permitido a los indios amigos. Pidieron la paz los vencidos, que les fué concedida bajo la promesa de abstenerse en el futuro de molestar a los habitanets del Guairá. Después de esto, tocaron a retirada hasta el río Piquirí, donde volvieron para Asunción. (Lozano, III, 9-15; — Charlevoix, I, 212).

Irala, llevado por la experiencia recogida en esa expedición, resolvió ocupar el Guairá por medio de un poblado, y eso por dos razones: la primera por ser aquel el camino más indicado para el litoral del Brasil, por donde era forzoso tener comunicación con el mar ya que en el estuario del Plata, nada se había hecho hasta entonces. El segundo motivo era el de refrenar mejor la licenciosidad con que los mamelucos del Brasil entraban en esas regiones para cautivar indios pertenecientes a la Corona de Castilla, con increible deshumanidad, vendiéndo-los esclavos. (Lozano, III, 14).

Por estas razones destacó para allí al capitán García Rodríguez de Vergara, en 1554, con 60 soldados armados. Con la anuencia de los naturales de la tierra, a una legua arriba del gran Salto del Pananá, fijáronse en un poblado denominado Canideyú, en una región muy habitada. Llamaron al lugar *Villa de Ontiveros*, en homenaje a la ciudad natal del fundador, español. Mas en breve, la soldadesca europea se amotinó, negando obediencia a Irala.

Charlevoix (I, 213) dice que Ontiveros fué fundada en la margen derecha del Paraná, a una legua abajo del Salto Grande, en el actual Paraguay. Mas juzgamos que el autor se equivoca.

Habiendo recibido nueva provisión de armas y municiones, envió en 1556 a Nuflo de Chaves para castigar las nuevas insolencias

de los tupíes paulistas contra los habitantes del Guairá. Avanzó hasta el Tibajiba, afluente de la margen izquierda del Paranapanema, donde los naturales ya habían levantado fuertes empalizadas contra los tupíes. Retrocedió hasta los Piñales, donde puso freno a los tupíes. Allí, sin embargo, los indios, engañados por un hechicero, atacaron a Chaves, el cual consiguió escapar de sus manos, repeliendo a los atacantes, gracias al lugar ventajoso en que se encontraba. Recogióse Chaves a Asunción con algunos caciques como rehenes. (Cardozo, 45-46).

Con el beneplácito del Obispo de Paraguay, Irala resolvió fundar dos nuevas poblaciones. La primera en el Guairá, cerca del río Paraná, agregándose a ella la poca gente que contaba la Villa de Ontiveros; y la segunda en la provincia de los Jaraies, a 300 leguas de Asunción; esta para facilitar la comunicación con el Perú. (Lozano, III, 36).

### 3. Fundación de Ciudad Real

Confió Irala esa importante empresa al Capitán Ruy Díaz de Melgarejo, que escogió en 1557 un punto que le pareció conveniente, a tres leguas más arriba de Ontiveros, villa que tuvo que ser desamparada de nuevo en virtud de su insalubridad. Reunidos los habitantes de Ontiveros con los de la nueva localidad, le dieron el altisonante nombre de *Ciudad Real,* sobre la margen izquierda del Paraná, junto a la desembocadura del Piquirí, en sitio cálido. Aunque los habitantes españoles de Ciudad Real no pasasen de cincuenta, un censo de los indígenas acusó el increible número de cuarenta mil hogares, que corresponde a cerca de 200.000 naturales de la tierra. Advierte, sin embargo, Lozano que, en consecuencia del abuso abominable de los encomenderos españoles, fueron disminuyendo espantosamente, llegando sus moradores a la extrema miseria en pocos años. (Lozano, III, 36 y 37). — Hernández I, 5). — A pesar del clima de Ciudad Real ser canicular, ofrecía grandes ventajas: la pesca, y sobre todo la caza abundante. No obstante la natural indolencia de los guaraníes, consiguieron coger buena cantidad de grano, legumbres, algodón, azucar, y hasta uvas. (Charlevoix, I, 221; — Cardozo, 48).

La localización que dan al Guairá o Ciudad Real los mapas paranaenses de 1922, 1948 y 1953 está de acuerdo con los datos que nos legó la historia.

### 4. Fundación de Villa Rica del Espíritu Santo (1570)

Conforme Lozano (III, 207) fué en 1576 que se dió ese acontecimiento. Más probable es que ya en 1570 (Cardozo, 49) Juan

de Garay, gobernador de la provincia del Paraguay, incumbió al mismo Ruy Díaz de Melgarejo, dándoles la fuerza de 40 soldados y algunos indios, de procurar un sitio conveniente para un nuevo poblado en el alto Guairá.

Efectivamente, aliciado por la fama de la existencia de oro y plata en el centro de la provincia del Guairá, partió Melgarejo en Febrero de 1570, con sus 40 hombres y 53 caballos de Ciudad Real rumbo al este. Con enorme dificultad atnavesó la selva virgen y las serranías hasta conseguir la tierra del cacique Coracibera, distante 60 leguas de Ciudad Real, un campo naso, lugar fertil y alto, y bien poblado de indígenas. Le dieron el nombre de "Villa Rica" con la esperanza de descubrir ricas minas de metales preciosos, y del "Espíritu Santo" en conmemoración de la fiesta que la Iglesia estaba celebrando. (Cardozo, 50 y 51).

Al principio todo corría a maravilla, aunque la ciudad no pasase de 150 españoles. Estos, sin embargo, inducidos poco a poco por la malhadada codicia de tener esclavos indígenas, a los que cautivaban inícuamente, los dominadores europeos hicieron pacto secreto con los mamelucos del Brasil por el lucro nefando de la venta de los indios. No tardó el justo castigo. Los propios bandeirantes, comparsas de sus maldades, no sólo les quitaron los esclavos cautivos, mas les asolaron, en 1632, ambos centros de Ciudad Real y Villa Rica. De los moradores blancos, unos se pasaron para el lado paulista, otros, la mayoría, se retiraron para otro paraje, en compañía del Obispo del Paraguay, D. Cristobal de Aresti, que estaba entonces de visita pastoral en el Guairá. (Lozano, III, 207 a 209).

Villa Rica era un excelente punto estratégico, en la margen izquierda del Huybay (Ivaí), junto a la desembocadura de su afluente Corumbataí. Melgarejo mandó edificar una iglesia y levantar una cruz al lado. Seguidamente, construyó un fuerte de 260 pies de largo por 30 de ancho, (cerca de 80 x 10 metros). Debía servir de refugio y defensa de su gente. Para lo cual requirió del Paraguay la presencia de un sacerdote y la remesa de municiones de que tenía mucha falta.

Verificó Melgarejo que ese lugar ya había sido atravesado por Núñez Cabeza de Vaca y otros expedicionarios castellanos que habían demandado en los últimos decenios el Paraguay.

En su optimismo, calculó el fundador de la Villa Rica que el mineral precioso sería buen remedio para satisfacer la ganancia y descontento de los blancos de la colonia. Fuera del cuarzo y amatistas, únicas pedrerías de algun valor de aquella zona, fué el hierro que Melgarejo llegó a fundir él personalmente, con lo que fabricó instrumentos de innegable valor.

Los mencionados mapas del Paraná están de acuerdo con los datos históricos en lo referente a la situación geográfica de Villa Rica del Espíritu Santo.

## 5. Entra en el Guairá la Compañía de Jesús (1589)

Con el laudable intuito de remediar la clamorosa falta de clero que encontró D. Fray Francisco Vitoria, dominico portugués, al tomar cuenta del obispado de Tucumán, en la Argentina, dirigió simultaneamente dos pedidos insistentes a los Provinciales de la Compañía de Jesús en el Brasil y en el Perú, animado por la fama de celo y de las conquistas espirituales de los Jesuítas en esos paises. (Charlevoix, I, 306 ss.; — Espasa 41, 1245).

El primero en atender esa solicitación, fué el Perú, por quedar más próximo. El P. Anchieta, Provincial del Brasil, pasó el pedido del Obispo de Tucumán a las manos del P. Cristobal de Gouveia, Visitador entonces de la Provincia del Brasil, que destacó cinco Padres para el Río de la Plata. (Jaeger, Os três Mártires Rio-Grandenses, 37). Después de sufrimientos innominables, arribaron a Buenos Aires, en la mayor de las miserias. Sin demora partieron para Córdoba. Mas encontrando ya el campo ocupado, año y medio antes, por Jesuítas del Perú, dos de ellos, el P. Leonardo Arminio, napolitano, y el P. Esteban da Gran, portugués, pareciéndoles que venían a meter la hoz en tierra ajena, después de obtenido el beneplácito de los Superiores, desandaron el camino. Parece que el proprio Rey Felipe II, a pesar de la unión de las dos coronas de Portugal y Castilla, desde 1580-1640, no deseaba que se fundiesen las empresas misioneras de españoles y lusitanos.

Entre tanto los otros tres Padres, Juan Saloni, catalán, Tomás Filds, irlandés, y Manuel Ortega, portugués, cogiendo aficción a la tierra de su nuevo apostolado y ya peritos en la lengua tupí, comprendida por los guaraníes, obtenida la licencia para permanecer, prosiguieron satisfechos hasta la Asunción, donde entraron el dia *11 de Agosto de 1588*. Fueron recibidos festivamente de parte del Gobernador y de toda la población paraguaya.

Como discípulos aprovechados de Nóbrega y Anchieta, lanzáronse inmediatamente a la reforma espiritual de la Capital de la Provincia, misionando infatigablemente durante tres meses. El resultado no podía ser más halagüeño. Extendieron su radio de acción para las haciendas y poblados de la comarca, hasta que les separó la voz de la obediencia. Los Padres Ortega y Filds fueron destinados al Guairá, a *principios de 1589*, mientras que Saloni, hombre más letrado y menos resistente de salud, permaneció en Asunción, haciéndose todo para todos. (Astrain, IV, 611-615).

Habiendo navegado ya durante 30 a 40 días por el Paraguay

arriba, entraron finalmente por el Jejuy, su afluente de la margen izquierda, subiendo hasta el puerto de Maracayú, el más afamado emporio de hierba mate de la época. Desembarcando, continuaron a pié en dirección oriental. A fin de no perder tiempo, comenzaron luego a catequizar, viniendo a regenerar con las aguas bautismales más de mil gentiles y legitimando el matrimonio de cuatrocientos.

Era este el trecho de camino el más exaustivo, de 6 a 8 días, al través de zona pantanosa, donde se alagaban los caminantes con los animales, si es que los tenían, y en el verano pasaban una sed cruciante, a falta de agua. (Jarque, tomo I, 216-217).

Vino a su encuentro el alguacil-principal del Guairá, que les traía vituallas y cartas honrosas de la autoridad local, exhortándoles a que acelerasen el viaje para Ciudad Real. Embarcando en canoas, arriba del Salto del Guairá o de las Siete Caidas, de cuya grandiosidad hacen numerosas referencias las antiguas crónicas de los Jesuítas, alcanzaron la Ciudad del Guairá a *24 de Junio de 1589*. Recibidos con manifiesta satisfacción por el pueblo guaireño, iniciaron desde luego su apostolado en la población que desde largos años no había visto más sacerdotes. Como facilmente se comprende, la mayoría, de cristianos, apenas conservaban el nombre. Acabado un mes de intenso celo, las costumbres estaban reformadas. (Pastells, I, 79).

A seguir continuaron su ruta hasta Villa Rica del Espíritu Santo, donde encontraron idénticas necesidades espirituales, que fueron igualmente remediadas en breve tiempo.

Sólo entonces volvieron sus atenciones para el objeto principal de su venida al Guairá, que era la conversión de los guananíes, errantes por los bosques y las sierras. (Charlevoix, I, 333). Fué tan maravillosa la aceptación de los misioneros entre los selvícolas, que pudieron afirmar que unos doscientos mil indígenas estaban aparejados para el reino de Dios. Es que la aparición de esos extraordinarios "Pay-Abarés", o sea "hombres castos, apartados del comercio carnal con mujeres, diferentes de los demás", — entusiasmó los corazones de los simples hijos de la selva. No admira, pués así comprendieron lo que les había predicado el Apostol Santo Tomás, — El Pay Tumé, o Pay Zumé, — conforme una antiquísima tradición generalizada entre los amerindios de nuestro Continente. (Montoya, 94 ss.; — Lozano, I, 449 ss.).

A fin del mismo año 1589, el P. Saloni imploró auxilio de los compañeros guaireños para que atendiesen a los apestados que morían de una molestia que irrompió en Cartagena, y que corría por toda América Meridional, victimando innúmeras personas. Acudieron presurosos haciendo los tres Jesuítas de médicos corporales y espirituales, hasta quebrar la furia del mal. Arrancaron de la muerte temporal a más de 1500 paganos "in articulo mortis". (Pastells,

I, 80). Mas habiendo surgido la misma epidemia con ferocidad en el Guairá, retornaron para allá apresuradamente. Su intervención fué sumamente provechosa tanto en lo material como en lo espiritual.

Después dividieron el trabajo: el P. Filds se dedicó preferentemente al cuidado de los europeos, que carecían de toda asistencia. El P. Ortega escogió la tierra de los ibirayaras, a 30 leguas al Sur de Villa Rica, que estanciaban, a nuestro juicio, para el lado del alto Iguaçú. "Ibirayara" significa "señor o dueño del palo o del garrote". Esos indígenas mal afamados por su ferocidad y antropofagía, amigos en otro tiempo de los españoles, estaban, en la época de la llegada del P. Ortega, alzados contra los de Villa Rica. Disponían de diez mil guerreros.

El misionero aprendió el idioma ibirayara, bautizó 2.800, casó 1.400 y confesó algunos que verificó estaban bautizados por los franciscanos que por allí transitaron con los primeros expedicionarios castellanos. Cobraron grande amor al misionero, y tanto que, en atención a él, trescientos vinieron a establecerse en las cercanías de Villa Rica, conforme escribe él propio. (Pastells, I, 81).

Diversas autoridades civiles del Paraguay, en provisiónes de 1594, 95 y 96, se hicieron lenguas del inmenso servicio que esos Padres de la Compañía del nombre de Jesús prestaron en la catequesis, doctrina cristiana y administración de los Sacramentos tanto a los naturales como a los hijos e hijas de los conquistadores y pobladores de toda esta *Gobernación*". (S. Leite, I, 354). Siendo tan estimados por todos, la viuda del cacique Melchio, las autoridades y el pueblo de la Villa Rica, les concedieron tierras y les edificaron en la misma localidad, casa y una iglesia de tres naves, dedicada a S. Juan Bautista, donde residieron desde 1593 a 1599. (Pastells, I, 81); Cortesão, 117 ss.)

En Enero de 1595 tuvieron la grata visita del viejo compañero P. Saloni, quien, en nombre del nuevo Superior, P. Juan Romero, les venía a anunciar un jubileo. Continuaron Filds y Ortega con ardiente celo atendiendo a toda la redondez, extendiendo el radio de su acción hasta Santiago de Jeréz, en el actual estado de Mato Grosso, distante más de 200 leguas.

Habiendo conseguido nombramiento de párrocos propios para Ciudad Real y Villa Rica en 1599, tuvieron orden de recogerse para el Paraguay, donde, aunque con las fuerzas quebradas, todavía prestaron relevantes servicios.

Filds, rico en méritos, falleció en santa ancianidad en Asunción en el año 1625, al paso que el buen Ortega tuvo que cargar aún dos cruces pesadísimas. Fué la primera una herida que ganó en una gran crecida del río al atender, a nado, a un moribundo, cuando un horrible espino le atravesó la pierna, herida de la que nunca se restableció, y de la cual vino a fallecer. La segunda cruz fué una ca-

lumnia que le levantó una persona de Villa Rica, acusándole falsamente de haber violado el sagrado sigilo de la confesión. Conducido por eso a Lima, estuvo preso, con estupor de toda la población, en rigurosa reclusión, suspenso de los ministerios sacerdotales, a las órdenes de la Inquisición, durante cinco largos meses. Después le permitieron transferir la prisión para el colegio de S. Pablo, en Lima. Afortunadamente, el calumniador y delator confesó arrepentido, antes de morir, la falsedad de la acusación. Llamó a un notario público de Villa Rica, que redujo a auto las declaraciones del penitente. Llegando este documento a la Capital del Perú, donde aún residía penitenciado el P. Ortega, este fué llevado al Tribunal de la Inquisición y declarado libre. Al volver, de carruaje, con el rector del colegio, el pueblo limense, que supo la novedad, ovacionó efusivamente por las calles de la ciudad al inocente sacerdote portugués. (Pastells, I, 223). Mas no retornó al Guairá, yendo a trabajar entre los chiriguanos, con el fervor habitual. Murió en 21 de Octubre de 1622, en el colegio de Chuquisaca, hoy Sucre, con la merecida fama de haber sido uno de los "heróes de América". (Leite, I, 358).

### 6 — Fundación de Loreto (1610).

Después de un intervalo de diez años, la Compañía de Jesús tornó a interesarse vivamente por la suerte espiritual del Guairá, donde los Padres Filds y Ortega, que aún vivían, habían dejado una simiente maravillosa de doctrina y de buen ejemplo. Vino al encuentro de este deseo un pedido formal de Hermando Arias de Saavedra, o Hernadarias, tres veces Gobernador del Paraguay, amigo de los Jesuítas, en que solicitaba una nueva remesa de misioneros para las márgenes del alto rio Paraná. Con efecto, el dinámico P. Diego de Torres, Provincial del Paraguay, destacó para allí a los Padres José Cataldino y Simón Maseta (o Maceta), ambos italianos y excelentes religiosos. (Pastells, I, 233).

Partiendo de Asunción, en 1610, llegaron a Ciudad Real, en seis o siete semanas de penoso viajar, donde ejercieron el sagrado ministério. Siguiendo después el camino, alcanzaron Villa Rica del Espíritu Santo, aproximadamente en ocho días de navegación fluvial por el Paraná y el Huybay, donde adolecieron gravemente, sin tener médico y remedio. (XIX, 87). Por un tris no sucumbieron. Encontraron en la Villa un sacerdote que no vivía su santa vocación. Habiendo atendido debidamente a los europeos, se dedicaron intensamente a la conversión de los gentiles, motivo primordial por el cual habían venido.

En una carta anua de 1609 decía el P. Diego de Torres: Villa Rica tiene cien vecinos casados; a la redonda hay más de cien mil

indios tributarios, sin (contar) lás mujeres ni los niños, ni los viejos. Son labradores, viven en pueblos de los cuales unos tendrán mil vecinos, otros más otros menos. Están apartados unos pueblos de otros a legua, a dos leguas, a quatro leguas y aquel el que más a diez leguas, hablando todos una misma lengua que es el guaraní. Anduvo entre ellos el Padre Ortega, y bautizó más de 22 mil indios, y dice que pudiera haberlos bautizado a todos si tuviera quien le ayudara, porque era grande el amor que le tenían. Es gente que no hace mal a nadie si no les hacen a ellos. Pero es gente muy valiente y muy amiga de sacerdotes; gente muy caritativa, principalmente con los extranjeros, tanto que si un pasagero viene de fuera y se aloja en una parte despoblada, todos le llevan regalos de los que ellos tienen con grande amor. Andan desnudados, pero dicen que se visten en mandándoselo. Tienen mucho pescado, muchas antas, muchos venados, muchos cuervos, mucha cantidad de pájaros, cogen mucho maiz y otras legumbres (XIX, 16, 17). En la región había mucha gente refugiada, venida de S. Pablo, fugitivos de las cazadas bandeirantes a los ameríndios.

La Providencia guió a los Padres Cataldino y Maseta para el río Paranapané, el "rio desdichado y sin ventura" (segun Montoya), hoy denominado Paranapanema, que hace la división entre los Estados de S. Pablo y Paraná. Segun una carta del P. Torres, dirigida poco más tarde al P. General de la Orden, había en la región unas 400.000 almas, sin sacerdote. Prestando valiosos servicios como intérprete, acompañaba a los Jesuítas el P. Rodrigo Melgarejo, nacido en el Paraguay, hijo del fundador de Ciudad Real, Villa Rica y Santiago de Jerez. Estaba con deseos de ser de la Compañía de Jesús, deseo que más tarde vió realizado. (Leite, I, 335).

Bajando primeramente por el rio Ivay, enveredaron después por el Paraná y el Paranapanema arriba. Estaba éste con las aguas entumecidas por una crecida. Pasados 10 ú 11 días de laboriosa navegación sin encontrar poblados, toparan por fin con uno de unas 200 almas, un barranco, a la magen izquierda del Paranapanema, junto a la margen derecha de la ría del Pirapó.

Distribuyendo los Padres algunas niñerías, como peines, agujas, alfileres, flautas y otros juguetes, conquistaron facilmente las simpatías de los moradores. Agradándoles el lugar, los padres levantaron allí una iglesita que titularon "Nuestra Señora de Loreto". Permanecieron por allí varios dias. (XIX, 43).

Vino con los padres un español, "para servir a los misioneros", como alegaba. Con el fin de reunir más gente en un punto fijo, discurrieron los padres y el español por los alrededores, donde descubrieron unas 25 aldehuelas y algunos pobladillos, todos juntos suficientes para una gran reducción. Manifestaron los sacerdotes a

los selvícolas el motivo de su presencia, que era de hacerlos hijos de Dios y de librarlos de la esclavitud del demonio.

Entre tanto, el español hacía un papel reprobable, poniendo en riesgo la obra evangélica de los Jesuítas. Por detrás, iba cambiando las ropas, ahora por um indiecito, luego por una indígena, cuidando de decir que lo hacía por orden de los Padres. Cuando estos descubrieron la negociata, ya el traficante se había sumido, dejando en el ánimo simple de los salvajes una impresón perjudicial. (Montoya, 32-33; — Taunay, I, 326).

El autor de este trabajo visitó personalmente el lugar de Loreto a cuatro de Febrero de 1952 y verificó con agradable sorpresa que el nombre se conserva intacto como lo aseveró el "celador de las ruinas", de mote "Bahiano", confirmado también por los mapas de 1922, 48 y 53. Contónos el Bahiano que no hacía mucho tiempo que un ladrón se llevara las últimas 150 tejas de arcilla, del tiempo de los Jesuítas. Fuera de la magnífica situación de Loreto, quedan sólo numerosas ruinas, restos de ladrillos, cascos de tejas y algunos restos de los fundamentos. Acaso fuésemos nosotros el primer jesuíta que visitaba Loreto despuées de 321 años, esto es, desde 1631.

## 7. Fundación de San Ignacio (1610 a 1611)

San Ignacio de Ypaumbucu o simplemente Paumbucu, fué fundada por los Padres Cataldino y Maseta sobre la misma playa izquierda del Paranapanema, cerca de 30 Km. arriba de Loreto, via fluvial, o sea 4 leguas españolas, o un día de jornada, como rezan las viejas descripciones hechas por los misioneros. Tornóse esta reducción la más populosa de todas las 13 que los Jesuítas fundaron en el Guairá hasta el gran éxodo de 1631, llegando a numerar 6.000 habitantes. La posición geográfica no podía ser mejor escogida en aquella lejana región: un barranco elevado en la margen del imponente río; luego al lado la ribera de San Ignacio, enfrente a la isla de San Ignacio, en medio del Paranapanema, a 11 km. de la actual Villa de San Ignacio, sede del município del mismo nombre, algunos km. abajo del puerto de San Ignacio, que da paso en poderosa barca para la ciudad paulista de Presidente Prudente. Hasta el día de hoy se conservó y hasta se amplió en nombre del Fundador de la Compañía de Jesús en aquella bendita tierra.

En una Carta Anua del 13 de Agosto de 1637, remitida por el Provincial Diego de Boroa al P. General de la Compañía, refiriéndose a Loreto y S. Ignacio, decía: "Entre las trece florecientes reduciones del Guairá, eran estas dos las más antiguas y las más importantes. Tenían sus templos, que eran los más elegantes de todo el Paraguay, tanto de las poblaciones indias como de las ciudades españolas. En las dos iglesias había un ábside triple, con el res-

pectivo altar y retablo pintado. Existían a ambos lados de la nave central una fila de columnas con el pedestal y capitel, con el pórtico y toda la clase de ornamentos bien cincelados. Detrás de ellas, recostados sobre las paredes, había confesonarios del mismo estilo artístico, con su correspondiente distancia entre sí. Toda la obra estaba construida de madera de cedro. No faltaban pilas bautismales, tabernáculo, bancos y demás mobiliario necesario, todo bien labrado según el estillo harmonioso. Los pueblos estaban dispuestos en forma cuadrada con las calles rectas e iguales, las casas cómodas y elegantes. Cada una tenía el patio con sus jaulas de gallinas, gansos y otras aves domésticas. Los campos rendían riquísimas cosechas de diferentes clases de cereales y de algodón, tanto que los indios mantenían un verdadero comercio de tejidos, vistiendo al mismo tiempo de limosna a todos los viandantes desnudos, indios y europeos. Además se veían en los altozanos, manadas de ovejas y cabras, y en los corrales, ganados como vacas y mulas. Todo regado por ríos y riachuelos, ricos en peces. (XX, 325 a 326). El mencionado templo era obra del habilidoso P. Cataldino y descansaba, a juzgar por los restos, sobre sólidos fundamentos de albañilería.

En sua extensa Carta Anua de 8 de Abril de 1614 (XIX, 324) escribe el P. Diego de Torres a respecto de la fertilidad de S. Ignacio: "que el cacique Miguel Atiuaie, aunque fuese un sujeto inquieto e incómodo a los misioneros, era insigne agricultor que tenía sus almacenes repletos de provisiones" (indefessus agricola frugum plena habet horrea).

Durante algun tiempo estuvieron agregados a Loreto y S. Ignacio dos poblados situados a la orilla opuesta del Paranapanema, denominados Roquillo y Tamarca. Por lo visto, sus moradores se pasaron a morar al lado izquierdo, para no tener que atravesar tantas veces el caudaloso rio, y también para engrosar los habitantes de Loreto y S. Ignacio. Desde 1614 no vuelven a aparecer en los relatorios. (Cortesão, 152 y 443).

Visitando el autor de este escrito la antigua S. Ignacio, a 3 de Febrero de 1952, en compañía de Padilla, viejo celador de las ruinas, que desde más de 30 años atendía con cariño la conservación de los restos del lugar, nos dijo que cuando vino a tomar cuenta de su cargo, allá por 1920, aún encontró más de treinta fundamentos de piedra de construcción. Pero después, sobretodo en los últimos años, los intrusos nordestinos, fugitivos de las sequías, en la manía de descubrir los "tesoros que los Padres Jesuítas con certeza dejarían en las ruinas", revolvieron con piquetas la mayoría de los fundamentos, casi no dejando piedra sobre piedra.

La situación geográfica que los mapas del Paraná dan a S. Ignacio está con un pequeño desliz en las cartas de 1948 y 1953, donde las ruinas aparecen en la margen derecha de la ribera San-

Ignacio; cuando en la realidad se encuentran a la izquierda, como marcaba bien el de 1922.

A mediados de 1631 los moradores de Loreto y S. Ignacio, más de doce mil, ante la inminencia de una nueva envestida bandeirante, abandonaron en precipitada fuga sus lindas residencias, con todos sus haberes muebles, río Paranapanema y Paraná abajo en 700 canoas y numerosas barcas.

Procuraron el sur del Paraguay, éxodo desastroso en que perecieron por las enfermedades, hambres y fieras, dos tercios de la población emigrante. (Montoya, 152, ss.; — Taunay, I, 143 ss.; Ibia, 29 ss.).

## 8. Nuevo refuerzo de Misioneros (1612).

En los primeros tiempos, los Padres Cataldino y Maseta lucharon solos en aquellas regiones, sintiendo los efectos más crueles de la pobreza, sin desanimar, ni aflojar un punto en la gloriosa empresa de llevar la luz de la verdad a los corazones de aquellos paganos. Pero en 1612 tuvieron el más apreciable refuerzo en las personas de dos insignes cooperadores, los Padres Antonio Ruiz de Montoya y Martin Urtasún. El primero vino a tornarse, durante los veinte años que permaneció en el Guairá, el más ardoroso misionero de aquella región, ya por su extraordinaria capacidad, ya por su sublime santidad. Ruiz de Montoya vió la luz del mundo en Lima en el año 1585 y falleció en 11 de Abril de 1652. Los cronistas antiguos se hacen lenguas de su benemerencia en la conversión y civilización de los guaraníes. (Pastells, I, 233, nota 1). Al pisar el Guairá contaba 27 años. En los momentos libres fué componiendo las famosas obras, aún hoy clásicas: Arte de la Lengua Guarany; Vocabulario de la Lengua Guarany; Tesoro de la Lengua Guarany; Catecismo de la Lengua Guarany; ya un tanto anticuados. Y también el precioso librito "Conquista Espiritual" mencionado en el principio de este trabajo, por el cual se puede seguir paso a paso el desenvolvimento de las reducciones del Guairá desde su fundación hasta la ruina, de todo ello fué el P. Montoya testigo ocular". (Espasa, 41, p. 1248).

El P. Martin de Urtasún, español, y pariente de S. Francisco Javier, vino de Europa en 1610. Nacido en la abundancia, llegó a perecer en el Guairá de hambre y miseria en su incansable apostolado. (Pastells, I, 159-160, 175 y 225).

Al llegar a la misión de Loreto salió a recibirlos el P. Cataldino. Se vieron y se abrazaron con grande alegría. Llevando sus huéspedes a su morada, Cataldino los regaló con la mayor delicadeza posible, que consistió en algunas patatas, algunos plátanos y raices de mandioca, que era su sustento ordinário, sin haber probado mas

carne, vino, pan y sal durante dos años, a no ser alguna vez un poco de caza que los indios les ofrecían de limosna. (Varones Ilustres, citado en el Prólogo de la Conquista Espiritual, p. 9; — Ibia, 14).

## 9. San Francisco Javier (1622)

Durante algunos años los 4 misioneros estuvieron entregados a si mismos, hasta que, con la pérdida del P. Urtasún, quedaron reducidos a tres. De esta manera, no les fué posible extender el radio de su actividad. Con todo ya fueron explorando los ánimos de los pueblos circunvecinos, preparándoles para cuando fuese la hora de su redención espiritual.

En Loreto y S. Ignacio ya estaban funcionando clases de leer y escribir, con centenas de alumnos. Hasta diversas industrias fueron introducidas poco a poco. Intensa y promisoria fué la atración que experimentaban los guaireños para el cristianismo.

Por fin, en un oficio de 8 de Agosto de 1622, Don Manoel de Frías, Governador del Paraguay, autorizó a los Padres de la Compañía en el Guairá de penetrar en la Provincia de Taiaoba. (Jarque, tomo II, 75 ss; - Cortesão, 174-175). Mientras tanto consolidábase lo que ya existía y se preparaba el terreno para la grande arremetida misionera de 1622 a 1628 bajo la sabia y segura orientación del P. Montoya, puesto al frente de la Misión en 1620.

Habiendo arribado una nueva leva de misioneros, entre ellos el esforzado P. Francisco Díaz Taño, el P. Montoya dejó a 4 Padres en Loreto y S. Ignacio, encaminándose él mismo, con otros dos, a una empresa arriesgadísima en tierra de paganos, hostiles a los blancos y al cristianismo. Y si no fuese por la intervención enérgica y oportuna de en cacique amigo, que, providencialmente, compareció allí, habrían sido devorados. Con mucha habilidad consiguieron amansar aquellas fieras humanas y lanzar las bases de la reducción de S. Francisco Javier, en la comarca de Taiatí o Ibitirimbetá. (Hernández, I, 10 y II, 10; - Jarque, tomo II, 55 ss. y 197 ss.)

Como la primitiva localidad no estuviese en buenas condiciones, los Padres pasaron todo el pueblo "a un muy alto y vistoso puesto con agua muy cerca pasando un manancial de agua por la huerta de los Padres, y leña muy a la mano y tierra muy buena para viña". (Cortesão 263, en carta del P. Ruiz de 1628).

En la última leva de misioneros vino el joven boliviano P. Cristobal de Mendoza, varón de insigne virtud y capacidad, que vino a morir martir de la fe, el 25 a 26 de Abril de 1635, en el Río Grande del Sur. (Ibia, 42 ss.) Tornóse el brazo derecho del P. Montoya en el Guairá.

Conociendo ambos las condiciones étnicas del indio guaraní, juntando un corage sin par a una mansedumbre insuperable, partie-

ron Montoya y Mendoza para la provincia de Taiatí, tierra muy áspera y montañosa, infestada de paganos. Fueron a pié, por carecer toda la región de cabalgaduras, como afirma Montoya (Conquista, 85.) y ni las sierras permitirían otra locomoción. Llevaron como de costumbre un bastón de dos varas de altura (1,67m) y un dedo de grueso para, mediante esa isignia, revelar a primera vista su condición pacífica de ministros de Dios.

Esto se realizó en *1622*, siendo la tercera fundación jesuítica en el Guairá. El P. Provincial, Nicolau Mastrilli Durán, que visitó esta Misión en 1626 y 27, así localiza la reducción de S. Francisco Javier, en su Anua de 12 de Noviembre de 1628 (XX, 307 y Cortesão 216).

"Visitadas las dos reducciones (Loreto y S. Ignacio) me partí para visitar la reducción de S. Francisco Javier. Dejando a mano izquierda el río Paranapanema entré por el río llamado Tivagiba; que, cuando viene estrecho, se navega bien, y cuando se desplaya, con suma dificultad, porque dan las balsas y canoas en seco, y los indios las van subiendo por encima de las peñas e fuerza de hombros, y hay pasos tan malos, que algunas veces ni en un día no se anda sinó una legua y aun a veces se hallan canales de agua tan furiosa al bajar que parece imposible poder subir las balsas, y asi gastamos 15 dias en 30 leguas con que llegamos al puerto, que está distante dos leguas del pueblo, que anduvimos todos a pié alegremente gozando de la vista de muchos campos muy fértiles y de los pinos de aquella tierra que se parecen algo a los de Europa. Son muy redondos, derechos, y grandes, y las ramas hacen una taza muy vistosa. Las piñas son mucho mayores que las de Europa, y no tan duras; los piñones son tan grandes como bellotas y aun más largas; son blancos y no tienen buen sabor; con todo eso se sustentan con ellos mucha parte del año y los comen cocidos y asados, y los Padres se sustentan con ellos cuando los alcanzan. En este camino me salían a recibir de trecho en trecho muchas tropas de indios, que me aliviaban el trabajo. Hallé la iglesia llena; y di mil gracias a N. Señor de ver como ovejas a tantos indios que tres años antes eran "caribes", y no se hartaban de carne humana".

Habiendo llovido un poco después, el P. Provincial, al volver, pudo hacer en tres días lo que hizo en quinze al subir.

De Villa Rica distaba S. Francisco Javier menos de treinta léguas (XX, 352). Cerca comenzaba la nación de los indios llamados "Camperos" (XX, 323, 326 y Cortesão 233). Quedó allí como cura el P. Cristóbal. Como el crecimiento demográfico de S. Francisco Javier fuese muy grande, a punto de contar ya mil y quinientas familias cristianas (Montoya, 94), se pensaba en dividirla, cuando el saqueo y la destrucción practicados por los bandeirantes en Marzo de 1631 vino a frustrar ese intento.

El mapa del Estado de Paraná de 1953 da la posición cierta, al sur de Ibiporán y Jataisiño, cerca de un recodo de la ribera "Rio de las Bocas" afluente del Tibagi. (Mapa de Hernández).

El día 1 de Febrero de 1952 fuimos a procurar al Dr. Hugo Cabral, ex-alcalde de Londrina y entonces Secretario de Agricultura del Paraná, en cuyas tierras presumíamos existiesen aún remanescentes de S. Francisco Javier, junto a la ribera de las "Tres Bocas". Mas, nos desiludió, afirmando nunca haber visto allí resto alguno de construcción antigua, si bien que deseaba que así fuese.

## 10. San José (1625)

Esta reducción fué fundada en la provincia del Tucutí (Cortesão 258) en el año 1625 por el P. Montoya, con la intención de abrir un puesto de escala a medio camino entre S. Ignacio y S. Francisco Javier, en el bajo Tibagi. (XX, 321, Cortesão 229; Jarque II, 113 ss.) Es que el río, de dificil navegación, impedía la rápida comunicación entre las reducciones.

El P. Mastrilli Durán, en su paso por el Guairá en 1626 y 27, no visitó S. José ni la Encarnación porque alegaban los Padres que no valía la pena porque estaban ambas aun muy en los principios y que todos eran aún infieles, que andaban vagando, esparcidos por aquellos bosques en busca de comida en virtud del hambre reinante. (XX, 307-308) Con todo, el P. Francisco de Ortega, cura de S. José, fué a procurar al P. Provincial en S. Francisco Javier con sus indios, casi todos paganos, mas deseosos de ser cristianos. El Superior bautizó dos caciques y algunos indios de S. José. (Ibid).

Refiere Montoya (loco cit.) "buscamos un puesto y le hallamos a gusto del cacique principal al pié de un riachuelo que sale al Tibajiba, por lo cual será facil la comunicación con la reducción de S. Francisco Javier".

Se quedó con ellos el P. Simón Maseta. El inicio de S. José fué tan lento que corrió peligro de ser abandonada por los misioneros. Pero poco después tomó un empuje animador (XX, 323; — Cortesão 230). Esta reducción fué arrasada en Marzo de 1631 por mamelucos de Pinatininga.

Montoya escribe en su Anua de 1628 (Cortesão 261), que en aquel año él había hecho abrir un camino muy bueno y más breve desde S. Ignacio hasta S. José, por el cual habían traido cien cabezas de vaca para S. Francisco Javier.

Guiados por las descripciones y datos arriba referidos, y por mapas antiguos, fuimos el dia 31 de Enero de 1952 de Londrina a Sertanópolis (40 km) y de allí hasta el poblado de Biaci (13 km), donde nos encaminamos para las orillas del Tibagí, encima del riberón Bicua, que sospechábamos fuese el lugar de la reducción

de S. José. Apenas descubrimos una cantidad regular de cascos de ladrillos y tejas. El mapa de Hernández acierta bien con la posición geográfica de ese lugar.

## 11. Encarnación (1625)

Fué fundada dos veces. Con relación a la belleza de ese lugar afirmaba Montoya que encontraron un sitio magnífico en un campo al pié de una sierra, en las tierras de Taiatí, donde se desdoblaba lindo panorama de campos cercados de pinales, junto a las aguas cristalinas de un río. Era el día de S. Lorenzo, *10 de Agosto de 1625*. Echando la suerte sobre el nombre de la nueva reducción, salió tres veces el de Encarnación (XX, 333). Por ciertas conveniencias fué mudada la reducción, en 1627, para otro lugar más adecuado, distante dos dias de S. Francisco Javier, conforme escribía el P. Montoya en 1628 (Cortesão 275). Pero en otro lugar se dice que Montoya y Cristobal, saliendo de S. Javier, solo alcanzaron Encarnación en el "cuarto dia". (XX, 332).

Otras particularides sobre Encarnación nos las suministran Montoya (Cortesão 275): partiendo él, dejó al virtuoso P. Cristobal como pastor del novel rebaño, que, día a día, aumentaba en cantidad y cualidad, sin armas de fuego. (Ibia 18). Hasta entonces había sido raza muy antropófaga.

En 1628 escribía el P. Montoya: "El año pasado se mudó el pueblo a otro puesto. Estoy esperando al P. Pedro de Espinosa, para entregarle esta reducción porque venía el Padre revelando sus grandes cualidades. Estuvo hasta ahora en la Encarnación para ayudar a mudar el pueblo a un sitio muy alabado por los indios, donde ellos tienen sus fincas muy cerca, con lo que creció mucho y se debe grande parte al P. Pedro, porque hizo una iglesia tosca de "alfarda" (vigas entrelazadas)... Como los indios nunca vieron cosa parecida, quedaron contentísimos y cobraron amor a su pueblo... Es la tierra muy fertil y maravilhosa, y el P. Pedro asentó una hermosa huerta y con la diligencia del P. Cristóbal cada día se van reduciendo más indios, de suerte que ya tendrá más de 500 familias, y espero llegará en breve a 800". (XX, 335-336).

Dato precioso nos suministra la Carta Anua del P. Nicolás Mastrilli Durán (XX, 336) "Desde esta reducción de la Encarnación se comienzan a extender muy dilatados campos que dan nombre a los muchos indios que los habitan, y se llaman "Camperos", a distinción de las demás naciones que viven todas en los montes y rios; los mismos se llaman también "Cabelludos" porque traen tendido el cabello tan crecido que les cubre los hombros, solo cercenado por toda la frente hasta las orejas. Dícense por otro nombre "Coronados",

por que aun las mujeres y niños usan abrirse las coronas como de frayles". (XX, 336).

La tierra era tan fertil que en el año 1628 cogieron variadas hortalizas como coles, rábanos, perejil, zanahorias, ajos, cebollas, y otras mil cosas, con un gran maizal y frisolas". Dada la fertilidad del suelo y bondad del clima, se animaron a plantar una grande viña con tres mil mudas. Mas sobreviniendo al año siguinte de 1629 el abandono forzado de la reducción ante la investida paulista, no llegó hasta nosotros el resultado de ese primer ensayo. Como quiera que sea, los Padres consiguieron remediar el hambre que reinaba antes. (Cortesão, 275-276).

Declara después el minucioso Montoya: "Tratan de hacer una nueva reducción, pues hay mucha gente por allí, y entiendo que será necessario hacer luego dos, si bien que para la segunda faltará padre... Y porque Nuestro Señor nos descubrió unas salinas, dos días de camino de esa reducción, será preciso poner en ellas un pueblo de indios para que haya allí provisión de alimento, etc. a fin de poder hacer cantidad para todas las reducciones. Ha sido gran ventura y merced del Señor, porque el trabajo de traer la sal del Paraguay es muy grande, y apenas llega acá la mitad... De otras salinas hay noticias que están cerca de la reducción de los Angeles, y como los indios no la saben beneficiar no han hecho caso de ellas... (Cortesão 279).

Todos los mapas del Paraná (el de 1922, 48, 53) bien como el de Hernández, determinan con precisión unánime la posición de Encarnación en el actual município de Tibagi, entre Ortigueira y Curiuva, en la margen izquierda del alto Tibagí, un poco más abajo de la embocadura del ribero denominado "Río de la Barra Grande".

## 12. San Pablo de Iñeay (o Iniay) (1627)

El P. Montoya localiza así esta reducción: "Está a dos días de Encarnación y otros dos de los Angeles y ha de ser muy buena reducción porque hay mucha gente en su comarca". De Santo Tomé dista un día y poco más. (Cortesão 282).

Fué fundada por Montoya a principios de 1627 con indios de Taiaoba, antropófagos. Fué entregada al experimentado P. Simón Maseta. Ya en el primer año de su fundación llegó a contar 400 familias, y fué siempre en aumento (Cortesão 377).

Hasta el año siguiente, 1628, padeció de parte de algunos encomenderos blancos, que, al lado de los cazadores mamelucos de S. Pablo, fueron siempre los peores enemigos de las reducciones cristianas de los Jesuítas. De eso se queja diversas veces, en términos enérgicos, el P. Montoya. (Cortesão 280-81; — Espasa, 41, 1250 ss.)

En su Anua del 13 de Agosto de 1637 informa el P. Diego de Boroa que la reducción de S. Pablo fuera fundada por el P. Cristóbal de Mendoza, lo que ciertamente es un lapso de la memoria (XX, 570) en oposición a lo que escribiera a 12 de Noviembre en su Anua el P. Durán (XX, 351). Allí mismo se dice que S. Pablo de Iñeay quedaba un día de camino de Tayaoba (Arcángeles), más para las bandas de Villa Rica, teniendo como fundador al P. Montoya a princípios de 27, con el P. Maseta que allí quedó de cura... De las tierras de Taioba se redujeron a este pueblo 27 caciques de los más valientes que para cualquier alvorozo se desmandaban y nos daban trabajo. Tiene ahora 400 familias. (XX, 351; — Cortesão 255).

Quedaba situada junto al río Iñeay o Ineay, así denominado por los innumerables peces que cría (Pastells, I, 227).

A mediados de 1629 S. Pablo fué abandonada en fuga precipitada delante el furor destruidor de los paulistas. Muchos cayeron en las manos de los cazadores, siendo llevados cautivos a Piratininga.

Como ven los lectores, por la escasez de mayores informes, no es facil localizar hoy con precisión el lugar exacto de la reducción de S. Pablo. Y como probablemente no dejó ruinas de importancia por haber existido apenas un poco más de dos años, se torna dificil la determinación del lugar de su existencia. Ningún mapa moderno del Paraná la determina. Sólamente el mapa de Hernández la sitúa en la margen derecha del alto Ivay, junto a la ría del Iñeay (río de los peces), nombres que hoy desaparecieron de la cartografía paranaense.

## 13. Los Sietes Arcángeles o Ángeles de Taioba (1625 o 1627)

La fundación de esta reducción debe haber sido iniciada a fines de 1625, como se deduce de una carta del P. Montoya al P. Provincial Durán. (XX, 344-45) Sin embargo la fundación definitiva data del 7 de Agosto de 1627 después de dos tentativas frustradas anteriormente. (XX, 242; Cortesão 282).

Traía consigo el P. Montoya una imagen de los Siete Arcángeles, pintada por el Hermano jesuíta Luís Berger, notable pintor francés. (Jaeger, Três Mártires Rio-Grandenses, 145, nota 3). Deriva este nombre del agradecimiento por las mercedes que en sus caminatas recebió Montoya por la intervención de esos espíritus angélicos, que fueron singulares. (Montoya, Conquista, 276; XX, 339 y 346; Cortesão 244).

Era esa la tierra del gran Taiaoba, cacique de los principales del Guairá, tierra de antropófagos, gente muy belicosa, terror de los españoles, que pretendieron comerse al proprio misionero

P. Antonio (XX, 339). Era posible viajar desde los Siete Arcángeles hasta la Villa Rica por tierra y por el río. (Cortesão 290).

Fué fundada esta reducción después de la de S. Pablo y se hallaba a dos días por tierra de esa redución, o por el río, con rodeos, de seis a ocho días.

Otro dato geográfico: Subiendo Montoya el río (Alto Avay), dice que hizo el último trecho por tierra para evitar el salto del mismo río (quizás el Salto Grande? hay varios en ese rio). Y continua "Llegamos a un campo donde hay memoria y rastros de haber pasado gente del Brasil, cuando al principio se pobló el Paraguai. Escogile para fundación del pueblo por ser muy alto y cercado de arroyos, y por abajo le baña el rio Huibay... Comenzamos el pueblo plantando una muy hermosa cruz de 7 brazas de altura y se hallaron a levantarla más de 300 indios. "(XX, 342) Costó una lucha sangrienta establecerse allí contra los hechiceros. (XX, 343; Cortesão 247) Era tierra muy fertil, con buenas haciendas. (Cortesão 289). Construyeron una iglesia de 80 piés de larga (cerca de 23m.) (XX, 347) También levantaron casa para los misioneros (Cortesão, 342).

Esa reducción distaba de Jesus María dos leguas españolas o a lo máximo tres (entre 14 a 17 Kms) estando en medio la reducción de Santo Tomé. (Cortesão 301).

Los tres mapas modernos del Paraná fijan la localización de Siete Ancángeles en la margen derecha del alto Corumbataí, afluente del Ivaí. Concuerda con las descripciones arriba relatadas.

## 14. Santo Tomé (1628)

Fué fundada por Montoya en 1628, distante de la reducción de los Siete Arcángeles una legua, quedando separada de ella por el río Ivaí. (Cortesão 300).

Otra versión dice que tuvo por fundador al P. Francisco Díaz Taño (Pastells, I, 429; — Jarque II, 325 ss.) junto al Barinbataí, afluente del Ivaí.

De la reducción de S. Pablo distaba, más o menos, un día de camino. Fué evacuada en rápida fuga a principios de 1629; después fué destruida por los bandeirantes.

Los mapas paranaenses todos sitúan las ruinas en la confluencia del Rio Faxinal en el Corumbataí, en el município de Pitanga. Siendo de una existencia tan efímera no dejó mucha historia.

## 15. Jesús Maria (1628)

Fué fundada por Montoya, o mejor, por ordem de éste, por el P. Maseta, en 1628, en las sierras donde se estacionaba el poderoso

cacique y hechicero Guiravera. (Hernández, I, 10; — Jarque II, 333 ss.). Era este un sujeto peligrosísimo que hizo todo para impedir o a lo menos arruinar la incipiente reducción. Quiso Dios que cayese en las garras de los mamelucos en ataque realizado por éstos en contra de Jesús María a 20 de Marzo de 1629, cuyo caudillo era Manuel Morato, que le llevó 1500 cautivos. (Cortesão 317; — Jarque III, 41 ss.). Los Padres Maseta y Justo Mansilla siguieron llorosos el comboy de éstos y de muchos prisioneros hasta S. Pablo, practicando los más eximios actos de humanidad y caridad cristiana. Entre los pocos prisioneros que consiguieron libertar los Padres figuró Guivarera. Tan emocionado quedó él con la bondad de esos sacerdotes, a los cuales en otra ocasión había querido comerlos, que de Saulo se convirtió en Pablo. (Pastells, I, 227-231).

Jesús María estaba localizada en la tierra de los taiaobas (Cortesão 316) y distaba de los Arcángeles dos leguas y media, a lo sumo tres (14 a 17 km.) quedando en medio de las dos reducciones la de Santo Tomé. Era un campo circundado de bosques, junto a un monte muy alto, donde se avistaban las humaredas de la reducción de Santo Tomé y de los Arcángeles y presentaba una linda vista panorámica de los campos y bosques de los alrededores. (Cortesão 303). Iba todo tan bien que cerca de cinco mil indios paganos de la comarca ya estaban dispuestos a convertirse cuando cayó sobre ellos la invasión de los paulistas que llevaron todo a hierro y fuego. Portanto, las ruinas de Jesús María designadas en el bajo Ivaí, en los mapas de 1922, 48, 53 no pueden ser las de Jesús María de la era Jesuítica. (Jarque III, 109 ss.).

Con esta nuestra afirmación combinan las cartas geográficas elaboradas por Hernández y Pastells (I, antes de la pag. 1) y reproducidas por Guilhermo Furlong, S. J. en su famosa "Cartografía Jesuítica del Río de la Plata", mapa 32, Buenos Aires, 1936).

## 16. San Miguel (1626)

De esta reducción apenas nos dejaron los viejos misioneros las siguientes informaciones: Que fué fundada por Montoya y Mendoza en 1626 en Ibitiruzú o Ibianguí o Ibitiruna (Hernández, I, 10), en el país de los Coronados, junto al monte Ibitirussú (= serrania) o Ybian-guy (= cuesta del cerro) (Cardozo 93; — Pastells I, 438-39). Distaba una jornada de la reducción de Santo Antonio. Debe quedar en las fuentes del Tibagí. Fué agredida y arrasada por los bandeirantes en 23 de Marzo de 1629 (Taunay, II, 77-84).

## 17. San Antonio (1627)

Debe su origen al incansable Montoya, en 1627, en el Ibiticoy,

donde se le agregaron los índios camperos. (Hernández, I, 10; Pastells, I, 429).

Distaba una jornada de S. Miguel. Quedaba para los lados del campo, cerca de Iguasú (Cortesão 300). Fué atendida espiritualmente por el P. Mola (Cardozo 93). La atacó e incendió Antonio Raposo Tavares a 30 de Enero de 1629, llevando de allí dos mil piezas y toda la población. (Cortesão 315-316; Jarque III, 25 ss.).

18. Concepción de los Gualachos, o Concepción de Nuestra Señora de los Guañanos (1627)

Comenzáronla en 1627 los Padres Montoya y Díaz Taño en la comarca de los Gualachos o Gualacos o Guaianases, al sur de la Provincia, en los dominios del cacique Co-ën (Cardozo 93). Quedó de cura el P. Díaz Taño, substituido más tarde por el P. Diego de Salazar. Era de una lengua diferente del guaraní, aunque no difícil para quien supiese el guaraní. Gracias a un indio guaraní tullido, que desde largos años se vió forzado a morar con los gualachos, el padre halló un buen maestro, que le enseñó el gualacho. El P. Salazar compuso las oraciones y el catecismo en ese idioma, que los aborígenes gualachos aprendieron rápidamente, viniendo a cantar y a rezar todos los días, sobre todo los niños, las oraciones y el catecismo.

Era una raza muy aguerrida, de tipo alto, de tez blanca, y todos andaban vestidos. Mas vivían entregados al vicio de la embriaguez. (Cortesão 293-294; 345-348). Hicieron iglesia espaciosa para el culto divino. Poco a poco reformaron sus costumbres.

Concepción fué aniquilada por los paulistas. (Pastells, I, 436).

19. San Pedro (1627)

Inicióla Montoya en 1627 en la misma comarca de la Concepción. (XX. 339; — Cortesão 244). Tuvo por cura al P. Taño. (Pastells, I, 429).

20. Observaciones

I. Ningun mapa del Paraná moderno consigna estas tres últimas reducciones jesuíticas, probablemente por el motivo obvio de no haber dejado vestigios que resistiesen la acción destruidora de tres siglos. Como se vió, eran todas de fundación reciente cuando fueron destruidas y abandonadas para siempre, no teniendo aún construcciones sólidas.

II. En el modernísimo mapa de Paraná, de 1953, una mano amiga que me lo remitió, insertó, en el município de Pitanga, al

Norte de la sierra de la Pitanga, como "Reducción Jesuítica", una localidad a la que denomina "Tambo".

Debemos observar que semejante designación, a primera vista, no trae la nota característica de provenir de misioneros de la Compañía de Jesús, que, sin excepción, daban nombre cristiano a todas las reducciones. Sin embargo en la documentación publicada por Jaime Cortesão, en su interessante obra "Jesuitas e Bandeirantes no Guairá, 1594-1640", aparece, sí, tres veces la palabra "Tambo", mas con esta nota del P. Montoya: "Acompañóme siempre el capitán Jerónimo Merino, Teniente del "Tambo" que aqui está en las minas de hierro... (p. 294); — firma su carta así: "de este "Tambo" de Cuaracibere y minas del hierro y julio 2 de 1628, (p. 298); "Esta reducción está junto al "Tambo" adonde los españoles cultivan el hierro". (351). Talvez estuviese por allí la reducción de Nuestra Señora de la Concepción de los Gualachos. (Cortesão 345).

III. Todavía hay algunas menciones de otras reducciones hechas por los jesuítas seiscentistas en el Paraná. Mas no figuran propiamente en el complejo de las *trece reducciones del Guairá*, quizá por el motivo de no estar sujetas a la jurisdicción inmediata del Superior de ellas, o porque eran atendidas por los misioneros de la región de Misiones, actual territorio de Argentina. Eran sobre todo Santa María del Iguasú y Santiago de los Gualachos.

*Santa Maria del Iguasú* fué fundada en 1626 por el P. Diego de Boroa, juntamente con el P. Claudio Ruyer, después de tentativas frustradas. En la Anua de 12 de Noviembre de 1628 da el P. Durán los siguientes pormenores (XX, 276): Navegando de la reducción del Corpus (Territorio de Misiones) . . . por el Paraná arriba, a 30 leguas se ve desaguar en él, otro rio caudaloso, que llaman los naturales Iguasú, que suena en nuestra lengua "rio grande", el cual no se puede navegar continuadamente más de 4 leguas porque lo impide un salto que hace el mismo río, despeñándose muy profundo con tanta furia y ruido que atemoriza a los que se le acercan y resulta una perpetua nube de rocío que se ve más de 4 leguas; por lo cual, dándole lado se camina por tierra una legua, y navegando otras tres por el mismo río, se encuentra la reducción de *N. Señora del Iguasú*, sentada en un alto muy elevado y ayroso y puesto muy sano. Báñale por en frente un hermoso tablón de agua (ensenada) de más de una legua de largo; goza, buen trecho del campo, muy descubierto y patente al sol, luego en saliendo, que, desvaneciendo con sus rayos los vapores del río y de un pantano, le cae allí cerca que hacen el temple del pueblo muy saludable y apacible. Las tierras vecinas son todas de montes cerrados con pocas manchas pequeñas de campo, que les proveen de alguna paja para cubrir las chozuelas, pero no bastante para criarse ganado, del cual forzosamente carecen, como el río de pescado que le defiende

la entrada el salto ya dicho. Sólo hay abundancia de caracoles, y con estos y los pocos frutos de la tierra se sustentan los Padres y los indios. Son de grande estatutra estos indios y bien proporcionados, de fuerzas robustas, de natural docil y blando y de buena disposición para el santo Evangelio... Están los Padres encerrados entre ellos como en un castillo, y no pueden tener en niguna manera ayuda de otras reducciones si quisieran los indios desmandarse con ellos. (XX, 276-77)... Pasé después nuestro rancho al cerro donde ahora está fundada la reducción por no haberme contentado el primer sitio... (XX, 279). Y concluye Boroa, en carta al. P. Provincial, que ya al año siguiente (1627) cuando la visita del Provincial, ya llegaba el número a seiscientas familias reducidas, en menos de 8 meses. (XX, 282). Construyeron una iglesia, donde había buena música enseñada por el P. Claudio Ruyer. (XX, 283). Quedóse con ellos el P. Boroa hasta principios de 1627 cuando partió dejando allí solito entre lágrimas de todo el pueblo al P. Claudio. (XX, 286; — Colección de Ângelis, Rio, I, 29-7-17, p. 1-4).

Otra localidad mencionada en los documentos jesuíticos fué la reducción de *Santiago de los Gualachos*, que quedaba a cuatro días desde Arcángeles para el Sur, en los campos de los gualachos, con lengua diversa de los demás habitantes del Guairá. Fundó entre ellos una reducción el P. Montoya que se hizo muy querido por ellos. Dióles por patrón al apóstol Santiago. (XX, 351; Cortesão 255-56).

## 21. Residencia de Villa Rica del Espíritu Santo

En el tiempo de los Padres Ortega y Filds, la Compañía possuía una casa e iglesia en esta Villa. Cuando se ausentaron los misioneros, ambas se arruinaron.

Mientras tanto, después de la vuelta de los Jesuítas en 1610, sólo de vez en cuando aparecían en Villa Rica para predicar al pueblo y administrar los sacramentos a unos 200 españoles. Como estos fuesen "encomenderos" y los Padres se oponían siempre a las encomiendas, movieron terrible guerna y persecución contra los Jesuítas. Entre tanto, a instancias de los elementos buenos, fijaron nuevamente residencia en la Villa Rica con el P. Cataldino de Superior.

Dice el P. Mastrilli Durán en su citada Carta Anua: "La razón más eficaz que me obrigó a fundar aquella residencia, es ver que los Padres de las Misiones (del Guairá) están en medio de muchísimos indios, los más de ellos infieles, con evidente riesgo de la vida, porque de su natural son noveleros y mudables, y si no tienen algún temor a los españoles, con facilidad podrán matar a todos los Padres, como es ordinario lenguaje de los hechiceros que los go-

biernan. Y sabiendo que los Padres tienen las espaldas seguras, habiendo en la Villa quien los comunique y a los españoles y tenga ganados no se atreverán los indios a desmandarse". (XX, 352-355); — Cortesão 256-257).

## 22. Epílogo

Escribe Montoya (Conquista, 274) que, hasta el año 1626, ya estaban registrados en los libros que pudieron salvar de los incendios en la destrucción del Guairá, 94.990 almas. Habiendo en los cinco años subsiguientes nuevas fundaciones y incremento en lo que ya existía, y yendo todo en la más optimista de las prosperidades, no cabe duda que el número de los cristianos guaireños ultrapasó en mucho los cien mil. (Ver Jarque III, 201 ss.).

Y si la Compañía no hubiese sido impedida en su grandiosa obra de cristianización del Guairá por esos insaciables cazadores de amerindios anidados en San Pablo, y los egoistas encomenderos españoles, ya en el siglo 17 el actual Estado del Paraná habría sido transformado en un vergel el más mimoso del Continente Sur-Americano, dadas las disposiciones favorables del indio guaraní para la cultura.

En este trabajo, sin embargo, nos abstenemos de dar nuestro parecer sobre el aniquilamiento de esa obra religiosa y civilizadora, reservándola para el volumen dedicado especialmente a esa historia.


## *Summary*

*During the first quarter of the 17th century the Spanish jesuits possessed thirteen flourishing Indian settlements, called Reducciones, in Guairá, a territory of the actual Brazilian state Paraná. Everything was progressing promisingly, as unexpectedly the Indian hunters of São Paulo, the Bandeirantes, assaulted them, in order to capture their men and boys and sell them as slaves. The Indians had learned something about farming and cattle raising. So they were worth more on the slave market. The Indians that resisted were simply killed and almost all the villages were set on fire. Only the population of Loreto and San Ignacio on the Paranapanema river managed to escape through flight over the Paranapanema and Paraná rivers.*

*The author, having at hand the old descriptions, decided in 1952 to locate geographically the thirteen Reduucciones. With some he succeeded. With others he had to delay the search, either because the historical informations were too vague or because the settlements are even today situated in the deep jungle and can be reached ondly with the help of experts and of proper equipment. With all this the present article deals extensively.*



## ZUSAMMENFASSUNG

**Im ersten Drittel des 17. Jahrhunderts besassen die spanischen Jesuiten in Guairá, dem heutigen brasilianischen Staate Paraná, 13 bluehende christliche Indianerniederlassungen, Reducciones genannt. Als sich alles in verheissungsvollem Aufstieg befand, brachen unerwartet die**

Bandeirantes (Indianerjaeger) von São Paulo ein, um die Maenner und Juenglinge der Wilden einzufangen, um sie als Sklaven zu verkaufen. Da sie bereits die Grundlagen des Ackerbaues und der Viehzucht kannten, besassen sie einen groesseren Wert auf dem Sklavenmarkt. Wer sich nicht freiwillig ergab, wurde ohne weiteres niedergemacht und fast alle Ortschaften in Brand gesteckt. Nur den Bewohnern von Loreto und San Ignacio, am Ufer des Paranapanema gelegen, gelang es noch, in letzter Stunde, durch die Flucht auf dem Paranapanema und Paraná zu entkommen.

Verfasser, gestuetzt auf die alten Beschreibungen, entschloss sich im Jahre 1952, die geographische Lage der 13 Reduktionen festzulegen. Bei einigen ist es ihm auch gelungen. Bei den uebrigen musste er vorlaefig darauf verzichten, entweder weil die geschichtlichen Angaben zu unklar waren, oder auch weil die betreffenden Ortschaften sich in heute noch schwer zugaenglicher Wildnis befinden, wohin man nur mit tuechtigen Fuehrern und guter Ausruestung vorzudringen vermag. Darueber berichtet ausfuehrlich die vorliegende Arbeit.

# Um paradeiro Guarani do Alto-Uruguai

**Inácio Schmitz, S. J.**

O Alto-Uruguai, que traça o limite entre os estados brasileiros de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, corta uma das regiões mais ricas do Sul do país em material paleo-etnográfico. Nas suas ribanceiras altas, bem como nos vales escavados pelos afluentes no basalto mesozóico, encontram-se dezenas de paradeiros indígenas, alguns já destruídos pelas roçadas, outros ainda no interior da intrincada mata pluvial, que impossibilita qualquer exploração. Muitas vêzes o material aparece diante do arado do agricultor, ou quebra debaixo das patas dos animais nas pastagens. Alguns sitiantes curiosos levam para casa o material cerâmico bem conservado a fim de nêle plantar flôres ou, alimentar as aves do terreiro, e as crianças brincam com os machados até os extraviarem. Alguma coisa já foi recolhida a museus, mas a região não foi ainda submetida a nenhuma pesquisa realmente científica. Por isso nos atrevemos a publicar estas breves notas sôbre uma jazida visitada nesta circunscrição, não pretendendo realizar um trabalho completo, mas fornecer mais alguns dados para o estudo desta rica província.

O paradeiro visitado em janeiro de 1957, situa-se à margem direita do Rio Uruguai, em terras do Pré-seminário de S. Pedro Canísio, próximo à vila de Sede Capela, no município de Itapiranga, no extremo sudoeste de Santa Catarina. Sua localização é fácil, pois encontra-se a uns 50 metros do

rio, entre a corredeira da Fortaleza e a ilhota do mesmo nome, comumente conhecida como «o Pedrão».

Um pequeno córrego, sêco no estio e que desemboca diante do Pedrão, divide o paradeiro em duas porções distintas: do lado direito do filete de água, numa encosta que olha para a corredeira, encontra-se o cemitério, cuja área não nos foi possível determinar exatamente, por se encontrar num milharal grande, mas que sem dúvida orça pelos 200 metros de diâmetro. Do lado esquerdo do mesmo córrego três manchas de terra carbonizada, espalhadas numa área de 100 metros de diâmetro, constituem o paradeiro pròpriamente dito, ou o lugar da antiga aldeia. Infelizmente, ambos os núcleos paleoetnográficos estão mal conservados, pois se encontram em terreno cultivado durante um ou outro ano e, como estão à flor da terra, desconjuntaram-se as estruturas indispensáveis para a correta classificação do material.

Não obstante estas deficiências, a jazida apresenta o seu interêsse; pois o material ainda se encontra todo no primitivo lugar e os objetos inacabados ou rudimentares, desinteressantes para o simples colecionador de curiosidades de museu, mas que podem revelar técnica de fabrico aqui se apresentam ao pesquisador, obrigando-o a levá-los. Também a configuração da aldeia, com o cemitério isolado a uns 500 metros de distância do povoado, são elementos não desprezíveis para o estudioso. Comecemos por aqui.

* * *

O cemitério é fàcilmente reconhecido como tal pelas numerosas urnas nêle enterradas (1). Num exame rápido pudemos contar aproximadamente uma dúzia de covas, em forma de pera, cujos fragmentos de cerâmica revelam o antigo esconderijo de urnas de regular tamanho. Centenas de igaçabas parecidas têm sido desenterradas em cemitérios indígenas da localidade e os agricultores, que recentemente aí se estabeleceram, mais de uma vez têm encontrado nelas ainda os ossos dos falecidos já muito decompostos. De semelhantes pesquisas realizadas em outro tempo e lugar, nos estados do sul, H. von Ihering assim se expressa: «muitas destas urnas continham esqueletos humanos, quando desenterradas; isto foi verificado... no Rio Grande do Sul, S. Paulo e Paraná...» (2). Saber se todo o cadáver do morto ou apenas os ossos eram enterrados nestas urnas, não o podemos discutir aqui.

O pessoal do lugar, por nós encarregado da continuação da pesquisa e da coleta de material, descobriu e conseguiu salvar após nossa partida uma urna inteira, embora estas geralmente se encontrem destruídas pelas raízes das árvores, pois

o mato tudo cobre, depois pelos lavradores ao prepararem os campos, por se encontrarem apenas a 30 ou 40 cms. debaixo do solo, e não em última análise pelo deficiente preparo do material e ao cozimento imperfeito.

Apesar de minucioso exame da área que denominamos cemitério, nela não pudemos encontrar manchas negras de carvão, nem lito algum, nem cerâmica pintada em côres, mas apenas fragmentos lisos sem pintura, ou com impressões unguiculares e digitais. Os fragmentos correspondiam a vasos, desde o tipo igaçaba, com paredes até de 3 cms. de espessura e potes minúsculos de apenas alguns centímetros de abertura e 3 a 4 mms. de espessura de paredes. O tipo intermédio, predominante no paradeiro do outro lado, escasseava aqui. Esta seleção de material chamou nossa atenção.

Em comparação com outros sítios parecidos e, calculando o número de igaçabas destruídas no amanho da terra, pode-se inferir que na área em questão se encontram ainda algumas dezenas de urnas funerárias, o que pesquisas posteriores em parte já vieram confirmar.

Como, porém, as condições neste ponto, que denominamos cemitério, se mostrassem adversas, concentramos nossa atenção no outro lado do arrôio, onde três manchas de terra carbonizada indicam, provàvelmente, o lugar onde tinham estado as três malocas de uma aldeia.

Semelhantes manchas negras, visíveis por vêzes a grande distância, e existentes em tôda a extensão do território nacional, costumam indicar os paradeiros dos índios. O carvão e a cinza resultantes de fogueiras, acesas dentro da maloca e que, de noite ardiam debaixo da rede, para fins vários, misturam-se com o solo e lhe imprimem esta côr escura indelével. No município de Itapiranga, bem como nas comarcas limítrofes encontram-se destas «terras negras» em grande abundância, encerrando infalìvelmente numerosos fragmentos de cerâmica e algum material lítico.

Herbert Baldus, em «Tonscherbenfunde in Nordparaná», estuda estas manchas negras em vários autores e territórios do Brasil (3). Nos sambaquis do Brasil meridional o mesmo fenômeno se expressa em camadas, por vêzes espessas, de conchas calcinadas de mistura com cinza e carvão vegetal, formando estruturas nitidamente separáveis e que atravessam o aglomerado todo em várias direções (4).

A disposição das «terras negras» na jazida é mais ou menos em linha reta, ao longo de suave inclinação do terreno. Um declive suave leva até a barranca do rio a uns cinqüenta metros de distância. Do outro lado há uma grande

área quase plana, no meio da encosta. A localização do povoado era das mais vantajosas para a vida indígena: a menos de trezentos metros encontra-se a corredeira da Fortaleza, ainda hoje afamada pelo grande número de peixes grandes e de captura fácil; no rio, sôbre as rochas, há moluscos fáceis de agarrar; a provisão de uma água realmente apetecível podia-se fazer no arroio, ou nas suas fontes. Por outro lado, em extensões incalculáveis, viceja a mata-virgem riquíssima em caça grande e miúda e que propicia à agricultura um dos solos mais férteis do sul do país. Estratègicamente a aldeia dominava o rio até grandes distâncias, podendo controlar a aproximação do inimigo, geralmente feita em canoas; do lado de cima a corredeira de várias centenas de metros de comprimento, dificulta o avanço dos adversários.

Passando a descrever os núcleos formadores da aldeia, começamos pelo mais próximo do rio e terminamos pelo mais afastado, dando-lhes os números, respectivamente de um, dois e três.

O primeiro apresenta-se de forma irregular e mede 23 por 18 metros nos pontos extremos. O solo compõe-se de uma camada de terra negra, misturada com carvão vegetal, de uma espessura variando entre 30 e 40 centímetros. Sob esta capa, bem como dos lados a terra é vermelha, com pequenos calháus basálticos da mesma côr, em adiantado estado de decomposição.

Na base da camada de terra preta, a uns 20 centímetros de profundidade e sob uma camada de terra revolvida no amanho do solo, encontram-se estratificações de um molusco, cujo nome científico é Ampullaria gigas e ainda muito encontrado em todo o Uruguai. Na jazida predomina ora o espécime já adulto, ora o pequeno, em fase de crescimento (v. fig. 10). Os dois tamanhos se encontram no paradeiro sempre misturados e não em camadas isoladas. A estrutura conchiliana intacta oscila nos três centros entre 15 e 30 cms., sendo nêste primeiro de 15 a 20 cms. Provàvelmente em depósitos apresentavam de início estas estratificações em tôda a sua espessura, sendo destruídas pelo amanho da terra e encontrando-se as conchas atualmente espalhadas à superfície e misturadas ao solo revolvido. Acham-se, entretanto, perfeitamente conservadas, sem indício de decomposição, mas nenhuma delas apresenta sinais de ter sido utilizada para adorno ou qualquer outra finalidade técnica.

Alguns quilômetros rio abaixo na mesma margem direita, pudemos observar outro acúmulo de conchas com frag-

mentos de cerâmica, não nos sendo possível a exploração devido ao intrincado da mata pluvial.

G. Tiburtius, I. K. Bigarella e J. J. Bigarella encontraram na jazida, presumìvelmente guarani, de Itacoara, junto ao Rio Piraí (S. C.) e a uma distância de 32 Kms. da costa, semelhante camada de moluscos fluviais, de mistura com outros, mais raros, provenientes do oceano (5).

O mesmo fenômeno fôra já anteriormente observado em suas investigações sôbre os guaranis do Alto Paraná por F. C. Mayntzhusen. (5.a).

* * *

A cerâmica de que o solo está literalmente juncado, apresenta-se em fragmentos maiores e menores ainda mais ou menos juntos, que não obstante apresentam certas dificuldades à exata reconstituição. Também os objetos de pedra se acham deslocados dos seus lugares primitivos, mas ficam ainda dentro da área do respectivo núcleo. E' necessário notar de antemão que muitos objetos são encontrados nos arredores da aldeia, às vêzes a centenas de metros de distância, perdidos na caça ou na agricultura. O que ficou dentro da maloca muitas vêzes não passa de instrumentos inacabados e outros que servem para o seu fabrico, excetuando naturalmente a cerâmica, que ficava tôda concentrada na aldeia.

Neste primeiro núcleo foram colecionados um fragmento de machado minúsculo, de que ficou apenas o corte e uma parte mínima do corpo; um bloco de quarzo aproveitado como amolador; alguns núcleos e lascas residuais do fabrico seja de pontas de flecha, seja de lança, sendo o material o sílex e o basalto vermelho (fig. 6 c, d). Um núcleo parecido de arenito, com leve cozimento (fig. 6, e), talvez seja resíduo de outra natureza. Este, como outros fragmentos de arenito, certamente são importados, visto em tôda a região existir apenas um tipo de rocha que é o basalto.

Nos fragmentos de cerâmica predomina a decoração plástica (unguicular, de impressão digital, incisada por espátula) sôbre a pintada e a lisa, sem ornato.

No que tange ao material conchiliano, manifesta-se leve predominância das conchas pequenas sôbre as grandes.

Dos resíduos ósseos, muito fraturados e escassos, dificultando o reconhecimento, alguns são manifestadamente de procedência animal, parecendo outro de origem humana. Nos outros núcleos não encontramos ossos.

O segundo núcleo, de 45 e 20 metros nos pontos mais largos, dista apenas questão de cinco metros do anterior e apresenta as mesmas características, na composição, estratificação e material etnográfico.

Numa pequena bacia, a menos de 20 metros do centro número dois, encontra-se o terceiro núcleo com uma camada de terra misturada com carvão que atinge 60 cms. e mais e com uma estrutura intacta de conchas entre 20 e 30 cms. Há um equilíbrio, talvez mesmo predomínio, das conchas grandes sôbre as pequenas, orçando o tamanho do lugar em 30 por 30 metros.

Encontrou-se aqui uma bola de charrua, outra bola polida, mais uma terceira em forma perfeita de ovo minúsculo; grande número de machados em preparo, com o corte apenas lascado e ainda não polido; alisadores de cerâmica, percussores, afiadores, polidores, bem como núcleos e lascas provenientes do fabrico de pontas de flechas. Os machados em preparo encontraram-se todos num mesmo lugar, num dos lados do núcleo, provàvelmente o local da oficina. No centro dêste núcleo predomina absolutamente a cerâmica pintada, mas em direção à periferia manifestam-se cada vez mais abundantes os outros tipos, até que a certa distância são os únicos a aparecer.

No mesmo terreno do Pré-seminário foram ainda encontrados uma mão de pilão, um machado grande perfeitamente polido, outro fragmento de machado constando da cabeça e da metade do corpo, do mesmo tipo que o interior, duas pontas de flecha, um machado de gargalo, um pote em forma lenticular. De maior distância provieram os três objetos inteiros de barro descritos mais adiante e o apito que é da linha Baú, do mesmo Município de Itapiranga, doado pelo Sr. Stülp, que posteriormente encontrou mais um exemplar idêntico.

Passamos, pois, à descrição sumária do material lítico, deixando a cerâmica para as considerações finais.

1. Mão de pilão de 37,5 cms. de comprimento, por 4,9 de diâmetro no ponto mais largo, isto é a 5 cms. da base, e 3,4 cms. de largura na cabeça. O basalto colunar negro, de que é fabricado, está bem polido, restando os vestígios do lascamento original apenas em um ou outro ponto. Comparado com as outras mãos de pilão do planalto classificar-se-ia de tamanho médio, pois as grandes chegam a atingir 70 cms. e mais de comprimento e pesar 7.500 gramas (fig. 1, a).

2. Mão de pilão de basalto, perfeitamente polido, de 26 cms. de comprimento por 4,8 de diâmetro em tôda a extensão, se excetuarmos uma das pontas levemente adelgaçada. Encontrada em Linha S. João, Itapiranga. Entre as congêneres do planalto meridional seria classificada de pequena (fig. 1, b).

Os machados da região são bem trabalhados e muito abundantes. Balduíno Rambo enumera os tipos mais importantes: machados de corpo redondo e cabeça fina, comprida; machados de corpo elíptico e cabeça curta, grossa; machados de corpo plano e cabeça longa; machados de corpo arredondado, muito curtos; machados de gargalo; machados semilunares (em crescente, em âncora) e machados verticulares (perclusos, também chamados itaiçás ou rompe-cabeças) (6). Um estudo interessante sôbre os machados do planalto sul-brasileiro, em que se encontra o paradeiro, apresentam G. Tiburtius e A. Leprevost (7). Dos tipos enumerados por B. Rambo foram encontrados em Itapiranga dois exemplares que se enquadram no segundo tipo enumerado e um machado de gargalo. As peças em preparo ainda não permitem classificação.

3. Machado de 25 cms. de comprimento, largura máxima de 6,5 cms. no meio corpo, afilando em direção à cabeça e ao corte semi-circular. Espessura máxima 5 cms. Polimento das faces e do corte perfeito, no alto da cabeça mal terminado, aparecendo as superfícies do lascamento. Cabeça levemente danificada. Corresponde ao segundo tipo de B. Rambo. Todos os machados são de basalto escuro (fig. 1, c).

4. Fragmento de um machado, semelhante ao anterior. A peça é constituída da cabeça e de metade do corpo. Polimento perfeito, incluindo a cabeça. Comprimento de 12,5 cms., largura máxima 7,2 cms. na base quebrada, estreitamento em direção à cabeça. Grossura máxima 3,7 cms. (fig. 2, a).

5. Machado de gargalo, com 20,5 cms. de comprimento, 5,5 cms. no alargamento máximo e 3,9 no ponto de maior espessura, afilamento em direção à cabeça fina e ao corte. A 4 cms. da cabeça apresenta um desgaste de 2,3 cms. de largo e 3 mms de profundo para encabamento. Corte redondo, irregular. A superfície de desgaste que vai constituir o fio avança até 5,5 cms. nas faces, formando até a mesma altura nos bordos uma continuação obtusa do fio. Alisamento bom. A forma não perfeitamente regular, mas esboçando um leve S. Sobrou numa das faces um sulco correndo longitudinalmente (fig. 1, d).

6. Fragmento de machado minúsculo, quebrado um pouco acima do corte afiado. Polimento perfeito, a não ser num dos lados, onde aparecem as superfícies de lascamento. Corte semi-circular. Comprimento do fragmento 3,5 cms., largura 4 cms., grossura maior 1,5 cms. (fig. 6, b).

7. Machado em preparo: 16 - 6,5 - 3,5 cms. Neste co-

mo nos outros que seguem aproveitou-se o calhau polido do rio que já apresenta a forma quase perfeita. Em verdade, junto à corredeira da Fortaleza poder-se-ia fazer uma coleção de «objetos indígenas», recolhendo apenas o que a natureza aí colocou já quase preparado. O indígena valia-se dêste calhau acrescentando-lhe um bordo cortante por meio de polimento em cima de uma pedra, empregando como auxiliares a água e a areia. Os machados em preparo encontrados no núcleo nr. 3 do paradeiro vêm todos com o corte lascado ora apenas numa, ora em ambas as faces, às vêzes mais, outras vêzes menos perfeitamente. Não apresentam outros sinais de trabalho ou uso (fig. 2, b).

8. Machado em preparo, quabrado. Dimensões: 14 - 5,5 - 2 cms. Corte a golpes (fig. 2, e).

9. Machado em preparo com lascamento para o corte apenas numa das faces. Encontra-se já perfeitamente polido pela água do rio. Medidas 17, 5 - 6,5 - 4,5 cms. (fig 2, c)

10. Machado em preparo de corte irregular, trabalhado por lascamento rudimentar e sobressaindo no meio um grande dente em ponta (fig. 2, d).

11. Machado em preparo, apresentando corte incipiente a golpes por um lado apenas. Dimensões 9,8 - 6 - 2,8 cms. (fig. 2, f).

12. Machado em preparo, quebrado, apresentando sulcos de lascamento em uma das faces. Corte a golpes muito mal feito (fig. 2, g).

13. Machado em preparo, quebrado longitudinalmente e com grande lasca arrancada do lado. Dimensões 10 - 5 - 2 cms. (fig. 6, h).

14. Ponta de flecha triangular de sílex, de 5,5 cms. de comprido, 3,2 de largo nas farpas, espinho basal 1 cm. de comprimento e 1,5 de largo. Lascamento bom, bordas não serrilhadas, levemente bombeadas (fig. 3, b).

15. Ponta de flecha triangular de meláfiro vermelho. 8,5 cms. de comprimento, 4 cms. de largura nas farpas, espinho basal 1,5 cm. de comprimento e 2 de largura. Lascamento imperfeito, bordas não serrilhadas, levemente bombeadas, com uma farpa quebrada (fig. 3, a).

16. Bola de Charrua elíptica, de alisamento um pouco irregular num dos lados. Dimensões 6,2 - 5,1 - 4,4 cms. Estria de 3 mms. de profundidade, correndo longitudinalmente, por cima dos polos. Se inquirirmos na utilidade que poderia ter tido aquêle objeto ali no mato fechado, numa região acidentada, muito longe dos campos, talvez se deva chegar à conclusão de que é objeto de intercâmbio, presente ou lem-

brança de índios campeiros, os quais a empregavam em grande escala nas suas caçadas. Também os guaranis dos campos sul-riograndenses a possuiam. Porém como limite norte da bola de charrua costuma indicar-se o município de Santa Rosa no Rio Grande do Sul. A hipótese aventada é corroborada ainda pelo fato de o referido lito ter sido encontrado no centro da aldeia e não fora, o que seria mais consentâneo com o uso na caça (fig. 4, a).

17. Bola oval de forma perfeita e polimento total, medindo 3 cms. de polo a polo e 2,8 na região equatorial. De uso desconhecido (fig. 4, b).

18. Bola pequena perfeitamente elíptica e regular, medindo 3 - 2,5 - 2,5 cms. Polimento excelente. Uso desconhecido. (fig. 4, c).

19. Apito de barro cozido em forma lenticular. Diâmetro 4,2 cms., grossura máxima no eixo 2,5 . A cavidade aberta no meio de uma das faces mede 2,2 de largura e 2,3 de profundidade sendo mais ou menos redonda. Soprando com fôrça dentro da cavidade produz-se um som semelhante ao que os rapazes conseguem soprando dentro de um vidrinho. Nesta região foram até agora encontrados dois dêstes apitos e não os tenho visto comentados em outra parte, nem os tenho encontrado até agora em museus (fig. 13, c).

20. Bloco de quartzo do tamanho de uma cabeça, apresentando num dos lados uma superfície alisada e levemente escavada que terá servido como amolador de machados. A superfície desgastada mede 18 por 11 cms. nos pontos extremos.

21. Outros objetos preciosos que escapam muitas vêzes ao colecionador de material curioso são várias pedras de formatos diversos encontrados em número elevado não só nêste paradeiro, mas também nos dos litoral. Diversos autores fazem menção dêles: são os alisadores de cerâmica (fig 5, a - d). Os vasos de barro realmente apresentam superfícies que indicam, sem possibilidade de engano, êste alisamento, interno em tôda a cerâmica; interno e externo nos recipientes lisos sem pintura e nos pintados e em alguns de ornamentação plástica. Estes alisadores costumam apresentar um dos lados regularmente arredondado e naturalmente polido, que serve para alisar o vasilhame, enquanto o barro é plástico. Um dos alisadores apresenta numa das faces, já um pouco côncova, duas pequenas cavidades onde se adaptam perfeitamente os músculos do polegar ao agarrar a pedra. Na outra face arrancou-se uma lasca grande, regular em cada uma das extremidades (fig. 5, a).

22. Diversas outras pedras de uso desconhecido ainda se encontram, entre estas destacamos duas que apresentam as arestas naturais do basalto colunar acentuadamente gastas (fig. 5, e, f). Pergunta-se apenas pelo seu uso: se esmagar plantas, dar um alisamento inicial aos instrumentos de pedra ou alguma outra. O modo como se apresentam as arestas sugere que tenham servido como percussores e raspadores de pedras.

Em outros percussores as arestas e a cabeça estão igualmente gastas e de alguns pontos saltaram grandes lascas durante as batidas (fig. 66, a). Talvez tenham servido para o lascamento inicial de machados e mais instrumental lítico. Os percussores encontrados neste paradeiro diferem de peças semelhantes dos sambaquis, onde aparecem às centenas, porque os do litoral apresentam as faces de percussão regularmente gastas, sem lascamento algum e pode-se ver pelos sinais deixados que é num bater mais leve e regular.

23. Embora se tenham encontrado apenas duas pontas de flechas, é sabido que o índio da região as empregava muito, visto o grande número de núcleos residuais da fabricação de pontas, como de lascas encontradas no paradeiro. O material empregado para o fabrico destas pontas é de sílex (fig. 6, c), e de meláfiro vermelho (fig. 6, d). Por outro lado ensina-nos Métraux que os guaranis empregavam de preferência pontas de madeira nas suas flechas.

24. Finalmente surge mais um achado discutível na forma de fragmentos de arenito com sulcos perfeitamente arredondados e de profundidade igual em tôda a sua extensão e que são manifestamente de origem humana. Outros existem de cuja proveniência se podem levantar dúvidas. Um exemplar recolhido apresenta sulcos de 7 mms. de largura e 6 de profundidade (fig 6, f). Os sulcos do segundo exemplar medem 1 cm. de largo e 0,5 cms. de profundo (fig. 6, g). Os sulcos ocupam em regra geral quatro lados dos fragmentos. Este material difere de sulcos parecidos nos rochedos costeiros e de outros do interior analisados por numerosos autores, por apresentarem a mesma profundidade e largura em tôda a extensão, ao passo que aquêles costumam ser mais largos e fundos no centro afilando para ambos os extremos.

* * *

E' de lamentar que o material cerâmico, se excluirmos os quatro objetos inteiros, conste apenas de fragmentos, cuja reconstituição exige tempo, paciência e conhecimento. Tiraremos, não obstante dêle numerosas informações quanto ao tamanho, técnica, uso e ornamentação.

O tamanho do vasilhame, indicado pelos fragmentos, varia desde a igaçaba ou urna de bojo largo e atingindo 60 cms. de altura e o pote minúsculo do tamanho de um punho fechado. Dentro de certa uniformidade quanto à conformação, apresentam-se igaçabas piriformes, terrinas, panelas, ânforas de gargalo estreito, potes em forma de coração ou pêra, tigelas lenticulares, pratos de fundo raso e bordos quase verticais, recipientes com notável estreitamento no meio, parecendo vasos duplos, etc.

Mantendo algumas características gerais as variantes são quase infinitas, não se encontrando duas vasilhas idênticas. Embora todos apresentem qualquer enfeite no bordo superior ou no gargalo, nenhum fragmento mostra asa para o transporte, ou perfuração indicando dispositivo para dependurar. Balduino Rambo indica que às vêzes se passava uma corda ao redor do gargalo de potes médios e pequenos para transporte nas costas à maneira de mochila (8). O fundo não tem, por outro lado, nenhuma adaptação para o vaso ficar em pé sôbre uma superfície plana, mas apresenta-se comumente arrendondado, permanecendo firme apenas quando um pouco enterrado no solo.

A técnica do fabrico, manifestada continuamente nos fragmentos, é a de espiral para o vasilhame médio e grande, sendo, ao que tudo indica, o pequeno moldado simplesmente à mão em peça inteiriça. A espessura das paredes varia entre 3 cms. e 3 mms. O cozimento do material, e com isto a sua qualidade, varia um pouco: regra, porém, as paredes nunca se apresentam cozidas em tôda a espessura, a não ser as bem finas, onde o fogo tornou refratária a camada tôda. O material pintado também costuma apresentar preparo e cozimento mais perfeitos.

Os outros exemplares, de ornamentação plástica, ou a cerâmica grande e lisa é coberta por uma camada refratária avermelhada nunca superior a dois milímetros, mantendo um miolo negro inatingido pelo fogo. Esta côr é atribuída por H. Baldus à mistura com a argila vermelha de carvão vegetal (9), como desengordurante. B. Rambo observou entre os guaranis que, por volta de 1885 emigraram do Paraguai e que atualmente estão no posto de Nonoai no Rio Grande do Sul, como misturavam cinza de madeira e de ossos com o barro destinado à cerâmica. A técnica dêsses índios também é a da espiral, mas hoje em dia estão esquecidos da antiga arte, reproduzindo apenas o cacique umas terrinas de feitio moderno, para satisfazer aos turistas. O vasilhame em uso entre êles é o dos civilizados. (10)

O mau cozimento é uma das razões por que tão mal se conservou a cerâmica indígena: por meio das frestas mal fechadas penetra a umidade até a camada não cozida, fazendo-a trabalhar e, por têrmo, fendilhar-se todo o vaso que se desagrega.

Difícil tarefa seria indicar, atualmente, e tendo diante de si apenas fragmentos, a utilidade e uso de todo êste material indígena. Certo é que as igaçabas se destinavam ao entêrro dos mortos e provàvelmente também ao preparo de bebidas fermentadas. Alguns recipientes médios trazem no fundo, manchas de fuligem, sugerindo uso ao fogo no preparo de alimento. Por fim, há quem pretenda ver nos potes menores cápsulas para guardar as cinzas dos mortos. Entretanto, semelhantes questões não são do programa destas linhas.

Relativamente à ornamentação dividimos a cerâmica em três tipos sumários: a lisa, sem ornato algum a não ser a saliência do rebordo superior; a de ornamentos plásticos produzidos por meio de incisão de espátula, impressão de dedo ou da unha; e a cerâmica pintada com variados motivos. A divisão em quantidade é mais ou menos igual em todo o paradeiro, se excluirmos o cemitério, com os dois primeiros modêlos apenas, como já foi apontado. Nota-se ainda que os objetos maiores e de mais espessas paredes (até 3 cms) são lisos, sem pintura, e que a ornamentação unguicular ocorre só em recipientes pequenos.

A impressão digital, thumb-marked corrugated pottery de G. R. Willey (11), terá surgido como resposta elementar a uma necessidade técnica; enroladas uma por cima da outra, em espiral, as cordas de barro que formam o vaso, era preciso ligá-las. Um resultado bastante bom consegue-se comprimindo com o polegar a corda superior sôbre a inferior. A ligação entretanto é de tal ordem que as fraturas sempre se dão ao longo das cordas, separando-as e apresentando a superfície quebrada um lado convexo e outro côncavo. A marca deixada pelo dedo, regular e horizontalmente disposta, constitui uma ornamentação não totalmente destituída de beleza, e que aparece em numerosas variantes. (fig. 7; na fig 8: a, f parecem decorrentes dêste tipo).

Ornato não muito diferente se consegue com a impressão não mais do polegar, mas simplesmente da unha em tiras paralelas, sempre na mesma posição (fig. 8, d, e ). No paradeiro em exame mostra-se apenas em potes de pequeno tamanho. Êste ornato unguicular aparece em caráter puro e desacompanhado de qualquer outro tipo de enfeite num paradeiro de Bom Princípio, no Município de Montenegro, R.S., onde é em-

pregado em recipientes pequenos e médios. Os grandes faltam de todo.

Mais rara é a incisão praticada por meio de um bastonete ou espátula em linhas intermitentes paralelas, ou em linhas intermitentes paralelas e curtos traços, que caem sôbre êles como pequenas fôlhas sôbre uma haste (fig. 8, b, c).

Às vêzes as linhas evoluem em várias direções, dando a impressão de campo cheio de plantas cobertas de pequenas fôlhas.

Muito difícil de encontrar tanto no paradeiro, quanto nas jazidas do litoral é um modêlo em leve traçado paralelo, simulando um campo arado cheio de sulcos (fig. 9). Comumente encontra-se apenas um ou outro fragmento, como nos sucedeu em Itapiranga. No paradeiro de Osório, no Rio Grande do Sul, as linhas são paralelas, ou se entrecruzam formando losangos ou quadriláteros. Ainda não tenho encontrado êste tipo estampado para comparação.

Se agora passamos à cerâmica pintada teremos três subtipos fundamentais, descobertos no paradeiro e que se assemelham a outros encontrados em grandes extensões do sul do Brasil e países limítrofes: o tipo mais simples emprega apenas uma côr, o vermelho escuro, com o qual pintam ou todo o interior ou todo o exterior, ou ambos os lados, ou porções apenas de grande número de vasos pequenos e médios. Não temos encontrado até agora uma igaçaba pintada por êste modo. Pertencente ao mesmo tipo monocolor em vermelho encontram-se faixas de côr ao longo das bordas superiores das ânforas e panelas. Muitos recipicentes pintados mostram o interior ou o exterior envernizado.

Bastante comum em vasos médios e pequenos é a coloração branca, cambiando até o acinzentado, quer interna quer externa, com estreitas faixas pretas ou vermelhadas, ou ambas ao mesmo tempo, ressaltando os contornos e reentrâncias ou angulosidades dos recipientes.

O terceiro subtipo, finalmente, que se poderia dividir em inúmeros motivos é o mais espalhado. Emprega-se em igaçabas, em recipientes médios e pequenos. Sôbre fundo branco apresentam-se diversos motivos lineares ou em espirais ou os dois combinados, em traços vermelhos ou pretos, ou ambos ao mesmo tempo, servindo por vêzes o preto de traço-sombra ao vermelho. Excepcionalmente tem-se descoberto em igaçabas traçado branco sôbre fundo vermelho ou fundo preto com linhas vermelhas.

Entre numerosos motivos, tão variados que se lhes pode aplicar o que Léry afirmava dos tupis do Rio de Janeiro, que

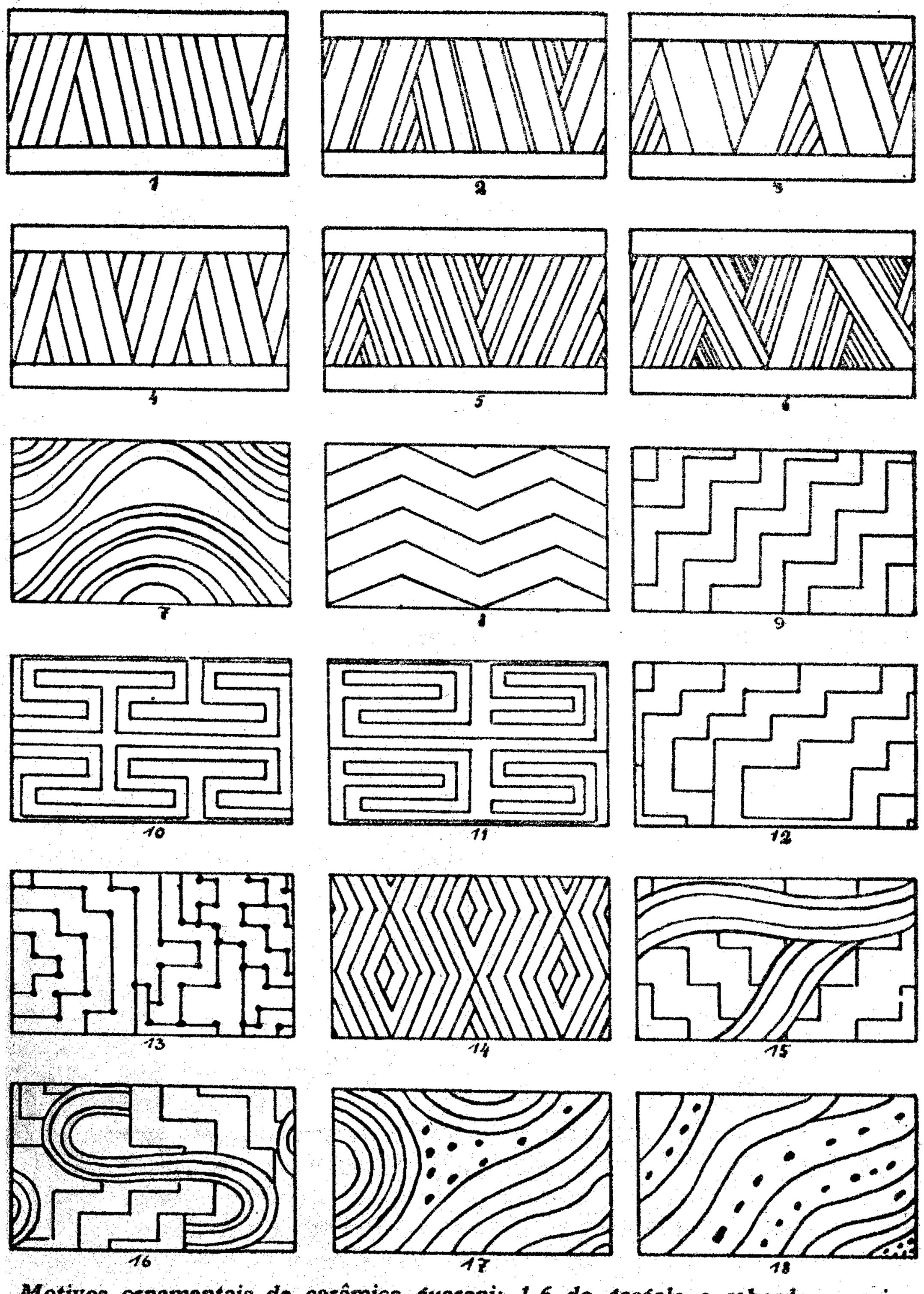
não eram capazes de reproduzir duas vêzes o mesmo desenho, distinguimos inicialmente desenhos em linhas quebradas, constituindo figuras que lembram gregas, ondas estilizadas, degraus, losangos convergentes ou, ajuntando-se nas bordas superiores das igaçagas em variados modelos em **A** e V, a que H. Baldus gostaria de batizar com o nome de «faixa esgrafiada de triângulos» (12). Outras vêzes são linhas curvas ou volutas que se conjugam em formas várias. Alguma vez combinam-se numa mesma figura os dois elementos, o retilíneo e o curvilíneo. Acentuando as reentrâncias ou ângulos dos objetos ou o rebordo, traçam-se linhas vermelhas ou pretas, bastante densas, que separam os motivos.

* * *

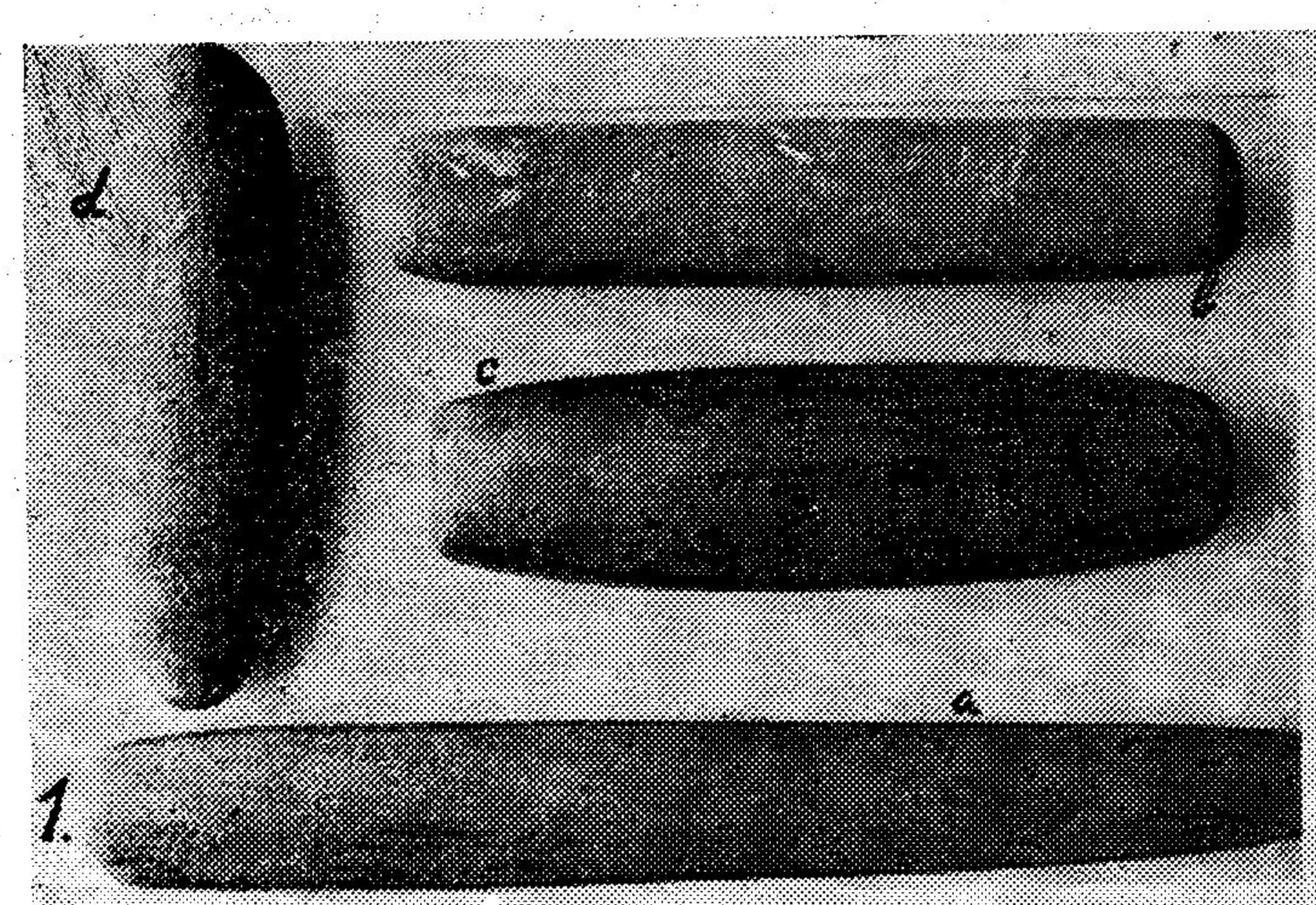
A tábua dá alguns motivos de pintura. Acentuo a palavra «alguns» porque dificilmente se encontra em dois recipientes a repetição do mesmo desenho. Os números 1-6 representam, em algumas variações apenas, o que H. Baldus quer dominar, se não nos enganamos, de «faixa esgrafiada de triângulos». A cerâmica do único paradeiro visitado talvez fornecesse algumas dúzias de variantes. Apresentamos estas para sugerir a infinidade de variações a que chegam. Constituem a ornamentação do gargalo e do rebordo superior das igaçabas e temo-las encontrado geralmente em cintas duplas. Não vimos nenhum gargalo de igaçaga que o não apresentasse. De um e de outro lado corre uma linha vermelha bastante grossa que separa êste desenho dos outros. Um dêstes modêlos ( o número quatro) foi encontrado em traçado branco sôbre vermelho, os outros todos em vermelho sôbre branco ou vermelho com traço-sombra preto.

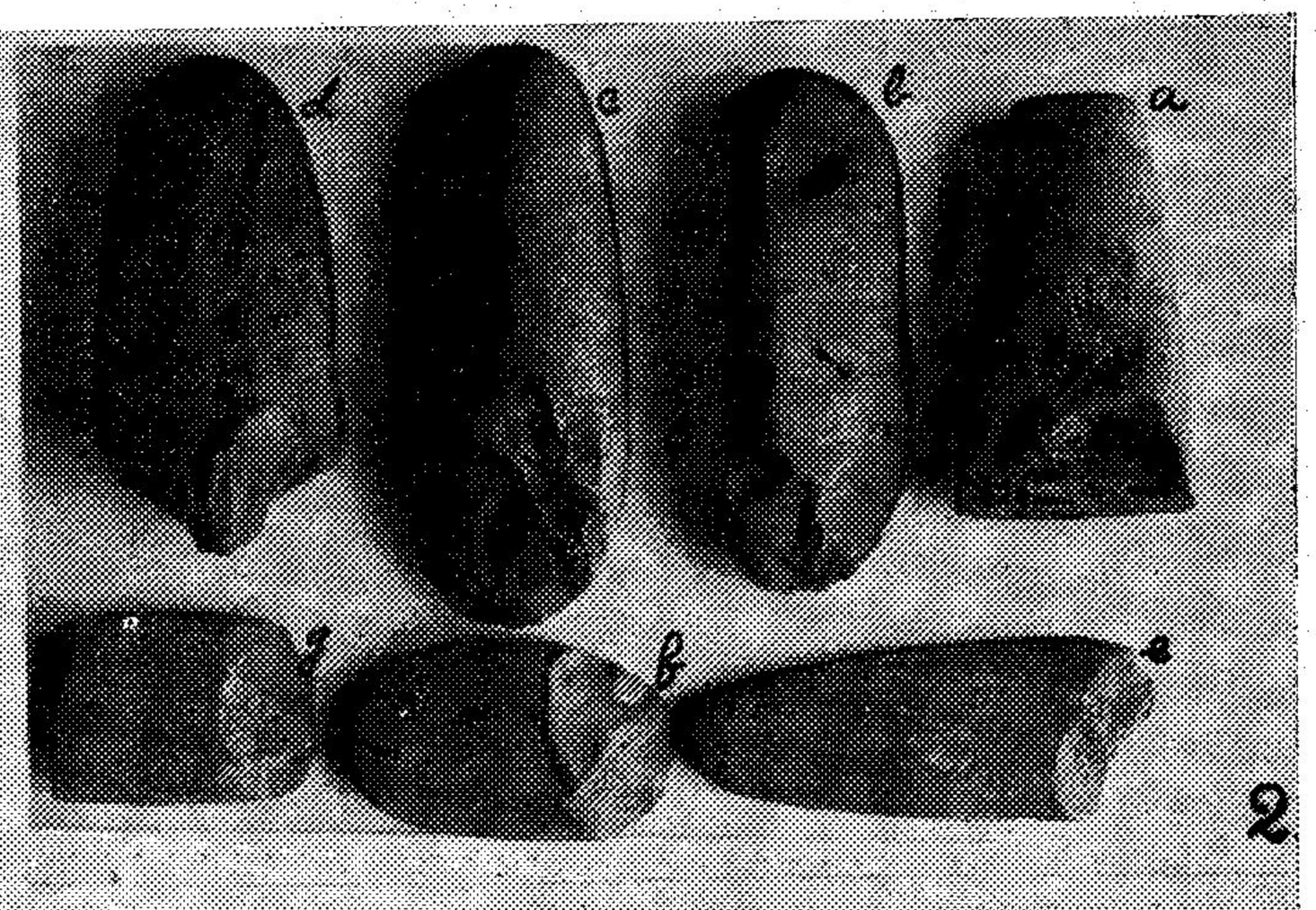
O número 7, como os anteriores, é um modêlo relativamente estável, correspondendo ao alargamento do gargalo para o corpo da igaçaba. Côres: vermelho sôbre branco ou vermelho com traço-sombra preto.

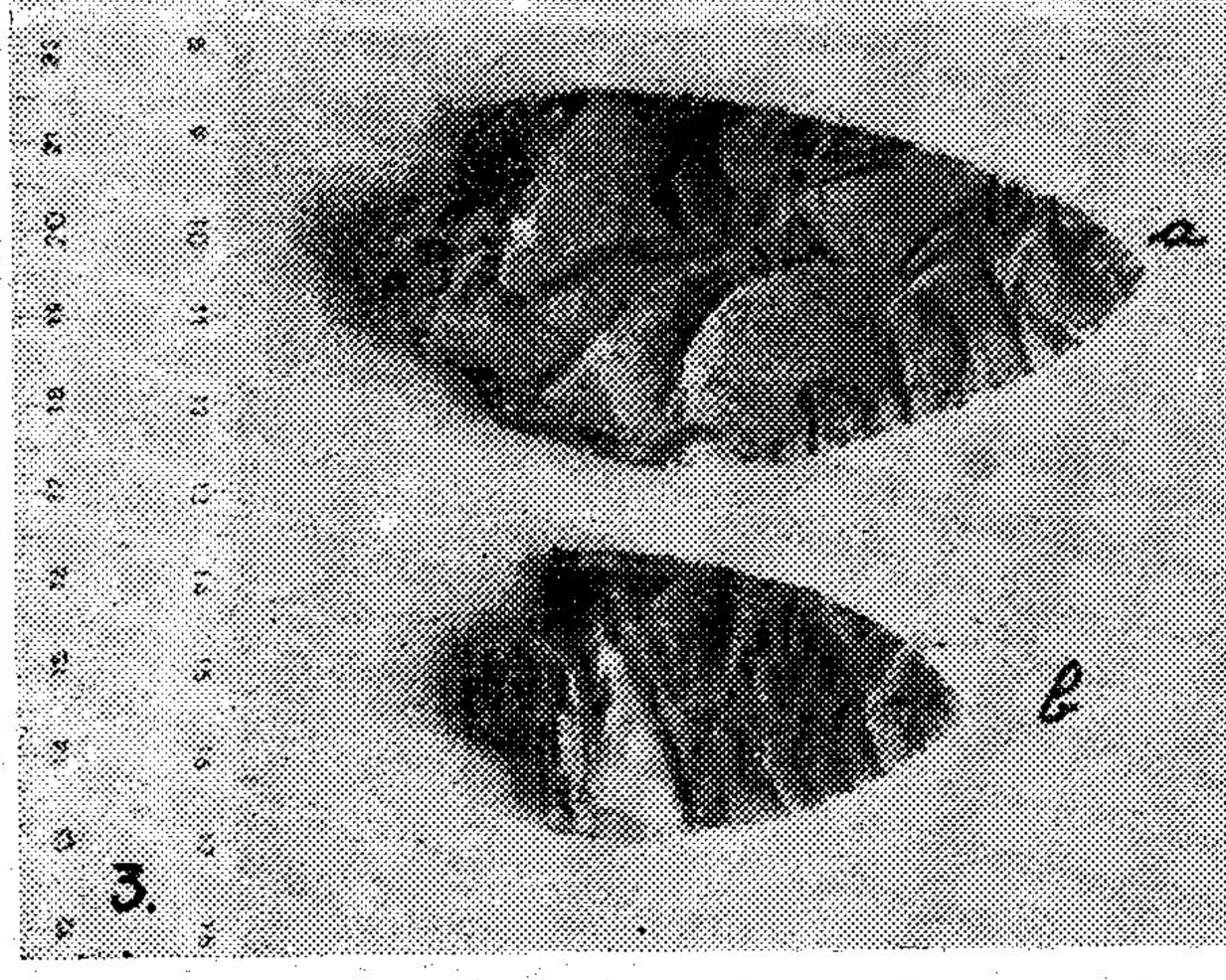
Os números 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15 correspondem à ornamentação do bojo de igaçabas e estão aqui representados em linhas simples, quando em realidade costumam ser de traçado duplo. Côres: vermelho sôbre branco. Os números 10 e 11 excessivamente desordenados e misturados nos originais foram tomados em recortes puros. Comumente aparecem os dois modelos torcidos em várias direções e muito desordenados, tornando-se difícil apanhar-lhes exatamente o motivo. Chamo ainda a atenção para o número 14 que é o motivo ornamental correspondente ao nr. 6, pois há certa relação entre o motivo do gargalo e o do bojo. No número 15 as linhas si-




***Motivos ornamentais de cerâmica guarani:** 1-6 do gargalo e rebordo superior de urnas; 7 do alargamento entre o gargalo e o bojo de urnas; 8, 9, 10, 11, 12, 14 e 15 motivos de bojo de urnas; os números 10 e 11 foram um pouco corrigidos e retocados; 13 e 16 ornamentação externa de pote; 17 e 18 ornamentação interna de pote.*



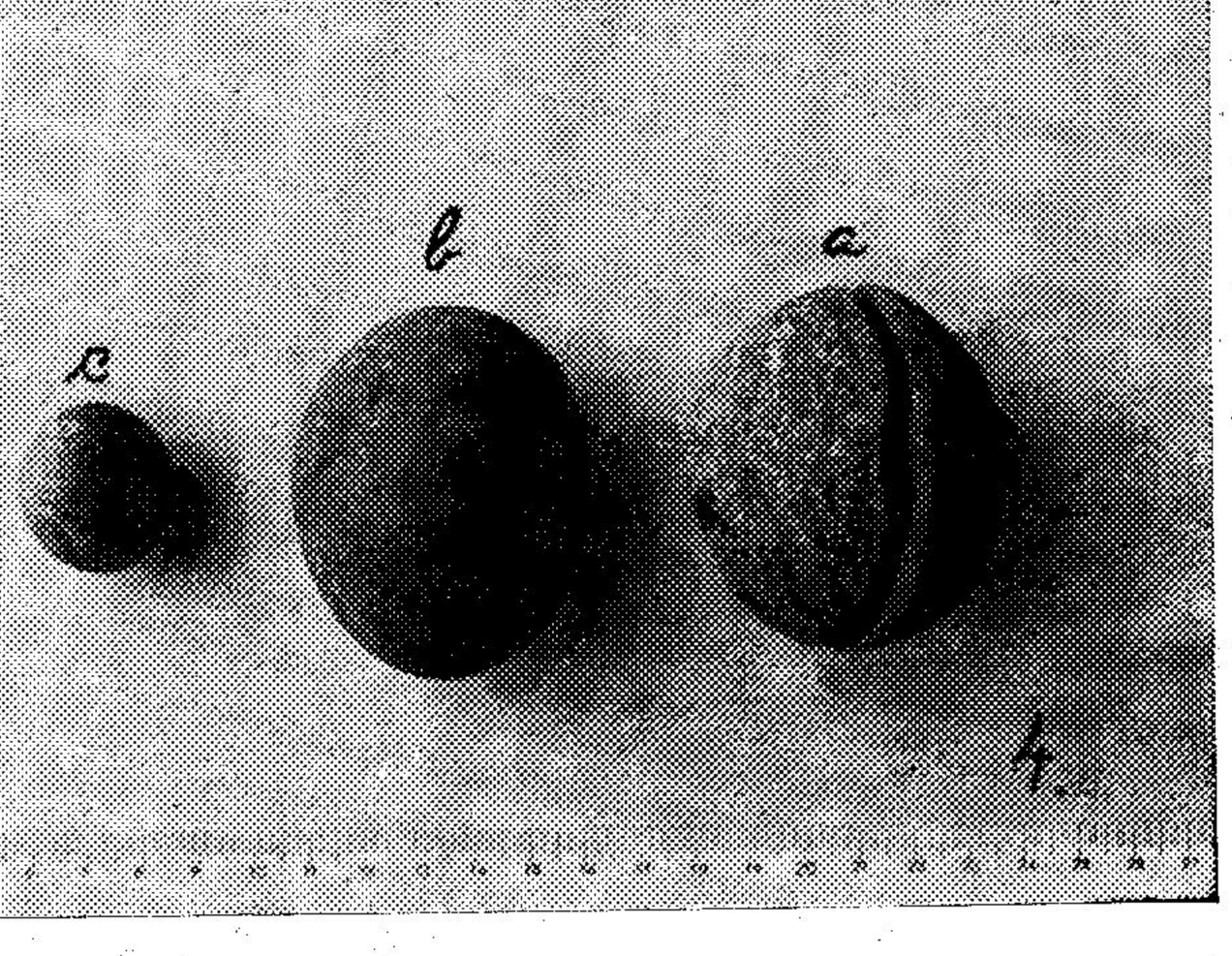
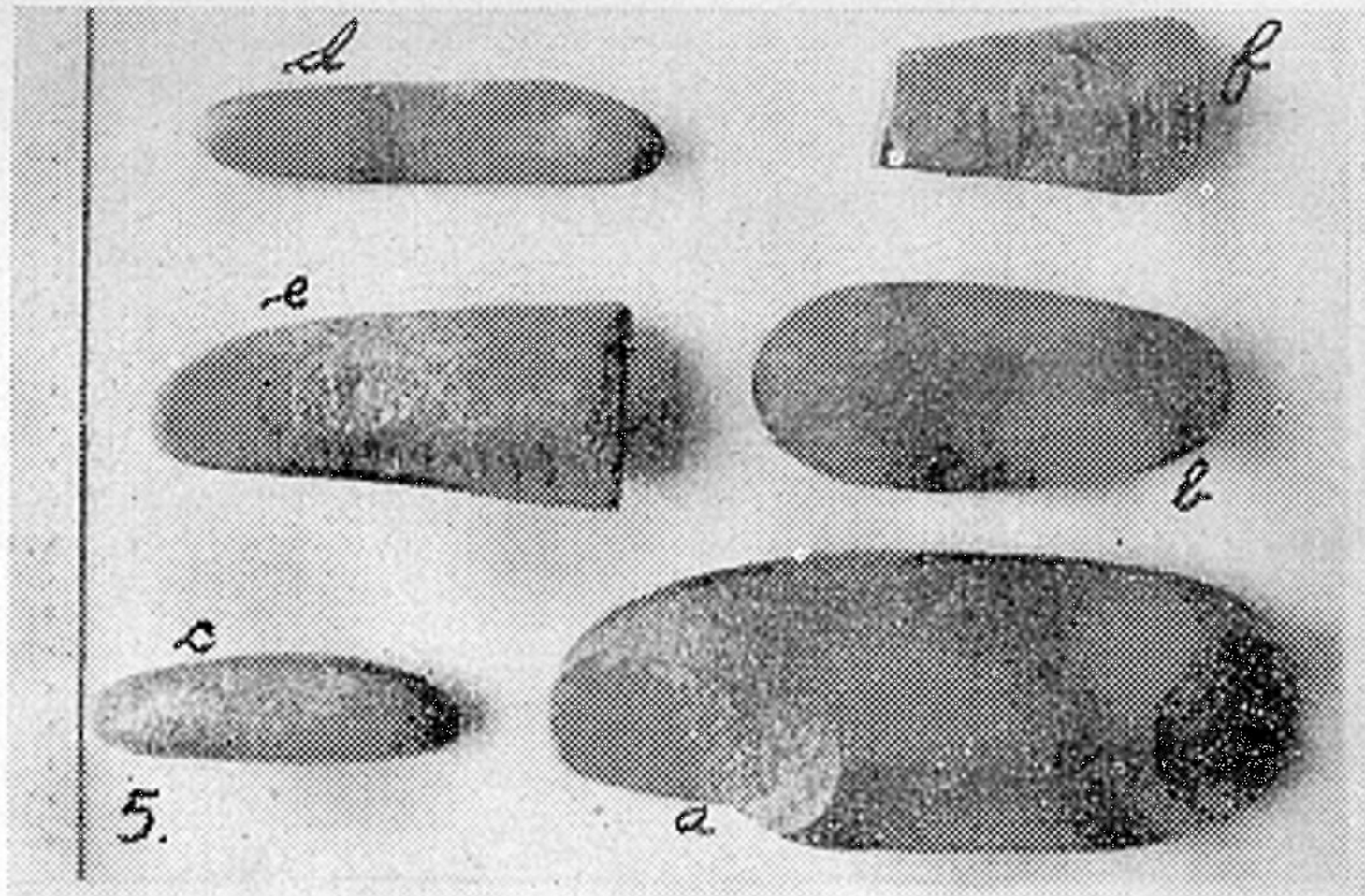
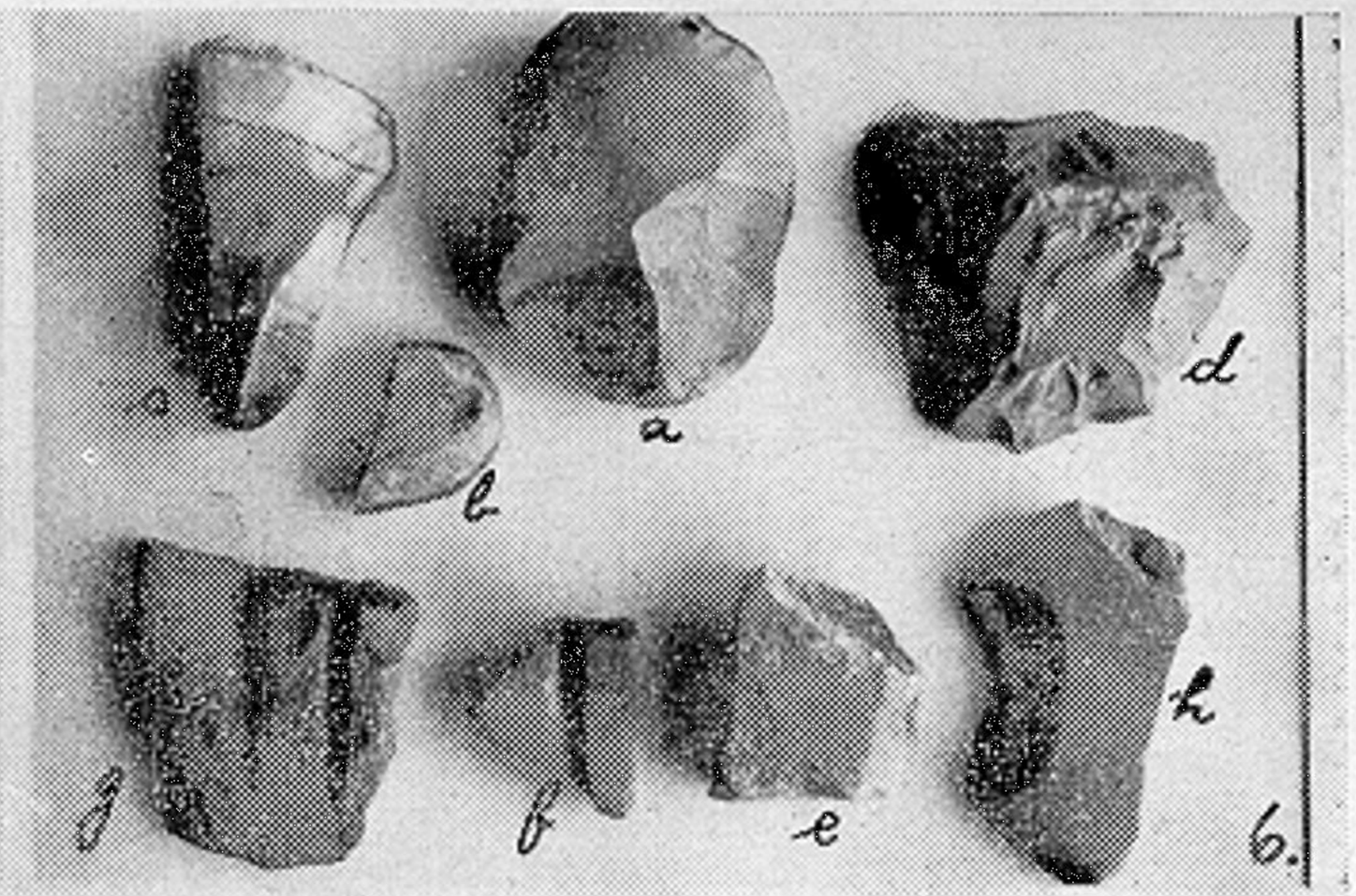
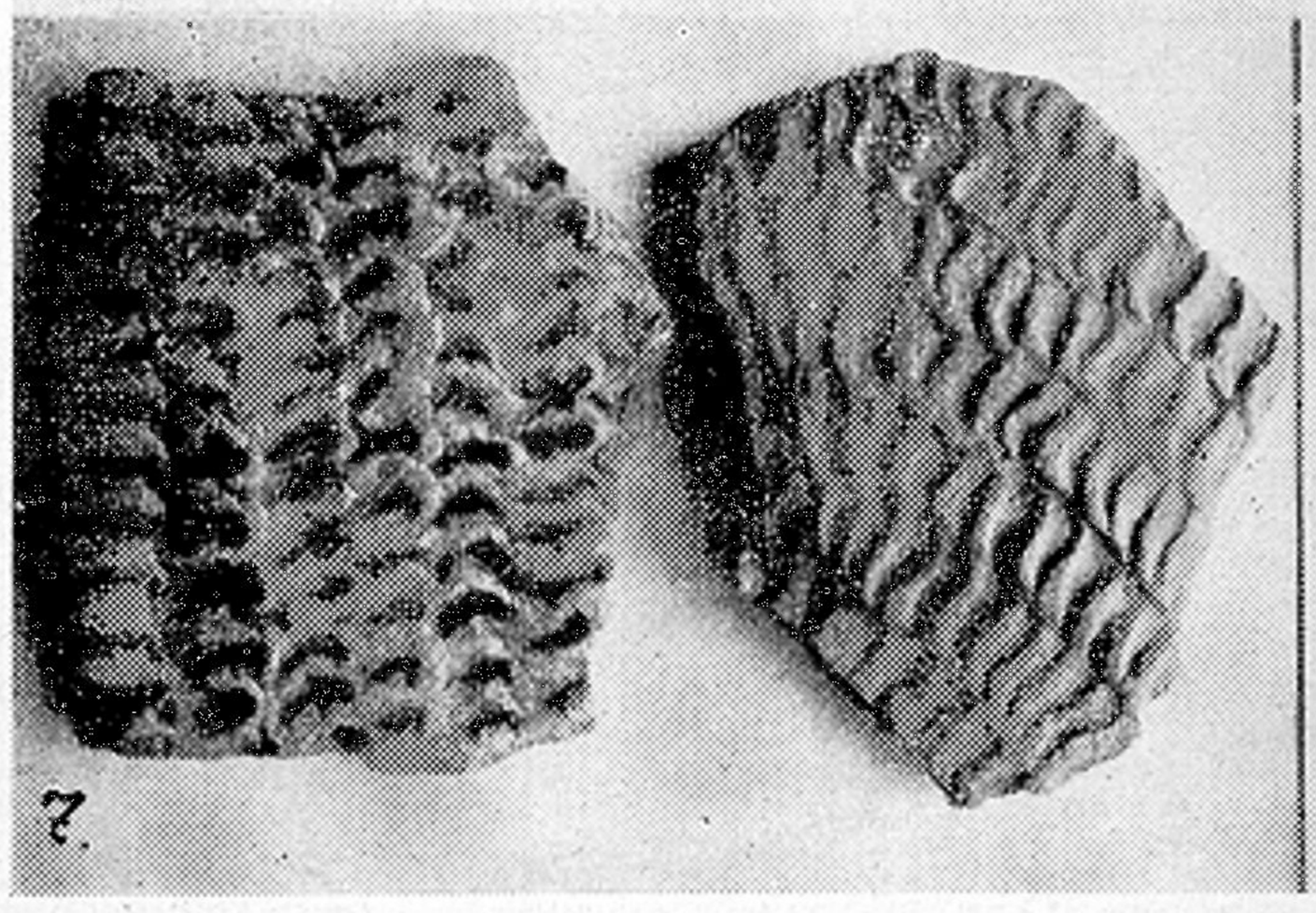




*Fig. 1: a, b — mãos de pilão; c — machado polido; d — machado de gargalo. — Fig. 2: — a fragmento de machado polido; b, g — machados em preparo. — Fig. 3: pontas de flechas; a — de meláfiro vermelho; b — de sílex. — Fig. 4: a — bola de charrua; b, c — bolas de uso desconhecido.*



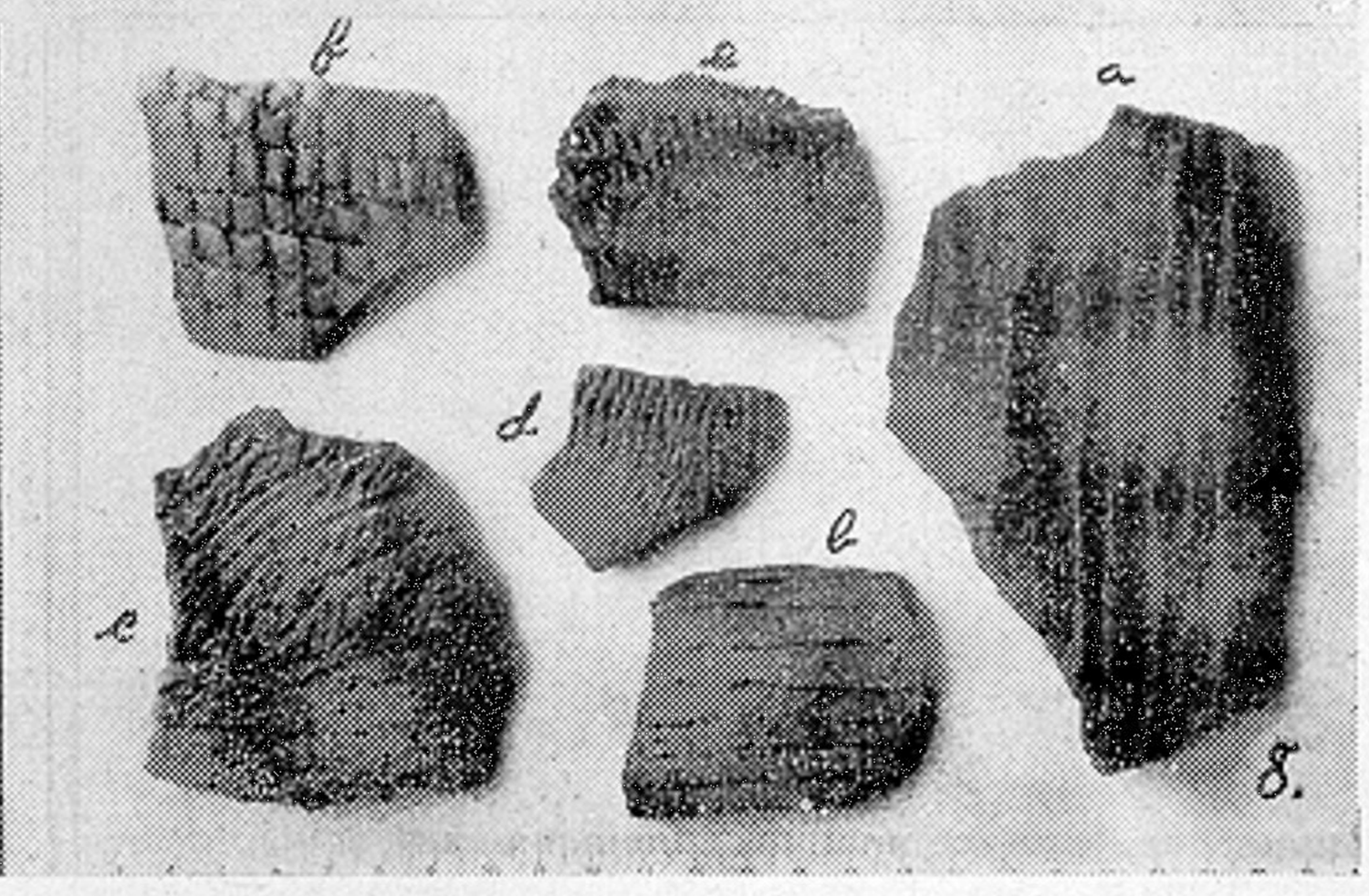
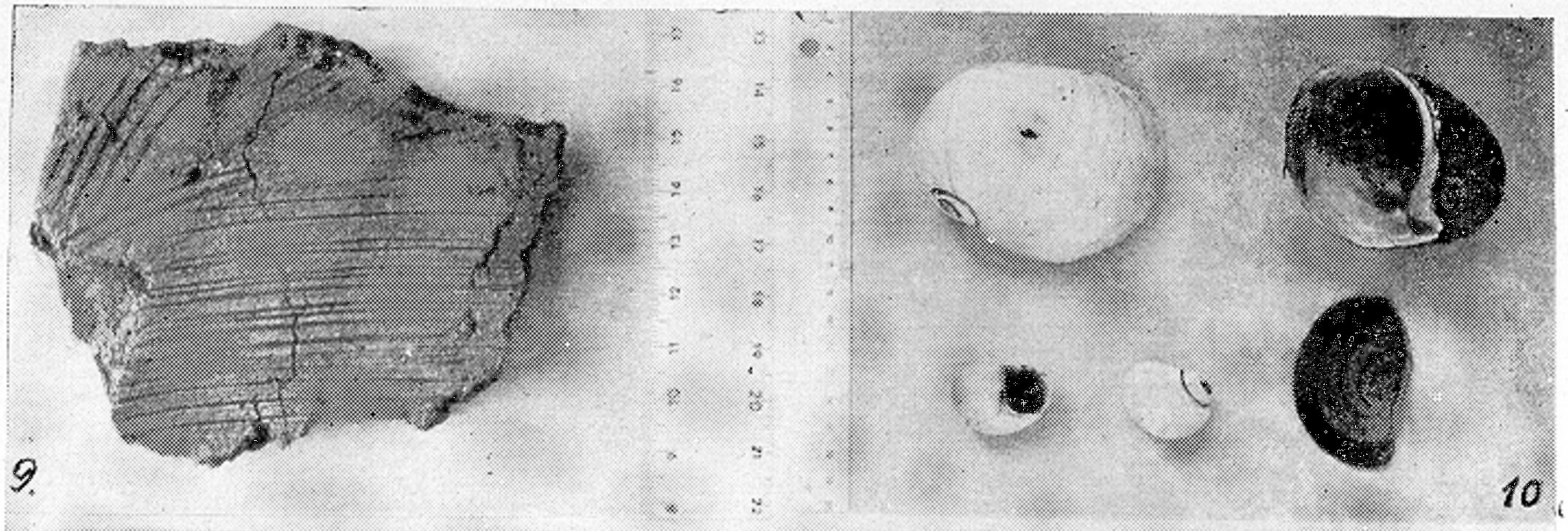




*Fig. 5: a, b, c, d — alisadores de cerâmica; e, f — percussores ou raspadores. — Fig. 6: a — percussor; b — fragmento de machadinha polida; c, d, e — núcleos residuais da fabricação de pontas de flechas; f, g — pedras com sulcos; h — fragmento de machado. — Fig. 7: fragmentos de igaçabas: ornamentação digital. — Fig. 8: ornamentação plástica de vasos pequenos.*



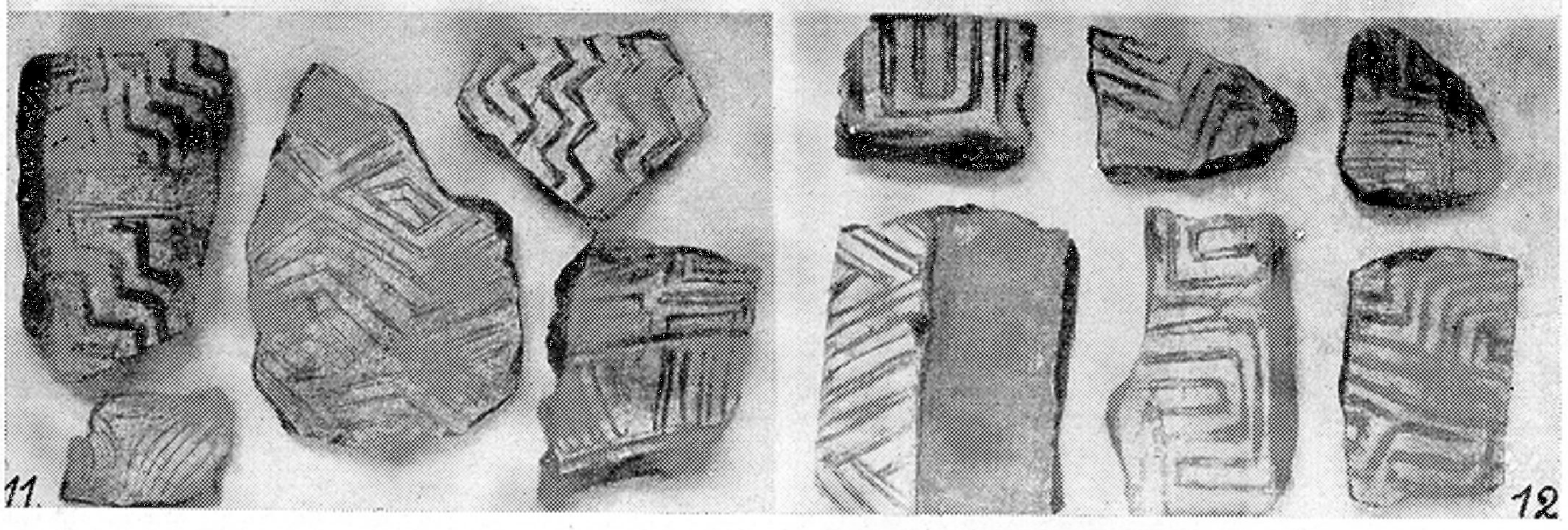




*Fig. 9: Ornamentação rara simulando campo lavrado. — Fig. 10: Conchas (Ampullaria gigas): as brancas encontradas no paradeiro; a escura colhida no rio. — Fig. 11 e 12: Fragmentos de cerâmica, mostrando tipos de ornamentação.*

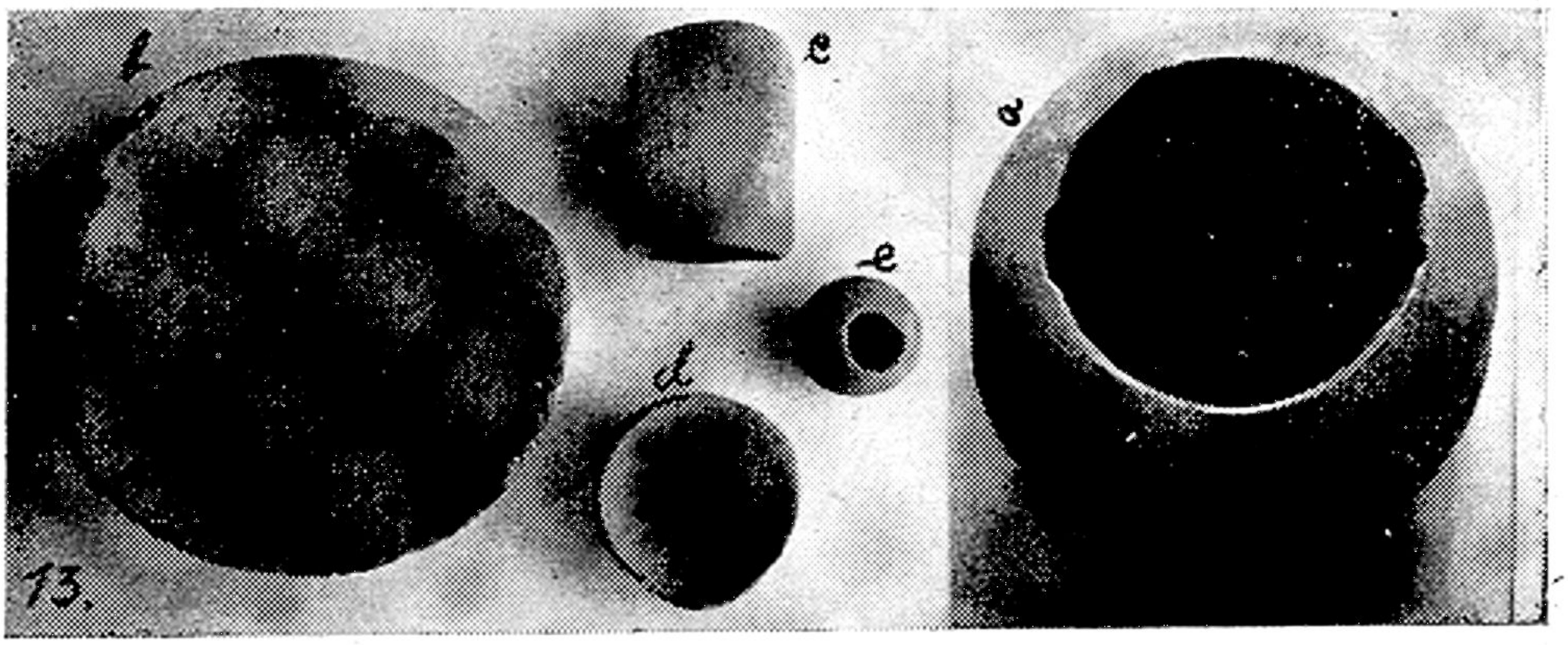



*Fig. 13: Peças miúdas de cerâmica dos arredores do paradeiro; c — apito de barro cozido.*

nuosas quádruplas correm desordenadamente ao longo do bojo por cima do motivo em escada.

O número 13 é a pintura externa de um pequeno recipiente muito bem cozido e envernizado por dentro, estreitando regularmente da bôca larga para a base arredondada. Difícil seria apresentar-lhe o motivo ornamental em seus traços característicos, por isto resolvemos representar todo o fragmento. Os pontos no encontro das linhas provàvelmente são intencionais e não apenas um auxílio para o artista. Tem sido encontrados em diversos fragmentos também de linhas sinuosas. Os pontos omitidos não o foram por esquecimento do desenhista, mas correspondem ao original. Linhas pretas finas sôbre fundo branco.

O número 16, vermelho sôbre fundo branco provêm de um pequeno recipiente bem cozido. O motivo não é mais largo do que no desenho e estende-se em forma de cinto ao redor de um pote baixo e largo, repetindo-se uniformemente, como fica indicado na gravura.

O número 17 é a cópia de um fragmento proveniente de pote minúsculo, um pouco maior que um punho. Côres: vermelho sôbre cinza, no interior. Os pontos são pretos. Exterior envernizado, sem ornato.

O número 18, fundo branco com traçado vermelho e pontos pretos, fundo de um pote minúsculo, semelhante ao anterior. Exterior sem ornato. Tanto êste como o precedente sugerem plantas com sementes. Infelizmente, o fragmento não dava todo o motivo.

Numerosas outras variantes existem nos fragmentos de Itapiranga, muitos porém demasiado apagados ou quebrados ao meio. As reunidas nesta página dão uma idéia do estilo que, no seu pensamento profundo, mantêm certa estabilidade, embora os pormenores sejam de uma mobilidade a tôda prova, não se encontrando fàcilmente dois traçados iguais.

Nas igaçabas pintadas há certo esquematismo na sequência dos motivos: o rebordo do vaso e o gargalo trazem, na cerâmica do paradeiro, desenhos em A e V; o alargamento em direção ao bojo ostenta modelos em linhas sinuosas e o corpo até a metade ou pouco mais além, leva os modelos restantes. Nas panelas e potes não se tem notado qualquer regularidade na repetição, apresentando-se ora pintados só por dentro, ora só por fora, ou por dentro e por fora e geralmente com um motivo apenas em tôda a extensão da parede.

* * *

Apesar de o solo estar juncado de fragmentos, objeto inteiro não encontramos nenhum. Apenas de pessoas do lo-

cal recebemos quatro peças, duas com pintura vermelha simples e duas lisas sem pintura alguna.

O primeiro é um pote com 15,5 cms. de diâmetro na base, 7,8 cms. de profundidade e 10 cms. de altura. Na metade da altura a parede se estreita em forma de bojo de 3 cms. Está bem cozido. O fundo apresenta grandes manchas negras prováveis indícios de seu uso no preparo de alimentos cozidos. Está pintado de vermelho simples do estreitamento para baixo (fig. 13, a).

O segundo é um recipiente lenticular bastante danificado, e que talvez já não reproduza tôda a forma primitiva. Apresenta 16,5 cms. de diâmetro na parte mais larga, profundidade provável de 4,8 cms. Abertura calculada em 13,5 cms. Grossura das paredes 4 mms. Bem cozido. Restos de pintura vermelha simples no exterior. Fundo negro indicando provável uso no fogo. (fig. 13, b).

Os dois objetos restantes sugerem imitações posteriores, híbridas, fabricadas pelos índios, conforme modelos brancos. Afirmam os descobridores tê-los escavado da terra em região de mata-virgem. Também poderiam ser falsificações. Constam de um pires primitivo e de uma imitação grosseira de xícara ou caneca sem alça. Foram encontrados em lugares diferentes e por duas pessoas que nada tinham a ver uma com a outra. O primeiro objeto tem uma abertura de 6,8 cms. e 3 cms. de diâmetro no fundo plano, 2,3 cms. de altura interna. A grossura das paredes é de 3 mms. E' liso e tosco, sem pintura e bem cozido. (fig. 13, d). O companheiro é um pote cilíndrico de fundo plano e paredes em ângulo reto. O diâmetro do fundo é de 3,5 cms., a abertura de 4,6 cms., altura 7 cms., grossura das paredes 3,5 mms. (fig. 13, c).

As tintas empregadas para a pintura da cerâmica manifestam pequenos matizes. O vermelho dos objetos monocolores costuma ser carregado e bruto, nos modelos mais perfeitos aparece ora em vermelho claro, ora escuro, ou róseo. As mesmas cambiantes oferece o branco que oscila até o cinzento-escuro e o preto que desce até marron e pardo.

O que tange à proveniência das tintas, o branco era produzido de conchas calcinadas ou aproveitando o caulim; o vermelho, em regra geral, é extraído do cerne de uma árvore leguminosa da família do pau-brasil e que se chama alecrim (Holocalyx balansae Mich.) (13). A côr preta consegue-se com facilidade moendo carvão. Com graxa animal ou resinas tôdas estas tintas se tornam resistentes ao tempo e os obje-

tos, mesmo expostos durante longos anos à chuva e demais intempéries, conservam suas côres bastantes estáveis.

* * *

Juntando num rápido escôrço o material elaborado nestas linhas, notamos que todo êle converge num sentido: o paradeiro visitado apresenta as características da cultura guarani.

O sepultamento em urnas é um elemento tìpicamente guarani. O cemitério afastado da aldeia, encontrado aqui e no Alto Paraná, é um dos dois gêneros de entêrro da mesma família; o outro é o sepultamento dentro da cabana do falecido, ou numa cabana especialmente construída para êsse fim.

A aldeia não apresenta, é verdade, a disposição característica descrita por Métraux, com 4 a 7 malocas ou casas grandes, dispostas em semi-círculo ao redor da ocara. As «terras negras» entretanto parecem indicar casas grandes, embora não do tamanho das dos tupinambás, que atingiam 100 ou mais metros. Em cada uma delas moraria um cacique com os seus subordinados. Quanto à disposição das vivendas é sabido que os tupi-guaranis, nas suas correrias assimilaram elementos de várias culturas, não se restringindo a um esquema rígido de habitação, mas servindo-se de diversas disposições e formatos no tocante a suas choupanas.

A abundância da cerâmica novamente está de acôrdo com a cultura guarani, fortemente matriarcal, onde a agricultura, a cargo da mulher, ocupava lugar relevante. As duas mãos de pilão caem na mesma esfera agrícola. Não falamos aqui do material lítico por ser deficiente e ainda escassamente estudado nas suas características. O formato e a ornamentação da cerâmica finalmente é o toque mais convincente por ser muito característico. Já falamos da igaçaba mortuária, elemento demasiadamente estudado.

Embora a ornamentação, de modo especial a pintada, apresente variantes indefinidas, devido à exuberante fantasia do índio, nas suas características essenciais permanece imutável e os mesmos tipos fundamentais por nós encontrados em Itapiranga já foram examinados em vastas regiões sul-americanas continuamente sob o tópico de cultura guarani antiga.

Herbert Baldus descobriu-os no Norte do Estado do Paraná (14), Max Schmidt em Ypané, próximo de Asunción do Paraguai (15), F. C. Mayntzhusen no Alto Rio Paraná (16), na mesma região Juan B. Ambrosetti (17), Tibiriçá em São Paulo (18), Antônio Serrano no Rio Grande do Sul (19), o autor tem, na sua coleção, amostras de Osório, Iraí, Nonoai no Rio Grande do Sul; Serrano ainda os examina na Antiga Pro-

víncia do Uruguai (20), como no litoral argentino (21), na Argentina também Badano (22), finalmente Alfred Métraux estuda os tupi-guaranis no conjunto de suas características em todo o teritório ocupado por esta cultura, desde o Rio da Prata até o Amazonas (23).

Assim que o paradeiro visitado parece ter sido ocupado por guaranis antigos e as outras jazidas dos arredores, que apresentam muitos caracteres semelhantes, provàvelmente cairão dentro do mesmo círculo de cultura.


## *A B S T R A C T*

*The author, in a study of a site of the far west of Santa Catarina (Brazil), examines the following material:*

*a) Three spots of carbonized earth, containing stone artifacts, pottery and stratified shells, indicate the place of an ancient village of large communal houses.*

*b) The cemetery of urns, about five hundred meters distant from the village, presents only a few types of smooth pottery and of plastic ornaments, without painted pottery or stone implements or traces of fire. Numerous mortuary urns were found there.*

*c) The stone material consists of pestles, ready or unfinished axes, balls, inclusively one charrua ball imported from the south, arrow heads, instruments for polishing and for striking, and material of unknown use.*

*d) The very abundant pottery, manufactured according to the spiral technique, badly burnt, is divided into three fundamental types: smooth pottery, without any ornaments; pottery of plastic decoration with finger and finger nail impressions and incisions; painted pottery.*

*e) The latter is divided into one-colored (red), two-colored (red or black tinging the saliences on a white background) and that of the ornamental themes exemplified in the annexed plate. The white paint is made out of calcinated shells or of kaolin; the red is made out of the leguminous plant called "alecrim" (Holocalyx balansae Mich.); the black out of ground coal.*

*The whole material appears as being of ancient guarani culture and presents the same characteristics of the guaranitic sites in South America that have been examined by many authors.*



## Zusammenfassung.

Der Verfasser behandelt eine am oberen Uruguay im Staate Sta Catarina, Südbrasilien, gelegene Fundstelle von Indianergeraeten; er kommt zu folgenden Schluessen:

a. An drei Stellen weist der Boden Brandspuren auf; Steinwerkzeuge, Tonscherben und Muschelschichten, die reichlich darin eingebettet sind, bezeichnen den Standort von mehreren Hütten.

b. Der etwa 500 Meter entfernte Friedhof enthält nur wenige Arten Töpferei, und zwar nur solche mit Fingereindruk, oder Fingernagelverzierung, aber ohne Bemalung. Obwohl dort in den letzten Jahren mehrere Begräbnisurnen ausgegraben wurden, hat man weder Steinwerkzeuge noch Feuerstellen gefunden.

c. Die Steinwerkzeuge bestehen aus Stösseln, fertigen und halbfertigen Aexten, Glaettern, Haemmern, usw.; unter den Steinkugeln findet sich auch eine typische Wurfkugel, die wahrscheinlich vom Kamp von Rio Grande do Sul stammt.

d. Die sehr haeufigen Erzeugnisse der Toepferei zeigen die bekannte Spiralwulsttechnik und sind meist schlecht gebrannt. Es lassen sich drei Typen unterscheiden: Ohne jede Verzierung; Fingernageleindrueke und Ritzmuster; Bemalung.

e. Was diese letztere angeht, so kann man drei Hauptarten aufstellen: Einfarbig rot; zweifarbig mit roten und schwarzen Streifen auf weissem Untergrund; dreifarbig in mannichfacher Abwechslung.

Die beigegebene Tafel gibt eine kleine Auswahl der Muster wieder.

Danach besteht kein Zweifel, dass die Fundstelle zur sogenannten Guaraní-Kultur gehoert, die in Suedamerika weit verbreitet ist.

## NOTAS

(1) Compare para êste fim com a obra de F. C. Mayntzhusen — Ueber vorkolumbianische Siedlungen und Urnenfriedhoefe der Guarani am Alto Paraná, Actas del XVII Congresso Internacional de Americanistas, Buenos Aires, 1912.

(2) H. von Ihering — A Civilização Pré-histórica do Brasil Meridional, Revista do Museu Paulista, S. Paulo, vol. I, pág. 77.

(3) Herbert Baldus — Tonscherbenfunde in Nordparaná, — Archiv fuer Volkerkunde, Bd. VI u. VII, Wien, 1951-52.

(4) Veja para êste fim os diversos artigos de João José Bigarella sôbre sambaquis, em Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, Paraná.

(5) Guilherme Tiburtius, Iris Koehler Bigarella, João José Bigarella. Nota prévia sôbre a jazida paleo-etnográfica de Itacoara (Joinville, Estado de Santa Catarina), Arquivos de Biologia e Tecnologia, Vol. VIII (1953). Curitiba, Paraná.
(5.a) F. C. Mayntzhusen — op. cit.

(6) P. Balduíno Rambo, S. J. — Pontos de Etnografia e Etnologia. Universidade do Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre 1949, pag. 60 ss.

(7) G. Tiburtius e A. Leprevost — Nota sôbre a ocurrência de machados de pedra, nos Estados do Paraná e Santa Catarina, Arquivos de Biologia e Tecnologia, vol. VIII (1953) — Curitiba. Paraná.

(8) P. Balduíno Rambo, S.J. — op. cit. pag. 42.

(9) Herbert Baldus — op. cit.

(10) P. Balduíno Rambo, S.J. — Os índios rio-grandenses modernos. Província de São Pedro, nr. 10, Pôrto Alegre, pag. 86.

(11) R. G. Willey — Ceramics, in Handbook of South American Indians, Smithsonian Institution, vol V pag. 182.
(12) Herbert Baldus — op. cit.
(13) Compare também A. Andrade — Estudo das matérias corantes de origem vegetal, em uso entre os índios do Brasil e plantas de que procedem, Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1926.
(14) Herbert Baldus, — op. cit.
(15) Max Schmidt — Nuevos Hallazgos prehistóricos de Paraguay, Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, tomo III, nr. 3, Asunción, 1932.
(16) F. C. Mayntzhusen — op. cit.
(17) Juan B. Ambrosetti — Los cementerios prehistórios del Alto Paraná (Misiones), Boletin del Instituto Geográfico, tomo XVI, Buenos Aires, 1895.
(18) R. W. Tibiriçá — Cerâmica pre-colombiana paulista, Revista do Arquivo Municipal, vol. XV, S. Paulo, 1935.
Idem — Cerâmica Indígena Precolombiana — Revista do Arquivo Municipal, LVI, S. Paulo, 1939.
(19) A. Serrano — Arqueologia Brasileira. Subsídios para a arqueologia do Brasil Meridional, Revista do Arquivo Municipal, vol. XXXVI, S. Paulo, 1937.
(20) Idem — Etnografía de la Antigua Província del Uruguay, Paraná, 1936.
(21) Idem — Los aborígenes argentinos — Buenos Aires, 1947.
(22) V. M. Badano — Notas Arqueológicas II. Piezas enteras de alfareria del litoral existentes en el Musvec de Entre Rios, Memorias del Museo de Entre Rios, nr. 14, Paraná, 1940.
(23) Alfred Métraux — La civilisation matérielle des tribus tupiguarani, Paris, 1928.

# OS IRANCHE

## Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo

*JOSÉ DE MOURA, S. J.*

### *INTRODUÇÃO*

Até o presente, sòmente Rondon e Max Schmidt se referem aos Iranche em publicações originais.

Apresentamos aquí material inédito, sem dúvida, mas sem a pretensão de reconstruir perfeitamente a vida iranche. Nem se pode esperar destas páginas uma interpretação radical dos dados expostos. Nosso fito é descrever algumas observações feitas por missionários jesuítas e apresentar um estúdo sôbre a língua dêstes índios, constando de um vocabulário e um esbôço gramatical.

Dividimos a exposição em três partes: Cronologia, notas esparsas e língua.

### *CRONOLOGIA*

A tribo iranche passou desconhecida pelos séculos passados. Nenhuma referência de viajantes nem dos bandeirantes a respeito desta tribo. As primeiras notícias datam dos tempos da Comissão Rondon:

"A linha telegráfica tem na margem esquerda do Corecê-inazá (ou rio Cravarí) uma estação que, em homenagem à memória do fundador dos telégrafos nacionais, recebeu o nome de Barão de Capanema".

"Êste rio não figura nos mapas, nem consta de nenhuma citação anterior aos trabalhos da expedição de 1907; deve-se o seu descobrimento ao seringueiro Manuel Rondon, que o denominou de Cravarí "por ter achado êsse nome bonito".

"No vale do Corecê-inazá vivem os Iranche, que daí se derramam pelo curso inferior do Sauêru-uiná e do Zolaaruiná" (1).

As primeiras notícias se resumem no seguinte: Os Iranche se definem por uma índole pacífica e até mesmo tímida; os seringueiros foram os primeiros civilizados a se encontrarem com os Iranche; informação de que a língua é um dialeto parecí; mensagem de pacificação. Cai logo em vista o procedimento antagônico dos seringueiros, queimando maloca e matando índios, em confronto com o modo humano da Comissão Rondon. (2).

É de notar que a indicação dada por Rondon sôbre o fato de chegarem os Iranche à fala com os empregados da Linha Telegráfica de Utiaritĺ, em Julho de 1909, exprime uma troca real de expressões por meio de gestos e não por palavras. Indaguei pessoalmente alguns empregados da linha telegráfica em Utiaritĺ em 1954. Assim me descreveram:

Os índios iranche apareceram pela primeira vez, no tempo da sêca de 1909, vindo o chefe na frente. Os que seguiam imitavam em tudo o chefe, caminhando por baixo da linha telegráfica, ao outro lado do rio Papagaio. Não traziam arma nenhuma nem vinham com mulheres.

Na estação de Utiaritĺ, remedavam todos os gestos dos civilizados e repetiam fielmente e com o mesmo tom e variação de voz dos civilizados, tudo quanto se lhes dizia. Mas entre si falavam. Os tais índios entenderam que estavam em bom ambiente. Voltaram quilômetros atrás e trouxeram as armas. Trocaram algumas por ferramentas, deixando a todos admirados pelo desejo de trabalhar, como deram a entender.

Na época difícil das chuvas, tentou Max Schmidt aproximar-se dos Iranche — Fevereiro de 1928. Quase infrutífera se lhe tornava a emprêsa, quando inesperadamente os índios o visitaram em Utiaritĺ. (3).

Tendo eu um exemplar da revista paraguaia, mostrei-a a José Miguel em Diamantino em 1956. Sendo José Moguel da mesma maloca que os índios fotografados por Max Schmidt, identificou o índio ràpidamente as fotografias — admirando a precisão e fidelidade!...

Max Schmidt apenas colheu a palavra "kakaurí", bem traduzida e que não figura no Boletim do Museu Nacional. Desprezou com razão os vocábulos obtidos pelos empregados do telégrafo.

Em 1932, anota o Pe. João Dornstauder, S. J., que os Iranche apareceram pela última vez na estação telegráfica de Utiaritĺ, encerrando nesta data a temporada de visitas a Utiaritĺ, iniciada em 1909. A data coincide com a queda de fervor no serviço da Linha Telegráfica, ocasionada pela crise política do país. De fato, os empregados veteranos da Comissão Rondon relembram os primeiros tempos do telégrafo, como tempos modelos de disciplina e lealdade.

Em 1935, o Pe. Mello, S. J., atual bispo-prelado de Diamantino, tentou infrutìferamente atingir malocas iranches, por falta de guia experimentado.

Em 1943, o Pe. João de Freitas S. J., realizando a última excursão missionária da vida, atingiu uma tapera nas cabeceiras do córrego Tapera, sem encontrar índios. O capitão Antônio identificou o lugar em 1948, por uma forquilha ainda existente. O rancho era de seu pai. Nesta excursão, o Pe. João de Freitas, curtindo fome, contraiu uma forte anemia. Deixou a missão em 1945 e faleceu a 19 de outubro de 1948, com 42 anos apenas de idade. Assim conta um confidente: "Ficava-se comovido até às lágrimas ao ouví-lo contar, com a máxima naturalidade, a última das suas excursões naquelas imensidades matogrossenses. Três dias e três noites passou êle sem alimentação, tendo que percorrer distâncias enormes a pé... Nunca se ouviu sair de seus lábios uma palavra de queixa; sempre falou da sua querida Missão com palavras de saudade". Assim é que veio a falecer em São Paulo.

Em 1945, o sr. João Clímaco, acompanhado dos índios parecís Pedrinho e Canazoé, desceu em expedição aos Iranche. O resultado da expedição foi a fundação do Posto Major Libânio Coluizorecê, vulgarmente chamada Tolosa. Realizava-se o sonho de Rondon, expresso na conferência de 1910 em São Paulo.

Em fins de 1946, Henrique de Oliveira, tropeiro do depósito de borracha do rio Sacre, leva aos protestantes norte-americanos de Utiaritĺ 8 índios iranche, a trabalhar e conseguir ferramentas.

1947

Em 24 de Outubro, o encarregado do Posto Tolosa, Sr. Silvino, leva 7 iranche a Utiaritĺ, primeiro aos padres e logo depois aos norte-americanos.

insistindo para que os padres os acompanhassem à maloca. Em lugar dêles, Henrique de Oliveira, acompanhado dos índios parecí, Zazo, Pedrinho e Machadinho, bateram as pegadas dos Iranche. Exploraram regiões de borracha. Chegaram até o córrego Capoeira, cousa de 6 km distante do rio Cravarí.

Em dezembro, um grupo de seringueiros acompanhados dos índios parecí Zazo e Tito, atingiram efetivamente uma maloca dos Iranche.

1948

Em março, o norte-americano Roberto visita a maloca já conhecida. Nêste mês ainda, provàvelmente sem conexão com a visita do Sr. Roberto, 6 Iranche visitam Utiaritĺ, indo parte com os padres e parte com os norte-americanos.

Em maio, Pe. Roberto, ancião de 66 anos, acompanhado do Irmão Luiz e o índio Parecí Zazo, visita os Iranche, trazendo 15 dêstes índios a Utiaritĺ. Os jesuítas tentaram então organizar um regime verdadeiro de trabalho. Os Iranche não se sentiram mal.

Em julho, 14 Iranche visitaram Utiaritĺ.

Em agôsto os Iranche viram-se atacados por índios inimigos a quem chamam de "Tikóli", inimigos figadais. Um grupinho de pescadores foi atacado. Provàvelmente só a êste fato é que se refere uma narrativa de José Miguel em Diamantino em 1955:

"Eu contar padre: Nóis pescar, caçar, iranche pouco. Aí voltar. Dia um viajar pouco. Nóis falar; tudo perto andar. Iranche companheiro nosso andar preguiça (José tentava explicar melhor, faltavam-lhe porém palavras portuguêsas e não queria contar o fato em língua iranche). Um nóis olhar prá trás, gritar: "Corre, corre!"

Vou contar padre: home grande, bôca dêle feio mesmo, páu na mão pesado, grande trazer, correr mesmo, correr muito. Êle corage muito mesmo: flecha deixar, páu só trazer, correr. Nóis gritar companheiro nosso: corre! Êle correr nada. Índio grande inimigo mêdo nada, páu bater cabeça companheiro nosso. Nóis correr, mato tudo entrar". Não pude entender mais da narrativa que versava sôbre alguns costumes dos inimigos. Apenas pude entender que usam arcos e flechas bem maiores que os Iranche.

Padre João Dornstauder anota o seguinte sôbre os acontecimentos dos pescadores e suas conseqüências:

"Um foi ferido. Todos se esconderam no mato. O Pe. Roberto encontrou uma família já aquém do Paredão. Então o Irmão Luiz, ajudado por Inácio, os convidou a vir a Utiaritĺ. Juntaram-se no Paredão, donde os trouxe o Pe. Dornstauder. Reuniram-se com muito custo e uma turma nem veio. Não traziam massa, o que parece sinal que os "Tikóli" estavam ocupando a maloca, como de fato afirmaram. Carregaram consigo os doentes. Um morreu no caminho, outro morreu em Utiaritĺ, onde chegou com muito trabalho. Um morreu no Pôsto (Tolosa) e logo outro que viera da outura maloca. Em Utiaritĺ compareceram 63 Iranches. Pela primeira vez apareciam mulheres em Utiaritĺ".

Avisados o General Rondon e a Inspetoria de Cuiabá sôbre os acontecimentos, o Dr. Benjamim, chefe regional, dispôs a trasladação dos Iranche para o Posto Major Libânio Coluizorecê. Efetivamente, a mudança se efetuou nos dias 29 e 30 de agôsto.

Padre Dornstauder comenta a dificuldade da transferência: "As razões eram doenças (gripe, maleita, febres), abatimento, indisposição da maioria por não ver razão da mudança, apêgo a Utiaritĺ, exigências, como condição indispensável, como assim se exprimiam: "Caminhão, calabina!" As razões que mais moveram os Iranche a se mudarem para Tolosa foram: "O padre vai junto; o "Cuiabá-capitão" virá ao posto". Apenas uma turma se transferiu, acompanhada de alguns outros índios de outras turmas. Os que iam da

maloca a Utiaritĺ, depois da transferência, eram encaminhados ao Posto e se não queriam, eram despedidos, pois em Utiaritĺ minguaram os recursos de vida.

De 16 a 24 de setembro os homens do Pôsto, acompanhados do Pe. João Dornstauder, descem a explorar a região dos Iranche à margem direita do rio Cravarí. A terra fraca constitui um fato de desânimo crônico no trabalho de soerguimento da tribo, que vive um momento histórico feito de calamidades.

De 19 de outubro a 2 de novembro Pe. Dornstauder, auxiliado pelo Posto Tolosa, explora de novo o Cravarí, descendo então até às malocas de baixo pela primeira vez.

Os iranche entretanto vão descendo aos grupinhos do Posto para as suas malocas.

1949

Em janeiro, apenas resta uma família iranche no Posto Tolosa.

Em 17 de abril, prometendo voltar, a última família iranche restante deixa o Posto, por falta de recursos.

Em maio, Pe. Dornstauder resume a situação dos Iranche conhecidos: "Distribuição e malocas. Quanto se sabe até agora, não passam muito de cem índios, distribuídos em três turmas.

"A primeira turma. Chefe: Antônio. Foram os mais expostos aos ataques dos "Tikóli", por isto se acolheram à segunda maloca onde foram encontrados. Foram os que mais se aproximaram a nós e aos civilizados em geral. Deram sinais inequívocos de quererem estabelecer-se, pelo menos transitòriamente em Utiaritĺ. Depois da transferência para o Posto resolveram ligar-se ao Posto. Dessa turma é que ficou uma família no Posto e é provável que voltem outros.

"Observação: parece que se desgostaram demais com as perdas que lhes causaram os "Tikóli". Sentem estar dependentes de outros, isto é da turma de Acácio e consumir-lhes a mandioca. Inácio é dessa turma".

"Segunda turma. Chefe: Acácio. Habita acima do salto. Não se simpatisam com o Posto. Só vêm para ganhar o que precisam, mostrando que não querem largar suas terras. Contam com a ajuda dos padres. Dão esperanças.

"Terceira turma. Chefe Canutó; seu filho: Carlos.

Não veio por ocasião da retirada dos outros. Vieram uma vez a Utiaritĺ; e parte dêles ao Posto. Só vêm para ganhar ferramenta a roupa. Mostram-se ciumentos das suas terras. Estão em rixa com o grupo de Antônio, questão de mulheres. N. B.: presentemente já chegaram a um acôrdo".

"Os Iranche recebem influência de vários centros de atração:

1 — Do Serviço de Proteção dos Índios, que pretende assumir a administração exclusiva da tribo. Sua ação, até agora, foi indecisa e insuficiente.

Seu objetivo principal é recolher os Iranche em lugar onde possam estar ao abrigo dos Tapanhuma (diz o Dr. Benjamin). (4). Falou-se de mudança do Pôsto em maio. Indecisão no pessoal da Inspetoria entre as duas formas: se seria melhor trazê-los mais perto dos civilizados e da zona de recursos (Clímaco, Silvino) ou então se será necessário aproximar-se mais dêles.

"Observação: Talvez nem mude o Pôsto, ou então só por dois km, ou duas ou três léguas. Alguns falam também do Paredão. (5).

"2 — Protesetantes. Desde o comêço até o dia de hoje deram mostras de quererem tratar dêles. Os Iranche reconhecem no Sr. Roberto um amigo.

"3 — Parecís do Pôsto, especialmente Pedrinho. Simpatizam muito com êles. Sem êles, os Iranche não teriam permanecido tanto tempo no Pôsto. Pedrinho (guia e explorador) ofereceu-nos seus serviços. Falou também com os Iranche, que iria à maloca dêles para ajudar-lhes a fazer roça de arroz, plantar bananeiras, etc.

"4 — Seringueiros. Em geral, mostraram-lhes simpatia. No ano passado corria o boato de uma exploração de seringueiros nas matas do Cravarí. (6)

"Frente a essas influências, os Iranche adotaram no comêço a política simplista de quererem contentar a todos. Ainda hoje vão fàcilmente com quem lhes sabe agradar. Parece que se dão conta atualmente do papel do Pôsto (govêrno) e do padre (função religiosa).

"Suas expectativas:

1) Procuram alguma garantia contra os "Tikóli". Apelam para o "slógan": "caminhão, calabina!"

2) Querem ferramenta, roupa, anzóis...

3) Apreciam o arroz. Em geral são desejosos de adiantar-se na lavoura e outras cousas".

1950

Em junho, morrem Jacó e Ana com algumas crianças. Eram os patriarcas das malocas de Acácio e pais dêste.

No segundo semestre, observam-se novas lutas na tribo.

No fim do ano, no tempo difícil das águas, irrompe a gripe coreana. Precisamente nêste tempo em Utiarití e no Pôsto Tolosa minguaram os recursos e suprimentos.

1951

No comêço do ano ainda persevera a gripe.

Em junho morrem onze índios da maloca de Acácio, estando incluído o mesmo Acácio e sua mulher. Com tal acontecimento, os Iranche restantes desta maloca também começaram a buscar relações com os civilizados.

Em 14 de novembro, chegam a Utiarití as últimas crianças levadas desta maloca pelo Pe. Dornstauder a Utiarití.

1953

Os Iranche, desentranhando um tanto os segredos da tribo, falam de uma turma de índios Iranche perdidos na barra do rio Cravarí com o Sangue. Pe. João Dornsttauder, devotado plenamente aos índios Iranche, tenta ir até lá. Partiu de Utiarití no dia 1 de julho.

Sua excursão, infrutífera quanto ao intento principal, constitui, no entanto, a última palavra até o momento sôbre o território dos Iranche: documento até mesmo impressionante. Começa a narração em Barracão Queimado.

"Armando e André levam os burros de volta a Utiarití. Capitão Antônio não está no Cravarí. Fazia derrubada a três dias de viagem. Êle apareceu e tratei da ida aos Iranche da barra. As mulheres principalmente se opõem ao projeto. Optei pela ida à maloca de Pedro, filho de Antônio João. Capitão Antônio aceitou, pois desejava que Pedro lhe viesse ajudar na lavoura e a manter a disciplina da "flauta". A disciplina foi suprimida pelo vai-vem de aproximação aos civilizados e pela dispersão e diverso recrutamento das turmas. Falavam os Iranche em abandonar o Cravarí. Afinal, reorganizaram-se as turmas e roças. Antônio convidou-me a visitar Pedro, oferecendo--me guias e companheiros. Aceitei e fui.

Cheguei lá depois de 6 dias de viagem desde Barracão Queimado. Caminhada por matas separadas por campos, cerrados e brejos e córregos.

Pedro não estava. Queimava o campo. Encontrei-me com êle no segundo dia de viagem já de volta. (7).

Capitão Antônio João e seus irmãos nunca estiveram em Utiarití. Sua mãe foi morta pelos "Tikóli". Sua mulher, 2 a 3 meses antes, tivera uma criança e educava Terezinha já de 9 anos.

Antônio João estava roçando mato e vinha com uma camisa "perpétua", nunca lavada. Êstes índios deixam o tecido no corpo até cair em pedaços. A mulher trajava um vestido novo, mas pequeno demais para ela; a menina um vestido usado e grande demais. Êstes vestidos vieram da mulher do Capitão José, que mora a meio dia de viagem, e essa por sua

vez recebia dos protestantes. Outras peças de roupa, cintos de material plástico, tudo chegavam aos filhos de Antônio João, por intermédio dos que trabalham com os protestantes.

Mostraram indisfarçável curiosidade e estima pelo padre, mas não puderam esconder certa desconfiança. (8).

Cumprimentei-os segundo o estilo. (9). Propositalmente não toquei na criança bem nova ainda, para não dar ensejo a qualquer suspeita no caso de sobrevir algum mal à criança, como pressentia.

Antônio João tem alguns traços de civilizado e uma barba rala no queixo comprido. Deu impressão de calma ponderada e prudência, apesar de certa desconfiança. Mas é índio nas reações e modo de falar, na espontaneidade genuína de homem que não deixou de ser criança em adulto. Familiarizado e seguro no arco.

Após um tempo expus a matéria da primeira catequese: Deus Criador e Remunerador. Isaque, nêsse momento, veio com uma peneira na qual tinha grãos de milho fôfo tostado e pedaços de carvão e outras sujeiras, de que os separava. Tomei o fato para ilustração: O milho ficou e a sujeira deu o fora. Pois assim será no juízo final e assim fará Jesus com os bons e máus. Insistí então sôbre a bondade de Jesus.

Erros sôbre a origem da doença e morte. Justiça vingativa é para êles braveza e malvadeza (parece que não há termos adequados para apresentar com justeza a idéia dêles. Identificam "ser bom" com passar bem"...)

Apreciação absorvente desta vida em comparação com a outra eterna. Certamente, Jesus tem sido assunto de longas e "curiosas" conversas entre êles. Quando perguntei se êle (10) sabia isto, se gostava de Jesus, respondeu de pensado que sim.

Propús que os filhos fôssem a Utiaritĺ trabalhar depois de passadas as chuvas, para ganhar o que pediram. Isaque poderia ir logo para aprender a ganhar. Também a menina.

No outro dia, sem nenhuma instância minha, todos resolveram vir comigo, buscar Pedro e visitar o Capitão Antônio. Nesse dia Alonso caçou um macaco. À tardezinha, hora de escolher pouso, ameaçou uma chuvinha de friagem. Isaque perguntou-me com tôda a seriedade, se Alonso ia pegar aquêle macaco ou não, e se ia chover ou não. (11).

Outro dia, pela manhã, encontramos Pedro. Chamou a atenção que as mulheres se cansaram bastante, iam afogueadas com o trabalho de carregar as crianças e a cesta. (12). Alguns dos córregos em que tomaram banho levava água bem fria. As duas noites de pouso no mato eram frias; o fogo fàcilmente apagava. Êles não tomam qualquer lenha para o fogo mas também não selecionam muito quando a apanham.

Pedro esteve em Utiaritĺ com a turma que veio com o padre Roberto em maio de 1948. Houve catecismo, serviço religioso, viu a igreja. Esteve na maloca de Acácio em junho de 1949, por ocasião da construção da casa-capela. Deu mostras de incredulidade. Afirmou-se como pagé (rezador e diretor do canto da flauta).

Em 1950 esteve, parece, como principal entre os desacatadores do crucifixo e opositores ao padre. Dizem que foi êle que deu o talho na cabeça e que depois fugiu. (13). Pouco depois, no caminho de volta, morreu-lhe uma criança, atribuindo a morte a poderes conjurados pelo padre e vindos de Cuiabá, como outros pensavam também por ocasião da coreana de 1950 e 1951. Mandei avisar amigàvelmente que o ia ver.

Agora estava êle. Parecia agitado. Sempre que falava de Jesus, fê-lo com certa preocupação, mas ao mesmo tempo o elogiava. Sua mulher, sem vestidos, pintada de urucum, abraçava-se com a criança, sentadas ambas à parte no chão.

Pedro disse em certa ocasião, quase textualmente, que Jesus vem "buscar gente", quando uma pessoa morre. Êsse pensamento anda ligado ao seu

modo de considerar a doença e morte, causadas sempre por uma pessôa extranha e malévola.

Na noite de 11 para 12 de julho, à noite (pelas 10 horas), pousados numa clareira dum mato, explodiu um bólido (14). O inesperado, a rapidez, a violência do fenômeno os apavorou e eu senti também um calafrio no primeiro momento da explosão.

No dia seguinte perguntou-me se Jesus veio falar comigo. Em outra ocasião disse também que sua mulher plantou mandioca mansa para Jesus vir beber. Procurei então corrigir as idéias erradas e separá-las do mundo de idéias nativas, apresentando as verdades com autoridade e com a sua fôrça original, soberana e divina.

Dia de chegada na maloca do cap. Antônio. A mulher do cap. Antônio João estava defluxada. Carlos, irmão (primo) de Antônio João com tosse crônica peiorada e êsse mesmo também com uma tosse crônica funda.

Durante a noite dansaram e tocaram flauta no terreiro com profunda camada de poeira. Tôda a noite afora um breve descanso depois da meia noite, em que não entraram na casa. Só Alonso ia e vinha para incentivar a preparação das chichas de milho e mandioca. "Reza" do Cap. Antônio João. O último canto de flauta. Impressionante pela nóstalgia, variedade de motivos e delicadeza. (15).

De manhã, dia estabelecido para a volta ao Cravarí e daí a Utiaritá, a fim de buscar os animais para levar as crianças e uma pequena comitiva a Utiaritá. Essa voltaria logo. Todos com tosse e começo de defluxo afora Alonso e os que ficaram dentro de casa. Dêsses só Maria, a mulher de Antônio adoeceu: excesso de trabalho nesses dias, falta e irregularidade de agazalho. Já no dia anterior o Cap. Antônio tinha saído com ela, a tarde para aplicar-lhe um curativo. Fêz sinal de defluxo. Isaque deveria ir até o Barracão Queimado e de lá trazer os remédios que deixei lá com outras cousas. Além de pernoitado, estava êle defluxado e com começo de gripe. Levamos dois dias e meio até chegar ao Barracão Queimado. Remediei o caso com alguns paliativos que deixei numa das malocas do meio. Aconselhei discrição no banho.

No Barracão Queimado dei-lhe afora um melhoral e dois antigripais, com que melhorou o estado geral. Dei-lhe Sedacofa, contra a tosse, com ótimo resultado memontâneo. Observo a notável influência da falta de abrigo na tosse: dormem sem camisa, ou simplesmente sem roupa, com um regime de fogo pequeno e irregular. Apenas se abrigam, diminui a tosse.

Descanso total de um dia e meio com 2 noites. Bôa alimentação (afora carne. No dia 17 saimos às 6 horas da manhã êle para a maloca e eu para Utiaritá. Êle devia atravessar logo o rio. Levava bôa matula. Compreendeu bem o uso dos remédios anti-gripais e sedacofa.

Ficou admirado sôbre as muitas cousas que trouxe, ficando tudo no barracão. Ficou simplesmente abalado com várias cousas que lhe dei, entre outras cousas uma camisa usada, bastante bôa, após tê-la lavado com água quente fervida com sabão durante meia hora, na beira do rio, numa lata de querozene. Levou também riscado numa taboinha, o número de dias — 10 dias — no fim dos quais deveria estar no Barracão de novo com as crianças e os pais: dois dias de viagem, três de descanso e cinco de viagem para o barracão. (16).

Cheguei a Utiaritá no dia 18 às 11 horas. Ainda deu tempo para celebrar.

Voltei ao Cravarí no dia 25, chegando ao Barracão no dia 26 às 2 horas da tarde. Falhei um dia. Dia 28 pela manhã soltamos os burros peados, pois perto grandes extensões de cerrados estavam queimados e com capim brotando. (17).

Eu com Maurício, atravessamos o rio e caminhamos ràpidamente a modo de chegar ao pôr do sol, já perto da maloca de Antônio. Era prudente trazer o índio comigo, ainda que não conhecesse o caminho. Fàcilmente se orientam e

seguem um rasto quase inexistente. Às vêzes o caminho quase se apaga e há numerosos acidentes geográficos.

Dia 29 separamo-nos. Maurício voltou, chegando ao Barracão Queimado à tarde. Comeu e foi atrás dos animais que encontrou, aproveitando o luar, a quase 5 léguas do Barracão Queimado. Iam sempre pelo caminho. Eu por minha vez seguí, contornei a maloca do Cap. Antônio, sem querer, errando o caminho no mato.

À entrada do mato onde segue o caminho até a maloca do cap. José, topei com o cap. Antônio e seu afilhado José. Tive então notícia da morte do cap. Antônio João, de sua mulher e de sua filha Terezinha. A criança de peito é para eu levar. Todos doentes.

Antônio suspendeu o chiri com milho, que ia baldeando para a sua maloca e andando foi comigo. Estiveram numa Tapera que fica não longe de lá.

Três ranchos com palha fresca. Um, de Antônio, Carlos, Zacarias e Pedro: todos lânguidos, tossindo violentamente, cuspindo sem nenhuma moderação. piores estavam a mulher de Antônio ,e Pedro. É para admirar que não pegaram até agora a mulher de Pedro e os três meninos: José, Anastácio e Rufino. No segundo rancho: Matias e Alonso, todos bons. No terceiro: Tomé com sua mulher e Isaque. Desanimados. A criança que deixou Antônio João, na rede com Tomé, no meio dos escarros. "Não tenho peito disse êle. A criança chora. Você levar. Mamãe falar". Fiquei neste dia. Antigripais e Metoquina.

Dormí num pouso improvisado com Manoel Maria, um fogo no meio das rêdes. Vento de quase friagem durante a noite.

No dia seguinte mudança para a maloca de Antônio. Todos vão. Teimam em ir. Pedro quase se arrasta. Eu fui duas vêzes carregando cousas. Da segunda vez Cap. Antônio carregou a mulher às costas. Pousamos na saída da mata. A conversa cai sôbre os "Tikóli". Um verdadeiro passo. À esquerda, um córrego (penso que vai dar no Cravarí), à direita, outra mata com várias cabeceiras (Penso que são águas do Nascente). Mostrou-me Antônio um tôco lascado de páu duríssimo: "aí estava espetada a cabeça" e assim Antônio insiste irmos juntos, quando quis me adiantar.

31 de julho: Convidaram para ficar. Tratei dos doentes. Encaminhei combinações. Ensinei a Antônio como dar os comprimidos. Passei fome. N. B.: Com penicilina ou sulfas, penso, a julgar por outros casos, se teria atalhado esta gripe. Iam melhorando. Morreu ainda, poucos dias depois, Pedro. Deram-me depois seu arco.

1.º de agôsto. Só ao sair fico sabendo quem iria comigo. José do Antônio, olhar amedrontado, desanimou. Veio Manoel Maria com um pesadíssimo chiri de milho. André quase de má vontade. Alonso com sua mulher, levava o Miguel, seu filho. E eu que tinha que levar "Mariano", como chamei a criança, depois com o nome de Urbano! Fiz de dois sacos uma espécie de faixa semelhante como usam as mulheres para carregar as crianças. Levei a mais a minha mala.

Andamos neste dia até a maloca de Canuto. Todos estavam cansados. Nada para comer. Mas sempre se come. Aprendí a lidar com criança — utilíssima lição! Como a mulher não amamentou bastante, comecei a dar-lhe um pouco de água com rapadura. Chorava bastante durante a noite, sempre procurando o peito. Quando andava, sempre dormia. Respondeu a carícias, mas não mostrou conhecimento.

Outro dia chegamos ao Barracão Queimado. Travessia do Cravarí a nado. Todos exaustos.

Dia 3: Conversas de orientação. Catequese. Distribuição de objetos. Ordem, de modo a impedir uma ida fora do necessário a Utiaritá. Todos êles se juntariam — falam — no barracão em comum, para fazer roça. Depois vão a Utiaritá. Saimos às 4 horas da tarde. Pouso no córrego do Cemitério. Outro dia pouso no Paredão.

Dia 5. Saída ceda. Chegada em Utiaritĺ ao escurecer. Benedito que primeiro queria vir, ficou. Plantou milho para levar a Utiaritĺ, para papai Máximo, cego".

Esta é a narrativa do diário do Pe. João Dornstauder, o documento mais completo que existe sôbre os Iranche, no momento histórico em que êstes índios viviam livremente em seu território e em posse de suas tradições tribais.

11 a 14 de setembro Pe. Dornstauder visita Barracão Queimado. Leva Inocêncio, menino, para Utiaritĺ: "Seu pai, cap. José, mandou avisar para vir buscá-lo. Falou para o padre "cantar" para êle ficar com saúde. Pede algumas cousas".

29 de novembro. Vai o cap. Antônio a Utiaritĺ, dando notícia da morte de sua mulher. Traz José, seu filho de criação (sobrinho) e Atanásio.

11 de dezembro Zacarias que fôra a "Utiaritĺ poucos dias antes do Cap. Antônio, sofre de complicação pulmonar depois de uma recaída de gripe.

15 de dezembro: "Batismo de Zacarias, às 10 horas. Morre às 22 horas. Um pouco antes chorava como criança. Agitado, Colapso pulmonar". De noite fizeram um rumor de revolta simulada, como às vêzes faziam os índios Parecí e Nambiquara em Utiaritĺ, ameaçando os padres e as Irmãzinhas da Imaculada Conceição. O iranche mais expressivo era Lino. Punhos cerrados, olhos esbugalhados, ia até a rede do falecido gritando: "O que ocê morrê!?"

Pe. Dornstauder anota: "Manifestação de tristeza e dôr dos parentes. Impressionante o "Padre Nosso". Depois veio a tempestade psicológica: o que se acumulou nestes últimos tempos sai a tona. Da parte dos Iranche, ainda muita incompreensão e descontrole; de nossa parte, item pouco conhecimento e pouco caso da índole do índio; falta de combinações claras e de meios materiais.

"16 de dezembro. 8 horas: entêrro de Zacarias, na rede, coberto com um pano vermelho vistoso. Assistem todos os Iranche dos padres e dos protestantes. Várias pessôas, especialmente Parecís.

"No mesmo dia às 12 horas Cap. Antônio com dôr de cabeça. À tarde com 40,5° de febre. Vômitos. Passa mal. Os patrícios apreensivos.

"18 de dezembro. Caravana de visita dos Iranche dos protestantes. Satisfeitos com a conversação. Manoel Maria é a alma da resistência. Exigências. Quer espingarda!

"De tardinha, durante a reza, vai Antônio meio carregado aos protestantes. Dei-lhes plena liberdade. Primeiro resolveram ficar. No fim resolveram o contrário. Lidaram com o doente, principalmente a espôsa do norte-americano Parente. Nenhum resultado. Resolveu-se o caso com uma injeção de penicilina. Seguiu-se uma fermentação entre os Iranche: imediatismo de idéias, exarcebação afetiva. A base da solução foi sempre: ser bom. Deus!"

1954

De 6 a 12 de março, Pe. Dornstauder leva ao Cravarí os Iranche, que, em pêso tinham ido a Utiaritĺ para trabalhar. Isaque: caso de levirato. Casa com a mulher do seu irmão mais velho falecido, Pedro, "para lhe fazer filhos".

19 a 23 de abril. Viagem ao Cravarí de Pe. Dornstauder e Pe. Edgar Schmidt, atual Superior da Missão, a ver os índios, as terras e as possibilidades. "Lino que levara remédios aos doentes do Barracão dias antes, narra desesperado o imprevisto: Alonso, Cap. José e Tomé tomam remédio e ficam bons. Os outros fogem para as malocas de baixo, provàvelmente para a do Cap. Antônio. Nesta maloca, quando o caso se declara grave, os não atacados fortemente, abandonam os doentes que eram Isaque, Sabina, Rufino e Carlos. Lino e mais alguns levam remédio aos abandonados. Encontram-nos mortos. Enterram a mulher. Dão com Rufino comido pelos urubús e encontram Isaque e Carlos na rede, podres, com a cabeça decepada — provàvelmente pelos "Tikóli".

Os Iranche todos se resolvem a ficar no Barracão Queimado e fazer roça".

Aquí terminam os apontamentos do padre Dornstauder. Encerra o apostolado com os Iranche, passando a outras tribos dos vales dos rios Juruena, Sangue, Arinos e Telles Pires.

Também desta data em diante se pode dar por encerrada a vida tribal nativa e espontânea dos Iranche sem a intervenção de elementos de culturação civilizada branca, brasileira ou norte-americana.

Sem, no entanto, descrever nem mesmo sumàriamente tal culturação, não se pode deixar sem referência ligeira tal fato.

A verdade que històricamente se deve ressalvar, é a razão que tiveram os brancos em entrar em contato íntimo com a tribo iranche, procurando a salvação das vidas dêstes índios. Sem a proteção, precária sem dúvida, mas de valor inegável, històricamente registrada, não mais teríamos a tribo iranche nem estado de culturação nem estado nativo. Três fatores se conjuraram em ação de extermínio da tribo:

A luta interna existente na tribo entre as turmas, nomeadamente entre a maloca de Cap. Acácio contra as outras; as doenças epidêmicas, sendo conhecida bem a gripe coreana; os ataques dos inimigos principalmente dos "Tikóli", que estudaremos na segunda parte dêste modesto trabalho.

Os jesuítas favoreceram sempre o reaparecimento dos costumes iranches, procuraram a mitologia, incentivaram com prêmios as representações em que dansavam e tocavam as flautas. Em 1956, os Iranche, em Barracão Queimado, de novo tocaram suas flautas em festa noturna, segundo o costume iranche, noite a fora...

De fato, os índios agora abrem aos poucos, em confidências espontâneas, os segredos da tribo.

Alguns anos, no entanto, precisamos esperar, para obtermos dados completos sôbre a vida nativa tribal iranche. Os índios traumatizados, recolheram-se aos refolhos de seu caráter tímido, vendo-se de tal modo inferiorizados, que não sabem nem reconhecer a face dos verdadeiros amigos. Estamos apenas na véspera do dia em que o Iranche venha a dizer no linguajar de Utiaritî: "Eu agora sabe. Padre bom. Eu agora tudo contar"...

A culturação se processa em dois polos: em Utiaritî e em Barracão Queimado.

Em Utiaritî, os Iranche aprendem a viver a modo civilizado. Aprendem a ler, escrever e contar. As Iranche aprendem com as Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Como complemento da escola, os meninos aprendem a trabalhar a terra e lidar com as plantações e animais úteis. Nem falta o complemento artístico de representações, declamações e jogos. Os rapazes e homens são tratados em sistema mixto de responsabilidade de ofício e aprendizado, com supervisão a modo índio, isto é, usando o método de repetição de ordens, levantamento do trabalho ao aparecerem atrativos índios, merendas entre as refeições principais: enfim o padre capataz representa perfeitamente o papel de chefe de índios, acompanhando no trabalho mas ao mesmo tempo dando a todo o ambiente uma significação que sòmente a religião pode infundir.

Em Barracão Queimado, os índios imitam o aperfeiçoamento aprendido em Utiaritî. Os índios que quase nunca aparecem em Utiaritî apreciam imenso as inovações trazidas pelos irmãos de sangue. As roças adquirem desenvolvimento nunca visto. O progresso alivia as dôres do passado que faziam o fim da tribo.

Para atender melhor à índole irrequieta do Iranche, como dos outros índios, trabalham por temporadas num sítio de Diamantino — Frei Manoel — temparadas de prêmio, de simples variação de ambiente, de incentivo aos mais novos.

Termino esta primeira parte de documentação cronológica com uma citação de um artigo de jornal, que ilustra os resultados obtidos na aculturação iranche, dirigidas pelos jesuítas.

O fato não envaidece a ninguém, apesar do pouco tempo que se empregou na aculturação dos iranche. Chama atenção para o método verdadeiro, bem próximo do ideal talvez, numa aculturação. O método jesuíta se baseia verdadeiramente num duplo dado real da vida humana: a adaptação psicoló-

gica índia e o catolicismo. O caso em citação é o fruto lídimo dêstes dois aspectos em conjunção real e una.

"Alí, à beira do rio Verde, estão agora chantadas as estacas das medições de terras... De quem são essas terras? Não existe, porventura, na Constituição Brasileira, um artigo que adjudica expressamente aos silvícolas as terras que vêm sendo tradicionalmente por êles habitadas, que as torna inalienáveis? Quem medirá para os índios as suas terras e lhes apontará as águas e matas que lhes pertencem? Não será precisamente o Serviço de Proteção aos Índios?

"Lembrando-me do Benedito... Isso é o que esperam saber Pedro Sabino, João "Garimpeiro", tantos outros (brasís), cujos títulos de posse haviam de estar arquivados na memória fraternal do povo brasileiro.

"Em face da usurpação, Alípio, um jovem Iranche, discípulo que foi da escola de Utiaritá, reagiu de outra forma. Menos timorato, quiçá mais ingênuo que os pacíficos Aritís, assumiu pessoalmente atitude muito mais enérgica, nas matas do Cravarí. Certo dia, faz agora poucos meses, engenheiros paulistas, contratados para uma destas medições alí, seguindo uma picada, leram surpresos, na superfície branca, alisada a facão, de um tronco de árvore centenária: "Não queremos civilizados na gleba dos Iranches"!

"Perplexos, viram surgir do seio da floresta alguns indígenas. Alípio, bugre de um físico imponente, bem armado como se achava, acrescentou: quem escreveu isso fui eu... Diante da atitude decidida dos senhores da floresta, retirou-se a turma dos medidores, rompendo o contrato com o "outro" dono da gleba. O fato sugere bem a existência do problema. Deve existir uma solução justa para êle... Importaria delimitar quanto antes, a exemplo do que existe nos Estados Unidos da América, a cada tribo a sua reserva territorial. Ao menos onde isso já é possível". (18).

Deve existir, concluo eu, uma mudança louvável no modo de agir dos Iranche. Continuam a viver o caráter iranche e adquiriram e adquirem um hábito superior de vida, complemento e não morte do caráter índio que faz do iranche um brasileiro cônscio, como queria Rondon, vulto nacional que, pelo próprio esfôrço, atingiu as culminâncias do renome internacional.

## *NOTAS ESPARSAS*

Uma consideração mesmo um tanto superficial, do que ficou exposto na primeira parte dêste trabalho, mostra que os jesuítas não puderam dedicar-se a um estudo mais apuardo da etnologia iranche. O caráter tímido da tribo dificultava os primeiros passos de intimidade; o momento histórico em que se realizaram os primeiros contatos, entravados pelas dificuldades de quase extermínio da tribo; os poucos tempos de lazer etnológico, tomado pela necessidade de socorrer a tribo e prover o necessário para a vida... êste ambiente todo anormal, protraiu até poucos mêses um estudo etnológico que se define portanto como incipiente.

Como os Iranche, pelo bom tratamento que receberam, se mostram acessíveis, as notas aquí receberão um complemento e possìvelmente exaustivo em futuro próximo, quando cientístas de renome poderão, "in loco", observar os Iranche. Por enquanto, alguma informação sucinta e despretenciosa.

### *Situação dos Iranche*

Rondon situou os Iranche no vale do Cravarí (Corecê-inazá), donde se derramavam êles pelos vales do Papagaio e Sacre. Informação certa. Perguntando-se, entretanto, sôbre a localização das malocas, fica sem resposta a situação nos tempos da Comissão Rondon.

O fato da queima da primeira maloca iranche, encontrada pelos seringueiros, pode lançar alguma luz sôbre a questão. Parece de fato que a malo-

ca referida por Rondon (19) estava situada à margem esquerda do rio Cravarí. Os Iranche se referem a êste lugar em tempos idos, como sendo um lugar de importância para a tribo. Mas a informação imprecisa não permite uma conclusão certa.

O dado certo que temos é que em 1953 Padre João Dornstauder encontrou tôdas as malocas iranches, sem exceção, à margem direita do rio Cravarí.

As tribos que confinam diretamente e com relação imediata com os Iranche são duas: Uma a Leste e outra a Oeste e Norte. Ao Sul ,apenas à longa distância, demoram os Parecí, que na opinião de Rondon é o tronco-mãe dos iranche (20).

A tribo do Leste é a chamada pelos Iranche de "Tikóli", identificada como sendo a tribo "Beiço-de-páu". As descrições que fazem os empregados da Linha Telegráfica e os seringueiros, coincidem perfeitamente com a descrição dos Iranche.

Êstes índios habitam o vale do rio do Sangue, aparecendo no tempo da sêca (junho) na linha telegráfica, atacando os guardas, desde a Estação de Ponte de Pedra até a de Barão de Capanema, ambas fechadas. Não deixam sinal de pouso nas suas correrias de caça e pesca. Não foram vistos no rio Arinos. Estatura comumente bem alta, levam batoque nos lábios, fazendo-os desmesuradamente disformes. Usam arcos e flechas de tamanho avantajado e principalmente uma borduna. A mesma descrição se encontra na bôca dos Iranche.

Há quem identifique os "Beiço-de-páu" com os Caiapó do Norte de Mato Grosso, de índole selvagem.

Os índios do Norte são chamados pelos Iranche de "Maimüakü". São descritos pelos Iranche como índios de pés descomunais e armas igualmente desmedidas. Assinalam em especial que as penas da flecha são muito largas. Com as correrias atuais dos índios "Canoeiro" no rio Juruena, os Iranche não duvidam em identificar tais índios como sendo os seus "Maimüakü". De fato, pela situação geográfica que os "Canoeiro" ocupam, não fica lugar para outros índios.

O Pe. João Dornstauder corre atualmente o território dos Canoeiro em esfôrço de pacificação, pois lutam declaradamente contra os seringueiros. Os seringueiros lhes queimaram roças e fazem demonstração de fôrça para incutir mêdo.

Ao Sul, distanciados, demoram os Parecí, talvez os índios mais conhecidos do Norte de Mato Grosso na literatura etnológica.

Com relação a êstes índios se impõe antes de mais nada a pergunta: Os Iranche são de fato índios Parecí?

A literatura até hoje escrita o afirma: "Atualmente êles (Parecís) se dividem em quatro grupos sob as denominações de: *Uaimaré, Caxinití, Cozárini e Iranche*". (21).

Citação mais explícita não poderíamos desejar. No entanto, mais adiante, segue Rondon: "Pelas informações dos Cozárini e Uiamaré, sei que falam (os Iranche) o ariti, levemente modificado, constroem casas e usam rêdes como os demais Parecís". (22).

É de se notar entretanto que os Iranche não fazem uma massa uniforme com os demais Parecí. A língua, como veremos na terceira parte, se pode classificar como um dialeto bem diversificado do tronco parecí. O modo de vida de caráter iranche se diversifica também do caráter parecí. Os iranche se poderiam definir como um grupo parecí profundamente modificado. Isto se prova assim:

1 — Os parecí dizem que os iranche são parecí, como temos no documento de Rondon e de pessoas que trataram dêste assunto com os parecí.

2 — Os iranche confessam a mesma verdade. Notável é o documento da lenda do aparecimento dos homens, que virá proposto na terceira parte

dêste artigo. Os parecí eram a mesma cousa que os iranche, em tal documento.

3 — A observação comparativa das diversas tribos dão incoercìvelmente em um laudo único: a semelhança estreita entre parecí e iranche contra uma dissemelhança profunda entre iranche e outras tribos circunjacentes: nambiquara, baiço-de-páu, canoeiro.

Os ítens são os seguintes: índole dúctil, semelhança no aproveitamento do trabalho, língua de caráter mais aproximado. As lendas comparadas dos iranche e parecí, oferecem um dado que se poderia classificar como espetacular, como se verá na terceira parte.

A índole dúctil é reconhecida por todos. A semelhança no aproveitamento do trabalho aparece clara no rápido progresso alcançado com os índios parecí e iranche em oposição flagrante com os nambiquara. Êstes, preferem uma vida semi-cultural, parte passada em rendimento provindo do cultivo da terra e parte passada em correrias de caçada e pesca e visita de amigos.

A língua oferece um pormenor interessante para os estudiosos, pois os iranche trouxeram precisamente o termo "arê", designativo do pronome pessoal da primeira pessoa: "eu". Logo se vê a semelhança de filiação entre o termo "aritî" e a palavra "arê". — Mas esta semelhança nos tira uma outra de semântica necessária para uma identificação científica. O parecí, nú-aruak, vê profundas diferenças entre seu vocabulário e o iranche, como se vê claramente por algumas chaves e se verá claramente na terceira parte. (23).

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| (port.) | eu | (iranche) | arê | (parecí) | natio |
| | tu | | sein | | hiço |

Estas diferenças já mostram uma profunda diferença entre as duas línguas.

Também a diversificação de usos e material empregado na confecção de objetos demonstram diferença profunda, como breve veremos, ainda nesta parte do artigo.

Acresce ainda que os iranche se chamam a si mesmos de "münkü" e chamam os parecí de "perolïn".

Como historiar a identidade e profunda diversidade entre parecí e iranche, é tarefa talvez impossível.

Creio que se poderia dizer em conclusão, que os iranche são uma facção da tribo parecí, com características próprias.

Fica sempre de pé no entanto a possibilidade de terem sido os iranche uma tribo independente e vencida pelos parecí. Tal hipótese teria dois argumentos:

1 — Os argumentos em favor da identidade seriam baseados na amizade entre os parecí e os iranche, não na identidade de tronco.

2 — A língua, profundamente diversa, indica claramente a existência de duas tribos. Qualquer semelhança seria apenas superficial.

## *O Físico do Iranche*

O índio iranche impressiona esquisitamente pela semelhança com os brancos civilizados, no porte e nas feições. Algumas pessoas julgam até que brancos se meteram na vida iranche em tempos idos, sem deixarem rasto na história documentada.

De qualquer forma o iranche é índio. Estatura mediana, tórax dilatado e ventre proeminente. Pele bronzeada, pintada frequentemente de urucum. Os iranche contam que se pintavam com uma outra substância que dava a côr preta à pele. As mulheres não levam nenhuma proteção de tecido e os homens apenas usam um pano, descrito por Max Schmidt (24).

Os Iranche usam os cabelos cortados atraz. Afirmam que usavam colares no pescoço e uma espécie de calçado. De uso livre são, ao que parece, o enfeite nazal e uma taquarinha no lábio superior, pois os furos para isto nécessários não são obrigatórios. Provàvelmente farão parte do rito de iniciação da tribo, que os iranche não querem contar.

As mulheres usam uma tipóia para carregar as crianças.

Os homens deixam crescer uns fios ralos que aparecem na face, fazendo um projeto de barba e cavanhaque.

*Alimentação*

Alimentam-se de plantas cultivadas e de caça, pesca e mel. Quanto ao mel, é de se notar que os índios parecí e os seringueiros distinguem uma espécie a que dão o nome de mel iranche.

Nota-se também que os iranche queimam por fora as caixas de marimbondo e depois da fuga dêstes, derrubam-na e tostando um pouco mais ou então sem mais nenhum trato comem tudo o que encontram. Algumas pessoas sentem o estômago revoltado, vendo tal processo de alimentação, moderado de certo, com respeito a outros processos índios. Com a descoberta do api-serum, seria interessante verificar o valor nutritivo das casas de marimbondo e de abelhas comidas...

Também, como foi notado na primeira parte, os iranche saem em temporadas de suas malocas, em excursão de caça e pesca por vários dias. Ensinaram-me que sempre se bebe o mel misturado com água e para matar a sêde se toma um pouco de mel levemente azedado com água.

*Aldeia*

A aldeia iranche se localiza a um canto de uma roça, onde vivem, mantem o um adro limpo, largo na parte da roça e estreito na parte que dá para o mato. Às roças se abeiram dos cursos dágua sem chegar com o terréno limpo até a água. As casas ficam situadas cêrca de 50 metros da água, em lugar sêco, sem proteção de cêrcas. Elas se agrupam perto umas das outras a distância variável de 5 a 10 metros. As faces de cada casa aparentam formas variadas por causa da cobertura e proteção de fôlhas. O tetó em forma de diedro ou de polígono, desce até metro e meio do chão ou mais baixo, assentando-se em traves, que formam o ponto mais alto da parede feita de varas de madeira espetada no chão e cobertas com fôlhas de sapé ou coqueiros.

Uma pequena entrada baixa e estreita recebe sol direto.

Para as viagens, os iranche formam um abrigo precário com dois ramos de folhagem. Quando se demoram alguns dias numa região constroem ràpidamente um abrigo em forma de diedro, aproveitando-se frequentemente dos arbustos ou árvores como esteio para as redes.

Na aldeia, aproveitam os espaços existentes entre os caibros e a folhagem para guardarem os pequenos objetos. Nas folhagens espetam as flechas. No chão, acompanhando os páus da parede, se depositam as cabaças, onde guardam a água e o mel, assim como as penas de pássaros, a cêra e pequenos pertences.

O fogo, quase sempre aceso e sempre diminuto ocupa os vãos entre as rêdes.

*Descanso*

Foi notada a presença de maca para dormir, cousa inesperada. Primitiva, feita de paus roliços, cobertos de capim. Mas só os jovens é que foram vistos em tal cama.

A rêde é o instrumento que usam para o descanso. Nunca entretanto dormem no chão.

As rêdes são feitas de fios de algodão ou tucum, atravessados por uma cordinha de idêntico material. Fiam a fibra num fuso primitivo. Dobram um fio comprido várias vêzes, tendo dois pontos de apoio. Os segmentos dobrados vão-se colocando um ao lado do outro, em comprimentos diferentes, fazendo maior ou menor curva. Esta diversidade de comprimento é que dá a forma côncava da rêde.

Variando então de 12 a 15 cm de distância umas das outras, fazem umas cordinhas feitas do mesmo material que os fios longitudinais. A armação da rede é feita assim: tomam três fios e deixando pender para fora da rêde em tamanho variado, como enfeite, fazem um nó no primeiro fio longitudinal, que é um dos mais curtos. Torcendo então os três fios, como se fizessem uma cordinha, fazem entrar na torcedura os fios longitudinais. Os fios longitudinais distam assim um do outro 5 mm. Ao prender o último fio longitudinal, dão outro nó e deixam um rabicho de três pernas para fora da rêde, como fizeram antes do primeiro nó.

As rêdes são curtas, mal dando lugar para a cabeça e os pés entre os punhos. Tais apertos se refletem no costume proverbial que têm os iranche de caberem em grande número em pequenos alojamentos. Estendem as rêdes umas por cima das outras e até já se viu um menino dependurar a rede, juntando os dois punhos num mesmo apoio!

### *Fogo*

O fogo se produz pela fricção de um pauzinho na cavidade de outro páu em posição perpendicular. A fricção se faz por rotação. A varinha apertada entre as palmas da mão gira e comprime a madeira deitada. O método já foi abandonado com a chegada do fósforo. O processo dos pauzinhos é muito lento. Com dia úmido pode durar até mesmo hora a produção do fogo.

### *Sepultura*

A sepultura se faz dentro da casa ou maloca, pouco depois da morte. Junto com o cadáver, enterram os pertences que o falecido tinha em vida. A sepultura é um lugar como qualquer outro, por onde se anda, se pisa, sem nenhum distintivo especial.

### *Armas*

Usam o arco e flechas e também o veneno.

O arco, menor do que os arcos dos índios circunjacentes, tem característica própria, ainda que se classifique entre os arcos simples e primitivos.

A face interna da curva é chata e estreita. A face exterior, de angulação curvilínea estreita, dá uma forma proeminente à madeira. A vantagem de tal forma do arco com ser pequeno e madeira estreita e proeminente é lançar a flecha sem forte desvio. Sabe-se que a fôrça do impulso da corda se aplica na direção do centro da madeira e a fôrça de impulso da flecha por sua vez se aplica em direção diferente: para fora da madeira. No lançamento da flecha se produz uma composição de fôrças com consequente desvio da flecha, porque o impulso se aplica na cabeça da flecha e na vara ao mesmo tempo: na cabeça da flecha se aplica a fôrça dirigida para o centro da madeira e na vara se aplica a fôrça dirigida para fora da madeira. A flecha raspa fortemente na madeira, mudando de direção.

No lançamento da flecha dos iranche o desvio é mínimo e permite maior certeza no alvo. De fato isto acontece pois têm os iranche fama de serem muito bons flecheiros.

O arco nambiquara é precisamente o arco de tipo inverso: madeira larga e não proeminente.

O arco, sendo menor, permite mais fácil manuseio, ainda que perca em fôrça de arremêço. A madeira preferida é a piuva ou ipê.

A corda do arco é feita de tucum.

As flechas são consequentemente menores que as flechas das tribos vizinhas. Os iranches escolhem de preferência taquara fina.

Como os taquarais não são grandes e por causa dos ataques dos inimigos se viram privados de taquaras, mostraram-se sempre parcos em presentear os civilizados com flechas.

Três foram os tipos de flecha encontrados: ponteagudo, rombudo e afinado, com respeito às pontas.

O tipo ponteagudo termina em madeira afinada, inserida na taquara do corpo da flecha. Serve para pesca e caça miuda.

O tipo rombudo termina em madeira achatada ou rizoma de taquara, inserida igualmente na taquara do corpo da flecha. É para pássaros.

O tipo afinado é feito de taquara grossa cortada e afinada na ponta. A inserção desta taquara é feita por meio de uma vana de madeira. A vara presa no miolo da taquara afinada por compressão e amarrada com fios de algodão. Vê ainda um banho de cêra de abelha. Esta vara vai inserida na taquara do corpo da flecha. Como os outros tipos, esta inserção também fica solidificada com apêrto de fios e cêra. A taquara do corpo da flecha não leva enfeites como as da flecha nembiquara. Raspada apenas e retificada ao calor do fogo.

As penas grandes ondeadas em forma de hélice dão à flecha no ar leve movimento giratório. São preferencialmente de jacutinga.

Interessante é notar que a fixação das penas na taquara não se faz por volta da taquara, mas por dentro. Os fios de algodão encerados passam por buracos de um a outro lado, prendendo as metades de pena. Assim, quando a flecha raspa no arco, ao ser lançada, não vê prejudicada a travação das penas, pois a respagem não tinge os fios. Um tufo de peninhas de tucano é um enfeite iranche.

No conjunto a flecha nambiquara é mais bela pelos enfeites e as penas de gavião, dão um ar agressivo, quase diria mais índio.

As penas da flecha iranche são de côres mais variadas e alegres.

Em Barracão Queimado, em Dezembro de 1955, presenciei a confecção do veneno iranche. Meu guia, Manoel Maria Tupïn, o "rezador" das malocas de baixo, acedeu a meu pedido de fazer a "idía", si lhe levasse eu o material em condições. Recorrí então a meus antigos alunos de Utiaritá, dos dois anos anteriores. Mostraram-se surpreendentemente solícitos, apesar de terem sofrido comigo nos primeiros tratamentos de aculturação: Lino e André.

A trepadeira, não me foi impossível identificar, se fazia representar escassamente. As raízes, cortadas e esfoladas, deram-me uma casca de côr amarelada, logo separada e esmagada.

No dia seguinte, de tarde, Manoel Maria fêz uma tintura, solvendo a casca em água fria. No fim da operação meteu dentro a mão e retirou a casca restante no líquido de côr alaranjada e puxando bem para o amarelho, acrescentou água até encher a lata.

A proporção se estabeleceu por uma parte, em volume, de casca por duos de água. A solução descansou uns minutos, bem encoberta e foi submetida a fervura. Tupïn destampou a lata quando começou a fervura e deixou evaporar livremente.

No fundo sobrou uma massa gelatinosa. José, filho de Manoeel Maria disse que a massa passara do ponto, densa demais. Manoel Maria disse que servia. Encontra-se ela no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, Estado do Rio.

## *Agricultura*

As terras com exceção de algumas manchas não é fértil. Encontram-se no entanto as plantações de milho, feijão fava, porongo, mandioca (2 qualidades sòmente), algodão, tuberosas não identificadas. O milho parece exigir terra menos forte, se comparado com o milho dos civilizados.

Fazem derrubadas com machado de pedra, talhando o tronco à altura do peito. Evidentemente êste machado foi substituído pelo de aço.

A mandioca se planta por pedaços de rama relativamente grandes. Fazem um monchão redondo de terra e espetam até 5 pedaços de rama, obliquamente. Desta forma a raiz de mandioca não se desenvolve muito ao comprido mas engrossa. Para a colheita é fácil o processo, pois as raízes se encontram à flor da terra.

Com a mandioca fazem o bijú e a chicha: o bijú com a massa e a chicha com água da mandioca. Usam atualmente latas para ferverem a água de mandioca. Não há informação de como faziam antes de possuirem latas. Na fervura deitam milho torrado e socado.

O milho, chamado comumente — milho fôfo — rende na espiga o mesmo tanto ou menos ainda que o milho dos civilizados, apesar de ser a espiga consideràvelmente mais desenvolvida. Os grãos no entanto, falhos, reduzem o rendimento. O milho é mole e se come tostado e crú.

## *Recreação*

Para recreação usam a bola, feita de mangaba. O jôgo consiste no lançamento da bola entre dois grupos, procurando cada qual lançar a bola mais longe do que o outro. Se a bola cai no solo contam ponto e recomeçam o jôgo. A contagem dos pontos não se faz por números exatos — a numeração iranche é bem primitiva e pobre — faz-se por mais ou menos. A contestação dos que perdem se faz sentir e só admitem a derrota quando esta se define por uma inferioridade clamorosa.

Usam também a flauta de Pã. 5 são os tubos de taquara da grossura aproximada de 2 cm. Êles vão presos em fios de algodão besuntado de urucum ou por embiras. Frequentemente untam os tubos por fora com o urucum. Cada flauta nova é aferida escrupulosamente pelas já existentes.

Também usam uma flauta mais grossa de cêrca de 40 cm na qual tocam uma música de notas fixas em trêmulo: passam os dedos ràpidamente pelos orifícios enquanto assopram. A composição leva um tom de agressividade impressionante.

Notável é o sistema empregado no toque das flautas de Pã, no que se refere ao acompanhamento. Enquanto as primeiras flautas seguem uma melodia, as segundas seguem atraz repetindo a melodia em contra-ponto e em alturas variáveis.

Depois de tocarem uma melodia determinada, descansam, tomam chicha para em seguida tocarem outra melodia determinada, marcada já pelo costume.

Os iranche, por desleixados que pareçam em diversas atividades, cuidam extremamente dos toques de flauta. Os velhos corrigem fortemente os jovens, quando êstes erram na melodia.

## *Jararaca*

No Norte de Mato Grosso chamam-se comumente de "jararaca" as flautas e instrumentos, que segundo a superstição índia, as mulheres não podem ver.

Também os iranche usam flautas grossas e compridas dentro da mesma concepção supersticiosa. Afirmam que as mulheres que botam os olhos nas

"jararacas" morrem. Isto falam para as crianças e para os extranhos. Entre os homens da tribo, no entanto, a verdade se diz de modo diferente: Se as mulheres chegam a ver, morrem às mãos dos homens.

Não se tem notícias de fazerem os iranche as pantominas que os índios nambiquara praticam, simulando lutas contra os espíritos.

O culto da "jararaca" é inegável. Chegaram mesmo a matar tal número de mulheres, como se informa, que agora se encontram em falta delas. As informações vieram da tribo iranche mesma. O homem mais responsabilizado por tais faxinas é Manoel Maria, o rezador da tribo.

A flauta "jararaca" é composta de dois tubos emendados e presos por cêra de abelha. No primeiro se encontra uma abertura estreita na parte superior, entre a curva interna da taquara e a cêra que entope o resto do tubo. Mais em baixo outra abertura permite o som tomar corpo.

No segundo tubo se encontram os buracos, em número de quatro, para a produção das diversas notas. — Um complemento da flauta "jararaca" é um porongo, em baixo da flauta.

Tal flauta sempre se encontra ornada com fios vistosos, desde que os iranche conseguem fios coloridos. Preferem o vermelho. Na tribo isolada, o urucum é sempre o ingrediente de côr. Traços pretos desenhados sôbre a superfície vermelha, cruzam em tôdas as direções. Preferem as linhas retas.

Os temas aproveitados para estas flautas levam sempre um característico soturno e melancólico que me pareceram muito próximo do adágio.

### *Cultura não Material*

Com exceção da língua, os dados obtidos no que se refere à cultura não material apenas merecem ser agrupados sob um único título pelos poucos elementos anotados.

A educação tribal forma o iranche numa formação sem unidade quanto ao espírito de corpo "nacional", se assim o poderíamos exprimir.

A luta entre os grupos ensina ao iranche uma dualidade e multiplicidade dentro da mesma tribo e aprende a lição da desunião e luta fratricida. Cada grupo tem uma pronúncia diferente nas palavras.

Os iranche na educação tribal parecem ganhar em expoentes individuais. Alguns índios parecem mais identificados com a natureza e de senso de composição mais desenvolvido. Não saem da educação iranche índios calculistas como os Nambiquara e Parecí. Os Iranche são mais recatados.

Êste traço de recato aparece surpreendentemente no desejo de se vestirem, na cortezia. Parecem inteiramente destituídos da psicologia reflexiva que age por uma idéia pre-concebida. Agem na hora, sob o impulso do momento, sob a apreensão tida na hora. Êste traço característico observado no comportamento comparativo entre iranche e tribos parecí e nambiquara, não suprime de modo nenhum a ação premeditada.

O desejo de se vestirem, como já foi citado, é um traço surpreendente que colhe em admiração todos os observadores. Sentem verdadeira vergonha e se coram com a nudez. Parece talvez uma novidade em etnologia índia, mas é inegável. Os observadores todos estão concordes.

Outra característica observada e já anotada, é o desejo de trabalhar. O iranche é de caráter, diríamos, correto. Gosta da perfeição no pormenor, aprecia a observação e os engenhos de construção.

A obediência do iranche não se identifica com a do nambiquara. O iranche quer saber os motivos, quer saber porque e se apoiar na autoridade. Não se empenham de corpo e alma com responsabilidade própria desenvolvida. Dão conta espontâneamente do que fazem. Neste ponto copiam fielmente o caráter parecí. Procedem com perfeição próxima dos civilizados.

Na formação da família, os raros casos observados mostram pouca influência dos chefes. Os tempos de calamidade em que foram observados não

permitem chegar a uma conclusão definitiva, ainda que parecem ter leis tribais determinantes dos pares. O caso de levirato anotado na primeira parte em que Isaque se casou com a mulher do seu irmão, é um dado precioso.

Notável é o gênio incontrolado do iranche com relação a mulheres, observado òbviamente. Tal comportamento vai sublinhado pelo fato de terem as mulheres grande ascendente na tribo, como se vê pelas consultas e decisões. Até hoje não se sabe o processo que usam os homens para coibir um tanto êste ascendente. Parece mesmo que as mulheres decidem tanto quanto os homens. Certo é que levam menos trabalhos pesados do que as mulheres de outras tribos. Isto confirma o que nos parece verdadeiro, que o iranche se forma num ambiente de culto à pessoa humana sem o cúmulo de superstição e tirania observado em outras tribos.

Notou-se também entre os iranche um forte sentido de curiosidade. Parece que nunca se contentam com o que sabem e vivem a indagar. Tal fato parece incrementar o espírito individualista. Por motivos particulares se vêm iranche discordar fàcilmente de idéias comuns e se libertar de incumbências que os outros iranche aceitam. É difícil agir com os iranche em movimento de conjunto, assim como com os parecí.

Interessante também é o culto da flecha. Gastam horas perdidas na confecção de flechas, que revistam vêzes sem conta, emprestando-lhe um carinho todo especial. Metem-se em caçadas penosas só para obterem o material desejado. Não abandonam a flecha, mesmo depois de obterem armas de fogo, ainda que não a usem em caçadas.

Quanto à religião e à moral, os documentos que temos são os transcritos na primeira parte. Infelizmente, não foi ainda possível obter informação a respeito da mentalidade iranche no culto da "jararaca". Nem sabemos exatamente o que pensam dos mortos. Não foi encontrado nenhum rito sacrifical. A apreensão de alguma cousa extranha que influencia na tribo é o único dado colhido. Parece que identificam esta cousa extranha com uma pessoa, capaz de agir em condições humanas: um ser, se não supra-humano, ao menos antropomórfico. Êste dado porém não goza de certeza absoluta. É uma conclusão deduzida do comportamento iranche frente a um Ser ensinado pelo missionário. Entretanto, a ilação não vai destituída de todo valor, visto que é uma conclusão do comportamento iranche, de sua resposta tribal. O "Jesuxí" dos primeiros iranche-catecúmenos não era o Jesus ensinado pelo missionário, era uma produção iranche bem característica: um homem poderoso dono até do avião.

Neste particular interessante foi uma conversa que tivemos com Manoel Maria. Manoel Maria contava as ferocidades dos "Tikóli", quando se saiu com esta: narração contada mais em gesto do que em palavra: "Jesúxí, Cuiabá avião Tikóli chegar. Tikóli avião flecha atirar. Jesuxí voar, voar, jogar, jogar, Tikóli fugir. Jesuchí Cuiabá embora, medo nada. Tikóli mêdo muito, morrer".

## *LINGUA*

Antes de desenvolver esta terceira parte, pareceu-nos interessante relatar a dificuldade de extração de dados linguísticos. Apesar de datar do longínquo 1909, o primeiro contato pacífico com os iranche, por parte dos empregados da linha telegráfica, ainda em 1949 os mesmos funcionários, desanimados auguravam fracasso irremediável aos padres que tentavam aprender algo daquêles primitivos incorrigíveis. Assim escrevia o Pe. Bannwarth em setembro de 1949:

"Dos Iranches é sumamente difícil arrancar uma palavra, porque só sabem repetir alguma cousas de palavras que se lhes dirigem em português. Por exemplo, mostra-se-lhes uma pedra, dizendo-lhes: "Como se chama isto?" Êle repete: "Comochamisso". "Isto é uma pedra, você como chama?" — "Isso é pedra como chama". — "Oh! Senhor!... como chama"! — "Osenô cochama"!

— E assim por diante. Assim mesmo alguma cousa já apanhamos; mas que bom exercício de paciência".

O método usado e que deu mais resultado, foi o que eu chamaria de método de "macaco", uma vez que o mesmo era o usado pelos iranche para esconder os segredos da língua. Imitando os gestos, palavras colhidas no ar, melhor os sons, rindo a valer de tudo quanto é cousa e principalmente elogiando. E nesta vida sempre existe algum fator de eficiência que não podemos determinar com método puramente experimental... e sempre conseguimos o resultado aqui exarado.

*Letras*

A — Som natural, como em português.
Ã — Som nasal. Para o som nasal, sempre usamos o til, pela razão indicada nas letras *m* e *n*.
A — Som destacado, separado da palavra, em forte hiato.
B — Som natural como em português.
*B* — Som intermédio entre *b*, *m*, *p*. Som de difícil reprodução em lábios civilizados.
C — Som de "c espanhol".
D — Som natural. Variam no uso do *d* puramente dental e do *d* chiado.
Também variam o valor da pronúncia, mudando-a para *l* e *t*.
E — Som natural, sempre fechachado. Exceção única na palavra *mérumã* (pronto).
È — som nasal.
G — Som gutural, sempre duro.
H — Aspiração.
Nh — Como o *nh* português.
I — Som natural.
Ì — Som nasal.
Ï — Som de "i francês", da palavra "Chagrin".
J — Som natural. De uso raro, se usa por eufonia nos chiados.
K — Som natural.
L — Som natural. Cfr. nota da letra *d*.
M — Som nasal e não sempre anasalante. Preferimos assinalar com til a vogal afetada pelo som nasal exceto o **E** e o **I**, que grafaremos, È (è), Ì (ì) e Ũ. Também se usa o m antes de qualquer consoante.
N — Som nasal e não sempre anasalante. Cfr. nota da letra *m*.
O — Som natural fechado.
Õ — Som nasal.
Ö — Som próximo do oe ou ö alemão".
P — Som natural. Cfr. a nota da letra *b*.
R — Som natural, sempre brando.
S — Som natural, sempre forte, duro.
T — Som natural.
Th — Som aproximado do "th inglês", puxando para o *t*.
U — Som natural.
Ũ — Som nasal.
Ü — Som produzido com lábios em *u* e língua pronunciando *i*.
V — Som natural.
X — Som natural chiado.
Y — Som produzido com lábios em *i* e tentando pronunciar *u*.

As pronuncias em forte hiato, se anotam com um ponto, como foi notado na letra. A

*Características linguísticas*

Além da simples dicção de letras isoladas, o ditongo e tritongo frequente, é uma nota evidente de diferenciação da língua parecí, que prima pelo hiato. (25).

A segunda característica é a nasalação generalizada.

A terceira característica é a identidade de forma dos substantivos que indicam ação e o infinito dos verbos, como até hoje se pôde notar.

*Vocabulário*

a.a — páu, madeira, vara.
aambê — tronco.
ah — partícula suave que aparece às vêzes antes da palavra.
ahh — sim. Som provocado por violenta sucção do ar para dentro da bôca.
ahí — ver, espiar.
aiauaiú — árvore.
ainá — irmão mais velho.
a.iaha — arco-íris.
aiahí — achar.
aká! — ai!
akebú — não existe.
akeptohú — faltar.
akirente — língua.
akolí — tucano.
alèkú — morrer.
alohú — sonhar.
alokalipí — ficar.
alo.ú — pedra.
amanahê — fruta de veado.
ameniaurí — lagarta, uma das que queimam a pele.
amohú — fruto.
anaptohú — surdo (composto de ana: ouvir; pu: não; tohú: ir).
anakipú — surdo (composto de aná; ouvir; akepú: não).
ãká — comer.
aní — êle, elə
apaxanã — alí.
apanã — aquí.
arê — eu.
areiã — meu pai.
areü — meu:
ataká — mostrar.
atsí — marimbondo.
atxoraaní — entro (resposta à saudação de quem chama de dentro).
atxü — interjeição de desaprovação, ridicularização.
auá — levar, carregar, roubar.
auasí — roubar.
auatasiní — grito de comêço do pega-pega.
auloleü — sangrar.
auití — mutum.
balüli — manso.
beualá — agradecer (composto de: behü: bom; ualá: dizer).
beuasiní — é bom.
bixí — coração, buraco (também: bihí).
bübü — nós.
*b*aìnhohú — estar cansado, ficar cansado.
*b*alanaci — amarelo.
*b*alümbá — carrapatinho.
*b*anici — carrapato.
*b*anõbanìbá — tossir.
*b*oiassohú — acordar.
*b*okulohú — sair.
eivüá — vermelho.
ekije — pai de mel.
ekípu — mulher.
e.pá — nascer.
epama — onde.
epãkekü — donde.
hiú — vento.
iadiì — catar piolho.
iaikihí — ouvido.
iakokalá — calango.
iakulí — lábio, flauta de Pã.
ialapalí — brigar.
ialùbá — mentir.
ialùbaci — mentira.
iamací — pequeno, veado.
iamanã — dar.
iamapú — grande.
iãtalí — caminhão (neologismo).
iamatohú — diminuir.
ianã — ouvir.
ianãkú — entrar (saudação: ianãkiní. Quem entra responde: atxoraaní).
ianãkeitá — algodão.
iakibá — face.
iakikiú — casa de burití.
iatehê — cavanhaque.
iaualí — esquerdo, máu.
iauohú — adoecer.
iaulí — máu, que não serve.
idamaitakehê — meio dia.
idía — veneno de flecha.
idinì — uma espécie das cobras.
iehì — doer.
ieiohú — alegrar-se.
ieüviá — vermelho.
iepú — quatro.
iepte.ê — tudo, muito, mais que 5, cinco.

ieripkalohú — tornar-se amargo, imprestável.
ieripú — amargo.
ietehê — cabaça.
ikama? — por que? (resposta: olipapa: porque).
ikamaní — como?
ikecí — faveira.
ikí — peito da mulher.
ikiá — doce.
ikuxí — unha de pássaro.
ilerohú — fazer calor.
ilecí — calor.
ilehê — quente, sol.
ilehú — ferida.
ìbalihü — rir.
ì.nhã — caminho.
ì.hì — beber.
iní — casa.
ì.nìpá — defluxo.
ìtxi.ì — fumaça, nevoa.
ioniexü).
iõgeganá — ontem.
ioní — outro.
ioníehê — outra vez.
iõtapü — diferente.
iopá — alto.
iopãipahá — sôbre, acima, no alto
iökaná — certo.
ipki.ü — desonestidade.
ipkepú — castidade.
itá — vergonha.
italohú — ficar com vergonha.
itamalô — levantar-se.
itakecí — piuva (ipê).
itecí — queixo.
ití — pássaro, formiga.
ítukú — deitar-se.
iudá — casca de piquí, guizo feito desta casca, ira.
iuiohú — secar.
iukaiolí — desistir, mudar de decisão.
iulá — farpa de flecha, espinho.
iulapá — menino.
iunalí — onça.
iurací — cascavél.
ixí — chicha de mel.
ìxirã — relampago.
ìxí — fumaça, névoa, cousa esbranquiçada.
jentatá — lutar corpo a corpo.
jiì — gemer.
gutakecí — ôlho (também: gutakehê).
kabutací — ponta de flecha.
kadeleirá — coxo, entrevado (kade: andar; leirá: não).
kadelí — sucurí.
kade.ü — andar.
kaianãkú — entrar (cfr. iananku).
kãigeí — trave mestra.
kãitakü — chamar.
kãitekalepá — quebrar o bico.
kakapulí — pena de tucano.
kalãpüü — beliscar.
kale.ê — abrir (também: kalü.ü).
kakeí — flecha (também: kakeü).
kalenèixí — verde (em estudo).
kalekikiá — aberto.
kalití — rêde.
kalo — urucum, bom.
kalülü — arrastar.
kamihì — nariz.
kamokirá — podre.
kanãka — depressa.
kãká — morder.
kaneì — ter (em estudo).
karapulí — respeitar, obedecer (obedecer, por si é neologismo).
karapuliú — preguiça.
kare.ü — caçar (também karohú).
katata — arara amarela.
katavá — urutáu.
kau.ê! — Ora essa!
kemã — bugio.
kètapú — só.
kètanuê — um.
kèù — querer.
kiaimihì — nariz.
kiní — terminação de imperativo
kití — preto
kitohú — escurecer
kiulupalí — feio
komãteirú — feijão
kotú — presado
koupá — criança de peito
kökana — irmã
kücüli — gôsto
kötümbá — casar-se
kukuhí — gavião
kulapaksí — lado
kulapaipakü — lado de cá
kulupalí — feio, vergonhoso (sentido translato: demônio)
kulapöpá — abraçar
kumakakú — levantar-se
kú.há — amarrar
kunixixí — dedo minguinho
kurakí — jatobá
kuralí — amigo

kuratiamùcí — pão de milho (neologismo)
kuratú — milho
kuritakehê — amendoim
kükamá? — porque? (rosposta: olipapa-porque)
kümè? — Como? Que?
künekü — juntos
küüpá — coceira
laleü — brincar, jogar
leirá — negação absoluta: não (também: teirá)
mã.ã — estrume
mahá — claridade
maiamã — porco do mato
ma.í — grande
maiamê — grosso
mã.ì — mandioca, massa
Maimüakü — Inimigos do Norte (Tapanhunas? Canoeiros?) — homens grandes: ma.í: grande; mi.á: homem
maìcí — resto
mal.hiauací — dedo grande do pé
maì.nhã — pai maìnìkipú — não é pai
mãikepú — pé
mãikiací — canela
mãitalohú — joelho
mãitxí — peito do pé
mãìtakü — perder
maiohú — crescer
mãikianã — chicha de mandioca
malãitá — bonito
malatolùbá — triste
malatolohú — ficar triste
malèkicí — cupim
maletüilü — sujo
mãm. tí — gordura
manã — água, matar
manãinú — trabalhar
manekaná — em todo o lugar
manehú — tersol
mãnketa — céu (também: mãketa — neologismo)
mapiu — peito
mapuchí — barba
mapulí — pena de gavião
makexí — cotia
marohú — aclarear do dia
marõkehü — amanhã
marumã — amanhã
masaká — bacaiuveira
mata — chupar
matehide — cabelo
matí — frio
matinipá — ventosidade
matixaná — cheio
matkipú — careca (matehide: cabelo: pú: não) Cfr. pu
matsí — sabeça
mehü — bom, certo.
mehümnehin — está bom, está certo.
mekìnpahá — na frente.
mérumã — pronto.
mekìnpahá — na frente.
méroní — acabar.
meropümnihü — limpar.
mesohú — melhorar, sentir-se bem, acabar.
mi.á — homem.
miamipú — ancião.
miatapa — peixe.
mihí — buraco.
mi.hín — sangue.
mi.iãmpa — nome (em estudo).
mimã — braço.
mimãci — mão.
mimãkepsí — jôgo do cotovelo.
mimãtoluxí — cotovelo.
mímèketá — pele.
mimihauakepsí — jôgo do pulso esquerdo.
mìpí — pium.
mìgsohú — tornar-se grávida.
minünkü — o que manda, chefe.
mipí — fio.
mipto — adulto.
mitá — ovo.
miucí — cheiroso.
mochehü — lavar, limpar.
moxí — caitetú.
möcí — genitais masculinos.
mö-í — comprido.
moiamehê — abóbora.
moianã — também.
moitá — céu (sentido físico natural).
mõpê — roça.
mokecí — pescoço.
moke.í — nuca.
mokirú — mole.
mögnã — avô.
möllnã — avó.
möt.lí — novo.
mukanã — mesma cousa, igual.
muhú — chuva.
mulí — páu do cerrado que dá tinta preta.
müihemnehin — estar bem, estar certo (cfr. mehümnehin).
müihú — dente.
müncl — umbigo.

münklori — antigamente, faz tempo.
münktohú — escurecer.
münktomü — de noite.
münktü — durante a noite, noite.
müniní — mandar.
münkü — gente.
münkí.ú — rama de mandioca.
müpü — cabaça da flauta *ietá*.
nadeptohú — velho, ficar velho.
naìnamahã — depois.
naìgatú — rótula.
naìgegená — agora, hoje.
nakatá — branco.
nakehü — escroto.
nakenalì — jogar fora.
namã.iulapá — menina (também namãkiulapá).
namãnohú — estar com fome, ficar com fome.
namü.ü — mulher.
nãmkatsí — jôgo do joelho.
nhamãtasiin — afiar, afinar.
nìkaügená — amar (também: nìkükehú).
numá — dois.
nümpakihú — vísceras.
nünkaná — o mesmo.
oapá — esperar.
oehí — sair, deixar.
ohití — doce (sentido translato de chupar: oití).
o.í — fundo.
oialalá — uma espécie das cobras.
oidukú — sentar-se.
oiná — braza (em estudo).
oirabú — lua.
oití — chupar, engulir.
olapalakehü — justa-conta (árvore).
o.ná — filho.
onkukú — torto.
opá — acima, em cima, alto.
opahiãtalí — avião (neologismo: opa: alto; hiãtalí: caminhão).
opakekü — o de cima.
opürü — anta.
otalohú — tirar mel.
o.ú — plantar, furar, fazer buraco.
ötapá — nú.
paìnhohú — cansado.
paìnhoneptaní — não estou cansado.
pakahá — barra de um rio.
pakalepá — tomar banho.
palaìkiu — correr.
palalukú — estragar-se, rasgar, apodrecer.
palí — bicho de pé.
pãlã — castigar.
palocí — alma (neologismo).
pamã — pegar, segurar
paní — pedir
papsí — abelha bujuí
papuí — rêde iranche (a dos civilizados: kalití)
pase.ê — cantar, dançar
patá — terra
patè — patrício, do mesmo grupo
patekipú — três
patekití — cinza
pãkolohú — nadar, atravessar nadando
pemã — testa
piãbá — estrêla
pì.haualí — veneno
pì.lí — remédio
pireririkí — azul (também: pirerekika)
piulalí — adstringente, que aperta no gôsto
pokoleì — castigar, encolerizar-se
po.í — mato
poihú — brotar
poikatí — cabeceira (mato)
poití — contar
poitpá — conversar, falar, contar
puhinã — irmão mais novo
puitá — fôrça
puitalohú — apertar, comprimir
pyuy — faca
sabukú — voar
sakálu — páu de fazer fogo, fósforo
sauá — carregar, roubar
sauáxahú — trazer
sauaxatohú — buscar (composto: sauá; xá: vir; tohú: ir)
seì — você
seü — tirar (também: se.ü)
sipokú — morar, demorar-se
sirupá — uma espécie das cobras
sikihú — areia
sikiú — descer, cair
tabükecí — genitais femininos
Taka.á — Deus (neologismo)
takahá — saber
takalohú — pensar
takarohú — sair
takapsohú — esquecer-se
takaptohú — cego (takahá: saber; pu: não (negação de parte); tohú: or)
takasohú — lembrar-se.
taiminí — faz bôa temperatura, faz bom tempo.'
talilí — trovão

talopaní — eu quero (taleirá — não querer)
tamalohú — esticar
tamnamahã — depois
tamotá — feijão grande
tãkipú — não querer
taná — viver
tanasohú — ir viver
take.ê — piquí
takimãleirá — mulher não casada
tata — atirar, soltar
tatalohú — ir soltando
te.hì — assar
tehü — mel, tirar mel
tepá — furar
tepí — fechar
ti-hì — defecar
tikakú — quebrar
Tikóli — inimigo — em especial os Beiço-de-Pau
tikipsí — rabo
tikipú — cauda das aves
tipukú — apagar, cegueira
tïmã — longe
tohú — ir
toxaahü — passear, ir e voltar de viagem
toxìtá — chamar
tulanã — cheirar
tumãcí — curto
tumaní — pica-páu
tutata — cuspir
thuthu — assoprar
tümbaleü — taspassar
tüüpá — balançar-se
uaituhú — amontoar
uaiuhú — febre
ualá — falar, dizer
ualaleirá — mudo
ualosá — perguntar
uãdekapá — repartir, dividir, distribuir
uatalí — mosca
uatapá — pomba
uaxiko — fruta de lobo
udá — ira, vingança
udatohú — enraivecer-se
uhaphtohú — não irar-se, perdoar
uití — chupar
ulakú — correr sangue, sangrar
ulapá — menino, criança
ulapaipakü — lado de lá
ulehü — ferida, chaga
uleví — raio
ulipá — bater
umaleì — deixar, permitir
unã — batata
una.á — cará
unamanokú — estar com fome
uoidukú — sentar-se
uoirikulahü — sentar-se e olhar
ülipú — sacudir
üntamá — casar-se, esposos
vakalá — garça
vatuolí — todos
xahü — vir, voltar
xãkú — arrebentar
xarekutohú — passear
xatokohú — chegar
xauvá — encontrar, carregar
xè — você
xè.ü — seu, de você
xèkaneì — seu
xetohú — levantar
xiki.ü — tamanduá
ximakú — aparecer
ximapteü — fechar
ximihú — mêdo
xiní — azêdo
xiniouhú — azedar
xipexí — cipó urubamba
xixehü — suar
xuná — cocar de penas
xùkú — mergulhar

## RELAÇÃO DE NOMES

Reproduzimos os nomes dos índios iranches anotados pelo Pe. João Dornstauder em 1953. Acrescentamos os apelativos em língua iranche, que nos foram recolhidos.

### GRUPO DO CAP. ANTÔNIO:

Cap. Antônio Tamùlí.
Maria, mulher de Cap. Antônio, falecida.
Atanásio Iolací, filho dêles, menino.
José Ulimná, sobrinho de Cap. Antônio, jovem.
Luís Tãmurí, enteado de Antônio, rapaz.

André Kaiurí, enteado de Antônio, rapaz.
Matias, falecido.
Vicência, mãe de Matias, falecida.
Celso (Sanso) Baramí, enteado de Matias, menino.
N. N., filho de Matias, falecido.
Mateus Mãteecí, adulto.
Aureliana Atuocí, mulher de Mateus, pertencente ao grupo de Cap. Acácio. adulta.
Aníbal Nãnarí, filho de Mateus, casamento anterior, menino.
Inocêncio, filho de Aureliana, casamento anterior, menino.
Manoel Maria Tupïn, irmão de Cap. Antônio, adulto.
Inácio Kaiolí, filho de Manoel Maria, adulto.
Catarina Kamoètsïn, mulher de Inácio, pertencente ao grupo de Cap. Acácio, jovem.
Elias, filho dêles, menino.
Tito Nãburí, irmão de Inácio, rapaz.
Alonso Iraaguarí, pertencente ao grupo de Cap. Acácio, adulto.
Maria Rosa Nhemuùcïn, mulher de Alonso, oven.
Miguel Uiakurí, filho dêles, menino.
Carlos Kãnùlí, filho do Cap. Canuto, grupo de Canuto, adulto.
Terezinha Kamùnlú, mulher de Carlos, grupo de Cap. Acácio, jovem.

## GRUPO DO CAP. ANTÔNIO JOAO:

Sabina, viúva de Pedro, falecida.
Rufino, filho de Pedro e Sabina, falecido.
Tomé Iarukarí, irmão de Pedro, rapaz.
Filomena Kutetsí, mulher de Tomé, filha de Matias, grupo de Cap. Antônio, jovem.
Zacarias, irmão de Pedro, falecido.
Isaque, irmão de Pedro, falecido.
Urbano, irmão de Pedro, menino.
Carlos (II), tio dêsses irmãos, falecido.

## GRUPO DO CAP. JOSE'

José Taburá, apelidado de Capitão José, filho do Cap. João, adulto.
Maria Madalena Tepuusí (Tepulô), mulher de José Cap., adulta.
Inocêncio, filho dêles. O verdadeiro paí já faleceu, menino.
Bartolomeu Napokô, filho dêles, menino.

## GRUPO DO CAP. ACACIO:

Sebastião Nhamaìcí, irmão do Cap. Acácio, jovem.
Máximo Aralí (Atorí), cego, viúvo, adulto.
Benedito Tapurá, filho de Máximo, rapaz.
Maurício Tupïn, filho de Máximo, rapaz.
Edmundo, filho de Máximo, falecido.
Paulina Tipuusí, filha de Máximo, menina.
Clovis Nhanurí, viúvo, pai de Domitila, adulto.
José Miguel Ialokaxí, adulto.
Aristides Oiakurí, irmão de José Miguel, rapaz.
Armando Oiakurí, irmão de Maria Madalena e primo de Carlos, pertencente ao grupo de Cap. Canuto, rapaz.
Alípio Xinùhurí, rapaz.
Lino Altarí, rapaz.
Vito Orakulí, filho de Cap. Acácio, jovem.



*Acampamento de caça e pesca. Aí resolveram levar o padre à maloca de baixo, onde governava o pai de Pedro. Condição, o padre ir sòsinho. (Fotogr. do Padre Dornstauder).*



*Note-se a posição da maloca na roça. A inflexão dos pés das mulheres para dentro é normal entre as Iranche, paradas ou em movimento. (Fotogr. do Padre Dornstauder).*



*Ana, mulher de Jacó, fiando. Em segundo plano Terezinha. Jacó foi o chefe da expedição que se encontrou com Max Schmidt em Utiaritĺ. (Fotogr. do Padre Dornstauder).*



*Apolônia, mulher de Coxividí, conserta uma rêde. Note-se também o sistema de assento sôbre o pé esquerdo. (Fotogr. do Padre Dornstauder)*

Olavo Taburá, filho de Cap. Acácio, jovem.
Genésia Maìnicí, irmã de José e de Aristides, jovem.
Domitila Nããcí, filha de Clovis, jovem.
Anita Kamãitací, filha de Acácio, menina.
Do grupo de Canuto: Armando e Carlos integraram-se em outros grupos.

## NOTAS GRAMATICAIS

Apenas em 1955 é que se tornou possível um estudo sério sôbre a língua iranche. Poucas palavras encontradas no vocabulário foram colhidas depois de 1955, mas a travação interna da linguagem era um segrêdo. No esfôrço de obter certeza das palavras colhidas, o vocabulário sofria quotidianamente uma prova. Quase simultâneamente, surgiram diversas notas com a revelação das formas verbais identificadas. Por fim José Miguel, em Diamantino, presenteou-me com uma narração em língua iranche, ditada. Ouvia eu pela primeira vez, pausadamente, o sotaque iranche e a revelação da contextura interna da formação de palavras.

Dêste dia em diante meus companheiros sentiam facilidade na introdução desta língua, que desde 1929, desafiava qualquer penetração.

A narrativa, pois, de como surgiram os primeiros homens, abriu as portas da língua iranche. Antes, em 1954, ouvia às vêzes a exclamação: «Padre num sabe nada, padre João é que sabe!» Tais expressões brotavam, quando, três ou quatro vêzes, fazia que me repetissem a pronúncia, com o ouvido nos lábios do índio. Em fins de 1955 os índios diziam: «Agora padre sabe tudo». Com a fama de saber tudo eu ia mandando corrigir os erros de minhas elucubrações e composições, admirado de ver de fato confirmadas por seis índios as minhas palavras, por mim formadas e não ouvidas.

Não tenho visão clara de tôda a composição iranche, porque muitas formas por mim apresentadas sofriam mudança na aglutinação por parte dos índios, que me devolviam as formas modificadas, contendo o sentido que eu intentava. Nem pude verificar leis na aglutinação, De fato, a única regra que me serviu, foi a eufonia.

Passo pois a referir as notas positivadas no estudo da gramática iranche, atualmente em fase ainda de crescimento.

### 1 — AGLUTINAÇÃO

Uma das primeiras anotações confirmadas foi o agrupamento de palavras na formação de uma palavra nova. Certa vez eu fazia ver a um moço, o Maurício Tupïn, o fato de que os seus colegas me diziam palavras que, divididas, davam outras palavras, com pequenas mudanças eufônicas. O rapaz riu-se a valer do que eu lhe notava. Terminando a conversa, bom índio como é, contou-me um fato de sua vida na maloca; sem atender que me dava precisamente uma palavra composta: «Eu sei, padre, sei mesmo. Um dia mamãe, eu me lembro bem mesmo, mamãe me deu uma cabaça e falou só assim (fez gesto de que a mãe o levava para fora da maloca): totãilauá. Eu, pequeno, num sei nada, busquei água. Totãilauá: mamãe falou só isso!»

Dois elementos são claros nesta palavra da mãe de Maurício: to, ir e lauá (modificação de sauá), buscar. O que fica no meio pode ser perfeitamente a variação do radical mã: água.

Assim: vai água buscar, seria a ordem da mãe, incompreendida pelo pequeno em sua razão semântica e apenas aprendida pela experiência concreta de circunstâncias vitais.

A aglutinação de radicais e temas, tão generalizada, favorece imenso o uso da língua.

As leis, no entanto, de junção de radicais e temas restam matéria de ulterior investigação, que não se praticou ainda.

## 2 — AFIXOS

A partícula PU, que exprime uma negação, foi estudada metòdicamente, uma vez que já existe a terminação LEIRA' (LERA', TERA'), que exprime uma negação peremptória.

As palavras portadoras de PU, tiveram sempre um sentido contrário ao sentido das palavras não portadoras desta partícula. Mas o sentido contrário não se define por uma contradição, uma negação de todo o conteúdo do significado, mas só de uma qualidade.

Vimos então que esta partícula original iranche, gera uma série de sentidos diferentes, opostos, contrários, numa gama rica de conteúdo noético. A terminação LERA', ao contrário, sempre significa uma negação, indicando impossibilidade, impotência.

Assim: IAMA': pequeno; iamapú: grande (pequeno não); iamalerá: nada; TAKAHA': saber; takapú: esquecer-se; takalerá: não saber.

Portanto, por meio da partícula PU se podem exprimir alguns sentidos que indicam penetração aguda psicológica. Pode-se por meio desta partícula exprimir indecisão, falta de ocasião, imprevisto, pormenores.

Talvez o único componente que exprime tanta variedade de pormenores seja a palavra IONI' (radical: iõ). Significando OUTRO, esta palavra se presta a formar sentidos parecidos, pouco diferentes, abrindo um campo vasto para neologismos.

Assim: MIPI': fio; iõmipí: linhada de pesca (outro fio).

KA, é partícula notada, de emprêgo mais restrito, indicando o plural. Empregada apenas nos verbos até hoje.

ãkákiní: come! ãkakaikiní: comei!

## 3 — ESTUDO DAS TERMINAÇÕES

Certas terminações são portadoras de sentidos determinados:

— CI: terminação substantivada. Iamá: pequeno; iamací: cousa pequena.

— KÜ: designa a causa, a origem. Opá: alto; opãkekü: do alto, o do alto.

— .A, .E, .I, .U (e algumas vêzes .Ü), designam cousas sensíveis.

Experimentei acrescentar a terminação CI a estas terminações e os iranches sempre rejeitaram tal acréscimo. Como estas palavras, no entanto são usadas às vêzes como categorias imprecisas, de gramática, as terminações devem ser submetidas a estudos ulteriores.

— LERA': negação cerce, total. Taleirá: não vou (não vou mesmo- impotência, vontade decidida, que impedem a ida).

— PU: estudada já.

— TAHA': indica permissão: Tonitahá: agora pode ir (to, ir; ni: agora tahá: se pode).

— OHÚ: ação ativa, desenvolvimento, mudança. Terminação de muito uso fazendo as vêzes de verdeiro verbo auxiliar. E' uma terminação verbalizadora. Provàvelmente é uma corruptela do verbo TOHÚ: ir.

ma.í grande; maiohú: crescer.

puitá: fôrça; puitalohú: apertar.

A plasticidade do emprêgo desta terminação, faz dela uma das grandes responsáveis na formação de palavras. Por ela se traduzem as atividades, o esfôrço efetivo. Notável é a junção com a partícula PU, formando a terminação complexa: PTOHÜ.

As terminações verbais identificadas são as seguintes:

— PANI': primeira pessôa, para o presente e futuro. (também: BANI', tolopaní: vou, irei. (O verdadeiro presente: hiah: tohiah).

— TINI: segunda e terceira pessôa, para o presente e futuro. (As vêzes no entanto se usa esta forma para a primeira pessôa.

— MINI': designa ser, estar. idekalomini: faz muito calor (ide: calor, quente; kalo: muito; miní: é, está).

— HIETANI': primeira pessoa do plural do presente e futuro. Tohietaní: vamos, iremos.

— ÄDA', ÜDA', MÜNDA', MÜNADA', NAMÜDA': são formas usadas como terminações mas de significação não identificada ao certo. Sua determinação quanto ao sentido aclarará a questão da primeira e segunda pessoas que se têm até por hoje indistintas com exceção de HIAH, que é pouco usado, designativo certo da primeira pessoa do singular do presente.

— MAK.REIÛDA' (makmreiùdá): passado usado em contos. To.mak.reiùdá: foi.

— MAK.REMÜNDA' (makmremündá): forma plural do passado usado em contos. To.mak.remündá: foram.
To.mak.remündá: foram.

— KINI': imperativo. Tokiní: vá. Plural: tokaikiní.

— KIKIA': designa o passivo. Kalekikiá: aberto. Não sofre flexão.

## 4 — CATEGORIAS GRAMATICAIS

Do que ficou exposto se pode concluir que algumas formas são claramente determinadas, como por exemeplo CI, OHU', que pertecem respectivamente às categorias: substantivo e verbo.

As outras formas se classificam pela natureza mesma do sentido, passíveis de determinação substantiva e verbal por meio de sufixos.

### *LENDAS*

Münk.lori (faz tempo) iauaiaulí (bicho) alomahü (pedra grande) a. mak.reiùdá (viu). Naìnamanhã (depois) ahí (paca) kãkatekalepapumak reiùdá (mordendo furou um pouco) mühú (dente) kãtekalepamak. reiùdá (abrindo, quebrou o dente). Makixikianã (cotia também) tepapukaùìmak. reiùdá (quis abrir) kãtekalepamak. reiùdá (abrindo quebrou o dente). Iauaiaulí (bicho) iepte.ê (todo) alomahü (pedra grande) tepapukaùìmak. remündá (quiseram furar). Kètapxí (um sòzinho, cada um) kamak. reiùìdá (chegava) mühú (dente) kãtekalepalí (quebrar dente) toh. mak. reiùdá (foi-se embora). Tãmnamahã (depois) iõnioli (outro) kastahmak. reiùdá (veio e voltou — supõe-se que quebravam o dente). Nünkabübü (também êstes) miktumak.remündá (dente diferente ficaram). Alomahü (pedra grande) tepakikatìmak. reiùdá (quase ficou furada). Tãmnamahã (depois) tumaní (pica-páu) tepaapiu makreiùdá (furou, olhou dentro). Tãmnamahã (depois) münkü (homem) iepte.ê (todo) oehímak.rebümündá (sairam). Iaurinamahã (homem velho então) ximapteümak. reiudá (não apareceu). Maimüakü (os índios) künekü juntos oehimakmremündá (sairam). Tãmnamahã Münkü (Iranche), Kurali (amigo — índio parecí também) ieptehê (todos) künahã (juntos também) ikiamakmremündá (moraram). Tãmnamahã (depois) uramnamanã (índios brabos) tãimkipú (não quiseram) ikiamakmremündá (morar).

José Miguel acrescentou, quando terminou de contar esta lenda em Diamantino, em 1955: o velho que ficara dentro da pedra, foi fechado porque os índios que sairam taparam o buraco bem tapado e o velho não morreu até hoje. Disse que os antepassados antigos conheceram os homens que sairam da pedra.

Disse também que esta pedra se encontra na região de Ponte de Pedra, região também conhecida dos índios parecí, pois que os parecí também sairam de lá e também contam esta lenda.

Clovis, flecheiro muito estimado na tribo iranche, disse que se pudesse, ia procurar a pedra e abrí-la para ver o velho que está lá dentro.

Esta lenda foi contada diversas vêzes por outros índios iranche.

Outra lenda, contada infelizmente por partes, diversas vêzes, é a do aparecimento da roça. Contam assim:

Um dia uma menina disse à mãe que a enterrasse. A mãe a enterrou ao meio dia. De tarde a mãe ouviu gritos do lugar onde enterrara a filha. No dia seguinte teve saudade e foi ver o lugar e encontrou muitas plantas. De cada parte do corpo da menina brotara uma espécie de planta.

Os índios então passam a descrever as diversas espécies de planta que cultivam, fazendo referência às partes do corpo da menina.

Não pude aproveitar plenamente esta lenda porque os índios me contavam depressa demais para eu poder positivar o sentido das palavras e anotar os sons. Também me faltaram conhecimento de algumas plantas que os índios referiam e que não conheço. Meus companheiros também não puderam assentar nada de definitivo.

Outra lenda, que ouví apenas uma vez, da bôca de José Miguel, na roça de Frei Manoel em Diamantino, foi a das estrêlas. O que consegui positivar foi o seguinte:

Um homem, certa vez, gostou de ver as estrêlas e desejou ir vê-las. Naquele tempo havia muita gente vivendo. Certo dia, uma estrêla desceu até perto dêle e perguntou se êle não queria ir ver as estrêlas e subir com êle. Êle perguntou às mulheres e falou que ia. As mulheres riram-se dêle. Êle foi com a estrêla e outro homem também foi com êle. Quando desceram pregaram muitas mentiras para as mulheres e elas também quiseram ir. Depois que subiram todos, as estrêlas brigaram e todos sofreram muita fome e os homens (não sei se na terra ou na estrêla) se guerrearam e se separaram.

O final da história não ficou claro, mas parecia-me ter ouvido que as estrêlas jogaram fogo na terra e muitas estrêlas se enraiveceram porque houve fogo na terra.

Dos homens que subiram com as estrêlas, todos queriam voltar para a terra e muitos morreram, na luta das estrêlas.

José Miguel não me disse da sorte dos que não morreram.

Os índios dizem que entre si contam outras histórias e as histórias de animais são muitas. Não pude entretanto colher mais do que ficou aquí exposto.

Este material no entanto insinua uma interpretação bem iranche das lendas comuns a muitas tribos de índios. Dão de fato um caráter tribal iranche, que se define pelo modo idiótico da narração, como na lenda da roça, em que narram a aparição lendária de certas plantas iranche. Se se confirma a narração da aparição do fogo por meio de luta de estrêlas, teremos mais um dado original iranche.

## *CARTAS*

José Miguel ditou-me uma carta para seu irmão Aristides, pois eu partia de Diamantino para Utiaritĺ, onde encontraria Aristides:

Ialokaxí (José Miguel) Oiakulí (Aristides).

Teuaparokiní (você me espere), olitolopaní (vou-me embora).

Nãinamahã (também) iukaionepaní (não quero mais ficar). Oipaliipkienetiní (não sei onde vou morar). Tali (vou-me embora), ukanã (aí) uaparekiní (você precisa esperar). Utromanaletomi (depois das chuvas — no tempo do começo da sêca) tolopaní (vou-me embora).

Esta carta foi-me ditada e a tradução foi-me dada por êle mesmo, logo depois de ditada a carta.

No dia 21 de Maio de 1956, escreví de São Leopoldo, aqui no Estado do Rio Grande do Sul, uma carta para os meus iranche de Utiarití. Fr. Adalberto que ficara em meu lugar em Utiarití, tomando conta dos meninos índios, atestou-me mais tarde, que os meninos quando ouviram a minha carta, ficaram impressionados. Entenderam o que eu queria dizer. A carta é a que se segue:

Irãxe are kökülü. Arê cöcülü ma.í. (Eu gosto dos Iranche. Eu gosto muito). Apanã (aquí) nãgegená (agora) Rio Grande do Sul, matí (frio) ma.í (muito). Ilehê (sol) Ximakutiní (aparece) iepte.ê (tudo) nakatá (branco). Idamaitakehê (meio dia) patá (terra) nakatá (branca) leirá (não). Patá (terra) malãintohú (ficar bonita), münktohú (de noite) oirabú (lua) iepte.ê (tudo) nakatohú (fica branco), matí (frio) ma.í (muito). Buhú (chuva) matí (fria) sikiúlotini (cai).

Arê (eu) temïn (longe), Iranxe temïn (Iranche longe), arê pase.ê (ou rezo). Jesuxí anã (Jesús escuta). Arê takahá (eu sei). Jesuxí, padre Iranxe (a Jesús, padre e Iranche) iepte.ê (todos) uãtakaikiní (vão obedecer). Missa ianã (Missa ouvir), pasekaikiní (rezem). Arê iciuraní (Eu contente). Arê (eu) paselobaní (vou rezar) iamapk (muito).

## *NEOLOGISMOS*

ã.mipiní — linha de pesca (ã: outro; mipi: fio)
aciuli — sapato (provàvelmente simples transposição do calçado iranche)
alapuhiavalí — papel
ianãnãke.í — linha (algodão)
iatakití — pólvora (kití: preto)
iãtalí — caminhão (iõ: outro; talilí: trovão)
kalapü — enxada (mesmo que pacú — peixe)
kulupalí — demônio (transposição de feio)
kuretiamùcí — pão de milho (kuratú: milho)
mãketa — céu
mãikrü.ü — espingarda
mãikrü.ü iamací — revólver
mamã — camisa
mãithiamã — calça
meivitapá — medalha
miake.í — espelho
opahiãtalí — avião (opa: alto; iãtalí: caminhão)
palocí — alma
pinãnãkí — foice
tãpaxãpakeí — cinto
tepá — machado

## ORAÇÕES

Estas orações foram compostas junto com os índios que já inventavam neologismos para assuntos religiosos. Revistas diversas vêzes, foram comprovadas com o uso, assim como os mandamentos, que sob o título de orações, aquí ficam expostos. Os cantos impressionam espetacularmente os velhos da tribo, que ficam absortos, quando assistem a reuniões onde os meninos e moços cantam.

Nhãmelã: Pai Nosso:

Nãmeiã (Pai nosso) mãketaniptini (no céu moras) Sèikinã (a Ti) münkü (homens) uatuopasekaikiní (rezem e obedeçam), mekalosèkina (muitos bens Teus) lãtasotkini (nos dês), sèkinã (a Ti) mãketa (céu) pata (terra) uaituãtakaikini (obedeçam). Marõkehü (todo o dia) ãkatãmãlí (comer) lãtasotkini (nos dês),

iamanãkulupalí (nosso pecado) mesìkiní (perdôa) ionikinã (outro também) keitanã (também) iamãmesìkapiùdá (nós perdoamos), ainaiaulí (espírito máu) pokahtiní (chamado - tentação) iamãsikiuleirakiní (nós cairmos não deixes), kulupalí (mal) xatokoleirakiní (chegar não deixes). Kötukiní (Assim seja).

**Ave Maria:**

Ave Maria sèi Takani mehü iepte.ê kabuiotiní (estás cheia), namüoni terá sèi beualakikiatiní nüm sèikinã o.nã Jesuchi beualakikiatiní. Santa Maria Taka.á Melïn iamãkulupali panikiní nãgegená alèkulí. Cötukiní.

Esta Ave Maria deverá ser aperfeiçoada, pois a tradução imperfeita já pode ser corrigida. Em vez de «namüoni terá» se deve usar com mais justeza, provàvelmente a composição: «sèiná-müõpu.

A tradução ao pé da letra é esta: Ave Maria tu de Deus bom todo estás cheia, mulher outra não, tu és bendita (bem falada), ventre de ti filho Jesus é bendito. Santa Maria Deus Mãe nós pecadores roga agora, morrer (morte). Assim seja.

**Ato de Contrição:**

Jesuxí (Jesús) sèi (tu) arekinã (para mim) mãketa (céu) iãtakehümündá (para dar) meanãpá (cruz) alèlumakmreoudá (morreste). Arê (eu) kulupanamündá (pequei) malatololümbá (triste, arrependido) arekinã (a mim) mesìkiní (perdôa). Arê (eu) ionieùchü (outra vez) kulupataikipú (pecar não quero).

**Credo:**

Taka.á Mãinhã (Deus Pai) iepte.ê puitá (todo-poderoso) mãketa, pata manãrükü (criador do céu, terra) adeanapiukeanapaaní (creio). Nünmeiã (dêle também) kètapxí (um só) o.nã (filho) Jesuxí (Jesús) iamãmanãrükü (nosso senhor) adeanapiukeanepaaní (creio). Nüm Ainá Santoxí (dêle Espírito Santo) upsalerá (virgem) Maria müngsokikiamakmreiùdá (Maria ficou prenhe). Nüm Maria Jesuxí epamak.reiùda. (De Maria Jesús nasceu). Poncio Pilatoni minilimak.reiùdá (Pôncio Pilatos mandou): Jesuxí iehün (Jesús sofreu), meanampa (cruz) tapeteleleìkikiamakmreiùdá (foi p r e g a d o). Alenkúmak.reiùdá (morreu). Liboni sikiumak.reiùdá (desceu ao limbo), mahá (dia) patekipú (três) oapamak.reiùdá (esperou). Tãmnamahã (depois) tanasotaikiumak.reiùdá (ficou vivo por si). Mãketa (céu) pötkulomak.reiùdá (subiu). Taka.á Mãinhã (Deus Pai) ieptepuitá (todo-poderoso) mehü (direito) kalapatxí (lado) nãgegená (agora) Jesuxí oidukulotiní (está sentado). Tamnamahã (então) oiclel (depois) ximakulotini (aparecerá), münkü (homens) iepte.ê (todos), tana, alèkukikia (vivos, mortos) iãmtaxalometiní (chamará — julgará). Arê (eu) Ainã Santoni, santani Igreja Catolixí, Santoni künekü mehü (comunhão dos santos — bem dos santos) kulupali mesìlü (perdão dos pecados), moitataniasotiní (vida da carne de novo), tanaiepte.ê (vida sempre) anapiukeanepaaní (creio). Cötukiní (Assim seja).

## C O N C L U S Ã O

Em resumo do que ficou proposto neste artigo, se pode condensar as seguintes afirmações:

1 — Fica mais esclarecida a posição da tribo iranche. Certo está que em 1953 os iranche habitavam sòmente a margem direita do rio Cravarí. Notícia dada por diversos seringueiros e em diversos tempos, o rio Cravarí é afluente do rio Sangue.

Da turma de índios iranche perdida pela região da barra do rio Cravarí com o rio Sangue não se tem notícia.

2 — Os iranche são amigos dos Parecí e inimigos dos Beiço-de-páu ou «Tikóli». Confusas são as notícias a respeito dos «Maimüa-kü», não se sabendo ao certo que tribo de índios são e se são realmente inimigos dos iranche.

3 — Foram notadas como características dos iranche:

Cultura material: o arco estreito e proeminente, o tufo de penas de tucano, duas espécies sòmente de mandioca e roças bem cuidadas.

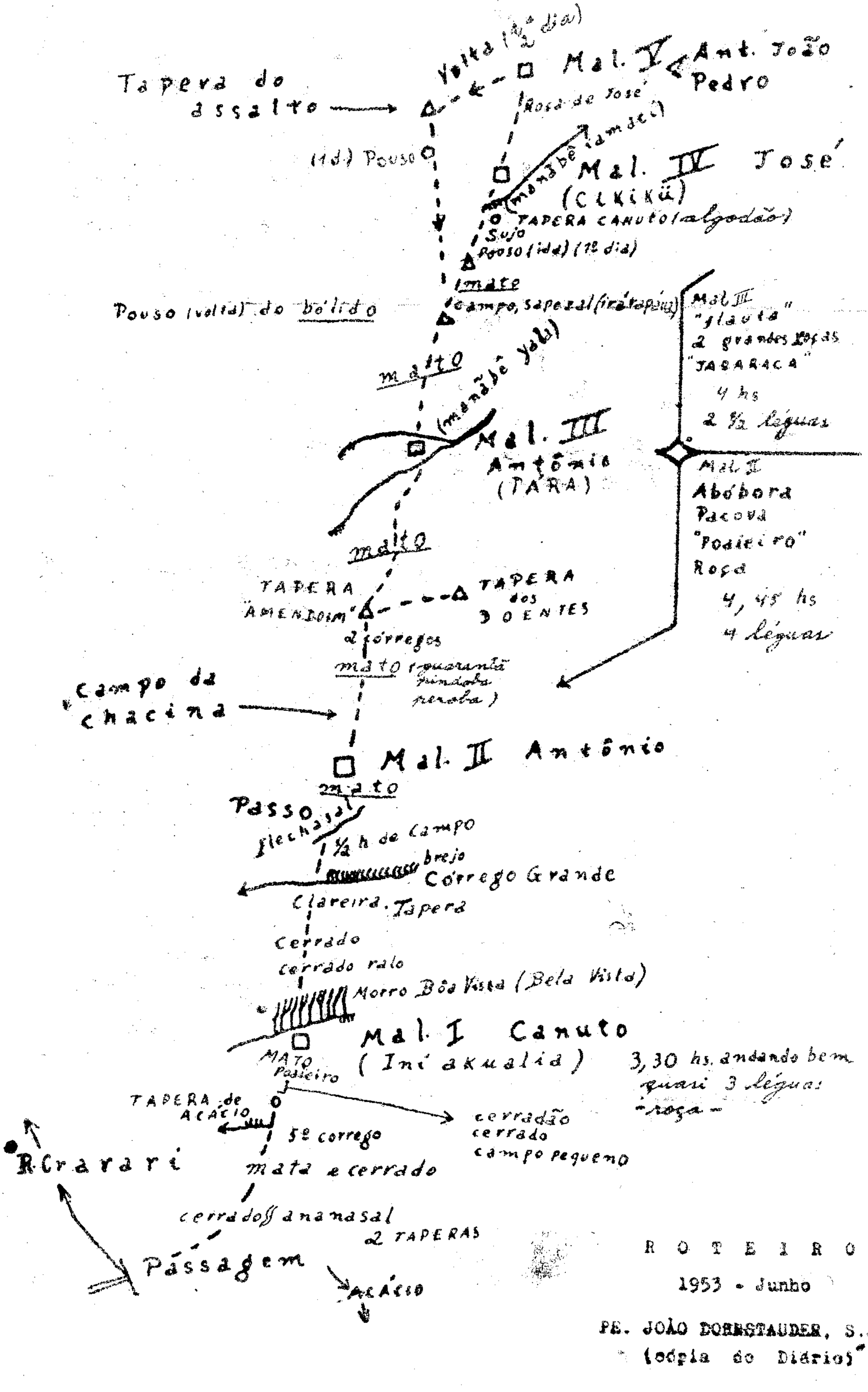
Cultura não material: grande valorização da agricultura, educação acentuadamente individual, o pudor, o comedimento que chega até à timidez, o descontrole notável em questão de mulheres, o sentido humano-imaginoso da natureza e da religião, o sentido de «boa-vidismo» na natureza moral.

4 — A língua iranche apresenta-se com coracterísticas próprias, inconfundíveis pela forma das palavras e pela travação semântica, haja visto a partícula PU e a terminação OHU', geradoras de infinidades de pormenores: PU dando sentidos opostos e diferentes dentro de um mesmo campo de sentido e OHU' produzindo em grande escala os sentidos de tornar-se, ficar, fazer, produzir, caminhar, agir, enfim: uma ação ativa e nativa de um ser.

A simples justaposição por eufonia de raízes, radicais, temas e palavras na formação de uma palavra nova, de uma expressão complexa, desrespeitando todo entrave de categoria gramatical, facilita a inventiva de expressão, fixando-se a forma por uma determinação de desinência que precisa ser ainda penetrada e regularizada em suas leis.

Merece estudo especial a partícula NÜM, provàvelmente uma aplicação modificada da partícula NU, própria das línguas NU-aruaques. NÜM como pronome relativo, se classifica perfeitamente como agente distintivo de família linguística, dentro da família aruaque e nu-aruaque. Nu-aruaque porque contém a partícula NU entre os pronomes e espécie de nu-aruaque bem distinta, porque êste NU não se emprega para a primeira pessoa, que sempre se encontrou constantemente: ARÉ.

5 — Enfim a tribo iranche se encontra em estado de dissolução, desgovernada internamente e dirigida eficazmente de Utiarití por homens que de seus só querem ter o coração de brasileiros.




# ROTEIRO

1953 - Junho

PE. JOÃO DORNSTAUDER, S.J.

(cópia do Diário)

NOTAS

(1) Conferências — Publicação da "Comissão Rondon" — N.º 68, ed. de 1946 (2.ª), pelo Tenente-Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon — pág. 87. Em igualdade de condições ficou a memória da tribo iranche.

(2) Ibid. pág. 87-91.: "Nada se deve temer da índole pacífica e até mesmo tímida dos Iranche" — dado certo e comprovado sobejamente, como consta de tôda história da tribo,

Também não se encontrou documento mais antigo do que êste de Rondon, assinalando os seringueiros como os primeiros civilizados a encontrar o rio Cravarí e os índios Iranche.

"Pelas informações dos Cozárini e Uaimaré, sei que falam o aritì, levemente modificado, constroem casas e usam rêdes como os demais Parecís" — esta nota vai precedida de outra bem clara, quando Rondon reparte os grupos dos Parecí: "Atualmente êles se dividem em quatro grupos, sob as denominações de: UAIMARE' CAXINITÍ, COZÁRINI e IRANCHE". (ibid. pág. 81). Estas notas, em que pesem as informações dos índios parecí, não se podem sustentar sem mais. Como ficará patente da segunda parte dêste artigo, quanto às casas; e na terceira parte, quanto à língua; veremos que os Iranche não podem ser identificados como índios Parecí. De Max Schmidt temos o primeiro documento científico sôbre os Iranche: "... encontramos ainda sucessivamente 5 acampamentos dos Iranche, com ranchos, consistindo uns em cabanas quadradas com tetos que se estendiam até o chão e outras em simples paraventos postos obliquamente no chão (Boletim do Museu Nacional — XIV-XVII (infra cit.) pág. 258).

Esta descrição se opõe à descrição feita por Rondon, das malocas parecís: "Primeiro traçam no chão o perímetro, quase sempre elíptico, da nova construção" — (supra cit. IBID.: pág. 84). Os índios Iranche também não usam o escudo de caça, tão célebre entre os Parecí. Cfr. Rondônia — Roquette-Pinto — 2.ª edição, pág. 129.

Assim temos que os costumes dos iranche diferem dos costumes dos índios parecí. A língua também difere. Talvez por um grupo único em tempos antigos, encontram-se de fato diferenciados Iranche e Parecí. Assim, ao nosso ver, se deve interpretar também a afirmação da publicação n.º 2, anexo n.º 5 — História Natural — Etnografia, do mesmo Conselho Nacional de Proteção aos índios (1947, 2.ª ed.). Na pág. 12 identifica os Iranche com os Parecí, fazendo aquêles um grupo dêstes.

Em conclusão: os índios iranche devem ser estudados á base da luz nova que Max Schmidt trouxe. Com ela não se podem manter em tôda sua extensão as informações que os índios parecí deram a Rondon. Uma diversificação profunda se constatou em outro campo e êste é o da língua: Cfr. terceira parte dêste artigo.

(3) Boletim do Museu Nacional, XIV — XVII (1938-1941) — Resultados da minha expedição bienal a Mato Grosso, págs. 257 — 260.

Revista de la Sociedad científica del Paraguay — Los Iranches. Asunciôón — 1952 — págs. 35-49. Nesta publicação aparece a única palavra iranche a que Max Schmidt dá valor: Kakaurí: fazer necessidade, bem traduzida, pois confirmada pelos iranche como pude constatar. Max Schmidt é o primeiro cientista a positivar um contato pessoal com os índios iranche e por êse motivo o chamo neste artigo de primeiro cientista dos índios iranche. Não despreciamos por tal título as notas de Rondon, apresentadas que são com justeza e clareza.

(4) Estes índios ainda não estão estudados, nem se conhece a língua dêles. Os contatos são hostís. Tivemos no entanto notícia em princípios de 1957, de que êstes Beiço-de-páu querem relações pacíficas com os civilizados, pois aceitam os presentes deixados ao pé das árvores. Os homens da Cia. Noroeste Matogrossense passam, no Arinos, pelo seu território e portos, sem nunca terem contado ataque. Os ataques foram efetuados contra os empregados da linha telegráfica e contra os seringueiros que penetram pelo Sul. Os sinais de pacificação foram dados aos homens da Cia. Cruzeiro do Sul, como relata o Pe. Edgar Schmidt, superior atual da missão jesuítica.

(5) Êsta indecisão gerou uma anemia nos funcionários. Os funcionários, homens sérios e conscienciosos, poderiam ter rendido mais no decorrer do tempo. Na ocasião do aglomeramento dos Iranche no Pôsto Tolosa, João Clímaco, "de veneráveis cãs, confessava simplesmente e com alma: Todos me chamam de pai!" Os Iranche se sentiam bem com êle. Êle seria capaz de penetrar os segredos desta tribo arredia e escondida.

(6) De fato, não fizeram mais que identificar seringueiras. Mesmo o Barracão de Mário Spinelli, entre o córrego Grande e o do Cemitério, foi queimado, dando origem ao lugar chamado Barracão Queimado, que na margem esquerda do Cravarí, tanto aparece na Crônica dos Iranche: ano de 1953, nas percorridas do Pe. João Dornstauder. Em 1954 abriram um campo de aviação, na cabeceira do córrego do Cemitério, para caso de emergência no carregamento da borracha e serviço dos seringais do Norte e Oeste, não usado ainda.

(7) Não faz o Pe. Dornstauder alusão à maloca de José Capitão, que consta do roteiro.

(8) Mais uma prova inequívoca do caráter arredio da tribo. É de notar que o caráter religioso não influenciava negativamente, pois o padre não era conhecido. O tato dêste sacerdote soube superar o caráter tímido dos índios.

(9) Pena que não encontramos mais pormenores sôbre o modo de se saudarem mais que o simples fato de se declararem presentes, pois logo se põem a conversar. — O pressentimento augurado não se realizou, pois a criança foi salva pelo mesmo sacerdote como mais adiante se refere de modo comovente.

(10) Êste "êle", se refere a Antônio João, pois no Diário todo o relato que termina com a viagem, se condensa sob o título de Antônio João, em nota.

(11) A pergunta de Isaque, que persegue um dado maravilhoso, inexplicável em sua mente, supõe sinceramente que o padre lhe haveria de responder com a verdade, conhecida antes da realização. Isto nos leva a positivar na alma iranche de Isaque um impulso para o absolutamente certo existente neste mundo. Supõe também uma prova irrefragável do testemunho do padre, que deve argumentar com um fato inconcusso. Esta prova a que o iranche submete o civilizado se extende a todo gênero de atividade: querem provar a paciência, a veracidade, o poder, a agilidade, etc. Um dado de aculturação digno de nota e estudo, mas que não pode ser desenvolvido neste artigo.

(12) Dado precioso, pois as mulheres iranches sempre aparecem com menos trabalho do que as índias de outras tribos.

(13) O Pe. João fizera com os índios iranches uma maloca que servia de pouso para o padre em suas visitas e ao mesmo tempo de capela, onde colocara um crucifixo e lá deixara. A capela foi construida no ano anterior. Pedro pelo que consta da relação dos índios, foi o índio principal de uma ação conjunta em que desferiram golpes no crucifixo com facão e gritaram e fizeram demonstração de protesto. Pedro deu um talho na cabeça do crucifixo. Os outros não tocaram. O crucifixo ficou no chão. Mais tarde, depois da morte de Acácio a maloca-capela foi queimada e todo o lugar abandonado. Nem se pôde ainda buscar o crucifixo. O Pe. João sabia muito bem que tal ato era fruto de ignorância crassa, de superstição que só aos poucos seria aclarada.

(14) O fato foi registrado em Utiaritî no posto meteorológico, pois uma estrêla cadente foi surpreendida pouco antes de fenecer, precisamente na direção NNE de Utiaritî, direção das malocas de baixo dos Iranche. A hora também corresponde, como o dia... A luz fenecera aos olhos do observador, sem se notar ruído.

(15) Esta nota é de importância, pois o Pe. Dornstauder conhecia bem os Nambiquara e os Parecí. Notara algo de idiótico na música iranche, que é diferente, da música dos parecí em seus temas e desenvolvimentos, ainda que ao leigo na matéria, pareçam idênticas.

(16) Infelizmente não foi observado o modo de contar e reter a duração dos dias de viagem dos índios iranche.

(17) O capim na sêca é queimado para que ao brotarem os rebentos novos, venham os veados a pastar. Os índios assim, em áreas relativamente pequenas, têm segura a caça de veados, que se agrupam.

(18) Fôlha da Noite — São Paulo: 31 de Dezembro de 1956. 19.º artigo de uma série intitulada: Viagem ao Centro-Norte de Mato Grosso.

A referência que fazemos a um possível método ideal de aculturação, precisa ser tomada como complexiva de todos os elementos concretos de influência. Não possuem os jesuítas um método transcendente, que se aplica de olhos fechados. A tese vai mais simples: êles têm a seu favor um complexo de concepções objetivas, um enquadramento ou seja uma ambientação índia feliz e por fim um ambiente razoàvelmente favorável de ação. Por parte do índio, temos que o índio se vê a si mesmo lucrando totalmente, no intercâmbio de aculturação: vê que êle mesmo valoriza o conteúdo dos seres de seu der-

dor e êle mesmo taxa livremente o prêço de suas aquisições.

E sabemos que nas pretensões fundamentais do coração humano, nós e as raças primitivas (assim chamadas), todos somos iguais, somos todos irmãos, entendemo-nos perfeitamente, sem necessidade de estudos exaustivos prévios, pois a aculturação é um dado vital, que se descreve pela doação de uma vida e se define pela solução do problema universal da dôr, concretamente, dia a dia, em tôdas as circunstâncias da vida.

(19) Cfr. Publ. n.º 68, cit., pág. 88.

(20) Ibid. supra cit., pág. 81.

(21) Ibid.

(22) Ibid. Cfr. nota n.º 2 dêste artigo, completada com as observações presentes, que discutem quanto é possível o estado da questão lançado na nota n.º 2.

(23) Já o sistema de hiato aparece em oposição ao sistema de ditongo iranche, além da diferença de forma de palavras, profundamente diversas — é um sinal inequívoco.

(24) Supra cit. nota n.º 3, dêste artigo.

(25) Já na pronúncia da palavra Utiaritî, estação telegráfica e posto missionário jesuítico. Os parecí pronunciam: U—ti—a—ri—cû. Os Iranche pronunciam como nós: U—tia—ri—tî.

## *SUMMARY OS IRANCHE*

*The article — "Os Iranche" — reveals the original data about the tribal way of living of the Iranche tribe and their language. This is the main value of the article. It adds also the few notes taken by Rondon and Max Schmidt concerning this same tribe. The photographic documentation and the traveller's route map explain and increase its value for historical and ethnographic purposes.*

*The first part, devoted to the history of the relationship between the civilized and the Iranche, describes the last days of the tribe in its native tribal habitat, for today it is already in a state of becoming cultured, due to the three combined factors: fever epidemics, the fights of the Iranche groups among themselves and finally the attacks from the indian tribes, their enemies.*

*In the second part facts and notes are gathered about the material and spiritual culture of the Iranche. These notes are characterized by their brevity, being as they are the results of brief and necessarily incomplete observations made by those who are dealing with a shy people who do not like to tell you what is strictly their own.*

*In the third part we can find a specific document, the language of the Iranche learned in the day to day work of their civilization, almost entirely outside the indian territory. This study, starting with the vocabulary, leads you all the way trough grammar until the formation of idioms, making you capable at least for an initial practice of the language. There is in addition to this an analysis of texts.*

## ZUSAMMENFASSUNG.

**Die vorliegende Arbeit behandelt den Stamm der Iranche-Indianer im brasilianischen Staate Mato Grosso; neben der Verwendung der bereits von Candido Rondon und Max Schmidt veroeffentlichten Eizelheiten erbringt der Verfasser eine grosse Menge von eigenen Beobachtungen, die das Bild dieses bisher recht duerftig bekannten Stammes wesentlich bereichern. Unveroeffentlicht waren auch bisher die beigegebene Reisekarte von J. Dornstauder SJ und dessen vorzuegliche Angaben ueber die Indianer von Mato Grosso.**

**Durch mehrjaehrigen Aufenthalt in Mato Grosso und persoenlichen Verkehr mit den Iranche ist der Verfasser wie kein anderer imstande, zuverlaessige Angaben ueber die Geschichte, Gebraeuche und Mythologie des Stammes zu machen. Besonders wertvoll ist ein erstmaliger Versuch die eigentuemliche Sprache der Iranche nach Wortschatz und Grammatik darzustellen; wer die Scheuheit und das Misstrauen der Indianer kennt, der wird es verstehen, wenn der Verfasser seine Arbeit als eine erste Annaeherung an die Kenntnis der Iranche bezeichnet, die der Forschung der Zukunft noch manche ungeloeste Fragen ueberlaesst.**

**Es handelt sich um einen wertvollen Beitrag zur Voelkerkunde Brasiliens.**

**Os Iranche**

**O artigo — Os Iranche — revela dados inéditos sôbre o modo de vida tribal dos Iranche do Estado de Mato Grosso, Brasil, e sua língua especial. Aduz também as poucas notas que Rondon e Max Schmidt, nos deixaram sôbre esta tribo. O documento fotográfico e roteiro de viagem, elucidam e aumentam ovalor para a história e o estudo etnográfico.**

**Na primeira parte, dedicada à história da relação entre civilizados e iranche, se descrevem os últimos dias da tribo no seu habitat tribal, pois ela se encontra atualmente em estado de aculturação, devido os três fatores conjugados: epidemias e gripe coreana, lutas entre os grupos iranche entre si, e por fim o ataque de índios inimigos.**

**Na segunda parte se coligem notas sôbre a cultura material e imaterial, caracterizadas pela brevidade, fruto de observações rápidas e necessàriamente incompletas de quem lida com a salvação de um mundo medroso, que não conta o que é seu.**

**Na terceira parte fica exarado um documento específico, a língua, aprendida dia a dia na aculturação iranche, fora do território índio em quase sua totalidade. O estudo desce desde o vocabulário até ao sistema de formação de expressão, possibilitando um traquejo inicial da língua. O complemento de tal estudo é a análise de texto.**

# Die Auslese im Naturversuch

B. RAMBO S.J.

Seit dem Erscheinen des Darwinschen Hauptwerkes im Jahre 1859 bildet die natuerliche Auslese einen der Eckpfeiler der Abstammungslehre. Waehrend der lamarckistische Bestandteil bei Darwin der Nachpruefung nicht standgehalten hat und durch die Mutationen ersetzt werden musste, besteht der Neudarwinismus nach wie vor mit der groessten Entschiedenheit auf der natuerlichen Auslese als der ordnenden und leitenden Wirkkraft bei der Entstehung neuer Arten.

Freilich haben von Anfang an die Zweifler nicht gefehlt, die der Auslese diese entscheidende Rolle absprechen; die Auslese, so liest man immer wieder, sondere nur das bereits Vorhandene aus, bringe aber nichts Neues hervor. Der kaum verhaltene Zorn, der in den Antworten der Neudarwinisten gegen diesen nie ganz zum Schweigen gebrachten Einwurf mitzittert, weckt den Verdacht, als seien auch sie nicht voellig von der Wirkung der Auslese ueberzeugt. Daran aendern auch die mathematischen Modelle nichts, mit denen sie die Werkstatt der Auslese nachbauen und verstaendlich machen wollen; ist doch die mathematische Formel nur soviel wert, als ihre Grundvoraussetzug stimmt.

Die Abstammungsforschung ist heute, dem Zug der Naturwissenschaften entsprechend, zum guten Teil in den biologischen Werkraum und in den Versuchsgarten verlegt worden: vielleicht lohnt es sich, die Frage einmal von der voellig vorurteilslosen Naturbeobachtung aus anzugehen. Denn schliesslich handelt es sich nicht darum, wie sich die Lebewesen unter den kuenstlichen, und deshalb geschichtslosen, Bedingungen des Versuches verhalten; sondern um den natuerlichen und geschichtlichen Werdegang der Lebensreiche auf der Erde.

Aus diesem Grunde will ich hier die Frage stellen, *inwieweit sich die Auslese im Sinne des Neudarwinismus als artenschaffende Wirkkraft im grossen Naturversuch kundtut.* Als Botaniker beschraenke ich mich dabei auf die suedbrasilianischen Phanerogamen; das aus zwei Gruenden: einmal, weil Suedbrasilien ganz vorzuegliche Untersuchungsbedingungen bietet; dann, weil mir dieses Gebiet aus 27jaehriger Feldarbeit hinreichend bekannt ist.

## *I. Der suedbrasilianische Raum.*

Im gewoehnlichen Sprachgebrauch umfasst die Bezeichnung "Suedbrasilien" die drei Suedstaaten Paraná, Sta. Catarina und Rio Grande do Sul, mit einer Gesamtoberflaeche von 580.184 Geviertkilometern. Zu Suedbrasilien im pflanzengeographischen Sinn muss aber auch noch Uruguay gerechnet werden mit 186.926, und das argentinische Zwischenstromland (Misiones, Corrientes, Entrerrios) mit 186.203 Quadratkilometern. Das ergibt ein Gesamtgebiet von 953.313 Quadratkilometern; nimmt man noch den oestlichen Grenzstreifen von Paraguay dazu, dann kann man den hier untersuchten Raum auf eine Million Quadratkilometer abrunden.

Die Einbeziehung dieser Nachbargebiete ist umso notwendiger, als einerseits der subtropische Regenwald im suedlichsten Brasilien vornehmlich aus dem Stromgebiet des Paraná gespeist wird; waehrend andererseits von Westen und Sueden her eine beachtliche Menge von Staemmen eindringt, die nach dem Wendekreis hin immer mehr versickern.

*1. Grosslandschaften.* — Fuer den hier gesteckten Zweck kann man den suedbrasilianischen Raum unterteilen, wie folgt:

a. *Die Tiefebene* im Sueden und Suedwesten. — Sie umfasst, den mittleren und noerdlichen Teil von Misiones ausgenommen, das argentinische Zwischenstromland; den groessten Teil von Uruguay; den Suedwesten und den mittleren Durchgang von Rio Grande do Sul.

Die heutige Oberflaeche ist geologisch jung; soviel bekannt, wurde sie erst gegen Ende des Tertiaers endgueltig vom Meere freigegeben.

b. *Das Huegelland im Suedosten.* — Am Ufer des La Plata beginnend, zieht sich diese Landschaft durch Mittel- und Osturuguay, bedeckt in Rio Grande do Sul das suedoestliche Viertel des Staates mit Ausnahme des Kuestenstreifens, und findet bei Porto Alegre auf dem 30. Breitegrad seine noerdliche Grenze. Im Sueden von Sta

Catarina, etwa auf dem 29. Breitegrad, taucht es wieder auf und begleitet dann mit staendig steigender Hoehe als brasilianisches Kuestengebirge (Serra do Mar) den Atlantik bis in den Nordosten von Brasilien. In Uruguay und Rio Grande do Sul geht die Hoehe nicht ueber 600 Meter; meist liegt sie zwischen 200 und 300.

c. *Der Kuestenstreifen.* — Waehrend in Uruguay, und in Sta Catarina vom 29. Breitegrad an noerdlich, die Serra do Mar bis an den Atlantik vorstoesst, bleibt in Rio Grande do Sul ein 600 Kilometer langer und durchschnittlich 50 Kilometer breiter Sandstreifen frei, der zur Haelfte von Haffen, Suesswasserseen und Suempfen durchsetzt ist. Die Meereshoehe erreicht nur bei Torres 50 Meter, wo ein Sporn des Hochlandes bis in den Atlantik vordringt; noerdlich davon setzt sich die Kuestenebene noch einen Breitegrad in Sta Catarina fort.

d. *Das Hochland.* — Diese Grosslandchaft umfasst mehr als die Haelfte des hier untersuchten Raumes. Die ganze Nordhaelfte von Rio Grande do Sul, etwa zwei Drittel von Sta Catarina, sowie die Mitte und der Westen von Paraná gehoeren dazu. Ohne auffaellige Erhebungen auf der Oberflaeche, beginnt das leicht gewellte, nur von den tiefen Schluchten der Fluesse unterbrochene Gelaende mit 300 Metern im mittleren Westen von Rio Grande do Sul, und steigt langsam auf mehr als 1000 im Suedwesten von Paraná; noch ausgesprochener ist die Steigug in nordoestlicher Richtung, wo sie schon noerdlich von Torres 1000 Meter erreicht, um zwei Breitegrade noerdlicher. etwa auf dem Schnittpunkt des 28. Breitegrades mit dem 50. Laengegrad, mit 1821 Metern den hoechsten Punkt Suedbrasiliens zu erreichen (Morro Bela Vista auf dem Campo dos Padres).

e. *Der Bruchrand* des Hochlandes. — Als Sued- und Ostgrenze des Hochlandes gehoert der Rand eigentlich zu dieser Grosslandschaft; wegen seiner eigenartigen und fuer die spaeteren Eroerterungen wichtigen Eigenschaften muss er hier gesondert behandelt werden. Da er naemlich im Osten eine durchgehende Steilmauer darstellt, bildet er dort eine scharfe Pflanzengrenze, die von dem tropischen Kuestenwald nirgends ueberschritten wird. Im Sueden dagegen wird er von einem halben Dutzend Fluessen durchbrochen und streckenweise ueber 50 Kilometer tief

zerlegt, so dass der subtropische Regenwald tief in die Taeler eindringen kann. Waehrend die vielfach zerschnittenen Randteile des Suedens, von 300 Metern an der argentinischen Grenze auf 1000 an der Ecke von Torres ansteigen, geht die Hebung an der glatten Steilwand des Ostens bis 1821 auf dem 28. Breitegrad und sinkt dann langsam ab; im Westen von Paraná betraegt die Hoehe immer noch 900 Meter.

2. *Erdgeschichte.* — Die erdgeschichtlichen Vorgaenge, die zur Ausbildung der suedbrasilianischen Grosslandschaften gefuehrt haben, liegen in ihren Grundzuegen deutlich vor Augen.

Der aelteste Kern Suedbrasiliens — wie Brasiliens und Suedamerikas ueberhaupt — ist der sogenannte Brasilische Block, azoischer Granit und Gneis, der bis zum Ende des *Palaezoikums* als schmale Halbinsel mit vorgelagerten Inselfluren vom Wendekreis an bis zur La Platamuendung vorsprang. An wenigen Stellen, so auf den hoechsten Erhebungen des riograndischen Suedostens, finden sich noch Ueberbleibsel palaeozoischer Glimmerschiefer, die man dem Algonkium zuschreibt.

An den westlichen Rand dieses Kerns lagerten sich im *Perm* Meeresbildungen ab, die zu unterst aus Driftkonglomeraten, wahrscheinlich von strandenden Eisbergen abgesetzt, bestehen; die oberen Schichten bauen sich aus Tonschiefer auf, der vielerorts oelhaltig ist. In den Randgebieten trifft man, mit Tonschiefer abwechselnd gelagert, abbauwuerdige Kohle. Die Meeresfauna mit Mesosaurus und Stereosternum, wie auch die typische Glossopterisflora der Kohle beweisen einen Landzusammenhang mit Suedafrika und anderen Gebieten des alten Gondwanalandes.

In der *Trias* wich das Meer nach Westen zurueck — die Anden waren damals noch nicht da — und die Sandwueste nahm Besitz vom groessten Teil des hier untersuchten Gebietes. Der rote, nur in den untersten Lagen fossilfuehrende Sandstein (Rhynchosaurier, verkieselte Araucariaceen) bildet auch heute noch das bestimmende Gestein im ganzen riograndischen Teil des Tieflandes, und strahlt von dort aus nach den uruguayischen und argentinischen Grenzstrichen aus. Als ununterbrochener Horizont zieht er sich den ganzen Suedrand des Hochlandes entlang, wobei seine Meereshoehe zwischen 100 und 300 Metern liegt; bei Torres, dem Eckpfeiler der Serra Geral, sinkt er bis zum Meeresspiegel herab; am Campo dos Padres steigt er durch staffelweise Hebung auf 1500 Meter empor; nach Norden laesst er sich quer durch Sta Catarina, Paraná und S. Paulo hindurch bis in den Sueden von Matogrosso verfolgen.

Am Ende der Trias oder im spaeteren Verlauf des *Mesozoi-*

*kums* wurde die ganze Triaswueste von leichtfluessigen Spaltenergueſſen ueberflutet, deren Dicke von wenigen Metern im Suedwesten bis zu 600 am Ostrand ansteigt. Gegen Ende des Mesozoikums wurde das ganze, weit ueber eine Million Quadratkilometer grosse Gebiet, von einem rechtwinkelig aufeinanderstehenden Spaltensystem durchsetzt, das noch heute im Verlauf der Serra Geral und der Flusstaeler seinen Ausdruck findet. Der Ostfluegel des Hochlandes brach ab und versank als Festlandschelf im Atlantik. Eine isostatische Hebung des Westfluegels setzte ein, die anscheinend heute noch nicht ganz zur Ruhe gekommen ist. Dadurch wurde der Ostrand aufgewulstet, und das ganze Hochland als Kippscholle nach Suedwesten geneigt.

Anscheinend drang im *Tertiaer* das Meer noch einmal von Westen und Sueden her ein und zerstoerte die dort von jeher schwachen Raender des Hochlandes. Die Ausraeumung ging ueberall bis auf den triassischen Sandstein, gegen den Rand des Huegellandes hin sogar bis auf die permischen Schiefer und Kohlelager. Waehrend der heutige Steilrand des Hochlandes die Kueste bildete, ragte das Huegelland vom 30. Breitegrad an bis zur La Platamuendung als Inselflur hervor.

Am Ende des Tertiaer war jedenfalls die riograndiche Tiefebene schon wieder vom Meer entbloesst, was die zahlreichen Reste von Edentaten (Megatherium, Mylodon, Glyptodon) sowie verstreute Fossilien von Mastodon americanus beweisen.

Im *Quartaer* esfolgte dann durch die heute noch andauernde Hebung der ganzen suedbrasilianischen Kueste die Bildung der Kuestenlandschaft. Palaentologisch gesehen, herrscht in Suedbrasilien eine bedauerliche Luecke, die von der unteren Trias, hier Rio do Rasto genannt, bis in das Pleistocaen geht.

Das wichtigste Ergebnis dieser erdgeschichtlichen Uebersicht ist, dass der suedbrasilianische Raum bis zum Beginn des Quartaers eine *Halbinsel* war, und bis heute eine *pflanzengeographische Halbinsel* geblieben ist. In seinen suedlichsten Auslaeufern war er sogar im Tertiaer noch eine Inselflur, die in weitem, unterbrochenem Bogen ueber die Sierras der Provinz Buenos Aires und Cordoba's nach den Anden hinueberwies.

Diese Tatsache ist fuer die Florengeschichte von ausschlaggebender Bedeutung. Auch nach der Auffaltung der Anden im Tertiaer und dem Verschwinden der seichten Pampasmeere hat die Flora des suedbrasilianischen Raumes ihren Halbinselcharakter treulich bewahrt. Im Osten bildet der Atlantik eine scharfe Grenze; im Sueden und Westen fordern Landschaft und Klima eine voellig andersgeartete Flora, sei es aus dem Bestand der jungen Pampa, sei es aus den aelteren Anden, von der ein bedeutender Hundertsatz in Sued-

brasilien seine Heimat gefunden hat. Nur im Norden haengt die Halbinsel breit mit dem Urherd der suedamerikanischen Tropenflora zusammen, was in dem unbedingten Vorherrschen der von dort eingewanderten Arten und Staemme zum Ausdruck kommt.

## *II. Die Grossformationen.*

Dieses Gebiet ist von einer geschlossenen Pflanzendecke besetzt. Das ist bei dem subtropischen Klima; bei der ziemlich gleichmaessig ueber das ganze Jahr verteilten Regenmenge zwischen 1 und 2,5 Metern; und auf dem ueberall genuegend tief zersetzten Boden nicht anders zu erwarten. Nur am Ostrand des suedbrasilianischen Hochlandes und an wenigen hochgelegenen Stellen des Innern sinkt die Temperatur bisweilen auf 10 Grad unter Null und bringt schnell dahinschmelzenden Schnee in den Monaten Juni und Juli; waehrend der gleichen Jahreszeit sind im ganzen uebrigen Gebiet scharfe Nachtfroeste nicht selten, aber das Pflanzenleben kommt auch im Winter nicht voellig zum Stillstand.

Trotz dieser allgemeingueltigen Bedingungen gibt es in einem so ausgedehnten Raum selbstverstaendlich eine grosse Anzahl von Formationen. Die eine oder andere davon, wie die Prosopis-Steppe (Parque mesopotámico) des argentinischen Zwischenstromlandes, reicht nur in ihren oestlichsten Auslaeufern in den riograndischen Westen herein; andere, wie Felsenheide, Suesswassersumpf, Galleriegehoelz, Meeresstrand, sind ebenfalls von zweitrangiger Bedeutung, zumal sie florengeschichtlich mit der Grossformation Kamp vereinigt werden muessen.

So bleiben nur drei Grossformationen uebrig, die fuer den hier verfolgten Zweck untersucht werden muessen: der subtropische Regenwald, der Araukarienwald und der Kamp.

*1. Der subtropische Regenwald.* — Dieser Wald ist eine Ausstrahlung und eine stark verminderte Ausgabe des brasilianischen Tropenwaldes.

a. *Sein Gebiet* erstreckt sich auf der attlantischen Seite bis zum 30. Breitegrad, am Uruguayfluss im Westen dagegen nur bis zum 28. Suedlich davon gibt es nur noch kleinere oder groessere Waldinseln und Uferwaelder, die den Uruguay und Paraná entlang bis zu deren Vereinigung gehen und ihre letzten Auslaeufer bis an das argentinische Ufer des La Plata senden.

Bei naeherem Zusehen handelt es sich um zwei, in ihrem Artenbestand recht verschiedene Stroeme.

Der eine kommt die atlantische Kueste entlang und

bedeckt das Flach- und Bergland zwischen dem Ostrand des Hochlandes und dem Meer. Sein grosser Reichtum an Orchideen, Bromeliaceen, Araceen und anderen hochtropischen Gruppen gibt ihm ein entschiedenes Gepraege. In Rio Grande do Sul dringt er nur durch die schmale Pforte von Torres ein, schwenkt dann nach Westen ab, folgt dem Suedrand des Hochlandes und versickert gegen die Mitte des Staates hin vollstaendig; die noch bei Santa Cruz nesterweise auftretende Palme Euterpe edulis mag als seine aeusserste Wanderspitze betrachtet werden.

Der andere Strom stammt aus dem Flussgebiet des Paraguay-Paraná. Von Westen aus dringt er tief in die Taeler des Iguassú und Uruguay ein, wobei er ueberall ueber die unteren Wasserscheiden der Nebenfluesse hinweggreift. Dadurch entstehen am mittleren Paraná, am unteren Iguassú und am Nordwestknie des Uruguay ausgedehnte Waldlaender, die noch in Rio Grande do Sul 100 bis 150 Kilometer breit sind. Auf der Wanderung nach Sueden den Uruguay entlang erreicht dieser Wald den Suedrand des Hochlandes und bildet, den zerrissenen Steilhang entlang und in den Flusstaelern, einen geschlossenen Guertel von 50-150 Kilometer Breite, wobei er sich von der Mitte des Staates an mit dem viel schwaecheren Kuestenstrom trifft und mischt. Im Sueden tritt dieser Wald ueberall ein Stueck auf die Tiefebene ueber, bis er sich in Waldinseln und Uferwaelder aufloest und endlich ganz vom Kamp ersetzt wird. Im Norden trifft er, wenigstens von der Mitte von Rio Grande do Sul nach Osten, an der oberen Kante des Steilhanges zuerst auf einen Streifen Araukarienwaldes, der seinerseits bald dem offenen Kamp platzmacht.

Daraus geht hervor, dass sich die beiden Stroeme nur im oestlichen Teil des Suedrandes begegnen und zu ungleichen Teilen durchdringen; im ganzen uebrigen Verlauf bleiben sie durch den Ostrand des Hochlandes, den Araukarienwald und den Kamp der Hochflaechen getrennt. Als Grossbild gesehen, ist also der suedbrasilianische Regenwald ein gewaltiger Guertel, der sich um den West- Sued- und Ostrand des Hochlandes herumlegt und durch die nach Westen und Sueden geoeffneten Flusstaeler fransenartig eindringt; seine Ausstrahlungen nach Sueden loesen sich in Waldinseln und Uferwaelder auf.

b. *Seine floristische Zusammensetzung* umfasst nach meinen Zaehlungen rund 800 Arten (Phanerogamen!) in 367

Gattungen und 87 Familien; bei restloser Erfassung duerfte sich diese Zahl auf 1000 erhoehen. Da die Gesamtzahl der bis jetzt verzeichneten Phanerogamen in Rio Grande do Sul in 152 Familien und 901 Gattungen etwa 4500 betraegt, eine Zahl, die auch in Zukunft wahrscheinlich 5000 nicht weit uebersteigen wird, kann man den Anteil des Regenwaldes auf 20% veranschlagen.

c. *Sein Aufbau* ist in beiden Stroemen und im ganzen Gebiet durchaus einheitlich. Eine genaue Untersuchung des Regenwaldes am oberen Uruguay, die sich allerdings nur auf 400 Arten erstreckt, ergibt folgendes Bild:

Teilt man den Wald in seine drei natuerlichen Bereiche ein, naemlich Aussenrand, Flussufer und Inneres, dan ergeben sich — unter strengstem Ausschluss aller Unkraeuter und Einschlepplinge — fuer den Aussenrand 124 Arten = 31%; fuer die Flussufer 21 = 5,25%; fuer das Waldinnere 255 = 63,75%.

Das reife Waldinnere besteht aus sechs Stockwerken, die man ohne Kuenstelei folgendermassen unterscheiden kann: Bodenkraeuter 46 Arten = 11,5%; Straeucher bis zu Mannshoehe 75 = 18,25%; Kleinbaeume bis zu 15 Metern 90 = 22,5%; Kletterer und Lehnstraeucher 116 = 29%; Hochbaeume bis zu 30 Metern 50 = 12,5%; Ueberpflanzen und Schmarotzer 25 = 6,25%. Dieses Bild ist insofern unvollstaendig, da das Kleinzeug und die Lueckenfueller, besonders Bodenkraeuter und Nistpflanzen, sicher einen viel groesseren Anteil nehmen, als aus einer nur zur Haelfte durchgefuehrten Untersuchung hervorgehen kann; andererseits ist der bestimmende Teil des Waldes, naemlich die Straeucher, die Kleinbaeume, die Kletterpflanzen und die Hochbaeume, genuegend erfasst, um ein allgemeingueltiges Bild des suedbrasilianischen Regenwaldes zu entwerfen. Wenn auch am Suedrand des Hochlandes 73 = 18,25% der Arten des Uruguaywaldes, darunter 6 Hochbaeume, fehlen; und der Kuestenwald in mindestens der Haelfte der Arten verschieden ist: so bleibt doch der allgemeine Aufbau ueberall der gleiche.

2. *Der Araukarienwald.* — Dieser Wald, nach dem alles beherrschenden Baum Araucaria angustifolia benannt, ist eigentlich in noch hoeherem Masse Regenwald als der oben behandelte; die Unterschiede sind aber so gross und durchgehend, dass man ihn ueberall saeuberlich abtrennen kann.

a. *Sein Gebiet* ist schon oft mit mehr oder weniger Glueck Gegenstand der Darstellung gewesen; die einzige Karte, die der Wirklichkeit nahekommt, ist die von K. Hueck; aber auch sie geht fehl in der Annahme, es gebe noch verstreute, natuerliche Vorkommen der Araukarie suedlich des 30. Breitegrades.

Man kommt dem Verbreitungsbild des Araukarienwaldes am naechsten, wenn man ihn als Guertel an den inneren Rand des subtropischen Regenwaldes anlegt; dabei bleibt nur im Westen von Rio Grande do Sul eine Luecke offen; die letzten Ausstrahlungen nach Norden, São Paulo und das Bergland von Minas Gerais, koennen ausser Betracht gelassen werden.

Tatsaechlich stoesst der von Osten, Sueden und Westen das Hochland umschliessende Regenwald an der oberen Kante des Steilhanges ueberall zuerst auf den Araukarienwald, den er zuerst in groesserer oder geringerer Breite durchsetzt, um ihm schliesslich die Alleinherrschaft zu lassen. Die Flusstaeler entlang wiederholt sich das gleiche Spiel: der in den Schluchten alleinherrschende Regenwald wird am oberen Rande vom Araukarienwald abgeloest, und auf diesen folgt der Kamp.

Aber auch auf dem Kamp, besonders gegen den Ostrand des Hochlandes hin, gibt es unzaehlige Waldinseln, denen die Schirmdaecher der Araukarien das Gepraege verleihen.

b. *Seine floristische Zusammensetzung* ist wegen der ueberall wechselnden Durchsetzung mit Bestandteilen des Regenwaldes und des Galleriegehoelzes schwer zu umgrenzen; am besten untersucht man sie am Ostrand des Hochlandes, wo sich an der oberen Kante, zwischen dem aus der Kuestenebene heraufbrandendem Regenwald und dem Araukarienwald, ein Streifen Nebelwald einschiebt.

Die seit fast 20 Jahren sehr sorgfaeltig durchgefuehrte Bestandaufnahme des Araukarienwaldes am Ostrand des riograndischen Hochlandes ergibt die niedrige Zahl von 239 Phanerogamen; dabei darf aber nicht verschwiegen werden, dass der Grossteil der riograndischen Farne und Moose dort beheimatet ist, darunter in ungeheurer Menge der Baumfarn Dicksonia sellowiana. Von diesen 239 Arten muessen aber noch 84, meist Bodenkraeuter, kleine Straeucher und Nistpflanzen, abgezogen werden, die von den Bergflanken herauf ihren Weg in das geschuetzte Innere des Araukarienwaldes gefun-

den haben; es bleiben somit nur 155 wesentliche Begleiter der Araukarie uebrig.

c. *Sein Aufbau* laesst ebenfalls eine Scheidung in sechs Stockwerke zu: Bodenkraeuter und niedrige Straeucher bis zu 50 cm: 49; Straeucher bis zu Mannshoehe: 80; mittlere Baeume bis zu 15 Metern: 40; Kletterer und Lehnstraeucher: 44; Hochbaeume: 1 (Araukarie); Nistpflanzen und Schmarotzer: 25.

Diese Aehnlichkeit im Aufbau darf aber nicht die falsche Vorstellung wecken, als bestehe wenig Unterschied zwischen den beiden Waldformationen. Waehrend naemlich die Lueckenfueller: Bodenkraeuter, Straeucher, Kletterer und Nistpflanzen sich im Regenwald und im Araukarienwald wesentlich gleich verhalten; bilden die halbhohen Baeume mit ihren Kronen ein geschlossenes, freies Dach, aus dem die Staemme des obersten Stockwerkes zehn bis zwanzig Meter frei herausragen, um dann ein zweites, nicht minder geschlossenes Dach zu bilden. Zudem gedeihen die drei unteren Stockwerke des Regenwaldes nur im Schutz der Hochbaeume; im Araukariengebiet dagegen sieht man ausgedehnte Waldinseln, die sich voellig normal entwickeln, ohne dass auch nur eine einzige Araukarie darin steht. Daher kommt es auch, dass die uebrigen Stockwerke des Regenwaldes bei Zerstoerung der Hochbaeume zugrundegehen, wenn nicht durch schnellwachsende Saemlinge oder Stockausschlaege schnell eine Erneuerung des Schutzdaches kommt; den unteren Stockwerken des Araukarienwaldes dagegen tut das Faellen des Hochbaumes keinen Abbruch. Dementsprechend sind die Arten der unteren Stockwerke des Araukarienwaldes vielfach die gleichen, die sich als Galleriegehoelz die Wasserlaeufe entlang finden, vermischt mit solchen aus dem araukarienfreien Nebelwald und Einwanderern aus dem anstossenden Regenwald. Trotz aeusserer Aehnlichkeit herrscht also in den beiden Waldformationen eine sehr verschiedene Dynamik; spaeter werde ich noch einmal auf diese Unterschiede zurueckgreifen muessen.

3. *Der Kamp.* — Zwei Drittel der Oberflaeche von Rio Grande do Sul — Gesamtoberflaeche 285.289 Quadratkilometer — waren urspruenglich mit Kamp (Niedergrassteppe) besetzt, und nur ein Drittel mit Wald. Waehrend der Regenwald heute zum groessten Teil als Ackerboden dient und der Araukarienwald einer immer

staerkeren Holzausbeutung unterliegt, ist der Kamp durch die zweihundertjaehrige Grossviehzucht nur unwesentlich veraendert worden.

a. *Sein Gebiet* nimmt vor allem die ganze Suedhaelfte des Staates Rio Grande do Sul ein, also die Tiefebene, das oestliche Huegelland und den Kuestenstreifen. Waehrend ihn im suedwestlichen Viertel nur die duennen Galleriegehoelze an den Wasserlaeufen durchbrechen; kommen im Huegelland, vor allem an der atlantischen Abdachung, ansehnliche Waldflecke vor; dasselbe gilt noch mehr vom oestlichen Teil des mittleren Durchgangs; die Kueste ist zum guten Teil mit bewachsenen Suempfen und niedrigen Duenenwaeldchen besetzt. In Sta Catarina (94.998 Quadratkilometer) nimmt der Kamp, zudem noch stark von Araukarienwaeldern durchsetzt, nur ein bescheidenes Gebiet ein, das sich im mittleren Sueden des Staates um Lages und S. Joaquim zusammendraengt.

In Paraná finden sich freie Kampflaechen auf dem sogenannten zweiten Hochland in der Mitte und auf dem dritten Hochland im Westen beiderseits des mittleren Iguassú; sie bedecken nur 16.850 Quadratkilometer.

Man kann also auf dem suedbrasilianischen Kamp ohne Zwang fuenf Provinzen unterscheiden:

Die erste ist der Kamp des Tieflandes, die den riograndischen Suedwesten und den groessten Teil von Uruguay bedeckt. Je weiter man nach Sueden kommt, desto kuemmerlicher werden die Gehoelze, sodass schon im Westen von Rio Grande do Sul die Grasfluren voellig das Landschafstsbild beherrschen; daran aendert auch die stellenweise hereinstrahlende Prosopissteppe aus dem argentinischen Zwieschenstromlande nichts.

Die zweite ist das Huegelland im Osten, das sich von Porto Alegre bis Montevideo erstreckt. Schematisch gesehen, hat hier die Pflanzendecke folgenden Bau: Suempfe in den Schwemmebenen und die Seeufer entlang; Hochwald, manchmal in ansehnlicher Ausdehnung, in den tiefen Taelern zwischen den Granithuegeln; Galleriegehoelze und lichtes Gestruepp oberhalb dieser Waldkerne bis zu etwa zweidrittel Hoehe der Huegel; mehr oder minder reiner Kamp auf allen Kuppen.

Die dritte ist die Kueste. Hier bedeckt der eigentliche Kamp nur die feuchten Niederungen und, von mancherlei Zwergstrauechern unterbrochen und ohne Schliessung der Grasnarbe, die sanften Wellen verfestigter Duenen; der

groesste Teil der Oberflaeche wird von offenen Flachseen, ueberwachsenen Rhynchospora-Suempfen, halbhohem Sumpfwald und dicht verfilztem Duenengestruepp eingenommen.

Die vierte ist das mittlere und westliche Hochland, wo der freie Kamp auf allen Wasserscheiden vorherrscht, doch nie so ausgedehnt, dass man nicht ringsum die stark entwickelten Uferwaelder der Fluesse saehe; nach Osten hin schieben sich die Araukarienwaldinseln mehr und mehr bestimmend in das Blickfeld ein.

Die fuenfte ist der Ostrand des Hochlandes zwischen dem 30. und 28. Breitegrad, wo die Araukarienwaelder und der Kamp etwa zu gleichen Teilen die Oberflaeche bedecken. Wegen des ueberaus regenreichen — bis zu 2,5 Meter im Jahr — und nebelfeuchten Klimas ist der Boden staendig mit Wasser uebersaettigt und oft bis auf den gewachsenen Fels von Rohhumus geschwaerzt. Zahllose Eryngium-Suempfe begleiten die Wasserlaeufe und fuellen die Niederungen aus. Gehaengesuempfe mit Sphagnum, Eryngium, Xyris steigen sogar die Bergflanken hinauf. Am besten ist dieser ueberfeuchte Kamp auf dem Campo dos Padres entwickelt, wo selbst die Araukarie zuruekweicht, um Suempfen und Nebelwaeldern Platz zu machen. Die hoechste Erhebung Suedbrasiliens, der Morro Bela Vista auf dem Campo dos Padres (1821 Meter) traegt eine versumpfte Hochflaeche, auf der im Januar die grossen violettblauen Blueten der Utricularia reniformis zu Hunderten aus dem Gras ragen.

b. *Seine floristische Zusammensetzung* enthaelt mindestens 3500 Arten, von denen etwa ein Drittel auf nur vier Familien entfaellt: Kompositen, etwa 500, darunter allein 100 Baccharis, etwa 70 Eupatorium, mehr als 50 Vernonia: Graeser, mehr als 350, mit besonders starker Entfaltung von Paspalum, Panicum, Andropogon, Eragrostis, Stipa, Aristida; Leguminosen, 219 Arten auf dem Kamp, besonders aus den artenreichen Gattungen Mimosa, Desmodium, Phaseolus; Cyperaceae, mehr als 100 Arten, vor allem aus den Gattungen Cyperus, Rhynchospora, Carex. Um noch einige andere wichtige Gruppen zu nennen, sei hingewiesen auf die starke Formentfaltung von Petunia, 27 Arten mit Entstehungsherd in Suedbrasilien; die aufrechten Arten der Gattung Oxypetalum, allein in Rio Grande do Sul 24 Arten; die aufrechten Mikaniae, etwa 10 im gleichen Raum; Eryngium mit rund 40 riograndischen Arten,

davon die meisten im Sumpf, aber auch manche auf dem trockenen Kamp.

c. *Sein Aufbau* ist naturgemaess voellig verschieden von dem des Waldes; waehrend sich der Wald in senkrechten Stockwerken staffelt, wie sie dem Lichtbeduerfnis der Arten entsprechen, breiten sich die Kleinformationen des Kamps in waagrechter Richtung aus, wobei Boden und Feuchtigkeit den Ausschlag geben.

Eine allgemeine Untersuchung dieser unendlich mannigfaltigen Verhaeltnisse steht noch aus; ich will mich hier auf ein einziges, gut durchforschtes Teilgebiet beschraenken, das in der feuchten Provinz des Hochlandes liegt.

Von den 742 Phanerogamen, die mir vom Ostrand des Hochlandes bekannt sind, gehoeren, wie schon oben gesagt, 239 in den Araukarienwald; dazu kann man noch weitere 27 Arten zaehlen, die in dem zumeist araukarienfreien Nebelwald gefunden werden.

Die uebrigen 486 Arten lassen sich drei Teilformationen des Kamps zuordnen.

Die erste ist die Felsenheide mit 25 Arten, worunter 13 niederliegende Straeucher und Polsterpflanzen, 6 Straeucher bis zu 1 Meter, und 4 bis zu 2 Metern.

Die zweite ist der halbtrokene Graskamp, einschliesslich kleiner Busch- und Strauchgesellschaften. Er enthaelt 281 Arten, worunter 47 nicht ueber 10 cm Hoehe, 196 bis zu 1 Meter, 33 Straeucher und Stauden bis 3 Metern, 4 Kletterer und 1 Schmarotzer (Cuscuta).

Die dritte ist der Torfsumpf, der selten als reine Sphagnumbestand ausgebildet ist; wegen des unbedingten Vorherrschens von Eryngium, meist Eryngium chamissonis, wuerde man ihn besser als Eryngietum bezeichnen. Er beherbergt 170 Arten, darunter 41 bis zu 10 cm, 83 bis zu 1 Meter, 40 bis zu 3 Metern, 6 Kletterpflanzen.

Eine aehnliche Unterteilung laesst sich ueber das ganze Gebiet des suedbrasilianischen Kamps durchfuehren, wobei allerdings die Artenzahl und die floristische Zusammensetzung stark aendern.

Aus der Vogelschau gesehen, faellt die konzentrische Verteilung der drei Grossformationen auf dem suedbrasilianischen Raum auf, wenigstens fuer das Hochland: auf den aeusseren Guertel des subtropischen Regenwaldes folgt der innere Guertel des Araukarienwaldes, der seinerseits

die freien Kampflaechen umrahmt und durchsetzt. Darin liegt ein starker Hinweis auf das oertliche Alter dieser Grossformationen, das uns im Folgenden vielfach beschaeftigen wird.

## *III. Geschichte der suedbrasilianischen Flora.*

Da zwischen der unteren Trias und dem Ende des Tertiaers keine Fossilien aus dem suedbrasilianischen Raum bekannt sind, laesst uns das klassische Hilfsmittel der Pflanzengeschichte, die Paleontologie, voellig im Stich. Die Glossopterisflora der permischen Kohlelager steht in keiner fassbaren Beziehung zu der heutigen Pflanzenwelt im gleichen Raum; die verkieselten Araucariaceenhoelzer aus der unteren Trias gehoeren zwar zu einer Gruppe, deren Endglied heute noch im gleichen Gebiete lebt; doch wird es fuer immer unmoeglich sein, eine Verbindung durch die Triaswueste und die mesozoischen Basalterguesse herzustellen.

Das Wenige, was an pflanzlichen Fossilien aus dem ausgehenden Tertiaer gefunden worden ist, zeigt uns eine Flona, die sich wesentlich mit der heutigen deckt; so die halb zu Braunkohle gewordenen Baumstaemme, die man zusammen mit dem Megatherium an den Ufern der Wasserrisse im riograndischen Suedwesten antrifft: sie gehoeren ganz sicher zur Gattung Gleditschia, wahrscheinlich zu der heute noch an Ort und Stelle haeufigen G. amorphoides.

Es bleiben somit nur mittelbare Wege uebrig, um in die Geschichte und Vorgeschichte der suedbrasilianischen Flora vorzustossen; es sind deren drei: die systematischen Berziehungen, das geologische Alter der heutigen Landschaft, das Verhalten der Formationen gegeneinander.

*1. Die systematischen Beziehungen.* — Schon den Sammlern und Bearbeitern der Flora Brasiliensis war der eigenartige Wechsel nicht unbekannt, der sich in der systematischen Stellung der Arten und Gruppen bemerkbar macht, je weiter man in Brasilien nach Sueden vordringt. Die Alleinherrschaft der neutropischen Einheiten wird im Sueden — im Gebirge schon von Minas Gerais, im ebenen Land etwa vom Wendekreis an — von zahlreichen Bestandteilen gebrochen, die fuer Suedamerika im andinen Raum beheimatet sind.

Daraus ergibt sich die Notwendigkeit, eine Scheidung der beiden Bestandteile zu versuchen, soweit sie fuer das Endziel der vorliegenden Untersuchung von Wichtigkeit erscheint. Wenn ich dabei den einen Bestandteil "andin", den anderen "brasilianisch" nenne, so sollen das nur bequeme Merknamen sein, die vorlaeufig nichts weiter bezeichnen sollen als eine Tatsache.

a. *Der andine Bestandteil.* — Ohne Anspruch auf Vollstaendigkeit machen zu wollen, zaehle ich hier die Familien und Gattungen auf, die ganz sicher ihren heutigen Mittelpunkt in den Anden haben: *Araucaria; Berberis;* Borraginaceae-Borragineae (Moritzia, Thaumatocaryon); Dyckia; Calyceraceae (Acicarpha, Boopis); Pnatia, Wahlenbergia; Arenaria, Cerastium, Paronychia, Spergularia, *Clethra;* Chaptalia, *Chuquiragua,* Gnaphalium, Gochnatia, *Grindelia, Hieracium,* Hypochoeris, Hysterionica, Moquinia, Mutisia, *Senecio,* Trixis und manche andere Kompositen, vornehmlich unter den Astereae und Mutisieae; *Griselinia;* Cardamine; *Carex,* Scirpus; *Pernettya, Gaultheria, Azara;* Geranium, *Viviania; Ephedra;* Agrostis, Bromus, Calamagrostis, *Deschampsia,* Festuca, Poa, Stipa, Aristida, *Cortaderia;* Hypericum; *Gunnera;* Sisyrinchium; Juncus, *Luzula;* Salvia; *Adesmia, Lathyrus, Lupinus,* Trifolium, Vicia; Loasaceae (Blumenbachia, Cajophora); Buddleia; *Drimys;* Martyniaceae (Craniolaria, Proboscidea); Myrceugenia; Oenotheraceae (Epilobium, *Fuschsia,* Jussieua, Oenothera); Bifrenaria, Bipinnula; *Oxalis; Plantago;* Monnina; Portulaca; Ranunculaceae (Anemone, Clematis, Ranunculus); Colletia, Discaria; *Acaena,* Geum, Margyricarpus; Relbunium, Rubia; Arjona; *Escallonia;* Castilleja, Scoparia; Nicotiana, Nierembergia, dazu die naheverwandte Petunia mit Entstehungsherd in Suedbrasilien; *Podocarpus; Tropaeolum; Eryngium,* aber mit einem mit einem klar gekennzeichneten Entstehungsherd im suedbrasilianischen Raum, aehnlich Hydrocotyle; *Valeriana; Viola;* Cissus.

Diese Aufzaehlung enthaelt, unter Weglassung vieler kleiner und mancher unsicherer Gattungen, nur die allerwichtigsten Staemme; die am meisten bezeichnenden sind durch Steildruck hervorgehoben.

b. *Der brasilianische Bestandteil.* — Wie wir sehen werden, enthaelt dieser aus Mittelbrasilien herunterkommende Strom weitaus die meisten Arten im suedbrasilianischen Raum; eine Aufzaehlung seiner Einheiten ist nicht notwendig, weil es sich um eine Selbstverstaendlichkeit handelt; und auch nicht tunlich, weil sie einer Gesamtuebersicht ueber die Flora gleich kaeme, was hier nicht beabsichtigt ist.

c. *Gegenseitiges Verhaeltnis.* — Zwei Beispiele moegen die Zahlenverhaeltnisse der beiden Bestandteile erlaeutern.

Das erste ist aus der Umgebung von Porto Alegre genommen, dessen Flora mir restlos bekannt sein duerfte. Auf einem Gebiet von rund 1500 Quadratkilometern finden sich dort so ziemlich alle Teilformationen zusammen, die fuer die zweite Provinz des Kamps, das suedoestliche Huegelland, bezeichnend sind: Sandige Schwemmebenen und Suempfe den Guaíba-Fluss entlang; gut entwickelte Waldkerne mit manchen Elementen aus dem Kuestenstrom im mittleren Teil der Bachttaeler; halbhoher Trokkenwald vom unteren Drittel der Granithuegel an, nach oben in lichten Busch (meist Dodonaea) auslaufend; freier Kamp auf den Kuppen, deren hoechste 314 Meter erreicht. Ein klassischer Gegenstand der Untersuchung ist der am Suedostrand der Stadt gelegene, von Lindman und Malme oft genannte Morro da Polícia.

Aus diesem Gebiet kenne ich 1288 Phanerogamen, darunter 943 Brasilianer = 73%, und 325 Andine = 27%.

Das zweite Beispiel ist von dem schon oft erwaehnten Ostrand des Hochlandes genommen; die Teilformationen umfassen Araukarienwald, Nebelwald, Felsenheide, Sphagnum- und Eryngiumsumpf, halbtrockenen Graskamp: wie oben bereits geschildert.

Von den 742 zwischen dem 29. und 30. Breitegrad und entlang den 50. Laengegrad gesammelten und bis jetzt bestimmten Phanerogamen gehoeren 545 = 74% zu brasilianischen Staemmen, 197 = 26% zu andinen.

Es mag auffallen, dass ich hier kein Beispiel aus dem Regenwald gebe. Das hat seinen einfachen Grund darin, das der subtropische Regenwald, jedenfalls in Rio Grande do Sul, in seinen reifen Teilen ueberhaupt keine andinen Staemme enthaelt. Die wenigen rankenden Vertreter andiner Gattungen (Mutisia, Blumenbachia, Cajophora, Tropaeolum) halten sich zwar oft am Rande oder an Lichtungen auf, niemals im reifen Innern; wie so manche andere Arten der Kampwaeldchen fristen sie in den unreifen Teilen des Regenwaldes ein vorueubergehendes Dasein.

Mir ist nur eine einzige Art andiner Herkunft bekannt, die auch am dunkelsten Boden des Regenwaldes ausgedehnte Bestaende bildet, naemlich Carex sellowiana; da sie aber auch an aehnlichen Stellen in den Kampwaeldchen des Suedens haeufig ist, mag sie als einzige Ausnahme den Weg in den Regenwald gefunden haben.

Somit ergeben sich, soweit bis jetzt Untersuchungen vorliegen, folgende Zahlenverhaeltnisse fuer die beiden Grundbestandteile der suedbrasilianischen Flora:

| | Brasilianer | | Andine |
|---|---|---|---|
| Subtropischer Regenwald ..... | 100% | — | 0% |
| Nebelwald des Ostrandes ..... | 85% | — | 15% |
| Araukarienwald des Ostens ..... | 82% | — | 18% |
| Kamp des Hochlandes ..... | 80% | — | 20% |
| Torfsuempfe des Hochlandes ..... | 64% | — | 36% |
| Felsenheide des Hochlandes ..... | 60% | — | 40% |
| Gesamtflora von Porto Alegre .... | 73% | — | 27% |
| Gesamtflora des Ostrandes ..... | 74% | — | 26% |

Man wird also nicht weit fehlgehen, wenn man den Gesamtanteil der Brasilianer in Kamp und Araukarienwald auf 75%, den der Andinen auf 25% veranschlagt.

d. *Ortsalter.* — Rein geographisch gesehen, kommt in dem Vorhandensein von 25% Andinen die raeumliche Naehe Suedbnasiliens zu den Anden zum Ausdruck, die seit dem Palaeozoikum ueber die Inselbruecke hinweg bestanden hat. Zum vollen Verstaendnis muessen aber zwei weitere Tatsachen erwaehnt werden: Einmal mag ein grosser Teil der Graeser unmittelbar aus der Pampa stammen; das gleiche gilt fuer manche andere Gruppen, wie Carex, Juncus, viele Mutisieae und Astereae. Zweitens laesst sich nicht verkennen, dass sich in Mittelbrasilien ein zweitrangiger und sehr alter Ausstrahlungsherd andiner Gruppen befindet, dessen Glieder zusammen mit den Brasilianern nach Suedbrasilien gekommen sind; dazu gehoeren artenreiche Gattungen wie Eryngium, Salvia, Petunia, die Singulifolii der Gattung Lupinus.

Fuer das oertliche Alter sind zwei Tatsachen wichtig: Die beiden Bestandteile sind sowohl auf dem Kamp als auch im Araukarienwald zu einer Floreneinheit verschmolzen. Das ist um so erstaunlicher, als der andine Teil schon von vorneherein Elemente der allerverschiedensten Herkunft enthaelt: Eigenschoepfungen der Anden wie die Tropaeolaceae, Calyceraceae, Loasaceae; "austral-antarktische" Gattungen wie Araucaria, Gunnera, Fuchsia, Griselinia; ausgesprochen "mediterrane" Fremdlinge wie Lathyrus, Lupinus, Vicia, Eryngium. Dass diese sonderbare Mischung von Staemmen in den Anden besteht, weist auf

voellig verschiedene Verteilung der Landmassen zur Zeit ihrer Erstentstehung hin; und dass sie sich in der fuer die Anden typischen Mischung in Suedbrasilien wiederholt, laesst nur zwei Erklaerungen zu: entweder ist sie von den Anden her eingewandert; oder, nach Irmscher wahrscheinlicher, sie stellt den verarmten Westfluegel der aeltesten Phanerogamenschicht in Suedamerika dar.

Fuer das hohe Ortsalter des Kamps und des Araukarienwaldes spricht auch die Tatsache, dass beide Bestandteile im suedbrasilianischen Raum eine ansehnliche Menge von Endemismen erzeugt haben, die sich vornehmlich am Ostrand des Hochlandes und auf den Granitkuppen des suedoestlichen Huegellandes zusammendraengen. Unter den 1288 Phanerogamen von Porto Alegre finden sich nicht weniger als 234 = 20% Arten, die nur auf diesem Huegelland bis hinunter nach Uruguay vorkommen; darunter sind sehr engbegrenzte Endemismen wie Moritzia ciliata, Plantago commersoniana, Eryngium megapotamicum.

Von diesen Endemismen gehoeren 72 sicher zu andinen Staemmen, 90 zu brasilianischen. Daraus geht hervor, dass sie beide zusammen die Erstbesiedlung des damals als Inselflur nach Sueden vorspringenden Gebietes getaetigt haben. Dafuer sprechen auch die Angleichungen in der oekologischen Form; so die Reihe Schlechtendalia luzulifolia-Plantago commersoniana-Eryngium eriophorum; Petunia rupestris-Verbena dissecta-Mimosa involucrata (Felsennheide des Hochlandes);

Zusammenfassend darf also festgestellt werden, dass die systematischen Beziehungen fuer Kamp und Araukarienwald ein hohes Ortsalter beweisen.

2. *Das geologische Alter der heutigen Landschaft.* — Dem Alter nach stuft sich die riograndische Landschaft von heute folgendermassen ab:

Die aelteste Oberflaeche sind die schon im Palaeozoikum vorhandenen Granitkuppen des suedoestlichen Huegellandes; darauf folgt das aus der Mitte des Mesozoikums stammende Hochland; in weiten Abstand kommt das erst gegen Ende des Tertiaers vom Meere freigegebene Tiefland; als juengste Grosslandschaft bildet sich im Quartaer der Kuestenstreifen; die tiefeingschnittenen Taeler des Hochlandes und die Schwemmebenen sind das Werk der gegenwaertigen Zeit. Diese Zeitfolge stimmt in grossen Zuegen mit der aus den systematischen Beziehungen gewonnenen Erkenntnis ueberein: Der Kamp ist urspruenglich auf dem Hochland und auf

dem Huegelland des Suedostens; sein Alter reicht tief ins Tertiaer hinunter. Ins Tiefland und an die Kueste ist dieser Kamp spaeter eingewandert, wie das weiter unten dargetan werden soll, und deshalb quartaer.

Der Regenwald dagegen, der ueberall nur den tiefzersetzten oder weitverfrachteten Boden der Jetztzeit innehat, ist ueberall ortsjuenger als der Kamp.

*3. Das gegenseitige Verhaeltnis der Grossformationen.* — Schon das allgemeine Verbreitungsbild von Regenwald, Araukarienwald und Kamp auf dem Hochland, sowie die in das Tiefland eingesprengten Waldinseln und Ufersaeume — zwei konzentrische Guertel mit ausgefranstem Rand und eingeschlossenen Grasflaechen — beweist unwiderleglich, dass in Suedbrasilien eine dynamische Verschiebung der Grossformationen vor sich geht. Rein statisch betrachtet, laesst sich natuerlich nicht entscheiden, wer im Vorruecken ist, wer im Weichen.

Indem ich die Enzeluntersuchungen ueber das Verhalten des Regenwaldes fuer das naechste Kapitel zurueckstelle, will ich hier nur dem Irrtum entgegentreten, als sei der Kamp durch Besitznahme von Waldboden entstanden. Das ist schon aus den heutigen klimatischen Verhaeltnissen unmoeglich. Unter subtropischer Temperatur und 1,5 - 2,5 Meter Regen gleichmaessig durch das ganze Jahr ist der Regenwald, nicht die Niedergrassteppe, die gegebene Formation. Man darf die regenarmen, periodisch sogar regenlosen, Verhaeltnisse Mittelbrasiliens nicht auf den suedbrasilianischen Raum uebertragen.

Die Ansicht, als habe die Einwirkung des Menschen den Kamp auf Kosten des Waldes gefoerdert, entspringt einer voelligen Unkenntnis der kaum 250jaehrigen Geschichte Suedbrasiliens. Die zahlenmaessig schwachen Jaegerhorden der Indianer koennen fueglich ausser betracht bleiben, denn sie hatten weder einen Nutzen noch die Werkzeuge fuer irgendwie bedeutende Eingriffe in den Wald. Waehrend der ersten hundert Jahre der Besetzung durch die Weissen blieb der Wald sogut wie unberuehrt, da die Einwanderer sich fast ausschliesslich der Grossviehzucht auf der Natursteppe widmeten. Braende, zufaellig entstandene oder absichtliches Abbrennen des Grases, nehmen bei dem feuchten Klima niemals groessere Ausdehnung an, und koennen deshalb hoechstens zu oertlichen Veraenderungen gefuehrt haben. Die Weidetaetigkeit des Grossviehs ist gewiss nicht ohne Einfluss auf die Pflanzengesellschaften des Kamps geblieben; sie mag auch durch Verbiss des Randes das Vorruecken des Waldes oertlich hemmen: die Dynamik der Grossformationen wird dadurch nicht getroffen, jedenfalls nicht umgekehrt.

Seit mehr als hundert Jahren hat allerdings der Regenwald in

Rio Grande do Sul, und in steigendem Maasse auch in Sta Catarina und Paraná, durch den Ackerbau gewaltige Einbussen erlitten, sodass von seiner einstigen Herrlichkeit am Suedrande des Hochlandes nur noch duerftige Reste uebrig sind. Wenn aber ein durch Raubbau verarmtes Stueck Waldbodens liegengelassen wird, so bedeckt es sich nicht etwa mit Kamp, sondern in einer sehr regelmaessigen Sukzession zuerst mit Hochgraesern (Andropogon, Cortaderia, Erianthus), dann mit Trockenstraeuchern (haustsaechlich Baccharis, mit Bauhinia, Inga, Solanum untermischt); in den so verbesserten Boden wandern ganz allmaehlich die Waldarten wieder ein, sodass nach 50 Jahren schon wieder ein zwar noch nicht fertiger, aber typischer Regenwald vorhanden ist. Das geschieht nicht nur mitten im Waldgebiet, sondern auch am Rande gegen den Kamp, ja sogar auf urspruenglichen Kampflaechen, die an den Wald grenzen und vom Ackerbau verlassen worden sind.

Es kann deshalb garkein Zweifel darueber bestehen, dass der Regenwald ueberall gegen den Kamp die juengste Formation ist; ohne auf andere, sicherlich verlockende Ausblicke zu achten, begnuege ich mich hier mit dieser Feststellung, die fuer die Enduntersuchung von ausschlaggebender Wichtigkeit ist. Wir werden sehen, dass das Regenwald auch ueberall ortsjuenger ist als der Araukarienwald.

## *IV. Die Wanderung des Regenwaldes.*

Aus den bisherigen Darlegungen ergeben sich bereits eine Reihe von Hinweisen darauf, dass der Regenwald die juengste Wanderschicht in Suedbrasilien darstellt; sie seien noch einmal kurz wiederholt:

In seinem Verbreitungsbild umklammert und durchsetzt er sowohl den Kamp als auch den Araukarienwald. Gegenueber dem Kamp beguenstigt ihn das Klima. In seinen Artenbestand hat keiner der alten andinen Staemme Aufnahme gefunden; wie es sich mit den brasilianischen Staemen des Kamps verhaelt, werden wir noch sehen. Er waechst durchweg nur auf dem juengstzersetzten Boden. Die zwei Hauptrichtungen der Wanderung, die Kueste entlang und aus dem Stromgebiet des Paraná heraus, lassen sich heute noch mit aller Deutlichkeit verfolgen. Alle Gruende, die man fuer die Urspruenglichkeit des Regenwaldes gegenueber dem Kamp angefuehrt hat, leiten sich aus einem elementaren Nichtverstehen der Dynamik her, die die suedbrasilianischen Grossformationen gegeneinander verschiebt.

Es mag noch hinzugefuegt werden, dass die Einwanderung des Regenwaldes im Gefolge einer Zunahme der Niederschlagsmengen einsetzte, die im letzten geologischen Abschnitt ganz Suedbrasilien

zugutekam. Die Gruende fuer diese Annahme liegen einmal auf dem Kamp selber, der als riesiges Relikt in ein Klima hereinragt, das zur Zeit der Entstehung der Niedergrassteppe ganz unmoeglich das gleiche gewesen sein kann. Dazu kommt, als greifbarer Hinweis auf die Ursachen der Klimaaenderung, die junge Hebung des Hochlandes, dessen Raender und Schluchten als Verdichter der Feuchtigkeit wirken; man braucht ja nur die Regenkarte von Rio Grande do Sul zur Rate zu ziehen: von wenig mehr als 1000 mm im suedwestlichen Tiefland und an der suedlichen Kueste, steigt die Regenmenge sprunghaft auf 1750 am Suedrand des Hochlandes, um bei 2500 am Ostrand und beim grossen Nordwestknie des Uruguay zu gipfeln.

Alle diese Hinweise verdichten sich zu einem sicheren Beweis, wenn wir nun das heutige Verhalten des Regenwaldes dem Kamp und dem Araukarienwald gegennueber untersuchen.

*1. Regenwald und Kamp.* — Meist findet sich zwischen dem aeusseren Guertel des Regenwaldes und dem inneren Kern des Kamps ein Streifen Araukarienwald; ich nehme zur Untersuchung die araukarienfreie Luecke im mittleren Westen von Rio Grande do Sul, etwa auf dem Schnittpunkt des 29. Breitegrades mit dem 55. Laengegrad, wo Kamp und Waldinseln sich ungefaehr das Gleichgewicht halten.

Das Vordringen des Waldes beginnt ausnahmslos an einer Stelle, wo der Boden die Erstansiedlung von hoeheren Straeuchern und Stauden zulaesst, also an den Uferraendern der Baeche, in den feuchten Quellgruenden am Fuss der Huegelwellen, im Umkreis der Suempfe; oft genuegt auch ein einfacher Wasserriss, die Anwesenheit von Felsbloecken, oder die von der Zerstoerung der Termitennester herruehrende Grube.

Hat sich diese Weise einmal ein Kern von Gebuesch gebildet, dann siedeln sich in seinem Schutz die ersten Waldarten an. Zu Anfang sind es regelmaessig die Arten des Waldrandes, unter denen oertlich Sebastiania klotzschiana eine wichtige Rolle spielt. In dem von ihrem Wurzelwerk aufgelockerten und von ihrer faulenden Blaetterschicht geduengten Boden erscheinen sehr bald auch einige der Hochbaeume, besonders solche mit fliegenden Fruechten oder Samen, wie Cordia trichotoma und Patagonula americana. Waehrend so der innerste Kern der Waldinsel in die Hoehe strebt und sich durch das Hinzukommen der unteren Stockwerke verdichtet, werden die zuerst angesiedelten Straeucher vor dem Rande hergeschoben und ruecken in aeusserst langsamem aber unaufhaltsamem Kampf gegen den reinen Graskamp vor. So kommt es, dass alle diesse Waldkerne konzentrisch wachsen, und deshalb runde oder abgerundete Umrisse haben; der oertliche Name "Capão", aus dem

Guaraní-Wort "caá-puan" = Rundwald, abgeleitet drueckt diese Tatsache sehr gut aus.

Was also hier vor sich geht und sich in tausendfacher Wiederholung in ganz Suedbrasilien bestaetigt, ist Ueberwanderung des Kamps durch den Regenwald. Der Wald bereitet sich, sei es vom Rande geschlossener Gebiete aus, sei es durch im Vorgelaende ausgestreute Vorposten, selber seinen Boden vor und schafft im Innern der Rundwaelder die oekologischen Bedingungen, die den allmaehlichen Ausbau aller Stockwerke erlauben.

Das der heute bis 150 Kilometer breite Waldstreifen am Knie des Uruguay wirklich durch Ueberwandern des Kamps entstanden ist, geht uebrigens aus den gelegentlich eingschlossenen Kampinseln mit aller Deutlichkeit hervor. Ebenso finden sich unreife Waldstuecke, meist auf den hoechsten Ruecken der Wasserscheiden; sie lassen sich unfehlbar durch die Anwesenheit von Ateleia glaziovia-na, einer der Vorlaeufer des wandernden Waldes, erkennen.

Zwei Eigenschaften geben dem Regenwald eine unwiderstehliche Ueberlegenheit ueber den Kamp: Die Gunst des regenreichen Klimas, und der festgefuegte, in sechs Stockwerken gestaffelte Aufbau. Wegen des Klimas allein koennte der Kamp zwar unbegrenzt weiter bestehen, mag auch die Wassermenge seinen Mindesthaushalt hoch uebersteigen; was aber der Kamp nicht leisten kann, das ist die vollstaendige Ausnuetzung der mit der Vermehrung der Niederschlaege gebotenen Moeglichkeiten. Deshalb wird er vom Regenwald ueberwandert und geht spurlos unter. Nicht eine einzige seiner Arten findet im reifen Regenwald Aufnahme. Und wie spaeter dargetan werden soll, es ist ihm auch im Laufe des vieltausendjaehrigen Zurueckweichens nicht gelungen, auch nur einen einzigen seiner Staemme in umgewandelter Gestalt in den Regenwald zu retten.

2. *Regenwald und Araukarienwald.* — Am ganzen Ostrand des Hochlandes zwischen dem 28. und dem 30. Breitegrad findet keine unmittelbare Beruehrung zwischen den beiden Waldformationen statt; immerhin findet man auch dort unter den 264 Arten des Araukarien-und Nebelwaldes noch 84 = 32% Einwanderer aus dem tropischen Kuestenwald; davon entfallen 25 auf die Kletterer, 25 auf die Ueberpflanzen, 17 auf die mannshohen Straeucher, 11 auf die Bodenkraeuter, 6 auf die halbhohen Baeume. Die Hochbaeume fehlen vollstaendig.

Ganz anders sind dagegen die Verhaeltnisse, wo sich Regenwald und Araukarienwald auf gleicher Ebene begegnen. Sei es im mittleren Westen von Paraná, sei es am Unterlauf des Iguassú, sei es im riograndischen Nordwesten (oder auch am Suedrand des Hochlandes): der Araukarienwald ist ueberall hoffnungslos im Nachteil. Die Arten des inneren, reifen Regenwaldes, die am dun-

klen und feuchten Boden keimen und durch das dichteste Unterholz empordringen, durchsetzen allmaehlich den ganzen Unterbau des Araukarienverbandes, und bilden bald eine so dichte Schicht, dass dessen lichtbeduerftige Saemlinge nicht mehr durchkommen. Mit dem gleichzeitig erfolgenden Einwandern der Hochbaeume, Kletterer und Ueberpflanzen des Regenwaldes schiebt sich zwischen des halbhohe Stockwerk des Araukarienwaldes und dessen oberstes Schirmdach ein neues Stockwerk ein, unter dem der ganze Unterbau des Araukarienverbandes erstickt. Von einem bestimmten Grade der Verdichtung an kommen auch die Saemlinge der Araukarie selbst nicht mehr durch. Der Alterstod der letzten Araukarien bezeichnet dann den restlosen Sieg des Regenwaldes.

Auch dieser Vorgang laesst sich in allen seinen Stufen und Wechselfaellen, vom ersten Anfang bis zur voelligen Vernichtung des Araukarienverbandes, beobachten. Die Westgrenze des Araukariengebietes in Suedbrasilien besteht aus lauter aufgeloesten, oft weitgetrennten Inseln, meist auf den Wasserscheiden.

Diese Unterwanderung und endliche Vernichtung des Araukarienwaldes durch den Regenwald hat gewiss nichts mit der Regenmenge zu tun; denn beide Waldformationen sind echte Regenwaelder. Die Uebermacht des subtropischen Regenwaldes leitet sich von seinem organisch geschlossenen Aufbau und seinem Artenreichtum her, beides Eigenschaften, die dem Araukarienwald fehlen. Derselbe Verband, der sich dem Kamp gegenueber aehnlich durchsetzt wie der subtropische Regenwald, ist diesem gegenueber rettungslos ausgeliefert. Auch von seinen Arten wird keine einzige in den reifen Regenwald zugelassen, oder durch Umwandlung heruebergenommen.

Allem Anschein nach ist der Araukarienverband nur der verarmte Rest eines aelteren, gemaessigten Regenwaldes, durch mannigfache Wechselfaelle hin- und hergeschoben und gelichtet, der in seiner heutigen Gestalt zwar noch dem Kamp ueberlegen ist, aber dem subtropischen Regenwald nicht mehr standhalten kann Die sich daraus ergebenden florengeschichtlichen Fragen sind noch voellig ungeklaert und liegen ausserhalb des hier beabsichtigten Zieles.

### *V. Floristische Eigenart des Regenwaldes.*

Nachdem die Einwanderung des subtropischen Regenwaldes nach Rio Grande do Sul — von hier ab werden die Untersuchungen sich auf diesen mir persoenlich am besten bekannten Teilraum beschraenken — bewiesen ist, ja sogar heute noch beobachtet werden kann, sind wir beim Gegenstand der vorliegenden Arbeit angekommen. Das ist die Frage, ob sich aus dieser Tatsache eine Bestaetigung

der landlaeufigen neudarwinistischen Anschauung gewinnen laesst, als entstaenden die neuen Arten durch mutationsbedingte Verschiebung und lebensdienliche Auslese.

Die Antwort kann nur auf dem Wege der floristischen Zergliederung des Regenwaldes gewonnen werden, und zwar einmal im floristischen Bestande selbst; und dann im Vergleich mit den beiden anderen Grossformationen.

1. *Der Artenbestand des Regenwaldes.* — Wie eingangs dargelegt, enthaelt der Regenwald in seinen reifen Teilen rund 800 mir bekannte Arten, wozu noch etwa 200 kommen, die entweder nur im Schrifttum stehen, oder bislang nur in den Grenzlaendern festgestellt wurden. Nach den seit mehr als zehn Jahren durchgefuehrten Untersuchungen glaube ich mich zu dem Schluss berechtigt, *dass der subtropische Regenwald in Rio Grande do Sul keine einzige auf dem heutigen Boden entstandene Art enthaelt.*

Das ist gewiss eine schwerwiegende und bei dem heutigen Stand der Forschung nicht bis in die letzten Einzelheiten hinein beweisbare Behauptung; wenn ich trotzdem dafuer einstehen zu koennen glaube, dann geschieht das aus folgenden Gruenden:

a. *Teiluntersuchungen.* — Als Einfuehrung waehle ich hier einige gutbekannte und oefters gepruefte Gruppen.

Die artenreichste Familie in Rio Grande do Sul ist die der *Kompositen* mit 545 Arten, davon 139 = 25% andiner, und 376 = 75% brasilianischer Herkunft. Von den sicher andinen Staemmen findet sich — wie ja ueberhaupt bei diesem ganzen Florenelement — kein einziger im reifen Regenwald. Von den 376 brasilianischen Arten kann man 63 = 17% mit dem Regenwald in Beziehung bringen, obwohl nur 14 = 4% das reife Innere bewohnen. Von diesen 63 Arten konnte ich bislang nur bei 2 das Vorkommen noerdlich von Rio Grande do Sul nicht nachweisen, wobei aber betont werden muss, dass es sich um Arten handelt, die nur je einmal im Schrifttum erwaehnt werden und mir persoenlich unbekannt sind.

Das ist um so bemerkenswerter, als gerade in der Familie der Kompositen in Rio Grande do Sul eine ungewoehnliche hohe Zahl von Arten vorkommt, die bislang noch nicht ausserhalb dieses Gebietes, das heisst, noerdlich des Uruguaystromes, festgestellt worden sind, zum guten Teil recht engraeumige Endemen wie Asteropsis, Carelia, Schlechtendalia; von den 545 sind es nicht weniger als 204 = 37%, die sich ziemlich gleichmaessig auf die andinen und die brasilianischen Staemme verteilen. Sehr be-

merkenswert ist in diesem Zusammenhang die Gattung *Mikania*, die — um nur die in meiner Sammlung vorhandenen Belege zu erwaehnen — 29 Arten in Rio Grande do Sul zaehlt. Neben 20 Arten des Regenwaldes, die zum Teil zu den typischsten Schlingern des reifen Innern zaehlen (M. glomerata, M. paniculata, M. hirsutissima) und weit ueber Suedbrasilienn hinaus verbreitet sind, stehen 9 aufrechte Arten des Kamps, die entweder auf Rio Grande do Sul beschraenkt sind, oder nur wenig ueber die Grenzen hinausgehen. Zum gleichen Ergebnis fuehren Teiluntersuchungen an anderen Gattungen, deren Vertreter zum Teil als Kletterer im Regenwald, zum Teil als aufrechte Stauden oder Straeucher auf dem Kamp beheimatet sind; so die Gattungen Gonolobus, Ipomoea, Mandevilla, um nur einige zu nennen, die sich ungesucht dem Gedaechtnis darbieten.

Ein sehr brauchbares Beispiel bietet die Gattung *Oxypetalum*. Sie zaehlt in Rio Grande do Sul 37 Arten, darunter 14 = 38% Kletterer im Regenwald, 23 = 62% aufrechte Kraeuter oder Halbstraeucher auf dem Kamp. Der Endemismus ist zwar bei den Kamparten sehr gering — soweit ich sehe nur eine einzige Art — aber das braucht weiter nicht wunder zu nehmen, da Oxypetalum einen sehr gut fassbaren Ausstrahlungsherd in Paraguay und Nordostargentinien hat, demgemaess sich nicht weniger als 14 von den 24 Kamparten auf den Westen und Nordwesten von Rio Grande do Sul beschraenken. Die 13 Waldarten aber folgen genau dem gleichen Verbreitungsbild, wie wir es schon bei Mikania gesehen haben: sie reichen samt und sonders weit durch den suedbrasilianichen Raum, obwohl sie im Gegensatz zu den Kamparten ausgesprochen oestlicher Verbreitung sind.

Es liegen noch manche andere Teiluntersuchungen vor, die ich hier weglasse, da sie alle zum gleichen Ergebnis fuehren: ***Alle Waldarten kommen auch ausserhalb von Rio Grande do Sul vor.***

b. *Allgemeine Uebersicht.* — Es mag gewagt erscheinen, die Teilergebnisse bei einzelnen Gattungen und Familien auf den ganzen Artenbestand des Regenwaldes auszudehnen. Dagegen steht aber fest, dass von den rund 800 Arten meiner Aufstellung nur 61 mit den in meiner Sammlung oder im Schrifttum vorhandenen Angaben nicht als ausserhalb von Rio Grande do Sul vorkommend erwiesen werden koennen. Darunter sind bezeichnenderweise 38

*Orchideen.* Die in dieser Familie gemachten Erfahrungen geben den Schluessel zur Beurteilung der anderen Faelle. Schlechter (1925) zaehlt unter 174 riograndischen Orchideen 59 "Endemen" auf, worunter allerdings auch zahlreiche Kamparten sind. Seitdem hat sich die Zahl der riograndischen Orchideen auf 330 erhoeht: waehrend also die "Endemen" bei Schlechter noch 33% ausmachen, kommen sie heute kaum auf 12%. Diese Rechnung ist insofern schief, als bei Schlechter auch die wirkliche Endemen enthaltende Kampflora mitgerechnet ist, bei mir nur die Waldflora. Wie aber heute schon feststeht, sind die Schlechterschen Wald "endemen" unterdessen auf 5 heruntergegangen; mit anderen Worten, die bessere Untersuchung hat weitaus die meisten "Neuheiten" aus dem riograndischen Regenwald entweder mit schon frueher aus Mittelbrasilien beschriebenen Arten zusammengelegt; oder sie hat das Vorkommen der wirklichen Neuheiten auch weiter im Norden festgestellt.

Mir selber ist es in manchen Faellen vorgekommen, dass ich Waldarten, die nach dem gesamten Schrifttum auf einen engen Bezirk in Rio Grande do Sul begrenzt schienen, in Westparaná wiederfand, oder aus Mittelbrasilien zugeschickt erhielt.

Man darf also bei allen vorlaeufig noch nicht geklaerten Faellen den richtigen Grundsatz anwenden, das Unklare sei nach dem Ausweis des bereits Geklaerten aufzuhellen. Das ist vor allem erlaubt, wo es sich um so formenreiche und verschiedene Beurteilung zulassende Gruppen handelt wie die baumbewohnenden Lueckenfueller unter den Orchideen (Pleurothallis, Octomeria, Maxillaria), Piperaceen (Peperomia), Bromeliaceen (Tillandsia).

Meines Wissens betraegt die Zahl der noch ungeklaerten Faelle, wenn man die Mindestzahl von 800 Arten fuer den Regenwald zugrunde legt, nicht mehr als 40, also 5%.

Das ist zwar kein restlos durchgefuehrter Beweis, aber im Hinblick auf die noch laengst nicht beendete Bestandaufnahme des sued- und mittelbrasilianischen Regenwaldes eine genuegende Unterlage fuer die Behauptung: *Seit seiner ersten Einwanderung nach Rio Grande do Sul ist der Regenwald in seinem Artenbestande erstarrt.*

2. *Rueckwanderung?* — Selbstverstaendlich muss nun die Frage beantwortet werden, ob nicht vielleicht doch manche Arten auf

riograndischem Boden entstanden und spaeter durch Ausbreitung in die noerdlichen Raeume zurueckgestrahlt seien.

Das ist aber, schon allein vom Verbreitungs- und Wanderungsbild des Regenwaldes aus gesehen, sehr unwahrscheinlich; der geht so eindeutig, nach Sueden und Osten, dass man sich schwer einen Rueckstrom vorstellen kann. Es lassen sich aber obendrein Beweise aufstellen, die eine Rueckbewegung ausschliessen.

a. Wie im vorigen Kapitel dargetan, wandert der Regenwald als *Ganzes*, indem er sich langsam und von unten her an die Stelle des Araukarienwaldes schiebt; und ebenso langsam von der Seite her ueber den Kamp fortwaelzt. Die am wandernden Saume etwa entstandenen neuen Arten haetten somit garkeine Moeglichkeit, rueckwaerts zu wandern, da sie ja in den reifen Teilen nicht mehr fortkommen. Neue Arten aus dem reifen Innern haetten zwar diesen Weg, aber dann muessten wenigstens einige davon auch am weitentfernten Suedrand des Hochlandes und in den abgesonderten Waldkernen aufgetaucht sein und ihren Urherd noch nicht verlassen haben. Das ist aber nicht der Fall, sondern das Gegenteil: Je weiter nach Sueden, desto artenaermer der Wald, bei weiter Verbreitung der vorhandenen Arten.

b. Ferner sind die Gattungen des Regenwaldes, einige Lueckenfueller ausgenommen, *sehr artenarm*. Nimmt man 800 Arten in 87 Familien und 362 Gattungen als Grundlage, dann entfallen auf die Familie 9, auf die Gattung 2,2 Arten. Nur 11 Gattungen haben 10 oder mehr Arten, und zwar in absteigender Reihe: Pleurothallis 42, Oncidium 31, Mikania 20, Tillandsia 20, Epidendrum 16, Passiflora 13, Dioscorea 12, Maxillaria 12, Octomeria 12, Phoradendron 11, Piper 10. Sehr bezeichnend ist, dass sie alle zu den Lueckenfuellern gehoeren: Zweites Stockwerk: Piper: Kletterer: Mikania, Dioscorea, Passiflora; Halbschmarotzer: Phoradendron; Ueberpflanzen: alle uebrigen.

Die allgemeine Artenverarmung der suedbrasilianischen Regenwaldgattungen mag auch noch am Beispiel dreier Rubiaceen gezeigt werden, die mengenmaessig einen Grossteil des zweiten und dritten Stockwerkes stellen. Die Gattungen Psychotria, Faramea und Rudgea besitzen je etwa 100 Arten im tropischen Wald; davon sind in Rio Grande do Sul nur entsprechend uebriggeblieben: 5, 2, 1, saemtlich von weiter Verbreitung.

c. Schliesslich mag auch noch die allgemeine *Artenverminderung*, ohne Erzeugung von Neuheiten, erwaehnt werden, die man an der aeussersten Suedgrenze des suedbrasilianischen Raumes beobachtet.

Uruguay besitzt nur wenig und oertlich begrenzte Waldkerne und Uferstreifen, die noch als Regenwald angesprochen werden koennen. Die darin mit Rio Grande do Sul gemeinsamen Gattungen weisen etwa 200 Arten auf, die zum groessten Teil mit den riograndischen Arten uebereinstimmen, oder, wo dies nicht der Fall ist, zwangslos als Einwanderer aus dem Stromgebiet des Paraná-Paraguay erwiesen werden, die Rio Grande do Sul nicht erreicht haben.

Das gleiche gilt von dem weitesten nach Sueden vorgeschobenen Posten des Regenwaldes, Punta Lara auf der argentinischen Seite des La Plata. Unter den 314 von dort (doch nicht allein aus dem Wald!) eingebrachten Arten befinden sich 51 in 48 Gattungen, die mit Rio Grande do Sul gemeinsam sind. Die uebrigen, soweit sie ueberhaupt zum Regenwalde gehoeren, stammen unmittelbar aus den Uferwaeldern des Paraná-Paraguay, aus denen viele Arten auf ihrer Suedwanderung Rio Grande do Sul nicht beruehrt haben.

Diese Tatsachen moegen genuegen, um das eigenartige, statische Verhalten der Regenwaldstaemme in Suedbrasilien zu kennzeichnen; im Laufe des naechsten Kapitels werden sich noch weitere Einblicke in die Formerstarrung bieten. Es sei aber schon vorausnehmend bemerkt, dass sich Tatsachen wie die obigen nur unter Zwang und Stuetzung durch Hilfshypothesen in das neudarwinistische Schema: Mutation-Selektion-Entstehung neuer Arten einfuegen lassen; es waere jedenfalls ratsamer, Ergebnisse des biologischen Werkraums und Versuchgartens nicht allzu vorschnell auf die freie Natur auszudehnen.

## *VI. Austausch unter den Grossformationen.*

Schon der einfache Vergleich zwischen der floristischen Zusammensetzung von Kamp und Araukarienwald einerseits, und Regenwald andererseits zeigt, dass letzterer keinen einzigen andinen Stamm in sich aufgenommen hat, waehrend die anderer beiden Grossformationen zu rund 25% aus diesem Element bestehen. Weiter haben wir gesehen, dass der Regenwald auf seiner Wanderung sowohl den Kamp wie auch den Araukarienwald restlos vernichtet, ohne auch

nur eine Art aus diesen Grossformationen in seinen reifen Teilen zu dulden.

Da es also sicher ist, dass in der gegenwaertigen Zeit kein Austausch stattfindet, erhebt sich die Frage, wie es in der naechstverflossenen Zeit, das erste Eindringen des Regenwaldes in Rio Grande do Sul als Mindestgrenze angenommen, gewesen ist.

*1. Das Fehlen der andinen Staemme.* — Die voellige Abwesenheit der Verwandten von 25% der Kamp- und Araukarienflora im Regenwald ist eigentlich schon ein genuegender Beweis, dass jedenfalls auf dem Boden von Rio Grande do Sul (und suedlich davon) kein Austausch in dem Sinne stattgefunden hat, dass Staemme des Kamps oder Araukarienwaldes in veraenderter Form als neue Arten in den Regenwald uebergetreten waeren; denn es ist nicht erfindlich, weshalb dieses ganze Florenelement haette zurueckbleiben sollen, waehrend brasilianische Staemme uebergesiedelt waeren. Dass sich einige andine Gattungen (Mutisia, Tropaeolum, Clematis, Valeriana (nur V. scandens) in Verbindung mit dem Regenwalde finden und meinetwegen auch zu ihm gehoeren, aendert an dem Beweisgang nichts; denn ihre Arten sind samt und sonders von sehr weiter Verbreitung, und, dass nirgendwo andine Staemme in den neutropischen Regenwald aufgenommen worden waeren, wird hier nicht behauptet.

Dagegen koennte man einwerfen, die andinen Staemme seien eben in ihre Anpassung an Kamp, Sumpf, Felsenheide dermassen von den Erfordernissen des Waldlebens entfernt, dass eine Umstellung nicht mehr moeglich gewesen ist. Das mag man fuer einen Grossteil der Andinen gelten lassen, vor allem fuer die Kompositen, Graeser, Cyperaceen, deren brasilianische Staemme im Regenwald ebenfalls sehr schwach vertreten sind. Es kann aber keineswegs von den zahlreichen mittelhohen Baeumen gesagt werden, die sich in den Waldflecken des Kamps und vor allem im Araukarienwalde aufhalten. Sieht man von Araucaria ab und nimmt nur die bis zu 15 Meter hohen, zuweilen auch 20 Meter erreichenden Baeume, dann findet man: Clethra 2, Chuquiragua 4, Moquinia, 5, Belangera 1, Azara 1, Drimys 1, Quillaja 1, Jodina 1, Podocarpus 2: also 18 Arten; dazu kann man noch die Straeucher nehmen: Berberis 1, Budd leia 10, Fuchsia 1, Colletia 2, Discaria 1, Rhamnus 1, Escallonia 7: also 23 Arten; schliesslich muss auch noch, wenigstens auswahlweise, ein anderes Forenelement erwaehnt werden, dass in den Kampwaeldchen und im Araukarienwald mit zahlreichen Arten auftritt, vor dem anrueckenden Regenwald aber spurlos verschwindet: Lithraea 2, Schinus 6, Ilex 5, Maytenus 7; von den 63 bislang fest-

gestellten Myrtaceen, die einen Grossteil der Kampwaeldchen und des mittleren Stockwerkes des Araukarienwaldes ausmachen, kommen meines Wissens nur 7 Arten im reifen Regenwalde vor. Wir haben also zum mindestens 41 Straeucher und mittlere Baeume aus andinem Stamm, von denen viele im Araukarienwalde, das ist, in einem richtigen Regenwalde, ihr bestes Fortkommen finden; trotzdem haben sie weder in ihrer jetzigen Gestalt, noch in veraenderten Abkoemmlingen oder naechsten Verwandten, Zutritt in den subtropischen Regenwald erhalten. Nicht besser steht es mit den brasilianischen Baeumen und Straeuchern des Araukarienwaldes und Kamps.

2. *Der brasilianische Anteil.* — Hier gestaltet sich die Untersuchung bedeutend schwieriger, denn der Regenwald besteht zu 100%, Kamp und Araukarienwald zu 75% aus brasilianischen Staemmen; immerhin gibt schon die oben erwaehnte Verhalten der Brasilianer im Araukarienwald einen Wink in der Richtung auf das zu erwartende Ergebnis.

a. *Einzelbeispiel der Leguminosen.* — Diese Familie zaehlt in Rio Grande do Sul nach dem augenblicklichen Stand der Forschung 258 Arten, wovon 39 = 15% der andinen, 219 = 85% der brasilianischen Gruppe angehoeren; zufaelligerweise sind von den Brasilianern wiederum 39 = 22% Waldarten, waehrend die uebrigen 180 = 68% sich auf Kamp und Araukarienwald verteilen.

Zwischen den Arten des Regenwaldes und denen ausserhalb desselben besteht eine so weite Kluft, dass ein Austausch auf riograndischem Boden voellig ausgeschlossen ist. Der Unterschied reicht in den meisten Faellen ueber die Gattungen hinauf in die hoeheren Abteilungen. Wo die gleichen Tribus in und ausserhalb des Regenwaldes vorkommen, sind wiederum in den meisten Faellen die Gattungen so verschieden, dass an eine naehere Ableitung garnicht gedacht werden kann. Aber auch in den wenigen Faellen, wo die gleiche Gattung beide Bereiche besetzt haelt (Cassia, Acacia; mit der einen oder anderen Art auch Desmodium, Phaseolus) sind die Unterschiede dermassen stark in die Augen springend, dass keine Bruecke zwischen ihnen geschlagen werden kann, jedenfalls nicht auf dem Boden von Rio Grande do Sul.

b. *Vergleich zwischen der Flora des Regenwaldes und der des Kamps und des Araukarienwaldes.* — Das bei den Leguminosen gewonnene Ergebnis kann bei naeherer Un-

tersuchung mit gutem Gewissen auf den gesamten brasilianischen Anteil in und ausserhalb des Regenwaldes uebertragen werden. Von den 362 Gattungen des Regenwaldes besitzen 75 auch Vertreter ausserhalb desselben. Eine genaue Zergliederung kann hier nicht wiederholt werden; es genuege zu sagen, dass die gewaltige Mehrheit zu den zwei untersten Stockwerken (Bodenkraeuter, mannshohe Straeucher) gehoert, worauf die Kletterer kommen; die halbhohen Baeume und die Ueberpflanzen haben nur vereinzelte Vertreter, die Hochbaeume keinen einzigen. Ich habe nun nach dem Vorbild der bereits frueher genannten Gattungen Mikania und Oxypetalum alle fraglichen Gruppen, soweit sie mir aus meiner Sammlung vorlagen — diese enthaelt ewa 85 — 90% der riograndischen Phanerogamen — genau geprueft und verglichen: Es gibt keine zwei Arten der gleichen Gattung, die eine innerhalb, die andere ausserhalb des Regenwaldes, deren Unterschiede innerhalb der Grenzen laegen, wo wirkliche Beobachtungen fuer Mutationen vorliegen. Darueber hinaus gibt es auch keine Zwischenglieder vom Kamp zum Wald oder umgekehrt, die man doch am Rande gewiss erwarten muesste.

Unter uns gesagt, ist die ganze Untersuchung eigentlich von vorneherein ueberfluessig; das aus zwei Gruenden:

Einmal ist der oekologische Unterschied — wenigstens zwischen Kamp und Regenwald — so gewaltig gross, dass Arten der gleichen Gattung, moegen sic auch in ihren systematischen Merkmalen noch so natuerlich verwandt sein, in ihrem lebensdienlichen Bau voellig verschieden sein muessen, eine Verschiedenheit, die keine Mutations-Selektionstheorie bis heute auch nur annaeherungsweise erklaert hat.

Zweitens: Wenn man sich die dynamische Verschiebung der Grossformations grenzen ins Gedaechtnis zuruechruít, dann erkennt man auch den Grund, weshalb kein Austausch stattfindet: Was sich da verschiebt, Raum gewinnt oder Raum verliert, siegt oder untergeht, sind garnicht einzelne Arten oder systematische Gruppen, sondern natuerliche Verbaende, Grossformationen in unserem Fall, mit klar erkennbarem geschichtlichen Unterbau, in dem die gemeinsame Geschichte der floristischen Elemente, die erdgeschitliche Herausgestaltung des Raumes und die augenblicklichen oekologischen Bedingungen zu einem einzigen Zeitgeschehen zusammenwirken.

Unter solchen Umstaenden ist der oben als nicht vorhanden erwiesene Austausch garnicht zu erwarten. Der dem Kamp gegenueber vom Klima und dem Araukarienwald gegenueber durch seinen Artenreichtum und geschlossenen Aufbau ueberlegene Regenwald siegt mit oder ohne Aussendung von Vorlaeufern, die etwa aus seinem Bestande kaemen; und die beiden anderen Grossformationen gehen unter, ob sie nun den einen oder anderen ihrer Staemme in den Regenwald retten oder nicht. Es handelt sich hier nicht darum, was allenfalls geschehen muesste, wenn die Mutations-Selektionstheorie recht haette; sondern darum, was wirklich im grossen Naturbeispiel geschieht.

Schliesslich sei zugegeben, dass hier nur unmittelbar bewiesen wurde, dass seit der Einwanderung des Kamps in Rio Grande do Sul kein Austausch stattgefunden hat; mittelbar aber folgt, dass der Regenwald den beiden anderen Grossformationen schon so lange fremd gegenuebersteht, als er im suedbrasilianischen Raum erschienen ist. Er enthaelt ja keinen der andinen Staemme, die ein Viertel der Kamp- und Araukarienflora ausmachen

## *VII. Aussiebung, nicht Auslese.*

Wenn sich die Darwinsche Auslese bis heute gehalten hat, und mit einer Hartnaeckigkeit verteidigt wird, als stuerze mit ihrer Aufgabe das ganze Gebaeude der Entwicklungslehre zusammen, so hat das zwei Gruende: Einmal ist mit der Leugnung jeder von aussen in die Natur hereingetragenen Zweckmaessigkeit ein leerer Raum geschaffen worden, der zwangsmaessig ausgefuellt werden muss; die Lebensdienlichkeit der Natureinrichtungen bedarf eines ausreichenden Grundes, und als solcher wird die Auslese angesehen.

Diese im philosophischen Bereich verankerte Grundeinstellung bedingt und foerdert eine Ueberbewertung der Auslese, indem sie von ihrem wirklichen Seinsbereich, naemlich der reinen Aussiebung, zu einen artenschaffenden Wirkkraft erhoben wird.

Nun laesst sich auf philosophischem Boden bekanntlich schlecht streiten, besonders dann wenn nach neupositivistischer Auffassung der Philosophie die Selbststaendigkeit genommen und nur der Rang einer formal ordnenden, karteimaessig arbeitenden Wissenschaft zuerkannt wird; wenn der Eckpfeiler der neudarwinistischen Theorie fallen soll, dann kann das praktisch nur durch den mit naturwissenschaftlichen Mittel gefuehrten Nachweis geschehen, dass er keine Tragfaehigkeit besitzt.

Was wir nun bei der Pflanzenwelt im suedbrasilianischen Raum wirklich heute sehen und fuer einen bedeutenden Zeitraum rueckwaerts erschliessen koennen ,ist *Aussiebung, nicht artenschaffende Auslese*. Ich komme zu den Tatsachen zurueck.

1. Es liegt im Sinne der genetisch ausgerichteten Entwicklungstheorie, dass in einem groesseren Bestand von Lebewesen mit jeder Generation wenigstens einige *Mutationen* auftauchen, die ungerichtet und zufaellig sind; die ueberaus emsige Forschung und Beobachtung der letzten fuenfzig Jahre laesst keinen Zweifel an dieser Tatsache zu.

Deshalb muessen auch bei den nach Rio Grande do Sul eingewanderten Staemmen des Regenwaldes mancherlei Mutationen entstanden sein; das kann bei dem neutropischen Regenwald, der sich ja aus einem grossen Teil im suedamerikanischen Regenwald ueberhaupt vorhandenen Gruppen aufbaut, und ueber einen weiten Bereich des Systems hinuebergreift, garnicht anders erwartet werden.

Es ist also der "Rohstoff" vorhanden und immer vorhanden gewesen, mit dem die "Auslese" neue Arten schaffen soll.

2. Da es sich nun bei den allermeisten Staemmen des suedbrasilianischen Regenwaldes um die letzten und vereinzelten Auslaeufer gewaltiger Formenschwaerme handelt, muesste die *Auslese* ein ueberaus guenstiges Wirkungsfeld vorfinden; denn die Teilmechanismen, aus denen sich die Verschiebung des urspruenglichen Artbildes in der Richtung neuer Arten zusammensetzt: Absonderung geographischer und biologischer Natur, sowie Polyploidie und festgewordene Kreuzungen muessen sich unter solchen Verhaeltnissen ballen und in ihrem Endergebnis verstaerken.

Die kaum 1000 Arten, die von einem Gesamtbestande von schaetzungsweise 20.000 des amazonischen Regenwaldes noch uebriggeblieben sind, befinden sich in einem Zustande allseitiger Absonderung und Vereinzelung, nicht nur von Stamm zu Stamm und Art zu Art, sondern auch von Mutant zu Mutant, deren urspruengliche Populationen auf der Wanderung voellig auseinandergerissen worden sind. Nach neudarwinistischer Auffassung muessten die nach Sueden abgewanderten, zufaelligen Glieder der Populationen laengst neue Populationen gebildet haben, deren Genenerbe und Erscheinungsbild sich in der Richtung neuer Arten verschiebt, ja, diese Schwelle schon in manchen Faellen ueberschritten haben muesste. Das ist aber so wenig der Fall, dass die beschreibende Botanik sich nicht zur Aufstellung neuer Arten veranlasst gesehen hat.

Diese Feststellung bedeutet einen starken Stoss gegen die Auffassung der Mutationen als Rohstoff und der Auslese als Wirkkraft der Artentfaltung.

3. Der Einwurf liegt auf der Hand, die *Zeit*, die seit dem ersten Einruecken des Regenwaldes in Rio Grande do Sul verflossen ist, sei eben zu kurz, um eine artliche Verschiebung im Grossbild in greifbare Erscheinung treten zu lassen. Gewiss ist der Regenwald im suedlichsten Brasilien jungen Ortsalters, sicherlich quartaer; moeglicherweise ist er sogar sehr jung am Platz, vielleicht erst seit der letzten Eiszeit, die zwar Suedbrasilien nicht unmittelbar betroffen hat, deren klimatische Auswirkungen aber sicher nicht spurlos an ihm voruebergangen sind. Doch das ist eine nebensaechliche Frage. Die Begriffe: Raum als reine Ausdehung, und Zeit als reine Dauer, die von der mechanistischen Biologie unbesehen aus der Physik heruebergenommen sind, dienen nicht als Maasse fuer geschichtlich verumstaendete Vorgaenge wie die Entstehung neuer Arten; ein guter Teil der Verwirrung und Ausweglosigkeit in der gegenwaertigen Abstammungsforschung leitet sich aus dem methodischen Grundfehler her, dass man lebensgeschichtliche Ablaeufe in physikalische Maassbegriffe einfangen will.

Worauf es hier ankommt, ist die Tatsache, dass eine Grossformation von einem bestimmten Zeitpunkt an, der mit dem ersten Ueberschreiten des Uruguayflusses seine Mindestgrenze hat, in der Artbildung erstarrt ist. Was sich in dieser sicherlich nach vielen Jahrtausenden zaehlenden Zeit nicht einmal im ersten Anfang gezeigt hat, das ist nicht vorhanden; und was nicht vorhanden ist, das kann sich auch nicht zeigen, wenn man die Zeit verhundert- oder vertausendfacht.

4. Was man in Wirklichkeit beobachtet, ist eine rein *aussiebende Auslese* unter dem Artenbestand, der schon beim ersten Eindringen in den heutigen Raum vorhanden war. Das geht aus dem langsamen Versickern der beiden Wanderstroeme in suedlicher Richtung und der stetigen Abnahme des Gesamtbestandes eindringlich hervor: Der Kuestenstrom findet als geschlossner Verband schon auf dem 30. Breitegrad sein Ende; vereinzelte Vorposten reichen bis Porto Alegre, die letzten Spitzen bis Nordosturuguay. Der Nordweststrom hat am Suedrand des Hochlandes, von 400 Arten, schon 73 verloren. In ganz Uruguay bleiben von 1000 Regenwaldarten nur noch 200 uebrig, bei Punta Lara in der Naehe der Stadt La Plata nur noch 51.

Um die ganze Wirkungslosigkeit der Auslese bewerten zu koennen, muss man sich vor Augen halten, dass das Klima, wenigstens in Rio Grande do Sul, den Regenwald unbedingt foerdert; dass mit 87 Familien und 362 Gattungen eine gewaltige Auswahl von Ausgangsstaemmen zur Verfuegung steht; dass die Unterwanderung des Araukarienwaldes und die Ueberwanderung des Kamps eine schier unuebersehbare Menge von neuen Moeglichkiten, Klein- und Kleinst-

raeumen, schafft, in denen die Mutationen an der Hand der Auslese zu neuen Arten fuehren koennten.

Statt dessen stellen wir nur fest, dass auf der Wanderung fortlaufend vorhandene Arten ausgesiebt werden, bis von dem ganzen Verband nichts mehr uebrig ist. Dabei kann man nicht einmal behaupten, dass diese aussiebende Auslese grundsaetzlich die lebenstuechtigsten Arten bevorteilt. Niemand wird Arten hochtropischer Herkunft wie Euterpe edulis, Heliconia biahi, Cecropia adenopus, die mit dem Kuestenstrom bis an den Suedrand des Hochlandes vordringen, als besonders lebenstuechtig fuer dieses Klima bezeichnen wollen; fallen sie doch dem ersten Nachtfrost zum Opfer, falls sie nicht in besonders geschuetzten Schluchten stehen. Die einzelnen Arten werden also nicht einfach nach dem Mass ihrer besten Daseinsmoeglichkeiten ausgesiebt, sondern auch durch die tausend Zufaelligkeiten der Wanderung zurueckgelassen oder mitgenommen. Eine groessere Lebenstuechtigkeit der Einzelart spielt im Grossversuch der Natur ueberhaupt keine entscheidende Rolle; was sich durchsetzt, sind die natuerlichen Verbaende der Formationen.

5. Es mag zugegeben werden, dass der ortsjunge Regenwald in Rio Grande do Sul als vereinzelter Fall eine zu schmale Grundlage fuer allgemeine Schluesse bietet; deswegen soll hier noch die *Kuestenflora* herangezogen werden, die auf die gleichen Eigenschaften hin untersucht worden ist.

Erdgeschichtlich ist die Kueste die juengste Grosslandschaft Suedbrasiliens, da sie durch die quartaere und heute noch fortdauernde Hebung aufgetaucht ist. Ob ihre Flora ortsjuenger oder ortsaelter ist als der ebenfalls im Quartaer eingewanderte Regenwald, laesst sich kaum feststellen, ist auch hier ohne Bedeutung.

Das noerdliche Drittel der Kueste zwischen dem 31. und 29. Breitegrad ist botanisch gut erforscht; weniger eingehend die Mitte und der Sueden. Bislang sind von der ganzen Kueste 1072 Phanerogamen bekannt. Davon sind 529 = 49% mit der Kampflora des Huegellandes von Porto Alegre gemeinsam; 289 = 26% stammen aus der ueber den ganzen suedbrasilianischen Raum weitverbreiteten Niedergrassteppe; 237 = 23% gehoeren zu dem augenblicklich in Einwanderung begriffenen Regenwald. Es stellt sich also ohne weiteres heraus, dass rund 98% der Kuestenflora entweder aus geologisch aelteren Raeumen stammen, oder in juengster Zeit vom Suedrand des geschlossenen Regenwaldes aus eingewandert sind. Die auf den ersten Blik uebrigbleibenden 17 "Endemen" der riograndischen Kueste halten der Untersuchung nicht stand. Nicht weniger als 6 davon sind Orchideen, deren unsichere Lage schon beim Regenwald herausgestellt wurde; da sie obendrein saemtlich vom aeussersten Nordzipfel stammen, fallen sie als Endemen von vorne-

herein aus. Andere, wie Eriocaulon megapotamicum, Buddleia malmei, sind neuere Arten mit Fundort an der Kueste, und deshalb weder in ihrem Werte sicher, noch in ihrer weiteren Verbreitung bekannt; schliesslich bleiben noch zwei Arten uebrig, Gunnera ostenii und Androtrichum trigynum, fuer die im ganzen suedbrasilianischen Bereich keine Abteilung moeglich ist.

Es steht also fest, dass auch bei der Bewanderung der Kueste keine neuen Arten entstanden sind, obwohl die gleichen Gruende dafuer geltend gemacht werden koennen wie fuer den Regenwald; die Ausgangsstaemme sind sogar noch zahlreicher.

*Schluss.*

Wir haben also im suedbrasilianischen Raum eine Grossformation, der Regenwald; und eine Teilformation, der Kamp der Kueste: bei denen, mindesten vom ersten Beginn ihrer Einwanderung an, die Mutations-Selektionstheorie der Neudarwinisten versagt.

Damit soll aber nichts gegen die Abstammungslehre als solche gesagt sein; im Gegenteil: der tertiaere Kamp des Hochlandes, die alte Inselflur des Suedostens und der junge Ostrand des Hochlandes beherbergen eine stattliche Anzahl von Eigenschoepfungen, deren certliches Entstehen auf der Hand liegt. Warum verhalten sich die Pflanzenstaemme im gleichen Raum einmal wie Regenwald und Kuestenkamp als erstarrte Gebilde, das anderemal als neue Arten erzeugende Einheiten?

Die Untersuchung dieser Frage ueberschreitet das hier gesteckte Ziel.

Porto Alegre, 14. 4. 1957.


## RESUMO.

**O presente trabalho tem por fim verificar, se a teoria neo-darwiniana sôbre a origem das espécies por meio de mutações sujeitas ao crivo da seleção natural, recebe confirmação por parte da flora sul-brasileira.**

**Após ter colocado o fundamento da pesquisa, caraterizando as grandes paisagens naturais e as formações vegetais mais importantes, o autor passa a estudar, com base nos elementos florísticos, na idade das paisagens modernas e nos fenômenos de contato, a idade relativa das grandes formações: campo, mato de Araucária e selva pluvial subtropical. O resultado é que a selva pluvial constitue a mais nova destas formações.**

**Em seguida o autor prova, com elementos contidos na exposição anterior e observação direta, que a selva pluvial não é originária no Rio Grande do Sul, mas totalmente imigrada.**

A análise comparativa dos elementos florísticos da selva pluvial, quer tomados em si, quer em comparação com os elementos do campo e da mata de Araucária, demonstra que, ao menos desde o comêço da imigração em território rio-grandense, não houve nela, nem produção de espécies novas, nem intercâmbio com as outras formações.

Disto segue que durante um lapso de tempo considerável — a imigração começou num período indeterminado do quaternário — os mecanismos de mutação-seleção não se manifestaram. O que na realidade se observa, é uma simples rarefação da flora pluvial em sentido sul, de elementos imigrados, sem vestígio de novas espécies.

O fato é confirmado pelo exemplo da flora costeira do Rio Grande do Sul, totalmente imigrada a partir do campo e da selva pluvial sem produzir novidade.

## ABSTRACT.

The author puts the question whether, or not, a confirmation of the neo-darwinian mutation-selection theory on the origin of species can be found in the South Brazilian flora.

After a brief description of the area and the main formations, he inquires into the history of this flora, coming to the conclusion that the rain forest must be considered as the youngest formation, at least on the soil of Rio Grande do Sul; and that, at closer examination, this subtropical rain forest is of recent immigration, and still immigrating into the aera of the grass plains and Araucaria woods.

A further analysis of the rain forest, as compared with the more northern forests of the same ecological character, makes it evident that no species formation has taken place in it since the beginning of its immigration into the area southern of the Uruguay River; moreover, no interchange of species, identical or derived, has ocurred between the rain forest, and the grass plains and Araucaria woods.

Therefore, the mutation-selection mechanisms prove inoperative for all the time the rain forest is in contact with the two otner formations, viz., for a considerable period of the Quaternary Period.

The same result is reached by a suplementary inquiry into the flora of the Quartenary coastal plain: it is totally immigrated from the neighbouring older formations, without producing any novelty.

The general conclusion is that, in the South Brazilian rain forest, selection leads only to a gradual rarefaction of the species present at the beginning of ist immigration; and that there is no trace of mutations as a factor of species evolution.

## SCHRIFTENNACHWEIS.

Unter Weglassung des allgemeinen und des rein systematischen Schriftums fuehre ich hier nur die pflanzengeoagraphischen Arbeiten an, die ich unmittelbar benutzt habe.

1. **Cabrera, A. L.:** Esquema fitogeográfico de la República Argentina, Rev. Mus. La Plata ,nueva ser. VIII. Secc. bot. (1953) 87-163.
2. **Cabrera, A. L. y Dawson, G.:** La selva marginal de Punta Lara en la ribera argentina del Rio de La Plata, Rev. Mus. La Plata, n. ser Secc. bot. V. (1944) 267-382.
3. **Castellanos, A. y Pérez-Moreau, R. A.:** Los tipos de vegetación de la República Argentina, Inst. Geogr. Univ. Tucumán, Monogr. 4 (1944) 1-154.

4. **Hauman,** L.: La forêt Valdivienne et ses limites, Fac. Ci. Med. B. Aires, n. 34 (1916) 1-91.
5. **Herter,** W.: Florula uruguayensis, Montevideo (1930), und viele andere Veroeffentlichungen ueber die Flora von Uruguay, 1907-1956.
6. **Hoehne,** F. C.: Araucarilândia, Secc. Bot. Inst. Biol. S. Paulo (1930) 1-133.
7. **Hueck,** K.: Die Suedgrenze des tucumanisch-bolivianischen Waldgebietes in Nordwestargentinien, Erdkunde 5, Lf. 4 (1951) 305-310.
8. **Hueck,** K.: Die Araukarienwaelder des noerdlichen Patagonien, Zeitschr. f. Weltforstwissenschaft 15 (4) 1952, 163-167.
9. **Hueck,** K.: Distribuição e habitat natural do Pinheiro do Panará (Araucaria angustifolia), Bol. Fac. Fil. S. Paulo, Bot. n. 10 (1953) 1-24; dasselbe in deutscher Sprache: Forstwiss. Centralbl. 71 (1952) H. 9-10.
10. **Ihering,** H.: A distribuição de campos e matos no Brasil, Rev. Mus. Paulista 7 (1907) 125-178.
11. **Irmscher,** E.: Pflanzenverbreitung und Entwicklung der Kontinente. Mitt. Inst. allg. Bot. Hamburg, 5 (1922) 17-235.
12. **Lindman,** C. A. M.: Vegetationen Rio Grande do Sul (Sydbrasilien), Stockholm 1900, 1-239.
13. **Maack,** R.: Notas complementares à apresentação preliminar do mapa fitogeográfico do Paraná, Arq. Mus. Paran. 7 (1949) 351-361.
14. **Maack,** R.: Mapa fitogeográfico do Estado do Paraná, Inst. Biol. Tecn. Paran. Curitiba 1950.
15. **Malme,** G. O. A.: Zur Kenntnis der Phanerogamenflora des Sandgebietes im Sueden von Rio Grande do Sul, Svensk Bot. Tidskr. 30, n. 1 (1936) 1-29.
16. **Parodi,** L. R.: La vegetación del Departamento de San Martín en Corrientes, Darwiniana 6 (1943) 127-178.
17. **Ragonese,** A. E.: La vegetación de la Provincia de Santa Fe, Darwiniana 5 (1941) 369-416.
18. **Ragonese,** A. E. y **Castiglioni,** J. A.: Los pinares de Araucaria angustifolia en la República Argentina, Bol. Soc. Arg. Bot. 1, n. 2 (1946) 126-147.
19. **Rambo,** B.: A Fisionomia do Rio Grande do Sul, P. Alegre 1942, 360 S. Zweite Auflage 1956.
20. **Rambo,** B.: Estudos botânicos em Sombrio, An. Bot. Herb. Barb. Rodr. 1 (1949) 7-20.
21. **Rambo,** B.: A flora de Cambará, ebendort 111-135.
22. **Rambo,** B.: A Porta de Torres, ebendort 2 (1950) 125-136.
23. **Rambo,** B.: O elemento andino no pinhal rio-grandense, ebendort 3 (1951) 3-39.
24. **Rambo,** B.: A imigração da selva higrófila no Rio Grande do Sul, ebendart 55-91.
25. **Rambo,** B.: Análise geográfica das Compostas rio-grandenses, ebendort 4 (1952) 87-161.
26. **Rambo,** B.: Sapindaceae rio-grandenses, ebendort 161-185.
27. **Rambo,** B.: Estudo comparativo das Leguminosas rio-grandenses, ebendort 5 (1953) 107-184.
28. **Rambo,** B.: História da flora do Planalto rio-grandense, ebendort 185-232.
29. **Rambo,** B.: Análise histórica da flora de Pôrto Alegre, Sellowia (seit 1954 neuer Name der Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues, Itajaí, Sta. Catarina) 6 (1954) 9-112.
30. **Rambo,** B.: História da flora do Litoral rio-grandense, ebendort 113-172.

31. **Rambo, B.**: Der Regenwald am oberen Uruguay, ebendort 7 (1956) 183-233.
32. **Rambo, B.**: A flora fanerogânfica dos Aparados rio-grandenses, ebendort 255-298.
33. **Rambo, B.**: Regenwald und Kamp in Rio Grande do Sul, ebendort 8 (1957).
34. **Rambo, B.**: O gênero Eryngium no Rio Grande do Sul, ebendort.
35. **Rambo, B.**: Die Gattung Oxypetalum in Rio Grande do Sul, ebendort 9 (1958) im Druck.
36. **Rambo, B.**: Geografia das Melastomatáceas rio-grandenses, ebendort, im Druck.
37. **Rambo, B.**: Herbarium Florae Brasilae australis, seit 1931, 60.000 Nummern, rund 4.000 Arten.
38. **Reitz, R.**: Vegetação do morro do Baú, An. Bot. Nerb. Barb. Rodr. 2 (1950) 57-70.
39. **Stellfaeld, C.**: Fitogeografia geral do Estado do Paraná, Arq. Mus. Paran. 7 (1949) 309-350.

# CICÉRON ET LE STOÏCISME

par le P. MILTON VALENTE, S. J.
Docteur ès Lettres

Paris, 13 de maio de 1957.

Prezado P. Jaeger.

P. C.

Aqui vai o artigo pedido. É atualíssimo, porque sai justamente para o bi-milenário da morte de Cícero, que será celebrado o ano próximo.

Aqui em Paris já se começa a preparar a festividade. Promete ser pomposa, principalmente na Sorbona e na Sociedade "Guillaume Budé".

Excusado é dizer que o trabalho foi para mim um sacrifício. Tive que abandonar os outros estudos e vários cursos a fim de poder entregá-lo no prazo marcado.

Faço votos que esteja do agrado de V. R.

P. Milton Valente, S. J.

Le bimillénaire de la mort de Cicéron attire naturellement l'attention sur sa pensée. Il nous invite à souligner le rôle qu'il a joué dans l'expansion de la philosophie au premier siècle avant Jésus-Christ. Nous le ferons en indiquant comment il a assimilé la philosophie qu'il devait transmettre et en montrant par un exemple à quelle maîtrise il a atteint.

Cicéron s'est intéressé de bonne heure à la philosophie et s'est toujours appliqué à l'étudier. Encore enfant, il prend contact avec elle, et la plupart de ses maîtres sont des Stoïciens, tel le premier, L. Elius Stilon, avec qui il étudie la grammaire.

A Rome, tandis que l'hellénisme gagnait de plus en plus, on commençait aussi à s'occuper de la langue maternelle, à élaborer la théorie des formes grammaticales et de l'orthographe. Les Romains ont considéré L. Elius Stilon comme le fondateur réel de la science de leur langue. Stilon traita de questions purement grammaticales, comme de l'étymologie, qu'il fut le premier à étudier méthodiquement dans la langue latine; il écrivit sur la syntaxe des propositions à la façon de Chrysippe. Mais la philologie qu'il créa *1)* ne se limitait pas à l'explication et à la critique littéraire; à l'exemple de celle des Alexandrins, elle tendait à faire comnaître la vie antique. Il comprenait la science du langage au sens large du terme, comme le faisaient les Stoïciens qui y incluaient la logique. Il ne se contenta pas de suivre leurs méthodes, il se convertit aussi à leur doctrine *2)*, sans doute l'influence de Panétius qui s'intéressait, lui aussi, à la philologie. Or, connaissant les habitudes de propagande du Portique, nous avons de la peine à croire que Stilon ne joignît pas à l'enseignement de la langue quelques éléments de philosophie stoïcienne.

C'est sans doute sous l'effet de ces leçons que Cicéron, même dans ses exercices stylistiques, en vint à s'occuper d'oeuvres proprement stoïciennes. Il traduisit en latin le poème d'Aratos intitulé "Phénomènes", dont le contenu était bien stoïcien: la foi dans la Providence.

Aratos*3)* lui-même avant d'aller à la cour du roi Antigonos de Macédoine en 276, avait été à Athènes auditeur des Stoïciens. Ses "Phénomènes" ne voulaient pas être seulement une traité de poésie, mais encore et surtout une leçon religieuse. Dans l'atmosphère diaphane du sud qui donne aux étoiles un éclat toujours nouveau, les phénomènes célestes invitent constamment à la contemplation. Pour le poète, la beauté et la régularité des mouvements stellaires manifestent la Divinité qui remplit tout et donne à tout sa forme. C'est elle qui a fixé au firmament ces signes visibles, c'est elle qui a réglé le cours de l'année, pour que l'homme pût en temps opportun vaquer à ses travaux et remplir ses devoirs. "Commençons par Zeus!" dit Aratos au début du poème. "Que son nom ne soit jamais oublié par nous, hommes! Car pleins de Zeus

---

1) Funaioli H., *Grammaticae Fragmenta*, p. 51
2) Cic., *Brutus*, 206.
3) Wilamowitz-Moellendorff U., *Hellenistische Dichtung in der Zeit des Kallimachos*, II, p. 262.

sont tous les chemins, tous les marchés des hommes, pleine de lui la mer, pleins les ports. De Zeus nous avons besoin dans toutes nos voies; nous sommes, en effet, de sa race. Avec une bonté paternelle il nous enseigne, nous appelle au travail, nous fait avoir soin de la vie".

Comme Cléanthe dans son hymne, ainsi Aratos dans cet exorde glorifie Zeus de qui les hommes peuvent s'approcher, parce qu'ils sont de sa race. Dans les paroles d'Aratos s'exprime la foi stoïcienne dans la Divinité qui a créé les merveilles du monde et donné à l'homme la force de s'assurer par lui-même sa subsistance. Certes, nous pouvons facilement nous imaginer l'impression que ces pensées devaient faire sur une âme ouverte à l'idéal, comme était celle du jeune Cicéron, lorsqu'en de longues heures d'études, il essayait de traduire en hexamètres latins les beaux vers grecs d'Aratos.

Ses premières études terminées, quand Cicéron fait, suivant la coutume romaine, son apprentissage politique, il se trouve que les jurisconsultes Scévola, *4)*, auxquels il a été confié par son père, ont des attaches stoïciennes: l'un, Scévola l'augure, a connu Panétuis et suivi ses leçons; l'autre, le Grand Pontifice, est un sage formé à l'école de Panétius et de Posidonius, dont la vie est un bel exemple de vertu stoïcienne et qui sera plus tard cité par Sénèque comme une des gloires du Portique, à côté de Régulus et de Caton d'Utique.

Jusqu'alors, Cicéron n'a qu'effleuré la philosophie. Sa curiosité s'éveille avec l'enseignement du stoïcien Diodote. Pour étudier à fond la dialectique, dont il a entendu parler comme d'une forme concentrée de l'éloquence, il travaille assidûment avec ce stoïcien et se plait si bien en sa compagnie qu'il l'installe dans sa propre maison, où ce philosophe demeurera vingt-cinq ans, jusqu'à sa mort, en 59. Quelle influence Diodote a-t-il exercée sur Cicéron? Elle ne fut pas considérable et peut-être nulle, estime M. Pohlenz 5) M. Boyancé dit au contraire: "Le goût (de Cicéron) pour la morale stoïcienne s'explique sans aucun doute en grande partie par les leçons et par l'exemple de Diodote 6). Nous souscrivons entièrement à ce "sans aucun doute": on ne saurait penser que Cicéron, qui n'était pas philosophe de métier, ne se soit pas informé, chaque

---

4. Martha J., *Cicéron: Des termes extrêmes des biens et des maux*, I, p. XVII.

5) Pholenz M., *Ciceronis Tusculanarum disputationum libri V*, erstes Heft, p. 3: "So ging er (Cicero) nun daran, sich systematisch mit der Philosophie vertraut zu machen. Er engagierte dafür den Stoiker Diodotos, bei dem er schon früher Unterricht genossen hatte... Doch hat man nicht den Eindruck, dass Diodotos auf Ciceros Weltanschauung Einfluss gewann."

6) Boyancé P., *Les méthodes de l'histoire littéraire*, p. 295

fois qu'il en était besoin, près de ce spécialiste des questions stoïciennes qu'était son pensionnaire, et sans cela il n'eût pas nommé Diodote à côté de ces autres philosophes auxquels son oeuvre est le plus abondamment redevable *7*).

En 79, Cicéron va en Grèce et fait à Athène un séjour de six mois. Il y trouve, comme chef de l'école académicienne, Antiochus d'Ascalon. Auprès de lui, il recommence l'étude de la philosophie, cette étude qu'il n'avait, dit'il, "jamais interrompue et que depuis sa première jeunesse, il n'avait cessé de cultiver et de développer *8*)."

Or, Antiochus ne se rendait pas compte de ce que la théorie propre à Platon était inséparable de sa conception de la vie, et qu'en renonçant à celle-ci, il s'écartait fondamentalement de celle-là. Son intérêt principal en philosophie se résumait, ainsi que l'a formellement dit Cicéron *9*), en deux problèmes: celui du critère de la vérité, et celui du but de 'existence. La conception métaphysique de Platon était loin de sa pensée, et l'image du monde qu'il attribuait dans son histoire de la philosophie, à l'"Ancienne Académie" était en réalité surtout la cosmologie moniste *10*) du Stoïcisme, qui lui semblait évidente. Il n'avait d'ailleurs aucune relation profonde avec Platon lui-même. L'"Ancienne Académie" qu'il voulait renouveler, était l'Académie postérieure à Platon, dans laquelle, de son point de vue purement éthique, il comprenait également Aristote. La véritable autorité pour lui était Polémon, qu'il considérait comme l'intermédiaire entre l'Académie et le Stoïcisme. Cicéron désigne d'ailleurs Antiochus sous le nom de "Polémonien *11*)."

Méthodiquement, Antiochus organisa sa propre éthique à l'exemple du Stoïcisme *12)* et définit le but de l'existence de l'homme, en partant du premier instinct. Il se ralliait sur ce point à la doctrine stoïcienne de l'oikeiôsis: l'instinct s'oriente vers la conservation et le développement de la nature propre et conduit depuis "les premières choses naturelles" jusqu'à l'accomplissement du Logos dans la moralité. La "vie conforme à la nature" est une "vie conforme à la nature humaine, développée parfaitement sous tous les rapports et qui ne manque de rien *13)*".

---

7) Valente M., *L'éthique stoïcienne chez Cicéron*, p. 67.
8) Cic., *Brutus*, 315
9) Cic., *Acad. pr.*, 29.
10) Cic., *Acad. post.*, I, 24-29.
11) Cic., *Acad. pr.*, 131: "... *ut indicant scripta Polemonis, quem Antiochus probat maxime*". — Id., *ib.*, 132; "*Si Polemoneus...*"
12) Cic., *De fin.*, IV et V. — Hirzel R., *Unters. zu Cic. philos. Schriften*, II, 620 ss. — S. Augustin, *De civitate Dei*, XIX, 3.
13) Cic., *De fin.*, V, 26.

En outre, Antiochus se sentait intérieurement toujours attiré vers le Stoïcisme *14)*. Il éprouvait un tel enthousiasme pour son idéal du sage qu'il en adopta même les paradoxes tant ridiculisés. Il s'appropria l'apathie rigide que excluait la pitié, bien qu'il se mît ainsi en contradiction ouverte avec la métriopathie de l' "Ancienne Académie".

Vers l'an 85, après la mort de Philon, Antiochus se mit à la tête de l'Académie et, pendant son scholarchat qui dura environ quinze ans, il lui donna une orientation nettement dogmatique: orientation qui était donc révolutionnaire, puisqu'elle éliminait le "doute" qui était le caractère principal de cette école. Il lui communique néanmoins une force nouvelle, en ce sens qu'il lui fit exposer une éthique idéaliste, conçue d'après des principes dogmatiques, mais présentée sous une forme attrayante, qui évitait les duretés de la doctrine stoïcienne 15). On disait même en ce temps-là âu'Antiochus avait transporté l'enseignement du Portique dans l'Académie et qu'à quelques détails près, il étaît le plus pur stoïcien, — *germanissimus Stoicus (16*). Il fut très en vogue, chez les Romains principalment, même s'ils ne partageaient pas toutes ses opinions. Cicéron étudia près de lui de 79 à 78, et se déclara longtemps "antiochien *17*)".

Entre temps, Cicéron visite le Jardin, où l'entraîne son ami Atticus, épicurien convaincu. Il y entend les deux représentants les plus qualifiés de la secte, Phèdre, qu'il a déjà connu à Rome, et Zénon. Et ce sont, entre Atticus et lui, des discussions journalières, l'un s'efforçant de convertir l'autre à ses idées, et celui-ci y demeurant obstinément réfractaire. Plus tard, ses meilleurs amis auront beau s'en faire les avocats, il poursuivra impitoyablement de sa cri-

---

14) Cic., *Acad. pr.*, 133-136.

15) Luck G., *Der Akademiker Antiochos*, p. 50: "Antiochos nahm in Wirklichkeit keine so starre Haltung ein wie Pohlenz darstellt. Sein Lieblingsgedanke war, dass die Natur in jedem höheren Lebewesen zugleich die Faehigkeiten der niederen bestehen laesst, *fin.* 4,37, *semper enim ita adsumit aliquid, ut quae prima dederit, non deserat;* deshalb geht dem Menschen nach *fin.* 4,39 auch die *naturalis appetitio* (hormé) nicht verloren."

2. Cic., *Acad. pr.*, 113: *"Hoc mihi et Peripatetici et vetus Academia concedit, vos negatis, Antiochus in primis. Qui me valde movet vel quod amavi hominem sicut ille me, vel quod ita iudico, politissimum et acutissimum omnium nostrae memoriae philosophorum."* Luck G., Der *Akademiker Antiochos*, p. 12: "Gerade weil Antiochos so maechtig auf Cicero gewirkt hat, gerade weil wir das feste Gefühl haben, dass sein Einfluss sich in den wörtlich bezeugten Stücken nicht erschöpft, erwaechst das Bedürfnis, seinen Geist auch in andern ciceronischen Schriften zu suchen."

16) Cic., *Acad. pr.*, 132: *"Cupio sequi Stoicos. Licetne... per ipsum Antiochum, qui appellabatur Academicus, erat quidem si perpauca mutavisset germanissimus Stoicus."*

17) Cic., *In Pis.*, 46.59.68; *De fin.*, I,16.

tique cette doctrine de jouissance dont l'utilitarisme individualiste s' oppose à son caractère romain, non moins que le quietisme indifférent au service de la communauté *18*). L'idéal stoïcien avait déjà poussé de profondes racines dans sons coeur.

Enfin, durant le long séjour qu'il fait à Rhodes, avant de regagner l'Italie, il a l'occasion d'entendre le stoïcien Posidonius, dont il parle comme d'un de ses maïtres et qui deviendra plus tard à Rome un de ses familiers *19*).

Ainsi pendent toute sa jeunesse, c'est-à-dire à l'âge où l'esprit se forme, Cicéron a employé une grande partie de son temps, soit à Rome, soit en Grèce, à s'instruire de la doctrine stoïcienne, et l'on peut présumer qu'un disciple comme lui n'a pas recueilli des Stoïciens un enseignement banal

Lorsqu'après son retour à Rome, il est pris par ses multiples affaires d'homme politique, la philosophie passe au second plan. Mais il ne l'abandonne jamais. Les discours attestent qu'il garde avec elle un commerce familier. Même le milieu qu'il fréquent assidûment lui offre souvent l'occasion de revenir à elle. Ses amis les plus intimes, Atticus, Varron, Caton, Lucullus, Brutus, sont tous, comme lui, curieux de ces sortes d'études, sans parler de ceux qui en font profession, comme les stoïciens Diodote et Posidonius.

Au moment donc où Cicéron commence à écrire sur la philosophie, il n'est pas un écolier novice *20*), il a derrière lui un long passé d'études. Les idées qu'il présente ne sont pas pour lui nouvelles, il les a, maintes fois, défendues ou combattues.

Cicéron s'est rendu compte, du secours que peut apporter la philosophie dans la souffrance lorsqu'en l'an 45 il perdit sa fille Tullia. Cet événement a contribué à lui faire comprendre que la meilleure façon d'aider son peuple serait de lui exposer la philosophie grecque sous une forme latine.

La décison qu'il prit n'était évidemment pas due au hasard, elle était déterminée par son tempérament personnel.

* * *

De toutes les questions dont traite la philosophie, c'est la morale incontestablement qui a les préférences de Cicéron. Sa propre conception de la philosophie a plus de rapport avec la morale qu'avec la métaphysique. On le voit clairement dans le célèbre éloge qu'il en fait dans les Tusculanes *21*).

---

18) et 19) Cic., *De nat deor.*, *I*, 123; *Tusc.*, II, 61; *fin.*, I, 6.
20) Cic., *De nat deor.*, I, 6.
21) Cic., *Tusc.*, V, 5.

Lorsqu'il entreprit de compléter personnellement la formation intellectuelle de son fils, comme si la sagesse qu'il l'avait envoyé quérir en Grèce ne lui paraissait pas suffisante — ou peut-être pas sans dangers? —, parmi tous les sujets que lui offrait la philosophie, voici quel fut son choix, et voici les motifs qu'il en donne à Marcus:

> "Bien des sujets en philosophie ont du poids et de l'utilité, dont les philosophes ont traité avec grand soin et abondance: ceux-là me paraissent ouvrir les plus larges avenues, que ceux-ci nous ont enseignés et transmis sur le thème des devoirs.
>
> Qu'il s'agisse en effet des affaires publiques ou privées, de celles qui s'agitent sur le forum ou à la maison, de celles qu'on traite avec soi-même ou dont on débat avec autrui, il n'est aucune partie de la vie qui puisse être exempte d'un office à remplir. S'en acquitter avec respect: voilà la beauté de la vie; le négliger: en voilà toute la laideur. A la vérité, cette question est commune à tous les philosophes: qui donc oserait se ranger parmi eux, qui du devoir n'enseignerait rien et ne transmettrait rien 22)".

Telle est la profession de foi qui inaugure le *De officiis*, et c'est une déclaration de moraliste. Le bien le plus précieux que Cicéron estime avoir à léguer à son fils, celui qui représente à ses yeux la valeur suprême de l'édifice philosophique, c'est une doctrine morale. Et non tant la morale spéculative, que celle, avant tout pratique, qui enseigne "le devoir". Et encore, non pas tellement le devoir en soi, que ce devoir concret et présent, cette tâche immédiate, cet "office" précis que la vie impose à tout moment, et qui à tout moment impose un choix. La personnalité morale se trouve ainsi conçue comme un réseau de fonctions à assumer et à remplir dans l'un ou l'autre des quatre domaines de l'activité humaine: vie publique et surtout politique, vie sociale, vie familiale, vie privée.

Quand il définit l'acte moral comme étant l'accomplissement d'un office, ou encore par la recherche de la beauté, Cicéron ne prétend pas faire oeuvre de théoricien, ni innover. Traditionaliste, il pense que le premier soin de celui qui veut enseigner les autres est de recueillir les doctrines que ont été "transmises". Mais il se réserve le droit et s'impose le devoir de faire un choix parmi toutes les doctrines qui ont été "enseignées"; il choisit le Stoïcisme, mais en gardant une certaine indépendance. C'est ce qu'on peut constater dans sa prise de position en face d'un grand nombre de problèmes.

Nous nous bornerons ici à en présenter deux: le problème de l'utile et celui de l'origine du droit politique. Ces deux questions sont fondamentales parce qu'elles mettent en cause l'aptitude de l'intérêt à servir de règle d'action, soit pour un individu soit pour

---

22) Cic., *De off.*, I, 4s.

une collectivité. Elles sont décisives pour juger de la morale de Cicéron et de son originalité, car sur ces deux points il constate la carence de l'éthique stoïcienne, sinon ses dangers, et cherche à y remédier en proposant ses conceptions propres.

Cicéron traite le problème de l'utile d'une manière très "pratique", pour ne pas dire à la façon casuiste des Stoïciens, à grand renfort d'exemples et de faits historiques. Je citerai le cas le plus typique.

On connaît le sujet le plus classique du débat. Un marchand, dont on suppose qu'il est un sage, un homme de bien, apporte du blé à Rhodes, où sévit la famine. Il sait que d'autres bateaux suivent le sien: peut-il cacher le fait pour vendre son blé plus cher ou doit-il le faire savoir?

Diogène soutient qu'il n'y a pas à dépasser les exigences du droit civil: faire connaître les défauts de la marchandise, ainsi qu'il est prescrit, s'abstenir de tout dol caractérisé, et quant au reste, appliquer les lois du commerce, c'est-à-dire vendre le plus cher qu'on peut.

Antipater répond: Toi qui te vantes de travailler pour le bien commun, de servir la société, tu dois écouter la voix de la nature: "Que ton utilité soit l'utilité commune, et réciproquement que l'intérêt de tous soit le tien *23)*". Comment donc pourrais-tu dissimuler pour ton seul intérêt ce qu'il est de l'intérêt de tous de savoir?

Diogène de rétorquer qu'il ne cache rien, mais se contente de se taire: "Ce qu'il t'est utile d'entendre, il ne m'est pas obligatoire de le dire *24)*".

Si, répond Antipater, "tu le dois si vraiment tu te souviens qu'il y a entre tous les hommes un lien de société noué par la nature *25)*."

Mais Diogène ne veut pas entendre raison: la communauté, demande-t-il, supprime-t-elle la propriété?

Et Cicéron de conclure: "Il y a donc des cas douteux, où un parti soutient l'honnête et l'autre plaide pour l'utile, disant de ce qui paraît utile qu'il n'est pas seulement honnête de le faire, mais qu'il serait même déshonnête de ne pas le faire. Telle est l'opposition qui paraît fréquemment avoir lieu entre l'utile et l'honnête *26)*."

Antipater avait bien entrevu la solution, mais il n'avait pas réussi à l'imposer à son adversaire. Si nous ne sommes pas familiarisés avec l' éthique stoïcienne, il y a lá de quoi nous étonner:

---

23) Cic., *De off.*, III, 52: "*. . . ut utilitas tua communis sit, vicissimque communis utilitas tua sit.*"

23) Cic., *De off.*, III, 52: "*Sed non quidquid tibi audire utile est, idem mihi dicere necesse est.*"

25) Cic., *De off.*, III, 53: "*Necesse est siquidem meministi esse inter homines natura coniunctam societatem.*

26) Cic., *De off.*, III, 56.

n'est'il pas évident que ce qui est conforme à l'utilité d'un plus grand nombre doit être moralment "préféré" à l'utilité d'un seul? Mais précisément, pour un Soïcien, un choix entre deux "préférables" n'est pas un vrai choix moral. C'est un choi entre deux choses "utiles", qui appartient donc à la catégorie du "convenable", c'est-à-dire à cette moralité "moyenne" — et nous avons le droit d'entendre: inférieure — qui n'est pas régie par des principes infaillibles, mais laissée à l'estimation de chacun ou dépendante des circonstances. Dans le pur Stoïcisme en effet, le critère suprême de la moralité reste abstrait: c'est la conformité au Logos, à la Loi de l'Univers. Aucune règle précise d'action ne peut en être déduite pour l'usage des choses courantes de la vie 27).

Pour en revenir à notre problème, vendre étant un acte utile, on cherche seulement s'il est plus "convenable" de le faire dans l'intérêt propre on dans l'intérêt du plus grand nombre. Ce qui revient à se demander lequel est le plus utile, et c'est cela qui sera le plus honnête. On devine de quel côté risque de pencher l'aiguille de la balance. Cicéron juge ainsi Hécaton, grand examinateur de "cas" de ce genre: "Il pèse le pour et le contre, mais juge cependant en définitive que le devoir est à régler d'après l'intérêt plutôt que d'après le sens de l'humain 28)."

C'est ici que Cicéron va prende du champ à l'égard du Stoïcisme, et que son originalité va apparaitre. Il ne veut pas d'une morale purement abstraite: comme nous avons pu le voir dans les enseignements qu'il donne à son fils, il veut une morale qui soit apte à régir avec sûreté et autorité tous les "offices" de la vie. Il veut que l'intérêt général l'emporte sur l'intérêt particulier; et de la "préférence" ainsi accordée il fait une loi inscrite dans la nature même de l'homme, le principe suprême de la moralité. C'est qu'il considère avant tout l'homme comme un être social, c'est-à-dire comme membre d'une communauté humaine.

Le changement de perspective est important. La primauté de l'universel n'est plus une option entre deux actes indifférents, elle devient la règle de l'acte parfait. La raison individuelle n'edicte

---

27) Des critiques de ce genre sont fréquentes dans le livre IV du *De finibus*, v. g. §46: *"Vobis autem, quibus nihil est aliud propositum nisi rectum atque honestum, unde offici, unde agendi principium nascatur, non reperietis."* Ce qui est reproché à l'idée de l'honnête, c'est de n'être pas ancrée dans la nature concrète de l'homme, dans ses tendances à l'action. En langage moderne, on dirait que ce critère de moralité reste dans la raison théorique, sans descendre dans la raison pratique. Of. *De fin.*, IV, 68: *"Cum enim quod honestum sit, id solum bonum esse confirmatur, tollitur cura valetudinis, diligentia rei familiaris, administratio rei publicae, ordo gerendorum negotiorum, officia vitae, ipsum denique illud honestum, in quo uno vultis esse omnia, deserendum est."*

28) Cic., *De off.*, III, 89.

plus la loi morale en indiquant le parti le plus conforme à la nature des choses, mais celui qui est le plus conforme au bien commum humain. La moralité "s'humanise". L'homme juge ce qui est monal en prenant le point de vue de ce qui est le plus utile et avantageux, le plus convenable au plus grand nombre. Là encore, le retournement éthique est complet: le principe du convenable et de l'utile, arraché à l'individualisme égoïste et devenu le principe universal de *l'humanitas*, entre dans la sphère déterminante de la moralité *29*).

Voici, en effet, comment Cicéron résoud le cas de ce négociant: s'il dissimule aux Rhodiens, dit-il, les autres arrivages de blé, il use de dol, ce qui est peut-être le fait d'un sage, d'un homme qui "entend sagement son intérêt" mais certainement pas d'un honnête homme, d'un homme de bien. La ruse est aussi contraire à la nature humaine que l'abus de la force, et encore faut-il ajouter: "de toutes les injustices, la plus grave se trouve chez ceux qui, au plus fort de leur mensonge, agissent de manière à passer pour gens de bien *30*)."

Ce n'est pas agir en honnêt homme que s'abstenir du bien qu'on pourrait faire, et à plus forte raison de l'empêcher par dol. Pour découvrir la règle de la conduite, il n'est pas nécessaire de se livrer à de subtiles considérations philosophiques ou juridiques, il suffit d'interroger sa raison, sa nature: elle répond par une loi sans appel, prescrivant de respecter la bonne foi et la justice qu'on doit à autrui et écartant clairement tout faux-fuyant.

> "La raison interdit tout ce qui serait insidieux, simulé, fallacieux... 31) Je vois bien que par suite de la dépravation des moeurs, cela n'est pas tenu pour deshonnête par l'opinion, ni n'est sanctionné par la loi ou par le droit civil. La loi de la nature, cependant, le sanctionne. Car il y a un lien de société (si cela a été dit souvent, il faut encore le répéter) qui s'étend extrêmement loin, unissant tous les hommes entre eux... 32) Puisque la nature est la source du droit, on comprend par là que ce qui est conforme à la nature, c'est que personne n'agisse de manière à profiter de l'ignorance d'autrui... 33)."

Pour prouver sa thèse, Cicéron ne demande pas de naisons aux philosophes, bien qu'il invoque leur témoignage. Puisque les sages ont failli, il s'adresse aux "gens de bien", aux anciens héros

---

29) C'est à ce but que tend toute la critique instituée au livre IV du *De finibus*, v. g. § 43.

30) Cic., *De off.*, I, 41: *"Totius autem iniustitiae nulla capitalior quam eorum, qui tum, cum maxime fallunt, id agunt, ut viri boni esse videantur."*

31) Cic., *De off.*, III, 68.

32) Cic., *De off.*, III, 69.

33) Cic., *De off.*, III, 72.

"nos ainés, qui n'aimaient pas la rouerie *34)*, tandis que les sages de la Grèce en dissertaient tranquillement. Et puisque le droit civil "est issu du sentiment naturel de la justice *35*)", c'est au vieux droit romain qu'il demande les preuves de la loi de la nature, aux vieux adages dans lesquels s'est codifiée la sagesse populaire, plus juste que celle des philosophes, telles ces clausules de contrats: "autant qu'il est bon et juste," "comme il est d'usage entre honnêtes gens *36)*", "afin que, par toi et ta garantie, je sois sauf de tout dommage", "comme il convient d'agir entre honnêtes gens et sans intention de frauder *37*)", telles encore les lois des Douze Tables qui "punissaient le tuteur indélicat", la loi Plaetoria qui punissait "les pièges tendus aux mineurs *38*)," les lois *sacratae*, qui veillaient "sur la sainteté du serment *39*)".

Dans ce droit ancien, antérieur à toute spéculation sur la règle de la moralité, c'est la voix de la nature qui se fait entendre spontanément et sans fard. Elle proclame qu'il n'y a de sécurité pour personne, là où chacun se fait juge de son intérêt, et qu'il n'y a donc d'utilité réelle pour chaque homme que là où chacun cherche avant tout l'utilité humaine la plus universelle. Elle indique que l'affaire par excellence de l'éthique est d'organiser les rapports entre les hommes, et que la loi suprême de la moralité est la sauvegarde du lien social. Ce qui est moral, c'est de "remplir sa fonction d'homme", c'est-à-dire de "travailler pour le bien commun *40)*". Ce qui est immoral, c'est "ce qui est contraire à la nature"; et est contraire à la nature non pas, comme le disaient les Grecs, le mal organique, "ni la maladie, ni la pauvreté, ni quoi que ce soit de semblable", mais, comme l'avaient bien senti les anciens Romains, ce qui va contre "la société humaine", contre "la cause commune", contre "les intérêts des hommes", toute action "injuste", tel que "l'acte de s'emparer du bien d'autrui ou le sentiment de convoitise", tout ce qui est "façon inhumaine d'agir *41)*".

La réponse que Cicéron apporte à la question de l'utile est donc celle-ci: il ne peut y avoir de conflit réel entre l'utile et le moral, parce que le moral est la recherche de l'intérêt général, d'une part, et que, d'autre part, toute recherche de l'intérêt particulier contre l'intérêt général se retourne en définitive contre l'individu, tandis que toute recherche de l'intérêt général même à

---

34) Cic., *De off.*, III, 68.
35) Cic., *De off.*, III, 71.
36) Cic., *De off.*, III, 61.
37) Cic., *De off.*, III, 70.
38) Cic., *De off.*, III, 61.
39) Cic., *De off.*, III, 111.
40) Cic., *De off.*, III, 31.
41) Cic., *De off.*, III, 30. 31.

l'encontre du sien favorise en définitive l'intérêt propre bien compris. Ce qui est moral, c'est ce qui va à l'humain, et ce qui est humain, voilà ce qui est utile. L'individu n'est plus le juge souverain de ce qui est conforme ou convenable à sa nature; mais ce qu'il a de commum avec les autres hommes juge en lui de toute moralité et utilité, et en juge en fonction des autres hommes. La nature, source de la moralité, n'est plus conçue seulement comme une forme métaphysique, participation au Logos du monde, et la moralité n'est plus l'ordre qui assigne à l'homme sa place dans l'univers. Cette nature commune, c'est la communauté humaine, et la moralité se définit par la position des membres dans cette communauté.

Si "la société humaine est ce qu'il y a de plus conforme à la nature 42)", s'il est "plus conforme à la nature d'imiter les travaux et les bienfaits d'Hercule" "pour le bien et le salut de l'humanité" "que de vivre retiré du commerce de ses semblables *43)*", c'est que "non seulement la nature, c'est-à-dire le droit des gens, mais aussi les lois propres aux nations" et "plus encore la raison immanente à la nature, qui est la loi divine et humaine" concourent à ce but: "que nulle atteinte ne soit portée au lien social *44)*". Ainsi se trouve fixée la loi suprême de la moralité: "l'humanité":

"Un unique dessein doit s'imposer à tous: que l'intérêt pour chacun soit identique à l'intérêt de tous; car si chacun le détourne pour soi seul, tout lien de societé humaine est rompu. Si la nature prescrit à l'homme de porter secours à l'homme, quel qu'il soit, pour cette seule raison qu'il est homme, c'est qu'il est nécessairement conforme à cette même nature que l'utilité soit commune à tous. S'il en est ainsi, la loi de nature nous étreint tous; est s'il en est ainsi, la loi de nature interdit assurément de faire violence à autrui. Si le premier terme est vrai, vrai en conséquence est aussi le dernier... Certains prétendent qu'il faut tenir compte des citoyens, mais le nient des étrangers: ils brisent le lien de société comun au genre humain; celui-ci étant supprimé, bienfaisance, libéralité, bonté, justice sont supprimées jusqu'à leurs fondements. Et ceux qui les suppriment doivent être estimés impies envers même les dieux immortels. Par eux, en effet, a été établi entre les hommes la société humaine qu'ils détruisent, société dont le lien le plus ferme est ce jugement: il est plus contraire à la nature que l'homme, pour son intérêt propre, dérobe à l'homme, que de subir tous les dommages soit extérieurs, soit corporels, soit même spirituels, pourvu qu'ils soient exempts de fautes contre la justice. Car cette vertu est à elle seule maîtresse et reine de toutes les vertus... 45)."

---

42) Cic., *De off.*, III, 21.
43) Cic., *De off.*, III, 25.
44) Cic., *De off.*, III, 23.
45) Cic., *De off.*, III, 26-28.

Cette moralité repose sur le sentiment profond que tout est commun entre les hommes *46)*, que tout bien vient à chacun par l'aide de tous les autres *47)*, et que chacun doit donc, autant par reconnaissance que dans son intérêt, travailler au "salut commun *48)*". Une foi que ceci a été compris, la justice cesse d'être la froide mesure du doit et de l'avoir. L'impulsion vers l'utile, purifiée, devient la recherche de l'utilité commune, bonté et bienveillance universelles. La vertu perd son allure hautaine et impersonnelle, elle apprend à se soucier d'abord d'autrui. La morale cesse d'être une attitude philosophique, elle devient affaire d'honnêtes hommes, rapport humain. Car "la nature n'aime rien de solitaire *49)*", elle qui fonde la société *50)* et établit l'amitié, et "la vertu n'est pas inhumaine, égoïte, orgueilleuse"; elle qui pousse à "l'amour du peuple" et à la bonté envers la multitude *51)*. La moralité trouve en conséquence, dans le maintien du lien social, son critère et son but: "Je pose en principe que c'est le propre de la vertu de se concilier les esprits des hommes et de les attacher à nos besoins *52)*." Et la moralité atteint en même temps sa beauté parfaite, lorsque les tendances de chaque homme et de tous les hommes se fondent et se rencontrent dans une commune poursuite de l'humain, car alors règne en chaque homme et entre tous "cette beauté et cette harmonie morale qui nous plaît par elle-même et que touche les esprits de tous par sa nature et par sa beauté *53)*."

* * *

Qu'il existe une loi morale, que l'homme doive s'y soumettre, qu'il n'y ait pas sans elle de vie humaine véritable, et que cette loi enfin impose aux hommes des devoirs de justice mutuelle, il n'est aucun philosophe, dont le jugement mérite d'être discuté, qui le nie, et ce n'est pas cela non plus qui est en cause. Mais que la vie de la cité doive être rattachée à cette même loi morale, c'est une tout autre question, et c'est elle qui va maintenant être débattue.

Transposer à une collectivité ethnique ce qui vaut pour la personnalité morale, n'est-ce pas une extrapolation bien hasardeuse? Que seule une cité vertueuse puisse être une cité prospère, convient-il de le dire a priori? n'est-ce pas plutôt aux faits d'en décider? Or,

---

46) Cic., *De off.*, I, 21-51.
47) Cic., *De off.*, II, 12.
48) Cic., *De off.*, *I*, 98; II, 38.
49) Cic., *Lael.*, 88.
50) Cic., *Lael.*, 20.
51) Cic., *Lael.*, 50.
52) Cic., *De off.*, II, 17.
53) Cic., *De off.*, II, 32.

les faits ne montrent-il pas le contraire, à savoir en définitive que le meilleur droit pour la cité est l'injustice? Tel est le paradoxe que soutint Carnéade, brillant philosophe athénien, au cours d'une ambassade qu'il fit à Rome en 155 avant notre ère. Sa dialectique subtile, qui fustigeait en flattant, irrita et séduisit à la fois les graves Romains, peu enclins à faire de la *res publica* une matière à jeux d'esprit et cependant ébranlés par l'art de raisonner du philosophe grec — c'était l'un de leurs premiers contacts avec l'hellénisme — et par son apparent "réalisme" politique. Se réalisme était avant tout dirigé contre les Stoïciens *54)* qui prétendaient soumettre les lois des Cités à une règle de justice immuable et absolue. Mais Carnéade, lui aussi, mettait le doigt sur le vice essentiel du Stoïcisme: son inaptitude à rattacher à un critère suprême, trop abstrait, des règles d'action efficaces pour la recherche des choses utiles. Tout en réfutant Carnéade, Cicéron aura à couer, uno fois de plus, de combler cette carence du Portique, et de montrer comment les cités terrestres elles-mêmes, pour leur intérêt bien compris, sont régies par les lois célestes.

Carnéade argumentait de la sorte: Si le droit était fondé en nature, il serait le même pour tous les peuples et à tous les moments de leur histoire. De même que tout le monde s'accorde à reconnaître ce qui est chaud ou froid, ce qui serait bon á un peuple devrait l'être aux autres et le rester toujours.

Or, que voyons-nous? Telle nation prend pour impiété ce qui est pour telle autre objet de culte, et lui fait la guerre pour cette raison. Telle loue le vol, telle méprise le travail. Les lois varient d'un pays à l'autre, pour le même pays d'une époque à l'autre, et dans le même temps et lieu selon les catégories de citoyens. De telles lois ne relèvent assurément pas de la nature, qui ne soufre pas de contradiction *55)*. Que devient là-dedans notre juste, qui se croit obligé d'obéir à toutes ces lois, à la fois ou successivement *56)*? Lui non plus ne sera pas juste. Quant à dire qu'il obéit à sa loi intérieure, il faudnait que tous les Sages se mettent d'accord pour attribuer le même droit à tous les êtres. Or, on est loin d'une telle unanimité *57)*.

---

54) Pohlenz M., *Die Stoa*, I, p. 178 s.: "Von den einzelnen ethischen Problemen war das wichtigste die Frage nach dem sozialen Verhalten. Karneades erörterte nach seiner Gewohnheit auch das Für und Wider, und in den berühmten Vorträgen über die Gerechtigkeit, die er 155 in Rom hielt, wendete er sich zwar mit Rücksicht auf die römischen Hörer formell gegen Platø und Aristoteles, *verband aber damit eine Widerlegung der stoischen Lehre*". — Voir dans Martha C., *Etudes morales sur l'antiquité*, le chapitre intitulé *"Le Philoso-*

55) Cic., *De re publ.*, III, 18: *"At nec inconstantiam virtus recipit, nec varietatem natura patitur"*.

56) Cic., *De re publ.*, III, 18: *"Nihil habet igitur naturale ius; ex quo illud efficitur, ne iustos quidem esse natura"*.

57) Cic., *De re publ.*, III, 19.

Il est donc plus véridique de reconnaître que le droit suit l'opinion mouvante et que l'homme obéit par crainte des sanctions légales *58)*

Après cet argument négatif, Carnéade passait à la preuve positive de sa thèse: à savoir que les nations en fait suivaient toujours leur intérêt et ne se laissaient nullement conduire par des considérations morales. Habilement, il prenait ses exemples dans l'histoire du peuple romain, réputé le plus juste. Pourquoi Rome interdisait-elle aux nations voisines la culture de la vigne et de l'oliver *59)*? Pourquoi fait-elle la guerre au monde entier, sans se soucier d'offenser les dieux des nations qu'elle opprime *60)*? Qu'adviendrait-il si elle devait restituer — en justice — tous les biens dont elle s'est ainsi emparée par violence *61)*? La loi de l'intérêt à laquelle obéissent les nations n'est pas autre que celle que suivent les individus, quand leurs affaires sont en jeu: qui avouera honnêtement les défauts de sa marchandise *62)*?

Carnéade ne s'en tenait pas là. Il entreprenait ensuite de légitimer ce qu'il avait constaté dans l'histoire politique, et c'est là qu'il heurtait de front les conceptions de Cicéron. Il ne montrait pas seulement que les choses se sont ainsi passées, il démontrait qu'elles ne devaient pas se passer autrement.

Les Romains mettent l'intérêt de la patrie au-dessus de tout et en font une vertu. On ne les en blâmera pas. Mais ce devoir patriotique ne les oblige-t-il pas à accroître sans cesse leurs territoires et leurs richesses, et comment cela, sinon par la guerre et au détriment des nations voisines *63)*? A cela s'est employée toute la vertu dés héros romains, et c'est seulement de cette manière que Rome est desvenue une nation prospère. Qu'elle s'essaye donc à se régler sur la justice et son cortège de vertus: libéralité, miséricorde, etc., et elle ne tardera pas à déchoir de sa splendeur et à tomber en servitude *64)*.

Comment qualifierait-on cette conduite, juste peut-être, mais contraire à ses intérêts? On prétend que le juste a l'âme en paix,

---

58) Cic., *De re publ.*, III, 18: "*...legesque poena, non iustitia nostra comprobantur*"... *An vero in legibus varietatem esse dicunt, natura autem viros bonos eam iustitisam sequi quae sit, non eam quae putetur?*"

59) Cic., *De re publ.*, III, 16: "*Nos vero iustissimi homines, qui Transalpinas gentes oleam et vitem serere non sinimus, quo pluris sint nostra oliveta nostraeque vineae; quod cum faciamus, prudenter facere dicimur, iuste non dicimur, ut intellegatis discrepare ab aequitate sapientiam*".

60) Tertullien, *Apol.*, *XXV*, 14.15 (Cic., *De re publ.*, III, 20).

61) Lactance, *Inst.*, 5, 16, 2-4.5 (Cic., *De re publ.*, III, 21).

62) Lactance, *Inst.*, 5, 16, 5 s. (Cic., *De re publ.*, III, 29).

63) Lactance, *Inst.*, 6, 6, 19 (Cic., *De re publ.*, III, 22).

64) Cic., *De re publ.*, III, 24.

à l'inverse du méchant *65)*. Mais n'appellerait-on pas insensé un homme qui voudrait être juste, quand les justes sont persécutés et les méchants honorés *66)*? ou celui qui, en péril de mort, ne saisirait pas une planche de salut pour la laisser à un autre *67)*? A plus forte raison faut-il juger ainsi quand ce sont les intérêts de peuples entiers qui sont en jeu. D'où Carnéade concluait: quand on parle politique, on parle intérêt; la justice en ce cas n'est plus que faiblesse *68)* ou sottise. Il estimait avoir ainsi prouvé — et justifié — que l'intérêt seul fait le droit *69)*.

Cicéron oppose à Carnéade trois sortes d'argument. Le premier est de nature théologique. Il existe un Dieu, souverain maître du monde, comme l'atteste l'ordre qui règne dans les mouvements célestes, dont il est le premier et nécessaire moteur *70)*. La capacité de l'âme à s'élever jusqu'à lui prouve son caractère divin et son immortalité *71)*. C'est ce Dieu qui a donné leurs lois aux Etats et oblige les sujets à l'obéissance. C'est lui aussi qui récompense dans le ciel les bons serviteurs des lois et des Etats et que châtie ceux qui en transgressent les devoirs *72)*.

> "Puisqu'il n'est rien de meilleur que la raison et qu'elle se trouve et en l'homme et en Dieu, la première société est celle que forme la raison entre l'homme et Dieu. Entre ceux à qui est commune la raison, entre eux l'est aussi la droite raison. Celle-ci étant la loi, nous devons penser que les hommes sont également associés avec les dieux par la loi. Entre qui existe une communauté de loi, entre ceux-là aussi existe une communauté de droit. Ceux entre qui sont communs de tels liens doivent être tenus comme étant de la même cité. A beaucoup plus forte raison s'ils obéissent en plus aux mêmes pouvoirs et puissances. Ils obéissent au plan qui décrit le ciel, à l'intelligence divine, au Dieu tout-puissant. Ce monde dans son universalité, il faut donc l'estimer cité unique, commune aux dieux et aux hommes... 73)."

Si, en effet, les hommes sont associés d'étroite manière aux dieux dans la société politique, ils le sont par le fait même entre eux et aussi étroitement. Réciproquement, les liens politiques qui unissent les hommes entre eux dans républiques particulières ont pour origine les liens de droit qui les rattachent aux dieux. Il est ainsi démon-

---

65) Cic., *De re publ.*, III, 26.
66) Cic., *De re publ.*, III, 27.
67) Lactance, *Inst.* 5, 16, 5-13 (Cic., *De re publ.*, III, 30. 31).
68) Cic., *De re publ.*, III, 23.
69) Lactance, *Inst.*, 5, 16, 5-13 (Cic., *De re publ.*, III, 30.31).
70) Cic., *De re publ.*, VI, 17-24.27
71) Cic., *De re publ.*, VI, 15.25.26.28.
72) Cic., *De re publ.*, VI, 13.26.29.
73) Cic., *De leg.*, I, 23.

tré que la société politique n'a pas d'autre fondement que le droit naturel *74)* et que les lois humaines et les gouvernements politiques tirent leur origine de la "loi céleste" et de "la droite raison de Jupiter", et y trouvent en même temps que leur légitimation, le critère de leur authenticité.

Le deuxième argument de Cicéron se greffe sur le premier et le troisième sur le second. Après avoir considéré la raison humaine sous son aspect transcendant, comme ce qui relie l'homme à Dieu, Cicéron la considère sous son aspect immanent, d'abord sur le plan collectif comme lien qui rassemble les hommes en société, puis le plan individuel comme source des sentiments moraux qui assurent la cohésion de la société.

L'idée essentielle du premier de ces deux arguments est que la raison met entre tous les hommes un lien de ressemblance et partant de communication, et que ce lien est le fondement du droit politique. L'homme est fait pour comprendre l'homme et se faire comprendre: les traits du visage reflètent les sentiments intérieurs, le regard les exprime; la parole surtout, "interprète de l'esprit", est "le lien de médiation de la société humaine *75)*". L'homme comprend l'homme parce que rien n'est plus semblable à l'homme que l'homme: identiques sont les données sensorielles, les instruments de connaissance, les premières notions, le sens des mots *76)*.

Ce n'est pas l'opinion qui crée le droit; car, s'il en était ainsi, rien n'empêcherait quelque vote de faire du vol, par exemple, une loi et de l'imposer comme telle. La droite raison s'inscrit en faux contre une telle possibilité. Cela supposerait que l'opinion a le pouvoir extraordinaire de changer la nature des choses *77)*. Or, il n'en est pas ainsi, car chaque chose a son essence: l'essence du cheval n'est pas celle de l'arbre, et nul homme ne peut rien là-contre *78)*. Il y aurait donc contradiction entre la loi et la nature des choses, si la loi écrite pouvait changer le bien en mal et le mal en bien *79)*. Or, la raison humaine perçoit ces différences spécifiques des choses, d'où une seconde contradiction entre elle et la loi, c'est-à-dire entre la loi et l'opinion populaire d'où la loi est censée naître *80)*. Il n'y a pas, en effet, que les gens de bien à discerner infailliblement le bien et le mal *81)*. L'instinct du peuple n'est pas tellement per-

---

74) Cic., *De leg.*, I, 28.
75) Cic., *De leg.*, I, 26.27.
76) Cic., *De leg.*, I, 29.30.
77) Cic., *De leg.*, I, 44.
78) Cic.,*De leg.*, I, 45.
79) Cic., *De leg.*, I, 44.
80) Cic., *De.leg.*, I, 44.
81) Cic., *De leg.*, I, 48.

verti qu'il s'y trompe nécessairemente *82)*. La meilleure preuve en est que les mauvais législateurs, pour faire accepter du peuple une mauvaise loi, ne manquent pas de la vanter comme belle et bonne. Ce qui suppose que la loi est le choix du bien *83)*. De là découle en troisième lieu une contradiction au sein de la raison individuelle elle-même. Tout l'exercice du raisonnement consiste à discerner le vrai du faux. Ce discernement, que la dialectique met en oeuvre et en forme *84)*, s'opère en décelant la contrariété entre l'intérieur d'une chose et son extérieur. Or, si la vertu est faite par l'opinion, laquelle juge sur les apparences, toutes ses parties doivent être de même nature, à l'intérieur comme à extérieur. La naison est donc condamnée à se nier elle-même: à juger de l'intérieur par l'extérieur *85)*, à approuver comme réalité vraie ce qu'elle rejette comme fausse apparence *86)* et à juger chaque contraire contraire de lui-même *87)*: c'est la ruine de la vie rationnelle et du discours humain. Si donc il est contradictoire, impossible, que le droit soit fondé sur la simple opinion, c'est qu'il n'a d'autre fondement que la nature des choses et la nature de la raison qui lui est accordée *88)*. "La conséquence de ce que je viens de dire — pour mettre ici un terme à tout ce débat — saute aux yeux: c'est que le droit, comme tout ce qui est honnête, est à rechercher de son propre mouvement... et à respecter pour lui-même *89)*".

Le troisième argument consiste à dire que la nature a mis chez les hommes un penchant naturel, et que ce penchant à aimer les hommes est le fondement du droit *90)*. D'où vient qu'un criminel, dans l'impossibilité ou est son crime d'être découvert, éprouve le remords et la honte? que, pris sur le fait, il éprouve le besoin d'expliquer et d'excuser son acte et d'en exprimer du regret? bien plus, qu'il s'en justifie, s'il le peut, en faisant appel au droit naturel?*91)* Et d'où vient à l'enverse, que tel autre homme, ayant l'occasion de dépouiller sans être vu quelque voyageur égaré, non seulement ne saisira pas cette bonne occasion, mais viendra en aide à son prochain, dont il ne peut rien attendre en retour? *92)* Qu'est-ce encore que la pudeur qui ne serait pratiquée que par la craint des châtiments ou de la mauvaise réputation dont sont

---

82) Cic., *De leg.*, I, 32.
83) Cic., *De leg.*, II, 11.
84) Cic., *De leg.*, I, 62.
85) Cic., *De leg.*, *I*, 45.
86) Cic., *De leg.*, I, 45.
87) Cic., *De leg.*, I, 46.
88) Cic., *De leg.*, I, 45.
89) Cic., *De leg.*, *I*, 48.
90) Cic., *De leg.*, I, 43,60.
91) Cic., *De leg.*, I, 40.
92) Cic., *De leg.*, I, 41.

punis les actes impudiques? est-ce que la honte de ces actes n'est pas inhérente à cette vertu? et n'est-ce pas, au contraire, "l'infâmie publique de la turpitude de l'acte lui-même *93*)?"

On aboutit aux mêmes contradictions en remplaçant le droit par l'intérêt. "Si le droit n'est pas établi sur la nature, toutes les vertus disparaissent", ces vertus altruistes dont l'essence est précisément d'être désintéressées, et d'imposer des obligations envers les autres hommes *94*).

Il est aisé de prouver, en effet, que la notion d'intérêt est incompatible avec le concept de vertu. Qu'est-ce qu'un acte de libéralité accompli en vue d'une récompense *95*)? une amitié conçue en vue de l'utilité *96)*? On dira alors que les biens matériels sont supérieurs à la vertu, quand la vertu consiste justement à les repousser *97*)? La vertu ne sera plus qu'un bas calcul *98*). Bien plus, il faudra l'appeler mal, puisqu'elle recherche le contraire d'elle-même *99*). Ainsi s'empêtre-t-on dans une série de contradiction et d'absurdités, "tellementt ces choses et ces propositions s'enchaînent l'une à l'autre et se nouent *100*)."

> **"Si la justice est l'obéissance aux lois écrites et aux dispositions des peuples, et si, comme on le dit encore, toute mesure doit se tirar de l'utilité, il négligera les lois et les enfreindra, s'il le peut, celui qui le jugera profitable pour soi. Il n'y a donc plus du tout de justice là, où n'est pas la nature, et celle qu'érige quelque utilité, une utilité différente la renverse... 101)".**

L'exemple pris aux lois des Trente montre sans ambiguïté qui est visé *102*): dans la troisième partie de son discours en effet, Carnéade avait prétendu qu'il est tout à fait normal que l'intérêt fonde la loi et qu'il n'en saurait aller autrement, puisqu'elle a pour but la prospérité des cités *103)*.

La réfutation vigoureuse qu'en fait Cicéron est assurément la meilleure partie de son argumentation sur les vertus et la plus directement appropriée à son sujet. Si le sens du rapport de la cité à ses membres est l'intérêt, la réciproque s'impose avec la même rigueur. L'intérêt privé entrera donc en conflit avec l'intérêt public

---

93) Cic., *De leg.*, I, 50 . 51.
94) Cic., *De leg.*, *I*, 43.
95) Cic., *De leg.*, I, 48.
96) Cic., *De leg.*, I, 49.
97) Cic., *De leg.*, I, 52.
98) Cic., *De leg.*, I, 41.
99) Cic. *De leg.*, I, 49.
100) Cic., *De leg.*, I, 52.
101) Cic., *De leg.*, I, 42.
102) Cic., *De leg.*, I, 42.
103) Cic., *De re publ.*, III, 24-31.

au nom de la même règle du droit, ce qui entraîne la ruine de la loi, et avec elle, de la cité. L'impossibilité de fonder le lien politique sur un principe qui est la négation de soi-même et de tout lien prouve péremptoirement qu'il n'est d'autre lien du droit que celui qui découle de la loi de nature.

Il résulte donc du constitutif fondamental de la moralité que le fondement de l'Etat est la justice, inscrite dans la nature, et de ce chef universelle et obligatoire. Cette règle est en même temps le moteur du rapprochement humain. Elle assure le droit de chacun sur les devoirs altruistes de tous; mais elle assure aussi à la collectivité son droit sur les individus. Elle fonde la cité, elle lui donne et son fait et son droit. Car la cité n'est pas une somme d'individus: elle est leur principe d'unification. Le droit public n'est pas la simple harmonisation des intérêts individuels: il est un impératif universel.

* * *

Des siècles durant, le peuple romain avait poursuivi sans hésiter son chemin. Bien qu'il dût traverser des crises politiques aiguës le sentiment que tous les membres d'un peuple, comme ceux d'un corps, sont dépendants les uns des autres avait toujours prévalu. Chacun avait la conviction de devoir faire tout son possible pour la "chose du peuple".

Mais voici que Rome, après une ascension trop rapide, devient maîtresse du monde entier. L'ambition rompt les barrages bâtis par la tradition. Loin de son pays, le Romain succombe à la tentation de se servir des pouvoirs déposés entre ses mains, pour poursuivre des buts personnels. La morale ancienne des campagnards est désormais impuissant à résoudre les problèmes nouveaux. Les autorités reconnues jusqu'alors perdent leur prestige et leur force.

L'image du campagnard lié à sa terre, et dans lequel Caton voyait le symbole du vrai romain, ne présente plus, désormais, aux yeux d'un peuple dont les horizons se sont prodigieusement élargis, qu'un modèle désuet. C'est alors que l'introduction de la philosophie grecque transforme radicalement la civilisation romaine. Scipion, profondément imprégné de l'esprit stoïcien, devient désormais, pour le peuple romain, l'idéal de l'homme parfait, de l'homme qui a vécu la philosophie. Sa figure exemplaire s'impose à tous. Cicéron lui-même en subit le prestige.

Mais Cicéron ne se contenta pas de prendre l'esprit du Stoïcisme, il voulut encore en acquérir la doctrine. Il alla la chercher à ses sources, près de Zénon, de Chrysippe, de Panétius et d'autres. L'influence du Stoïcisme fut sur lui considérable. Mais il ne la

subit pas sans faire ou laisser réagir sur cette doctrine stoïcienne son tempérament et ses propres idées de moraliste.

Le sage grec remplacé par l'homme de bien, les principes et syllogismes des philosophes remplacés par les axiomes du droit romain, l'utile dégagé du convenable et transformé en sens de l'humain, la vertu réintégrée dans la nature et celle-ci spécifiée par le lien social, la moralité moyenne élevée à la hauteur de la moralité parfaite, le principe de la conduite pratique introduit immédiatement dans le principe de la beauté morale, telles sont les principales modifications que Cicéron a apportées à l'éthique stoïcienne: elles sont considérables.

Au rapport abstrait de la naison humaine à la nature universelle s'est substitué, comme règle suprême de la moralité, le rapport concret de l'homme à l'univers humain. La morale a changé de contenu et de finalité: elle s'est humanisée. De forme aussi: elle n'est plus un simple département de la philosophie, elle est devenue un art de vivre, un art pour hommes de vivre entre hommens. Elle ne repose plus sur la science théorique de la nature universelle, elle est maintenant la science pratique des rapports humains.

Cicéron a gardé de l'ancien Stoïcisme ce qu'il avait de plus valable et de plus élevé: son sens de la beauté morale, de la rectitude parfaite. Il en a perdu les vues grandioses, théologiques et cosmologiques. Plus "politique", il a concentré son regard sur la cité des hommes. Mais la morale, mise à la mesure de l'homme et à son service et affranchie du formalisme abstrait de l'ancien Stoïcisme, peut désormais se consacrer à la transformation de l'homme par l'éducation de son sens social.

L'homme vertueux selon Cicéron met sa vertu à être utile, utile aux siens, à ses amis, à ses clients, aux nécessiteux, à l'Etat. Les vertus cachées, les vertus gratuites ne sont pas son fait, mais les vertus efficaces qui laissent leurs traces dans l'Histoire et dont l'éclat brille sur le Forum pour l'instruction de tous et pour la tranquillité de l'ordre public. On parle souvent du caractère aristocratique de la vertu stoïcienne. Quand il s'agit de Cicéron, il faut préciser ainsi: l'homme vertueux veut exceller en mérites au-dessus des autres hommes, en ceci qu'il accomplira de plus grandes et plus nobles actions, et des actions qu'il mettra au service du plus grand nombre. Son devoir est de servir la Société dans l'accomplissement d'un ensemble de "fonctions".

Cicéron n'a peut-être pas été un très grand philosophe, mais il aura été de ceux qui ont le plus contribué à faire entrer la morale dans la construction de l'histoire humaine.

## CICERO

O Autor, recém-formado pela Sorbona, apresenta-nos o jovem Cícero com um pendor inato para questões filosóficas, que abraçou a filosofia estóica. Deista convicto, adotou as idéias dos filósofos gregos Áratos, Diódoto e Antiochus. Abalado com a morte da sua querida filha Túlia, achou que a melhor maneira de ajudar seu povo era expôrlhe a filosofia helênica, mas em roupagens latinas.

Encantou-se com a filosofia moral, e legou a seu filho a moral do DEVER. M. V. analiza a opinião de C. acêrca do problema do Útil e da ORIGEM DO DIREITO POLÍTICO. Existe uma lei moral que obriga a todos os homens indistintamente. Cícero eleva-se ao conhecimento de um Deus, sábio ordenador da ordem do mundo. A alma é capaz de conhecê-lo, o que prova a sua imortalidade. Deus exige obediência ao homem. C. apregoa a beleza moral e a retidão perfeita, refutando a Carnéades, que defendia que «só o interêsse constituia o direito». Opõe-lhe 8 argumentos: a) a existência de um Deus, justo remunerador dos atos humanos, tanto públicos como privados; b) os laços de união que prendem recìprocamente entre si todos os homens; c) a voz da consciência que louva ou repreende. Sem isso a palavra VIRTUDE já não tem sentido. Portanto, segundo C. o homem virtuoso deve ser útil a todos, e virtuoso às claras. Patriota como era, C. pretendeu opôr, com essa sua filosofia estóica, um dique ao descalabro moral do seu povo romano.

## SUMARY

The author presents the youthful Cicero with his natural preferences for philosphy leading him to embrace the Stoic theories. A convinced deist, Cicero adopted the teachings of the Greek philosphers Aratos, Diodotos and Antiochus. The death of his favorite daughter Julia brought him to the conviction that the best manner to serve his people was to present to it Greek philosophy in Roman clothing. Above all he esteemed Ethics and to his son he inculcated the Ethies of duty.

Milton Valente analyses Cicero's opinion on y the problem of the useful and of the origin of political right. Cicero not only maintains the existence of a moral law, which binds every man indistinctly, but rises to the knowledge of an all wise God. the author of moral order. The soul can know God, which proves its immortality. God however demands obedience to his law.

Cicero praises the beauty of moral order and of perfect righteousness. He refutes Carneades, who defends right to be the equivalent of usenfulness. Three are Cicero's arguments against Carneades: a) The existence of God, the just rewarder of all human acts, both public and private. b) The bonds of community, which bind all men together. c) The voice of conscience, which approves or disapproves. Without the existence of a moral order, the term virtue loses its meaning. Therefore, according to Cicero, the virtuous man must be useful to all and practice virtue in public. Thraugh this Stoic philosophy Cicero, as a patriotic Roman, intended to oppose a barrier to the moral decadence of his people.

## ZUSAMMENFASSUNG.

**Verfasser geht den Wegen nach, die der junge Cicero, seiner natuerlichen Neigung zur Philosophie folgend, zur Stoa fuerten. Entscheidend fuer sein ganzes Leben war, dass er sich in Griechenland den Lehren des Aratos, Diodotos und Antiochos verschrieb. Der Tod seiner Lieblingstochter Julia weckte in ihm die Ueberzeugung, die beste Art, seinem eigenen Volke zu dienen, sei die Vermittlung der griechischen Philosophie in lateinischem Gewand. Seinem ganzen Charakter entsprechend, waehlte er die Ethik als Hauptfach; in den Ermahnungen an seinen Sohn spielt die Ethik der Pflicht die wichtigste Rolle.**

**Der Hauptteil der Arbeit befasst sich mit der Zergliederung von Ciceros Ausernandersetzung mit dem Probem des Nuetzlichen und des Ursprunges des politischen Rechtes. Cicero sucht nicht nur zu beweisen, dass es ein Sittengesetz gibt, das alle Menschen gleicherweise verpflichtet; er schwingt sich auch zur Erkenntnis eines weisen Ordners der Welt empor, von dem das Sittengesetz stammt. Diesen Gott kann die Seele erkennen, und daraus folgt ein Beweis fuer ihre Unsterblichkeit; dieser Gott aber verlangt von den Menschen Unterwerfung unter sein Sittengesetz. Cicero verherrlicht mit beredten Worten die Groesse der sittlichen Ordnung, die ihren praktischen Niederschlag in der vollkommenen Rechtschaffenheit des Menschen findet. Er widerlegt Carneades, nach dessen Meinung das Recht nur der Nuetzlichkeit dient; dagagen stellt Cicero: Erstens, das Dasein eines Gottes, der das private und oeffentliche Handeln des Menschen mit Lohn oder Strafe vergilt; zweitens, die Bande der Gemeinschaft, die alle Menschen unter sich verbinden; drittens, die Stimme des Gewissens, die durch Lob oder Tadel das Daseins eines allgemeinen Sittengesetzes anzeigt.**

**Ohne dieses allgemeingueltige Sittengesetz waere das Wort Tugend sinnlos. Daher soll nach Cicero der tugendhafte Mensch allen nuetzlich sein, sich selbst und der Gemeinschaft.**

**Als echt vaterlaendisch gesinnter Roemer glaubte Cicero durch seine stoische Philosophie dem immer drohender sich abzeichnenden sittlichen Zusammenbruch seines Volkes einen Damm entgegensetzen zu koennen.**

# Pesquisas no Terreno dos Indeno-Fluorenos

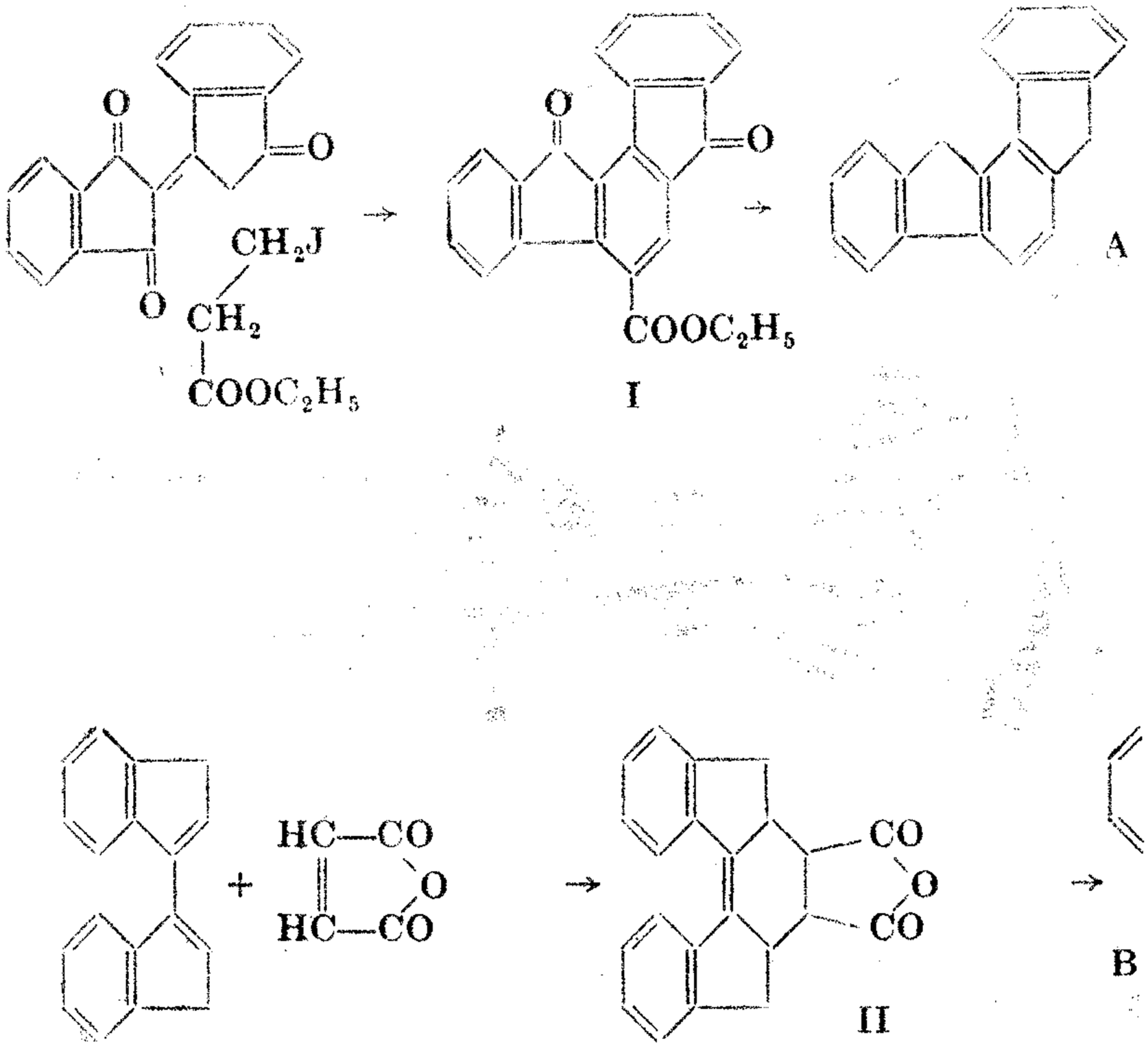
Por **Matthias Schmitz, S. J.**

Este trabalho foi executado no laboratório da Universidade de Fribourg, Suiça, sob a orientação do Prof. Dr. Louis Chardonnens e visa a síntese de alguns indeno-fluorenos que podem contribuir para aumentar o conhecimento da estrutura molecular em relação à atividade cancerígena.

Depois da introdução que tenta atualizar o nosso conhecimento nêsse ramo, apresentaremos algumas considerações gerais e práticas sôbre as sínteses cetônicas segundo o método de Friedel-Crafts. Em seguida exporemos algumas tentativas de ciclização passando logo a seguir à obtenção de derivados metílicos de cis-fluorenaceno. Finalmente, trataremos da síntese do 11-amino-cis-fluorenaceno, que mostra pela primeira vez a redução de uma nitrocetona. Em consequência disso poderemos afirmar que a redução de Wolff-Kishner não parece ser tão caraterística das cetonas como até agora se julgava.

Enquanto que sistemas aromáticos pentacíclicos, como os três isômeros do dibenzo-fenantreno e os dois dibenzo-antracenos desde muito eram conhecidos, conseguiu-se a síntese dos cinco indeno-fluorenos análogos apenas nos últimos anos.

**D. Radulescu e M. Alexa** [1]) obtiveram em 1943 de bi-indona e éster do iodo-propanoico através do éster (I) o indeno-(1',2':1,2)-fluoreno (A) que chamaram «o-trans-fluoraceno».


O
O
O
CH2J
CH2
COOC2H5
COOC2H5
I
A
HC—CO
HC—CO
O
CO
CO
O
II
B
O O=C
O
C
O
O
O
III
C
O
ROOC
O
COOR
ROOC
OK
COOR
ROOC
COOR
O
HOOC
OH
COOH
O
OH
O
D

**W. Deuschel** [2]) sintetizou em 1951/52 os outros quatro isômeros:

1) O indeno-(2',1':3,4)-fluoreno (B) por destilação do anidrido tetra-hidro-ftálico de dibenzilena (II) com pó de zinco, sendo II obtido por **F. Straus** [3]) de bi-indenila e anidrido maléico.

2) O indeno-(2',1':1,2)-fluoreno (C) por destilação da ceto-indeno-(2',1':1,2)-fluorenona (III), sintetizada por **Ch. Weizmann** [4]) de 1,4-difenil-butadieno e anidrido maléico.

3) O indeno-(2',1':2,3)-fluoreno (D) por condensação de benzal-acetofenona com 1,5-pentanodioato de etila-3-ona à 3,5-difenil-ciclohexen-(2)-ona-(1)-dicarboxilato de etila-(2,6), subsequente aromatização do núcleo médio, saponificação, ciclização e redução.

4) O indeno-(1',2':2,3)-fluoreno (E) por condensação de ciclohexeno com 1,4-xileno ao 1,4-dimetil-2,5-diciclohexil-benzeno, aromatização, cloração com ciclização e redução.

**L. Chardonnens e R. Ritter** [5]) encontraram em 1955 métodos novos para preparar o indeno-(1',2':1,2)-fluoreno (A) e indeno-(2',1':2,3)-fluoreno (D) :

1) O indeno-(1',2':1,2)-fluoreno (A) por ciclização e aromatização do 9-(2-cloro-benzal)-fluoreno [6]) ao 3,4-benzo-fluoranteno; êste, oxidado a 2-(fluorenonil-1)-benzóico, ciclizado e reduzido,vem a dar (A).

2) O indeno-(2',1':2,3)fluoreno (D) da 4,6-dibromo-isoftalofenona [7]) pela substituição de dois átomos de bromo por grupos amino, ciclização e redução.

Além dos hidrocarbonetos A, B, C, D e E e dos compostos I, II e III conhecem-se os seguintes derivados:

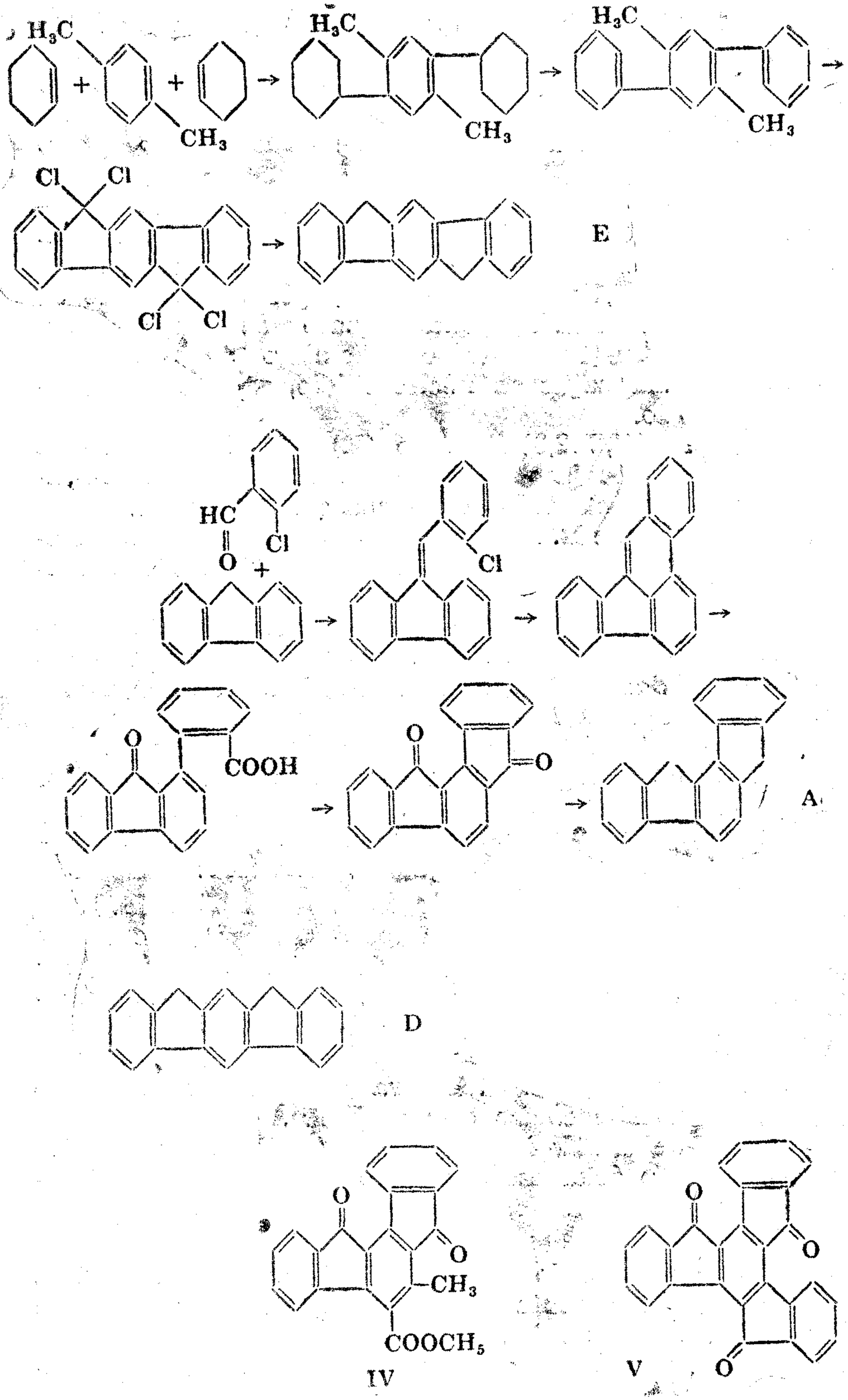
1) O assim chamado éster do ácido ftalacônico (IV), do sistema nuclear A, obtido em 1884 por **S. Gabriel** [8]) e em 1907 por **G. Errera** [9]) pelo aquecimento do anidrido ftálico com éster acetil-acético e acetato de sódio. Como produto secundário se origina o tri-2-benzoileno-benzeno (V).

2) O assim chamado éster do ácido isoftalacônico (VI), do sistema nuclear D, que **G. Errera** [9]) encontrou pela fusão alcalina do ácido ftalacônico com sulfúrico.

3) O assim chamado isoftalaceno [9]) (VII), obtido pela redução do éster do ácido isoftalacônico com iodídrico e fósforo vermelho ou pela destilação do ácido isoftalacênico com pó de zinco.

4) O assim chamado ftalaceno VIII, sintetizado por **S. Gabriel** [8]) pelo aquecimento do éster do ácido ftalacônico com iodídrico e fósforo vermelho.

5) Além disso alguns produtos de substituição de consti-


H3C
CH3
Cl
Cl
Cl
Cl
E
HC
O
Cl
Cl
O
COOH
O
O
A
D
O
CH3
COOCH5
IV
O
O
O
V

tuição conhecida, como os ácidos IX e X [9]), que são derivados dos sistemas nucleares D e A; e ainda um bromo-ftalaceno e outro dinitro-ftalaceno [8]) nos quais a posição dos substituintes é discutida; e finalmente a «difenil-difluorenona» (XI), sintetizada por **W. Dilthey** [10]).

O designação «indeno-fluoreno» com a indicação dos lugares de ligação constitui a nomenclatura oficial. A título de simplicação propôs **W. Deuschel** [2]) uma nova nomenclatura para os cinco hidrocarbonetos A, B, C, D e E, a que siguimos nêste trabalho. Segundo esta reforma se chamam as formas angulares A, B, e C fluorenafenos e as lineares D e E fluorenacenos.

Escrevem-se as fórmulas de tal maneira que o grupo metilena do fluoreno, situado horizontalmente, mostre para cima e que os outros anéis não lineares estejam à direita.

A enumeração começa com o núcleo benzênico da direita e continúa com o da esquerda.

Os grupos metilena recebem sempre os números 9 e 12 e os dois átomos de carbono no anél médio 10 e 11.

## PARTE TEÓRICA

### I. Considerações gerais sôbre as sínteses de cetonas segundo o método de Friedel-Crafts

Visto que as sínteses de cetonas a miúdo aparecem nêste trabalho, exporemos brevemente os fundamentos teóricos desta reação e acrescentaremos algumas observações próprias.

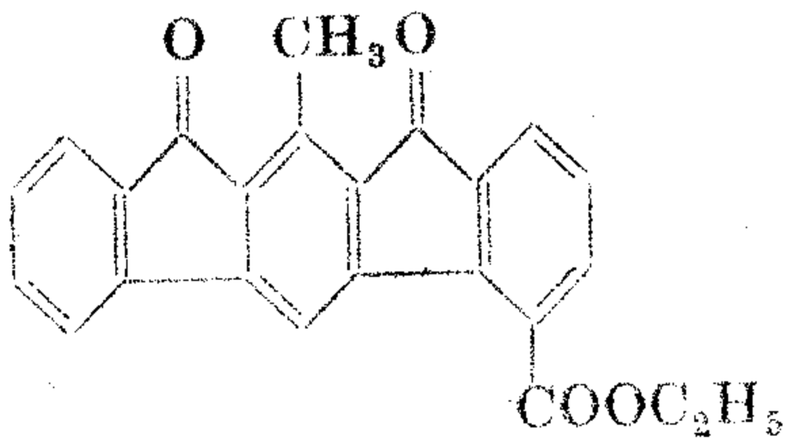
A obtenção ordinária de cetonas aromáticas consiste na condensação de cloretos de ácidos alifáticos ou aromáticos com hidrocarbonetos aromáticos em presença de cloreto de alumínio [11]).

Em lugar dos cloretos de ácidos se aplicam também ácidos graxos mais baratos e seus anidridos [12]).

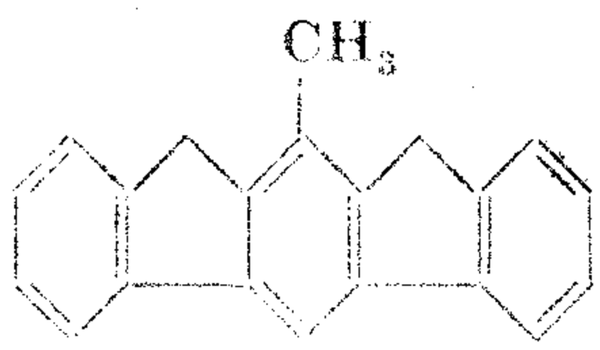
Estas sínteses de cetonas constituem uma parte das reações de substituição, catalizadas com cloreto de alumínio e correm sob o nome de síntese de cetonas de Friedel-Crafts [11]).

Para conseguir bons rendimentos em condensações novas, será necessário conhecer a importância dos diferentes componentes da reação; por isso descrevemos inicialmente o provável mecanismo da síntese de Friedel-Crafts.

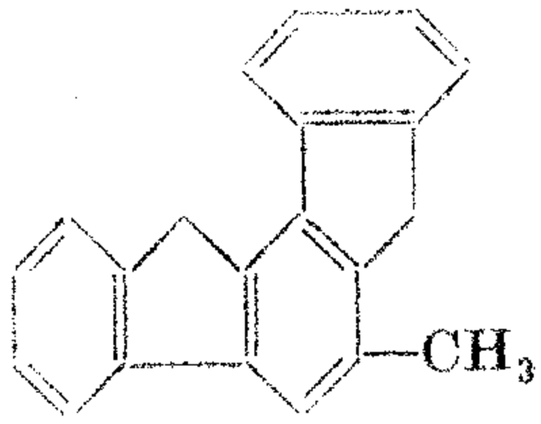
Já **G. Perrier** [13]) e **J. Böeseken** [14]) interpretaram a síntese da benzofenona segundo a equação:



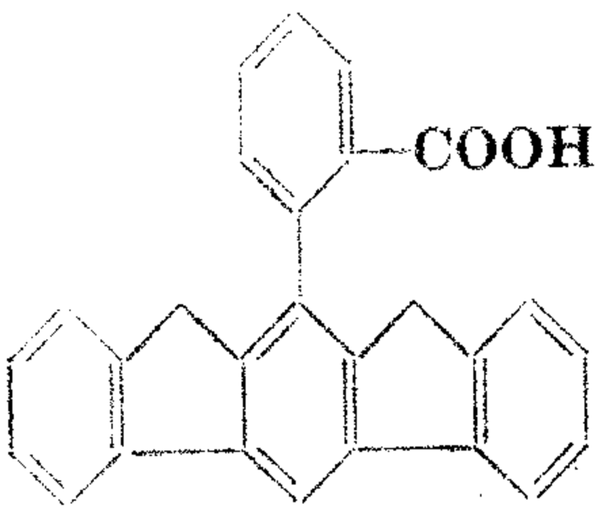

VI



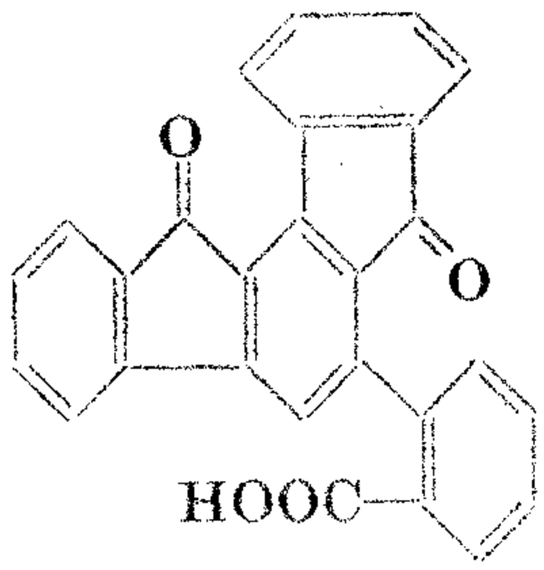

VII



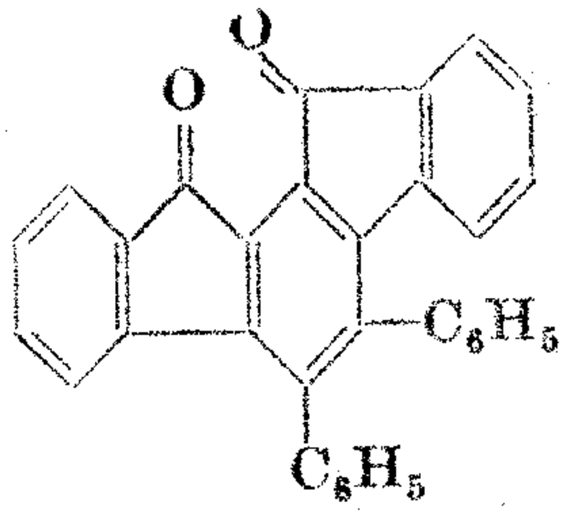

VIII



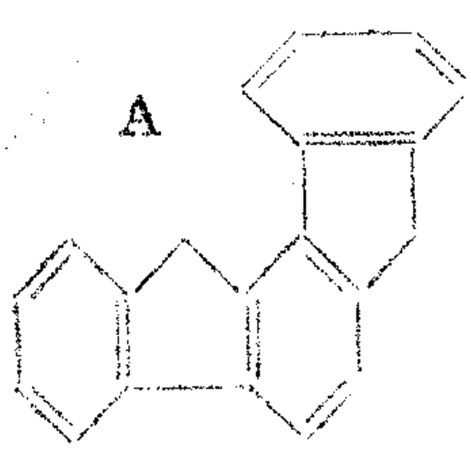

IX



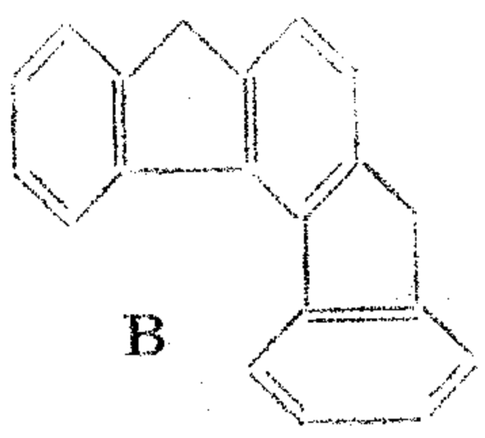

X



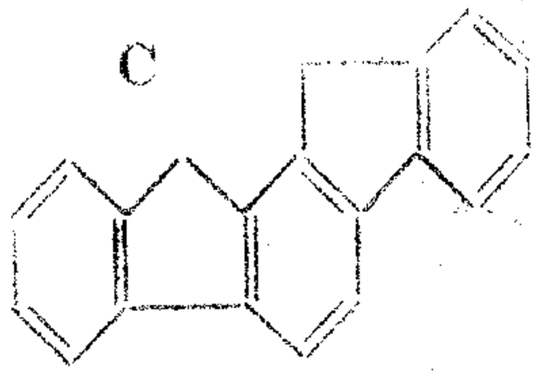

XI



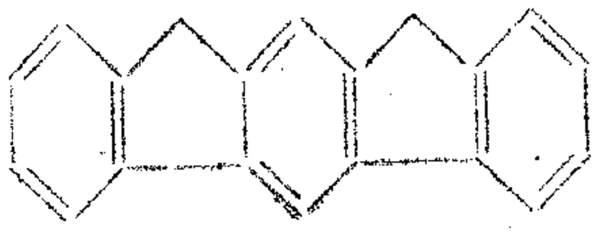
A



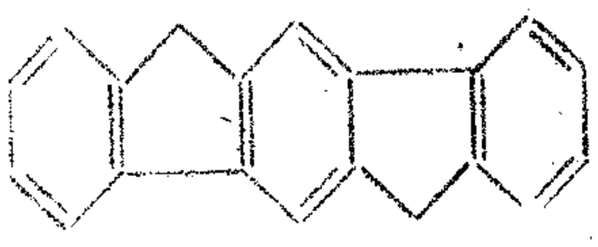
B



C



D



E

$$C_6H_5\,COCl \cdot AlCl_3 + C_6H_6 \longrightarrow C_6H_5\,COC_6H_5 \cdot AlCl_3 + HCl$$

**H. Ulich** [15]) e **W. Nespital** [16]) examinaram e confirmaram a estrutura do complexo $C_6H_5\,COCl : AlCl_3$ por meio de medições dipolares e **F. Fairbrother** [17]) pela medição da distribuição do cloro radioativo. Segundo êsses autores possui o complexo $C_6H_5\,COCl : AlCl_3$ um momento dipolar tão grande que assume a estrutura salina $[C_6H_5\,CO]^+ + [AlCl_3]^-$. O curso provável da reação será então: [18]) (Figura I).

$$C_6H_5C{=}\underline{O}| + Al{-}Cl \rightleftarrows C_6H_5C{=}\underline{O}{-}Al{-}Cl \rightleftarrows [C_6H_5C{=}O]^{\oplus} + \left[Cl{-}Al{-}Cl\right]^{\ominus} \quad \text{I}$$

$$[C_6H_5C{=}O]^{\oplus} + C_6H_6 \rightarrow (C_6H_5)_2C{=}O + H^{\oplus} \quad \text{II}$$

$$(C_6H_5)_2C{=}O + [AlCl_4]^{\ominus} \rightleftarrows (C_6H_5)_2C{=}\underline{O}^{\oplus}{-}Al^{\ominus}(Cl)_3 + Cl^{\ominus} \quad \text{III}$$

$$(C_6H_5)_2C{=}\underline{O}^{\oplus} - Al^{\ominus}Cl_3 + H_2O \rightleftarrows (C_6H_5)_2C{=}O + Al(OH)Cl_2 + HCl$$

$$RCOCl + AlCl_3 \rightleftarrows RC^{\oplus}O + [AlCl_4]^{\ominus} \quad \text{IV}$$

$$RC^{\oplus}O + \bigcirc \rightleftarrows \left[\begin{matrix} H \\ RCO \\ H \end{matrix}\right]^{\oplus} \underline{[AlCl_4]^{\ominus}} \quad RCO{-}\bigcirc + HCl + AlCl_3$$

O cloreto de alumínio recebe um par de elétrons do oxigênio cetônico formando um complexo de covalência coordinativa, o qual dissocia parcialmente em cátion benzoíla e ánion $AlCl_4$.

O cátion benzoíla ataca em seguida o benzeno, o qual perde um próton formando benzofenona. (Figura II).

O fator pròpriamente ativo da reação é, pois, o cátion benzoíla devido ao seu ataque eletrófilo sôbre o benzeno.

A benzofenona combina-se agora com o ánion $AlCl_4$ formando um complexo covalente que se decompõe pela água.

(Figura III).

Em forma resumida [19]: (Figura IV).

Segundo esta exposição forma o cloreto de alumínio um complexo de oxônio com o cloreto de ácido e êste complexo retém uma quantidade equivalente de cloreto de alumínio. Já **B. D. Steele** [20]) tinha mostrado por meio de experiências cinéticas que por cada mol de cloreto de alumínio se condensa um mol de cloreto de benzoíla. Êste fato experimental confirma, pois, nossa intepretação da reação de Friedel-Crafts.

Aquêle complexo de oxônio possui em geral muita estabilidade, de maneira que o cloreto de alumínio ligado a êste já não está à disposição para uma ativação catalítica; por isso é que um excesso de cloreto de ácido não influi na velocidade da reação; pelo contrário, se requer um excesso de cloreto de alumínio para acelerar a reação; e realmente, enquanto estiver presente o cloreto de alumínio sólido, a condensação se efetuará com velocidade constante.

**H. Ulich** e **P. von Fragstein** [21]) mostraram que na condensação de cloreto de benzoíla com benzeno, sem excesso de cloreto de alumínio, o desprendimento de gás clorídrico cessa apenas depois de 12 horas, enquanto que com algum excesso de cloreto de alumínio a reação termina em duas horas.

Os dois autores examinaram ainda a influência da superfície do cloreto de alumínio: finamente pulverizado reage mais depressa. Além disso aumentará a velocidade de reação ao saturar a mistura de reação com gás clorídrico antes de acrescentar cloreto de alumínio. À base dêsses conhecimentos teóricos e práticos pudemos estabelecer e comprovar as seguintes normas:

1) O rendimento máximo se dará com 1,08 mol de cloreto de alumínio finamente pulverizado por cada grupo carboxílico.

2) O cloreto de ácido, solúvel no componente de condensação, reage de igual maneira com ou sem dissolvente (p. ex. sulfeto de carbono). Por ser o cloreto de ácido geralmente pouco solúvel no componente líquido de condensação, convém aquecer a mistura até a dissolução completa. A temperatura inicial da reação de Friedel-Crafts há-de ser, porém, baixa e não superior a 15°C. No caso em que o cloreto de ácido se dissolve apenas parcialmente no componente de condensação, a adição de sulfeto de carbono acelerará a reação sem contudo trazer maior rendimento final.

3) Quanto à ordem dos componentes de reação seguimos dois métodos diferentes:

a) Da mistura de cloreto de ácido + sulfeto de carbo-

no + cloreto de alumínio obter-se-á uma solução quase transparente (agitador e temperatura). Em seguida se acrescenta o componente de condensação gota a gota. Desta maneira se formará o cátion de benzoíla que por um ataque eletrófilo sôbre o componente de condensação efetuará a síntese cetônica. Esta sucessão parece sumamente lógica e de acôrdo com a teoria.

b) Cloreto de ácido + o componente líquido de condensação passarão a formar, à temperatura moderada, uma solução quase transparente. Quanto mais perfeita fôr a solução, tanto mais devagar se adicionará o cloreto de alumínio, para evitar um excesso de velocidade na reação.

Seguindo êsses dois métodos, conseguimos tôdas as sínteses de Friedel-Crafts em menos de duas horas; prolongações ulteriores faziam resinificar o produto de reação.

4) A reação segue no início espontâneamente; ao cabo de 15 minutos um calor moderado, não superior a 60°C, ajudará para garantir a continuidade da reação.

5) Condensações executadas à temperaturas ordinárias e com um agitador duravam 12 a 20 horas e mostravam pequenas resinificações.

6) Agitando a mistura dos componentes durante todo o tempo da reação, esta correrá mais depressa e mais violenta; o rendimento, porém, não varia.

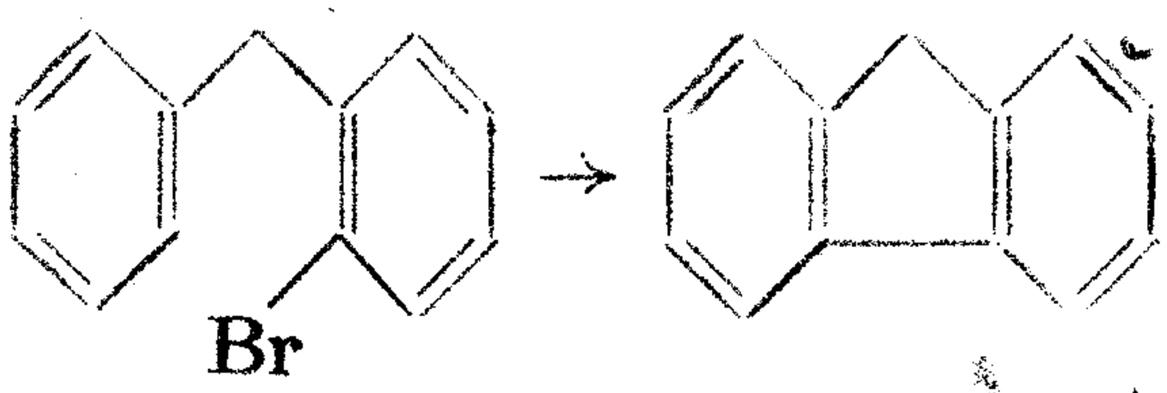
7) Em condensações difíceis se poderá introduzir na mistura, antes de acrescentar cloreto de alumínio, gás clorídrico. Umas gotas de cloreto de tionila produzirão o mesmo efeito acelerador.

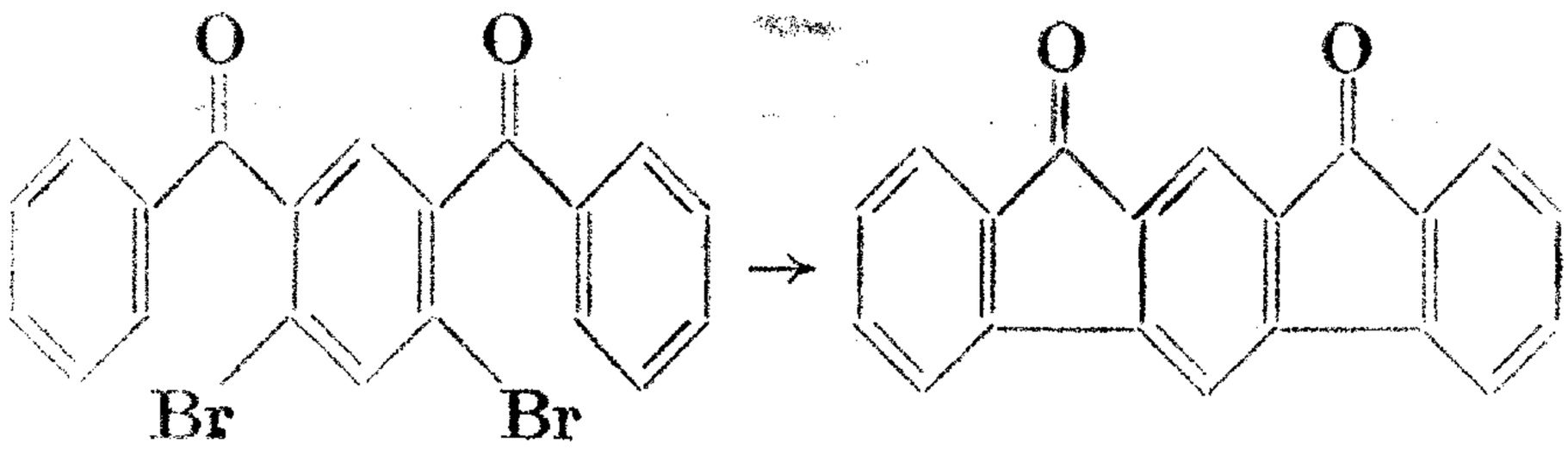
## II. Tentativas para obter fluoreno a partir de orto-halógeno-difenilmetano

Substâncias de partida são o 2-cloro-difenilmetano e 2-bromo-difenilmetano (veja a analogia com XII e XIII). A primeira substância foi sintetizada por **A. Tschitschibabin** e **A. Schesler** [22]) pela redução do 2-cloro-difenilcarbinol. Escolhemos, porém o método de **Ch. K. Bradsher** e **F. A. Vingiello** [23]) que descrevem a preparação de 2-bromo-difenilmetano.

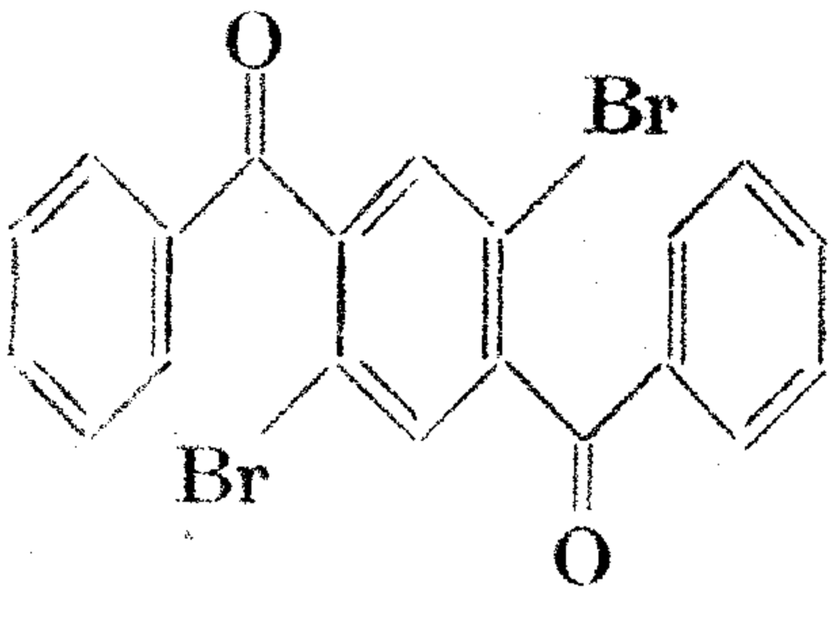
A 2-cloro-benzofenona foi obtida pela condensação de cloreto de ácido com benzeno, segundo a reação de **Friedel-Crafts** [24]), preparando o cloreto de ácido de cloreto de tionila e 2-cloro-benzóico [25]). Os pontos de fusão e de ebulição concordam com os dados dos autores acima citados [22]). De modo análogo sintetizamos o 2-bromo-difenilmetano [26]).

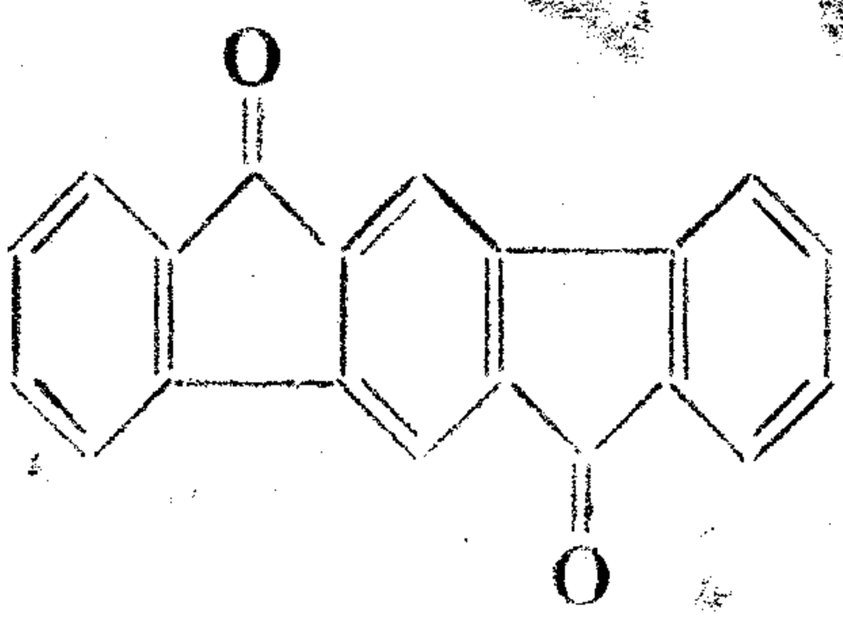
Ciclizações diretas pela separação de hidrácidos foram



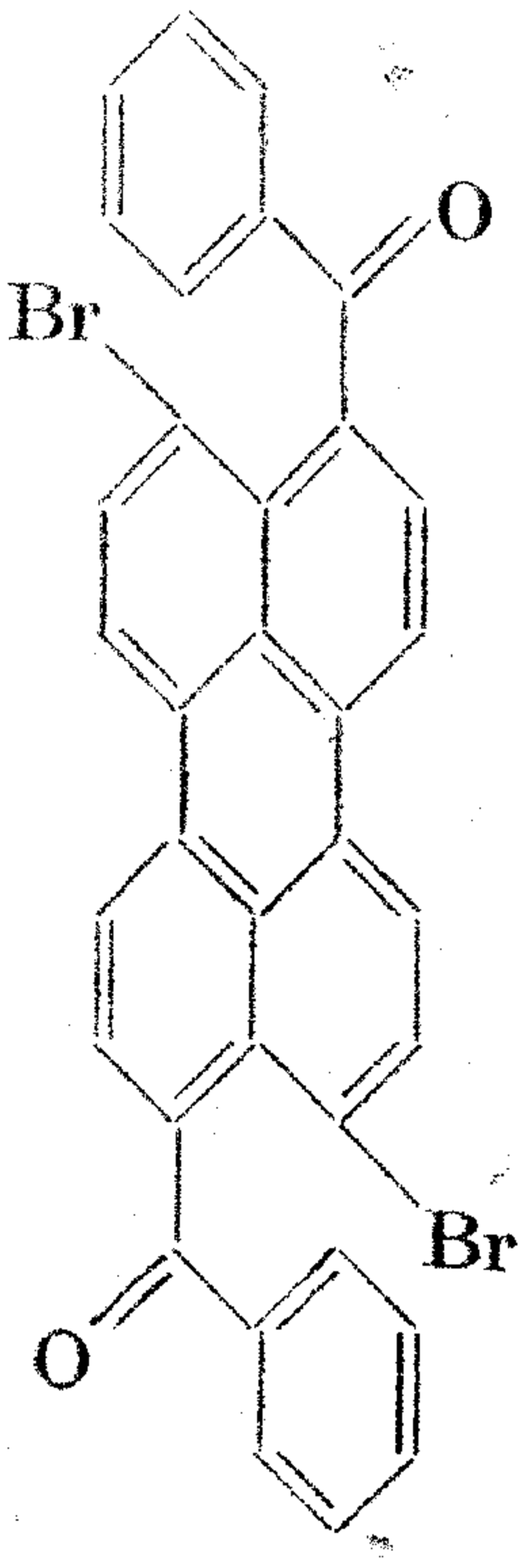




XII

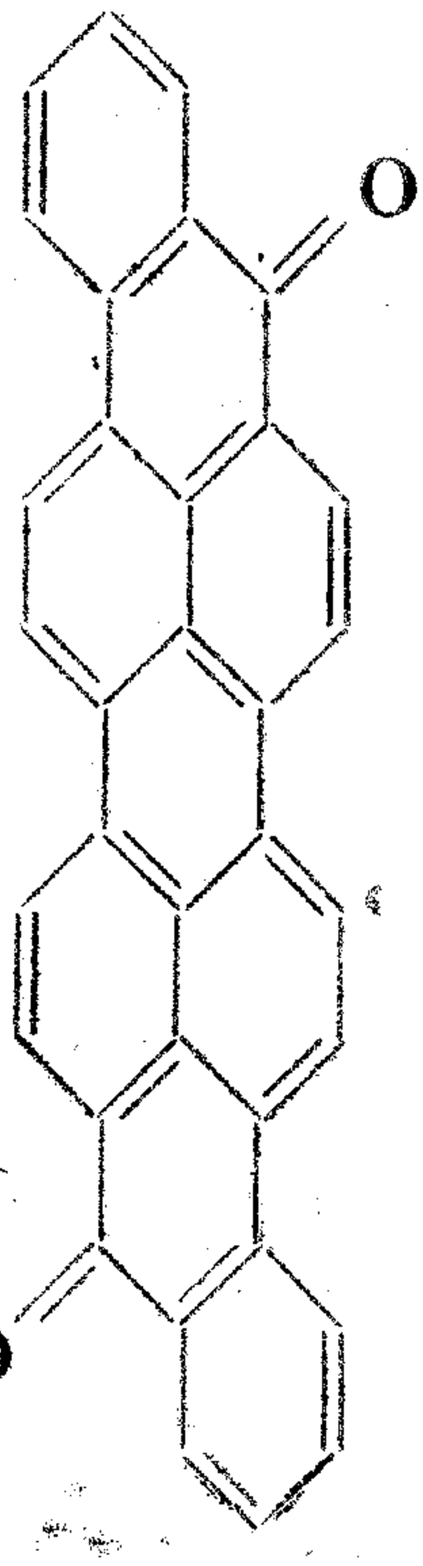


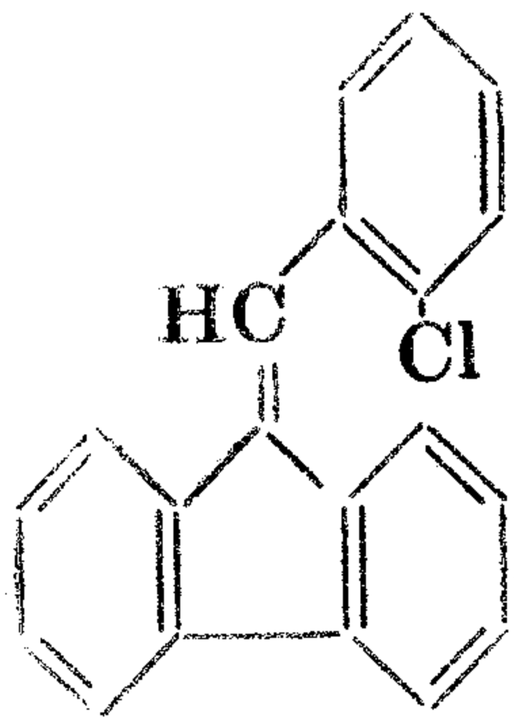

XIII



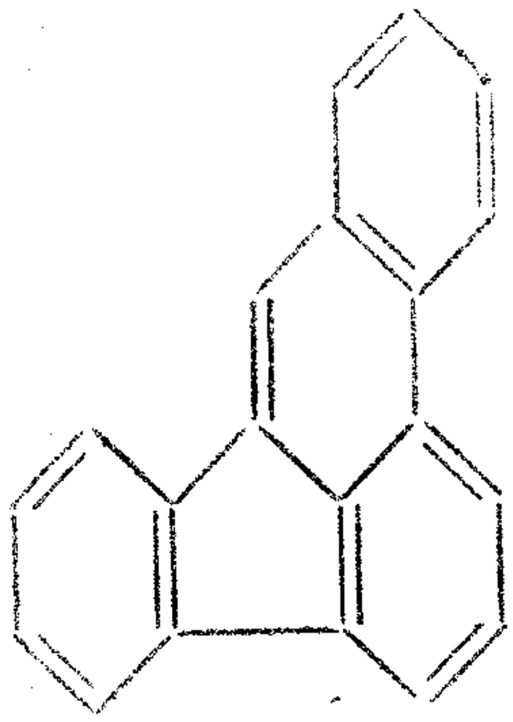

XV




XIV




XVII



XVI

executadas por **A. Zinke, K. Funke** e **A. Pongratz** [27]). Outras experiências mostram que pela ciclização de 3,9-dibenzoíl-4,10-dibromo-perilena por meio de NaOH ou álcalis em solução alcoólica, à temperatura de 200 - 300°C, se forma isoviolantrona (XIV) com um rendimento satisfatório.

As reações tornam-se especialmente fáceis pela aplicação de dissolventes apropriados:

Assim o composto XV forma, depois de uma curto aquecimento com anilina e KOH pulverizado, a isoviolantrona (XIV), enquanto que a 3,9-dibenzoíl-4,10-dicloro-perilena cicliza sòmente em quinolina à temperatura elevada. Êsse processo foi corrigido e melhorado em 1952 por **K. Holzner, E. Ziegler** e **A. Zinke** [28]), aquecendo a cetona (XV) em NaOH e quinolina, sendo a quinolina obtida pela destilação de uma mistura de quinolina e NaOH.

De um modo análogo foram preparados o benzo-fluoranteno (XVI) de (XVII) e o fenantreno de 2-cloro-cis-estilbeno etc. [29]).

Segundo outro método de ciclização [30]) se aquece, numa autoclave a 240°C durante seis horas, uma mistura de 4-metil-2-cloro-benzofenona, hidróxido de sódio, água e ferro pulverizado ou óxido cúprico. Desta maneira se obtém, com um rendimento de 55%, a 3-metil-fluorenona. Tôdas essas ciclizações empregam ou uma mistura de KOH e uma base terciária (quinolina, dimetil-anilina etc.), ou então hidróxido alcalino com um catalizador p. ex. Fe,CuO, Pd etc.

Efetivamente, as ciclizações que têm por objeto a síntese de fluoreno e de seus derivados foram executadas exclusivamente por meio de catalizadores, enquanto que o método com base terciária se aplica a sistemas aromáticos ou alicíclicos de seis carbonos. Não havia, pois probabilidade de poder sintetizar fluorenos a partir de 2-bromo-difenilmetano sem catalizadores e muito menos de ciclizar fluorenacenos. Contudo aplicamos êste método para ver até que ponto chegam as possibilidades. O rendimento foi de 4,5%.

## III Otenção de derivados metílicos de cis-fluorenaceno

### 1) Preparação do ácido 4,6-dibromo-isoftálico

A matéria prima era 1,3-xileno que por bromuração passa a ser 4,6-dibromo-1,3-xileno [31]). Ainda que repetíssemos essa operação aparentemente nas mesmas condições, os rendimentos variavam muito. Certamente existem fatores desconhecidos que dirigem de maneira diferente a reação em cada caso concreto. Normalmente, se deveria formar, 2 a 3 horas depois da bromuração, uma massa sólida cristalina; às vêzes, porém, resultava uma pasta líquida que não endurecia nem depois de 24 horas. Alguma vez obtivemos um óleo incolor que consistia principalmente em isômero 2,4-dibromo-1,3-xileno [32]). Quando o resíduo líquido não cristalizava, nós o destilávamos à pressão diminuída. As frações que passavam a 140°/14 mm solidificavam em seguida. O rendimento máximo era de 90,7%; êste, porém, não pode ser reproduzido. Na média conseguimos 75%. Provàvelmente se formam 2-bromo-1,3-xileno, 4-bromo-1,3-xileno e 2,4-dibromo-1,3-xileno, que, segundo certas condições, ainda não estudadas, surgem em maior ou menor proporção. Certamente a luz exerce um papel importante; com luz neônio resultavam ùnicamente produtos líquidos, o que se explica pela substituição nas cadeias laterais.

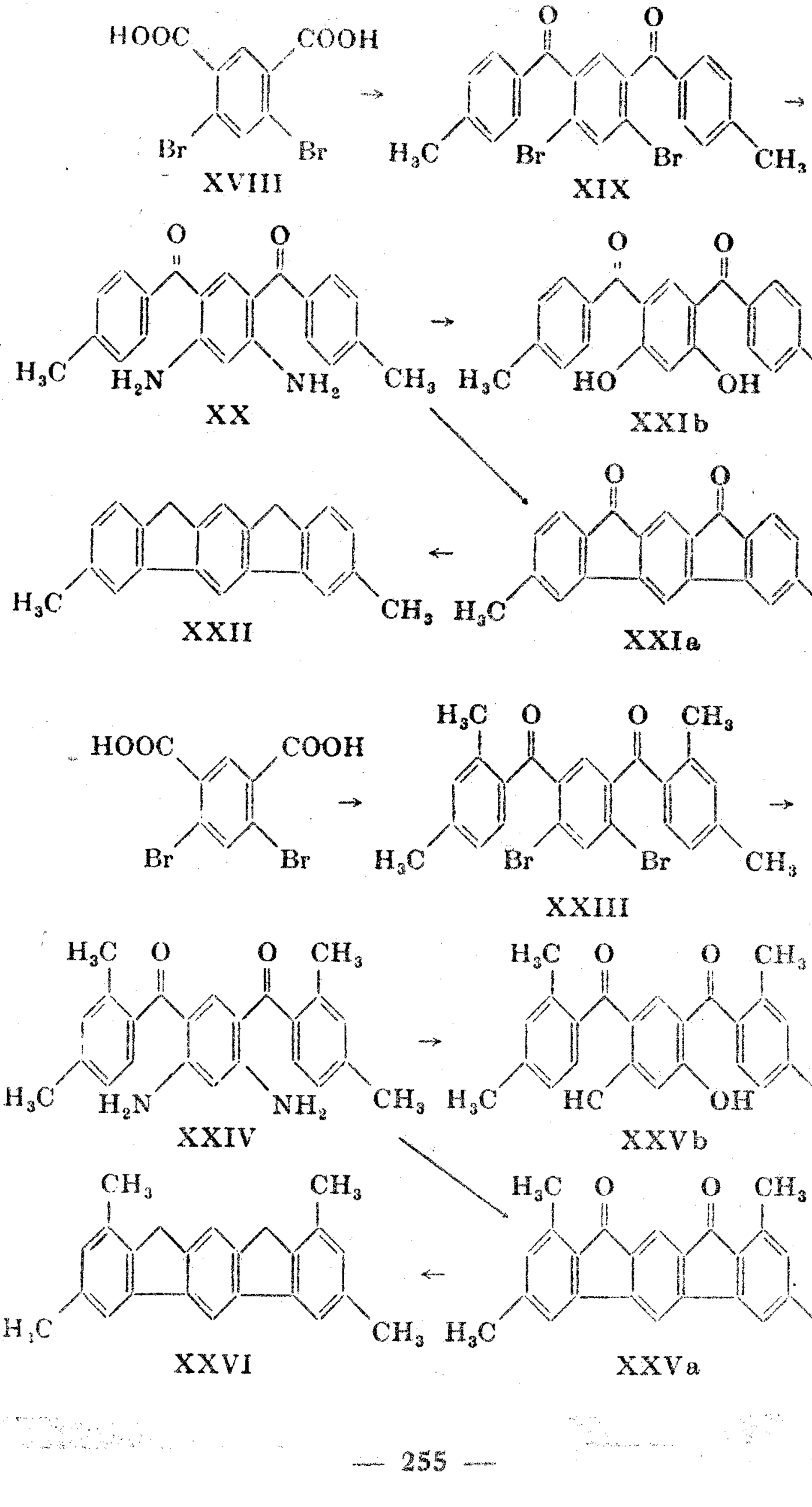
Oxidamos os dois grupos metílicos do 4,6-dibromo-1,3-xileno seguindo com pequenas alterações o método de **A. Eckert e F. Seidel** [33]): um grupo metílico por ácido nítrico e o outro por permanganato de potássio.

### 2) Preparação do 3,6-dimetil-cis-fluorenaceno (XXII)

O método indicado pelas fórmulas XVIII a XXI foi aplicado pela primeira vez por **F. Ullmann** e **E. Mallet** [34]) na obtenção da 2-nitro-fluorenona e mais tarde por **A. Schaarschmidt** e **J. Herzenberg** [35]) na preparação da 1,4-dimetil-fluorenona.

A adaptação dêsse processo aos fluorenacenos metilados deu bons resultados. Condensamos o ácido 4,6-dibromo-isoftálico XVIII com tolueno ao 1,3-bis-(4-metil-benzoíl)-4,6-dibromo-benzeno (XIX), seguindo o método de Friedel-Crafts. O produto condensado (XIX) foi tratado, durante 15 horas, por uma solução amoniacal, em tubo fechado de quartzo a 175°C resultando a amina XX.

A ciclização, pela separação de duas moléculas de amonía-


HOOC
COOH
Br
Br
XVIII
O
O
H3C
Br
Br
CH3
XIX
O
O
H3C
H2N
NH2
CH3
XX
O
O
H3C
HO
OH
CH3
XXIb
O
O
H3C
CH3
XXII
O
O
H3C
CH3
XXIa
HOOC
COOH
Br
Br
H3C
O
O
CH3
H3C
Br
Br
CH3
XXIII
H3C
O
O
CH3
H3C
H2N
NH2
CH3
XXIV
H3C
O
O
CH3
H3C
HC
OH
CH3
XXVb
CH3
CH3
H3C
CH3
XXVI
H3C
O
O
CH3
H3C
CH3
XXVa

co, é obra de três autores [36]) diferentes; prepararam fluoreno e fluorenona de 2-amino-difenilmetano respt. de 2-amino-benzofenona. Cada vez surgiam também produtos secundários: 2-hidroxi-difenilmetano respt. 2-hidroxi-benzofenona. Segundo a idéia dêsse método tetrazotamos o 1,3-bis-(4-metil-benzoíl)-4-6,diamino-benzeno (XX), aquecendo em seguida o sal diazônio a 90°C.

Apesar do aquecimento rápido obtivemos ao lado do produto principal XXa vestígios de uma substância, com caráter fenólico, de fórmula provável **XXIb.**

A redução de XXIa ao 3,6-dimetil-fluorenaceno (XXII), segundo Wolff-Kishner, não ofereceu dificuldades maiores e o rendimento resultou quase quantitativo; porém a purificação da substância bruta tornou-se difícil. Uma pureza «pro analysi» se alcança ùnicamente por uma sublimação ao vazio de 0,01 mm de Hg.

### 3) Preparação de 1,3,6,8-tetrametil-cis-fluorenaceno

O ácido 4,6-dibromo-isoftálico foi condensado com 1,3-xileno, segundo Friedel-Crafts, ao 1,3-bis-(2,4-dimetil-benzoíl)-4,6-dibromo-benzeno (XXIII). A substituição dos dois átomos de bromo por grupos -$NH_2$ exigiu uma temperatura de 190°C. A purificação da diamina (XXIV) tornou-se bastante difícil, enquanto que a da 1,3,6,8-tetrametil-fluorenacendiona (XXVa), obtida por diazotação e ciclização de XXIV, era mais fácil que no caso análogo XXIa.

O produto secundário é provàvelmente o 1,3-bis-(2,4-dimetil-benzoíl)-4,6-dihidroxi-benzeno (XXVb). A dicetona pura e ciclizada XXVa foi reduzida, segundo o método de Wolff-Kishner, ao hidrocarboneto XXVI. Em oposição à XXII, o produto XXVI cristalizava em seguida. Para os fins de análise a substância XXVI foi sublimada a 0,01 mm de Hg.

### 4) Preparação do 1,4,5,8,-tetrametil-cis-fluorenaceno

Tôdas as etapas desta síntese mostram uma analogia quase perfeita com as do 1,3,6,8-tetrametil-fluorenaceno. A substituição de átomos de bromo por grupos -$NH_2$ se realizou já a 180°C e com melhor rendimento. O produto secundário da diazotação é provàvelmente o 1,3-bis-(2,5-dimetil-benzoíl)-4,6-dihidroxi-benzeno (XXIXb).

A redução segundo Wolff-Kishner deu um rendimento quase quantitativo. O hidrocarboneto final XXX foi sublimado a 0,01 mm de Hg.

## IV. **Preparação do 11-amino-cis-fluorenaceno**

Era intenção nossa de obter o 11-nitro-cis-fluorenaceno (XXXV). A introdução de um grupo $-NO_2$ com nítrico concentrado no ácido 4,6-dibrom-isoftálico foi negativa. Experiências feitas com uma mistura de sulfúrico e nítrico concentrados deram rendimentos pequenos. Apenas a aplicação de nítrico fumegante (d= 1,50) levou ao resultado desejado com um rendimento de 80%. A condensação do cloreto de ácido com benzeno correu normalmente; o grupo $-NO_2$ não parece exercer influência alguma sôbre a reação. A substituição de átomos de bromo na dicetona XXXII por grupos $-NH_2$ era mais fácil que em todos os casos análogos. Em 12 horas, a 145°C, a reação tinha terminado e o produto resultante mostrava já no tubo de quartzo estrutura cristalina, de modo que a elaboração ulterior se tornou extremamente fácil.

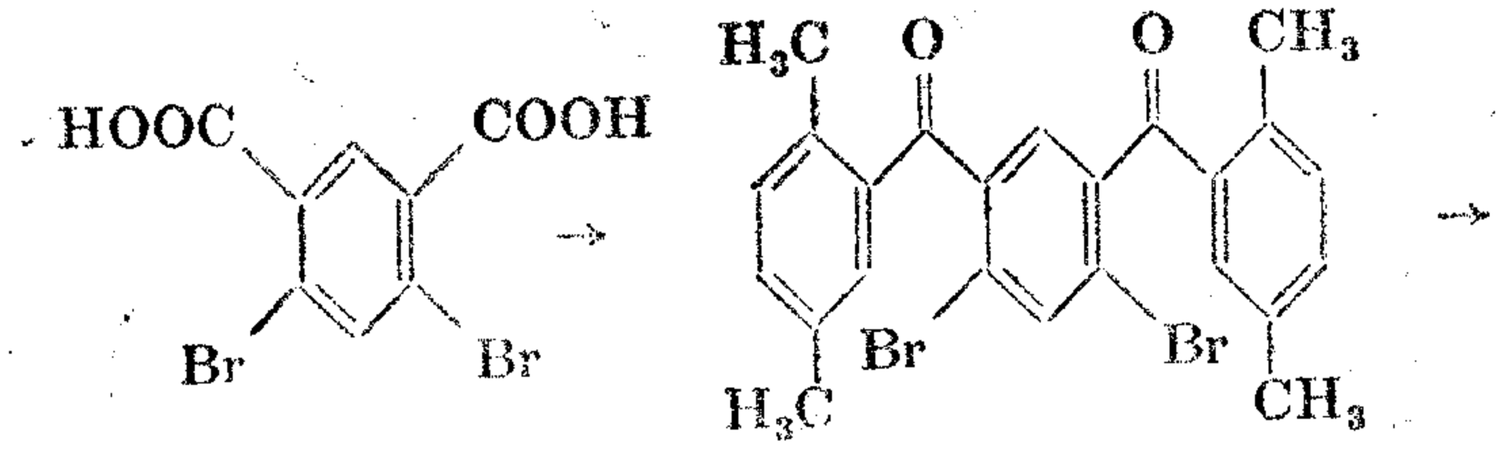
A facilidade desta substituição era de esperar. O átomo de bromo está ligado ao núcleo com bastante solidez e resiste em muitos casos a substituições. Pode, porém, originar-se, na substituição por amoníaco, uma ativação por substituintes negativos, p. ex. por $-NO_2$, -CN, -COOH etc. Na seguinte série de fórmulas aumenta a reatividade do átomo de bromo da esquerda para à direita: (veja fig. V).

A ciclização de XXXIII à XXXIVa correu mais ou menos bem com rendimentos moderados (60%). A diazotação à temperatura de 0°C não fechou o anel. Depois de muitas experiências introduzimos uma solução de ácido sulfúrico e nitrito sódico, à temperatura ordinária (20°C), na solução sulfúrica de XXXIII, aquecendo a mistura ràpidamente a 120°C; nesta operação se transformam 30% da substância em fenol, de fórmula provável XXXIVb.

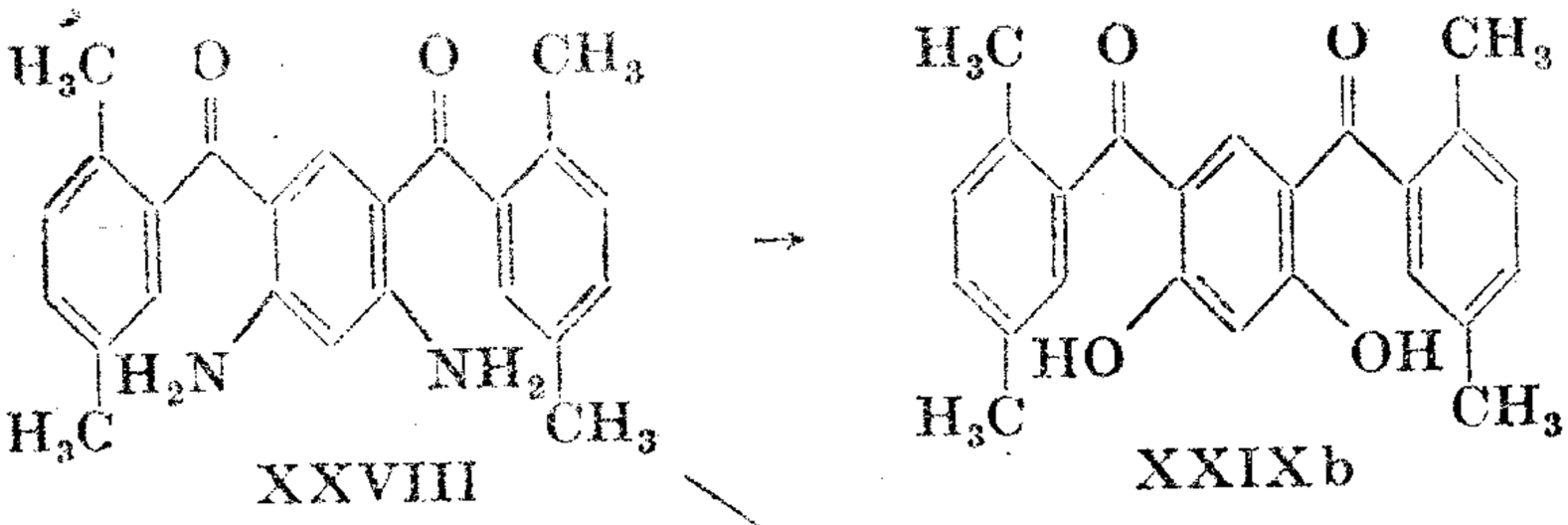
O grupo $-NO_2$ favorece, pois, a formação de fenóis e dificulta a ciclização. **H. Lienert** [37]) fêz observações análogas em nitroderivados da 2-amino-benzofenona, quando o grupo $-NO_2$ estava em posição orto com respeito ao grupo $-NH_2$.

A redução de XXXIVa, segundo Wolff-Kishner, parecia problemática por muitas razões:

1) E' conhecido que essa reação é catalizada por bases fortes. Ora, sabe-se que os nitroderivados aromáticos são muito sensíveis a álcalis; assim p. ex. resulta, pelo aquecimento de nitrobenzeno em hidróxido potássico, uma mistura de dois produtos de oxidação, orto e para-nitrofenol e de um produto de redução, azoxibenzeno. A formação do produto de redução não estava excluída em nosso caso.



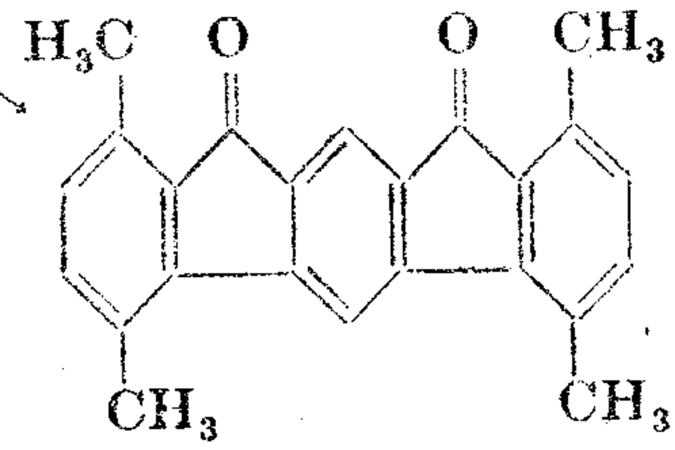
XXVII



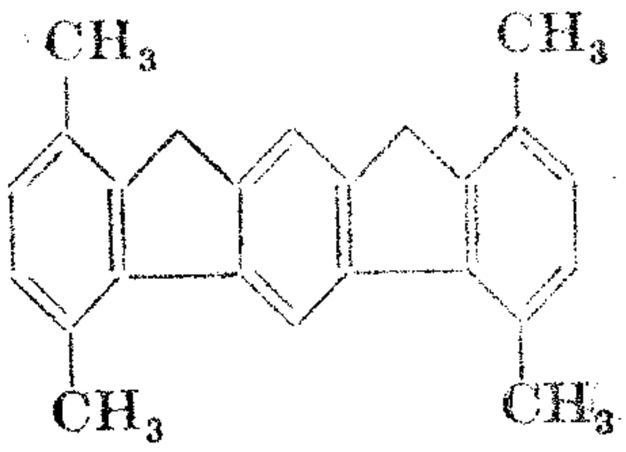
XXVIII



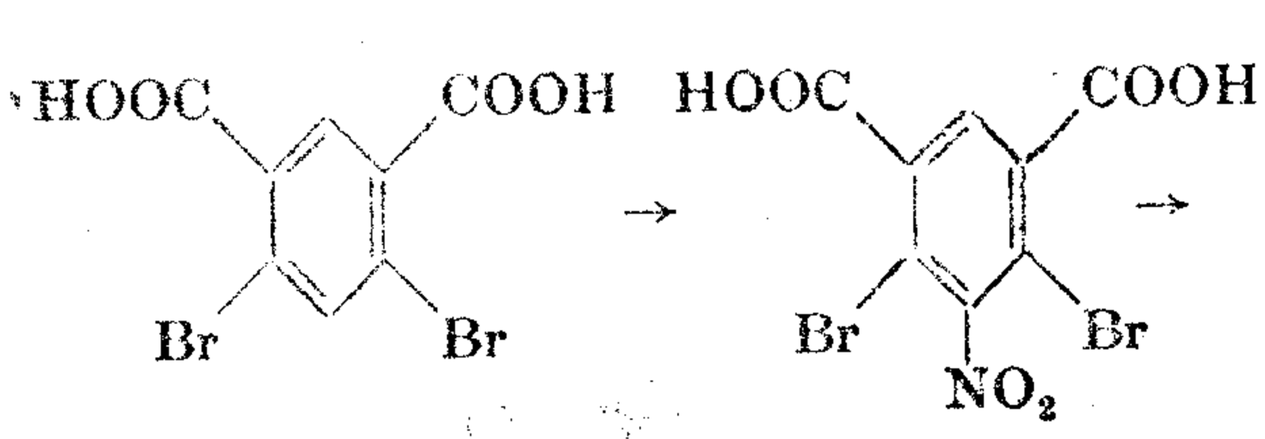
XXIXb



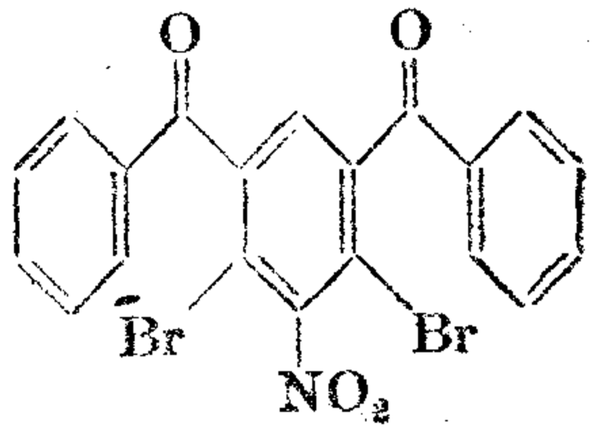
XXIXa



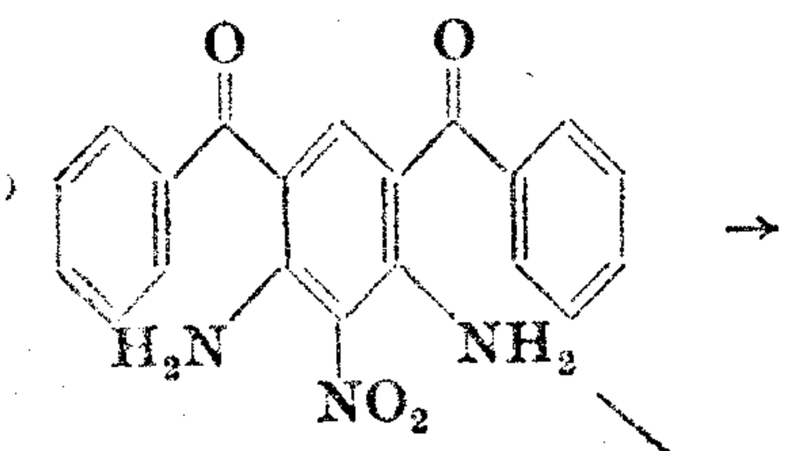
XXX



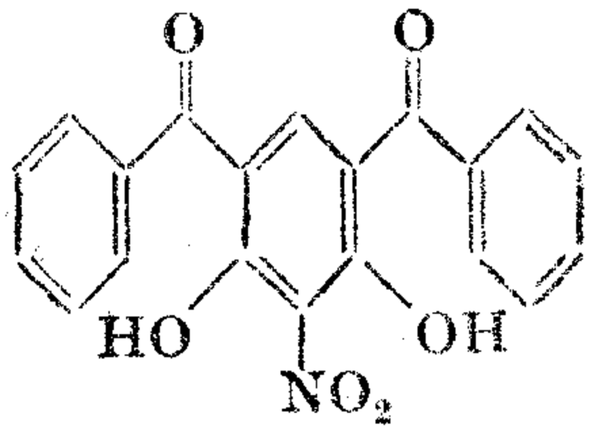
XXXI



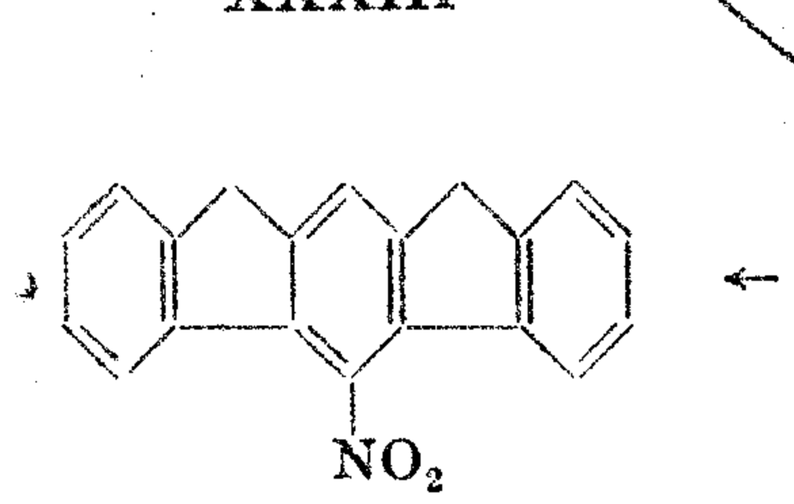
XXXII



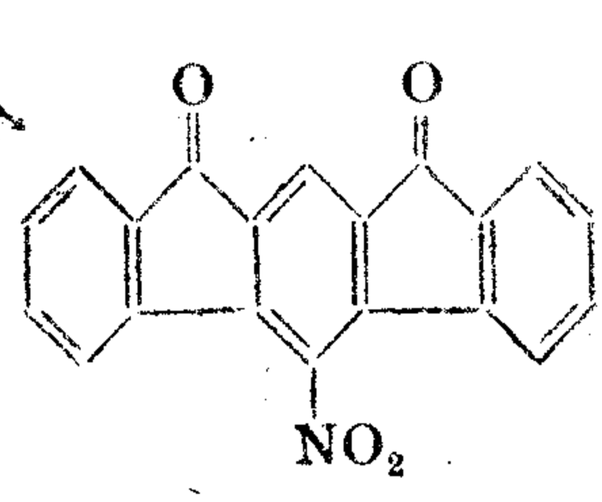
XXXIII



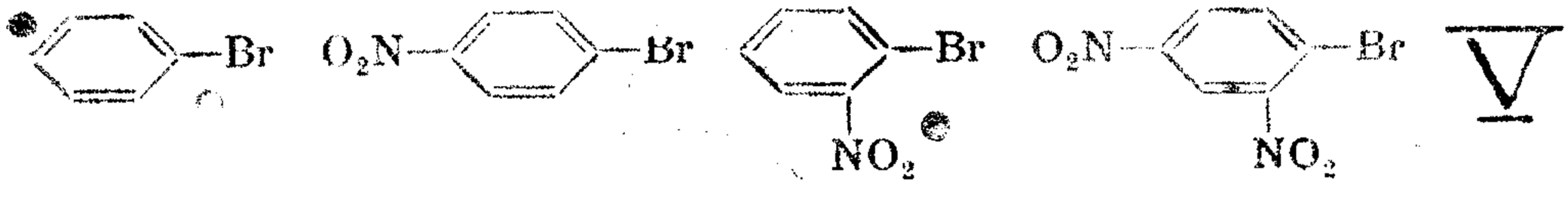
XXXIVb



XXXV



XXXIVa



V

2) Por outro lado experimenta a redução, segundo Wolff-Kishner, certas restrições, algumas delas conhecidas:

a) quando por impedimento estérico não se formar uma hidrazona, como p. ex. nas 2,2'-acetofenonas disubstituídas, o método será impraticável. Êste caso não era de esperar na redução de XXXIVa.

b) quando compostos aromáticos ou heterocíclicos de nitrocarbonilas puderem tomar uma estrutura quinoidal, como p. ex. o p-nitro-benzaldeido [38]), não se formarão hidrazonas e portanto não haverá redução; m-nitro-aldeidos, porém, não sofrem transposições intramoleculares e são reduzidos, como mostra o exemplo de **J. Rinke** [39]). A redução do 11-nitro-fluorenaceno (XXXIVa) prometia correr sem anomalias; pois, o grupo $-NO_2$ se encontra em posição meta aos grupos carbonila. Não existindo na literatura nenhum exemplo da redução de uma nitrocetona, segundo Wolff-Kishner, o resultado foi surpreendente: além das duas carbonilas também o grupo $-NO_2$ tinha sido reduzido, resultando 11-amino-cis-fluorenaceno em vez de 11-nitro-cis-fluorenaceno.

## I. PREPARAÇÃO DE FLUORENO A PARTIR DE ORTO-HALOGENO-DIFENILMETANO

### 2-cloro-benzofenona

a) 50 g de 2-cloro-benzóico são aquecidos sôbre banho-maria e ao refluxo com 200 g de cloreto de tionila. A solução clara se faz ferver ainda uma hora; depois de destilar o excesso de cloreto de tionila sôbre banho de água fervente e finalmente ao vazio se obtém 35 g (94%) de cloreto de ácido. P. E. 123/26mm.

b) À solução clara de 53 g de cloreto de benzoíla, 25 g de benzeno e 50 cm3 de $S_2C$ se ajuntam 42 g de $AlCl_3$ aquecendo-se depois a mistura lentamente durante duas horas até 50°C. Em seguida se separam $S_2C$ e benzeno por destilação; o produto de reação é decomposta por água de gêlo, adicionada de HCl; o excesso de benzeno expulso por vapor de água e o resíduo extraído com éter. Evaporado êste, se destila a 2-cloro-benzofenona ao vazio. Rendimento: 61 g (93%); P. F. 46°C.

### 2-cloro-difenilmetano

Uma mistura de 30 g de 2-cloro-benzofenona, 30 g de fósforo vermelho e 30 cm3 de HJ (47%) foi aquecida ao refluxo sôbre banho de azeite a 160°C durante o espaço de 40 horas; o produto de reação foi neutralizado por carbonato de sódio e extraído por éter. Depois de haver evaporado o éter, se destila o resíduo à pressão dimiunida. Por conter o 2-cloro-difenilmetano vestígios de iôdo, foram êstes removidos por tiosulfato de sódio. Em seguida se extrai o produto com éter, e destila-se o resíduo, a 20 mm. Rendimento: 22,7 g (81%); P. F. 13°C; P. E. 166°C/20 mm.

**Fluoreno**

Se aquece uma mistura de 12 g de 2-cloro-difenilmetano, 60 g de KOH e 240 g de quinolina ao refluxo sôbre um banho de ar durante duas horas. O produto de reação foi decomposta em água de gêlo, fortemente ácida e a substância sólida isolada por um filtro de porcelana. Resultou 0,1 g de fluoreno. No filtrado precipitam mais 0,3 g do mesmo produto ao acrescentar um excesso de HCl.

**2-bromo-benzofenona**

O cloreto de 2-bromo-benzoíla foi preparado segundo o método de **J. Meisenheimer** [26]) com um rendimento de 93%.

De 40 g de cloreto de ácido resultaram 33g de produto condensado segundo o método de Friedel-Crafts. P. F. 42°C.

**2-bromo-difenilmetano**

Na redução de 2-bromo-benzofenona seguimos as indicações de **Ch. K. Bradsher** e **F. A. Vingiello** [23]) 20 g de cetona produziram 18,8 g de 2-bromo-difenilmetano. P. E. 182°/22 mm.

**Fluoreno**

A ciclização foi executada num recipiente de cobre segundo o método acima descrito. Por ser o rendimento pouco econômico, não aplicamos êste método à síntese de fluorenacenos, como era pròpriamente a nossa intenção.

## II. PREPARAÇÃO DE DERIVADOS METILICOS DE CIS-FLUORENACENO

**4,6-dibromo-1,3-xileno**

A 1 mol (106 g) de 1,3-xileno e 0,1 g de iôdo se acrescentam, em três horas, à temperatura de 0°C, 346 g de bromo (2 mol e um excesso de 8%). Três ou quatro horas depois dessa operação se amassam os cristais com NaOH diluído. O produto lavado e sêco cristaliza em álcool. Rendimento: 226 g (85%). P. F. 69°C. O isômero 2,4-dibromo-1,3-xileno não estorva, pois, sendo líquido, se separa do produto sólido durante as diferentes operações.

**Oxidação do 4,6-dibromo-1,3-xileno**

a) **4,6-dibromo-3-metil-benzóico-1**

Aquecem-se durante 8 horas, ao refluxo, 25 g de 4,6-dibromo-1,3-xileno com uma mistura de 80 cm³ de água e 160 cm³ de ácido nítrico (d = 1,4) sôbre um banho de azeite a 130°C. O ácido formado é filtrado em frio e extraído por éter; à solução etérea se acrescenta carbonato sódico e se separa a mistura por um funil de decatação. O ácido orgânico puro e cristalino precipita da solução alcalina por meio de ácido clorídrico diluído. P. F. 174°C; Rendimento: entre 5 e 86%:

| ácido nítrico | água | tempo de reação | rendimento |
|---|---|---|---|
| 60 cm³ | 180 cm³ | 8 horas | 1,5 g (5,6%) |
| 160 " | 80 " | 8 " | 15 g (56%) |
| 180 " | 60 " | 8 " | 18 g (67%) |
| 160 " | 80 " | 25 " | 23 g (86%) |

Nas condições indicadas não se formarão produtos secundários.

b) **ácido 4,6-dibromo-isoftálico** (XVIII)

Dissolvem-se 25 g de monoácido, obtido anteriormente, numa solução de carbonato potássico. Em seguida se ajunta esta suspensão a uma solução quente de 3 litros de água e 26 g de permanganato potássico, aquecendo-se então a mistura durante 15 horas sôbre um banho-maria. O excesso de permanganato será destruído por sulfito sódico; a adição de bastante ácido sulfúrico faz precipitar o diácido XVIII. As longas agulhas, cristalizadas três vêzes em água fundem a 264.°C. De 25 g de monoácido puro se obtém 23 g de diácido.

**Cloreto de ácido-4,6-dibromo-isoftálico**

Se aquece, ao refluxo, sôbre um banho-maria, uma mistura de 40 g de ácido 4,6-dibromo-isoftálico sêco e 200 g de cloreto de tionila. O ponto final da reação não coincide com a dissolução completa do ácido (depois de 30 minutos). Interrompendo nesse momento a reação, 10 a 20% do produto inicial ainda não entrou em reação com o cloreto de tionila; por isso será necessário que a reação continue por mais uma hora. Depois apenas se destila o excesso de cloreto de tionila; o resíduo sêco cristaliza em ligroina. P.F. 76,5°C. Rendimento: 40 g (90%). Em tôdas as operações seguintes já não isolamos o cloreto de ácido, senão o aplicamos diretamente à síntese cetônica de Friedel-Crafts.

**1,3-Bis-(4-metil-benzoíl)-4,6-dibromo-benzeno** (XIX)

A mistura de 30 g de cloreto de ácido e de 50 g de tolueno se ajuntam 22,5 g de $AlCl_3$ pulverizado e, agitando, se aquece lentamente durante 2 horas até 60°C. Em seguida se decompõe o produto de reação por água de gêlo, adicionada de HCl, se expulsa o tolueno em excesso por vapor de água e se faz digerir o resíduo isolado com uma solução diluída de NaOH. Depois se extrai o produto por álcool, concentra, ajunta carvão animal e filtra a quente. Por esfriamento a cetona se separa em cristais incolores. P.F. 143°C; rendimento: 32 g (81%).

| | | | |
|---|---|---|---|
| $C_{22}H_{16}Br_2$ (472,20) | Calculado | C 55,95 | H 3,43 % |
| | Encontrado | C 56,11 | H 3,96 % |

**1,3-Bis-(4-metil-benzoíl)-4,6-diamino-benzeno** (XX)

Aquecem-se em tubo de quartzo frechado, durante 15 horas a 175°C, 2 g do produto anterior com 15 $cm^3$ de amoníaco concentrado (d = 0,910). O produto de reação é isolado e lavado com água. Depois se dissolve a substância sêca no menos possível de benzeno fervente, ajunta 50 $cm^3$ de ligroína e um pouco de carvão animal e filtra a quente. Após haver tratado os resíduos várias vêzes da mesma maneira pela mistura benzeno-ligroína, se concentram os filtrados que abandonam ao esfriar agulhas quase incolores. Rendimento: 0,95 g (65%). Para a análise se recristaliza em álcool. P.F. 132,5°C.

| | | |
|---|---|---|
| $C_{22}H_{20}O_2N_2$ (344,42) | Calculado | N 8,13 % |
| | Encontrado | N 8,20 % |

Em autoclave de cobre, se aquecem 5 g de produto dibromado com 30 cm3 de álcool e 30 cm3 de amoníaco 18 horas à 165°C. Rendimento: 57%.

**3,6-Dimetil-cis-fluorenacen-diona (XXIa)**

Dissolvem-se 2 g do produto anterior em 20 cm3 de ácido sulfúrico à 80%, esfria a 0°C e ajuntam gota a gota 30 cm3 (7% de excesso) de uma solução que se prepara dissolvendo 5 g de $NaNO_2$ sêco numa mistura fria (0°C) de 150 cm3 de $SO_4H_2$ conc. e de 25 cm3 de água. 20 minutos mais tarde se põe o recipiente num banho de $SO_4H_2$ conc., anteriormente aquecido a 100°C. A temperatura da mistura é levada desta maneira ràpidamente a 90°C; em seguida haverá um vivo desprendimento de nitrogênio que cessa no fim de 2 horas; esfria-se, ajuntam com precaução 50 cm3 de água de gêlo e deixa repousar 3 ou 4 dias. O precitado é filtrado, lavado com água, tratado alguns instantes por uma solução fervente de NaOH, para eliminar os vestígios de um derivado fenólico, filtrado de novo e secado. Rendimento: 1,75 g (97%). P.F. cêrca de 320°C. Se cristaliza em piridina em presença de carvão animal. Cristais microscópicos amarelos. P.F.315°C. Rendimento: 1,40 g (78%). Para a análise, se cristaliza ainda duas vêzes em piridina e se seca a 110°C sôbre $P_2O_5$ a 0,001 mm de pressão. O produto é fàcilmente solúvel em piridina, bromo-benzeno e cloro-benzeno.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| $C_{22}H_{14}O_2$ | Calculado | C 85,14 | H 4,55 | % |
| (310,35) | Encontrado | C 85,18 | H 4,61 | % |

**3,6-Dimetil-cis-fluorenaceno (XXII)**

Em um balão, montado de refrigerante, se trata 1 g do produto interior em 50 cm3 de glicol por 3 cm3 de hidrato de hidrazina a 100% e 3 g de sódio. Quando a reação se acalmar, se aquece 8 horas ao refluxo num banho de azeite a 190°C. Depois de fria, a solução é vertida em 200 cm3 de água adicionada de HCl. O precipitado amarelo é filtrado, secado e dissolvido em benzeno quente, e a solução benzênica é tratada por éter de petróleo e carvão animal. Agulhas quase incolores com leve reflexo amarelo. Rendimento: 0,79 g (87%); P.F.251°C. O produto é solúvel em benzeno e acetona; sua solução em $SO_4H_2$ conc., ao início amarela, passa a ser azul ao cabo de alguns dias. Para a análise, se sublima a 135°C e 0,01 mm.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| $C_{22}H_{18}$ | Calculado | C 93,57 | H 6,43 | % |
| (282,39) | Encontrado | C 93,33 | H 6,54 | % |

**1,3-Bis-(2,4-dimetil-benzoíl)-4,6-dibromo-benzeno (XXIII)**

À mistura de 20 g de cloreto de ácido 4,6-dibromo-isoftálico e de 50 g de 1,3-xileno se ajuntam 18 g de cloreto de alumínio. A reação, bastante viva no início, será mantida por aquecimento a 50°C durante 2 horas. O tratamento ulterior se fará como de costume. O produto de reação é cristalizado em metanol; rendimento: 21,6, g (78%). Depois da recristalização em etanol e n-butanol, a dicetona se apresenta em agulhas incolores; P.F.112,5°C; solúveis também em benzeno e acetona.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| $C_{24}H_{20}O_2Br_2$ | Calculado | C 57,62 | H 4,03 | Br 31,95 | % |
| (500,26) | Encontrado | C 57,26 | H 4,13 | Br 31,59 | % |

**1,3-Bis-(2,4-dimetil-benzoíl)-4,6-diamino benzeno (XXIV)**

Aquecem-se, num tubo de quartzo fechado, 15 horas a 190°C, 2 g do produto anterior com 18 $cm^3$ de amoníaco (d = 0,910). O produto de reação é cristalizado em álcool em presença de carvão animal; rendimento: 1,15 g (77%). Por repetidas cristalizações em álcool se purifica o produto. Pequenas agulhas pardo-claras, P.F.232°C, solúveis em álcool, clorofórmio, benzeno, ácido acético e acetona; pouco solúveis em éter.

| | | | |
|---|---|---|---|
| $C_{24}H_{24}O_2N_2$ (372,47) | Calculado | N | 7,52 % |
| | Encontrado | N | 7,56 % |

**1,3,6,8-Tertrametil-cis-fluorenacen-diona (XXVa)**

A ciclização se fará como no caso análogo. A partir de 2 g de diona se obtém 1,76 g de produto pardo que cristaliza em piridina. Rendimento: 1,45 g (80%). Agulhas muito pequenas de côr de ouro. P.F.347°C. Para a análise, se recristaliza em piridina, lavam os cristais em álcool quente e sêca sôbre $P_2O_5$ a 110°C e 0,001 mm. O produto é insolúvel em álcool, benzeno e éter; solúvel em piridina e bromobenzeno.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| $C_{24}H_{18}O_2$ (338,41) | Calculado | C | 85,18 | H | 5,36 % |
| | Encontrado | C | 85,11 | H | 5,40 % |

**1,3,6,8-Tetrametil-cis-fluorenaceno (XXVI)**

A redução do composto anterior (1 g) se fará como acima foi descrita. O produto pardo é cristalizado numa mistura de benzeno-ligroína em presença de carvão animal. Rendimento 0,85 g (93%); agulhas quase incolores, solúveis em benzeno e acetona. A solução de $SO_4H_2$ conc., no início amarela, passa a ser verde e finalmente azul. Para a análise se sublima a 225°C e 0,001 mm. P.F.276°C (decomposição).

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| $C_{24}H_{22}$ (310,44) | Calculado | C | 92,86 | H | 7,14 % |
| | Encontrado | C | 92,89 | H | 7,08 % |

**1,3-Bis-(2,5-dimetil-benzoíl)-4,6-dibromo-benzeno (XXVII)**

Dissolvem-se a 40°C 20 g de cloreto do ácido 4,6-dibromo-isoftálico em 50 g de 1,4-xileno; esfria-se e ajuntam-se 18 g de $AlCl_3$. A reação, assaz viva, é moderada por gêlo. Enfim se aquece 1 1/2 horas a 50°C. O tratamento ulterior se fará como de costume. O produto pardo é extraído com acetona e precipitado por água. Rendimento: 23,5 g (85%). Para a análise se recristaliza em álcool. Agulhas incolores, P.F.129,5°C, solúveis em álcool, benzeno, acetona, muito pouco em éter.

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| $C_{24}H_{20}O_2Br_2$ (500,26) | Calculado | C | 57,65 | H | 4,03 | Br 31,95 % |
| | Encontrado | C | 57,68 | H | 4,10 | Br 31,87 % |

**1,3-Bis-(2,5-dimetil-benzoíl)-4,6-diamino-benzeno (XXVIII)**

Aquecem-se, em tubo de quartzo fechado, 25 horas a 180°C 2 g do produto anterior com 12 $cm^3$ de amoníaco (d = 0,910). O produto

de reação, lavado com água e sêco será tratado com uma mistura quente de benzeno-ligroína; por esfriamento se separam cristais pardos; rendimento: 1,30 g (87%). Para obter um produto puro, é necessário recristalizá-lo muitas vêzes em álcool em presença de carvão animal. Prismas amarelos; P.F.216°C; solúveis em álcool, benzeno, clorofórmio, ácido acético; pouco em éter.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| $C_{24}H_{24}O_2N_2$ | Calculado | N | 7,52 | % |
| (372,47) | Encontrado | N | 7,44 | % |

**1,4,5,8-Tetrametil-cis-fluorenacen-diona (XXIXa)**

A partir de 2 g do produto anterior, nas mesmas condições operatórias que nos exemplos similares descritos acima, se obtem 1,4 g (77%) de uma substância, cristalizada em piridina. Depois de outra cristalização em piridina, seguida de um tratamento com álcool quente, o composto é puro. Agulhas côr de ouro; P.F.332°C. Para a análise, se seca sôbre $P_2O_5$ a 110°C e 0,01 mm. As solubilidades são semelhantes às das dionas acima descritas.

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| $C_{24}H_{18}O_2$ | Calculado | C | 85,18 | H | 5,36 | % |
| (338,41) | Encontrado | C | 85,22 | H | 5,34 | % |

**1,4,5,8,-Tetrametil-cis-fluorenaceno (XXX)**

A redução da diona XXIXa ao hidrocarboneto, assim como sua purificação se fará como nos exemplos análogos. A partir de 1 g de diona se obtém 0,83 g (90%) de agulhas amarelas; P.F.263°C (decomposição). A solução sulfúrica é inicialmente amarela, depois verde e enfim azul. Para a análise se sublima a 220°C e 0,01 mm.

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| $C_{24}H_{22}$ | Calculado | C | 92,86 | H | 7,14 | % |
| (310,44) | Encontrado | C | 92,93 | H | 7,01 | % |

## III. PREPARAÇÃO DO 11-AMINO-CIS-FLUORENACENO

**Ácido 4,6-dibromo-5-nitro-isoftálico**

Aquecem-se ao refluxo 20 g de ácido 4,6-dibromo-isoftálico em 80 g de ácido nítrico fumegante (d = 1,50), durante 3 horas sôbre um banho de azeite a 100°C. Ao produto esfriado se acrescentam 100 cm3 de água e se filtra. O resíduo incolor é lavado, secado e extraído várias vêzes com éter; êste dissolve sòmente o produto de partida. Rendimento: 17,5 g (76%). Para a análise se recristaliza em ácido acético. P.F.331,5°C (decomposição). Os cristais são solúveis em ácido acédico, metanol, etanol, butanol e pouco em éter.

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| $C_8H_3O_6NBr_2$ | Calculado | C | 26,04 | H | 0,82 | N | 3,80 | Br 43,32 % |
| (368,95) | Encontrado | C | 26,13 | H | 0,91 | N | 3,83 | Br 43,19 % |

**4,6-Dibromo-5-nitro-isoftalofenona (XXXII)**

Aquecem-se, sôbre banho maria e ao refluxo, 20 g do ácido anterior em 100 g de cloreto de tionila. As seguintes operações são semelhantes às dos casos análogos já citados. O produto sêco cristaliza em butanol. Rendimento: 22 g (82%). Para a análise se recristaliza em

álcool ou ácido acético. Os cristais dèbilmente amarelos são solúveis em butanol, etanol, metanol, ácido acético, ligroína e acetona, pouco em éter. P.F.195,5°C.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| $C_{20}H_{11}O_4NBr_2$ | Calculado | C 49,11 | H 2,27 | N 2,86 | % |
| (489,15) | Encontrado | C 49,17 | H 2,29 | N 2,87 | % |

**4,6-Diamino-5-nitro-isoftalofenona** (XXXIII)

Aquecem-se em tubo de quartzo fechado 12 horas a 150°C 2 g do produto anterior em 10 cm3 de amoníaco concentrado (d = 0,910). Filtrado, lavado e digerido em água e secado, o produto de reação cristaliza em álcool. Rendimento: 1,3 g (88%). Para a análise se recristaliza mais três vêzes em álcool. As agulhas de brilho dourado são solúveis em álcool, butanol, ácido acético, acetona e benzeno, pouco em éter de petróleo. P.F.224°C.

| | | | |
|---|---|---|---|
| $C_{20}H_{15}O_4N_3$ | Calculado | N | 11,63 % |
| (361,36) | Encontrado | N | 11,54 % |

**11-Nitro-cis-fluorenacen-diona** (XXXIVa)

Dissolvem-se 2 g do produto anterior em 25 cm3 de ácido sulfúrico a 80% e se ajuntam, à temperatura de 20°C de uma só vez, 30 cm3 de uma solução que se prepara dissolvendo 5 g de $NO_2Na$ sêco numa mistura fria de 150 cm3 de $SO_4H_2$ conc. e de 25 cm3 de água. Em seguida se aquece a mistura a 120°C até que depois de 2 horas cesse o desprendimento de nitrogênio. As operações ulteriores são conhecidas. Rendimento: 11 g (61%). Para a análise se recristaliza 2 vêzes em piridina e lavado em álcool quente se seca 5 horas sôbre $P_2O_5$ a 110°C e 0.001 mm. Os cristais amarelos são solúveis em piridina e bromo-benzeno, pouco em benzeno, álcool e metanol.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| $C_{20}H_9O_4N$ | Calculado | C 73,39 | | H 2,77 | % |
| (327,30) | Encontrado | C 73,68 | | H 2,93 | % |

**11-Amino-cis-fluorenaceno**

Aquece-se, com precaução ao refluxo, uma mistura de 1 g do produto anterior, 50 cm3 de glicol, 3 cm3 de hidrato de hidrazina a 100% e 3 g de sódio 8 horas sôbre um banho de azeite à 190°C. Esfriada, se verte a solução vermelha em 300 cm3 de água acidulada. Filtrando, se seca o resíduo e se purifica em uma mistura quente de benzeno-ligroína. Agulhas levemente amarelas; rendimento: 0,75 g (82%). Para a análise se sublima a 210°C e 0,01 mm. P.F.259°C (decomposição). O produto é solúvel em benzeno, acetona, pouco em éter de petróleo.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| $C_{20}H_{15}N$ | Calculado | C 89,17 | H 5,61 | N 5,21 | % |
| (269,35) | Encontrado | C 89,08 | H 5,52 | N 5,18 | % |

## IV. ESPETROS DE ABSORÇÃO

Os espetros U. V. foram executados pelo espetrofotômetro «Beckman mod. DU». Dissolventes eram n-heptano e etanol. A concentração variava entre 0,2 e $0{,}3 \cdot 10^{-4}$ mol/litro; a espessura era de 1 cm. respt. 1 mm. Comparando os derivados substituídos de fluorenaceno com cis-fluorenaceno, se poderá afirmar que há um pequeno deslocamento da absorção em direção a longitudes maiores.

1) cis-fluorenaceno Máxima: 258,316,330
Dissolvente: n-heptano

2) 11-amino-cis-fluorenaceno: Máxima: 268,330,341
Dissolvente: n-heptano

3) 1,4,5,8-Tetrametil-fluorenaceno: Máxima: 264,324
Dissolvente: n-heptano
Máxima: 264,298,310,324
Dissolvente: etanol

4) 1,3,6,8-tetrametil-fluorenaceno: Máxima: 263,317,324,332
Dissolvente: n-heptano.


**Zusammenfassung**

Man beschreibt die Synthese von di- und tetramethylierten cis-Fluorenacenen. In vier Stufen gelangt man von der 4,6-Dibrom-isophthalsaeure *zu 3,6-Dimethyl-cis-fluorenacen, 1,3,6,8-Tetramathyl-cis-fluorenacen* und 1,4,5,8-Tetramethyl-cis-fluorenacen. Ausserdem wurde auf aehnliche Weise das 11-Amino-cis-fluorenacen dargestellt.

**SUMARY**

The author describes the synthesis of the dimethylated and tetramethylated cis-fluorenacens. In four steps, from the 4,6-dibrom-*isophthal acid, one obtains the 3,6-dimethyl-cis-fluorenacen,* 1,3,6,8-tetramethy-cis-fluorenacen and 1,4,5,8-tetramethyl-cis-fluorenacen. Besides, through a similar process the 11-amino-fluorenacen has been obtained.


***BIBLIOGRAFIA***


1. **D. Radulescu** e **M. Alexa,** Chem, Zbl. **1943** I, 622.
2. **W. Deuschel,** Helv. **34,** 168, 2403 (1951); **35,** 1774 (1952).
   **W. Deuschel,** Diss. Friboug (1952).
3. **F. Straus, R. Kühnel** e **R. Haensel,** Ber. deutsch. chem. Ges. **66,** 1847 (1933).
4. **Ch. Weizmann, E. Bergmann** e **L. Haskelberg, J.** chem. Soc. **1939,** 391.
5. **L. Chardonnens** e **R. Ritter,** Helv. **38,** 393 (1955).
6. **A. Sieglitz,** Ber deutsch. Ges. **52,** 1516 (1919).
7. **M. Betschart,** Diss. Fribourg (1924).
8. **S. Gabriel,** Ber deutsch, chem. Ges. **17,** 1389 (1884).
9. **G. Errera,** Gazz, chim. ital. **37** II, 624 (1907); **38** II, 588 (1908).
   **G. Errera** e **Vaccarino, 39** I, 1 (1909); D. Marotta, **41** II, 59 (1911).
10. **W. Dilthey, I. Thewalt** e **O. Troesken,** Ber deutsch. chem. Ges. **67.** 1959 (1934).
11. **C. Friedel** e **J. Grafts,** C. r. hebd. Séances Acad. Sci. **84,** 1292, 1450 (1877); Bull. Soc. chim. France [4], **51,** 1493 (1932); Ber. deutsch. chem. Ges. **32,** 3721 (1899).
12. **P. Kraenzlein,** Angew. Chem. **51,** 375 (1938); **52,** 231 (1939).
13. **G. Perrier,** *C. r. hebd. Séances Acad. Sci.* **116,** 1298 (1893).
14. **J. Boeseken,** Rec. Trav. chim. Pays-Bas **19,** 19 (1900); **20,** 102 (1901).
15. **H. Ulich** e **W. Nespital,** Angew. Chem. **44,** 750 (1931).
16. **W. Nespital,** Z. physikal. Chem. **16,** 153 (1932).

17. **F. Fairbrother**, J. chem. Soc. **1937**, 503.
18. **L. F. Fieser** e **M. Fieser**, **Lehrbuch der org. Chemie** 1954.
19. **H. C. Brown** e **H. W. Pearsall**, J. Amer. chem. Soc. **74**, 191 (1952).
20. **B. D. Steele**, J. chem. Soc. **83**, 1470 (1903).
21. **H. Ulich** e **P. von Fragstein**, Ber. deutsch. chem. Ges. **72**, 620 **(1939)**.
22. **A. Tschitschibabin** e **A. Schelsler**, Chem. Zbl. Zbl, **1926** I, 919.
23. **Ch. K. Bradsher** e **F. A. Vingiello**, J. org. Chemistry **13**, 786 (1948).
24. **F. Mayer** e **W. Freund**, Ber. deutsch. chem. Ges. **55**, 2051 (1922).
25. **H. Meyer**, Mh. Chem. 22, 427 (1901); **R. H. Clark** e **A. Bell**, Chem. Zbl. **1934**, 1664.
26. **J. Meisenheimer**, **Hansen** e **Waechterowitz**, J. prakt. Chem. [2] **119**. 351 (1928); **E. Bergmann**, J. org. Chemistry **4**, 9 (1939).
27. **A. Zinke**, **K. Funke** e **A. Pongratz**, Ber. deutsch. chem Ges. **58**, 799 (1925).
28. **K. Holzner**, **E. Ziegler** e **A. Zinke**, Mh. Chem. **83**, 180 (1952).
29. **E. P.** 459108; Chem. Zbl. **1937** II, 2262.
30. **E. C. Britton**, **C. L. Moyle** e **F. Brygner**, Chem. Abstr. **39**, **4097** (1945).
31. **R. Fittig**, **W. Ahrens** e **L. Mattheides**, Liebigs Ann. Chem. **147**, 25. (1868); **K. Auwers** e **F. A. Traun**, Ber. deutsch. chem. Ges. **32**, **3312** 1899).
32. **O. Jacobsen**, Ber. deutsch, chem. **21**, 2824 (1888).
33. **A. Eckert** e **F. Seidel**, J. prakt. chem. [12] **102**, 341 (1921).
34. **F. Ullmann** e **E. Mallet**, Ber. deutsch chem. Ges. **31**, 1694 (1898).
35. **A. Schaarschmidt** e **J. Herzenberg**, Ber deutsch, chem. Ges. **53**, 1394 (1920).
36. **O. Fiescher** e **H. Schmidt**, Ber. deutsch, chem. Ges. **27**, 2786 (1894). **W. Staedel**, Ber. deutsch. chem. Ges. **27**, 3363 (1894). **C. Graebe** e **F. Ullmann**, Ber. deutsch. chem. Ges. **27**, 3484 (1894).
37. **H. Lienert**, Diss. Fribourg (1948).
38. **Ph. Buu-Hoi**, **Hoán** e **D. Xuong**, Rec. Trav. chem. Pays-Bas **71**, 285 (1952).
39. **J. Rinkes**, Rec. Trav. chim. Pays-Bas **64**, 205 (1945).
40. **A. Eckert** e **F. Seidel**, J. prakt, chem. [2] **102**, 358 (1921).
41. **W. Perrig**, Diss Fribourg (1924).
42. I. G. Farbenindustrie, Chem. Zbl. **1943** I, 60.
43. **O. G. Backelberg** e **J. L. Morais**, Chem. Zbl. **1943** I, 625.
44. **E. I. du Pont de Nemours**, Chem. Zbl. **1940** II, 129.
45. **H. Heymann** e **L. F. Fieser**, J. Amer. chem. Soc. **67**, 1982 (1945).

# BIBLIOGRAFIA

## Apreciações e Comentários

**Nesta secção, uma das principais do nosso Anuário, daremos uma apreciação objetiva e serena acêrca do conteúdo e do valor das publicações recebidas. Por isso solicitamos às Casas Editoras que nos honrem com as suas remessas, que serão devidamente mencionadas nesta secção.**

* * *

**In dieser Abteilung, eine der wichtigsten unseres Jahrbuches PESQUISAS, werden wir eine objektive und unparteiische Rezension aller Publikationen bringen, die uns jährlich zur Besprechung zugesandt werden. Wir bitten daher die Buchhandlungen, uns mit ihren Veröffentlichungen zu ehren.**

* * *

**In this section, one of the most important of our yearly publication «PESQUISAS», we will give an objective and impartial criticism of the content and the value of the works received. Hence we ask the Editors to honor us with their publications. They will be duly mentioned every year in this section.**

* * *

**Dans cette partie, une des principales de notre revue PESQUISAS, nous donnerons une appreciation sereine et objective du contenu et de la valeur des travaux reçus. Nous sollicitons donc les Maisons Editrices de nous honorer de leurs publications, qui seront dûment mentionnées dans cette section.**

**JESUITAS NO SUL DO BRASIL. Esta coletânea, iniciada em 1952, sob a orientação de Padres Jesuítas, já conta 5 volumes, editados pela Livraria Selbach, de Pôrto Alegre. E' intenção dos iniciadores lançar anualmente, ou ao menos cada segundo ano, um novo volume, de assunto inédito, ou em nova edição de livros de real valor, sempre relacionados de algum modo com o assunto geral de JESUITAS NO SUL DO BRASIL.**

**VOLUME I.**

**OS TRES MÁRTIRES RIO-GRANDENSES. Segunda edição melhorada pelo P. Luís Gonzaga Jaeger, S.J. 8.o 16 x 24 cm, 391 pg., *Ilustr. com 6 mapas. (Pôrto Alegre 1952)***

**«Todos quantos o conhecemos (ao A.), admiramos-lhe a indefessa dedicação às pesquisas históricas, particularmente endereçadas à narração dos fastos da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul. O livro que agora se publica, como expressão definitiva de seus trabalhos sôbre o tema, é mais uma demonstração dêsse infatigável devotamento, em que se alia o esfôrço honesto do historiador ao zêlo do religioso pelos feitos e vultos de sua gloriosa Ordem.» Rui Cirne Lima, Pôrto Alegre.**

**«... tantas páginas substanciosas y amenas, en las que los hechos han sido acertadamente aglomerados y sabiamente apreciados, y en las que la historia y la literatura se dan la mano, graciosa y cariñosamente... Una obra de esta reciedumbre merece ser traducida al castellano, ya que no hay otra alguna que sea superior a ella en la relación de los hechos, en la combinación de los acontecimientos, en la riqueza de información, en la amenidad de exposición y en la unción, cariño y *afecto, con que ha sido escrita.» Guillermo Furlong, in Revista* ESTUDIOS, Buenos Aires, Mayo y Junio de 1953, N.o 456, p. 174.**

**«... El autor, notable historiógrafo, encanecido en el trabajo de la investigación, ha llegado a familiarizarse con la documentación española... trata los asuntos con una austeridad crítica y sobriedad imparcial, bastantes para dar honra a cualquier historiador de altura. Así ha obtenido una preciosa biografia de los tres mencionados mártires, basada en las mejores fuentes.» Francisco Mateos, in Revista RAZÓN *Y FE, Madrid, tomo 150, N.o 682, pg. 363, 364.***

**VOLUME II.**

**BIOGRAFIA COMPLETA DO P. JOÃO BAPTISTA REUS, S.J. pelo P. Léo Kohler, S.J. 8.o 16 x 24 cm, 395 p., ilustr. (Pôrto Alegre 1950).**

**Embora o P. Reus pusesse todo o seu empenho em se conservar oculto aos olhos dos seus semelhantes durante a sua longa vida de 79 anos, volvido menos de um decênio após a sua morte, ocorrida em 21-VII-1947, sua *biografia já correu o mundo.* Diàriamente chegam à Vice-Postulação da sua Causa de Beatificação novos pedidos de novenas, relíquias e biografias e a comunicação de graças materiais e espirituais alcançadas por sua intercessão. Sua vida foi a de um perfeito cristão, religioso observante e sacerdote devotado ao sagrado ministério. Porém só à Igreja infalível compete decidir, após acuradíssimo exame, se a vida do P. Reus foi a de um genuíno Santo e verdadeiro Místico.**

**Nascido em Pottenstein, sul da Alemanha, em 10 de julho de 1868, cursou o ginásio em Bamberg e o seminário clerical. Ordenado de sacerdote em 30 de julho de 93, conseguiu, após um ano na cura de almas, ser admitido na Companhia de Jesus. Concluída a sua formação ascética e teológica, veio para o Brasil, em 1900. Trabalhou como professor, vigário, confessor, diretor de congregações Marianas, mestre de retiros espirituais, escritor, diretor espiritual, etc. em diversas casas do Rio Grande do Sul. Se a sua santidade ficar provada, não cabe dúvida que então o P. Reus foi um dos maiores místicos da Igreja dos últimos séculos. Por isso é grande a procura do livro, acima mencionado, do P. Léo Kohler.**

VOLUME III E VOLUME IV.

**HISTORIA DAS MISSOES ORIENTAIS DO URUGUAI, por Aurêlio Porto, revista e melhorada pelo P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.: 1.a Parte, (Pôrto Alegre 1954) 434 p.; 2.a Parte, (Pôrto Alegre 1954) 462 p.; 16 x 24 cm, com várias ilustrações e mapas.**

**As «Doctrinas Guaranies», ou seja «Os Trinta Povos dos índios Guaranis», dos quais 8 ficavam ao sul do Paraguai, 15 ao nordeste da Argentina, e os 7 restantes ao noroeste do Rio Grande do Sul, foram consideradas sempre como um verdadeiro éden no sertão sul-americano, legítimo milagre de civilização cristã realizado por missionários da Companhia de Jesus, dos séculos 17 e 18. Inimigos da Igreja e da Companhia, sem fundamento algum, chamam a isso «O Império Jesuítico do Paraguai». Acêrca dessa expressão assim escreveu o festejado historiador argentino, Guillermo Furlong, in HISTORIA, Buenos Aires, 1956, p. 190: ..«. el LLAMADO IMPERIO JESUITICO, lo que, como es obvio, equivale a EL MAL LLAMADO IMPERIO JESUITICO. Un truhán como Ibáñez de Echevarria forjó la disparatada expresión y un poeta tan excelso como historiador tan huero, cual Leopoldo Lugones, la popularizó en un libro que es el mayor de los desatinos que hasta la fecha se han escrito sobre las Reducciones.» Nos 2 acima mencionados volumes, A. P., explorando minuciosamente os documentos, máxime a estupenda Coleção de Ângelis, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, nos mimoseou com a descrição minuciosa do que foi a história da parte que se encontrava à margem esquerda do alto Rio Uruguai, nos séculos 17 e 18.**

**Sôbre o valor desta obra publicou o Prof. Walter Spalding no «Jornal do Dia» de Pôrto Alegre, em 1-IV-1956 os seguintes conceitos: «Aurélio Porto foi um dos nossos grandes estudiosos da pré-história do Rio Grande do Sul. Desde os indígenas aos povoadores iniciais, a revolução farroupilha e o caudilhismo uruguaio e suas influências presumíveis no Rio Grande do Sul, as missões jesuíticas e sua obra, foram por êle estudados com carinhoso cuidado, o que nos faz ver em sua obra, — infelizmente tôda esparsa, — em seu conjunto, o que há de fundamental para o estudo de nossa terra e de nossa gente em seus primórdios. Os dois volumes formam o que Aurélio Porto estudou sôbre as Missões Jesuíticas — os Sete Povos — do Rio Grande do Sul, é, certamente, o que de melhor e mais preciso até hoje existe a respeito. — AS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI já haviam sido editadas por Aurélio Porto no S.P.H.A.N. em um volume. Mas aquela edição, além de pequena, ressentia-se de diversas falhas, o que levou seu ilustre autor a organizar nova edição correta e aumentada. Antes, porém, de nos dar essa segunda edição, a morte o arrebatou. Os originais ficaram, contudo, em seu arquivo e os herdeiros tiveram a excelente idéia de entregá-los ao Rev. P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J. para comentar a obra e fazê-la editar. E, assim, temos agora os dois belos volumes editados por Selbach da obra máxima de Aurélio Porto, obra que é, ao mesmo tempo, um monumento histórico a respeito das Missões Orientais, tão malsinadas por certos historiadores e combatidas por outros, influídos ainda, uns e outros, pelo pombalismo que continua cegando muita gente que, ao estudar a História, sòmente busca o que lhes convém e o que interessa a suas idéias e princípios, pouco se lhes dando saber se aquilo representa a Verdade, parte da verdade ou se é simplesmente fantasia. — Com esta obra de Aurélio Porto à cabeceira, poderão ter todos quantos se interessarem pela nossa História visão ampla e sincera, e tanto quanto possível real, porque baseada em documentos coevos,**

autênticos, do que foi e representou para o Rio Grande a obra jesuítica da catequese nos Sete Povos missioneiros.»

Sôbre o valor da **HISTÓRIA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI** assim se manifesta ainda o P. F. Mateos, S. J. in «MISSIONALIA HISPANICA», Año XIII, 1956, Madrid N. 38, p. 383/84: «A. Porto es un notable historiador brasileño que, enamorado del estado de Rio Grande do Sul, ha escrutado incansable por los rincones de su historia, y a la vista de los monumentos más antiguos y emocionantes de ella, que son las ruinas de los llamados Siete Pueblos de las misiones jesuíticas situados en la banda oriental del río Uruguay, ha llegado a sentir todo el valor que para la cultura de su país representa la obra de los jesuítas y los dos siglos de dominación y ocupación española, que abarcó no sólo este estado sino otros varios meridionales del Brasil. No sólo conoce la vieja documentación portuguesa de la capitanía de San Vicente y ciudad de São Paulo, la de los **BANDEIRANTES**, sino también, y muy a fondo, la española imprescindible para el cabal estudio de esos territorios; la cual yace en parte inédita en varios archivos, entre ellos el estupendo de la **COLECCIÓN DE ANGELIS** conservado en Rio de Janeiro, y parte ha sido publicada en varias colecciones americanas y españolas. Con la particularidad de que a los estudiosos de habla castellana ofrece el reverso de sucesos e interpretaciones con la versión procedente del lado portugués. Los resultados, sin embargo, suelen ser idénticos, y la diferencia se reduce a que lo que nosotros llamamos **RECONQUISTA**, como en el caso de la guerra de 1762 contra la Colonia del Sacramento y Rio Grande, Porto lo llama invasión. Es natural, porque para él es verdad intangible la unidad geográfica, étnica y económica de un Brasil compreendido entre los dos grandes ríos, el Amazonas al norte y el Río de la Plata al sur, sin que por eso deje de reconocer que las «tres cuartas partes» del actual território está del lado de allá de la línea de Tordesillas.» ...Muchos puntos de etnografía y economía que en las relaciones de los misioneros tal vez pasan medio inadvertidos, hallan en esta obra su debido realce, como la introducción del ganado vacuno y caballar que, multiplicado hasta lo infinito, creó fuentes incalculables de riqueza, hasta modificar sustancialmente las condiciones del suelo y la vida del hombre, lo mismo salvaje que civilizado. La parte final que trata de la decadencia de los Siete Pueblos, iniciada con el tratado de límites de 1750 y la expulsión de la Compañía de Jesús, es muy instructiva y contiene datos poco conocidos en España. Hacia 1801 los portugueses de Río Grande se habían dado maña para sonsacar a los indios y llevárlos para sus plantaciones, y en un momento en que el territorio estaba militarmente abandonado por España se apoderaron de él sin resistencia.» — F. MATEOS, S. J.

Madrid, Serrano, 123.

Rematamos estas apreciações com duas frases escritas recentemente por G. Furlong, em Archivum Historicum S.J., Roma, 1957, p. 153: «Sorprende ciertamente que un historiador laico haya podido catar con tanto acierto el espíritu con que la Compañía de Jesús emprendió y llevó a cabo esa magna obra misionera, y sorprende que un historiador brasilero juzgue con tanta rectitud e imparcialidad el proceder de los Bandeirantes... Todos estos capítulos, con la sola excepción del que dedica Porto a la decadencia de la civilización jesuítica, en el que se refiere largamente a la Guerra Guaranítica, son de una información cabal y están expuestos con entendimiento sagaz y acertado.»

**FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL, Ensaio de Monografia natural, pelo P. Balduíno Rambo, S. J. Segunda edição revista. 16 x 24 cm. 8.o, (Pôrto Alegre 1956) 456 + 19 pag.**

**O jornalista Carlos Reverbel, no Correio do Povo, de Pôrto Alegre, de 15-9-1956, escrevia: «Trata-se ... de um fato de grande importância para a vida cultural rio-grandense a reedição da obra do Pe. Balduíno Rambo, ainda porque é esta a primeira vez que ela ficará ao alcance do grande público, não só por ter sido preparada, nas expressões do próprio autor, nos moldes mais amplos de divulgação, como também por ter sido lançada comercialmente. Era tal o interêsse, entre os estudiosos das coisas do nosso Estado, pela «A Fisionomia do Rio Grande do Sul», que os raros exemplares que apareciam, nas casas de livros usados da cidade, alcançavam preços elevadíssimos.»**

**P. Rambo, como êle próprio no-lo reve-la, apresenta esta obra «para se ter uma idéia das belezas naturais da nossa terra, tão empolgantes quanto desconhecidas».**

**Tendo colhido sólida formação dentro e fora da sua pátria, com vasta cultura científica, após largos anos passados na cátedra de Colégios e Universidades, tendo percorrido, em viagens de estudos, cêrca de oitenta mil quilômetros, isto é duas vêzes a distância em volta do equador, tanto pelo Brasil, como particularmente pelo Rio Grande do Sul, dos quais 12.000 quilômetros aéreos em 400 vôos, e o resto em trens, automóveis, veículos de tôda a espécie, a cavalo, a pé, trepando até o píncaro das montanhas ou descendo até o abismo dos canhões, varando florestas ou cruzando a campanha. Tendo observado tudo minuciosamente e lançado no seu canhenho, conseguiu reunir um opulentíssimo material de pesquisas pessoais. Organizando-o ou acrescentando-lhe o que encontrou em obras similares, pôde lançar em 1942 a primeira edição. Tão inesperada foi a aceitação da obra que em breve tempo estava esgotada. Agora, após repetidas instâncias, aparece a FISIONOMIA em novo aparato melhorado, com novas ilustrações, onde o A. se empenhou em dar-lhe um feitio mais popular, mais ao alcance do leitor não especializado na matéria.**

**Desta maneira, tendo descrito com mão de mestre a nossa fauna, nossa flora, nossa geologia, a nossa geografia física e humana, sociológica, orográfica, potamográfica, petrográfica e ainda climatológica, pôde oferecer-nos um riquíssimo e variadíssimo material para todos quantos se interessam por nosso Rio Grande do Sul em geral, como p. ex. o militar e o agricultor de variados produtos, porém em particular o imigrante, o pecuarista, o piscicultor, o turista apontando-lhes as zonas mais dignas de serem visitadas, e, por fim, o próprio Govêrno, chamando-lhe a atenção para problemas existentes, ou indicando-lhe já as providências a serem tomadas.**

**Rubião Fonseca, crítico literário das Vozes de Petrópolis (Ano 51, Fever. de 1957, p. 153) tece à FISIONOMIA o seguinte elogio: «E' um livro destinado a atingir o grande mercado internacional; há-de solicitar as atenções dos cientistas, das universidades e dos governos. ... Eis o livro que honra não só a cultura jesuítica, mas a do Brasil. Pode sem inconveniente fazer a prova dos mares em busca dos grandes centros humanos de cultura.»**

**Sem muito exagêro pode-se afirmar que o P. Balduíno Rambo conhece o Estado mais meridional do Brasil palmo a palmo, e não sabemos de outro que lhe possa levar as lampas nesse sector. E tudo isso vem repassado de um indisfarçável carinho a essa deslumbrante natu-**

**reza com que o Criador tão esplêndidamente nos brindou. Por isso, nada admira que, num inquérito havido em fins de 1955 pelas colunas do CORREIO DO POVO, de Pôrto Alegre, indagando a um respeitável número de intelectuais, acêrca das dez obras básicas da cultura rio-grandense, a FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL tenha tido uma das classificações mais elevadas. — Como justa homenagem às suas conquistas científicas e em gratidão por sua indefessa colaboração no terreno das ciências naturais, seus amigos e correspondentes no hemisfério norte, lhe conseguiram uma viagem gratuita de três meses, de julho a setembro de 1956, pela América do Norte. P. Rambo aproveitou essa oportunidade a fim de conhecer os métodos e os próprios cientistas yankees. Observou minuciosamente a técnica dos museus, mormente seu material zoológico e etnológico. Porém, o que lhe mereceu um cuidado especial foram os parques nacionais, òtimamente localizados e modelarmente organizados e administrados. Regressou com 800 páginas de almaço cheias de observações pessoais e a cabeça regurgitando de novas realizações em prol dos seus patrícios.**

**L. DE B. JARDIM**

**REVISTA DE HISTORIA DE AMÉRICA. (Instituto Panamericano de Geografia e Historia). Arzobispado, 29. Tacabaya, México 18, D. F. República Mexicana.**

**Las comparaciones suelen ser odiosas. Por esa razón nos abstenemos de decir que esa Revista es la mejor que conocemos en su género, sino apenas que es magnífica en toda su presentación tipográfica, de papel escojido, y más aun en su contenido. Sobretodo es legítimamente americana. El idioma predominante es el castellano, pero también publica trabajos en inglés, francés y hasta en portugués. Son artículos suscritos en gran parte por autores de proyección, especialistas en su materia. Los últimos fascículos recibidos siguen una distribución muy feliz: 1) «Sumario», donde encontramos 2, 3 ou 4 trabajos sólidos de asuntos históricos; 2) a seguir «Ensayos y Documentos»; 3) Necrologías de personalidades célebres en el campo de la Historiografía, recientemente fallecidos; 4) a estos siguen «Noticias» sobre temas diversos; y 5) en quinto lugar topamos con una abundante «Reseñas de Libros», de indiscutible utilidad para el bibliófilo; y 6) encerrando, hay siempre una buena «Bibliografía de História de América, la más reciente. El tomo 41, último que hemos recibido, ya alcanza el elevadísimo número 15988 bibliográfico. Todo esto va repartido por Nacionalidades. El n.o 41, in fine, añade un catálogo de las Publicaciones Generales y Periódicas del Instituto Panamericano de Geografía e História, en número de 226. Huelga realzar que hay todavía amplísimos índices impresos separadamente. A los directores y colaboradores les enviamos de este extremo Sur del Brasil la enhorabuena por la R.I.A., a la cual deseamos que prospere siempre más sin descensos ni desviaciones de su noble programa.**

**Pôrto Alegre, abril 1957. — P. LUÍS GONZAGA JAEGER, S. J.**

GAÚCHOS E BEDUÍNOS (A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul) por Manoelito de Ornellas. Segunda edição, revista, aumentada e ilustrada. 14 x 23 cm. 454 pág., com 16 ilustrações. José Olympio Editora, Rio de Janeiro 1956.

Aparecendo pela primeira vez em público «Gaúchos e Beduínos», produziu surpresa em alguns e sorriso sarcástico em outros. E' que no Rio

Grande do Sul ninguém, ou só um *restrito número de estudiosos* sabiam claramente da influência mourisca em nosso meio racial, étnico e social. Estudando, porém, com isenção a documentação serena de Manoelito de Ornellas, renderam-se muitos às provas irrefutáveis do Autor. Os «puritanos da raça», entretanto, descendentes em linha reta dos fariseus da Escritura, receiosos de se contaminarem com as «impurezas legais» de Mafoma, nem sequer se deram ao trabalho de examinar os argumentos. Se fôssem sinceros nas pesquisas históricas sem prevenções preconcebidas, ter-se-iam dado ao menos à *análise dos argumentos e talvez, mesmo,* a debater com êle as conclusões. Cegos de nascimento!

Esta nova edição se apresenta de fato òtimamente «revista, aumentada e ilustrada». E tudo revestido dessa linguagem castigada e períodos elegantes, que já são do apanágio de M. de O. — Várias e numerosas já têm sido as referências e críticas da imprensa nacional e estrangeira de «Gaúchos e Beduínos». Nesta página queremos analizar apenas a parte referente ao Cap. I, p. 55 — 147, onde o A. versa a questão das MISSÕES JESUÍTICAS.

Após um magnífico resumo intitulado «Antecedentes do Tratado de Madrid», (p. 55-69), entra a analizar os esforços de ambas as coroas ibéricas no sentido de definir de uma vez para sempre as lindes das suas colônias sul-americanas. «Embora o Tratado fôsse impiedoso — e isso é inegável — no que se refere pròpriamente à transmigração dos índios aldeados, diz o A., também é forçoso reconhecer que só êle, nas suas linhas gerais, poderia dar uma solução conciliatória e definitiva às divergências na América... Mas os índios *não se conformaram com a imposição* legal. E' que êles tinham pela gleba nativa um apêgo tamanho que nem o Padre Sepp, tão querido pelas tribos, conseguira, certa vez, convecê-los à fuga de uma epidemia dizimadora. (p. 74). E poderia acrescentar que, quando o mesmo Padre Sepp deixou perfeitamente inst*alada a nova redução* de S. João Batista, distante apenas 15 kms de S. Miguel, já superpovoada, ao querer transferir uma parte dessa redução para os novos lares, foi tamanha a resistência que parecia vir o mundo abaixo. Quanto mais, se meio século depois, *eram obrigados pela fôrça* a emigrarem para uma região desconhecida, onde tudo lhes faltaria, entregando a seus inimigos seculares, os portugueses, ou melhor os bandeirantes, tôdas as suas imensas riquezas imóveis. Se na assertiva de M. de O. o Tratado de 1750 foi «o documento político mais sábio do século XVIII, *na vida da Península*» (p. 71), produziu nos dois povos peninsulares um descontentamento geral. Uns e outros se julgavam ludibriados. «Na revolta dos índios (não se pode contestar!) sente-se claramente a presença de alguns sacerdotes jesuítas que, entre os *inúmeros já resignados* ao sacrifício total, receberam o pacto de Madri com evidente irritação.» (p. 75). Na revolta «armada» não aparece nenhum jesuíta, porque estavam impedidos pelo Superior Geral da Companhia de Jesus que lhes impusera a ordem terminante de fazer todo o possível a fim de ser realizada a *transmigração*, *Isso sim, vendo a flagrante* e clamorosa injustiça que se cometia contra os seus infelizes pupilos dos Sete Povos, despojados contra tôda a justiça e sem o mínimo respeito a seus direitos naturais e adquiridos, sentiram-se na obrigação de, mediante Memoriais e Ofícios, representar aos Superiores religiosos e civis a impossibilidade de executar o Tratado, considerando a obstinada resistência dos índios, os quais até chegaram a encarcerar alguns padres que persistiam na mudança. Se os jesuítas tivessem encabeçado a resistência, nenhum soldado europeu teria *penetrado no solo das Missões.* Mas como lhes faltava a presença de uma cabeça que os dirigisse sucumbiram na defesa da sua querência. E note-se ainda, que tôda a correspondência dos missionários dirigida ao rei da Espanha foi confiscada por seus mi-

nistros, adeptos da maçonaria. «A ação bandeirante, no Sul, caracterizou-se como a de simples preadores de gados e de índios, principalmente de índios, porque necessitavam os paulistas dos braços escravos para o desdobramento de suas lavouras, suprir os mercados do Norte e reforçar com «HOMENS D'ARCO as suas hostes aventureiras». (78-79). Embora alguns patrícios nossos, piratininganos de hoje, não aceitem essa afirmação do A., não deixa ela de ser bem verdade, porquanto essas incursões foram muito mais destrutivas do que construtivas. M. de O. até profliga a obra bem pouco patriótica dos bandeirantes em suas navegações para o litoral do Rio Grande, quando escreve: «Essas excursões marítimas dos compradores de escravos — «Segadores de Satanás» os denominou um paulista, — longe de ser um título de glória, sob o ponto de vista territorial, parece-nos que antes atrasaram de um século a colonização portuguêsa (e, portanto, brasileira) do Rio Grande do Sul». (82). Palavras duras, porém verdadeiras. Infelizmente o território das Missões, primitivamente espanhol, veio a tornar-se zona contestada, onde só ao tinir das armas coube pronunciar a última palavra.

Com muita felicidade prova o A. (p. 86-88) que a famigerada «absoluta escravidão moral» dos indígenas jamais existiu nas Missões da Companhia. Nas páginas subsequentes mostra-nos a fartura e todo bem-estar de que gozavam êsses neófitos sob a bandeira inaciana, com uma vida perfeitamente organizada e metódica. E para amostra da sua tese, transcreve a admiração e os elogios de vários autores amigos e adversos. Entre êstes figura a opinião da protestante Lady M. Graham: «Não sei que mal fizeram os jesuítas na Europa, mas estou convencida que sempre fizeram na América algum bem...» (p. 100-101). Nas páginas 101 a 103 rebate a Alfredo Varela que criticou a Companhia de Jesus como sendo uma «vanguarda política da Espanha».

Conclui o A. essa parte dos seu excelente livro com estas lapidares frases: «Tôda a obra civilizadora do jesuíta entrou na mais deplorável decadência quando sobreveio a explusão da Companhia de Jesus de Portugal (1759) e de Espanha (1768), pela ação de Pombal e Aranda. O índio... passou à mais negra condição de miséria. Na parte oriental, acabaram-se os toldos e o que sobreviveu foi o rebotalho de tribos que chegaram a conhecer a riqueza e o bem-estar.» (106) A história dos Sete Povos é ainda, na frase de uma excelente professora primária gaúcha, «a parte mais linda da História do Rio Grande do Sul.» Manoelito de Ornelas contribuiu com o seu «Gaúchos e Beduínos» a torná-la ainda mais apreciada e popular. Para os estudiosos, entretanto, aumentaria o valor do livro se o A. fôsse um pouco mais minucioso e completo nas citações da riquíssima literatura manuseada. Gaúchos e Beduinos já é hoje uma obra de consulta indispensável para quem quiser conhecer o Rio Grande do Sul.

L. G. JAEGER, S. J.

LA APORTACIÓN EXTRANJERA A LAS MISIONES ESPAÑOLAS DEL PATRONATO REGIO, por Lázaro de Aspurz, O. F. M. Año MCMXLVI, Publicaciones del Consejo de la Hispanidad, Madrid, 1946, 14 x 21,5, — 337 pág.

Escreve o A., logo na Introdução: «Nosso curso do século XIV, em favor da reviravolta brusca experimentada pelas rotas do comércio para o Atlântico pelo efeito do crescente poder do Islão no Oriente e em favor também do novo tipo de CRUZADA MARÍTIMA que se desenvolvia sob o impulso vigoroso de Castela e Portugal, foi tomando corpo também um sistema de novo cunho no campo das Missões.» Até então o apostolado entre os infiéis tivera um caráter ultranacional, sem ser de um estado particular. Êsse caráter era uma espécie de PROTECTORADO político

nas Missões, sobretudo entre os muçulmanos, mongóis e pagãos. Tal aparece na ação de França no século XIII no Levante, ou ainda na Génova em suas feitorias do Oriente, no empenho de Aragão de proteger a costa africana e os Santos Lugares. (p. 11/12).

Porém já se ia formando um novo conceito de «CRUZADA, CONQUISTA E EVANGELIZAÇÃO, sobretudo desde que os interêsses portugueses se chocaram com os dos seus vizinhos castelhanos no Ultramar. A fim de resolver os litígios e rivalidades, vieram as Bulas pontifícias, traçando para ambas as partes a sua porção, «não tanto com o fim de adquirir um título com que poder justificar as conquistas feitas ou por fazer, senão principalmente para pôr um dique jurídico aos demais Estados cristãos nas rotas marítimas difíceis de defender.» (p. 13). Desta maneira, Portugal e Espanha, para assim dizer, ficaram com o direito exclusivo da evangelização dos países infiéis. Consequência lógica foi a exclusão legal de evangelizadores não ibéricos das Missões ultramarinas. Entretanto, nunca faltaram estrangeiros zelosos da salvação das almas que de uma maneira ou outra conseguiam infiltrar-se nas expedições que demandavam o Oriente ou Ocidente ocupado pelos espanhóis. (p. 14). Eis o assunto que o A. estuda com maestria, comprovando suas idéias com farta documentação.

Inicialmente, foram excluídos das colônias, de preferência, os judeus e mouros, no intuito de conservar ali a pureza da fé. Mais tarde entrou também o motivo comercial. Contudo houve grandes exceções, como p. ex. com os Fugger e Welser em Venezuela (p. 27), e Ehinger e Sayler em Nova Granada (p. 28), que levaram consigo 50 mineiros alemães. Na própria Metrópole, no século XVII, quase tôda a vida econômica estava nas mãos de estrangeiros (p. 36). «Estrangeiros» eram os não naturalizados, com residência de longa data e família no país. Também os portugueses, mesmo ao tempo da união com Espanha, 1580 - 1640, eram considerados como estrangeiros. (p. 41). Admitiam-se, porém, frequentes exceções, conforme o exigiam as circunstâncias e conveniências econômicas (p. 42). A população da Espanha, no Continente, era calculada no século XVII em cêrca de 4 milhões de habitantes.

E os missionários estrangeiros? (p. 43 ss.). Já na segunda viagem de Colombo foram ao menos 7 religiosos, dos quais alguns estrangeiros (p. 45). O entusiasmo, sobretudo entre a família franciscana da França pelas missões estrangeiras foi tal, que imediatamente, MORE ELEPHANTIS AD SANGUINIS ASPECTUM ANIMATI», choveram pedidos ao Vigário Geral da Ordem, que os enviassem à conversão dos infiéis (p. 46). Aos filhos de S. Francisco coube a indiscutível honra da primazia neste apostolado, poderosamente amparados por seu confrade, o insigne político cardeal Francisco Jiménez de Cisneros (p. 52). Foram progredindo sem parar os franciscanos, ocupando várias regiões ocupadas pelas armas de Castela (p. 56 ss.). Durante longos anos todo missionário que quisesse trabalhar em colônia espanhola devia ver como conseguia vencer a quase intransponível barreira que lhe opunha o «Consejo de Indias», dominado por um burocratismo injustificável (p. 185 ss.). Numerosos missionários, animados de ardente zêlo das almas, tiveram que regressar às suas pátrias, ou ver, se, com nomes fictícios, os deixavam passar.

Esse exclusivismo não estava de acôrdo com o espírito da Santa Sé e da própria Igreja universal. Por isso, S. Francisco de Borja, terceiro Superior da Companhia de Jesus, lembrou a S. Pio V em 1568 a fundação de uma congregação romana que zelasse diretamente a Propagação da Fé. A idéia foi mal encarada em Madrid (p. 157). Apenas em 1622 se pôde fundar definitivamente essa benemérita Congregação, para cuja criação muito contribuiram os padres Carmelitas (p. 159-161).

No capítulo IV, p. 168 e seguinte, o A. nos descreve o irreprimível entusiasmo que se apoderou dos filhos de S. Inácio, animados em grande parte pelas inflamadas cartas que do Extremo Oriente enviava à Europa o maior missionário dos tempos modernos, S. Francisco Xavier. Êsses brios tiveram porém seus desenganos na oposição intransigente do Consejo de Indias. Havia ali «amplas instruções, prescrevendo meticulosamente as informações que devjam preceder ao embarque dos religiosos que passassem às Índias sôbre suas pessoas, nomes, idades, NATUREZA e qualidades, e da Província e casas de que sairam...» Como se isso ainda não bastasse, deviam os candidatos sujeitar-se em Sevilha a um novo reconhecimento escrupuloso perante a Casa de Contratação para averiguar se os que embarcavam eram os mesmos que o Conselho havia autorizado e evitar que se introduzissem outros em seu lugar; e chegados os missionários aos portos das Índias, haviam de submeter-se a nova revisão de identidade pessoal, e os que não constassem nas listas ou não se conformassem às informações transmitidas pela Contratação deviam ser reembarcados para a Espanha. (p. 179). Era, como se vê, um trabalho insano para os Procuradores, que organizavam as expedições, arrancar do Rei e do Conselho essas licenças (p. 187), face a essa política exclusivista.

Por todos os favores, a Companhia de Jesus se mostrava sempre grata, máxime ao tempo de Felipe IV, ao qual o P. Geral Vicente Caraffa, por decisão da Congregação Geral, ofereceu cem mil missas em gratidão pelos gastos em favor das Missões da Companhia (p. 202). O período de maior intransigência com relação aos missionários estrangeiros foi o de meados do século XVII, sobretudo contra os missionários jesuítas, vítimas de acusações e manejos de seus êmulos. (p. 206 a 210). Chegaram a mandar examinar minuciosamente tudo o que se referia a missionários estrangeiros, notadamente nas Missões do Paraguai que lá trabalhavam desde largos anos, para ver se conseguiam fazê-los voltar para a Europa. Assim foram afastados os beneméritos P. Manuel Berthod, francês, e P. Paulo de Benavides, português. (p. 209). Tudo isso, já se vê, não era de molde a favorecer a conversão dos infiéis. Frei Aspurz procura achar a explicação dessas impertinências administrativas na manifesta decadência da Espanha pelo fim do reinado dos Felipes: «No reinado de Felipe IV a exacerbação do orgulho nacional, humilhado nas emprêsas exteriores, gloriosas, porém infelizes, e ferido pela consciência da própria incapacidade interna, tratava de desquitar-se no exercício de uma burocracia meticulosa e pesada, uma de cujas manifestações, não a menos importante, foi a intransigência com os estrangeiros de tôda classe. Despejada algum tanto a atmosfera com a paz dos Pirineos (1659), os organismos do Estado respiraram com uma sensação de maior segurança e se começou a afrouxar paulatinamente (p. 216).

Embora Portugal fôsse em algum sentido mais condescendente para com os estrangeiros chegou ao absurdo de exigir dos missionários estrangeiros um juramento de fidelidade ao Rei, e para dizê-lo assim, a renunciar à sua nacionalidade. (p. 217, citando a Huonder «Deutsche Jesuitenmissionäre des 17. und 18. Jahrhunderts). Até na China, os missionários, ao ministrar o batismo aos pagãos lhes impunham nomes lusitanos, com o qual, ao menos externamente, o chinês renunciava ao direito de ser chim.

No sentido de melhorar essa anormalidade, completamente oposta ao espírito universalista da Igreja, muito se esforçou o P. Izquierdo, S.J. (235). Efetivamente, desde 1663 começou a melhorar a situação, sendo que em 1673 já ficava o caminho franqueado para os estrangeiros, permitindo que a terça parte dos missionários fôssem de outra nacionalidade,

mas de preferência italianos e ainda alemães (p. 237-245). Por fim,em 18 de fevereiro de 1707, Felipe V concedia, por uma Cédula Real, que até dois terços dos missionários da Companhia de Jesus podiam ser estrangeiros. (p. 330). — Magnifica contribuição para a história das Missões Católicas é incontestàvelmente a obra que acabamos de analizar.

LUIS GONZAGA JAEGER, S. J.

CORRESPONDENCIA DE CAPISTRANO DE ABREU. (Ministério da Educação e Cultura — Instituto Nacional do Livro). Edição organizada e prefaciada por JOSE' HONÓRIO RODRIGUES. Vol. I. 25 x 16 cm., LVI + 446 pág., Rio de Janeiro 1954; — Vol. II 25 x 16 cm; 540 pág., Rio 1954; — Vol. III, 25 x 16 cm; XVI + 321 pág., Rio 1956.

Essas 1379 páginas, enfeixadas em 3 belos volumes, por êsse beneditino, talvez o mais aproveitado discípulo e continuador de Capistrano, o Dr. José Honório Rodrigues, é um brilhante caleidoscópio não apenas da pessoa, como principalmente daquêle que o Prefaciador denomina «a mais lúcida consciência da historiografia brasileira» (I, p. LVI). Não cabe dúvida que Capistrano foi, nos primeiros 40 anos de nossa República. quem mais a fundo conheceu a História do Brasil. Esta afirmação encontra agora sua confirmação mais cabal no «Prefácio» do 1.o volume, onde Rodrigues enumera pormenorizadamente tôda a atividade histórica de Capistrano, como principalmente nesse seu opulento epistolário, que se estende desde 1880 até 1927, isto é até um ano antes do seu passamento. São, quase sem exceção, cartas de assuntos de História nacional, ou estrangeira ou afins a ela. A maior parte dessas epístolas são de um interêsse contagiante. Não é tanto por seu fraseado, geralmente lacônico, mas pelo assunto tratado, ora em estilo familiar, ora em linguagem pitoresca, chocosa e até sarcástica que prendem o leitor. Escritas em letra miudinha, e por vêzes abreviada, custaria decifrá-las no seu original. As que aqui se publicam eram quase tôdas ainda inéditas; e nem foi possível ainda publicar muitas que pertencem a herdeiros que as guardam sob sete chaves, de que nem sequer se pôde obter cópia. Realmente, seria difícil achar outra maneira mais proveitosa do que essa de celebrar o 1.o centenário do nascimento de Capistrano. Junto ao nosso agradecimento ao Dr. José Honório Rodrigues, exprimimos aqui o nosso voto que a segunda edição venha enriquecida com novas cartas inéditas do imortal historiador brasileiro.

LUÍS GONZAGA JAEGER, S. J.

ENCICLOPÉDIA RIO-GRANDENSE. 1.o volume. **O Rio Grande Antigo**. 16 x 23,5 cm. encader. 346 pag. e 2.o volume, 297 pag. ilustrad. — Empreendimento verdadeiramente digno de todo elogio, êsse de codificar em mais de uma dúzia de alentados tomos tudo quanto merece ser conhecido em nosso Rio Grande do Sul. No primeiro dessa série, vários autores de renome trataram com proficiência dos seguintes temas: Indios Rio-grandenses civilizados pelos antigos Jesuítas; Os Açorianos; Imigração alemã; Imigração e colonização italiana; Das guerras cisplatinas às guerras contra Rozas; a Revolução Farroupilha; A Propaganda republicana e a Proclamação da República; a Revolução Federalista. No «Plano Geral» constam ainda os volumes seguintes: O Rio Grande atual; Atividades econômicas; O Rio Grande agrícola e pastoril; o Ensino no Rio Grande do Sul; As Profissões liberais; O Funcionalismo público; Arquitetura e Belas Artes; Vias de comunicação; O Rio Grande social; O Folklore Rio-grandense; e O Rio Grande esportivo. O interessante dessa

empresa é que os autores dos mencionados trabalhos são intelectuais gaúchos ou pesquisadores de longa residência no Rio Grande. Se enorme foi a ousadia do dinâmico Dr. Klaus Becker, idealizador desta notável iniciativa, maior foi a aceitação dos volumes, da parte do público, que depressa desapareceram das estantes, aguardando impacientes seus «irmãos» futuros. Sinceros parabéns aos empresários e à Escola Profissional La Salle, de Canoas, R. G. do Sul, que imprimiu e encadernou os volumes, e à Gráfica Minerva S/A. Indústria e Comércio, que executou e imprimiu em côres as numerosas ilustrações. Vivant sequentes!

L. DE B. JARDIM.

•

VICENTE D. SIERRA, **El Sentido Misional de la Conquista de América**. Prólogo de Carlos Ibarguren. Publicaciones del Consejo de la Hispanidad. Madrid 1944, 14 x 21 cm; 601 pag.

Entre as muitas e excelentes obras históricas saídas da incansável pena do Prof. argentino Vicente D. Sierra, ocupa um lugar de destaque esta obra que nos foi gentilmente oferecida pela casa editora «Consejo de la Hispanidad» de Madrid». No Prólogo escreve o prefaciador: «La labor misional realizada por España en el nuevo mundo es estudiada con un considerable acopio de datos y de documentación, y surge claramente de este trabajo que ella tuvo mayor relieve que la conquista militar: se buscó la catequización de las almas con más ansia que el apoderamiento de la tierra y de sus riquezas. La sed de oro, que los historiadores han señalado como la principal fuerza impulsora de los soldados hispanos, cede, según lo demuestra este libro, al fervor místico de los misioneros.»

No cap. segundo da primeira parte, o A. analisa com serenidade a doutrina do dominicano Fr. Francisco de Vitoria, acêrca do poder do Romano Pontífice no relativo a doações de terras de países pagãos (p. 73-83). Ao lado do conquistador vinha infalìvelmente o missionário, e ao lado dêste, o mestre para civilizar. Sierra prova como a Espanha, apesar das falhas religiosas, foi no tempo do descobrimento a nação menos castigada pela decadência religiosa. (p. 151 ss.). Os missionários religiosos traziam a incumbência de converter de preferência os indígenas. Comenta os reais benefícios que advieram para a pureza da fé pela expulsão dos judeus, 1492, e dos mouros, e ainda da vigilância da Inquisição (p. 157). Cita ao anti-clerical Voltaire, que afirma (em ESSAI SUR L'HISTOIRE GÉNÉRALE, tomo IV, cap. 177) «Salvos os horrores da Inquisição não há nada que repreender a Espanha.» Comentando essas palavras escreveu o conde de Maistre: «Não se pode ser mais cego. Sem os horrores da Inquisição, não haveria nada a repreender nessa nação que não escapou a não ser pela Inquisição, aos horrores que desonraram tôdas as outras.» (p. 157). Espanha até se abalançou à delicada emprêsa de reformar o seu clero (p. 158), encontrando no Cardeal Cisneros um corajoso e sábio auxiliar (p. 159), que completou a obra da restauração espiritual. Por isso pôde asseverar o historiador Jesuíta P. Antonio Astrain: «La reforma de Cisneros es una de las obras más grandes de nuestra historia eclesiástica... Barrida esta basura, el estado religioso floreció en España con nueva vida y los centenares de conventos que poblaron, nuestros suelos se convirtieron en fuentes de predicadores celosos, de prelados eminentes, de doctores profundos, de confesores discretos, de consejeros prudentes, de incansables misioneros, de hombres, en fin, espirituales, que contra el diluvio de errores y pecados que sobrevino en el siglo XVI, mantuvieron viva la fe en España, la defendieron en el resto de Europa y la propagaron al Nuevo Mundo.» (p. 159).

No fim da primeira parte, (p. 171 ss.) o A. entra a analisar mais

particularmente a contribuição missioneira da Companhia de Jesus. Na segunda parte, (p. 189 ss.) passa a estudar a atividade dos missionários no Rio da Prata. Menciona a obra de Irala e as famosas encomiendas, que tanta dor de cabeça deram mais tarde aos missionários. (p. 217 ss. e 387 ss.), enumera os primeiros bispos (p. 221), e ao notável missionário Frei Luís de Bolaños, idealizador do sistema das Reduções, o catecismo de Lima, e a atuação do Beato Roque González de S. Cruz, mártir do Rio Grande do Sul. (p. 341 e 488). Mais tarde houve divisão do bispado (p. 347), entrando a governar a diocese do Paraguai o incansável Frei Martin Inácio de Loiola (349 ss.). Na pag. 404 ss. expõe a atitude franca e resoluta dos jesuítas contra o serviço pessoal, totalmente injusto e desumano, e a perseguição que acarretou para a Companhia essa atitude da parte dos encomenderos. Na terceira parte o A. ainda se ocupa dos «Aspectos humanísticos de la Labor misional», dividindo o assunto em dois capítulos: Significación y alcance de la empresa misionera, e Realización integral del imperativo misionero. — A Bibliografia manuseada é realmente esplêndida. Nessas páginas escritas com calor surge brilhante a obra «misional que España, la España imperial y católica, quiso imprimir e imprimió a la conquista de América.» (p. 441). O volume pode enfileirar-se perfeitamente na galeria de outras obras do A., como a nupérrima «Historia de la Argentina», escalanada em 7 alentados volumes ilustrados.

LUIS GONZAGA JAEGER, S.J.

STADEN-JAHRBUCH. Beitraege zur Brasilkunde. Veroeffentlichung des INSTITUTO HANS STADEN. São Paulo, 16 x 23 cm.

Es ist jedesmal ein wahrer Hochgenuss, wenn man jaehrlich, seit 1953, das herrliche «Staden-Jahrbuch» zum Lesen bekommt. Von den 5 bisher erschienenen Heften, zu je 160, 216, 190, 328 und 308 Seiten, faellt es einem wirklich schwer zu sagen, was von den fuenfen wohl das gediegenste sein koennte. Natuerlich spricht da der persoenliche Geschmack oder die Spezialitaet des Lesers das letzte Wort. Unter der bewaehrten Leitung der Prof. Egon Schaden und Carlos Fouquet befindet sich die Veroeffentlichung im bestaendigen Wachstum. Band 5, S. 297-300 zeichnet 23 Namen von Mitarbeitern auf, mit deren Lebenslauf, durchvegs Namen des besten Rufes auf den Gebieten der Wissenschaft, auf deren Beitraege man sich verlassen kann. In den erwaehnten 5 Baenden findet der Leser solide Aufsaetze ueber Voelkerkunde, Geographie, Welt und Nationalgeschichte, Handel, Industrie, Landwirtschaft, Botanik, Beschreibung von Urwaeldern, Fluessen, Nutzpflanzen, Forstinstitute, Literatur, Kultur-und Sozialgeschichte, Indianerkunde, u. s. w, mit sauberen Illustrationen bereichert. Und dann noch eine betraechtliche deutsch-brasilianische Bibliographie, und eine wertvolle Buecherschau von Neuerscheinungen. Wirklich eine prachtvolle Erscheinung diese Staden-Jahrbuecher.

P. Aloisius Jaeger.

DIEGO LAINEZ, En la Europa Religiosa de su Tiempo, 1512-1565 por **Feliciano Cereceda, S. J.** Madrid, Ediciones Cultura Hispanica, Tomo Primeiro, 1945, 16 x 23 cm. XXXIV + 634 pág; Tomo Segundo, 1946, 16 x 23 cm., 584 pág.

Não raro ocorre no andar dos séculos, que homens eminentes sob todos os títulos caiam no silêncio das trevas até que um dia um raio de luz rasgue as nuvens, apresentando aos olhos da posteridade êsses heróis em brilhante nitidez. Tal ocorreu, no Brasil, com o P. Manoel

da Nóbrega, primeiro jesuíta vindo ao nosso País, co-fundador das três maiores metrópoles brasileiras, até que a perspicácia histórica do P. Serafim Leite no-lo tirou do aninomato, revelando-nos tôda a sua inconfundível envergadura (P. ex. na História da Companhia de Jesus vol. I e II; ou melhor ainda em «Breve Itinerário para uma Biografia do P. Manuel da Nóbrega, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1955); Cartas do Brasil e mais Escritos do P. Manuel de Nóbrega (Opera Omnia). do mesmo autor. Coimbra, 1955). Nem escapou a êsse desdouro o P. Diogo Laínez, segundo Superior Geral da Companhia de Jesus. «Para este olvido hubo diversas causas, descontada además esa enorme y gran desgana española que nos ha llevado siempre a olvidar y dejar caer en silencio, cuando no a desfigurarlos, los hechos y personajes más sobresalientes de nuestra história», escreve Cereceda, tomo Primeiro, p. VII do seu livro DIEGO LAÍNEZ. E continua o mesmo historiador afirmando o seguinte: «La vérdadera grandeza y curiosidad internacional de Diego Laínez hay que buscarla no en España, su patria, que vivo le miró hostil y despreciativamente, y muerto le envolvió en el silencio. El relieve europeu se lo proporcionaron siempre los extranjeros con el ditirambo o la calumnia».

Acresce a isso que Laínez recuou para o segundo plano, como que ofuscado pela extraordinária santidade e grandeza de S. Inácio, seu antecessor imediato e S. Francisco de Borja, seu sucessor no govêrno da Companhia de Jesus. Por fim Laínez, embora legítimo filho da Espanha, porém «cristão novo» em quarta ou quinta geração, e, por isso mesmo, mal visto por muitos compatriotas seus, tornou-se mais estimado no exterior do que no país de sua origem. Tendo-lhe faltado durante séculos um genuíno biógrafo, achou-o alfim na pessoa de Feliciano Cereceda, S. J., que nos brindou com dois magníficos volumes sôbre o segundo Prepósito Geral da Companhia.

Nascido em Almazán, Soria, em 1512, após uma educação esmerada no lar, cursou com brilho o currículo de Humanidades em Soria e Siguenza, a Filosofia em Alcalá, e a Teologia na Sorbonne de Paris, na época a Universidade mais afamada do mundo. Ali vemo-lo conquistado suavemente para a glória de Deus por seu colega de estudos Iñigo de Loiola, emitindo com êle e mais 6 companheiros de ideal os primeiros votos na silenciosa capela de Montmartre, em 15 de agôsto de 1534. Já na Itália, impõe-se como orador de grande sucesso e uma prodigiosa ciência teológica. Como teólogo pontifício de Paulo III, Júlio III e Pio IV no Concílio Ecunêmico de Trento, em 1546, 1551 e 1562, desempenhou nessas magnas sessões um papel de máxima relevância, sobretudo nas controvertidas questões acêrca do direito divino e a jurisdição dos bispos, a comunhão sob ambas as espécies e a justificação. Nêsses assuntos, o parecer de Laínez, sòlidamente alicerçado, teve a aprovação da maioria dos Padres Conciliares. Eleito já Geral da Ordem, como lho predissera o Fundador, houve de acompanhar, como conselheiro teólogo, ao Legado Papal Cardeal Ipólito d'Este, para a Côrte de Carlos IX. Nos colóquios religiosos em Poissy, setembro de 1561, suas conferências profundas contribuiram decididamente para a pacificação religiosa e o robustecimento do partido católico. Cereceda dibuxa-nos ainda as preocupações de Laínez provenientes de certa prevenção pessoal de Paulo IV contra os jesuítas, a defesa do seu Instituto perante as opiniões contrárias de outros religiosos, sua atividade em propagar a Companhia dentro e fora da Europa, e, por fim, o remate de todos os grandes homens: sua santa morte, ocorrida em 10 de janeiro de 1565. — Durante o seu generalado de 10 anos crescera a Ordem pro-

digiosamente, elevando-se o número de províncias de 12 para 18, e o das casas de 72 para 130, e os membros de mil para 3.500. — Não cabe dúvida, a obra de Cereceda, enriquecida de um bom índice onomástico e geográfico, é de consulta obrigatória para quem quiser conhecer ao P. Diogo de Laínez.

LUÍS GONZAGA JAEGER, S. J.

O PRIMEIRO CAUDILHO RIO-GRANDENSE, Fisionomia do herói missioneiro **Sepé Tiarajú**, por **Mansueto Bernardi.** Pôrto Alegre, Globo, 1957, 186 pág. — Colocando-se com firmeza no pedestal da realidade histórica e geográfica, o A. evoca a figura ímpar do indomável cacique missioneiro Sepé Tiarajú, sacrificado na defesa dos sagrados direitos à posse da sua querência, na chacina de Caiboaté, em 7-II-1756. Seus admiradores pensaram em erigir-lhe um monumento. Entretanto, a Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. S. opinou contra êsse desideratum. Levantaram-se numerosas vozes de aprovação e muito mais ainda de reprovação do Parecer pelo Rio Grande afora. À vista disso, o A., desde 1926 defensor acérrimo de Sepé, refuta no mencionado livro, uma por uma, as alegações negativistas da Comissão de História, e cimenta logo a seguir seu trabalho com as opiniões afirmativas de 21 (vinte e um!) Sócios do mesmo Instituto H. e G. do Rio G. do Sul e outras sumidades que se pronunciaram abertamente em favor de Sepé Tiarajú. Estamos pois de parabens os amigos e admiradores do magnífico «O Primeiro Caudilho Rio-Grandense», que está fadado a passar para a gloriosa galeria dos imortais da literatura histórica do R. G. Sul.

**L. de B. Jardim.**

REVISTA DO MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS E ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Pôrto Alegre, Rua Duque de Caxias, 1231. — Vendo-se obrigado o INSTITUTO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL na contingência de ter de suspender provisòriamente a sua tão excelente publicação, o dinâmico Diretor do Museu Júlio de Castilhos, de Pôrto Alegre, Prof. Dr. Dante de Laytano, lançou-se a preencher magistralmente essa lacuna com a publicação de uma revista similar. E tão bem sucedido tem sido, que já nos mimoseou com 7 alentados volumes. Para amostra, respingamos aqui apenas os títulos dos trabalhos mais sugestivos. N.º 1 (1952, 541 pág.): «O Comendador José Antônio de Araújo Ribeiro e sua descendência», por José de Araújo Fabrício; «Propaganda e Propagandistas Republicanos no R. G. do Sul» por Walter Spalding; «Cidade Açoriana da América Portuguesa», por Dante de Laytano; «Documentos Interessantes existentes inéditos no Arquivo Histórico do E. do R. G. do Sul, Território das Missões e Província Cisplatina» (N.º 1 até 6); «História do Gado no Brasil», por Aurélio Porto. — N.º 2 (1952, 344 pág.): «O Capitão Francisco Xavier de Azambuja e sua descendência» por Jorge G. Felizardo; «Dicionário Guarani - Português» por Mário Armaud Sampaio (N.º 2 até 7); «Vida Religiosa de Cidade do Interior», por Dante de Laytano; «Os Sambaquís e o Litoral de Torres», por Ascânio Ilo Frediani. — N.º 3 (1953, 532 pág.): «Luiz de Figueiredo Leitão e sua descendência», por Jorge G. Felizardo e Paulo Xaxier; «O Gado e o Gaúcho», por propício da Silveira Machado; «Condecorações Brasileiras» — «Legislação» pelo Gal. Antônio da Rocha Almeida; «Caudilhos platinos e Caudilhos rio-grandenses» pelo Cel. Artur Ferreira Filho; «Vida Administrativa do Rio Pardo ao tempo da Monarquia», por Dan-

te de Laytano. N.º 4 (1954, 497 pág.): Família Schramm» por Jorge G. Felizardo; «Condecorações Brasileiras», Textos de Leis, por Rocha Almeida; «Bibliografia do Folklore Rio-Grandense do Sul» por Walter Spalding «Rio Grande do Sul e a Marinha Brasileira» por Dante de Laytano. — N.º 5 (1955, 278 pág.): Velhos Fortes» por Eduardo Duarte; «Carlos Rodrigues de Carvalho» por Paulo Xavier; «Origem e Acessibilidade dos Campos Rio-Grandenses» pelo P. Arnaldo Bruxel, S. J.; «Populações Indígenas atuais no R. G. do Sul. (N.º 5, 6 e 7) por Dante de Laytano. — N.º 6 (1956, 294 pág.): «A História e o Povo», por Walter Spalding; «Dom Diogo de Souza e a Fundação de Bagé» por Paulo Xaxier. — N.º 7 (1957, 213 pág.): «Francisco Pinto Bandeira, Sertanista e Soldado» por Eduardo Duarte; «O Regimento de Dragões do Rio Pardo na Expansão Geográfica do R. G. do Sul» por Aurélio Porto; «Dois anos nos Arquivos Europeus» pelo P. Arnaldo Bruxel, S. J. — Tudo isso são magníficos cimélios de pura História, Geografia e Folklore, Ad multos annos!

**L. G. Jaeger.**

## OFERTAS DE EDITORES

### I. DO INSTITUTO PANAMERICANO DE GEOGRAFIA E HISTORIA:

**1. REVISTA DE HISTORIA DE AMÉRICA. (Instituto Panamericano de Geografia e História. — Comisión de Historia). México, Números 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35-36, 39, 40, 41 e 42.**

**2. Misiones Mexicanas en Archivos Europeos, por Manuel Carrera Stampa, Mexico, 1949. — American Missions in European Archives, by Roscoe R. Hill, México, 1951 — Misiones Cubanas en Archivos Europeos, por Manuel Moreno Fraginals, México, 1951. — Missões Brasileiras nos Arquivos Europeus, por Virgílio Corrêa Filho, México, 1952. — Misiones Colombianas en los Archivos Europeos, por Enrique Ortega Ricaurte, México, 1951. — Misiones Chilenas en los Archivos Europeos, por Alej. Soto Cárdenas, México, 1953. — Misiones Venezolanas en los Archivos Europeos, por Joaquim Gabaldón Márquez, México, 1954. — Misiones Argentinas en los Archivos Europeos, México, 1955 por Raúl A. Molina. — Misiones Ecuatorianas en Archivos Europeos, por Fray José María Vargas, O. P. México, 1956. — Misiones Nicaragüenses en Archivos Europeos, México, 1957.**

**3. O Ensino da História no Brasil, por Artur César Ferreira Reis, Eremildo Luís Viana, Hélio Viana e Virgílio Corrêa Filho. México, 1953. — La Enseñanza de la Historia en México, por Rafael Ramírez, Ida Appendini, Paula Gómez Alonzo, Jesús Romero Flores, Ricardo Rivera, Rafael García Grandos, Eusebio Dávalos Hurtado, Concepción Muedra, José Miranda, Josefina Lomelí Quirarte de Correa, México. 1948. — The Teaching of History in the United States, by William H. Cartwright and Arthur C. Bining. México, 1950. — L'Enseignement de L'Histoire en Haïti, par Catts Pressoir. México, 1950. — La Enseñanza de la Historia en Cuba, por Emeterio S. Santovenia, Antonio Santovenia, Manuel Pérez Cabrera, Fanny Azcuy y Alón, Manuel I. Mesa Rodriguez, Elías Entralgo y María Josefa Arrojo. — México, 1951. — La Enseñanza de la Historia en Honduras, por Martín Alvarado. México, 1951. — La Enseñanza de la Historia en la Argentina, por Leoncio Gionello. México, 1951. — La Enseñanza de la Historia en Venezuela, por Pedro Tomás Vázquez y J. M. Siso Martínez. México, 1951. — La Enseñanza de la Historia en Colombia, por Miguel Aguilera. México, 1951. — La Enseñanza de la Historia en Puerto Rico, por Antonio Rivera y Arturo Mo-**

rales Carrión. México, 1953. — La Enseñanza de la Historia en Nicaragua, por Carlos Molina Argüello. Mexico, 1953.

4. Tercera Reunión de Consulta de la Comisión de Historia. 222. — Boletin Bibliográfico de Antropologia Americana, Vol. XVIII, 1955, Primera y Segunda Parte. — José Honório Rodrigues, «Historiografia del Brasil, México, 1957.

R. DE LAFUENTE MACHAIN. La Virgen de la Asunción y su Oratorio. Patrona del Paraguay. Buenos Aires, 1940.

Idem. Alonso Riquelme de Guzmán. Buenos Aires, 1942.

Idem. Los Conquistadores del Rio de la Plata. Ed. Ayacucho, Buenos Aires, 1943.

Idem. El Gobernador Domingo Martínez de Irala. Buenos Aires, 1939. Ed. La Facultad.

DE PROCURANDA INDORUM SALUTE por el Padre José de Acosta, S. J. Introducción, Traducción y Notas por Francisco Mateos, S. J. Madrid; MCMLII. — Ed. España Misionera.

Los orígenes de la TRADICIÓN COLONIAL y el Cuarto Centenario de la Compañia de Jesús por Atilio dell'Oro Maini. C. E. P. A. Buenos Aires, 1942.

## II. EDICIONES CULTURA HISPANICA, Madrid:

CEDULARIO INDIANO, recopilado por DIEGO DE ENCINAS. Reproducción Facsimil de la Edición única de 1596. Con Estudio e índices de ALFONSO GARCIA GALLO. Madrid, 1945 e 1946. 4 volumes in folio.

COLECCION DE INCUNABLES AMERICANOS. Vol. I Doctrina Cristiana en la Lengua Española y Mexicana por los Religiosos de la Orden de Santo Domingo. Madrid, 1944.

Idem. Vol. II Dialéctica Resolutio cum textu Aristotelis por el R. P. Alonso Rivera Cruce. Madrid, 1945.

Idem. Vol. III PROVISIONES, Cédulas Instrucciones para el Gobierno de la Nueva España por el Dr. Vasco Puga. Madrid, 1945.

Idem. Vol. IV VOCABULARIO en Lengua Castellana y Mexicana por Fray Alonso de Molina. Madrid, 1944.

Idem. Vol. V ORDENANZAS y Compilación de Leyes por el muy Ilustre Señor Don Antonio de Mendoza. Madrid, 1945.

Idem. Vol. VI ARTE DE LA LENGUA MEXICANA Y CASTELLANA por el Rev. P. Fray Alonso de Molina, Madrid, 1945.

Idem. Vol. VII DIALOGOS MILITARES por el Dr. DIEGO GARGUSTIN FARFAN. Madrid. 1944.

Idem. Vol. VIII INSTRUCCION NAUTICA PARA NAVEGAR por el Dr. DIEGO GARCIA DE PALACIO. Madrid, 1944.

Idem. Vol. IX PROBLEMAS Y SECRETOS MARAVILLOSOS DE LAS INDIAS por el Dr. Juan de CARDENAS. Madrid, 1945.

Idem. Vol X TRACTADO BREVE DE MEDICINA por Fray AGUSTIN FARFAN. Madrid, 1944.

Idem. Vol. XI ARAUCO COMADO por el Lic. PEDRO DE OÑA. Madrid, 1944.

Los Caminos en la HISTORIA DE ESPAÑA por Gonzalo Menendez Pidal. Madrid, 1951.

ISABEL DA CATOLICA Y EL ARTE HISPANICO — FLAMENCO. Madrid, MCMLII.

BREVE HISTORIA DE ESPAÑA por José María Peman. Madrid, MCML.

DIGNIDADES NOBILIARIAS EN CUBA, por Rafael Nieto y Cortadellas. Madrid, 1954.

DIEGO LAINEZ en la Europa Religiosa de su Tiempo, 1512-1565, por Feliciano Cereceda, S. J. Tomo primero, Madrid, 1945, tomo segundo, Madrid, 1946.

POLITICA COLONIAL, por José M. Cordero Torres, Madrid, 1953.

RESEÑA HISTORICA DE LA VILLA DE SAN SALVADOR, desde su Fundación en 1525, hasta que recibe el título de ciudad en 1546, por Rodolfo Barón Castro, Madrid, 1950.

BOSQUEJO HISTORICO DE LA MEDICINA HISPANO-FILIPINA por José P. Bantug, Madrid, 1952.

UN CAUDILLO: EL GENERAL FRUCTUOSO RIVERA, Prócer del Uruguay, por José G. Antuña, Madrid, 1948.

VIAJE A NUEVA CASTILLA, por Juan Bernia, Madrid, 1947.

EL INCA GARCILASO, por Aurelio Miró Quesada y Sosa, Madrid, 1948.

BLASONES DE LOS VIRREYES DEL RIO DE LA PLATA, por Sigfrido A. Radaelli, Madrid, 1954.

LA LEYENDA BLANCA, por Ignacio Escobar López, Madrid, 1953.

LA RUTA DE LOS CONQUISTADORES, Vida Nueva en la Extremadura donde nacían los Dioses, por Waldo de Mier, Madrid, 1954.

POR LA OTRA ORILLA, por Agustín de Foxa, Conde de Foxá, Madrid, 1955.

CUATRO CLASICOS AMERICANOS: Rodó, Montalvo, Fray Gaspar de Villarroel, P. J. B. Aguirre, por Gonzalo Zaldumbide, Madrid, 1951.

ASCENDIENTES Y DESCENDIENTES DE HERNAN CORTES: Linea de Medina Sidonia y Otras, por Dalmiro de la Valgoma y Díaz-Varela, Madrid, MCMLI.

LAS MALVINAS (Las pequeñas islas que nos fueron arrebatadas), por José Arce, Madrid, 1950.

ESPAÑA Cambia de Piel, por Waldo de Mier. Prólogo por Juan Aparicio, Madrid, 1954.

PROBLEMAS DE LAS MIGRACIONES INTERNACIONALES A LA LUZ DE LOS DOCUMENTOS PONTIFICIOS, por Teodoro de la Torre Recio, Pbro., Madrid, 1946.

**III. PUBLICACIONES DEL CONSEJO DE LA HISPANIDAD:**

EL SENTIDO MISIONAL DE LA CONQUISTA DE AMERICA, por Vicente D. Sierra, Prólogo de Carlos Ibarguren, Madrid, 1944.

LA APORTACION EXTRANJERA A LAS MISIONES ESPAÑOLAS DEL PATRONATO REGIO, por el P. Lázaro de Aspurz, O. F. M. Cap., Madrid. 1946.

EL DORADO FANTASMA, por Constantino Bayle, S. J. Prólogo del Excmo. Dr. D. José Joaquín Casas, segunda ed. Madrid, 1943.

* * *

MEMÓRIA HISTÓRICA DA CIDADE DE PARANAGUÁ E SEU MUNICIPIO, por Antônio Vieira dos Santos. Dois volumes, 1850, Paraná, 1951 e 1952.

Revista Trimestral do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PARANAGUÁ. Diversos fascículos. (Gentileza do Dr. Zenon Leite).

**4. PROGRAMA DE HISTORIA DE AMÉRICA: (I. P. G. H.) México:**

**N.º 48: Hispanoamérica Septentrional y Media, por Silvio Zabala, Período Colonial.**

**N.º 49: Colombia, por G. Reichel-Dolmatoff, Período Indígena.**
**N.º 50: Mesoamérica, por Ignacio Bernal, Período Indígena.**
**N.º 51: Origins, by Hannah M. Wormington, Indigenous Period.**
**N.º 52: United States and Canada, by James B. Griffin, Indigenous Period.**
**N.º 53: Brasil, por José Honório Rodrigues, Período Colonial.**
**N.º 54 : Altiplano Andino, por Luis E. Valcárcel, Período Indígena.**
**N.º 55: Guianas, by Irving Rouse, Indígenous Period.**
**N.º 56: Mesoamérica y Colombia (Suplementos), por I. Bernal y G. Reichel-Dolmatoff, Período Indígena.**
**N.º 57: United States, by Max Savelle, Colonial Period.**
**N.º 58: Suramérica, por Mariano Picón Salas, Período Colonial.**
**N.º 60: Zona Circuncaribe, por Miguel Acosta Saignes. Período Indígena.**
**N.º 67: Brasil, por Emílio Willems, Período Indígena.**
**N.º 68: Arctic Area, by Henry B. Collins, Indígenous Period.**
**N.º 69: México, Centroamérica y Antillas, por María del Carmen Velásquez, Período Nacional.**
**N.º 70: Précédents Mediévaux de la Colonie en Amérique par Charles Verlinden, Période Coloniale.**
**N.º 71: Región Meridional de América del Sur, por Fernando Márquez Miranda, Período Indígena.**
**N.º 75 America since 1763, a Survey of ists History, by John W. Caughey. National Period.**
**N.º 76: Brasil, por Américo Jacobina Lacombe, Período Nacional.**
**N.º 77: América del Sur, Peru — Bolivia — Paraguay — Argentina — Chile, por Eugenio Pereira Salas, Período Nacional.**

## OBRAS RECEBIDAS NA REDAÇÃO

## IV. OFERTAS DE AUTORES

**KARL HEINRICH OBERACKER JR. Der deutsche Beitrag zum Aufbau der Brasilianischen Nation.** Mit 16 Bildern. São Paulo, Brasil, Caixa Postal 7509 — 448 pág.

**CAPISTRANO DE ABREU. Correspondência de C. de A.** Edição organizada e prefaciada por JOSE' HONÓRIO RODRIGUES. 3 vol. Rio de Janeiro.

**DARCY AZAMBUJA. No Galpão,** Contos Gauchescos premiados pela Academia de Letras. Vol. 3 da Coleção Província. Ed. Globo, Pôrto Alegre.

**Idem. Coxilhas.** Contos, vol. 9 da Coleção Província. Ed. Globo, Pôrto Alegre.

**GUILHERMINO CESAR. História da Literatura do Rio Grande do Sul.** Vol. 10 da Coleção Província. Ed. Globo. Pôrto Alegre.

**WALTER SPALDING. Tradições e Superstições do Brasil Sul.** Coleção «REX», Ed. da «Organização Simões», Rio, 1955 (Ensaios de Folklore).

**DE PARANHOS ANTUNES. Abastecimento e Transporte.** Col. Ensaio e Debate Alimentar SAPS, Rio.

**OSVALDO CABRAL. A Organização das Justiças na Colônia e no Império e a História da Comarca de Laguna.**

**Prof. Dr. JOSE' HANSEL. História da Redução e Paróquia de Santo Angelo.** Editada por ocasião dos festejos do 250.o aniversário de sua transladação (1707) e 100.o da criação da paróquia (1857) e 25.o da bên-

ção do Seminário da Sagrada Familia (1932).

**Idem. A Pérola das Reduções Jesuíticas** (São Miguel), Tip. La Salle, Canoas, R. S.

**PUBLICAÇAO COMEMORATIVA DO CENTENARIO DA COMARCA DA LAGUNA, 1856 — 17 Abril — 1956. Autores diversos.**

**VISCONDE DE TAUNAY. Memórias.** Ed. Melhoramentos.

**AFONSO DE E. TAUNAY, História das Bandeiras paulistas.** 2 tomos. Ed. Melhoramentos.

**Idem, História da Cidade de São Paulo.** Ed. Melhoramentos.

**Gen. de Brigada A. TASSO FRAGOSO, A Batalha do Passo do Rosário.** 2.a edição. Bibl. do Exército Editora, 1951. Biblioteca do Exército, Vol. 167-168. (Of. do Gal. De Paranhos Antunes).

**REVISTA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL, Rio de Janeiro. Diversos fascículos. (Of. do Gal. De Paranhos Antunes).**

**ALFREDO ELLIS JUNIOR E MYRIAM ELLIS. A Economia Paulista no século XVIII.** Boletim 115 — História da Civilização Brasileira. N. 11. São Paulo 1950.

**O Ouro e Paulistânia.** São Paulo, 1948. (N. 8 da Civilização Brasileira).

**WALTER F. PIAZZA. Nova Trento.** Ed. Comemorativa do 75.o Aniversário da Colonização Italiana. 1875-1950.

**JOSE' URBANO FEYH. Compêndio de História da Igreja Católica,** por Mons. Rensing, trad., adapt. e aument. por J. U. Feyh 2.a ed. A Nação, Pôrto Alegre. 1955.

**GERMANO DE NOVAIS (Germano Alfredo Junges, S. J.), Raul de Leoni,** Fisionomia do Poeta. Tese para o Doutorado em Letras, Pôrto Alegre, 1956.

**Idem. Clarinadas no Azul.** Ed. Paulinas.

**ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE, Florianópolis, 1948,** vol II (Of. do Inst. Histor. Catarinense).

**GAÚCHOS E BEDUINOS (A origem técnica e a formação social do Rio Grande do Sul) por MANOELITO DE ORNELLAS.** Vol. 57 da Coleção Documentos Brasileiros. Ed. José Olympio, Rio.

**OSÓRIO TUYUTY DE OLIVEIRA FREITAS, A Invasão de S. Borja.** 2.a ed. A Nação, 1943.

**SERAFIM LEITE, S. J. Cartas do Brasil** e mais escritos do P. MANUEL DA NÓBREGA (Opera Omnia). Coimbra, 1955.

**Idem. Breve Itinerário para uma Biografia do P. Manuel da Nóbrega, Fundador da Província do Brasil e da Cidade de São Paulo (1517-1570), Lisboa — Rio de Janeiro, 1955.**

**REVISTA DO MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS E ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Sete fascículos, desde janeiro de 1952.**

**V — DO MINISTÉRIO DA GUERRA. SERVIÇO GEOGRAFICO DO EXÉRCITO. — ANUARIO DA DIRETORIA DO SERVIÇO GEOGRAFICO DO EXÉRCITO. Números correspondentes aos anos de 1948, 1949, 1951-52, 1953-54.** Com magnífico material publicado.

Folhetos do mesmo Ministério: MANUAL DE ASTRONOMIA, 1.ª e 2.ª parte; — EMPRÊGO DA POLIGONAÇÃO NO AEROLEVANTAMENTO, por Carlos Braga Chagas; — NOTICIA SÔBRE A TRIANGULAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL; — REAMBULAÇÃO DE FOTOGRAFIAS AÉREAS, pelo Ten. Cel. Acrísio Faria de Azeredo; — ES-

COLHA E DETERMINAÇAO DE PONTOS DE APOIO PARA A RESTITUIÇAO ESTERIOFOTOGRAMETRICA, pelo mesmo; — INSTRUÇÕES SÔBRE O EMPREGO DA REGUA TAQUOMETRICA DE CALCULO «NEUHÖFER UND SOHN», pelo Major Aureliano Luiz de Farias, — INSTRUÇÕES SÔBRE OS INSTRUMENTOS TOPOGRAFICOS DE S. G. H. E. por Augusto Pokorny, Rio 1942; — FORMULARIO DE TRIGONOMETRIA ESFERICA, pelo Cap. Djalma Polli Coelho, 1950; — INSTRUÇÕES PARA O CONTROLE DOS SERVIÇOS DE AEROLEVANTAMENTO; — DETERMINAÇAO DO AZIMUTE PELA OBSERVAÇAO DE UM ASTRO NAS IMEDIAÇÕES DO HORIZONTE, pelo Ten. Cel. Alfredo Mena Barreto F. Filho, 1941; — PALACIO DA CONCEIÇAO, Rio de Janeiro, 1948. (Tudo, gentilezas do Sr. Cel. Carlos de Morais).

VI — INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PARANAGUA'. De 1953: N.º 2 e 3; de 1954: N.º 4 e 5; de 1955: N.º 6 e 7; de 1956: N.º 8, 9 e 10. Todos êles repletos de excelente material histórico local. (Oferta do Dr. Zenon Pereira Leite). — De 1957: N.º 11.

# APÊNDICE I

## ATA DA PRIMEIRA ASSEMBLÉIA GERAL DO I. A. P.

Aos vinte e dois dias do mês de abril de mil novecentos e cinqüenta e seis, nesta cidade de Pôrto Alegre, na sala das Congregações do Colégio Anchieta, às quatorze e meia horas, estando presentes os Srs. P. Luís Gonzaga Jaeger, P. Eugênio Santini, P. Pio Buck, P. Balduíno Rambo, P. Ernesto Maurmann, P. Aloísio Sehnem, P. Arnaldo Bruxel, P. Arthur Bohnen, P. José Hauser, P. Antônio Loebmann, Germano Junges e Inácio Schmitz, assumiu a presidência o Sr. P. Luís Gonzaga Jaeger, declarando inaugurado definitivamente o INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS, e abrindo a sessão da Primeira Assembléia Geral. Declarou mais, que a diretoria inaugural do Instituto, aprovada já pelo R. P. Provincial, P. Jorge Steiger, S. J., era a seguinte: Diretor, nomeado por um triênio, seria o P. Luís Gonzaga Jaeger; fariam ainda parte do Conselho Deliberativo o P. Balduíno Rambo e o P. Inácio Valle. O cargo de secretário foi confiado a Inácio Schmitz, estudante do Curso de Geografia e História da Universidade do Rio Grande do Sul, que secretariou esta Assembléia.

Haviam sido convocados, como membros Fundadores do Instituto Anchietano de Pesquisas, além dos quatro supramencionados, os Padres Pio Buck, Ernesto Maurmann, Aloísio Sehnem, Arnaldo Bruxel, Arthur Bohnen e José Hauser. Os Padres Inácio Valle, Bertholdo Braun e Alfredo Rohr, também convocados, não compareceram. Como convidados especiais assistiram o P. Antônio Loebmann e Germano Junges. O P. Eugênio Santini representava o R. P. Provincial.

Para a Assembléia ter pleno conhecimento das finalidades do Instituto, o Sr. Diretor pediu ao Secretário que lesse os Estatutos, que já anteriormente tinham sido aprovados oralmente pelo R. P. Provincial e publicados em extrato no DIARIO OFICIAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, em vinte e três de março de mil novecentos e cinqüenta e seis, sob o número 499, na página dez, e inscritos no CARTÓRIO DE REGISTRO ESPECIAL, e assinado pelo oficial Othelo Rosa, em vinte e seis de março do mesmo ano. O Secretário passou, pois, à leitura dos ESTATUTOS.

Em prosseguimento, o Sr. Diretor explicou que as secções de pesquisas, que entrariam a funcionar, imediatamente, eram as seguintes: HISTÓRIA, BOTÂNICA, ZOOLOGIA, BIOLOGIA e MUSEU; mas que, em virtude do artigo 3, letra C dos Estatutos, não haveria dificuldade em acrescentar também outros ramos de investigação.

Imediatamente se procedeu à escolha de mais dois membros para o Conselho Deliberativo, a fim de completar o número de cinco, previsto pelos Estatutos. Foram eleitos os Padres Ernesto Maurmann e Arnaldo Bruxel.

Determinou-se depois que as reuniões ordinárias da Assembléia Geral realizar-se-iam uma vez ao ano, podendo o Conselho Deliberativo convocá-las extraordinàriamente quando o julgasse necessário.

Na discussão sôbre o admissão de Sócios honorários, correspondentes, ou benfeitores, que figurariam ao lado dos Sócios fundadores e efetivos, não se chegou a um acôrdo, sendo o assunto protelado para ulteriores reuniões. Para a admissão de novos Sócios efetivos determinou-se não ser obrigatória a apresentação de tese, mas evitar-se-ia também o outro extremo de certo automatismo sem merecimento; os valores reais da pessoa e os trabalhos já realizados decidiriam da admissão do candidato.

Ao entrar em debate a distribuição das verbas do Instituto, chegou-se às seguintes conclusões: o Diretor disporia da caixa do Instituto, para o qual pediria ao R. P. Provincial autonomia na aplicação; dirigir-se-ia um pedido de subvenção à Secretaria de Educação; a parte principal da verba seria destinada à aquisição de livros especializados sôbre os diversos ramos de pesquisa do Instituto, bem como à microfilmagem de livros raros e preciosos, só existentes na Europa ou em outros países da América.

Como veículo cultural do Instituto foi decidido aproveitar-se a Revista ESTUDOS, órgão da Associação dos Professores Católicos do Rio Grande do Sul, para fins de divulgação, mas os artigos e trabalhos científicos publicar-se-iam com mais êxito nas revistas especializadas dadas a público por outras entidades, ou se enfeixariam num ANUARIO, meio ótimo de intercâmbio com institutos congêneres.

Debateu-se ainda se devia ou não ser dada a público a fundação do Instituto, concordando-se numa publicidade moderada, para se tornarem conhecidos os valiosos trabalhos ignorados mesmo pelos entendidos.

A proposta de um Patrono foi protelada como prematura, para o momento, em que o Instituto estivesse em pleno funcionamento normal.

Perguntou finalmente alguém se o trabalho por alguns Padres do Colégio Anchieta entre os intelectuais e operários da cidade, como diretores de Congregações Marianas, orientadores de formados, moralizadores de cinema e atividades congêneres poderiam algum dia ser incorporados como um ramo de pesquisa, talvez sob o nome de pesquisa social. Não se deu resposta definitiva.

Antes de concluir a sessão, o Secretário leu, para conhecimento dos reunidos, uma circular assinada pelos três primeiros membros do Conselho Deliberativo e que seria distribuído entre os amigos desta entidade, com o fito de pedir uma colaboração para a pesquisa nos diversos setores que o Instituto abrange.

Nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada às 16 horas, do que eu, Inácio Schmitz, secretário, lavrei, para constar, a presente ata.

**Inácio Schmitz**, secretário.

**P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.**, diretor.

P. S. Os Padres Inácio Valle, Bertholdo Braun e Alfredo Rohr, inibidos de comparecer, justificaram a sua ausência e foram também incorporados pelo Conselho Deliberativo no número dos Sócios Fundadores.

# APÊNDICE II

## ATA DA SEGUNDA ASSEMBLÉIA GERAL DO I. A. P.

A Segunda Assembléia Geral do Instituto Anchietano de Pesquisas, realizada no Colégio Anchieta, Pôrto Alegre, às 13 horas do dia 12 de fevereiro de 1957, contou com a presença dos seguintes sócios: P. Luís Gonzaga Jaeger, P. Balduíno Rambo, P. Antônio Loebmann, P. Ernesto Maurmann, P. Arnaldo Bruxel, P. Bertoldo Braun, P. Arthur Bohnen, P. Luís Sehnem, P. Inácio Schmitz.

Imediatamente após a abertura da sessão pelo presidente, foi unânimemente aceito como sócio efetivo do Instituto o P. Mathias Schmitz, S. J., que em janeiro de 1957 voltara da Suíça, onde se doutorou em

química. O ato decorreu na maior singeleza e sem qualquer aparato, começando o novel sócio, de imediato, a gozar de voz ativa e passiva em tôdas as deliberações e atividades.

O ponto que nâ primeira Assembléia Geral ficara sem resolução, isto é: qual a recompensa que se deveria conceder aos benfeitores e colaboradores, foi novamente posto em debate, chegando-se a um acôrdo pacífico de que os benfeitores que contribuissem com a soma média de Cr$ 5.000,00 ou mais; quantia esta que regularmente deveria ser adaptada ao custo de vida ambiente, receberiam um diploma de benfeitor, expedido pelo presidente do Instituto. As contribuições extraordinárias seriam discutidas em Assembléia Geral para terem recompensa adequada. Mencionaram-se, por esta ocasião, diversos nomes de pessoas que já tinham contribuído, ou prometiam ajudar com donativos de valor.

O Anuário do Instituto, que se convencionou intitular «PESQUISAS», foi objetivo de construtiva discussão: no primeiro ano de vida circulará com uma tiragem de mil a mil e quinhentos exemplares, apresentando composições de vário interêsse e pêso científico. A primeira parte constará ùnicamente de pesquisas, o que vem a ser artigos originais de investigação absolutamente pessoal, os quais se poderão redigir em qualquer língua científica ocidental, e não necessàriamente terão de ser do interêsse e da compreensão de todos os leitores na sua linguagem e no seu conteúdo. No fim do artigo, porém, dar-se-á um resumo em inglês, se estiverem escritos em língua que não seja esta; e em português se o artigo tiver sido escrito em língua de difícil compreensão para os povos latinos.

A segunda parte do Anuário destina-se a extratos, contribuições, referentes, não essencialmente científicos, os quais serão redigidos exclusivamente em vernáculo.

Segue depois a crítica de livros e revistas no idioma em que tiver aparecido a publicação, com brevíssimo resumo em português. Por fim a relação dos livros e revistas recebidos.

Concordou-se ainda em dar ao presidente, responsável pela edição da revista, o direito de solicitar colaborações a pessoas alheias ao Instituto, não se assumindo, porém, qualquer responsabilidade pela remessa espontânea de artigos que não sejam do interêsse da publicação.

Descendo a pormenores práticos, pediu o diretor que as colaborações para o primeiro número fôssem remetidas à redação até o dia 31 de março; que outrossim cada sócio indicasse as revistas do seu campo de atividade, a fim de estabelecer permuta, ou os livros intesessantes para recensão.

Pediu-se finalmente aos diversos sócios e pesquisadores que esconlhessem entre os estudantes aquêles que manifestassem interêsse pela sua matéria, procurando que recebam a formação adequada a fim de mais tarde poderem continuar as suas obras e coleções, que já vem sendo trazidas afanosamente durante decênios.

Nada mais havendo a tratar foram os trabalhos encerrados às 14 horas, do que eu, Inácio Schmitz, secretário, lavrei, para constar, a presente ata.

**Inácio Schmitz,** Secretário.

**P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.** Diretor.

# Anexo ao artigo
# OS IRANCHE

*Quando o artigo sôbre os índios iranche rodava já pelas últimas fases de impressão, chegaram às nossas mãos as presentes notas do Rev. Pe. João Dornstauder, S. J., informante principal da primeira parte do artigo.*

*Sendo agora impossível inserir no corpo do artigo as contribuições positivas do missionário, ficam aquí compostas em forma de Anexo.*

"Fases de grande calma e de trabalho positivo, correram prolongadas. Para exemplo apresento as seguintes datas: em 1948, a fase do Posto Tolosa; em 1949 a ação em Utiarití; no mesmo ano temos ainda dois meses de viagem pelas aldeias. Os dois mêses na aldeia de Acácio (junho e outubro), eu considero essencial, pelas finalidades em vista: quebrar a desconfiança dos Iranche, para penetrar no segrêdo da língua, para conhecimento da vida da tribo original. É de notar que nestes dois mêses os índios permaneceram sòzinhos. Os períodos de paz e calma, que se situam por entre os períodos de luta e doença e correrias, merecem um tratamento a parte, pela importância que tiveram dentro do conjunto histórico. Quando se fizer luz sôbre êstes períodos, novas perspectivas se abrirão para a história da tribo iranche.

"O caso do crucifixo, anotado à página 148 do artigo e mais desenvolvido na nota da página 177 (nota 13), aconteceu assim: Os precedentes do fato em questão foram as mortes das seguintes pessôas: dos pais de Acácio, de Teresa, mulher de João e de duas crianças. Os índios procuraram o responsável. Alguns, com o chefe Pedro à frente, julgaram que o responsável haveria de ser o padre ou *seu* "santo".

Acácio confessou que agiram, porque estavam muito tristes. Muitos dêles não aprovaram os atos. Atiraram também flechas pequenas, mágicas. O crucifixo não ficou no chão.

— Antônio, para criar intrigas, veio avisar em Utiarití, que Acácio quebrara o crucifixo e que queimara a casa· Acácio, em dezembro de 1950, interrogado logo na sua chegada, negou o fato. Verifiquei pessoalmente, dois mêses mais tarde, que Acácio não mentiu.

Em 1951, quando trouxe as crianças, a casa do Padre era a melhor conservada das quatro então existentes. A maioria dos Iranche até pousou nela, na úlitma noite antes de sair. Se depois caiu e se queimou, foi porque o lugar foi abandonado. Partilhou da sorte dos outros ranchos. Os coladores e exploradores de seringa nos anos de 1949, 1950 e 1951, chamaram a maloca de Acácio de "maloca da igreja".

"A respeito da nota número quatro (pág.176), tenho a acrescentar o seguinte: Os Beiço-de-Pau são conhecidos, ainda que não estudados. Êste conhecimento desce do tempo da navegação do rio Arinos e depois da primeira seringa. Supõe-se que por volta de 1920, abandonaram o lado direito do rio Arinos. Hoje vivem no trecho compreendido entre a Barra do rio Alegre (Parecís) e a margem esquerda do Artur Borges (Tapanhuna ou S. Wenceslau), mas passam para a margem direita, para caças. No Arinos hostilizaram o avanço dos seringueiros e das emprêsas de colonização desde 1946. Flecharam a todos indistintamente, mas não sistemàticamente. Deram mostras até de uma índole brincalhona e por vêzes aceitaram brindes.

Ùltimamente, não só aceitam, mas deixam objetos para trocar.

Na parte Sul, onde seu território se encosta no rio do Sangue e Ponte de Pedra, hostilizaram, ainda que não contìnuamente assim seringueiros, como empregados da Linha Telegráfica. Aí também, ùltimamente, aceitam presentes, segundo informação do Padre Edgar Schmidt, S. J.

"Quanto às doenças: pela lista dos falecidos até 1950 e pelo estudo dos casos, resulta que não houve preferências de local nem responsável isolado.

A primeira epidemia, deu-se no Posto Tolosa, em 1948.

A segunda, em 1950, foi levada do Posto Tolosa e grassou na maloca de Acácio.

A terceira, pelos fins de 1950 e princípios de 1951 foi a coreana que irrompeu na maloca, donde os índios sairam em procura de ajuda. Vão êles ao Posto e a Utiarití. Fizeram acampamento passageiro no rio Sacre, na passagem da Linha Telegráfica, onde morre a mulher de Mateus. Alguns atribuem a moléstia ao padre.

A quarta epidemia, em 1951, surgiu na aldeia de Acácio. Alguns atribuem a causa a Lourenço e Roberto, norte-americanos.

É preciso observar que os Iranche quando falam das três últimas epidemias, referem-se sempre também a ferimentos causados por seringueiros, a envenenamentos, a brigas internas.

É preciso notar igualmente que antes de 1946, conforme contam os mesmos Iranche e o estado de várias taperas atestaram, como pude verificar, houve várias epidemias.

"Com respeito à ação com os índios, tenho também algo a dizer a mais: A indecisão dos funcionários do SPI ocasionou uma medida de emergência, perfeitamente harmonisável com qualquer ulterior resolução do mesmo Serviço: a fundação de um Posto de catequese nos mêses de junho e outubro de 1949. Além das razões internas, esta decisão foi determinada pela aproximação dos seringueiros à maloca e pelas insistências dos próprios índios.

Sòzinho quase todo êste tempo com os índios na maloca, fui ajudado pelos índios, segundo seu modo de trabalho. Foi feita também uma roça à volta da casa, fazendo o chefe Acácio, doação dela, expressa, ao padre. O significado real desta doação é a expressão de satisfação pelas iniciativas do padre. A roça não se destinava a fins lucrativos mas à utilidade dos próprios índios.

Em outubro foram plantadas bananeiras, ananases, cajueiros, etc. Foi lançada uma ponte, no córrego então chamado Paredão.

"A decisão (pág. 147) de descer às malocas de baixo, mas não às últimas, merece explicação. Vieram comigo Armando e André. Armando levou os burros de volta a Utiarití e André me ia levar à maloca do seu tio-pai, Antônio, que estava "perto", só três dias de viagem. Antônio fazia a derrubada. Chegados que fomos à maloca, já em águas do Nascente, tratei logo da ida aos Iranche de baixo. A ida já tinha sido combinada anteriormente. Mas na hora de realizar a viagem, apareceram dificuldades: a roça ainda não

estava pronta; alguns se opuseram, principalmente as mulheres. Antônio por sua vez fêz uma contraproposta: visitar *primeiro* a Pedro e a Antônio João, que moravam para baixo pois havia já vários mêses que não se comunicava com êles. Pedro e Antônio João moravam bem mais para cima do lugar que eu pretendia atingir. Assim ficou impossibilitada a ida às últimas malocas de baixo. Influiu também, sem dúvida, a resolução de Antônio de introduzir novamente a "disciplina da flauta".

"Não sendo possível, de momento, fornecer os pormenores necessários para completar a relação publicada, retocarei em hora oportuna os dados em minha posse, com viso de publicação ordenada. Muitas notas possuo a respeito da cultura imaterial dos índios iranche, que só com o tempo poderei redigir. Estou redigindo a amplo fôlego, um tratamento descritivo. Três assuntos se me deparam dignos de maior consideração: Os dados inéditos sôbre os contatos iniciais, que permitem apreciações imediatas da vida tribal ainda intata; a catequese; a "extinção da tribo iranche".

Estas foram as breves notas e observações do padre João Dornstauder, contendo promessas de documentação mais abundante, objeto altamente cobiçado pelos investigadores do modo tribal nativo da vida iranche.

# Edições do Instituto Anchietano de Pesquisas

## JESUÍTAS NO SUL DO BRASIL

**I. Os Três Mártires Rio-Grandenses,** Beatos Padres Roque González de S. Cruz, Afonso Rodríguez e João del Castillo, da Companhia de Jesus, pelo **P. Luís Gonzaga Jaeger, S.J.** — Livro empolgante, de 391 páginas ilustradas. 2.a edição melhorada. Cr$ 80,00.

**II. Biografia completa do P. João Baptista Reus, S. J.** Extraordinária vida de um grande santo dos nossos dias, pelo **P. Leo Kohler, S. J.** — 399 páginas ilustradas. Cr$ 60,00.

**III. História das Missões Orientais do Uruguai,** por **Aurélio Porto,** 2.a edição revista e melhorada pelo **P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.** — Primeira Parte, 434 páginas. Cr$ 100,00.

**IV. História das Missões Orientais do Uruguai,** por **Aurélio Porto.** 2.a edição revista e melhorada pelo **P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J.** — Segunda parte, 462 páginas. Cr$ 120,00.

**V. Poranduba Rio-Grandense** pelo **P. Carlos Teschauer, S. J.** Segunda edição melhorada. (Em preparo).

**VI. A Fisionomia do Rio Grande do Sul,** pelo **P. Balduíno Rambo, S. J.** — 2.a edição, 458 páginas. Cr$ 150,00.

Todos êsses volumes, elegantemente encadernados, acham-se à venda na **LIVRARIA SELBACH — PÔRTO ALEGRE,** Rio Grande do Sul, Brasil. — Pedidos diretamente, ou através de qualquer Livraria.